

A Invasão de Seringapatam (1799)

EXTRAÍDO DE UM REGISTRO FAMILIAR

I

Destino estas linhas — escritas na Índia — a meus parentes na Inglaterra.

Meu intuito é explicar o motivo que me induziu a recusar o aperto de mão que meu primo, John Herncastle, ofereceu-me em sinal de amizade. A reserva que até então mantive em relação a esse assunto foi mal interpretada por membros da minha família de cuja boa opinião não posso prescindir. Insto-os a suspender sua decisão até que tenham lido minha narrativa. E declaro, sob minha palavra de honra, que o que estou prestes a escrever é, estrita e literalmente, a verdade.

A diferença pessoal entre mim e meu primo surgiu em um grande acontecimento público no qual ambos estávamos implicados — a invasão de Seringapatam, sob o comando do General Baird, no dia 4 de maio de 1799.

Para que as circunstâncias possam ser compreendidas com clareza, devo voltar por um instante para o período anterior à invasão e para as histórias que corriam em nosso acampamento sobre o tesouro de joias e ouro guardado no palácio de Seringapatam.

II

Uma das mais impressionantes dessas histórias dizia respeito a um Diamante Amarelo — uma gema famosa nos anais da Índia.

As mais antigas tradições conhecidas relatam que a pedra havia sido incrustada na testa do deus hindu de quatro mãos que representa a lua. Seja por sua cor peculiar, seja por uma superstição segundo a qual sofria a influência da divindade que adornava, ganhando e perdendo o brilho de acordo com as fases da lua, a pedra ganhou o nome pelo qual até hoje continua a ser conhecida na Índia — Pedra da Lua. Ouvi dizer que uma superstição similar já existia na Grécia e Roma antigas; sem se referir, no entanto (como na Índia), a um diamante dedicado ao serviço de um deus, mas sim a uma pedra semitransparente da ordem inferior das gemas, também supostamente afetada por influências lunares, que até hoje é conhecida, da mesma forma, por esse nome.

As aventuras do Diamante Amarelo começam no décimo primeiro século da era cristã.

Nessa data, o conquistador muçulmano Mahmoud de Ghizni atravessou a Índia, apoderou-se da cidade sagrada de Somnauth e roubou os tesouros do famoso templo, erguido séculos antes, santuário da peregrinação hindu e maravilha do mundo oriental.

De todas as divindades veneradas no templo, apenas o deus da lua escapou da ganância dos conquistadores muçulmanos. Protegida por três brâmanes, a imagem inviolada, com a testa adornada pelo Diamante Amarelo, foi removida durante a noite e transportada para a segunda cidade sagrada da Índia — a cidade de Benares.

Ali, em um novo santuário — incrustado de pedras preciosas, sob um teto sustentado por pilares de ouro —, o

deus da lua foi colocado e venerado. Nesse local, na noite em que o santuário terminou de ser construído, Vishnu, o Preservador, apareceu diante dos três brâmanes em sonho.

A divindade soprou seu hálito divino sobre o Diamante na testa do deus. E os brâmanes se ajoelharam e esconderam seus rostos em suas túnicas. A divindade ordenou que a Pedra da Lua fosse guardada, a partir de então, por três sacerdotes, que se revezariam noite e dia até o fim das dinastias dos homens. E os brâmanes escutaram e se inclinaram diante de sua vontade. A divindade previu desgraça certa para o presunçoso mortal que pusesse as mãos na gema sagrada e para todos os de sua casa e de seu nome que a recebessem depois dele. E os brâmanes fizeram com que a profecia fosse escrita nos portões do santuário em letras de ouro.

Uma era seguia-se a outra e, ainda assim, geração após geração, os sucessores dos três brâmanes guardavam sua valiosa Pedra da Lua, noite e dia. Uma era seguia-se a outra, até que os primeiros anos do décimo oitavo século cristão viram o reinado de Aurungzebe, imperador dos mongóis. Sob seu comando, a desordem e a pilhagem mais uma vez varreram os templos de veneração de Brahma. O santuário do deus de quatro mãos foi conspurcado pela matança de animais sagrados, as imagens das divindades foram feitas em pedaços e a Pedra da Lua foi levada por um alto oficial do exército de Aurungzebe.

Impotentes para recuperar pela força seu tesouro perdido, os três sacerdotes guardiães a seguiram e vigiaram em segredo. As gerações se sucediam; o guerreiro que havia cometido o sacrilégio morreu miserável; a Pedra da Lua (levando consigo sua maldição) passou de uma ímpia mão muçulmana a outra; e, ainda assim, em meio a todos os imprevistos e mudanças, os sucessores dos três sacerdotes guardiães mantiveram seu posto, à espera do dia em que a vontade de Vishnu, o Preservador, lhes devolveria a gema

sagrada. Chegaram os últimos anos do décimo oitavo século cristão. O Diamante caiu nas mãos de Tippoo, sultão de Seringapatam, que mandou incrusta-la como ornamento no cabo de uma adaga, e ordenou que fosse guardada entre os mais preciosos tesouros de seu arsenal. Mesmo então — no palácio do próprio sultão — os três sacerdotes guardiães ainda mantinham sua vigília secreta. Três empregados da casa de Tippoo, desconhecidos dos outros, haviam conquistado a confiança de seu amo ao adotarem, ou fingirem adotar, a fé muçulmana; e verificou-se mais tarde que estes três homens eram os três sacerdotes disfarçados.

III

Assim, em nosso acampamento, corria a curiosa história da Pedra da Lua. Não impressionava nenhum de nós seriamente, a não ser meu primo — cujo fascínio pelo maravilhoso o levava a acreditar no que ouvia. Na noite anterior à invasão de Seringapatam, ele zangou-se de modo absurdo comigo e com outros por considerarmos a história toda uma fábula. Seguiu-se uma discussão tola, e o temperamento infeliz de Herncastle levou a melhor. Ele declarou, ao seu modo arrogante, que haveríamos de ver o Diamante em seu dedo, se o exército inglês invadissem Seringapatam. A promessa foi recebida com muitas risadas e, pensávamos nós naquela noite, a coisa terminaria ali.

Deixem-me leva-los agora ao dia da invasão.

No começo, meu primo e eu nos separamos. Não o vi uma única vez ao atravessarmos o rio, ao plantarmos a bandeira inglesa na primeira brecha da barricada, ao atravessarmos o primeiro fosso e, lutando a cada centímetro do caminho, ao entrarmos na cidade. Foi apenas ao entardecer, quando o lugar era nosso e depois de o próprio General Baird ter achado o corpo de Tippoo sob um monte de cadáveres, que Herncastle e eu nos encontramos.

Cada um de nós fazia parte de um grupo destacado segundo ordens do general para evitar a pilhagem e a confusão depois da nossa conquista. Os homens que acompanhavam o exército cometeram excessos deploráveis; e, pior ainda, os soldados encontraram um caminho, através de uma porta desprotegida, para o tesouro do palácio e encheram-se de ouro e joias. Foi no pátio do lado de fora do tesouro que meu primo e eu nos encontramos, para impor as ordens da disciplina a nossos próprios soldados. Eu podia ver claramente que o temperamento explosivo de Herncastle havia

atingido uma espécie de frenesi devido ao terrível massacre que ele havia presenciado. Em minha opinião, ele estava muito incapacitado para desempenhar a função que lhe havia sido confiada.

Havia motim e bastante confusão no tesouro, mas nenhuma violência, até onde pude ver. Os soldados (se é que posso usar tal expressão) se descompunham com bom humor. Podia-se ouvir entre eles todo tipo de piadas e motes grosseiros; e de repente a história do Diamante foi citada de novo, sob a forma de uma maldosa brincadeira, *Quem pegou a Pedra da Lua?* Era o grito de guerra que fazia com que a pilhagem, que mal havia acabado em um lugar, logo recomeçasse em outro. Enquanto eu ainda tentava em vão restabelecer a ordem, escutei gritos assustadores do outro lado do pátio, e corri imediatamente naquela direção, com medo de encontrar ali um novo foco de pilhagem.

Cheguei a uma porta aberta, e vi os corpos de dois indianos (oficiais do palácio, como pude adivinhar pelas roupas) caídos na entrada, mortos.

Um grito lá dentro me fez correr para um quarto, que parecia servir de arsenal. Um terceiro indiano, ferido mortalmente, estava caindo aos pés de um homem que tinha as costas voltadas para mim. O homem se virou no instante em que entrei, e vi que era John Herculcastle, com uma tocha em uma das mãos e uma adaga pingando sangue na outra. Uma pedra, incrustada na extremidade do cabo da adaga, brilhou como uma labareda à luz da tocha quando ele se virou para mim. O indiano agonizante caiu de joelhos, apontou para a adaga na mão de Herculcastle e disse em sua língua:

— A Pedra da Lua ainda se vingará de você e dos seus!

Disse essas palavras e caiu morto no chão.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, os homens que me haviam seguido pelo pátio entraram. Meu primo correu como um louco em direção a eles.

— Saia já daqui — gritou ele para mim — e coloque um guarda na porta!

Os homens recuaram quando ele avançou em sua direção com a tocha e a adaga. Coloquei na porta dois sentinelas de minha própria companhia, nos quais podia confiar. Depois, durante a noite, não vi mais meu primo.

De manhã cedo, enquanto a pilhagem continuava, o General Baird anunciou publicamente, com rufar de tambores, que qualquer ladrão pego em flagrante, fosse quem fosse, seria enforcado. O chefe da corte marcial estava presente para provar que o General falava sério. Na confusão que se seguiu à proclamação, Herncastle e eu tornamos a nos encontrar.

Ele me ofereceu sua mão, como de costume, e disse:

— Bom dia.

Esperei antes de estender minha mão.

— Antes me diga — disse eu — como o indiano na sala do tesouro encontrou a morte, e qual o significado de suas últimas palavras quando apontou para a adaga na sua mão.

— O indiano encontrou a morte devido a um ferimento mortal, presumo — disse Herncastle. — Sei tanto quanto você o que significam suas últimas palavras.

Olhei para ele atentamente. Seu frenesi da véspera havia passado. Dei-lhe mais uma chance.

— É tudo o que você tem para me contar?

— É tudo — respondeu ele.

Virei-lhe as costas e não nos falamos desde então.

IV

Peço que fique claro que o que escrevo aqui sobre meu primo (a menos que seja necessário torna-lo público) é apenas para informação da família. Herncastle nada disse para justificar que eu me dirija a nosso comandante. Ele foi vítima de mais uma brincadeira sobre o Diamante, por aqueles que se lembram de sua explosão de raiva antes da invasão. Mas, como se pode facilmente imaginar, sua própria lembrança das circunstâncias nas quais eu o surpreendi na sala do tesouro foram o suficiente para mantê-lo calado. Foi divulgado que ele pretende se transferir para outro regimento, com o objetivo confesso de afastar-se de mim.

Quer isso seja verdade ou não, não posso assumir a posição de seu acusador — e por bons motivos, penso eu. Se tornasse a história pública, não teria provas a apresentar a não ser morais. Não apenas não tenho provas de que ele matou os dois homens na porta, como não posso sequer declarar que ele matou o terceiro lá dentro — pois não posso dizer que meus próprios olhos o viram fazê-lo. É verdade que escutei as últimas palavras do indiano; mas se essas palavras forem consideradas efeitos de delírio, como eu poderia contradizer essa afirmação usando aquilo que sei? Deixemos que nossos parentes, de ambos os lados, formem sua própria opinião sobre o que escrevi, e decidam por si mesmos se a aversão que hoje sinto por esse homem é fundada ou infundada.

Embora não dê nenhum crédito à fantástica lenda indiana sobre a gema, devo admitir, antes de terminar, que sofro a influência de uma certa superstição pessoal a esse respeito. É minha convicção, ou minha ilusão, não importa, que o crime traz consigo sua própria fatalidade. Não estou apenas convencido da culpa de Herncastle; chego a ser imaginativo o

bastante para acreditar que ele ainda vai se arrepender, se ficar com o Diamante, e que outros ainda vão se arrepender de tirá-lo dele, se ele se livrar do Diamante.

A HISTÓRIA

Primeiro Período

A PERDA DO DIAMANTE (1848)

Os acontecimentos relatados por Gabriel Betteredge,
Intendente a serviço de Julia, Lady Verinder

CAPÍTULO 1

Na primeira parte de Robinson Crusóé, na página 129, podem-se encontrar as seguintes palavras:

Agora eu podia ver, embora tarde demais, a Loucura de começar um Trabalho antes de estimar seu Custo, e antes de avaliar corretamente nossa própria Força para concluí-lo.

Ontem mesmo abri meu Robinson Crusóé nessa parte. Esta manhã mesmo (21 de maio de 1850), o sobrinho de minha patroa, Sr. Franklin Blake, chegou e veio ter uma breve conversa comigo, como se segue:

— Betteredge — disse o Sr. Franklin —, estive falando com o advogado a respeito de alguns assuntos familiares e, entre outras coisas, conversamos sobre a perda do Diamante indiano na casa de minha tia em Yorkshire, há dois anos. O Sr. Bruff pensa, como penso eu, que a história toda deveria ser registrada por escrito, para o bem da verdade, e quanto mais cedo melhor.

Ainda sem perceber aonde ele queria chegar, e acreditando que é desejável, para o bem da paz e da tranquilidade, ficar do lado do advogado, eu disse que pensava da mesma maneira. O Sr. Franklin continuou:

— Nessa história do Diamante — disse ele pessoas inocentes já foram vítimas de muita suspeita, como é de seu conhecimento. A partir de agora, a memória de pessoas inocentes pode sofrer pela falta de um registro dos fatos que possa servir àqueles que vierem depois de nós. Não há dúvida de que essa nossa estranha história de família deve ser contada. E eu penso, Betteredge, que eu e o Sr. Bruff conseguimos encontrar o modo certo de contá-la.

Muito satisfatório para ambos, sem dúvida. Mas, até ali, eu não podia perceber o que eu tinha a ver com aquilo.

— Temos certos acontecimentos a relatar —, continuou o Sr. Franklin —, e temos algumas pessoas implicadas nesses acontecimentos que são capazes de relatá-los. Começando com esses fatos simples, a ideia é que todos nós deveríamos escrever a história da Pedra da Lua, um de cada vez, limitando-nos à nossa experiência pessoal, e só isso. Devemos começar mostrando, em primeiro lugar, como o Diamante foi parar nas mãos de meu tio Herncastle, quando ele estava servindo na Índia há cinquenta anos. Já obtive esse relato preliminar na forma de um antigo registro familiar, que narra os detalhes necessários do ponto de vista de uma testemunha ocular. Depois disso, precisamos contar como o Diamante foi parar na casa de minha tia em Yorkshire, há dois anos, e como ele foi perdido pouco mais de doze horas depois. Ninguém sabe tanto quanto você, Betteredge, sobre o que aconteceu na casa naquela ocasião. Portanto, você deve pegar uma pena e começar a história.

Nesses termos fui informado da natureza de minha ligação pessoal com o assunto do Diamante. Se estiverem curiosos para saber o que fiz em tais circunstâncias, informo-lhes que fiz o que os senhores provavelmente teriam feito em meu lugar. Modestamente declarei-me deveras incapacitado para a tarefa que me era imposta — sentindo em meu íntimo, o tempo todo, que poderia fazê-lo, se somente desse uma chance às minhas habilidades. O Sr. Franklin, imagino, deve ter visto os sentimentos ocultos em meu rosto. Recusou-se a acreditar em minha modéstia e insistiu em dar uma chance às minhas habilidades.

Duas horas se passaram desde que o Sr. Franklin me deixou. Tão logo ele virou as costas, dirigi-me à minha escrivaninha para começar a história. Ali estive sentado, impotente (a despeito de minhas habilidades), desde então percebendo o que Robinson Crusóé havia querido dizer, como foi citado — ou seja, a loucura de começar um trabalho antes de estimar seu custo, e antes de avaliar corretamente nossa

própria força para concluí-lo. Lembrem-se, por favor, que abri o livro por acaso, nesta parte, no mesmo dia em que aceitei precipitadamente a tarefa que devo agora começar. E permitam-me perguntar: — Se isso não é uma profecia, o que é então?

Não sou supersticioso. Já li uma pilha de livros; à minha maneira, sou um acadêmico. Embora tenha passado dos setenta, possuo uma memória ativa e pernas igualmente ativas. Por favor, não tomem minhas palavras como as de um homem ignorante quando emito a opinião de que jamais se escreveu um livro como Robinson Crusoé, e nunca mais se escreverá. Testei esse livro durante anos — geralmente combinado com um cachimbo de tabaco — e ele se revelou meu amigo em todas as necessidades desta vida mortal. Quando meu humor não está bom — Robinson Crusoé. Quando quero um conselho — Robinson Crusoé. No passado, quando minha mulher me atormentava; no presente, quando bebia demais — Robinson Crusoé. Gastei seis sólidos exemplares de Robinson Crusoé, com trabalho duro, a meu serviço. No último aniversário de minha patroa, ela me deu um sétimo exemplar. Bebi demais com a emoção, e Robinson Crusoé me endireitou novamente. Preço: quatro xelins e seis pence, encadernado em azul, com uma capa ilustrada.

Ainda assim, isso não se parece muito com o início da história do Diamante, parece? É como se eu estivesse à procura de Deus sabe o quê, Deus sabe onde. Tomaremos uma nova folha de papel, se me permitem, e começaremos novamente, com meus melhores respeitos aos senhores.

CAPÍTULO 2

Falei de minha senhora uma linha ou duas atrás. Pois o Diamante nunca poderia ter estado em nossa casa, onde foi perdido, se não tivesse sido presenteado à filha de minha senhora; e a filha de minha senhora nunca teria existido para receber esse presente, se não fosse por minha senhora, que (com dor e esforço) a trouxe ao mundo. Consequentemente, se começarmos com minha senhora, estaremos bastante seguros de começar no ponto certo. E isso, deixem-me dizer, quando se tem uma tarefa como a minha a realizar, é um começo realmente reconfortante.

Se os senhores conhecem algo a respeito da alta roda, ouviram falar nas três lindas senhoritas Herncastle. Senhorita Adelaide, Senhorita Caroline e Senhorita Julia — esta última a mais nova e a melhor das três irmãs em minha opinião. Tive oportunidade de julgar, como os senhores poderão ver. Entrei para o serviço do velho senhor, pai das três irmãs — graças a Deus, não temos que lidar com ele nesse assunto do Diamante; ele tinha a língua mais comprida e o pavio mais curto de todos os homens, de alta ou baixa estirpe, que jamais conheci. Como eu dizia, entrei para o serviço do velho senhor como pajem, para servir as três honradas jovens, aos quinze anos de idade. Ali vivi, até que a Senhorita Julia se casou com o falecido Sir John Verinder, um homem excelente, que só precisava de alguém que o controlasse. E, cá entre nós, encontrou alguém para fazê-lo e, mais ainda, prosperou, engordou, viveu feliz e morreu tranquilamente por causa disso, desde o dia em que minha senhora o levou à igreja para se casar até o dia em que escutou seu último suspiro e fechou seus olhos para sempre.

Omiti o fato de que vim com a noiva para a casa e as terras de seu marido, onde estou.

— Sir John —, disse ela não posso prescindir de Gabriel Betteredge.

— Minha senhora — disse Sir John —, nem eu tampouco.

Era assim que ele a tratava — e foi assim que entrei para seu serviço. Eu não me importava muito com meu destino, contanto que estivesse com minha senhora.

Vendo que minha senhora se interessava por trabalhos ao ar livre, pelas fazendas e coisas assim, também me interessei por isso — com mais razão ainda por ser eu próprio o sétimo filho de um pequeno fazendeiro. Minha senhora colocou-me sob as ordens do administrador, e dei o melhor de mim, agradei-lhes e fui promovido de acordo. Alguns anos mais tarde, numa segunda feira por sinal, minha senhora disse:

— Sir John, seu administrador é um velho estúpido. Indenize-o generosamente e coloque Gabriel Betteredge em seu lugar.

Na terça-feira, Sir John disse:

— Minha senhora, o administrador foi indenizado generosamente e Gabriel Betteredge foi colocado em seu lugar.

Ouvem-se muitas histórias de casais vivendo juntos de modo infeliz. Eis um exemplo do contrário. Que isso sirva de aviso a alguns dos senhores e de incentivo a outros. Oportunamente, continuarei minha história.

Bem, ali estava eu levando uma vida boa, dirão os senhores. Ocupando uma posição honrada e de confiança, morando em um pequeno chalé que me pertencia, ocupado pela manhã com minha ronda pela propriedade, à tarde com as contas e à noite com meu cachimbo e meu Robinson Crusóé — o que mais poderia desejar para minha felicidade? Lembrem-se do que desejava Adão, quando estava sozinho no jardim do Éden; e, se não considerarem Adão culpado, não me considerem.

A mulher que escolhi, era a mulher que cuidava de meu chalé. Seu nome era Selina Goby. Concordo com o falecido

William Cobbett a respeito da escolha das esposas. Veja se ela mastiga bem a comida e se pisa no chão com firmeza quando caminha, e não terá problemas. Selina Goby preenchia bem estes dois requisitos, o que foi uma das razões para que eu me casasse com ela. Eu tinha outra razão, inteiramente pessoal. Selina solteira recebia um salário semanal por seus serviços. Selina, sendo minha mulher, não poderia cobrar-me nada e me serviria de graça. Foi esse o meu ponto de vista. Economia — com uma pitada de amor. Expus a situação à minha senhora, como era meu dever, do mesmo modo como a havia exposto para mim mesmo.

— Estive pensando em Selina Goby — disse eu —, e penso que seria mais barato casar-me com ela que continuar a tê-la como empregada.

Minha senhora soltou uma gargalhada, e disse não saber o que a chocava mais — minha linguagem ou meus princípios. Suponho ter sido alguma piada, do tipo que só uma pessoa de qualidade é capaz de compreender. Sem entender nada a não ser que estava livre para casar-me com Selina, fui propor-lhe minhas intenções da maneira correta. E o que Selina disse? Se os senhores estão em dúvida, devem entender muito pouco a respeito de mulheres! Obviamente ela respondeu: Sim.

À medida que o casamento se aproximava e que se começou a falar em comprar-me um casaco novo para a cerimônia, minha mente começou a pregar-me peças. Comparei observações de outros homens sobre o que sentiam quando se encontravam em minha interessante situação e descobri que todos admitiam que, cerca de uma semana antes do evento, desejaram em segredo poder desistir de tudo. Pessoalmente, fui um pouco mais longe do que isso; realmente me levantei e tentei fugir. Mas não de graça! Eu era um homem por demais justo para esperar que ela me deixasse fugir de graça. Compensação para a mulher quando o homem desiste do casamento é uma das leis da Inglaterra. Em obediência às

leis, e depois de cuidadosamente considerar o assunto, ofereci a Selina Goby uma cama com colchão de penas e cinquenta xelins para que ela me dispensasse. O senhor não vai acreditar, mas ainda assim é verdade — ela foi tola o bastante para recusar.

Depois disso, tudo havia acabado para mim, é claro. Comprei o casaco mais barato que encontrei, e passei por todo o resto do processo da maneira mais barata possível. Não éramos um casal feliz, e não éramos um casal infeliz. Éramos seis de um e meia dúzia do outro. Não entendo por que, mas sempre parecíamos estar, pelos melhores motivos, no caminho um do outro. Quando eu queria subir as escadas, minha mulher estava descendo; ou quando minha mulher queria descer, lá estava eu subindo. Isso é a vida de casado, segundo a experiência que tive.

Depois de cinco anos de desentendimentos sobre as escadas, foi vontade de a sábia Providência libertar-nos um do outro, levando minha mulher. Fiquei com minha filha Penélope, e nenhum outro filho. Pouco depois, Sir John morreu, e minha senhora ficou com sua menina, a Srta. Rachel, e nenhum outro filho. Não fiz jus aqui a minha senhora se os senhores ainda precisarem que eu lhes diga que minha pequena Penélope recebeu dela, pessoalmente, todos os cuidados, e foi mandada para a escola, sendo instruída, transformada em uma garota inteligente e promovida, quando já tinha idade suficiente, a criada pessoal da Srta. Rachel.

Quanto a mim, continuei meu trabalho de administrador ano após ano até o Natal de 1847, quando um acontecimento mudou minha vida. Nesse dia, minha senhora convidou-se para tomar uma xícara de chá a sós comigo em meu chalé. Ela observou que, a contar do ano em que havia começado como pajem no tempo do antigo senhor, eu estava a seu serviço há mais de cinquenta anos, e pôs em minhas mãos um lindo

colete de lã que ela própria havia tecido, para aquecer-me no inverno rigoroso.

Recebi esse magnífico presente sem saber como reagir ou encontrar palavras para agradecer a minha senhora pela honra que ela me fazia. Para minha grande surpresa, revelou-se, no entanto, que o colete não era um presente, mas sim uma propina. Minha senhora havia percebido que eu estava ficando velho antes de eu próprio tê-lo descoberto, e tinha vindo ao meu chalé para persuadir-me a abandonar meu árduo trabalho ao ar livre como administrador e descansar pelo resto dos meus dias como intendente da casa. Lutei contra a indignidade do descanso o quanto pude. Mas minha senhora conhecia meu lado fraco; deu a entender que seria um favor que eu lhe faria. A discussão entre nós terminou, depois, comigo enxugando os olhos com meu colete novo, como um velho tolo, e dizendo que pensaria no assunto.

Minha relutância em pensar no assunto adquiriu proporções gigantescas depois que minha senhora se foi, e eu apliquei o remédio que nunca me falhou até hoje em casos de dúvida e emergência: fumei um cachimbo e abri o Robinson Crusóé. Sem que cinco minutos tivessem se passado, cheguei ao seguinte trecho reconfortante (página 158): *Hoje amamos o que amanhã haveremos de odiar*. Vi meu caminho claramente. Eu hoje só queria continuar a ser administrador; amanhã, segundo a autoridade do Robinson Crusóé, sentiria exatamente o contrário. Acordasse na manhã seguinte com a disposição de amanhã, e a coisa estava resolvida. Estando minha mente aliviada dessa maneira, fui dormir naquela noite como o administrador de Lady Verinder, e acordei na manhã seguinte como o intendente de Lady Verinder. Tudo bem resolvido, e tudo graças a Robinson Crusóé!

Minha filha Penélope acaba de olhar por cima do meu ombro para ver até onde já cheguei. Observa que está lindamente escrito, e cada palavra é verdadeira. Mas faz uma

objeção. Diz que o que fiz até agora não é nada daquilo que deveria fazer. Fui incumbido de escrever a história do Diamante, e em vez disso estou contando minha própria história. Curioso, e eu não saberia dizer por quê.

Pergunto a mim mesmo se os cavalheiros que têm na escrita seu ofício e seu ganha-pão jamais se encontram atrapalhando o caminho de seus assuntos, como eu? Se o fazem, posso ter por eles alguma simpatia. Enquanto isso, eis aqui outro falso começo, e mais desperdício de bom papel de carta. O que fazer agora? Nada, que eu saiba, exceto que os senhores mantenham a calma, e eu recomece tudo pela terceira vez.

CAPÍTULO 3

Já tentei resolver a questão de como começar a história corretamente de duas maneiras. Primeiro, coçando a cabeça, o que não levou a nada. Segundo, consultando minha filha Penélope, que teve uma ideia inteiramente nova.

A ideia de Penélope é que eu deveria relatar os acontecimentos, dia após dia, começando pelo dia em que ouvimos a notícia da visita iminente do Sr. Franklin Blake à casa. Quando se consegue memorizar uma data dessa maneira, é incrível o que nossa memória lembra por si só, como numa compulsão. A única dificuldade é estabelecer as datas, em primeiro lugar. Penélope se oferece para fazer isso para mim, consultando seu próprio diário, que lhe ensinaram a manter quando ela estava na escola, e que ela continua mantendo desde então. Em resposta a uma ideia um passo além desta, dada por mim — a saber, que ela deveria contar a história em meu lugar, a partir de seu próprio diário —, Penélope observa, com o olhar zangado e o rosto vermelho, que seu diário é apenas para seus olhos, e nenhum ser vivo além dela jamais saberá o que ele contém. Quando pergunto o que isso significa, Penélope diz: Bobagens. Eu digo: namorados.

Começando então segundo o plano de Penélope, devo dizer que fui chamado especialmente numa manhã de quarta-feira à sala de estar de minha senhora, a data sendo 24 de maio de 1848.

— Gabriel — disse minha senhora —, eu tenho notícias que vão surpreendê-lo. Franklin Blake voltou do estrangeiro. Está morando com o pai em Londres e chega amanhã para uma estada de um mês conosco, para o aniversário de Rachel.

Se eu tivesse um chapéu na mão, nada além do respeito teria evitado que eu o jogasse para o teto. Eu não via o Sr. Franklin desde que era um garoto, quando morava conosco

nessa casa. Ele era, de longe (como me lembro dele), o menino agradável que jamais contou uma mentira ou quebrou uma janela. A Srta. Rachel, que estava presente e a quem fiz essa observação, comentou por sua vez que ela se lembrava dele como o tirano mais atroz que jamais torturou uma boneca, e o condutor mais furioso de uma garotinha exausta amarrada a uma corda que a Inglaterra seria capaz de produzir. “Fervo de indignação e sinto dores de cansaço quando penso em Franklin Blake”, foi como a Srta. Rachel se expressou.

Ao ouvir o que agora lhes conto, os senhores perguntarão naturalmente como o Sr. Franklin poderia ter passado todos esses anos, desde a época em que era menino até a época em que se tornou homem, fora de seu próprio país. Eu respondo que foi porque seu pai teve o infortúnio de ser o herdeiro mais próximo de um ducado, sem que tivesse sido capaz de prová-lo.

Em duas palavras, foi assim que tudo aconteceu:

A irmã mais velha de minha senhora casou-se com o estimado Sr. Blake — igualmente famoso tanto por sua grande riqueza, quanto por seu excelente trabalho como advogado. Quantos anos ele passou perturbando os tribunais de seu país para acabar com o duque que detinha o título, e colocar-se em seu lugar; quantas bolsas de advogados ele encheu até a boca; e com quantas outras pessoas, em tudo mais inofensivas brigou para decidir se estava certo ou errado — é tarefa demasiado grandiosa para que a possa empreender. Sua mulher morreu, e dois de seus três filhos morreram antes que os tribunais se decidissem a mostrar-lhe o caminho da porta e não aceitar mais seu dinheiro. Quando tudo acabou, e o duque que detinha o título continuou com o título, o Sr. Blake descobriu que a única maneira de ficar quite com seu País pela maneira como este lhe havia tratado, era não dar, a seu País, a honra de educar seu filho. Como posso confiar nas instituições de meu País, era como ele dizia, depois da

maneira como as instituições de meu país trataram a mim? Acrescente-se a isso que todas as crianças aborreciam o Sr. Blake, incluindo seu próprio filho, e os senhores não de admitir que só havia uma maneira disso terminar. Meu senhor Franklin foi tirado de nós e mandado para instituições nas quais seu pai podia confiar, naquele país superior, que é a Alemanha; o próprio Sr. Blake, como os senhores poderão observar, permaneceu confortavelmente na Inglaterra, para ajudar seus colegas no Parlamento e publicar um tratado sobre o duque que detinha o título, tratado este ainda inacabado.

Aí está! Graças a Deus, está contado! Nem os senhores nem eu mesmo precisamos mais ocupar nossas mentes com o Sr. Blake pai. Que ele fique com o ducado; e fiquemos nós com o Diamante.

O Diamante nos leva de volta ao Sr. Franklin, que inocentemente trouxe essa infeliz pedra para dentro de nossa casa.

Nosso bom menino não nos esqueceu depois que foi para o estrangeiro. Escrevia de quando em quando; algumas vezes para minha senhora, outras para a Srta. Rachel e outras para mim. Tínhamos uma transação, antes de ele nos deixar, na qual ele me tomou emprestado um novelo de barbante, uma faca de quatro gumes, e a quantia de sete libras e seis pence em dinheiro — deste último item não vi a cor, e não espero vê-la novamente. Suas cartas para mim tratavam essencialmente de pedir mais empréstimos. No entanto, eu soube por minha senhora como ele se portava no estrangeiro, à medida que crescia em anos e em estatura. Depois de saber que as instituições da Alemanha podiam instruí-lo, deu em seguida uma chance aos franceses, e depois disso deu uma chance aos italianos. Eles contribuíram para fazer do Sr. Franklin uma espécie de gênio universal, até onde pude compreender. Ele escrevia um pouco, pintava um pouco, cantava, tocava e

compunha um pouco — tomando emprestado, suspeito, em todos esses casos, exatamente como havia tomado emprestado a mim. A fortuna de sua mãe (setecentas libras por ano) lhe foi dada quando atingiu a maioridade, e passou por ele como através de uma peneira. Quanto mais dinheiro tinha, mais queria: havia um buraco no bolso do Sr. Franklin que nada era capaz de costurar. Onde quer que fosse, seu jeito alegre e dócil o fazia bem-vindo. Vivia aqui, acolá, por toda parte; seu endereço (como ele próprio costumava dizer) era Agência dos Correios, Europa — a ser conservado até a coleta. Por duas vezes decidiu voltar à Inglaterra e visitar-nos; e por duas vezes (com sua licença) alguma indizível mulher colocou-se em seu caminho e o impediu. Sua terceira tentativa foi bem sucedida, como os senhores já sabem pelo que minha senhora me disse. Na quinta-feira, dia 25 de maio, veríamos pela primeira vez em que homem havia se transformado nosso bom menino. Vinha de uma boa família, tinha grande coragem e 25 anos de idade, pelas minhas contas. O senhor sabe agora tanto a respeito do Sr. Franklin Blake quanto eu — antes que o Sr. Franklin Blake chegasse a nossa casa.

Fazia naquela quinta-feira um dia de verão belo como poucos, e minha senhora e Srta. Rachel (que não esperavam o Sr. Franklin até a hora do jantar) saíram para almoçar com alguns amigos da vizinhança.

Depois que partiram, fui dar uma olhada no quarto que havia sido preparado para o nosso convidado, e vi que tudo estava direito. Então, sendo eu o mordomo na casa de minha senhora, bem como seu intendente (segundo minha própria solicitação particular, diga-se, e porque me incomodava o fato de qualquer pessoa a não ser eu ter a chave da adega do falecido Sir John) — então, dizia eu, peguei uma garrafa do famoso Bordeaux Latour e coloquei-a ao ar livre para que se aquecesse antes do jantar. Pretendendo em seguida colocar-

me ao ar livre — já que o que é bom para um vinho velho é igualmente bom para os velhos peguei uma cadeira de vime para dirigir-me ao pátio dos fundos, quando fui impedido por um som semelhante ao rufar suave de um tambor no terraço em frente à residência de minha senhora.

Indo até o terraço, encontrei três indianos cor de mogno, vestidos com túnicas e calças brancas, olhando para a casa.

Os indianos, como pude ver chegando mais perto, seguravam pequenos tambores à frente do corpo. Atrás deles havia um menino inglês de cabelos claros e feições delicadas, carregando uma bolsa. Tomei os três homens por prestidigitadores itinerantes, e o menino com a bolsa por ajudante, carregando as ferramentas de seu ofício. Um dos três, que falava inglês e possuía, devo admitir, maneiras muito requintadas, informou-me que meu julgamento estava correto. Pediu permissão para mostrar seus truques diante da dona da casa.

Agora, não sou um velho ranzinza. Em geral sou inclinado à diversão e sou a última pessoa no mundo que desconfiaria de outra apenas por sua pele alguns tons mais escura que a minha. Mas até os melhores de nós têm suas fraquezas —, e a minha, quando sei que a mesa está posta, é lembrar-me imediatamente disso ao avistar um estranho de passagem, cujas maneiras são superiores às minhas. Portanto, informei ao indiano que a dona da casa havia saído e pedi a ele e a seus companheiros que saíssem da propriedade. Ele por sua vez me fez uma linda reverência, e ele e seu grupo saíram da propriedade. Então, voltei a minha cadeira de vime e instalei-me no lado ensolarado do pátio, caindo (para dizer a verdade) não exatamente no sono, mas em um estado bastante semelhante.

Fui acordado por minha filha Penélope correndo em minha direção como se a casa estivesse pegando fogo. O que os senhores acham que ela queria? Queria que eu mandasse

prender os três prestidigitadores indianos imediatamente; a razão para tal era que eles sabiam quem estava vindo de Londres para visitar-nos e tencionavam fazer mal ao Sr. Franklin Blake.

O nome do Sr. Franklin me despertou. Abri os olhos e fiz com que minha menina se explicasse.

Revelou-se que Penélope havia acabado de sair de nossos aposentos, onde estava entretida em um mexerico com a filha do zelador. As duas garotas tinham visto os indianos passarem seguidos pelo menino, depois que eu os havia mandado embora. Achando que o menino era maltratado pelos estrangeiros — por uma razão que não pude descobrir, a não ser por ele ser bonito e ter feições delicadas —, as duas garotas tinham se esgueirado pelo lado de dentro da cerca que fica entre a casa e a estrada, e observado o comportamento dos estrangeiros do lado de fora. Esse comportamento teve como resultado o extraordinário truque que se segue.

Primeiro eles olharam para os dois lados da estrada e certificaram-se de que estavam sozinhos. Então os três puseram-se lado a lado e olharam fixamente em direção à casa. Tagarelaram, discutiram em sua língua e olharam-se como homens indecisos. A seguir, os três se viraram para o menino inglês, como se esperassem que ele os ajudasse. E então o indiano chefe, que falava inglês, disse ao menino:

— Estenda a mão.

Ao ouvir essas palavras horríveis, minha filha Penélope disse não saber o que impediu seu coração de sair direto pela boca. Pensei cá comigo que poderia ter sido seu espartilho. Tudo o que disse no entanto foi Você está me dando arrepios. (*Nota bene:* As mulheres gostam desses pequenos elogios.)

Bom, quando o indiano disse “Estenda a mão”, o menino se encolheu, balançou a cabeça e disse que não gostava daquilo. O indiano, então, perguntou-lhe (de maneira nada rude) se ele gostaria de ser mandado de volta para Londres e

deixado onde eles o haviam encontrado, dormindo em uma cesta vazia em um mercado — um menininho faminto, maltrapilho e abandonado. Isso, ao que parece, acabou com as dificuldades. O pequeno estendeu a mão sem vontade. Então o indiano tirou uma garrafa de dentro da roupa e derramou um pouco de líquido preto como tinta na palma da mão do menino. O indiano — tocando primeiro a cabeça do menino e fazendo sinais no ar acima dela — então disse:

— Olhe.

O menino se empertigou e ficou qual uma estátua, olhando para a tinta na palma de sua mão.

(Até ali, tudo aquilo me parecia parte da prestidigitação, além de um tolo desperdício de tinta. Eu estava começando a ficar sonolento novamente, quando as palavras seguintes de Penélope me despertaram.)

Os indianos olharam mais uma vez para os dois lados da estrada — e então o indiano chefe disse estas palavras ao menino:

— Veja o senhor inglês do estrangeiro.

O menino disse:

— Estou vendo.

O indiano disse:

— É pela estrada para esta casa, e por nenhuma outra, que o cavalheiro inglês vai passar hoje?

O menino disse:

— É pela estrada para esta casa, e por nenhuma outra, que o cavalheiro inglês vai passar hoje.

O indiano fez uma segunda pergunta — não sem antes esperar um pouco. Ele disse:

— O cavalheiro inglês está com Ele?

O menino respondeu — não sem antes esperar um pouco também:

— Sim.

O indiano fez uma terceira e última pergunta:

— O cavalheiro inglês chegará aqui ao final do dia, como prometeu fazer?

O menino disse:

— Não sei dizer.

O indiano perguntou por quê. O menino disse:

— Estou cansado. A bruma se espalha pela minha cabeça e me confunde. Não posso ver mais nada hoje.

Com isso, a missa terminava. O indiano chefe disse algo em sua própria língua para os outros dois, apontando para o menino e apontando em direção à cidade, onde (como descobrimos mais tarde) eles estavam hospedados. Então, depois de fazer mais gestos acima da cabeça do menino, soprou em sua testa, despertando-o subitamente. Depois disso, todos seguiram seu caminho em direção à cidade, e as garotas não os viram mais.

A maioria das coisas que se dizem tem uma moral, basta procurar. Qual era a moral disso?

A moral era, pensava eu: primeiro, que o prestidigitador-chefe havia escutado algo a respeito da chegada do Sr. Franklin entre os criados do lado de fora da casa, e havia visto um meio de tirar algum dinheiro da situação. Segundo, que ele, seus homens e o menino (pensando no dinheiro) pretendiam ficar por perto até que vissem minha senhora voltar para casa, e então retomariam para predizer a chegada do Sr. Franklin através de um passe de mágica. Terceiro, que Penélope os havia visto ensaiando sua mágica, como atores ensaiando uma peça. Quarto, que eu faria bem, naquela noite, em ficar de olho na mesa posta. Quinto, que Penélope faria bem em se acalmar, e em deixar que eu, seu pai, adormecesse ao sol novamente.

Isso me parecia um modo sensato de ver as coisas. Se os senhores conhecem algo do comportamento das jovens, não ficarão surpresos em saber que Penélope não o aceitou.

Segundo minha filha, a moral da história era séria. Ela citou especificamente a segunda pergunta do indiano: “*O cavalheiro inglês está com Ele?*”

— Ah, pai! — disse Penélope, juntando as mãos em uma súplica não brinque com isso! O que significa “*Ele*”?

— Bem, querida, pergunte ao Sr. Franklin — disse eu —, se puder esperar até que o Sr. Franklin chegue.

Pisquei o olho para mostrar que estava brincando. Penélope levou a coisa muito a sério. A aflição de minha filha me intrigava.

— Que diabos o Sr. Franklin poderia saber sobre isso? — perguntei.

— Pergunte a ele — disse Penélope. — E veja se ele também pensa que é assunto para brincadeira.

Com essa tirada, minha filha me deixou.

Decidi comigo mesmo, quando ela foi embora, que eu realmente iria fazer a pergunta ao Sr. Franklin — sobretudo para sossegar Penélope. O que foi dito entre nós, quando lhe perguntei, mais tarde no mesmo dia, os senhores encontrarão exposto integralmente no lugar apropriado. Mas, como não desejo criar expectativas para depois desapontá-los, tomarei a liberdade de avisar-lhes aqui — antes de prosseguirmos — que não encontrarão nem sombra de brincadeira em nossa conversa sobre os prestidigitadores. Para minha grande surpresa, o Sr. Franklin, como Penélope, levou a história muito a sério. Os senhores entenderão o quão seriamente quando eu lhes disser que, em sua opinião, “*Ele*” significava a Pedra da Lua.

CAPÍTULO 4

Sinto muitíssimo deter sua atenção em mim e minha cadeira de vime. Um velho dorminhoco em um pátio ensolarado não é um assunto interessante, bem sei. Mas as coisas devem ser postas em seus lugares, da maneira como realmente aconteceram — e os senhores devem suportar minha narrativa mais um pouco, à espera da chegada do Sr. Franklin mais tarde no mesmo dia.

Antes que eu tivesse tempo de adormecer novamente, depois que minha filha Penélope me havia deixado, fui incomodado por um barulho de pratos e talheres na área dos criados, o que significava que o jantar estava pronto. Uma vez que fazia minhas refeições em meus próprios aposentos, eu nada tinha a ver com o jantar dos criados, a não ser para desejar-lhes bom apetite, antes de afundar mais uma vez em minha cadeira. Estava esticando as pernas quando outra mulher veio ao meu encontro. Não minha filha novamente; dessa vez era apenas Nancy, a copeira. Eu estava em seu caminho e pude observar, quando me pediu que a deixasse passar, que havia em seu rosto uma expressão de desagrado — coisa que, por princípio, como chefe dos empregados, nunca deixo passar sem perguntar a razão.

— Por que você não está indo para o jantar? — perguntei.
— O que há de errado agora, Nancy?

Nancy tentou me tirar do caminho, sem responder. Foi quando me levantei e a puxei pela orelha. Ela é uma graciosa jovem rechonchuda e tenho o costume de demonstrar meu apreço pessoal por uma garota dessa maneira.

— O que há de errado agora? — disse eu mais uma vez.

— Rosanna está atrasada para o jantar novamente — disse Nancy. — E eu é que tenho que ir buscá-la. Sobra para mim todo o trabalho nesta casa. Deixe-me em paz, Sr. Betteredge.

A pessoa aqui mencionada como Rosanna era nossa segunda arrumadeira. Tendo um pouco de pena de nossa segunda arrumadeira (logo saberão por que), e vendo no rosto de Nancy que ela iria buscar sua colega com mais palavras duras do que seria necessário, dadas as circunstâncias, dei-me conta de que eu não tinha nada de especial a fazer, e que poderia eu próprio ir buscar Rosanna, dando-lhe a dica para que fosse pontual no futuro, o que eu sabia que ela receberia bem se viesse de mim.

— Onde está Rosanna? — perguntei.

— Nas dunas, é claro! — disse Nancy, com um meneio de cabeça. — Ela teve outro de seus ataques de desmaios esta manhã e pediu para sair e respirar algum ar puro. Não tenho paciência com ela!

— Volte para seu jantar, minha menina — disse eu. — Eu tenho paciência com ela e vou buscá-la.

Nancy (que tem um ótimo apetite) pareceu contente. Quando parece contente, fica bonita. Quando fica bonita, eu a afago no queixo. Não se trata de imoralidade — apenas hábito.

Bem, peguei minha bengala e dirigi-me para o banco de areia.

Não! Não é certo que eu vá agora. Sinto detê-los mais uma vez; mas realmente devem ouvir a história das dunas e a história de Rosanna, pois o episódio do Diamante tem estreita relação com ambas. Como tento continuar meu depoimento sem parar no caminho, e como consigo mal! Mas, afinal, Pessoas e Coisas surgem de modo muito inquietante nessa vida e acabam por insistir em ser notadas. Tenhamos calma e sejamos breves; logo alcançaremos o âmago do mistério, eu lhes prometo!

Rosanna (para colocar a Pessoa antes da Coisa, o que não passa de boa educação) era a única criada nova em nossa casa. Cerca de quatro meses antes da época sobre a qual escrevo, minha senhora havia ido a Londres e visitara na ocasião um

reformatório, pretendendo impedir algumas mulheres de voltarem ao mau caminho depois de sua saída da prisão. A diretora, vendo que minha senhora se interessava pelo lugar, apontou para uma garota chamada Rosanna Spearman, e lhe contou uma história muito triste, que eu não tenho coragem de repetir aqui, pois não aprecio ficar triste sem motivo, não mais do que os senhores. O resumo da história era que Rosanna Spearman havia sido uma ladra, e por não ser uma daquelas que roubam Companhias na City, em vez de roubar apenas de um, a lei a havia pego, e a prisão e o reformatório seguiram o braço da lei. A opinião da diretora sobre Rosanna (a despeito do que ela havia feito) era que a garota era uma entre mil, e que esperava apenas uma chance para se mostrar digna do interesse de qualquer cristã. Minha senhora (sendo inteiramente cristã) respondeu à diretora:

— Rosanna Spearman vai ter sua chance, a meu serviço.

Uma semana depois, Rosanna Spearman entrou nesta casa como segunda arrumadeira.

Ninguém soube da história da garota, exceto a senhorita Rachel e eu. Minha senhora, dando-me a honra de consultar-me sempre em quase tudo, consultou-me sobre Rosanna. Cada vez mais inclinado, ao modo do falecido Sir John, a sempre concordar com minha senhora, concordei com ela entusiasticamente a respeito de Rosanna Spearman.

Nenhuma garota teve chance mais justa do que a que foi dada a essa nossa pobre garota. Nenhum dos criados podia condená-la por sua vida pregressa, pois nenhum dos criados a conhecia. Ela tinha seu salário e seus privilégios, assim como o resto dos criados; e de quando em quando tinha uma palavra boa de minha senhora, em particular, para encorajá-la. Em troca, mostrava-se, devo dizer, muito digna do bom tratamento que recebia. Embora longe de ser forte, e por vezes atormentada pelas crises de desmaios já mencionadas, cumpria suas obrigações de forma modesta e sem reclamar,

com cuidado e bem. Mas, por alguma razão, não conseguia fazer amigas entre as outras criadas, com exceção de minha filha Penélope, que sempre tratava Rosanna com gentileza, embora não fosse íntima dela.

Eu desconhecia a razão que afastava a garota dos outros criados. Certamente não havia nela beleza capaz de causar a inveja das outras; era a mulher menos bonita da casa, com a mazela adicional de ter um ombro mais alto que o outro. Penso que aquilo de que os criados se ressentiam era principalmente sua língua silenciosa e seus modos solitários. Nas horas vagas, ela lia ou trabalhava, enquanto os outros faziam mexericos. E, quando chegava seu dia de folga, na maior parte das vezes colocava seu chapéu e saía sozinha. Nunca brigava, nunca ficava ofendida; apenas mantinha certa distância, de modo obstinado e cordial, entre si e os outros. Acrescente-se a isso o fato de, feia como era, haver algo que a fazia parecer não uma criada, mas uma dama. Talvez a voz, ou talvez o rosto. Tudo o que posso dizer é que, no primeiro dia em que ela entrou na casa, as outras mulheres afirmaram em uníssono (o que era uma grande injustiça) que Rosanna Spearman era arrogante.

Uma vez contada a história de Rosanna, devo apenas assinalar um dos muitos comportamentos peculiares dessa estranha moça antes de passar à história das dunas.

Nossa casa fica bem no alto da costa de Yorkshire, perto do mar. Há lugares para belas caminhadas nas redondezas em todas as direções, exceto uma. Essa caminhada, admito, é horrível. Passa, por um quarto de milha, através de uma melancólica plantação de abetos, e, atravessando colinas baixas, conduz à mais solitária e feia de todas as baías de nossa costa.

Ali, as dunas vão até o mar e terminam em duas restingas rochosas, face a face, que se perdem nas águas. Uma chama-se Restinga do Norte, e a outra Restinga do Sul. Entre as duas

ficam as areias movediças mais terríveis da costa de Yorkshire, cujos contornos avançam e recuam conforme as estações do ano. Quando a maré vira, algo acontece nas profundezas desconhecidas e faz com que toda a superfície da areia movediça se agite e trema de modo surpreendente, o que lhe valeu, entre os habitantes dessa região, o nome de Areia Trêmula. Um grande banco de areia, a meia milha dali, perto da entrada da baía, reduz a força das ondas que vêm do mar alto. No verão e no inverno, quando a maré atinge a areia movediça, o mar parece deixar as ondas para trás, no banco de areia, e a água chega mansamente, como num suspiro, cobrindo silenciosamente a areia. Um lugar solitário e horrível, eu lhes digo!

Nenhum barco se atreve a entrar nesta baía. Nenhuma criança do vilarejo de pescadores de Cobb's Hole jamais vai brincar lá. Até mesmo os pássaros, me parece, passam longe da Areia Trêmula. Que uma jovem, podendo escolher entre uma dúzia de caminhadas agradáveis — a quem bastava dizer “Venha!” para ter uma companhia —, prefira este lugar, e se sente e trabalhe ou leia ali, sozinha, quando é seu dia de folga, garanto-lhes que é incompreensível. É verdade, no entanto, e pensem disso o que quiserem, que este era o passeio favorito de Rosanna Spearman, exceto pelas vezes em que foi a Cobb's Hole visitar a única amiga que tinha na região, da qual falarei mais tarde. Também é verdade que eu agora me dirigia a este mesmo lugar, para buscar a garota para jantar, o que felizmente nos traz de volta a nosso assunto precedente e nos coloca novamente no caminho das dunas.

Não vi sinal dela na plantação. Quando cheguei à praia, passando pelas dunas, ali estava ela, com seu chapéu de palha e a capa cinza que sempre usava para esconder seu ombro deformado o quanto possível — sozinha, olhando na direção da areia movediça e do mar.

Assustou-se quando cheguei perto, e virou o rosto para o outro lado. Sendo a atitude de não me olhar de frente um dos hábitos que, na condição de chefe dos criados, nunca deixo passar sem perguntar a razão, virei seu rosto para mim e vi que ela estava chorando. Meu lenço estampado — uma das seis maravilhas que minha senhora me deu — estava em meu bolso, à mão. Tirei-o do bolso e disse a Rosanna:

— Venha sentar-se aqui na praia comigo, querida. Primeiro secarei seus olhos, depois serei ousado o bastante para perguntar por que estava chorando.

Quando os senhores chegarem à minha idade, descobrirão que sentar-se na praia é uma tarefa muito mais árdua do que pensam agora. Quando consegui me acomodar, Rosanna tinha secado os olhos com um lenço muito inferior ao meu — cambraia barata. Estava muito quieta e muito triste. Mas, quando a chamei, sentou-se ao meu lado como uma boa garota. Quando quiserem reconfortar uma mulher da maneira mais rápida, façam-na sentar em seu colo. Pensei nessa regra de ouro. Mas qual! Rosanna não era Nancy, a verdade é essa!

— Agora me diga, querida — disse eu por que está chorando?

— Por causa dos anos que passaram, Sr. Betteredge —, disse Rosanna baixinho. — Minha vida pregressa ainda me atormenta às vezes.

— Vamos, minha garota — disse eu —, sua vida pregressa foi apagada. Por que não consegue esquecê-la?

Ela segurou uma das golas do meu casaco. Sou um velho desastrado, e muito da minha comida e bebida caem em minhas roupas. Às vezes uma das mulheres, às vezes outra, limpa minha sujeira. Na véspera, Rosanna havia tirado uma mancha da gola do meu casaco para mim, com um produto novo que garantia remover qualquer mancha. A gordura havia saído, mas uma parte mais opaca na ponta do tecido mostrava

onde a mancha havia estado. A garota apontou para o local e balançou a cabeça.

— A mancha saiu — disse ela. — Mas ainda se pode ver Sr. Betteredge: ainda se pode ver!

Tal observação feita a um homem usando como exemplo seu próprio casaco não é fácil de responder. Algo na própria garota também me fazia ter pena dela naquele momento específico. Ela tinha belos olhos castanhos, mesmo sendo feia em tudo o mais — e me olhava com muito respeito por minha idade e meu caráter, qualidades fora de seu alcance, o que fez com que meu coração pesasse por nossa segunda arrumadeira. Sentindo-me incapaz de confortá-la, havia apenas uma coisa a fazer. Isto é: levá-la para jantar.

— Ajude-me a me levantar — disse eu. — Você está atrasada para o jantar, Rosanna, e eu vim buscá-la.

— O senhor, Sr. Betteredge! — disse ela.

— Disseram a Nancy para vir buscá-la — disse eu. — Mas pensei que iria preferir ser repreendida por mim, querida.

Em vez de me ajudar a me levantar, a pobre menina colocou sua mão na minha e apertou de leve. Tentou com força não tomar a chorar e conseguiu — pelo que teve meu respeito.

— O senhor é muito gentil, Sr. Betteredge — disse ela. — Não quero jantar hoje; deixe-me ficar aqui mais um pouco.

— O que a faz gostar de estar aqui? — perguntei. — O que a traz sempre a este feio lugar?

— Algo me atrai aqui — disse a garota, desenhando figuras com os dedos na areia. — Tento ficar longe e não consigo. Algumas vezes — falou ela em voz baixa, como se tivesse medo do que ia dizer —, algumas vezes, Sr. Betteredge, penso que meu túmulo me espera aqui.

— Há carneiro na brasa e torta esperando por você! — disse eu.

— Vá jantar imediatamente. É isso que acontece, Rosanna, quando se pensa de estômago vazio.

Falei com severidade, naturalmente indignado (na minha idade) ao escutar uma jovem de 25 anos falar de seu fim derradeiro!

Ela não pareceu escutar-me: colocou a mão em meu ombro, mantendo-me onde estava, sentado ao seu lado.

— Penso que o lugar me amaldiçoou — disse ela. — Sonho com ele noite após noite; penso nele quando estou costurando. O senhor sabe que eu sou muito grata, Sr. Betteredge; sabe que tento merecer sua gentileza e a confiança de minha senhora. Mas algumas vezes me pergunto se a vida aqui não é demasiado calma e boa para uma mulher como eu, depois de tudo por que passei, Sr. Betteredge, depois de tudo por que passei. Sinto-me mais sozinha estando com os outros criados, sabendo que não sou como eles, do que estando aqui. Minha senhora não sabe, a diretora do reformatório não sabe que terrível lembrança a existência de pessoas honestas representa para uma mulher como eu. Não se zangue, o senhor é um homem bom. Faço meu trabalho, não? Por favor, não diga a minha senhora que estou descontente: eu não estou. Algumas vezes minha mente fica inquieta, só isso.

Ela tirou a mão do meu ombro, e apontou de repente para a areia movediça.

— Não é maravilhoso? Não é terrível? Já olhei para ela dúzias de vezes, e é sempre tão novo para mim como se nunca a tivesse visto antes!

Olhei para onde ela apontava. A maré estava virando e a terrível areia começou se mover. Sua ampla superfície marrom levantou-se lentamente, depois tremeu em toda sua extensão.

— O senhor sabe o que isso me parece? — disse Rosanna, tomando-me novamente pelo ombro. — Parece que há ali debaixo centenas de pessoas sufocadas, lutando para vir à tona e afundando cada vez mais nas profundezas medonhas!

Jogue uma pedra, Sr. Betteredge! Jogue uma pedra, para vermos a areia tragá-la!

Que conversa esquisita! Um estômago vazio alimentando-se de uma mente inquieta! Minha resposta — bastante áspera, para o próprio bem da garota, lhes asseguro! — estava na ponta da língua, quando repentinamente foi cortada por uma voz vinda das dunas gritando meu nome.

— Betteredge !— gritou a voz onde está você?

— Aqui! — gritei de volta, sem a menor ideia de quem fosse.

Rosanna levantou-se num pulo, e ficou parada olhando na direção da voz. Eu estava justamente pensando em me levantar também quando fui surpreendido por uma súbita mudança no rosto da garota.

Sua compleição tornou-se vermelha, coisa que eu nunca havia visto antes; ela iluminou-se com uma espécie de surpresa muda e sem fôlego.

— Quem é? — perguntei.

Rosanna devolveu-me a pergunta:

— Oh! Quem é? — disse mansamente, mais para si mesma do que para mim.

Virei-me e olhei para trás. Ali, saindo das dunas e vindo em nossa direção, estava um jovem de olhos brilhantes, vestindo um belo terno castanho claro, com luvas e chapéu combinando, uma rosa na lapela e um sorriso no rosto capaz de fazer a própria Areia Trêmula sorrir de volta. Antes que eu pudesse me levantar, deixou-se cair ao meu lado na areia, envolveu-me o pescoço com seus braços, ao modo dos estrangeiros, e deu-me um abraço que quase me fez perder o ar.

— Meu caro Betteredge! — disse ele. — Devo-lhe sete libras e seis pence. Sabe quem eu sou?

Deus nos proteja e salve! Ali — quatro boas horas antes do esperado — estava o Sr. Franklin Blake!

Antes que eu pudesse dizer palavra, vi o Sr. Franklin, aparentemente algo surpreso, desviar seu olhar de mim para Rosanna. Seguindo-o, olhei eu também para a garota. Ela estava mais vermelha do que nunca, sem dúvida por ter chamado a atenção do Sr. Blake. De repente virou-se e nos deixou, demonstrando uma confusão deveras incompreensível para mim, sem cumprimentar o cavalheiro nem, tampouco, dizer-me uma só palavra. Muito atípico de sua pessoa: geralmente não se encontrava criada mais cordata e bem-comportada.

— Que garota estranha — disse o Sr. Franklin. — Pergunto-me o que viu em mim que a surpreende tanto?

— Suponho, senhor — respondi, deleitando-me com a educação do Continente de nosso Jovem cavalheiro que seja sua aparência estrangeira.

Transcrevo aqui a pergunta indelicada do Sr. Franklin e minha tola resposta, como consolo e incentivo a todos os estúpidos — já que, como pude observar, é motivo de grande satisfação para nossos semelhantes inferiores descobrir que, ocasionalmente, seus superiores não são mais inteligentes do que eles. Nem o Sr. Franklin, com sua estupenda educação estrangeira, nem eu próprio, com minha idade, experiência e natural zelo, tínhamos a mínima ideia do significado real do comportamento inexplicável de Rosanna Spearman. Quando saiu, logo foi esquecida por nós, pobre garota, antes de vermos o último movimento de seu casaco entre as dunas. “E daí?” Perguntarão os senhores, muito naturalmente. Continuem a ler, caros amigos, com quanta paciência puderem, e talvez sintam pena de Rosanna Spearman como eu senti, quando descobri a verdade.

CAPÍTULO 5

A primeira coisa que fiz, depois de ficarmos sozinhos novamente, foi tentar pela terceira vez levantar-me da areia. O Sr. Franklin me impediu.

— Há uma vantagem nesse lugar horrível — disse ele. — Ele é todo nosso. Fique onde está, Betteredge, tenho algo a lhe dizer.

Enquanto ele falava, eu olhava para ele, tentando ver alguma coisa do garoto de quem me lembrava no homem diante de mim. O homem me desconcertou. Por mais que olhasse, não podia visualizar as bochechas rosadas do menino. Sua compleição havia se tornado pálida; seu rosto, na parte de baixo, estava coberto, para minha grande decepção, por uma barba castanha encaracolada e bigodes. Tinha um ar muito espontâneo, muito agradável e sedutor, admito; mas nada comparado a seu modo descontraído de outrora. Para piorar, embora em criança parecesse que se tomaria um homem alto, tal coisa não havia acontecido. Ele era elegante, esbelto e bem-proporcionado, mas não ultrapassava a estatura mediana por mais de cinco centímetros. Em resumo, desconcertava-me completamente. Os anos que haviam passado nada haviam deixado de sua antiga pessoa, a não ser o olhar brilhante e sincero. Ali foi que encontrei novamente nosso garoto, e ali decidi pôr um fim em minha inspeção.

— Bem-vindo de volta a sua antiga casa, Sr. Franklin — disse eu.

— Mais ainda por ter chegado algumas horas antes do esperado.

— Tenho uma razão para ter chegado antes da hora em que me esperavam — respondeu o Sr. Franklin. — Suspeito, Betteredge, ter sido seguido e observado em Londres durante os últimos três ou quatro dias. Decidi vir no trem da manhã, e

não no da tarde, porque desejava livrar-me de um certo estranho de pele escura.

Essas palavras fizeram mais do que surpreender-me. Trouxeram de volta à minha mente, num relance, os três prestidigitadores e a opinião de Penélope de que sua intenção era fazer mal ao Sr. Franklin Blake.

— Quem o está observando, senhor, e por quê? — perguntei.

— Conte-me sobre os três indianos que estiveram na casa hoje — pediu o Sr. Franklin, sem tomar conhecimento da minha pergunta. — É possível, Betteredge, que o meu estranho e os seus três prestidigitadores sejam peças de um mesmo quebra-cabeça.

— Como sabe sobre os prestidigitadores, senhor? — perguntei, acrescentando uma pergunta à outra, o que reconheço ser de pouca cortesia. Mas não se pode esperar muito da natureza humana, portanto não esperem muito de mim.

— Vi Penélope na casa — disse o Sr. Franklin — e ela me contou. Sua filha prometia se tornar uma bela garota, Betteredge, e cumpriu a promessa. Penélope tem orelhas pequenas e pés pequenos. A falecida Sra. Betteredge possuía essas qualidades inestimáveis?

— A falecida Sra. Betteredge tinha muitos defeitos, senhor — digo eu. — Um deles (se me permitir mencioná-lo) era nunca se ater ao assunto em pauta. Parecia mais uma mosca do que uma mulher: não se decidia sobre nada.

— Teria sido ótimo para mim — disse o Sr. Franklin. — Eu também nunca me decido sobre nada. Betteredge, sua perspicácia está melhor do que nunca. Sua filha disse isso, quando pedi detalhes sobre os prestidigitadores. Papai lhe dirá, senhor. É um homem surpreendente para sua idade, e se exprime lindamente. Palavras de Penélope, acompanhadas de um adorável rubor. Nem meu respeito por você me impediu

de... Deixe ver, eu a conheci quando era criança, e isso não deixa de ser bom para ela. Vamos falar sério. O que os prestidigitadores fizeram?

Eu estava algo insatisfeito com minha filha — não por deixar o Sr. Franklin beijá-la; *isso* o Sr. Franklin podia fazer —, mas por obrigar-me a fornecer um relato de segunda mão de sua história boba. No entanto, eu não podia fazer nada a não ser mencionar os fatos. A alegria do Sr. Franklin sumiu por completo à medida que eu falava. Ficou sentado arqueando as sobancelhas e mexendo na barba. Quando terminei, ele repetiu duas das perguntas que o indiano chefe havia feito ao menino — aparentemente para fixá-las bem em sua mente.

— É pela estrada para esta casa, e por nenhuma outra, que o cavalheiro inglês vai passar hoje? O cavalheiro inglês está com *Ele*? Suspeito — disse o Sr. Franklin, tirando do bolso um pequeno embrulho de papel fechado — que *Ele* significa isto. E isto, Betteredge, significa o famoso Diamante do meu tio Herncastle.

— Por Deus, senhor! — exclamei. — Como o senhor pode estar com o Diamante do malvado Coronel?

— O testamento do malvado Coronel deixou seu Diamante para minha prima Rachel, como presente de aniversário — disse o Sr. Franklin. — E meu pai, como executor testamentário do malvado Coronel, confiou a mim a tarefa de trazê-lo até aqui.

Se o mar, agora escorrendo suavemente sobre a Areia Trêmula, tivesse se transformado em terra firme diante de meus próprios olhos, duvido que pudesse ter ficado mais surpreso do que fiquei quando o Sr. Franklin pronunciou essas palavras.

— O Diamante do Coronel para a Srta. Rachel! — digo eu. — E seu pai, senhor, o executor do Coronel! Ora, eu teria apostado o que o senhor quisesse, Sr. Franklin, que seu pai não teria tocado no Coronel nem com um par de pinças!

— Palavras fortes, Betteredge! O que havia contra o Coronel? Ele pertencia ao seu tempo, não ao meu. Diga-me o que sabe sobre ele, e eu lhe direi como meu pai tornou-se seu executor, e mais ainda. Fiz algumas descobertas em Londres sobre meu tio Herncastle e seu Diamante, que não me parecem nada bonitas, e quero que você as confirme. Você o chamou de o malvado Coronel agora mesmo. Cheque sua memória, velho amigo, e diga-me por quê.

Vi que ele estava aflito, e lhe contei.

Eis aqui a essência do que eu disse, escrita inteiramente para sua informação. Prestem atenção, ou ficarão perdidos quando formos mais fundo na história. Esqueçam por um instante as crianças, o jantar, o chapéu novo ou o que seja. Tentem deixar de lado a política, os cavalos, os preços da Bolsa de Valores e os desentendimentos no clube. Espero que não interpretem mal essa liberdade que agora tomo; é apenas uma maneira que tenho de atrair a atenção do gentil leitor. Deus! Já não o vi com os maiores autores nas mãos, e não sei quão pronta é sua atenção quando é um livro que a solicita, em vez de uma pessoa?

Falei, um pouco antes, do pai de minha senhora, o velho senhor de pavio curto e língua comprida. Ele tinha ao todo cinco filhos. Dois rapazes para começar. Então, depois de um longo tempo, sua mulher começou novamente a procriar, e as três moças vieram rapidamente uma após a outra, tão rapidamente quanto a natureza das coisas permite; minha patroa sendo, como já foi mencionado, a mais nova e a melhor das três. Um dos filhos, o mais velho, Arthur, herdou o título e as propriedades. O segundo, John, o Ilustre, teve uma bela fortuna herdada de um parente, e foi para o exército.

Dizem que o pássaro que suja o próprio ninho é um pássaro mau. Considero a nobre família dos Herncastle como meu ninho, e tomarei como um favor se não me pedirem para

entrar em detalhes a respeito de John, o Ilustre. Acredito honestamente que ele foi um dos maiores patifes que jamais existiu. Posso dificilmente dizer algo a mais ou a menos em sua defesa. Foi para o exército, começando pela guarda real. Teve de deixar a guarda real antes de completar 21 anos — não importa por que. Eles são muito severos no exército, e foram severos demais para John, o Ilustre. Foi então para a Índia, ver se eram igualmente severos por lá e tentar pôr mãos à obra. No que tange à bravura (para fazer-lhe jus), era uma mistura de buldogue e galo-de-briga, com uma pitada de selvageria. Participou do ataque a Seringapatam. Pouco depois, transferiu-se para outro regimento e, no devido tempo, transferiu-se novamente. No terceiro obteve sua última patente como Tenente-Coronel e, ao consegui-la, conseguiu também uma insolação e voltou para casa, na Inglaterra.

Voltou com um temperamento que lhe fechou todas as portas da família, liderada por minha senhora (então recém-casada), que declarava (com a aprovação de Sir John, é claro) que seu irmão nunca entraria em casa sua. Havia mais de uma mácula no Coronel para fazer com que as pessoas se afastassem dele; mas o borrão do Diamante é tudo que preciso mencionar aqui.

Disseram que ele entrou na posse dessa joia indiana de um modo que não ousava confessar, mesmo com toda sua coragem. Nunca tentou vendê-la — uma vez que não precisava de dinheiro, e que (para fazer-lhe jus mais uma vez) também não se importava com ele. Nunca deu o Diamante, nunca o mostrou a ninguém. Alguns diziam que ele tinha medo de que o Diamante lhe causasse problemas com as autoridades militares; outros (muito ignorantes, de fato, sobre o verdadeiro caráter desse homem) diziam que ele tinha medo de que, se o mostrasse, isso lhe custasse a vida.

Talvez houvesse um pouco de verdade nessa última afirmação. É falso dizer que ele tinha medo; mas é fato

conhecido que sua vida foi ameaçada na Índia em duas ocasiões, e acreditava-se com convicção que a Pedra da Lua estava na origem desses episódios. Quando ele voltou à Inglaterra e viu-se afastado de todos, pensou-se novamente que a Pedra da Lua era a causa de seus infortúnios. O mistério da vida do Coronel o prejudicou e isolou, pode-se dizer, de sua própria família. Os homens não permitiam sua entrada nos clubes; as mulheres — mais de uma — com quem ele queria se casar o recusaram; amigos e conhecidos ficaram míopes demais para vê-lo na rua.

Alguns homens nessa situação teriam tentado consertar as coisas. Mas render-se, mesmo estando no erro e tendo toda a sociedade contra si, não era do feitio de John, o Ilustre. Ele havia ficado com o Diamante na Índia, desafiando abertamente a acusação de assassinato. E ficou com o Diamante na Inglaterra, desafiando abertamente a opinião pública. Eis aqui o retrato do homem, como num quadro: um sujeito que desafiava tudo e um rosto que, mesmo sendo belo, parecia possuído pelo demônio.

Escutamos diversos rumores a seu respeito, de tempos em tempos. Algumas vezes dizia-se que ele havia adquirido o hábito de fumar ópio e colecionar livros antigos; às vezes contava-se que ele estava fazendo estranhas experiências químicas; em outras ele foi visto farreando e divertindo-se com os piores elementos nos bairros mais miseráveis de Londres. De qualquer modo, a vida que o Coronel levava era uma vida solitária, viciada e marginal. Uma vez, e uma única vez, depois de sua volta à Inglaterra, eu próprio o vi, cara a cara.

Cerca de dois anos antes da época sobre a qual agora escrevo, e cerca de um ano e meio antes de sua morte, o Coronel foi inesperadamente à casa de minha senhora em Londres. Era a noite do aniversário da Srta. Rachel, 21 de junho, e havia uma festa em sua homenagem, como de hábito.

Recebi uma mensagem do laçao dizendo que um cavalheiro desejava ver-me. Subindo para o vestíbulo, ali encontrei o Coronel, em frangalhos, maltrapilho, velho e sujo, mais selvagem e mau do que nunca.

— Suba — disse ele — e diga à minha irmã que passei para desejar muitos anos de vida à minha sobrinha.

Ele havia tentado se reconciliar com minha senhora por carta mais de uma vez, por nenhum outro motivo, tenho certeza, que não o de importuná-la. Mas essa era a primeira vez que realmente vinha até a casa. Dizer que minha senhora tinha uma festa naquela noite estava na ponta da minha língua. Mas seu ar demoníaco me assustou. Subi as escadas com o recado e deixei-o, conforme sua própria vontade, esperando no vestíbulo. Os criados o ficaram olhando de longe, como se ele fosse uma máquina de destruição ambulante, carregada de pólvora e balas, capaz de disparar em sua direção de um momento para o outro.

Minha senhora possuía um toque — não mais — do temperamento da família.

— Diga ao Coronel Herncastle — disse ela — que a Srta. Verinder está ocupada, e que eu não quero vê-lo.

Tentei persuadi-la a dar uma resposta mais cordial do que essa, conhecendo a superioridade constitucional do Coronel em relação às regras que governam os cavalheiros em geral. Inútil! O temperamento da família me atingiu diretamente.

— Quando eu quero o seu conselho — disse minha senhora —, você sabe que eu sempre o peço. Não estou pedindo agora.

Desci as escadas com o recado, do qual tomei a liberdade de apresentar uma versão nova e corrigida de minha própria lavra, que se segue: Minha senhora e a Srta. Rachel sentem muito estarem ocupadas, Coronel, e pedem para ser poupadas da honra de vê-lo.

Esperava que ele se zangasse, mesmo tendo colocado as coisas desse modo educado. Para minha surpresa ele não fez nada nesse estilo; intrigou-me por tomar a coisa de maneira estranhamente calma. Seus olhos, de um cinza com um brilho cintilante, fixaram-se em mim por um momento; e ele riu, não para fora de si, como as outras pessoas, mas para dentro de si, de uma maneira suave, sincopada, horrivelmente má.

— Obrigado, Betteredge — disse ele. — Vou me lembrar do aniversário de minha sobrinha.

Com isso, virou-se e saiu da casa.

Veio o aniversário seguinte, e ouvimos dizer que ele estava de cama, doente. Seis meses depois — ou seja, seis meses antes da época sobre a qual agora escrevo — chegou para minha senhora uma carta de um respeitável clérigo. Ela continha duas maravilhosas notícias familiares. Primeiro, que o Coronel havia perdoado sua irmã em seu leito de morte. Segundo, que havia perdoado todos os outros, tendo um fim deveras edificante. Eu mesmo (a despeito dos bispos e dos clérigos) tenho um respeito sincero pela Igreja. Mas, ao mesmo tempo, acredito firmemente que o demônio continuava a possuir John, o Ilustre, e que o último ato abominável da vida daquele homem abominável (com todo o respeito) foi enganar o clérigo!

Esse é o resumo do que contei ao Sr. Franklin. Observei que ele escutava com mais e mais atenção à medida que eu prosseguia. Observei também que a história do Coronel, posto para fora da casa de sua irmã no dia do aniversário de sua sobrinha, pareceu abalar o Sr. Franklin como um tiro que acerta o alvo. Embora ele não admitisse, vi que o fez sentir-se desconfortável, o que era visível em seu rosto.

— Você contou sua história, Betteredge — observou ele. — Agora é minha vez. No entanto, antes que eu lhe conte minhas descobertas de Londres e o modo como me envolvi nesse assunto do Diamante, eu quero saber uma coisa. Parece, meu

velho amigo, que você não entende o objetivo dessa nossa conversa. Sua aparência dá a impressão errada?

— Não, senhor — disse eu. — Minha aparência, neste momento, diz a verdade.

— Nesse caso — disse o Sr. Franklin —, suponhamos que eu lhe comunique meu ponto de vista, antes de continuarmos. Vejo três questões muito sérias relacionadas ao presente de aniversário do Coronel para minha prima Rachel. Ouça-me com cuidado, Betteredge, e conte nos dedos, se isso ajudar — disse o Sr. Franklin, com certo prazer em mostrar o quão objetivo podia ser, o que me lembrou maravilhosamente os velhos tempos em que ele era garoto. — Pergunta primeira: o Diamante do Coronel era motivo de conspiração na Índia? Pergunta segunda: a conspiração seguiu o Diamante do Coronel até a Inglaterra? Pergunta terceira: o Coronel sabia que a conspiração seguia o Diamante, e propositalmente deixou um legado de problemas e perigo para sua irmã, através da pessoa inocente da filha de sua irmã? É aí que quero chegar, Betteredge. Não deixe que isso o assuste.

Era ótimo dizer isso, mas ele havia me assustado.

Se estivesse certo, ali estava nossa calma casa inglesa repentinamente invadida por um demoníaco Diamante indiano — trazendo consigo uma conspiração de malfeitores, lançada contra nós pela vingança de um morto. Tal era nossa situação, tal como me foi revelada pelas últimas palavras do Sr. Franklin. Quem poderia acreditar nisso — no século XIX, por favor; em uma época de progresso e em um país que gozava das bênçãos da Constituição inglesa? Ninguém jamais havia escutado algo igual e, conseqüentemente, não se podia esperar que ninguém acreditasse. Continuarei minha história, no entanto, a despeito disso.

Quando se tem uma preocupação súbita, do tipo da que eu havia tido, nove entre dez vezes o lugar onde se sente o impacto é o estômago. Quando se sente o impacto no

estômago, a atenção foge e fica-se nervoso. Fiquei silenciosamente nervoso sentado no meu pedaço de areia. O Sr. Franklin percebeu minha luta com o estômago ou com a mente perturbada — com sua licença, trata-se da mesma coisa — e, aprontando-se para começar a sua parte da história, disse-me ríspidamente:

— O que você quer?

O que eu queria? Não contei a ele, mas contarei aos senhores, confidencialmente. Eu queria uma baforada do meu cachimbo e queria dar uma olhada no Robinson Crusóé.

Guardando para mim mesmo meus sentimentos, pedi respeitosamente ao Sr. Franklin que prosseguisse. O Sr. Franklin respondeu:

— Não fique nervoso, Betteredge — e continuou.

As primeiras palavras de nosso jovem cavalheiro informaram— me que suas descobertas, em relação ao perverso Coronel e ao Diamante, haviam começado com uma visita sua (antes que viesse ao nosso encontro) ao advogado da família, em Hampstead. Um comentário casual do Sr. Franklin, quando os dois se encontravam sozinhos um dia depois do jantar, revelou que ele havia sido incumbido por seu pai de levar um presente de aniversário para a Srta. Rachel. Uma coisa levou à outra e terminou com o advogado mencionando a natureza real do presente e como a relação amigável entre o falecido Coronel e o Sr. Blake pai havia surgido. Aqui, os fatos são tão extraordinários que duvido poder confiar em minhas próprias palavras para fazer-lhes justiça. Prefiro tentar relatar as descobertas do Sr. Franklin da melhor maneira possível, nas palavras do próprio Sr. Franklin.

— Você se lembra, Betteredge — disse ele —, da época em que meu pai estava tentando provar seu direito àquele infeliz ducado? Pois bem! Foi também por essa época que meu tio Herncastle voltou da Índia. Meu pai descobriu que seu cunhado tinha em mãos certos papéis que poderiam lhe ser úteis em sua causa judicial. Procurou o Coronel, fingindo estar lhe dando as boas-vindas de volta à Inglaterra. O Coronel não era homem para ser enganado daquela maneira. — Você quer alguma coisa, disse ele, ou nunca teria comprometido sua reputação procurando por mim. Meu pai viu que sua única chance era dar a mão à palmatória: admitiu, de imediato, que queria os papéis. O Coronel pediu um dia para pensar. Sua resposta veio na forma de uma extraordinária carta, que meu

amigo advogado me mostrou. O Coronel começava dizendo que queria algo de meu pai e propunha uma amistosa troca de serviços entre os dois. A ventura da guerra (era a expressão que ele usava) havia colocado em suas mãos um dos maiores diamantes do mundo, e ele tinha razões para acreditar que nem ele, nem essa preciosa joia estavam seguros em qualquer casa, em qualquer lugar do globo que ocupassem juntos. Nessas circunstâncias alarmantes, havia resolvido colocar o Diamante nas mãos de outra pessoa. Essa pessoa não correria nenhum risco. E poderia depositar a preciosa pedra em qualquer lugar vigiado e isolado — como o cofre-forte de um banco especialmente destinado ao depósito de objetos de grande valor. Sua principal preocupação pessoal nesse assunto seria a de se manter passivo. Deveria se organizar — quer por conta própria, quer através de um representante de confiança — para receber, em um endereço combinado, em certas datas do ano preestabelecidas, um bilhete do Coronel, que confirmaria simplesmente estar ainda vivo até aquela data. No caso de a data passar sem que o bilhete fosse recebido, o silêncio do Coronel deveria ser tomado como uma prova certa de sua morte por assassinato. Nesse caso, e em nenhum outro, certas instruções lacradas relacionadas ao destino do Diamante e guardadas com ele deveriam ser abertas e seguidas sem hesitação. Se meu pai escolhesse aceitar essa estranha incumbência, os documentos do Coronel estariam à sua disposição em troca. Essa era a carta.

— O que seu pai fez, senhor? — perguntei.

— Fez? — disse o Sr. Franklin. — Vou lhe contar o que ele fez. Leu a carta do Coronel com a inestimável qualidade do bom senso. Declarou que a história toda era simplesmente absurda. Em algum ponto de suas peregrinações indianas, o Coronel havia encontrado algum maldito cristal que pensava ser um diamante. Quanto ao perigo de ser assassinado, e as precauções para preservar sua vida e seu pedaço de cristal, estávamos no século XIX e a única coisa que qualquer homem

em pleno gozo de suas faculdades devia fazer era chamar a polícia. Durante anos o Coronel havia sido um notório comedor de ópio; e, se a única maneira de conseguir os valiosos documentos que possuía era aceitando um delírio opiáceo como fato, meu pai estava bastante disposto a assumir a ridícula responsabilidade que lhe era imposta — mais prontamente ainda por esta não envolver nenhum transtorno para si próprio. O Diamante e as instruções lacradas foram para o cofre-forte de seu banco, e as cartas do Coronel, que periodicamente atestavam que ainda se encontrava vivo, eram recebidas e abertas pelo advogado de nossa família, o Sr. Bruff, como representante de meu pai. Nenhuma pessoa sensata, em igual situação, poderia ter analisado o problema de outra maneira. Nada neste mundo, Betteredge, é provável a não ser que excite nossa própria e enganadora experiência, e só acreditamos em um romance quando o lemos em um jornal.

Ao ouvir isso, ficou claro para mim que o Sr. Franklin considerava a opinião de seu pai sobre o Coronel precipitada e errada.

— Qual é sua opinião pessoal sobre o assunto, senhor? — perguntei.

— Terminemos primeiro a história do Coronel — disse o Sr. Franklin. — Curiosamente, Betteredge, a mente inglesa carece de lógica, e sua pergunta, velho amigo, é uma prova disso. Quando não estamos ocupados construindo máquinas, temos as mentes mais dispersas do universo. Eis para o que vale uma educação estrangeira!, pensei comigo mesmo. Suponho que tenha sido na França que ele aprendeu a zombar de nós dessa maneira.

O Sr. Franklin retomou o fio da meada e continuou.

— Meu pai — disse ele — conseguiu os documentos que queria e nunca mais viu seu cunhado de novo. Ano após ano, nos dias preestabelecidos, chegava a carta prometida pelo

Coronel, que era aberta pelo Sr. Bruff. Vi essas cartas, numa pilha, todas escritas com as mesmas palavras, breves e formais: Senhor, esta é para certificar que ainda estou em vida. Deixe o Diamante onde está. John Herncastle. Era tudo o que ele escrevia, e as cartas chegavam regularmente no dia certo. Até há cerca de seis ou oito meses, quando a forma da carta variou pela primeira vez. Agora estava escrito: “*Senhor, dizem-me que estou morrendo. Venha até mim e ajude-me a fazer meu testamento*”. O Sr. Bruff foi e encontrou-se com ele na pequena casa de subúrbio com jardim onde vivia sozinho desde que voltara da Índia. Ele tinha cachorros, gatos e passarinhos para fazer-lhe companhia; mas nenhum ser humano perto dele, a não ser a pessoa que vinha diariamente fazer o trabalho doméstico e o médico à sua cabeceira. O testamento foi tarefa muito simples. O Coronel havia dissipado a maior parte de sua fortuna em suas investigações químicas. Seu testamento começou e terminou em três cláusulas, que ele ditou de sua cama, em perfeito domínio de suas faculdades. A primeira cláusula assegurava a guarda e sustento de seus animais. A segunda fundava um curso de química experimental em uma universidade do norte. A terceira legava a Pedra da Lua a sua sobrinha como presente de aniversário, com a condição de que meu pai fizesse às vezes de executor. De início, meu pai recusou-se. Pensando melhor, no entanto, consentiu, em parte por estar seguro de que ser executor do Coronel não lhe traria problemas, e em parte porque o Sr. Bruff observou, no interesse de Rachel, que afinal o Diamante poderia ter algum valor.

— O Coronel deu alguma razão, senhor — perguntei —, para ter deixado o Diamante para a Srta. Rachel?

— Não apenas isso: a razão estava escrita em seu testamento — disse o Sr. Franklin. — Tenho um excerto, que lhe mostro agora. Não seja precipitado, Betteredge! Uma coisa de cada vez. Você ouviu a história do testamento do Coronel; agora deve ouvir o que aconteceu depois da morte do Coronel.

Era necessário avaliar formalmente o Diamante antes que o testamento pudesse ser executado. Todos os joalheiros consultados confirmaram de imediato a afirmação do Coronel de que possuía um dos maiores diamantes do mundo. A questão da avaliação exata apresentava algumas dificuldades sérias. Seu tamanho o tornava um fenômeno no mercado de diamantes; sua cor o colocava em uma categoria à parte; e, para somar-se a esses elementos de incerteza, havia um defeito, na forma de uma rachadura, no coração da pedra. No entanto, mesmo com esse sério porém, a menor das várias estimativas foi de vinte mil libras. Imagine a surpresa de meu pai! Ele havia estado a um passo de se recusar a agir como executor e de deixar que essa magnífica joia fosse perdida para a família. O interesse que demonstrava pelo assunto induziu-o a abrir as instruções lacradas que haviam sido depositadas com o Diamante. O Sr. Bruff mostrou-me esse documento, assim como os outros; ele propõe uma explicação (a meu ver) para a natureza da conspiração que ameaçava a vida do Coronel.

— Então o senhor acredita que havia uma conspiração?

— Sem o formidável bom senso de meu pai — respondeu o Sr. Franklin —, acredito que a vida do Coronel estava ameaçada, exatamente como ele havia declarado. As instruções lacradas, penso eu, explicam como ele veio a morrer, no final das contas, deitado calmamente em sua cama. Em caso de morte violenta (ou seja, na ausência de sua carta na data combinada), meu pai deveria mandar a Pedra da Lua diretamente para Amsterdã. Ela deveria ser entregue a um famoso lapidador de diamantes daquela cidade e cortada em quatro a seis pedras separadas. As pedras seriam então vendidas ao preço justo, e o lucro seria aplicado na criação do curso de química experimental que o Coronel acabou prevendo em seu testamento. Agora, Betteredge, exerça essa sua perspicácia e observe a conclusão para a qual apontam as instruções do Coronel!

Exerci sem demora minha perspicácia. Ela era do tipo inglês dissipado e conseqüentemente tudo se misturou, até que o Sr. Franklin tomou as rédeas e mostrou-me o que deveria ver.

— Observe — disse o Sr. Franklin —, que a integridade do Diamante, como uma pedra única, depende aqui da preservação da vida do Coronel de uma morte violenta. Não satisfeito em dizer aos inimigos que teme: *Matem-me e não chegarão mais perto do Diamante do que estão agora. Ele está num lugar onde não podem pegá-lo — no cofre-forte de um banco.* Disse, em vez disso: *Matem-me e o Diamante não será mais o Diamante. Sua identidade será destruída.* O que isso significa?

Aqui (pensei) tive um lampejo da maravilhosa inteligência estrangeira.

— Eu sei — disse eu. — Significa diminuir o valor da pedra e assim enganar os malfeitores.

— Nada disso — disse o Sr. Franklin. — Eu me informei a esse respeito. O Diamante rachado, dividido, teria na verdade valido mais do que como está agora, pela simples razão que de quatro a seis brilhantes perfeitos poderiam ser talhados a partir dele, o que seria, no todo, mais valioso do que a grande — mas imperfeita — pedra única. Se o roubo, com intenção de ganho, estivesse na origem da conspiração, as instruções do Coronel certamente faziam com que valesse mais a pena roubar o Diamante. Poder-se-ia conseguir mais dinheiro com ele, e seu escoamento no mercado de diamantes teria sido incomensuravelmente mais fácil se ele tivesse passado pelas mãos do artesão de Amsterdã.

— Deus nos guarde, senhor! — exclamei. — Qual era a conspiração então?

— Uma conspiração organizada pelos indianos, os proprietários originais da joia — disse o Sr. Franklin. — Uma conspiração que tem por origem alguma superstição hindu.

Essa é a minha opinião, confirmada por um documento de família que tenho em mãos neste momento.

Entendi naquele instante por que a aparição dos três prestidigitadores indianos em nossa casa havia despertado a atenção do Sr. Franklin como uma circunstância digna de nota.

— Não quero impor-lhe minha opinião — continuou o Sr. Franklin. — A ideia de alguns devotos escolhidos de uma antiga superstição hindu se dedicarem, através de todas as dificuldades e perigos, a uma chance de recuperar sua gema sagrada me parece perfeitamente condizente com tudo o que sabemos da paciência das raças e da influência das religiões orientais. Mas sou um homem imaginativo, e o açougueiro, o padeiro e o coletor de impostos não são as únicas realidades dignas de crédito em minha mente. Dê-se o devido valor à minha avaliação da verdade nesse assunto e passemos à única questão prática que nos diz respeito. A conspiração contra a Pedra da Lua permanece após a morte do Coronel? E o Coronel sabia disso quando deixou o presente de aniversário para sua sobrinha?

Comecei, então, a ver como minha senhora e a Srta. Rachel entravam na história. Não perdi nenhuma palavra do que ele disse.

— Quando descobri a história da Pedra da Lua — disse o Sr. Franklin —, não estava muito disposto a ser seu portador até aqui. Mas o Sr. Bruff lembrou-me de que alguém devia colocar o legado de minha prima em suas próprias mãos, e que eu, assim como qualquer outro, poderia fazê-lo. Depois de tirar o Diamante do banco, pensei estar sendo seguido na rua por um homem maltrapilho, de pele escura. Fui à casa de meu pai pegar minha bagagem, e encontrei ali uma carta, que me deteve inesperadamente em Londres. Voltei ao banco com o Diamante, e pensei ter visto novamente o maltrapilho. Ao tirar o Diamante do banco mais uma vez, esta manhã, vi o homem pela terceira vez, deixei-o para trás e (antes que ele pudesse

me achar novamente) tomei o trem da manhã, em vez do trem da tarde. Aqui estou, com o Diamante são e salvo, e qual a primeira notícia que recebo? Descubro que três andarilhos indianos estiveram na casa, e que minha chegada de Londres e algo que eu supostamente carregaria comigo são objeto de especial interesse da parte deles quando acreditam estar sozinhos. Não vou perder tempo e palavras com a tinta que derramaram na mão do menino, nem com o fato de lhe terem dito para procurar na tinta um homem que viria de longe e algo em seu bolso. Isso tudo (que vi com frequência no Oriente) é magia, em minha opinião, como na sua. A questão sobre a qual devemos nos decidir é: estou dando importância exagerada a um mero acidente? Ou realmente temos provas de que os indianos estão atrás da Pedra da Lua, a partir do momento em que esta saiu do cofre do banco?

Nem ele nem eu parecíamos dispostos a lidar com esta parte da investigação. Olhamos um para o outro, e então para a maré, vindo calmamente em nossa direção, cada vez mais alta, cobrindo a Areia Trêmula.

— Em que está pensando? — disse o Sr. Franklin de repente.

— Estava pensando, senhor — respondi —, que eu gostaria de jogar o Diamante na areia movediça e resolver o assunto assim.

— Se você tiver no seu bolso o valor da pedra, Betteredge — respondeu o Sr. Franklin —, diga, e é para lá que ela vai!

É curioso notar, quando a mente está ansiosa, o quanto uma pequena brincadeira pode trazer alívio. Achamos graça, naquele momento, da ideia de desfazer-nos da propriedade da Srta. Rachel, e de colocar o Sr. Blake, como executor, em grandes apuros — embora agora eu não consiga descobrir onde estava a graça.

O Sr. Franklin foi o primeiro a trazer a conversa de volta a seu objetivo inicial. Tirou do bolso um envelope, abriu-o e me estendeu o papel que saiu de dentro.

— Betteredge — disse ele —, devemos nos interessar pelo motivo de o Coronel ter deixado a herança para sua sobrinha, pelo bem de minha tia. Tenha em mente a maneira como Lady Verinder tratou seu irmão quando ele voltou à Inglaterra, até a vez em que ele lhe disse que se lembraria do aniversário da sobrinha. E leia isso.

Estendeu-me o excerto do testamento do Coronel. Tenho-o ao meu lado enquanto escrevo estas palavras e o copio, como se segue, para sua informação:

“Em terceiro e último lugar, lego e deixo para minha sobrinha, Rachel Verinder, filha única de minha irmã Julia Verinder, viúva — se sua mãe, a citada Julia Verinder, estiver viva no citado aniversário de Rachel Verinder após minha morte —, o Diamante amarelo pertencente a mim e conhecido no Oriente pelo nome de Pedra da Lua: sob esta condição, que sua mãe, a citada Julia Verinder, esteja viva na ocasião. E desejo que meu executor deposite meu Diamante, por suas próprias mãos ou por algum representante de confiança por ele escolhido, nas mãos de minha citada sobrinha Rachel, em seu aniversário seguinte após minha morte, e na presença, se possível, de minha irmã, a citada Julia Verinder. E desejo que minha citada irmã seja informada, através de uma cópia autenticada desta — a terceira e última cláusula de meu testamento — de que eu deixo o Diamante para sua filha Rachel, em prova de meu perdão espontâneo pelo mal que sua conduta em relação à minha pessoa causou à minha reputação durante minha vida. E para provar especialmente que perdoou, como é digno de um homem à beira da morte, o insulto a mim feito como oficial e cavalheiro quando seu criado, por ordem sua, fechou para mim a porta de sua casa, no dia do aniversário de sua filha”.

Mais palavras se seguiam, prevendo que, se minha senhora estivesse morta, ou se a Srta. Rachel estivesse morta na ocasião da morte do testador, o Diamante fosse enviado para a Holanda, de acordo com as instruções lacradas guardadas originalmente com ele. Os lucros da venda, neste caso, seriam acrescentados ao dinheiro já deixado pelo testamento para o curso de química na universidade do norte.

Devolvi o papel ao Sr. Franklin, sem saber o que lhe dizer. Até aquele momento, minha opinião pessoal havia sido (como os senhores sabem) a de que o Coronel tinha morrido de maneira tão malvada quanto havia vivido. Não digo que a cópia de seu testamento afastou-me dessa opinião: digo apenas que me surpreendeu.

— Bem — disse o Sr. Franklin — agora que leu o testamento do Coronel, o que você me diz? Ao trazer a Pedra da Lua para a casa de minha tia, estou executando sua vingança sem sabê-lo, ou vingando sua memória de homem penitente e cristão?

— Parece difícil dizer, senhor— respondi que ele morreu com uma terrível vingança no coração e com uma terrível mentira nos lábios. Só Deus sabe a verdade. Não pergunte a mim.

O Sr. Franklin, sentado, torcia e virava o excerto do testamento nas mãos, como se esperasse poder espremer a verdade daquela maneira. Ao mesmo tempo, alterou-se de maneira visível. De enérgico e brilhante, tomou-se, sem explicação, um jovem lento, solene e pensativo.

— Essa questão tem dois lados — disse. — Um lado objetivo e um lado subjetivo. Por qual começaremos?

Assim como uma educação francesa, ele havia recebido uma educação alemã. Uma delas (supunha eu) o havia dominado de maneira incontestada até ali. E agora (até onde eu podia perceber) a outra estava tomando seu lugar. Uma de minhas regras na vida é jamais prestar atenção naquilo que

não compreendo. Tomei um caminho a meio—termo entre o lado objetivo e o lado subjetivo. Em bom inglês, olhei para o Sr. Franklin fixamente e nada disse.

— Vejamos o significado implícito disso — disse o Sr. Franklin.

— Por que meu tio deixou o Diamante para Rachel? Por que não o deixou para minha tia?

— Isso não é muito difícil, senhor, de modo algum — disse eu.

— O Coronel Herncastle conhecia minha senhora o suficiente para saber que ela teria recusado qualquer herança que lhe tivesse sido deixada por ele.

— Como ele sabia que Rachel também não a recusaria?

— Existe alguma moça nesse mundo, senhor, capaz de resistir à tentação de aceitar um presente de aniversário como a Pedra da Lua?

— Essa é a visão subjetiva — disse o Sr. Franklin. — É um grande mérito seu, Betteredge, ser capaz de abordar a visão subjetiva. Mas há outro mistério sobre o legado do Coronel que ainda não foi abordado. Como poderemos explicar o fato de o Coronel dar o presente de aniversário a Rachel com a condição de que sua mãe estivesse viva?

— Não quero ofender um homem morto, senhor — respondi. — Mas se ele propositalmente deixou uma herança de problemas e perigo para sua irmã, através de sua filha, tal herança deve ser subordinada à condição de que sua irmã esteja viva, para que possa sentir seus efeitos.

— Ah! É essa a sua interpretação do motivo? De novo a interpretação Subjetiva! Você já esteve na Alemanha, Betteredge?

— Não, senhor. Qual é, por obséquio, a sua interpretação?

— Considero — disse o Sr. Franklin — que o objetivo do Coronel pode, possivelmente, ter sido não beneficiar sua

sobrinha, que ele jamais havia visto, mas sim provar para sua irmã que ele a havia perdoado ao morrer, e prová-lo de maneira muito bonita, através de um presente para sua filha. Há uma explicação totalmente diferente da sua, Betteredge, partindo-se de um ponto de vista subjetivo-objetivo. Até onde posso ver, tanto uma quanto a outra interpretação podem estar corretas.

Tendo trazido o assunto a esse desfecho agradável e reconfortante, o Sr. Franklin pareceu pensar que havia feito tudo o que se esperava dele. Deitou-se de costas na areia e perguntou o que deveria ser feito em seguida.

Ele havia sido tão esperto, tão límpido em seu raciocínio (antes de começar com as bobagens estrangeiras), e havia tomado as rédeas do assunto tão completamente até ali, que eu estava bastante despreparado para uma mudança tão súbita quanto a que ele exibiu ao apoiar-se em mim. Só mais tarde eu soube — com a ajuda da Srta. Rachel, que foi a primeira a fazer a descoberta — que essas mudanças e transformações intrigantes do Sr. Franklin eram devido ao efeito que exercia, sobre ele, sua educação estrangeira. Na idade em que todos nós estamos mais aptos a formar nosso caráter, por meio da reflexão sobre o caráter dos outros, ele havia sido mandado para o estrangeiro, havia passado de um país para o outro, antes que qualquer caráter pudesse ter tido tempo de fixar-se nele. Como consequência disso, havia retornado com tantas facetas diferentes de caráter, todas mais ou menos brigando entre si, que parecia passar a vida em um perpétuo estado de contradição consigo mesmo. Podia ser um homem trabalhador e um homem preguiçoso; um homem de ideias nebulosas e um homem de ideias claras; um modelo de determinação e um espetáculo de fraqueza, tudo ao mesmo tempo. Tinha seu lado francês, seu lado alemão e seu lado italiano — a base original inglesa aparecendo, de quando em quando, o bastante para dizer: Aqui estou, altamente desfigurada, como podem ver, mas ainda resta algo de mim no

fundo dele. A Srta. Rachel costumava observar que seu lado italiano dominava-o naquelas ocasiões em que ele rendia-se inesperadamente, e pedia a seu modo agradável e doce que se tomasse em mãos sua própria responsabilidade. Não lhe farão injustiça, creio, se concluírem que o lado italiano dominava-o agora.

— Não é tarefa sua, senhor —, perguntei — saber o que fazer agora? Certamente não será minha?

O Sr. Franklin não pareceu ver a procedência da minha pergunta — estando, na ocasião, em posição na qual não podia ver outra coisa a não ser o céu sobre sua cabeça.

— Não quero alarmar minha tia sem razão — disse ele. — E não quero deixá-la sem o que pode ser um aviso crucial. Se você estivesse em meu lugar, Betteredge, diga-me, em uma palavra, o que você faria?

Em uma palavra eu lhe disse:

— Esperaria.

— De todo o coração — disse o Sr. Franklin. — Quanto tempo?

Tratei de explicar-me.

— Tal como o entendo, senhor — disse eu —, alguém está fadado a colocar esse maldito Diamante nas mãos da Srta. Rachel no dia de seu aniversário, e o senhor pode fazê-lo tanto quanto qualquer outro. Muito bem. Estamos no dia 25 de maio, e o aniversário é dia 21 de junho. Temos quase quatro semanas diante de nós. Esperemos e vejamos o que acontece até lá; e avisemos ou não a minha senhora, de acordo com as circunstâncias.

— Perfeito até aí, Betteredge! — disse o Sr. Franklin. — Mas entre hoje e o aniversário, o que será feito do Diamante?

— Certamente o que seu pai fez com ele, senhor! — respondi. — Seu pai o colocou no cofre-forte de um banco em Londres. O senhor o colocará no cofre-forte do banco de

Frizinghall. (Frizinghall era a cidade mais próxima, e o Banco da Inglaterra não era mais seguro do que o banco que havia lá.) Se eu fosse o senhor —, acrescentei o levaria imediatamente para Frizinghall antes que as senhoras voltem.

A perspectiva de fazer algo — e, mais ainda, de fazer algo montado em um cavalo — fez o Sr. Franklin se levantar como que atingido por um raio. Pôs-se de pé e ajudou-me a levantar sem a menor cerimônia.

— Betteredge, você vale seu peso em ouro — disse ele. — Venha e sele o melhor cavalo dos estábulos agora mesmo!

Essa (Deus a proteja!) era sua base inglesa finalmente aparecendo através de todo o verniz estrangeiro! Aquele era o senhor Franklin do qual eu me lembrava, animando-se da boa e velha maneira diante da ideia de uma cavalgada, e lembrando-me os bons velhos tempos! Selar um cavalo para ele? Eu teria selado uma dúzia de cavalos, se ele pudesse montá-los todos!

Voltamos para a casa apressadamente, mandamos selar o cavalo mais veloz dos estábulos apressadamente, e o Sr. Franklin partiu apressadamente para guardar o Diamante amaldiçoado mais uma vez no cofre-forte de um banco. Quando ouvi os últimos sons dos cascos de seu cavalo na estrada e vi-me novamente sozinho no jardim, senti-me inclinado a me perguntar se não havia acabado de acordar de um sonho.

CAPÍTULO 7

Enquanto eu estava nesse estado de espírito desconcertante, precisando muito de alguns momentos a sós para voltar ao meu estado normal, minha filha Penélope atravessou meu caminho (do mesmo modo que sua falecida mãe costumava fazer nas escadas), e mandou que lhe contasse imediatamente o que havia sido dito na conversa entre o Sr. Franklin e eu. Nas atuais circunstâncias, a única coisa a se fazer era jogar um balde de água fria na curiosidade de Penélope. Respondi que o Sr. Franklin e eu havíamos falado de política estrangeira até não mais aguentar, e então havíamos ambos caído no sono sob o calor do sol. Tentem esse tipo de resposta da próxima vez em que sua mulher ou sua filha os preocuparem com uma pergunta inoportuna em um momento inoportuno, e confiem na gentileza natural das mulheres para que tudo se resolva com um beijo na próxima oportunidade.

A tarde passou, e minha senhora e a Srta. Rachel voltaram.

Nem é preciso dizer o quão surpresas ficaram ao saber que o Sr. Franklin Blake havia chegado e partido novamente a cavalo. Tampouco é preciso dizer que elas fizeram perguntas inoportunas de maneira direta, e que a política estrangeira e o adormecer sob o sol não funcionariam uma segunda vez com elas. Sem mais ideias, eu disse que a chegada do Sr. Franklin no trem da manhã devia ser atribuída inteiramente a um dos ímpetos do Sr. Franklin. Perguntado em seguida se o fato de o Sr. Franklin ter saído a galope havia sido outro de seus ímpetos, eu disse:

— Sim, foi. — E saí da situação (muito espertamente, creio) desse modo.

Tendo superado minhas dificuldades com as senhoras, encontrei mais dificuldades à minha espera quando voltei ao meu quarto. Eis que adentra Penélope — com a gentileza

natural das mulheres — para beijar-me e fazer as pazes e, com a curiosidade natural das mulheres, fazer outra pergunta. Desta vez queria apenas que eu lhe contasse qual era o problema com nossa segunda ajudante, Rosanna Spearman.

Depois de ter deixado o Sr. Franklin e eu na Areia Trêmula, Rosanna, ao que parecia, havia voltado a casa em um estado bastante inexplicável. Seu rosto (segundo contou Penélope) havia adquirido todas as cores do arco-íris. Ela havia ficado feliz sem razão, e triste sem razão. Em um fôlego só fez centenas de perguntas sobre o Sr. Franklin Blake, e em outro fôlego ficou zangada com Penélope por sugerir que um cavalheiro desconhecido pudesse ter para ela algum interesse. Havia ficado surpresa, sorrido e escrito o nome do Sr. Franklin na parte interna de sua caixa de costura. Havia ficado novamente surpresa, chorado e olhado para seu ombro deformado no espelho. Teriam ela e o Sr. Franklin se conhecido antes daquele dia? Impossível, realmente! Teriam ouvido falar um do outro? Impossível novamente! Eu podia assegurar que o espanto do Sr. Franklin tinha sido genuíno, quando ele viu a maneira como a garota o olhava. Penélope podia assegurar que a curiosidade da garota havia sido genuína, quando ela fez perguntas sobre o Sr. Franklin. A nossa conversa, travada deste modo, era cansativa o bastante, até que minha filha a encerrou abruptamente ao pronunciar o que eu considerava ser a suposição mais monstruosa que jamais havia escutado em toda a minha vida.

— Papai — disse Penélope, bastante séria —, só há uma explicação. Rosanna apaixonou-se pelo Sr. Franklin Blake à primeira vista!

Os senhores já ouviram falar em belas moças que se apaixonam à primeira vista, e acharam isso bastante natural. Mas uma criada, saída de um reformatório, com um rosto comum e um ombro deformado, apaixonar-se à primeira vista por um cavalheiro em visita à casa de sua patroa, eu lhes

desafio a encontrar absurdo semelhante em qualquer livro jamais publicado na Cristandade! Ri até que lágrimas escorreram pelas minhas faces. Penélope ofendeu-se com minha alegria, de modo bastante estranho.

— Nunca o vi ser cruel antes, papai — disse ela, com muita gentileza, e saiu.

As palavras de minha menina atingiram-me como um jato de água fria. Fiquei transtornado comigo mesmo por ter me sentido pouco à vontade no momento em que ela as pronunciou — mas assim era. Mudemos de assunto, com sua licença. Sinto ter me deixado levar a escrever a respeito; e não sem razão, como verão quando houvermos avançado juntos mais um pedaço.

A noite veio, e a campainha do jantar tocou, antes que o Sr. Franklin voltasse de Frizinghall. Eu próprio levei água quente até seu quarto, esperando ouvir, depois desse atraso extraordinário, que algo havia acontecido. Para minha grande decepção (e sem dúvida sua também), nada havia acontecido. Ele não havia encontrado os indianos, tanto na ida como na volta. Havia depositado a Pedra da Lua no banco — descrevendo-a simplesmente como um objeto de grande valor — e o recibo encontrava-se a salvo em seu bolso. Desci as escadas, sentindo que esse era um final muito sem graça, depois de todo o nosso alarde a respeito do Diamante mais cedo.

Como transcorreu o encontro entre o Sr. Franklin e sua tia e prima é mais do que posso contar-lhes.

Eu teria pago alguém para ter eu mesmo servido à mesa naquele dia. Mas, na minha posição entre os criados, servir à mesa do jantar (exceto em grandes festas de família) era a seus olhos abrir mão da minha dignidade — algo que minha senhora já me considerava bastante pronto a fazer, sem ter que buscar ocasiões para tal. As notícias que me foram

trazidas das regiões superiores vieram de Penélope e do laçao naquela noite. Penélope mencionou jamais haver visto a Srta. Rachel tão preocupada com seu penteado, e nunca a havia visto tão espirituosa e bonita do que quando desceu para encontrar o Sr. Franklin na sala de visitas. O depoimento do laçao foi de que manter a compostura diante de seus chefes e servir à mesa para o Sr. Franklin foram duas das tarefas mais difíceis de serem conciliadas, que jamais haviam posto à prova sua formação. Mais tarde, os ouvimos cantar e brincar de duetos, o Sr. Franklin cantando agudo, a Srta. Rachel cantando mais agudo ainda, e minha senhora, ao piano, acompanhando-os por montes e vales, por assim dizer, e finalizando a cantoria de uma maneira deveras maravilhosa e agradável de se ouvir através das janelas abertas, no terraço, à noite. Mais tarde ainda, fui ao encontro do Sr. Franklin no fumadouro, com soda e brandy, e descobri que a Srta. Rachel havia tirado o Diamante de sua mente por completo.

— Ela é a moça mais encantadora que encontrei desde que voltei à Inglaterra! — foi tudo o que consegui extrair dele, quando ousei desviar a conversa para coisas mais sérias.

Por volta de meia-noite, dei a volta na casa para trancar as portas, acompanhado de meu ajudante (Samuel, o laçao), como de hábito. Quando todas as portas estavam trancadas, exceto pela porta lateral que abre para o terraço, mandei Samuel para a cama, e saí para tomar um pouco de ar puro antes de ir para a cama eu também.

A noite estava quieta e densa, e a lua cheia no céu. Tudo estava tão silencioso lá fora que, de tempos em tempos, eu escutava o barulho do mar, muito tênue e baixo, à medida que as ondas iam e vinham no banco de areia perto da entrada de nossa pequena baía. A casa ficava de tal modo situada, que o lado do terraço era o lado escuro; mas a vasta luz da lua refletia-se no caminho de cascalho que ladeava a casa até o terraço. Olhando nessa direção, depois de observar o céu, vi a

sombra de uma pessoa sob a luz da lua, lançada de trás do canto da casa.

Sendo velho e astuto, parti para dar o alarme; mas sendo também, infelizmente, velho e pesado, meus pés me traíram no cascalho. Antes que eu pudesse dar a volta na casa rapidamente, como desejava, ouvi passos mais leves do que os meus — e mais de um par de pés, pensei — indo embora apressadamente. Quando consegui chegar ao canto, os invasores, quem quer que fossem, haviam corrido para o matagal no pé do caminho, e se escondido entre as espessas árvores e arbustos naquela parte da propriedade. Do matagal, poderiam escapar facilmente pela cerca, para a estrada. Se eu fosse quarenta anos mais jovem, teria tido uma chance de pegá-los antes que saíssem de nosso terreno. Como não era o caso, voltei para mandar atrás deles um par de pernas mais jovens que as minhas. Sem incomodar ninguém, Samuel e eu pegamos duas espingardas, demos a volta na casa e inspecionamos o matagal. Certos de que ninguém estava à espreita em lugar algum de nossa propriedade, voltamos. Passando pelo caminho onde tinha visto a sombra, reparei então, pela primeira vez, em um pequeno objeto brilhante no cascalho claro, iluminado pela luz da lua. Pegando o objeto, descobri que era uma pequena garrafa, contendo um espesso líquido de cheiro adocicado, preto como tinta.

Não disse nada a Samuel. Mas, lembrando-me do que Penélope havia me contado sobre os prestidigitadores e sobre o pequeno lago de tinta na palma da mão do menino, suspeitei instantaneamente que havia perturbado os três indianos espreitando a casa, dispostos, a seu modo pagão, a descobrir o paradeiro do Diamante naquela noite.

CAPÍTULO 8

Aqui, por um momento, acho necessária uma interrupção.

Juntando minhas lembranças — e pedindo a ajuda de Penélope, que consultou seu diário — penso que podemos passar bastante rapidamente pelo intervalo entre a chegada do Sr. Franklin Blake e o aniversário da Srta. Rachel. Na maior parte desse período, os dias passaram sem nada trazer consigo que valha a pena ser registrado. Com sua licença, portanto, e com a ajuda de Penélope, registrarei apenas algumas datas, comprometendo-me a contar a história, dia por dia, mais uma vez, assim que chegarmos ao momento em que a Pedra da Lua tornou-se o principal assunto para todos em nossa casa.

Isso dito, podemos continuar novamente — começando, é claro, com a garrafa de tinta de cheiro adocicado que achei no caminho de cascalho naquela noite.

Na manhã seguinte (a manhã do dia 26), mostrei ao Sr. Franklin esse artefato e disse a ele o que já disse aqui. Sua opinião era não só que os indianos estavam à espreita do Diamante, mas também que eram verdadeiramente tolos o suficiente para acreditar em sua própria magia — querendo dizer com isso que acreditavam que os sinais feitos acima da cabeça do menino e a tinta despejada em sua mão poderiam fazê-lo ver pessoas e coisas além do alcance da visão humana. Em nosso país, assim como no Oriente, segundo o Sr. Franklin me informou, há pessoas que praticam esses truques curiosos (sem a tinta, no entanto), e que dão a isso um nome francês, que significa algo como claridade da visão.

— Acredite — disse o Sr. Franklin —, os indianos partiram do princípio de que nós manteríamos o Diamante aqui, e trouxeram seu menino clarividente para mostrar-lhes como

encontrá-lo, se eles tivessem conseguido entrar na casa na noite passada.

— O senhor acha que eles tentarão de novo?

— Depende — disse o Sr. Franklin — do que o menino realmente pode fazer. Se ele for capaz de ver o Diamante através do cofre-forte do banco em Frizinghall, não seremos mais perturbados por visitas de indianos por enquanto. Se ele não for capaz, teremos outra chance de pegá-los no matagal, antes que muitas noites tenham se passado.

Esperei com bastante confiança por essa última chance, mas, estranhamente, ela nunca chegou.

Quer os prestidigitadores tivessem ouvido falar na cidade da visita do Sr. Franklin ao banco e tirado suas próprias conclusões; quer o menino tivesse realmente visto o Diamante no lugar onde ele agora se encontrava (coisa da qual eu, por minha parte, duvido muito); ou quer, afinal, tivesse sido uma mera casualidade, essa é de qualquer maneira a pura verdade — nem sombra de indiano chegou perto da casa novamente, durante as semanas que se passaram antes do aniversário da Srta. Rachel. Os prestidigitadores continuaram pela cidade praticando seu ofício, e o Sr. Franklin e eu continuamos a esperar para ver o que aconteceria, resolvidos a não despertar a desconfiança dos malfeitores e manifestando nossas suspeitas a seu respeito cedo demais. Com esse relato dos procedimentos de ambos os lados, acaba tudo o que por ora tenho a dizer sobre os indianos.

No dia 29 do mês, a Srta. Rachel e o Sr. Franklin descobriram um novo método para atravessar os dias que, de outro modo, teriam lhes parecido intermináveis. Há razões para se interessar particularmente pela ocupação que os distraía. O senhor descobrirá que ela tem influência sobre algo que ainda está por vir.

As pessoas bem-nascidas têm em geral um fardo muito inconveniente na vida — o fardo de seu próprio ócio. Já que suas vidas, na maior parte, são passadas à procura de algo para fazer, é curioso ver — especialmente quando seu gosto é do tipo chamado intelectual — o quão frequentemente lança-se às cegas atrás de alguma ocupação maldosa. Nove vezes em cada dez dedicam-se a torturar, ou a estragar algo — e têm a convicção de estarem se aperfeiçoando intelectualmente, quando a verdade é que estão apenas fazendo balbúrdia na casa. Eu os vi (senhoras, sinto dizer, além de senhores), por exemplo, sair a cada dia com caixas de pílulas vazias à caça de lagartixas, besouros, aranhas, sapos, voltar para casa e enfiar alfinetes nos pobres miseráveis, ou cortá-los em pedacinhos sem um pingo de remorso. Então, meu jovem senhor, ou minha jovem senhora, examinam o interior de uma de suas aranhas com uma lente de aumento, ou deixam um dos sapos sem cabeça — e quando nos perguntamos o que significa essa crueldade, nos dizem que significa um gosto pela história natural da parte de meu jovem senhor ou de minha jovem senhora. Algumas vezes, também, pode-se vê-los juntos durante horas estragando uma bela flor com instrumentos pontiagudos, devido a uma curiosidade estúpida para saber de que é feita a flor. Sua cor fica mais bonita, ou seu aroma mais doce, quando se sabe? Mas ora! Os pobrezinhos têm que fazer passar o tempo, compreendem —, eles têm que fazer passar o tempo. Quando criança, chafurda-se na lama e faz-se torta; quando se fica adulto, mexe-se com ciência maldosa, dissecam-se aranhas e estragam-se flores. Em um caso como no outro, o segredo é que não se tem nada para pensar nas pobres cabeças vazias, e nada para fazer com suas pobres mãos desocupadas. E portanto acaba-se estragando telas com tinta e espalhando um cheiro pela casa; ou conservando girinos em uma caixa de vidro cheia de água suja, e revirando o estômago de todos na casa; ou então colhendo pedaços de pedra aqui e acolá e deixando cair areia em todas as provisões

da casa; ou então manchando os dedos com fotografia, e fazendo justiça sem piedade ao rosto de todos na casa. Sem dúvida, muitas vezes é dura a vida das pessoas verdadeiramente obrigadas a ganhar a vida, forçadas a trabalhar pelas roupas que as cobrem, o teto que as abriga e a comida que as faz viver. Mas comparem o mais duro dia de trabalho que jamais tiveram ao ócio que despedaça flores e insere objetos nos estômagos de aranhas, e agradeçam sua estrela por sua cabeça ter algo em que deve pensar, e suas mãos, algo que devem fazer.

Quanto ao Sr. Franklin e à Srta. Rachel, eles nada torturavam, fico grato em dizer. Simplesmente limitavam-se a fazer confusão. Tudo o que estragaram, para fazer-lhes justiça, foi a almofada de uma porta.

O gênio universal do Sr. Franklin, que lidava com tudo, pôs-se a lidar com o que ele chamava de pintura decorativa. Ele havia inventado, conforme nos informou, uma nova mistura para diluir tinta, que descrevia como veículo. Do que era feita, não sei. O que fazia, posso dizer-lhe em duas palavras — cheirava mal. Já que a Srta. Rachel estava louca para colocar as mãos no novo processo, o Sr. Franklin mandou buscar os materiais em Londres; misturou-os, o que acompanhou um cheiro que fez os próprios cachorros espirrarem ao entrarem no recinto; colocou um avental e uma touca sobre o vestido da Srta. Rachel, e a pôs para trabalhar na decoração de sua própria salinha de visitas — chamada, por falta de palavra inglesa para descrevê-la, de boudoir. Começaram com o interior da porta, O Sr. Franklin raspou todo o belo verniz com uma pedra-pomes, criando o que chamou de superfície de trabalho. Então, a Srta. Rachel, sob sua direção e com sua ajuda, cobriu a superfície com formas e figuras — grifos, pássaros, flores, cupidos e coisas assim — copiadas de desenhos de um pintor italiano famoso, cujo nome me foge: o mesmo que encheu o mundo de Virgens Marias e tinha uma namorada na padaria. Como trabalho, essa

decoração era de lenta realização e de suja lida. Mas nossa jovem senhora e nosso jovem senhor nunca pareciam se cansar. Quando não estavam cavalgando, ou visitando conhecidos, ou fazendo as refeições, ou cantando suas canções, estavam com as cabeças juntas, operosos como abelhas, estragando a porta. Quem foi o poeta que disse que Satã ainda há de encontrar algo mau a fazer para mãos ociosas? Se ele tivesse ocupado meu lugar na família, e tivesse visto a Srta. Rachel com seu pincel e o Sr. Franklin com seu veículo, não poderia ter escrito nada de mais verdadeiro a respeito.

A data seguinte digna de nota é domingo, dia 4 de junho.

Naquela tarde, nós, na ala dos criados, debatemos uma questão doméstica pela primeira vez, que, assim como a decoração da porta, tinha ligação com algo que ainda estava por vir.

Vendo o prazer com o qual o Sr. Franklin e a Srta. Rachel compartilhavam da companhia um do outro, e observando que lindo par formavam em todos os sentidos, naturalmente especulamos sobre a chance de juntarem suas cabeças com outros objetivos em vista além do de decorar uma porta. Alguns de nós disseram que haveria um casamento na casa antes do final do verão. Outros (liderados por mim) admitiram que era bastante provável que a Srta. Rachel se casasse; mas duidávamos (por razões que virão em seguida) que o noivo fosse o Sr. Franklin Blake.

Que o Sr. Franklin, por sua vez, estava apaixonado, ninguém que o visse ou ouvisse poderia duvidar. A dificuldade era compreender a Srta. Rachel. Deixem-me fazer-lhe as honras de apresentá-la; depois do que os deixarei compreendê-la por conta própria — se puderem.

O décimo oitavo aniversário de minha jovem senhora era o aniversário que estava por vir, no dia 21 de junho. Se o senhor gosta de mulheres de cabelos escuros (que, segundo

me informam, saíram de moda ultimamente nas rodas mundanas) e não tiver nenhum preconceito específico em relação à altura, respondo pela Srta. Rachel como uma das garotas mais bonitas em quem o senhor jamais pousou os olhos. Pequena e esbelta, tinha, no entanto, proporções perfeitas da cabeça aos pés. Vê-la sentar-se, vê-la levantar-se e especialmente vê-la andar era o bastante para convencer qualquer homem de bom senso que as graças de sua pessoa (com o perdão da expressão) estavam em sua carne e não em suas roupas. Seu cabelo era o mais negro que eu jamais havia visto. Seus olhos combinavam com seus cabelos. Seu nariz não chegava a ser grande o bastante, admito. Sua boca e queixo eram (citando o Sr. Franklin) manjares dos deuses; e sua tez (citando a mesma fonte inquestionável) era quente como o próprio sol, com a grande vantagem sobre o sol de estar sempre pronta para ser vista. Acrescente-se a isso que ela mantinha a cabeça altiva como um dardo, de uma maneira arrojada, espirituosa e bem-educada; que tinha uma voz límpida, com um adequado som metálico,, e um sorriso que começava de modo muito gracioso em seus olhos antes de chegar a seus lábios — e eis aí seu retrato, tão bem pintado quanto sou capaz, em tamanho real!

E seu temperamento? Essa criatura encantadora não teria defeitos? Tinha tantos defeitos quanto a senhora, madame — nem mais nem menos.

Para falar sério, a minha querida e adorável Srta. Rachel, que possuía uma infinidade de graças e atrativos, tinha um defeito, que a total imparcialidade me obriga a admitir. Não se parecia com a maioria das garotas de sua idade nisto — no fato de ter ideias próprias, e ser cabeça-dura o bastante para desafiar a própria moda, se a moda não correspondesse a suas opiniões. Em coisas pequenas, essa sua independência não tinha importância; mas em questões importantes (assim pensava minha senhora, e assim pensava eu), levava-a longe demais. Ela julgava por conta própria de maneira como julgam

poucas mulheres com o dobro de sua idade; nunca pedia sua opinião; nunca lhe contava de antemão o que faria; nunca fazia confidências ou contava segredos a ninguém, de sua mãe para baixo. Em pequenas e grandes coisas, com pessoas que amava e com pessoas que odiava (e amava e odiava com igual vigor), a Srta. Rachel sempre agia à sua maneira, autossuficiente nas alegrias e nas tristezas de sua vida. Muitas e muitas vezes ouvi minha senhora dizer:

— O melhor amigo de Rachel e o pior inimigo de Rachel são, tanto um quanto outro, a própria Rachel.

Acrescente-se a isso mais uma observação e terei terminado.

Com toda sua discrição e teimosia, não havia nela nem sombra de falsidade. Nunca me lembro de ela ter quebrado sua palavra; não me lembro de ter dito não, querendo dizer sim. Posso me recordar, em sua infância, de mais de uma ocasião em que esta boa alma assumiu a culpa, e sofreu a punição, por alguma falta cometida por um colega de brincadeiras de quem gostava. Ninguém nunca soube que ela tenha confessado, quando a história era descoberta e ela era confrontada com isso mais tarde. Mas ninguém nunca soube que ela tenha mentido a respeito, tampouco. Ela olhava direto nos olhos, balançava sua pequena cabeça graciosa e dizia simplesmente: Não vou dizer! Punida novamente por isso, admitia sentir muito por ter dito não; mas, mesmo a pão e água, nunca contava. Teimosa — diabolicamente teimosa algumas vezes, concedo —, mas, mesmo assim, a melhor das criaturas que jamais pisou nesse mundo. Talvez os senhores acreditem ver aqui uma certa contradição? Nesse caso, uma palavra para seus ouvidos. Estudem suas mulheres bem de perto, durante as próximas 24 horas. Se suas senhoras não exibirem algum traço de contradição durante esse tempo, Deus lhes ajude! — os senhores casaram-se com um monstro.

Agora que lhes dei a conhecer a Srta. Rachel, logo verão que Isso nos coloca face a face, em seguida, com a questão das opiniões matrimoniais dessa jovem senhora.

No dia 12 de junho, um convite de minha senhora foi enviado a um cavalheiro de Londres, para que viesse ajudar com o aniversário da Srta. Rachel. Esse é o afortunado indivíduo por quem eu pensava que seu coração se havia secretamente decidido! Como o Sr. Franklin, era um primo seu. Seu nome era Godfrey Ablewhite.

A segunda irmã de minha senhora (não se alarmem; não vamos nos aprofundar em assuntos familiares desta vez) — a segunda irmã de minha patroa, dizia eu, havia tido uma decepção amorosa e, casando-se mais tarde, segundo o princípio do tudo ou nada, fez o que se chama de aliança desafortunada. Houve terrível agitação na família quando a ilustre Caroline insistiu em se casar com o simplório Sr. Ablewhite, o banqueiro de Frizinghall. Ele era muito rico e respeitável, e gerou uma família prodigiosamente numerosa — tudo, até então, a seu favor. Mas havia pretendido alçar — se de uma condição inferior no mundo — e isso era contra ele. No entanto, o tempo e o progresso do iluminismo moderno consertaram as coisas, e a aliança desafortunada foi muito bem aceita. Estamos ficando liberais agora e (contanto que me cocem quando eu os coçar) o que me importa, dentro ou fora do Parlamento, se os senhores são lixeiros ou duques? Essa é a maneira moderna de considerar o assunto — e eu acompanho a maneira moderna. Os Ablewhite moravam em uma bela casa com grande terreno, um pouco fora de Frizinghall. Pessoas muito distintas, muito respeitadas nas redondezas. Não nos preocuparemos muito com eles nestas páginas — com exceção do Sr. Godfrey, que era o segundo filho do Sr. Ablewhite, e que deve tomar o lugar que lhe cabe aqui, se o senhor me permite, pelo bem da Srta. Rachel.

Com toda sua esperteza, sua inteligência e qualidades em geral, a chance do Sr. Franklin superar o Sr. Godfrey na estima de nossa jovem senhora era, em minha opinião, realmente muito pequena.

Em primeiro lugar, o Sr. Godfrey era, em matéria de tamanho, de longe o melhor dos dois homens. Tinha mais de um metro e oitenta de altura; uma bela compleição vermelha e branca; um rosto suave e redondo, barbeado até ficar liso como a sua própria mão; e uma cabeça cheia de lindos cabelos longos escorridos, caindo negligentemente sobre a curva de seu pescoço. Mas por que razão eu tento dar-lhes essa descrição? Se os senhores alguma vez compareceram a um encontro de Senhoras Caridosas, em Londres, conhecem o Sr. Godfrey Ablewhite tão bem quanto eu. Era advogado por profissão, homem de mulheres por temperamento e bom samaritano por escolha própria. A benevolência e a destituição femininas nada seriam sem ele. Sociedades maternais para o abrigo de mulheres pobres; sociedades de Madalena para resgatar pobres mulheres; sociedades resolvidas a colocar pobres mulheres em lugar de pobres homens, deixando os homens a sua própria sorte — ele era vice-presidente, gerente, árbitro de todas elas. Onde quer que houvesse uma mesa, com um comitê de senhoras reunidas em torno dela, ali estava o Sr. Godfrey na cabeceira, monitorando a temperatura do encontro e guiando as gentis criaturas pelos espinhosos caminhos dos negócios, de chapéu na mão. Suponho que este tenha sido o filantropo mais consumado (em escala independente) que a Inglaterra jamais produziu. Como orador em encontros de caridade não se pode encontrar facilmente um que lhe fosse páreo para arrancar lágrimas e dinheiro. Era uma figura pública e tanto. Da última vez que estive em Londres, minha senhora me deu dois regalos: mandou-me ao teatro para ver uma dançarina que era a coqueluche da cidade e mandou-me a Exeter Hall para ouvir o Sr. Godfrey. A mulher me seduziu com uma banda de música;

o cavalheiro, com um lenço e um copo d'água. Multidões no espetáculo das pernas; idem no espetáculo da língua. E com tudo isso, é a pessoa com o mais doce dos temperamentos (refiro-me ao Sr. Godfrey) — o mais simples e mais agradável e mais fácil de agradar — que jamais se conheceu. Gostava de todos. E todos gostavam dele. Que chance tinha o Sr. Franklin — que chance tinha qualquer pessoa de reputação e qualidades medianas — contra um homem como esse?

No dia 14 chegou a resposta do Sr. Godfrey.

Ele aceitava o convite de minha senhora, da quarta-feira do aniversário à noite de sexta-feira, quando suas obrigações para com as Senhoras Caridosas o obrigariam a voltar para a cidade. Acrescentou também uma cópia de versos sobre o que chamava com elegância de dia natal de sua prima. A Srta. Rachel, segundo fui informado, aliou-se ao Sr. Franklin para fazer pouco dos versos durante o jantar; e Penélope, inteiramente do lado do Sr. Franklin, perguntou-me, de maneira triunfal, o que eu pensava disso.

— A Srta. Rachel colocou você na pista errada, minha querida — respondi. — Mas meu faro não se engana com tanta facilidade. Espere até que os versos do Sr. Ablewhite sejam seguidos do próprio Sr. Ablewhite.

Minha filha respondeu que o Sr. Franklin poderia atacar e tentar a sorte, antes que os versos fossem seguidos do poeta. Em favor dessa opinião devo reconhecer que o Sr. Franklin não deixava pedra sobre pedra em seu esforço para conquistar as graças da Srta. Rachel.

Embora fosse um dos fumantes mais inveterados que jamais encontrei, abandonou o charuto, porque ela havia dito, um dia, que detestava o cheiro rançoso em suas roupas. Dormia muito mal depois desse esforço de abnegação, pois necessitava do efeito calmante do tabaco ao qual estava acostumado. Descia a cada manhã com tal aspecto abatido e cansado que a própria Srta. Rachel implorou-lhe que voltasse

a seus charutos. Não! Ele não assumiria mais nenhum hábito que lhe causasse um só instante de aborrecimento; lutaria contra ele com afinco, e conseguiria seu sono de volta, mais cedo ou mais tarde, tendo a paciência de esperar por isso. Tal devoção, os senhores poderão dizer (como disseram alguns no andar de baixo), nunca poderia deixar de produzir na Srta. Rachel o efeito certo — reforçada também, como era o caso, pelo trabalho diário de decoração da porta. Tudo muito bem — mas ela tinha uma fotografia do Sr. Godfrey em seu quarto de dormir; mostrava-o falando em público, com os cabelos agitados pelo alento de sua própria eloquência, e seus olhos, muito bonitos, atraindo o dinheiro para fora dos bolsos. O que o senhor diz disso? Todas as manhãs — como a própria Penélope me confessou — ali estava o homem de quem as mulheres não podiam prescindir, observando, impávido, enquanto ela penteava os cabelos da Srta. Rachel. Ele poderia observar na realidade em pouco tempo — essa era minha opinião.

O dia 16 de junho trouxe um acontecimento que fez as chances do Sr. Franklin parecerem, a meu ver, menores do que nunca.

Um intrigante cavalheiro, falando inglês com um sotaque estrangeiro, veio a casa naquela manhã e pediu para ver o Sr. Franklin Blake a respeito de negócios. Os negócios não poderiam de maneira nenhuma ter relação com o Diamante, por duas razões: primeiro, porque o Sr. Franklin nada tinha me dito a respeito; segundo, porque ele relatou o encontro (quando o cavalheiro havia se retirado, suponho) a minha senhora. Em seguida, ela provavelmente fez alguma menção do fato a sua filha. De qualquer modo, naquela noite, ao piano, parece que a Srta. Rachel disse coisas muito severas ao Sr. Franklin sobre as pessoas entre as quais ele havia vivido e os princípios que havia adotado nos países estrangeiros. No

dia seguinte, pela primeira vez, nada foi feito em relação à decoração da porta. Suspeito que alguma imprudência do Sr. Franklin no continente — com uma mulher ou com origem em uma dívida — o tenha seguido até a Inglaterra. Mas tudo isso são suposições. Nesse caso, não apenas o Sr. Franklin, mas, surpreendentemente, também minha senhora deixaram-me no escuro.

No dia 17, aparentemente, a nuvem se dissipou novamente. Eles retomaram seu trabalho de decoração da porta, e pareciam bons amigos como nunca. Se acreditarmos em Penélope, o Sr. Franklin havia aproveitado a oportunidade da reconciliação para fazer uma proposta à Srta. Rachel, que não havia sido nem aceita nem recusada. Minha menina tinha certeza (por sinais e mostras com os quais não preciso aborrecê-los) de que sua jovem senhora havia rechaçado o Sr. Franklin ao recusar-se a acreditar que ele falava sério, e depois havia se arrependido secretamente por tê-lo tratado dessa maneira. Embora Penélope tivesse mais intimidade com sua jovem senhora do que as criadas geralmente têm — pois as duas haviam sido praticamente criadas juntas desde crianças — ainda assim eu conhecia o temperamento reservado da Srta. Rachel bem demais para acreditar que ela daria mostras do que pensava a alguém dessa maneira. O que minha filha me contou, na ocasião, foi, conforme eu havia suspeitado, mais o que ela própria desejava do que aquilo que realmente sabia.

No dia 19 outro evento ocorreu. Tínhamos um médico na casa, em visita profissional. Havia sido chamado para atender a uma pessoa que tive ocasião de lhes apresentar nestas páginas — nossa segunda arrumadeira, Rosanna Spearman.

A pobre garota — que me havia intrigado, como os senhores já sabem, na Areia Trêmula — me intrigou mais de

uma vez depois disso, durante o intervalo de tempo sobre o qual agora escrevo. A opinião de Penélope de que sua colega estava apaixonada pelo Sr. Franklin (que minha filha, por ordem minha, manteve em estrito segredo) parecia-me tão absurda quanto antes. Mas devo admitir que o que eu próprio vi, e o que minha filha também viu, da conduta de nossa segunda arrumadeira começou a parecer, no mínimo, misterioso.

Por exemplo, a garota constantemente se colocava no caminho do Sr. Franklin — muito discreta e silenciosamente, mas o fazia. Ele tomava tanto conhecimento dela quanto do gato: nunca parecia lhe ocorrer lançar um olhar para o rosto feio de Rosanna. O apetite da pobre criatura, nunca muito grande, decaiu terrivelmente; e, pela manhã, seus olhos exibiam sinais claros de pouco sono e choro durante a noite. Um dia, Penélope fez uma descoberta constrangedora, sobre a qual se calou. Flagrou Rosanna na cômoda do Sr. Franklin, removendo secretamente uma rosa que a Srta. Rachel tinha lhe dado para usar em sua lapela, e colocando outra rosa, que ela mesma havia colhido, no lugar. Depois disso, ela foi atrevida comigo uma ou duas vezes, quando lhe dei um conselho geral e bem-intencionado para ser cuidadosa em sua conduta; e, pior ainda, não mais demonstrava muito respeito nas poucas vezes em que a Srta. Rachel lhe dirigia a palavra acidentalmente.

Minha senhora percebeu a mudança e perguntou-me o que eu pensava a respeito. Tentei proteger a garota respondendo que pensava que sua saúde estava fraca, e o resultado foi que, no dia 19, chamou-se o doutor, como já foi mencionado. Ele disse que eram os nervos, e que não tinha certeza se ela estava capacitada para trabalhar. Minha senhora ofereceu-se para transferi-la para uma de nossas fazendas, no interior, para mudar de ares. Ela implorou e suplicou, com lágrimas nos olhos, para que a deixassem ficar, e, em um momento desafortunado, aconselhei minha senhora a dar-lhe mais uma

chance por algum tempo. Como mostraram os acontecimentos, e como os senhores logo verão, foi o pior conselho que eu podia ter dado. Se ao menos eu pudesse ter visto um pouquinho o futuro, teria tirado Rosanna Spearman da casa, ali mesmo, com minhas próprias mãos.

No dia 20, chegou um bilhete do Sr. Godfrey. Ele havia previsto passar aquela noite em Frizinghall, sendo esta uma oportunidade para pedir conselhos a seu pai em relação a negócios. Na tarde do dia seguinte, ele e suas duas irmãs mais velhas viriam até aqui a cavalo, a tempo para o jantar. O bilhete veio acompanhado de um elegante pequeno escrínio de porcelana, presente para a Srta. Rachel, com o amor e os melhores votos de seu primo. O Sr. Franklin havia lhe dado apenas um simples pingente que não valia nem a metade. Ainda assim, minha filha Penélope — tal é a obstinação das mulheres — continuava a apostar nele.

Graças aos céus, chegamos finalmente à véspera do aniversário! Os senhores não de admitir, penso eu, que desta vez eu lhes trouxe até o ponto importante, sem muitos desvios no caminho. Alegrem-se! Eu os consolarei com outro capítulo novo — e, mais ainda, esse capítulo os levará diretamente ao âmago da história.

CAPÍTULO 9

O dia do aniversário, 21 de junho, estava nublado e instável ao nascer do sol, mas por volta do meio-dia clareou bravamente.

Nós, na ala dos criados, começamos o feliz aniversário, como de hábito, oferecendo pequenos presentes à Srta. Rachel, com o habitual discurso pronunciado por mim, na condição de chefe. Sigo o plano adotado pela Rainha ao abrir as sessões do Parlamento — a saber, de dizer basicamente o mesmo a cada ano. Antes de pronunciá-lo, meu discurso (como o da Rainha) é esperado com tal ansiedade como se nada do gênero nunca tivesse sido ouvido antes. Depois de pronunciado, e de ficar claro que não tem nada da novidade que se esperava, embora resmunguem um pouco, ficam esperançosamente à espera de algo mais no ano seguinte. Povo fácil de governar, no Parlamento e na cozinha — eis a moral da história.

Depois do café da manhã, o Sr. Franklin e eu tivemos uma conversa particular a respeito da Pedra da Lua — já que havia chegado a hora de removê-la do banco em Frizinghall, e colocá-la nas mãos da Srta. Rachel.

Se ele havia novamente tentado cortejar sua prima e havia sido rejeitado — ou se seu repouso interrompido, noite após noite —, estava agravando as estranhas contradições e incertezas de seu caráter não sei. Mas o que é certo é que o Sr. Franklin não se mostrou em sua melhor forma na manhã do aniversário. Teve vinte atitudes diferentes a respeito do Diamante durante a mesma quantidade de minutos. Por minha parte, mantive-me fiel aos fatos conforme os conhecia. Nada havia acontecido que justificasse o fato de alarmarmos minha senhora a respeito da joia; e nada poderia alterar a obrigação legal do Sr. Franklin de colocá-la nas mãos de sua prima. Era

minha opinião sobre o assunto e, por mais que ele o virasse e revirasse, foi forçado, no final, a tornar esta sua opinião também. Combinamos que ele iria a cavalo, depois do almoço, até Frizinghall, e traria de volta o Diamante, com o Sr. Godfrey e as duas jovens damas, muito provavelmente, para acompanhá-lo no caminho de volta.

Combinado isso, o jovem cavalheiro voltou à Srta. Rachel.

Consumiram a manhã inteira e parte da tarde em sua função interminável de decoração da porta, com Penélope ajudando a misturar as cores, segundo instruções; e minha senhora, conforme se aproximava a hora do almoço, entrava e saía do quarto, com o lenço à altura do nariz (pois naquele dia eles usaram grande quantidade do veículo do Sr. Franklin), tentando em vão afastar os dois artistas de seu trabalho. Já eram três horas quando tiraram seus aventais, liberaram Penélope (tanto pior para o veículo) e se limparam de sua bagunça. Mas haviam feito o que queriam — haviam terminado a porta no dia do aniversário e estavam muito orgulhosos. Os grifos, cupidos e afins eram, devo admitir, bonitos de se ver; embora muito numerosos, tão emaranhados em flores e formas, e tão ambíguos em suas ações e atitudes que se podia senti-los desagradavelmente na cabeça horas depois de haver terminado o prazer de se olhar para eles. Se eu acrescentar a isso que Penélope terminou sua parte do trabalho da manhã passando mal na cozinha dos fundos, não é porque sou contra o veículo. Não! Não! Este parava de cheirar mal uma vez seco; e se a Arte requer esse tipo de sacrifícios — embora a garota seja minha própria filha —, então eu digo, que venham!

O Sr. Franklin pegou um bocado na mesa do almoço e partiu a cavalo para Frizinghall — para acompanhar seus primos, conforme disse à minha senhora. Para pegar a Pedra da Lua, como era de seu conhecimento particular e do meu.

Sendo essa uma das grandes festividades nas quais eu tomava meu lugar servindo à mesa, comandando os criados

em serviço, tinha muito com que ocupar a mente enquanto o Sr. Franklin estava fora. Tendo providenciado o vinho e passado meus homens e mulheres que serviriam à mesa em revista, retirei-me para reunir forças antes da chegada dos convidados. Uma tragada de — os senhores sabem o quê — e uma olhada em certo livro que tive ocasião de mencionar nestas páginas recompuseram meu corpo e minha alma. Fui despertado do que sou levado a crer não ter sido um cochilo, mas sim um enleio, pelo som de cascos de cavalos do lado de fora; indo até a porta, recebi uma companhia que incluía o Sr. Franklin e seus três primos, escoltados por um dos lacaios do velho Sr. Ablewhite.

O Sr. Godfrey me surpreendeu, muito estranhamente, por mostrar-se como o Sr. Franklin no seguinte respeito — a saber, não parecia estar em seu estado de espírito costumeiro. Apertou minha mão gentilmente como de costume, e ficou muito educadamente agradecido por ver seu velho amigo Betteredge em tão boa forma. Mas pairava sobre ele uma espécie de nuvem, que eu não podia de modo algum explicar; quando perguntei pela saúde de seu pai, respondeu-me com um breve Como de costume. No entanto, as duas senhoritas Ablewhite demonstravam alegria suficiente por vinte, o que fez mais do que restaurar o equilíbrio. Eram quase tão altas quanto seu irmão, fortes, de cabelos louros, meninas rosadas, carne e osso em abundância transbordante, explodindo de saúde e bom humor da cabeça aos pés. As pernas dos pobres cavalos tremiam com o esforço de carregá-las, e, quando saltaram de suas selas (sem esperar ajuda), declaram que quicaram no solo como se fossem feitas de borracha indiana. Tudo o que as senhoritas Ablewhite diziam começava com um grande *Oh!*; tudo o que faziam era feito com estardalhaço; riam e gritavam, a propósito e fora de propósito, diante da menor provocação. Saltadoras — é como eu as chamo.

Encoberto pelo barulho causado pelas jovens damas, eu tive a oportunidade de dizer uma palavra em particular ao Sr. Franklin no vestíbulo.

— O Diamante está em segurança, senhor?

Ele aquiesceu e bateu no bolso de seu casaco.

— Algum sinal dos indianos?

— Nada.

Com essa resposta, perguntou por minha senhora e, ao ouvir que ela estava na pequena sala de estar, foi diretamente para lá. A sineta tocou antes que um minuto tivesse se passado, e Penélope foi dizer à Srta. Rachel que o Sr. Franklin Blake queria lhe falar.

Cruzando o vestíbulo, cerca de meia hora depois, minha atenção foi subitamente despertada por gritos vindos da pequena sala de estar. Não poderia dizer que fiquei alarmado, pois reconheci nos gritos os grandes *Oh*s preferidos das Srtas. Ablewhite. No entanto, entrei (sob o pretexto de pedir instruções sobre o jantar) para descobrir se algo sério havia realmente acontecido.

Ali estava a Srta. Rachel à mesa, fascinada, com o desafortunado Diamante do Coronel nas mãos. Ali, uma a cada lado, estavam ajoelhadas as duas saltadoras, devorando a joia com os olhos e gritando em êxtase a cada vez que ela brilhava. Ali, do lado oposto da mesa, estava o Sr. Godfrey, batendo palmas como uma criança grande e exclamando baixinho:

— Primoroso! Primoroso!

Ali estava o Sr. Franklin, sentado em uma cadeira perto da estante, mexendo na barba e olhando ansiosamente em direção à janela. E ali, na janela, estava o objeto que contemplava — minha senhora, com o excerto do testamento do Coronel nas mãos, com as costas viradas para todos.

Ela virou-se para mim, quando pedi as instruções, e vi o franzir de cenho típico da família se formando sobre seus

olhos, e o temperamento da família comichando nos cantos de sua boca.

— Venha ao meu quarto dentro de meia hora — ela respondeu. — Terei algo a lhe dizer então.

Com essas palavras, saiu. Ficou bastante claro que estava tendo a mesma dificuldade que o Sr. Franklin e eu havíamos tido durante nossa conversa na Areia Trêmula. O legado da Pedra da Lua era uma prova de que havia tratado seu irmão com uma injustiça cruel? Ou era uma prova de que ele era pior do que a pior opinião que ela tivesse a seu respeito? Perguntas sérias, estas, para minha senhora responder, enquanto sua filha, inocente de qualquer conhecimento a respeito do caráter do Coronel, ali estava com seu presente de aniversário nas mãos.

Antes que eu pudesse, em seguida, deixar o aposento, a Srta. Rachel, sempre atenciosa para com o velho criado que estava na casa desde o seu nascimento, me interrompeu.

— Olhe, Gabriel — disse ela, e fez reluzir a joia diante de meus olhos em um raio de sol que entrava pela janela.

Deus nos abençoe! Era mesmo um Diamante! Tão grande, ou quase, quanto um ovo de tordo! A luz que emanava dele era como a luz da lua cheia. Quando se olhava para dentro da pedra, olhava-se para um amarelo tão profundo que atraía os olhos para dentro dele de maneira que nada mais viam. Parecia irreal; aquela joia, que podia ser segurada entre o polegar e o indicador, parecia irreal. Colocamo-la ao sol, e depois apagamos as luzes do aposento, e ela cintilou horivelmente desde as profundezas de seu próprio brilho, com um fulgor lunar, no escuro. Não era de espantar que a Srta. Rachel estivesse fascinada; não era de espantar que suas primas gritassem. O Diamante teve tal efeito sobre mim que emiti um Oh tão grande quanto o das próprias saltadoras. O único que manteve a calma foi o Sr. Godfrey, Colocou um braço ao redor da cintura de cada uma de suas irmãs e,

olhando compassivamente do Diamante para mim e de mim para o Diamante, disse:

— Carbono, Betteredge. Nada mais que carbono, meu velho amigo, no fim das contas.

Seu intuito era, suponho, instruir-me. Tudo o que fez, no entanto, foi lembrar-me do jantar. Despenquei-me em direção ao meu exército de serviçais no andar de baixo. Quando saía, o Sr. Godfrey falou:

— Meu velho e caro Betteredge, tenho a mais sincera estima por ele!

Ele estava abraçando suas irmãs e olhando amorosamente para a Srta. Rachel, enquanto me honrava com esse testemunho de afeição. Digam-me se existe um poço de amor como aquele\ Em comparação, o Sr. Franklin era um perfeito selvagem.

Ao cabo de meia hora, apresentei-me, conforme instruções, nos aposentos de minha senhora.

O que ocorreu entre minha patroa e eu nessa ocasião foi, principalmente, uma repetição do que havia ocorrido entre mim e o Sr. Franklin na Areia Trêmula — com a diferença de que tomei cuidado para guardar para mim mesmo minha opinião sobre os prestidigitadores, vendo que nada havia acontecido para justificar o fato de alarmar minha senhora. Quando fui liberado, podia ver que ela tinha as piores opiniões sobre os motivos do Coronel e estava disposta a tirar a Pedra da Lua das mãos de sua filha na primeira oportunidade.

No caminho de volta à minha parte da casa, encontrei-me com o Sr. Franklin. Ele quis saber se eu havia visto sua prima Rachel. Eu não a tinha visto. Podia eu lhe dizer onde estava seu primo Godfrey? Eu não sabia, mas comecei a suspeitar de que o primo Godfrey talvez não estivesse longe da prima Rachel. As suspeitas do Sr. Franklin aparentemente eram do mesmo teor. Puxou a barba com força e foi trancar-se na

biblioteca, batendo a porta de uma maneira que continha um mundo de significado.

Não fui mais interrompido na tarefa da preparação do jantar de aniversário até que chegou a hora de me aprontar para receber os convidados. Mal havia colocado meu colete, Penélope interrompeu minha toailete, sob o pretexto de escovar o pouco de cabelo que me resta e melhorar o nó da minha gravata. Minha menina estava animada, e vi que tinha algo a me dizer. Deu-me um beijo no alto da minha cabeça calva e sussurrou:

— Novidades para você, papai! Ele foi recusado pela Srta. Rachel.

— Quem é ele? — perguntei.

— O homem do comitê de senhoras, papai — disse Penélope. — Um tipo muito do dissimulado! Eu o detesto por tentar derrotar o Sr. Franklin!

Se eu tivesse fôlego suficiente, certamente teria protestado contra essa maneira indecente de se referir a um eminente filantropo. Mas acontecia que minha filha estava naquele instante melhorando o nó da minha gravata, e toda a força de seu sentimento passou para seus dedos. Nunca em minha vida cheguei tão perto de ser estrangulado.

— Eu o vi levá-la sozinha para o roseiral — disse Penélope. — E esperei atrás do azevinho para ver como voltariam. Haviam saído de braços dados, ambos rindo. Voltaram andando separadamente, do modo mais grave possível, e olhando na direção oposta um do outro de maneira que não podia haver erro. Nunca fiquei tão feliz, papai, em toda minha vida! Pelo menos há uma mulher no mundo capaz de resistir ao Sr. Godfrey Ablewhite; e, se eu fosse uma dama, eu seria outra!

Aqui eu deveria ter protestado novamente. Mas minha filha já havia pego a escova de cabelos, e toda a força de seu sentimento havia passado para aquilo. Se os senhores forem

calvos, entenderão como ela me supliciou. Se não forem, pulem esta parte e agradeçam a Deus por ter alguma barreira defensiva entre a escova de cabelos e sua cabeça.

— Logo que haviam passado pelo azevinho — prosseguiu Penélope o Sr. Godfrey parou. Você prefere, perguntou ele, que eu fique aqui como se nada tivesse acontecido? A Srta. Rachel virou-se para ele como um relâmpago. Você aceitou o convite de minha mãe, disse ela, e está aqui para conhecer os convidados. A menos que queira fazer um escândalo na casa, é claro que vai ficar! Ela deu mais alguns passos e depois pareceu se acalmar um pouco. Vamos esquecer o que aconteceu, Godfrey, disse ela, e continuemos primos. Deu a ele sua mão. Ele a beijou, o que eu teria considerado uma liberdade, e então ela o deixou. Ele esperou um pouco sozinho, com a cabeça baixa, e seu calcanhar cavando lentamente um buraco no caminho de cascalho; nunca na vida o senhor viu um homem tão desapontado. Constrangedor!, disse ele entre os dentes, quando levantou a cabeça e rumou para a casa, Muito constrangedor! Se essa era sua opinião sobre si próprio, estava muito certo. Muito constrangedor, com certeza. E o fim de tudo, papai, é o que venho lhe dizendo o tempo todo — grita Penélope, acabando comigo com um último golpe da escova, o mais feroz. — O Sr. Franklin é o homem!

Tomei a escova de cabelos e abri a boca para administrar a repreensão que, os senhores hão de admitir, a linguagem e a conduta de minha filha mereciam.

Antes que eu pudesse dizer palavra, irrompeu um estrondo de rodas do lado de fora, o que me fez parar. Os primeiros convidados para o jantar haviam chegado. Penélope saiu imediatamente. Coloquei meu casaco e olhei-me no espelho. Minha cabeça estava vermelha como uma lagosta; mas, no mais, eu estava bem vestido para as cerimônias da noite, tanto quanto um homem deve estar. Cheguei ao

vestíbulo a tempo de anunciar os dois primeiros convidados. O senhor não deve se interessar particularmente por eles. Tratava-se apenas do pai e da mãe do filantropo — o Sr. e a Sra. Ablewhite.

CAPÍTULO 10

Uns depois dos outros, o restante dos convidados seguiu-se aos Ablewhite, até que todos tivessem chegado. Incluindo a família, eram 24 ao todo. Era uma visão muito nobre vê-los sentados em seus lugares à mesa de jantar. O prior de Frizinghall levantou-se e deu graças (com uma bela elocução).

Não há porque incomodá-los com uma lista dos convidados. Os senhores não hão de encontrá-los de novo — pelo menos na minha parte da história —, com exceção de dois.

Estes dois estavam sentados de ambos os lados da Srta. Rachel que, como rainha do dia, era naturalmente a grande atração da festa. Naquele dia ela era mais do que nunca o centro das atenções de todos, pois (para aborrecimento secreto de minha senhora) estava usando seu lindo presente de aniversário, que ofuscava todo o resto — a Pedra da Lua. Quando foi colocada em suas mãos, a pedra não estava incrustada; mas aquele prodígio universal, o Sr. Franklin, havia conseguido, com a ajuda de seus dedos ágeis e de um pedaço de arame, fixá-lo na lapela de seu vestido branco como um broche. Todos se admiravam, naturalmente, diante do prodigioso tamanho e beleza do Diamante. Mas os únicos que disseram alguma coisa sobre ele foram os dois convidados que mencionei, que estavam sentados do lado direito e esquerdo da Srta. Rachel.

O convidado à sua esquerda era o Sr. Candy, nosso médico em Frizinghall.

Ele era um homenzinho agradável, caloroso, mas tinha a desvantagem, devo admitir, de ser demasiado orgulhoso, em qualquer circunstância, de suas brincadeiras e de sua capacidade de lançar-se impulsivamente em conversas com estranhos, sem esperar para tatear o terreno. Em sociedade,

estava sempre cometendo erros e constrangendo inadvertidamente as pessoas. Em seu consultório era um homem mais prudente: discreto por uma espécie de instinto (como diziam seus inimigos) e geralmente certo onde médicos mais cuidadosos se revelavam equivocados. O que ele disse à Srta. Rachel sobre o Diamante foi dito, como de hábito, através de um embuste, uma brincadeira. Gravemente, ele instou-a (para o interesse da ciência) a deixá-lo levar a pedra para casa e queimá-la. *Primeiro, Srta. Rachel, vamos aquecê-lo até determinado grau de calor, — disse o doutor —, depois vamos expô-lo a uma corrente de ar; e, aos poucos, puf!, Vamos evaporar o Diamante e poupá-la de uma infinidade de preocupações a respeito da segurança de tão valiosa pedra!* Minha senhora, escutando com uma expressão bastante preocupada, parecia querer que o doutor estivesse falando a sério, e que tivesse encontrado a Srta. Rachel dona do bastante da ciência para que o deixasse sacrificar seu presente de aniversário.

O outro convidado, sentado à direita de minha jovem senhora, era uma figura pública notória — nada menos do que o célebre viajante indiano Sr. Murthwaite, que, arriscando a própria vida, havia entrado disfarçado ali onde nenhum europeu havia colocado os pés antes.

Era um homem alto, magro, de tez escura e silencioso. Tinha uma aparência abatida e um olhar muito direto e atento. Dizia-se que estava cansado da vida tediosa junto às pessoas de nosso país, e que ansiava por voltar à Índia e lançar-se novamente à aventura nas regiões selvagens do Oriente. Exceto pelo que disse à Srta. Rachel sobre a joia, duvido que tenha dito seis palavras ou bebido ao menos uma única taça de vinho, durante todo o jantar. A Pedra da Lua era o único assunto que o interessava um mínimo que fosse. A fama da pedra parecia tê-lo alcançado em alguns dos perigosos lugares indianos que havia escolhido para suas andanças.

Depois de olhá-la em silêncio durante tanto tempo que a Srta. Rachel começou a ficar encabulada, ele lhe disse da sua maneira calma e imóvel:

— Se a senhora alguma vez for à Índia, Srta. Verinder, não leve o presente de aniversário de seu tio. Um diamante hindu muitas vezes faz parte de uma religião hindu. Conheço uma cidade, e certo templo naquela cidade, onde, vestida como está agora, sua vida não duraria cinco minutos.

Segura na Inglaterra, a Srta. Rachel adorou ouvir a respeito de seu perigo na Índia. As Saltadoras adoraram mais ainda; deixaram cair suas facas e garfos com estardalhaço, e exclamaram juntas, com veemência: Oh! Que interessante! Minha senhora mexeu-se nervosamente na cadeira e mudou de assunto.

À medida que o jantar prosseguia, dei-me conta, aos poucos, de que essa comemoração não estava tendo tanto sucesso quanto outras comemorações anteriores.

Analisando agora o aniversário à luz de tudo o que aconteceu, fico bastante inclinado a pensar que o Diamante amaldiçoado deve ter lançado uma sombra sobre todos os presentes. Amaciei-os bastante com vinho; e, sendo de um caráter excepcional, acompanhei os pratos impopulares em torno da mesa e sussurrei aos convivas, confidencialmente: Queira mudar de ideia e prove; sei que há de lhe fazer bem. Nove vezes em cada dez, eles mudavam de opinião — devido à consideração por seu velho e original Betteredge, como gostavam de dizer —, mas de nada adiantava. Houve pausas de silêncio durante a conversa, à medida que o jantar avançava, que me fizeram pessoalmente sentir-me pouco à vontade. Por exemplo, o Sr. Candy, o doutor, fez mais comentários infelizes do que eu jamais o havia visto fazer. Peguem uma amostra do que ele disse e entenderão o que tive de aguentar junto ao aparador, em meu posto de comando; eu,

com o caráter de um homem que tem comemorações em grande conta.

Uma das senhoras presentes ao jantar era a virtuosa Sra. Threadgall, viúva do falecido professor do mesmo nome. Sempre falando de seu finado marido, essa boa senhora nem uma vez fazia menção, a estrangeiros, de que ele havia falecido. Pensava, suponho, que todo adulto capacitado na Inglaterra deveria saber ao menos isso. Durante uma das pausas, alguém mencionou o assunto algo constrangedor da anatomia humana, ao que a Sra. Threadgall imediatamente mencionou seu falecido marido, como de hábito, sem mencionar que ele estava morto. Descreveu a anatomia como o principal passatempo do professor em suas horas de lazer. Como queria o azar, o Sr. Candy, sentado à sua frente (que nada sabia do finado cavalheiro), escutou-a. Sendo o mais educado dos homens, aproveitou-se de imediato da oportunidade de complementar os passatempos anatômicos do professor.

— Ultimamente têm aparecido uns esqueletos notáveis no Colégio de Cirurgiões — disse o Sr. Candy por cima da mesa, em uma voz alta e alegre. — Recomendo que, da próxima vez que o professor tiver uma horínha de folga, vá fazer-lhes uma visita.

Podia-se ter escutado um alfinete cair no chão. Os convivas (por respeito à memória do professor) ficaram todos calados. Na hora, eu estava atrás da Sra. Threadgall, amaciando-a em segredo com um copo de vinho branco. Ela abaixou a cabeça e lançou numa voz muito baixa:

— Meu querido esposo não está mais vivo.

O infeliz Sr. Candy, que não escutava nada e estava longe de suspeitar da verdade, continuou por cima da mesa, mais alto e mais educado do que nunca.

— O professor talvez não saiba — disse ele —, que pode entrar lá com um cartão do Colégio, todos os dias menos domingo, entre as dez e as quatro.

A Sra. Threadgall abaixou a cabeça até quase tocar seu guardanapo e, em voz ainda mais baixa, repetiu as palavras solenes: “Meu querido esposo não está mais vivo”.

Pisquei o olho para o Sr. Candy por cima da mesa. A Srta. Rachel tocou-lhe o ombro. Minha senhora olhou para ele com coisas indizíveis nos olhos. Inútil! Ele continuou, com uma cordialidade que de qualquer maneira não se podia conter:

— Gostaria muito de enviar meu cartão ao professor, se a senhora me fizer a gentileza de dar-me seu endereço atual.

— Seu endereço atual, meu senhor, é a cova — disse a Sra. Threadgall, perdendo repentinamente a paciência e falando com uma ênfase e fúria que fizeram os copos tilintarem novamente. — O professor está morto há dez anos!

— Oh, céus! — disse o Sr. Candy.

Com exceção das Saltadoras, que começaram a rir, caiu sobre os convivas tal silêncio que todos eles poderiam ter ido na mesma direção do professor, de tanto que se podia sentir a sua presença.

Basta do Sr. Candy. Os outros convivas foram quase tão desajeitados, a seus modos diferentes, quanto o próprio doutor. Quando deveriam ter falado, não falaram; ou, quando falaram, estavam sempre a dizer coisas equivocadas. O Sr. Godfrey, embora muito eloquente em público, não o era em particular. Se estava emburrado, ou encabulado, depois de seu desapontamento no roseiral, não posso dizer. Toda sua conversa foi exclusivamente para os ouvidos da senhora sentada ao seu lado (membro da família). Era uma das senhoras do comitê — uma pessoa espirituosa, com um decote bastante amplo e um gosto pelo champanhe; gostava de champanhe seco, entendem, e em grande quantidade. Estando junto ao aparador, e perto dos dois, posso testemunhar, a

partir do que os ouvi dizer, que os convivas perderam muita conversa interessante, conversa que pude escutar enquanto secava as rolhas, cortava o carneiro e assim por diante. Não ouvi o que disseram sobre suas caridades. Quando tive tempo de escutar, eles já haviam há muito ultrapassado o assunto das mulheres que devem ser internadas e das mulheres que devem ser salvas, e estavam conversando sobre assuntos sérios. Religião (como ouvi o Sr. Godfrey dizer, entre as rolhas e o corte) significava amor. E amor significava religião. E a terra era o paraíso um pouco piorado. E o paraíso era a terra, refeita para parecer nova. A terra tinha nela pessoas muito discutíveis; mas, para compensar isso, todas as mulheres do paraíso poderiam fazer parte de um comitê prodigioso que nunca brigava, com todos os homens dando-lhes assistência como anjos serviçais. Lindo! Lindo! Mas por que maldade o Sr. Godfrey guardou tudo para sua companheira e para si?

De volta ao Sr. Franklin — certamente, os senhores hão de dizer —, o Sr. Franklin encorajou os convivas a fazer daquela noite uma noite agradável?

Nada disso! Ele estava bastante recuperado e em ótima forma e humor, já que Penélope, suspeito, o havia informado do acontecido com o Sr. Godfrey no roseiral. Mas, mesmo falando muito, nove vezes em cada dez escolhia o assunto errado ou se dirigia à pessoa errada; acabou por ofender algumas, e por intriga-las todas. Aquela sua formação estrangeira — aquelas facetas francesas, alemãs e italianas de sua personalidade, às quais já fiz alusão — veio à tona, na mesa hospitaleira de minha senhora, da maneira mais surpreendente possível.

O que pensam, por exemplo, de ter discutido sobre até onde a admiração de uma mulher casada por um homem que não fosse seu marido podia ir, e o que dizer da maneira francesa clara e espirituosa com que se dirigiu à tia solteirona do vigário de Frizinghall? O que pensam, quando mudou para

sua faceta alemã, ter dito ao maior proprietário de terras da região, enquanto essa grande autoridade em gado estava falando de sua experiência na cruza de touros? Que a experiência, propriamente dita, de nada adiantava, e que a maneira correta de cruzar touros era olhar bem fundo para dentro de si mesmo, desenvolver a ideia de um touro perfeito e produzi-lo. O que dirão se eu lhes contar que nosso membro do conselho do condado, exaltando-se, na hora do queijo e da salada, a respeito do desenvolvimento da democracia na Inglaterra, explodiu assim: Se perdemos nossas salvaguardas, Sr. Blake, eu lhe pergunto, o que nos resta?, e o que me dizem sobre a resposta do Sr. Franklin, do ponto de vista italiano: Restam-nos três coisas, senhor: amor, música e salada? Ele não apenas assustou os convivas com tais arroubos, mas quando, finalmente, seu lado inglês apareceu, perdeu sua suavidade estrangeira; e, falando da profissão médica, fez observações tão diretas para ridicularizar os médicos que conseguiu realmente irritar o bem-humorado Sr. Candy.

A discussão entre eles começou com o Sr. Franklin tendo que admitir — esqueci como — que ultimamente vinha dormindo muito mal. O Sr. Candy então lhe disse que seus nervos estavam todos em péssimas condições, e que ele devia consultar um médico imediatamente. O Sr. Franklin respondeu que isso e um tiro no escuro significavam para ele a mesma coisa. O Sr. Candy, contra-atacando com inteligência, disse que o próprio Sr. Franklin, constitutivamente falando, estava no escuro enquanto dormia, e nada além da medicina podia ajudá-lo a ver a luz. O Sr. Franklin, mantendo a sorte ao seu lado, disse ter ouvido falar muitas vezes de cegos guiando cegos, e que agora, pela primeira vez, sabia o que isso significava. Assim continuaram acaloradamente, a golpes de faca, até que ambos se irritaram — o Sr. Candy, em particular, perdendo de tal modo o autocontrole na defesa de sua profissão, que minha senhora foi obrigada a intervir e proibir que a discussão continuasse. A conversa surgia aqui e ali,

durante um ou dois minutos, mas havia nela uma notável falta de vida e de brilho. O diabo (ou o Diamante) havia possuído aquela festa, e foi um alívio para todos quando minha senhora se levantou e deu sinal para que as senhoras deixassem os cavalheiros com seu vinho.

Eu mal havia terminado de arrumar os decantadores em uma fileira diante do velho Sr. Ablewhite (que fazia às vezes de senhor da casa) quando ouvi um som vindo do terraço que me assustou e me fez perder a compostura instantaneamente. O Sr. Franklin e eu nos olhamos; era o som de um tambor indiano. Por Deus, os prestidigitadores haviam retornado a nossa casa junto com a Pedra da Lua!

Quando eles deram a volta na casa e ficaram à vista, precipitei-me para enxotá-los. Mas, assim quis o azar, as duas Saltadoras foram mais rápidas do que eu. Correram para o terraço como um par de foguetes, loucas para ver os indianos exibirem seus truques. As outras senhoras foram atrás; os cavalheiros apareceram do outro lado. Antes que se pudesse dizer “Deus nos ajude!”, os malfeitores estavam fazendo seus salamaleques e as Saltadoras estavam beijando o lindo menino.

O Sr. Franklin ficou do lado da Srta. Rachel, e eu me coloquei atrás dela. Se nossas suspeitas estivessem certas, ali estava ela, completamente inocente de qualquer conhecimento da verdade, mostrando aos indianos o Diamante em seu vestido!

Não posso lhe dizer que truques executaram, ou como o fizeram. Com a decepção do jantar, e com a provocação dos malfeitores que haviam voltado bem a tempo de ver a joia com seus próprios olhos, confesso que perdi a cabeça. A primeira coisa que me lembro de ter notado foi a súbita aparição do viajante indiano, o Sr. Murthwaite. Rodeando o semicírculo onde estavam as pessoas, sentadas ou em pé,

chegou de mansinho por trás dos prestidigitadores e falou-lhes rapidamente na língua de seu próprio país.

Se ele os houvesse espetado com uma baioneta, duvido que os indianos tivessem se espantado e se virado para ele com maior rapidez do que o fizeram ao ouvir as primeiras palavras que saíram de seus lábios. No instante seguinte, estavam se curvando e fazendo salamaleques para ele da maneira mais educada e serpejante possível. Depois que algumas poucas palavras na língua desconhecida haviam sido ditas de ambos os lados, o Sr. Murthwaite retirou-se tão rapidamente quanto havia se aproximado. O indiano chefe, que agia como intérprete, voltou-se então novamente para os espectadores. Reparei que seu rosto cor de café havia ficado cinza desde que o Sr. Murthwaite lhe havia dirigido a palavra. Ele curvou-se diante de minha senhora e informou que a exibição estava terminada. As Saltadoras, indescritivelmente desapontadas, explodiram num Oh! bem alto dirigido ao Sr. Murthwaite por ter posto fim à exibição. O indiano chefe colocou humildemente a mão no peito e disse pela segunda vez que os truques haviam terminado. O menino passou o chapéu. As senhoras retiraram-se para a sala de estar e os cavalheiros (exceto o Sr. Franklin e o Sr. Murthwaite) voltaram ao seu vinho. Eu e o lacaio seguimos os indianos e os vimos saindo da propriedade.

Voltando pelos arbustos, senti o cheiro de tabaco e encontrei o Sr. Franklin e o Sr. Murthwaite (este último fumando um charuto) caminhando lentamente por entre as árvores. O Sr. Franklin fez sinal para que eu me juntasse a eles.

— Este — disse o Sr. Franklin, apresentando-me ao grande viajante —, é Gabriel Betteredge, antigo criado e amigo da família, de quem lhe falei agora há pouco. Diga-lhe, por favor, o que acaba de me dizer.

O Sr. Murthwaite tirou o charuto da boca e apoiou-se, à sua maneira cansada, contra o tronco de uma árvore.

— Sr. Betteredge — começou ele —, aqueles três indianos não são mais prestidigitadores do que eu e o senhor.

Ali estava uma nova surpresa! Naturalmente, perguntei ao viajante se ele havia encontrado os indianos antes.

— Nunca. — disse o Sr. Murthwaite. — Mas sei o que é a prestidigitação indiana de verdade. Tudo o que os senhores viram esta noite foi uma imitação muito ruim e muito canhestra. A menos que, depois de longa experiência, eu esteja totalmente equivocado, aqueles homens são brâmanes, da mais alta casta. Acusei-os de estarem disfarçados, e o senhor viu o efeito que isso teve, por melhores que sejam os hindus quando se trata de esconder seus sentimentos. Há um mistério em sua conduta que não sei explicar. Sacrificaram sua casta duplamente: primeiro, ao cruzarem o oceano; segundo, ao se disfarçarem de prestidigitadores. Na terra onde moram, isso é um sacrifício tremendo. Deve haver um motivo muito sério na origem disso, e alguma razão incomum para justificar a recuperação de sua casta, quando voltarem a seu país.

Fiquei mudo. O Sr. Murthwaite voltou a seu charuto. O Sr. Franklin, depois do que me pareceu um conflito interno entre as diferentes facetas de sua personalidade, quebrou o silêncio da seguinte maneira:

— Estou hesitante, Sr. Murthwaite, em incomodá-lo com assuntos de família, nos quais o senhor não tem nenhum interesse e dos quais não gosto de falar fora do círculo privado. Mas, depois do que o senhor disse, sinto-me inclinado, em prol dos interesses de Lady Verinder e de sua filha, a contar-lhe algo que poderá colocar a decisão em suas mãos. Falo-lhe em absoluto sigilo; não há de se esquecer disso, tenho certeza.

Com esse prefácio, ele contou ao viajante indiano tudo o que havia me contado na Areia Trêmula. Até mesmo o

impassível Sr. Murthwaite ficou tão interessado pelo que ouviu que deixou seu charuto se apagar.

— Agora — falou o Sr. Franklin ao terminar —, o que diz sua experiência?

— Minha experiência — respondeu o viajante — me diz que o senhor já passou mais perto do perigo em sua vida do que eu, Sr. Franklin, e isso já é dizer muito.

Então foi a vez do Sr. Franklin ficar espantado.

— É realmente tão sério assim? — perguntou ele.

— Em minha opinião, é — respondeu o Sr. Murthwaite. — Não posso duvidar, depois do que o senhor me contou, que a volta da Pedra da Lua para seu lugar na testa do deus indiano é o motivo e a justificativa do sacrifício de casta ao qual me referi há pouco. Aqueles homens vão esperar sua chance com a paciência de gatos, e vão usá-la com a ferocidade de tigres. Não posso imaginar como o senhor conseguiu escapar deles — disse o eminente viajante, acendendo de novo seu charuto e olhando fixamente para o Sr. Franklin. — O senhor carregou o Diamante para lá e para cá, aqui e em Londres, e ainda está vivo! Vamos tentar explicar isso. Ambas as vezes foi durante o dia, suponho, que senhor tirou a pedra do banco de Londres?

— Dia claro — disse o Sr. Franklin.

— E muitas pessoas na rua?

— Muitas.

— O senhor escolheu, certamente, um certo horário para chegar à casa da Sra. Verinder? O caminho da estação até aqui é deserto. O senhor manteve seus horários?

— Não. Cheguei quatro horas antes do previsto.

— Devo parabenizá-lo por isso! Quando foi que o senhor levou o Diamante para o banco daqui?

— Levei-o uma hora depois de tê-lo trazido para esta casa, e três horas antes que qualquer pessoa esperasse me ver por aqui.

— Devo parabenizá-lo novamente! O senhor o trouxe de volta sozinho?

— Não. Voltei a cavalo com meus primos e o laçao.

— Devo parabenizá-lo uma terceira vez! Se o senhor sentir-se inclinado a viajar para além dos limites da civilização, Sr. Blake, me diga, e irei com o senhor. O senhor é um homem de sorte.

Aqui eu entrei na conversa. Esse tipo de coisa não condizia com minhas ideias inglesas.

— O senhor não quer dizer — perguntei — que eles teriam tirado a vida do Sr. Franklin para pegar o Diamante, se ele lhes tivesse dado uma chance?

— O senhor fuma, Sr. Betteredge? — disse o viajante.

— Sim, senhor.

— O senhor se importa com as cinzas que ficam em seu cachimbo, depois de esvaziá-lo?

— Não, senhor.

— No país onde esses homens moram, eles dão tanta importância a matar um homem quanto o senhor dá a tirar as cinzas do seu cachimbo. Se houvesse mil vidas entre eles e a recuperação de seu Diamante, e se eles pensassem poder destruir essas vidas sem serem descobertos, tirariam todas elas. Para dizer de outro modo, o sacrifício de castas é algo sério na Índia. O sacrifício da vida não é nada.

Ouvindo isso, expressei minha opinião de que se tratava de um bando de ladrões assassinos. O Sr. Murthwaite expressou a sua opinião de que era um povo maravilhoso. O Sr. Franklin, sem expressar opinião alguma, levou-nos de volta ao assunto em questão.

— Eles viram a Pedra da Lua no vestido da Srta. Verinder — disse ele. — O que devemos fazer?

— O que o seu tio ameaçou fazer — respondeu o Sr. Murthwaite. — O Coronel Herncastle entendia as pessoas com

as quais lidava. Mande amanhã o Diamante (guardado por mais de um homem) para ser cortado em Amsterdã. Faça dele uma dúzia de diamantes, em vez de um só. Ele perde então sua identidade sagrada como a Pedra da Lua, e aí termina a conspiração.

O Sr. Franklin virou-se para mim.

— Não há o que fazer — disse ele. — Devemos falar com Lady Verinder amanhã.

— O que me diz de hoje à noite, senhor? — perguntei. — Suponhamos que os indianos voltem.

O Sr. Murthwaite me respondeu antes que o Sr. Franklin pudesse falar.

— Os indianos não vão se arriscar a voltar hoje — disse ele. — O meio direto não é o meio de se roubar alguma coisa. Ainda mais em um caso como esse, no qual o menor erro pode ser fatal para seu objetivo.

— Mas suponhamos que os malfeitores sejam mais corajosos do que o senhor supõe, senhor? — insisti.

— Nesse caso — disse o Sr. Murthwaite solte os cães. Aqui tem algum cão grande?

— Dois, senhor. Um mastim e um sabujo.

— Servem. Na atual emergência, Sr. Betteredge, o mastim e o sabujo têm um grande mérito: não é provável que sejam incomodados por seus escrúpulos a respeito da vida humana.

O som do piano alcançou-nos, vindo da sala de estar, enquanto ele me dizia isso. Jogou fora seu charuto e, tomando o braço do Sr. Franklin, dirigiu-se às senhoras. Quando o seguia em direção à casa, reparei que o céu estava se nublando rapidamente. O Sr. Murthwaite também reparou. Virou-se, lançou-me um olhar seco e singular e disse:

— Esta noite os indianos vão querer seus guarda-chuvas, Sr. Betteredge!

Estava muito bem que ele brincasse. Mas eu não era um eminente viajante — e meu caminho neste mundo não havia me levado a jogar com minha própria vida, entre ladrões e assassinos, em lugares distantes da terra. Fui para meu quartinho, sentei-me em minha cadeira suando e pensei no que deveríamos fazer depois, sem sucesso. Nesse estado de espírito ansioso, outros homens teriam acabado por se irritar; eu acabei de outro modo. Acendi meu cachimbo e dei uma olhada no Robinson Crusoé.

Antes que tivesse lido por cinco minutos, cheguei a essa parte fabulosa — página 161 — que aqui transcrevo:

O medo do perigo é dez mil vezes mais assustador do que o próprio Perigo, quando está ao alcance dos Olhos; e achamos o Fardo da Ansiedade mais, muito mais pesado do que o Mal que nos toma ansiosos.

O homem que, depois disso, não acreditar no Robinson Crusoé é um homem que tem um parafuso solto na cabeça, ou um homem perdido na bruma de seu próprio orgulho! Com ele, a discussão é inútil; e deve-se reservar a piedade para alguém com maior fé.

Eu estava adiantado em meu segundo cachimbo, ainda perdido na admiração daquele maravilhoso livro, quando Penélope (depois de ter servido o chá) entrou com seu relato dos acontecimentos da sala de estar. Ela havia deixado as Saltadoras cantando um dueto — palavras começando com um grande Oh e uma música no mesmo estilo. Ela havia observado que minha senhora errara no uíste pela primeira vez até onde sabíamos. Havia visto o grande viajante adormecido em um canto. Havia escutado o Sr. Franklin afiando sua inteligência com o Sr. Godfrey, à custa da caridade das senhoras em geral; e havia observado que o Sr. Godfrey havia se defendido dele com mais ênfase do que era adequado a um homem de caráter tão benevolente. Havia visto a Srta. Rachel aparentemente empenhada em acalmar a Sra. Threadgall, mostrando-lhe

algumas fotografias, e realmente ocupada lançando olhares para o Sr. Franklin, que nenhuma criada inteligente poderia deixar de perceber. Enfim, havia perdido de vista o doutor, o Sr. Candy, que havia misteriosamente desaparecido da sala de estar e voltado misteriosamente em seguida, começando uma conversa com o Sr. Godfrey. De modo geral, as coisas estavam correndo melhor do que a experiência do jantar nos havia feito esperar. Se apenas pudéssemos resistir por mais uma hora, o velho Pai Tempo traria seus coches, e nos livraria deles completamente.

Tudo passa nesse mundo; até mesmo o efeito reconfortante do Robinson Crusóé passou, depois que Penélope foi embora. Fiquei novamente nervoso, e resolvi fazer uma inspeção do terreno antes que a chuva caísse. Em vez de levar o lacaio, cujo nariz era humano e portanto inútil em qualquer emergência, levei comigo o sabujo. No seu faro para detectar a presença de um estranho eu podia confiar. Percorremos toda a propriedade, fomos até a estrada e voltamos do mesmo jeito que havíamos partido: sem descobrir nada em lugar algum sob a forma de uma criatura humana à espreita.

A chegada dos coches era o sinal para a chegada da chuva. Choveu como se fosse chover a noite toda. Com exceção do doutor, cujo cabriolé estava esperando, os outros convidados foram para casa abrigados em coches fechados. Eu disse ao Sr. Candy que estava com medo de que ele se molhasse. Ele me disse, em resposta, estar se perguntando se eu havia chegado à minha idade sem saber que a pele de um médico é à prova d'água. Então partiu na chuva, rindo de sua própria piada; e assim nos livramos de nossos convidados.

O que se deve contar em seguida é a história da noite.

CAPÍTULO 11

Quando o último dos convidados saiu, voltei ao vestíbulo e encontrei Samuel junto ao aparador, servindo brandy e soda. Minha senhora e a Srta. Rachel saíram da sala de visitas, seguidas pelos dois cavalheiros. O Sr. Godfrey tomou brandy com soda. O Sr. Franklin não tomou nada. Sentou-se, aparentando grande cansaço; a conversa durante a festa de aniversário havia sido demais para ele, suponho.

Minha senhora, virando-se para desejar-lhes boa noite, olhou fixamente para o legado do malvado Coronel brilhando no vestido de sua filha.

— Rachel — perguntou ela —, onde você vai guardar seu Diamante esta noite?

A Srta. Rachel estava de muito bom humor, no humor adequado para falar bobagens e insistir nelas como se fizessem sentido, comportamento que o senhor já deve ter observado algumas vezes em garotas jovens quando estão muito animadas, ao final de um dia cheio de emoções. Primeiro, ela declarou que não sabia onde guardar o Diamante. Depois disse:

— Na cômoda, é claro, junto com as outras coisas.

Então se lembrou de que o Diamante poderia brilhar sozinho no escuro, com sua perturbadora luz lunar — e que aquilo a amedrontaria no meio da noite. Lembrou-se em seguida de um armário indiano que ficava em sua sala de estar, e imediatamente decidiu guardar o Diamante indiano no armário indiano, para permitir que estes dois belos produtos conterrâneos se admirassem. Uma vez que sua pequena torrente de bobagens havia chegado a esse ponto, sua mãe a interrompeu.

— Minha querida! Seu armário indiano não tem chave.

— Por Deus, mamãe! — exclamou a Srta. Rachel. — Isso aqui é um hotel? Há ladrões na casa?

Sem tomar conhecimento dessa maneira fantástica de falar, minha senhora desejou boa-noite aos cavalheiros. Depois virou-se para a Srta. Rachel e beijou-a.

— Por que não deixar que eu guarde o Diamante para você esta noite? — perguntou.

A Srta. Rachel recebeu esta proposta como, dez anos antes, teria recebido a proposta de separar-se de uma boneca nova. Minha senhora viu que não adiantava tentar convencê-la naquela noite.

— Venha ao meu quarto, Rachel, amanhã logo que acordar — disse ela. — Terei algo a lhe dizer então.

Com estas últimas palavras, deixou-nos lentamente, absorvida em seus próprios pensamentos e, aparentemente, não muito satisfeita com a conclusão que deles tirava.

Quem disse boa-noite em seguida foi a Srta. Rachel. Primeiro, apertou a mão do Sr. Godfrey, que estava de pé no outro extremo do vestíbulo, olhando para um quadro. Depois, virou-se novamente para o Sr. Franklin, ainda cansado e silencioso em um canto.

Não posso dizer que palavras trocaram. Mas, junto da velha moldura de carvalho que sustenta nosso grande espelho, vi seu reflexo nele, sorrateiramente tirando o presente que o Sr. Franklin lhe dera de dentro do vestido e mostrando-o a ele por um instante, com um sorriso que certamente queria dizer algo fora do comum, antes de ir para a cama. Esse incidente abalou um pouco a convicção que até então eu sentia em relação ao meu próprio julgamento. Comecei a pensar que Penélope, afinal, talvez estivesse certa a respeito do estado das afeições de sua jovem senhora.

Tão logo a Srta. Rachel saiu de cena e seus olhos voltaram a ver, o Sr. Franklin reparou na minha presença. Seu humor

oscilante, inconstante em relação a tudo, já havia mudado em relação aos indianos.

— Betteredge — disse ele estou inclinado a pensar que levei o Sr. Murthwaite demasiado a sério, quando tivemos aquela conversa nos arbustos. Me pergunto se ele estava nos testando com alguma de suas histórias de viajante. Você realmente pretende soltar os cães?

— Vou tirar as coleiras deles, senhor — respondi e deixá-los livres para dar uma volta de noite, se cheirarem uma razão para isso.

— Certo — disse o Sr. Franklin. — Veremos amanhã o que fazer. Não estou nada disposto a alarmar minha tia, Betteredge, sem uma razão muito boa para tal. Boa noite.

Ele parecia tão exausto e pálido ao me cumprimentar e ao pegar sua vela para subir as escadas, que ousei aconselhá-lo a tomar uma gota de brandy com água, para ajudá-lo a dormir. O Sr. Godfrey, vindo em nossa direção do outro canto do vestíbulo, me apoiou. Instou com o Sr. Franklin, da maneira mais amistosa possível, a tomar alguma coisa antes de ir para a cama.

Apenas anoto esses detalhes insignificantes porque, depois de tudo que vi e ouvi naquele dia, me agradou observar que nossos dois cavalheiros estavam se entendendo tão bem quanto antes. Sua guerra verbal (ouvida por Penélope na sala de visitas), e sua rivalidade pelo primeiro lugar nas graças da Srta. Rachel, não pareciam ter criado grandes dificuldades entre eles. Mas, afinal, ambos tinham boa índole, e ambos eram homens do mundo. E certamente as pessoas de boa posição têm o mérito de não serem tão belicosas umas com as outras quanto as pessoas sem nenhuma posição.

O Sr. Franklin recusou o brandy com água, e subiu as escadas com o Sr. Godfrey, já que seus quartos ficavam lado a lado. No entanto, foi convencido por seu primo, ou voltou atrás como de hábito.

— Talvez eu queira um pouco durante a noite — disse para mim de cima das escadas. — Mande subir um pouco de brandy e água para o meu quarto.

Mandei Samuel com o brandy e a água; depois saí e soltei as coleiras dos cães. Ambos ficaram muito surpresos ao serem soltos àquela hora da noite, e pularam em cima de mim como dois filhotes! No entanto, a chuva logo os acalmou novamente: beberam um pouco de água e voltaram para seus canis. Quando voltava para casa, percebi sinais no céu que previam uma melhora do tempo. Por enquanto, a chuva ainda era pesada, e o chão estava completamente encharcado.

Samuel e eu percorremos a casa toda, calados como sempre. Em ocasiões como aquela, eu examinava tudo pessoalmente, nada deixando para meu ajudante. Tudo estava seguro e fechado, quando descansei meus velhos ossos na cama, entre meia-noite e uma da manhã.

Suponho que os acontecimentos do dia haviam sido um pouco demais para mim. De qualquer modo, naquela noite fui acometido pela doença do Sr. Franklin. O sol já estava nascendo antes que eu finalmente caísse no sono. Durante todo o tempo em que fiquei acordado, a casa estava tão silenciosa quanto uma tumba. Não se ouvia nenhum barulho a não ser o cair da chuva e o rufar do vento entre as árvores quando a brisa chegou com a manhã.

Acordei em torno das sete e meia e abri minha janela para um belo dia ensolarado. O relógio acabava de marcar as oito, e eu estava me dirigindo para prender novamente os cães quando ouvi um repentino farfalhar de saias atrás de mim.

Virei-me, e ali estava Penélope correndo atrás de mim como uma louca.

— Papai! — gritou ela. — Suba, pelo amor de Deus! *O Diamante desapareceu!*

— Você enlouqueceu? — perguntei.

— Sumiu! — disse Penélope. — Desapareceu, ninguém sabe como! Suba aqui e veja.

Ela arrastou-me consigo para dentro da sala de estar de nossa jovem senhora, que dava para seu quarto de dormir. Ali, encostada à porta do quarto, estava a Srta. Rachel, com o rosto quase tão branco quanto o roupão branco que a vestia. Ali estavam também as duas portas do armário indiano, escancaradas. Uma das gavetas da parte de dentro havia sido puxada ao máximo.

— Olhe! — disse Penélope. — Eu mesma vi a Srta. Rachel colocar o Diamante nesta gaveta ontem à noite.

Fui até o armário. A gaveta estava vazia.

— É verdade, senhorita?

Com uma expressão nada típica dela, com uma voz que não se parecia com a sua, a Srta. Rachel respondeu como minha filha havia respondido:

— O Diamante sumiu!

Tendo dito essas palavras, tornou a entrar no quarto, fechou e trancou a porta.

Antes que soubéssemos para que lado nos virar, minha senhora entrou, tendo escutado minha voz na sala de estar de sua filha, perguntando o que havia acontecido. A notícia da perda do Diamante pareceu petrificá-la. Dirigiu-se imediatamente para o quarto de dormir da Srta. Rachel e insistiu para que ela a deixasse entrar. A Srta. Rachel deixou-a entrar.

O alarme, espalhando-se pela casa como fogo, atingiu em seguida os dois cavalheiros.

O Sr. Godfrey foi o primeiro a sair do seu quarto. Tudo o que fez quando soube do acontecido foi lançar as mãos para o alto, numa expressão de descrença, o que não condizia muito com seu caráter forte habitual. O Sr. Franklin, com cuja mente clara eu confidencialmente contava para aconselhar-nos,

pareceu tão desamparado quanto seu primo ao ouvir a notícia. Curiosamente, ele finalmente havia tido uma boa noite de sono, e esse raro luxo o tinha aparentemente insensibilizado, como ele próprio disse. No entanto, uma vez tomada sua xícara de café — o que sempre fazia, como os estrangeiros, uma hora antes de comer qualquer coisa sua mente clareou; seu lado esclarecido apareceu, e ele tomou as rédeas dos acontecimentos, de maneira resoluta e inteligente, da seguinte maneira:

Primeiro mandou chamar os criados, e disse-lhes para deixar todas as portas e janelas do térreo (com exceção da porta da frente, que eu havia aberto) exatamente como haviam sido deixadas ao trancar a casa na noite anterior. Depois sugeriu a seu primo e a mim que nos certificássemos, antes de dar qualquer outro passo, de que o Diamante não havia caído acidentalmente em algum lugar — como atrás do armário, ou atrás da mesa sobre a qual ficava o armário. Após procurar nos dois lugares, sem achar nada — e depois de ter também interrogado Penélope e de ela nada ter dito além do pouco que já havia dito a mim o Sr. Franklin sugeriu em seguida que interrogássemos a Srta. Rachel, e mandou Penélope bater na porta do seu quarto de dormir.

Minha senhora atendeu e fechou a porta atrás de si. No instante seguinte, ouvimos a porta sendo trancada por dentro pela Srta. Rachel. Minha senhora chegou perto de nós, aparentando grande perplexidade e preocupação.

— A perda do Diamante parece ter sido demais para Rachel — disse ela, respondendo ao Sr. Franklin. — Ela foge, muito estranhamente, de qualquer tentativa de falar no assunto, mesmo comigo. É impossível vê-la no momento.

Tendo aumentado nossa surpresa com esse relato sobre a Srta. Rachel, minha senhora, depois de um pequeno esforço, recuperou sua compostura habitual e agiu com sua decisão costumeira.

— Imagino que não há jeito. — disse baixinho. — Suponho que não tenho alternativa senão chamar a polícia.

— E a primeira coisa que a polícia deve fazer — acrescentou o Sr. Franklin, adiantando-se — é colocar as mãos nos prestidigitadores indianos que se apresentaram aqui ontem à noite.

Minha senhora e o Sr. Godfrey (sem saber o que o Sr. Franklin e eu sabíamos) espantaram-se e fizeram uma expressão de surpresa.

— Não posso parar para me explicar agora—continuou o Sr. Franklin. — Só posso lhes dizer que os indianos certamente roubaram o Diamante. Dê-me uma carta de apresentação — disse ele, dirigindo-se à minha senhora — para um dos magistrados em Frizinghall, dizendo apenas que eu represento seus interesses e suas vontades, e deixe-me ir com ela à cidade imediatamente. Nossas chances de pegar os ladrões dependem de não perdermos nenhum minuto desnecessário. (*Nota bene*: Não sei se era seu lado francês ou inglês, mas o melhor lado do Sr. Franklin parecia estar levando a melhor. A única pergunta era: quanto tempo isso iria durar?)

Colocou pena, tinta e papel diante de sua tia, que (assim me pareceu) escreveu a carta que ele queria um pouco a contragosto. Se tivesse sido possível ignorar um acontecimento como a perda de uma joia que valia vinte mil libras, acredito — visto a opinião de minha senhora sobre seu falecido irmão e sua desconfiança quanto ao presente de aniversário — que teria sido para ela um alívio deixar os ladrões fugirem alegremente com a Pedra da Lua.

Saí com o Sr. Franklin em direção aos estábulos, e aproveitei a oportunidade para lhe perguntar como os indianos (de quem eu suspeitava, é claro, tanto quanto ele) poderiam ter entrado na casa.

— Um deles pode ter entrado no vestíbulo, na confusão, quando os convidados para o jantar estavam indo embora —

disse o Sr. Franklin. — O sujeito talvez estivesse debaixo do sofá enquanto minha tia e Rachel falavam sobre onde o Diamante seria guardado durante a noite. Ele teria apenas de esperar até que todos estivessem dormindo e ali estaria o Diamante no armário, pronto para ser pego.

Com essas palavras, chamou o laçao para abrir o portão, e saiu a galope.

Essa, com certeza, parecia ser a única explicação racional. Mas como o ladrão havia conseguido escapar da casa? Eu havia encontrado a porta da frente trancada, como a havia deixado de noite, quando fui abri-la depois de me levantar. Quanto às outras portas e janelas, ainda estavam lá, todas fechadas, para falar por si mesmas. E quanto aos cães? Supondo que o ladrão tivesse saído pulando de uma das janelas do andar de cima, como tinha escapado dos cães? Teria vindo preparado para eles com carne drogada? No momento em que a dúvida cruzou a minha mente, os próprios cães chegaram correndo em minha direção, esfregando— se na grama molhada, em tão boa saúde e disposição que não foi sem alguma dificuldade que os controlei e acorrentei novamente. Quanto mais eu pensava no assunto, menos a explicação do Sr. Franklin me parecia satisfatória.

Tomamos o café da manhã — o que quer que aconteça numa casa, roubo ou assassinato, não importa, é sempre preciso tomar café da manhã. Quando terminamos, minha senhora mandou me chamar; e vi-me inclinado a contar-lhe tudo o que até então havia escondido, a respeito dos indianos e de sua conspiração. Sendo mulher de grande coragem, ela logo superou a primeira reação de surpresa diante do que eu tinha a lhe comunicar. Sua mente parecia estar muito mais perturbada em relação a sua filha do que aos malfeitores pagãos e sua conspiração.

— Você sabe a idade de Rachel, e como às vezes ela se comporta de maneira diferente das outras garotas — disse-me

minha senhora. — Mas nunca, em toda a minha experiência, a vi tão estranha e tão reservada quanto está agora. A perda da sua joia parece praticamente ter-lhe virado a cabeça, Quem poderia pensar que aquele horrível Diamante pudesse ter tanto efeito sobre ela em tão pouco tempo?

Era realmente estranho. Em relação a brinquedos e badulaques em geral, a Srta. Rachel não demonstrava tanto apego quanto a maioria das jovens. Mesmo assim lá estava ela, ainda trancada em seu quarto, inconsolável. Não é mais do que justo acrescentar que ela não era a única na casa a agir de maneira diferente da habitual. O Sr. Godfrey, por exemplo — embora fosse profissionalmente uma espécie de consolo geral parecia perdido, sem saber onde procurar seus próprios recursos. Sem companhia para diverti-lo e sem chance de poder tentar usar sua experiência em consolar mulheres em apuros com a Srta. Radiei, ele ia e vinha sem direção pela casa e pelos jardins, inquieto. Tinha duas opiniões quanto ao que deveria fazer, depois do infortúnio que se abatera sobre nós. Deveria ele dispensar a família, na atual situação, da responsabilidade de tê-lo como convidado, ou deveria ficar no caso de até mesmo seus humildes serviços poderem ter alguma utilidade? Decidiu por fim que o último recurso talvez fosse o mais usual e atencioso, num caso tão peculiar de desgraça familiar como esse. As circunstâncias mostram de que metal um homem é realmente feito. O Sr. Godfrey, compelido pelas circunstâncias, mostrou ser feito de um metal mais fraco do que eu poderia ter pensado. Quanto às criadas — com exceção de Rosanna Spearman, que se manteve afastada —, passaram a cochichar pelos cantos e a olhar para tudo de modo suspeito, como é o costume dessa metade mais fraca da família humana, quando qualquer coisa fora do comum acontece numa casa. Eu próprio admito ter ficado nervoso e mal-humorado. A maldita Pedra da Lua nos havia virado pelo avesso.

Pouco antes das onze, o Sr. Franklin voltou. Aparentemente, o lado decidido de sua personalidade tinha, desde sua partida, dado lugar à inquietação. Ele nos havia deixado a galope; voltou a passo. Quando saiu, era feito de ferro. Quando voltou, era feito de algodão, fraco como só os fracos podem ser.

— Então — perguntou minha senhora —, a polícia já vem?

— Sim — disse o Sr. Franklin. — Disseram que viriam em seguida. O Superintendente Seegrave, da polícia local, e dois de seus homens. Mera formalidade! O caso não tem solução.

— O quê! Os indianos escaparam, senhor? — perguntei.

— Os pobres indianos foram muito injustamente colocados na prisão — disse o Sr. Franklin. — São tão inocentes quanto uma criança ainda por nascer. Minha ideia de que um deles estava escondido na casa, como todo o resto das minhas ideias, virou fumaça. Ficou provado — disse o Sr. Franklin, deleitando-se com sua própria incapacidade — que isso é simplesmente impossível.

Depois de nos pasmar anunciando esse desenlace totalmente novo dos acontecimentos em relação à Pedra da Lua, nosso jovem cavalheiro, a pedido de sua tia, sentou-se e explicou-se.

Aparentemente o lado decidido de sua personalidade havia sobrevivido até Frizinghall. Ele havia contado o caso todo ao magistrado, e este havia chamado a polícia de imediato. Os primeiros interrogatórios em relação aos indianos mostraram que eles sequer haviam tentado deixar a cidade. Perguntas mais aprofundadas feitas à polícia provaram que os três haviam sido vistos retornando a Frizinghall com o menino, na noite anterior, entre as dez e as onze — o que (levando em conta horários e distâncias) também provava que eles haviam voltado diretamente depois da apresentação em nosso terraço. Mais tarde, à meia-noite, a polícia, tendo tido a oportunidade de vasculhar a pensão onde

moravam, havia novamente visto os três, e o menino com eles como de hábito. Pouco depois da meia-noite eu próprio havia fechado a casa. Não poderia haver maiores provas do que estas a favor dos indianos. O magistrado havia dito que até agora não existia sequer uma suspeita em relação a eles. Mas como era possível que, quando a polícia viesse investigar o assunto surgissem novas descobertas relativas aos prestidigitadores indianos, ele conseguiria prendê-los como malfeitores e vagabundos, mantendo-os assim à nossa disposição, trancados a chave, durante uma semana. Ignorantes, eles haviam feito algo (esqueço o quê) na cidade, que os colocava ao alcance da lei. Toda instituição humana (incluindo a Justiça) estica um pouco, basta colocá-la na direção certa. O virtuoso magistrado era velho amigo de minha senhora — e os indianos foram condenados por uma semana, mal o tribunal havia começado a funcionar naquela manhã.

Esta foi a narrativa do Sr. Franklin dos acontecimentos em Frizinghall. A hipótese indiana para solucionar o mistério da joia perdida era agora, aparentemente, uma hipótese que se havia dissolvido em nossas mãos. Se os prestidigitadores eram inocentes, quem, com a breca, havia tirado a Pedra da Lua da gaveta da Srta. Rachel?

Dez minutos depois, para nosso imenso alívio, o Superintendente Seegrave chegou à casa. Disse ter passado pelo Sr. Franklin no terraço, sentado ao sol (seu lado italiano então predominante, suponho), e que este havia avisado aos policiais, quando estes passavam, que a investigação era inútil, antes mesmo que ela começasse.

Para uma família em nossa situação, o Superintendente da polícia de Frizinghall era o policial mais reconfortante que se poderia desejar ver. O Sr. Seegrave era alto e de bom porte, e tinha modos militares. Tinha uma boa voz para comandar, um olhar bastante resoluto e uma estupenda sobrecasaca, cujos

botões iam lindamente até sua gravata de couro. Sou o homem de quem vocês precisam!, estava escrito em seu rosto; e ele dava ordens aos policiais seus subordinados com uma severidade que convenceu a todos nós de que ele não estava para brincadeiras.

Começou por percorrer a propriedade, por dentro e por fora; o resultado dessa investigação provou-lhe que nenhum ladrão havia entrado na casa vindo pelo lado de fora, e que o roubo, conseqüentemente, tinha de ter sido cometido por alguém de dentro da casa. Deixo-lhe imaginar o estado em que ficaram os criados quando esse pronunciamento oficial chegou aos seus ouvidos. O Superintendente resolveu começar examinando a sala de estar da Srta. Rachel; e, feito isso, examinaria os criados em seguida. Ao mesmo tempo, colocou um de seus homens a postos na escada que levava aos quartos de dormir dos criados, com instruções para não deixar passar ninguém da casa até ordem contrária.

Depois dessa última providência, a parte mais fraca da família humana entrou imediatamente num frenesi. Saíram de seus cantos, precipitaram-se, em congregação, para o quarto da Srta. Rachel no andar de cima (Rosanna Spearman sendo desta vez carregada com elas); encontraram o Superintendente Seegrave e, todas com aparência igualmente culpada, instaram-no a dizer imediatamente de qual delas ele suspeitava.

O Sr. Superintendente mostrou-se à altura da ocasião — olhou-as com seu olhar resolutivo e dobrou-as com sua voz militar.

— Ouçam aqui, mulheres, voltem para baixo, todas vocês. Não quero vocês aqui. Vejam! — exclamou, de súbito apontando para um pequeno borrão na pintura decorativa na porta da Srta. Rachel, na extremidade externa, logo abaixo da fechadura. — Vejam o estrago que as saias de alguma de vocês já fizeram. Saiam! Saiam!

Rosanna Spearman, que estava mais perto dele e mais perto do pequeno borrão na parede, deu o exemplo de obediência e retirou-se imediatamente para fazer seu trabalho. O resto a seguiu. O Superintendente terminou seu exame do quarto e, nada descobrindo, perguntou-me quem havia sido a primeira pessoa a descobrir o roubo. Minha filha havia sido a primeira. Minha filha foi chamada.

O Sr. Superintendente revelou-se um pouco áspero demais com Penélope no início.

— Pois bem, jovem, preste atenção, e fale a verdade.

Penélope disparou imediatamente.

— Nunca fui conhecida por contar mentiras, Sr. Policial! E se meu pai é capaz de ficar aqui e me ouvir sendo acusada de mentira e roubo, ver meu próprio quarto fechado para mim e meu caráter posto em dúvida, que é tudo o que resta a uma garota pobre, ele não é o bom pai que eu penso que é!

Uma palavra oportuna da minha parte colocou a Justiça e Penélope em melhores termos. As perguntas e respostas se sucederam; e não deram em nada digno de nota. Minha filha havia visto a Srta. Rachel guardar o Diamante na gaveta do armário, logo antes de ir dormir. Havia entrado com a xícara de chá da Srta. Rachel, às oito horas da manhã seguinte, e encontrado a gaveta aberta e vazia. Diante disso havia dado o alerta na casa — e aí terminava a contribuição de Penélope.

O Sr. Superintendente pediu em seguida para ver a própria Srta. Rachel. Penélope mencionou esse pedido através da porta. A resposta nos veio pelo mesmo caminho:

— Nada tenho a dizer ao policial. Não posso ver ninguém.

Nosso experiente oficial pareceu ao mesmo tempo surpreso e ofendido ao ouvir essa resposta. Eu lhe disse que minha jovem senhora estava doente e roguei-lhe que esperasse um pouco e a visse mais tarde. Ele então tornou a descer as escadas, onde encontrou o Sr. Godfrey e o Sr. Franklin atravessando o vestíbulo.

Os dois cavalheiros, na condição de hóspedes da casa, foram instados a dizer se tinham alguma luz a lançar sobre o assunto. Tinham ouvido algum ruído suspeito durante a noite precedente? Nada tinham ouvido a não ser o barulho da chuva. Eu, que havia ficado acordado até mais tarde do que eles dois, também nada tinha ouvido? Nada! Liberado do interrogatório, o Sr. Franklin (ainda agarrando-se à opinião de que nossa situação era irremediável) sussurrou em meu ouvido:

— Aquele homem não nos servirá de nada. O Superintendente Seegrave é um asno.

Liberado por sua vez, o Sr. Godfrey sussurrou em meu ouvido:

— Evidentemente uma pessoa muito competente. Betteredge, tenho muita fé nele!

Cada cabeça uma sentença, como já disse um dos antigos, antes do meu tempo.

A ação seguinte do Sr. Superintendente levou-o de volta ao boudoir, com minha filha e eu em seu encalço. Seu objetivo era descobrir se algum dos móveis havia sido tirado, durante a noite, de seu lugar habitual — já que sua investigação anterior no quarto, aparentemente, não tinha ido longe o bastante para satisfazer seu espírito quanto a esse ponto.

Enquanto ainda estávamos ocupados em meio a cadeiras e mesas, a porta do quarto foi repentinamente aberta. Depois de ter negado sua presença a todos, a Srta. Rachel, para nossa surpresa, juntou-se a nós por livre e espontânea vontade. Pegou seu chapéu de jardim que estava sobre uma cadeira e foi diretamente até Penélope com essa pergunta:

— O Sr. Franklin Blake mandou um recado por você esta manhã?

— Sim, senhorita.

— Ele queria falar comigo, não queria?

— Sim, senhorita.

— Onde está ele agora?

Ouvindo as vozes no terraço lá embaixo, olhei pela janela e vi os dois cavalheiros caminhando juntos. Respondendo por minha filha, eu disse:

— O Sr. Franklin está no terraço, senhorita.

Sem mais uma palavra, sem tomar conhecimento do Sr. Superintendente, que tentou falar com ela, pálida como a morte e estranhamente enredada em seus próprios pensamentos, ela deixou o quarto e desceu ao encontro de seus primos no terraço.

Da minha parte, foi uma mostra de falta de respeito, uma infração às boas maneiras; mas, pelo céu que me ilumina, não pude evitar olhar pela janela quando a Srta. Rachel encontrou os cavalheiros no terraço. Foi até o Sr. Franklin sem parecer reparar no Sr. Godfrey, que então se retirou e deixou-os a sós. O que disse ao Sr. Franklin pareceu-me ter sido dito de forma veemente. Só durou um instante, e (a julgar pelo que vi de seu rosto pela janela) pareceu espantá-lo além de qualquer possibilidade de expressão. Enquanto ainda estavam juntos, minha senhora apareceu no terraço. A Srta. Rachel a viu, disse algumas últimas palavras ao Sr. Franklin, e de repente voltou para dentro da casa, antes que sua mãe chegasse até ela. Minha senhora, ela própria surpresa, e percebendo a surpresa do Sr. Franklin, falou-lhe. O Sr. Godfrey juntou-se a eles e também falou. O Sr. Franklin caminhou um pouco entre os dois, contando-lhes o que havia acontecido, suponho; pois ambos estacaram, depois de dar alguns passos, como se houvessem sido atingidos por um raio. Eu havia visto isso quando a porta da sala de estar foi aberta com violência. A Srta. Rachel passou rapidamente para o quarto, agitada e zangada, com olhos furiosos e o rosto afogueado. O Sr. Superintendente tentou mais uma vez interrogá-la. Ela virou-se para ele da porta do quarto.

— Eu não mandei lhe chamar! — gritou, com veemência. — Eu não quero o senhor. Meu Diamante foi perdido. Nem o senhor, nem ninguém jamais o encontrará!

Com essas palavras, entrou e trancou a porta na nossa cara. Penélope, que estava mais perto da porta, escutou-a desatar a chorar no instante em que ficou sozinha novamente.

Zangada num instante, em lágrimas no instante seguinte! O que isso queria dizer?

Eu disse ao Superintendente que isso queria dizer que o humor da Srta. Rachel havia sido perturbado pela perda de sua joia. Cioso da honra da família, desagradava-me ver minha jovem senhora perder a noção de sua posição — mesmo com um policial — e, nas circunstâncias, desculpei-me da melhor maneira possível. Em meu íntimo, eu estava mais confuso com a linguagem e a conduta extraordinária da Srta. Rachel do que as palavras podem expressar. Tomando o que ela havia dito na porta do quarto como guia, eu podia apenas concluir que ela havia ficado mortalmente ofendida com o fato de haveremos chamado a polícia, e que a perplexidade do Sr. Franklin no terraço havia sido causada por ela ter-lhe dito (na sua condição de agente instrumental para a chamada da polícia) exatamente isso. Se essa suposição fosse verdadeira, por que — tendo perdido o Diamante — ela se oporia à presença em nossa casa justamente das pessoas cujo trabalho era recuperá-lo para ela? E como, em nome dos Céus, poderia ela saber que a Pedra da Lua nunca mais seria encontrada?

Na atual conjuntura, não se esperava que ninguém na casa fosse fornecer respostas a essas perguntas. O Sr. Franklin parecia considerar uma questão de honra evitar repetir para um criado — mesmo um criado tão velho quanto eu — o que a Srta. Rachel lhe havia dito no terraço. O Sr. Godfrey, que, na condição de cavalheiro e de parente, provavelmente tinha sido objeto da confiança do Sr. Franklin, respeitou essa confiança, como era seu dever. Minha senhora, que sem dúvida também

conhecia o segredo e era a única a ter acesso à Srta. Rachel, confessou abertamente que nada compreendia do comportamento de sua filha. Você me deixa louca quando fala no Diamante! Toda a influência da mãe não foi capaz de extrair dela uma palavra a mais do que isso.

Ali estávamos, portanto, em um beco sem saída em relação à Srta. Rachel — e em um beco sem saída em relação à Pedra da Lua. No primeiro caso, minha senhora estava impotente para ajudar-nos. No segundo (como os senhores poderão ver agora); o Sr. Seegrave estava se aproximando rapidamente da condição de um Superintendente no limite de suas capacidades.

Tendo revirado o boudoir inteiro, sem nada descobrir entre os móveis, nosso experiente oficial recorreu a mim para saber se os criados em geral estavam ou não cientes do lugar onde o Diamante havia sido guardado para a noite.

— Eu, para começar, sabia onde ele havia sido colocado, senhor — disse eu. — Samuel, o laçai, também sabia, pois estava presente no vestíbulo quando se falou sobre onde o Diamante seria guardado naquela noite. Minha filha sabia, como ela já lhe disse. Ela ou Samuel podem tê-lo dito aos outros criados; ou os outros criados podem ter ouvido, eles próprios, a conversa, através da porta lateral do vestíbulo, que pode ter estado aberta para a escada dos fundos. Até onde sei, todos na casa poderiam ter sabido onde a joia estava na noite passada.

Já que minha resposta dava ao Sr. Superintendente um vasto território para exercitar suas suspeitas, ele tentou reduzi-lo perguntando, em seguida, sobre o caráter dos criados.

Pensei imediatamente em Rosanna Spearman. Mas não era meu papel nem meu desejo dirigir a suspeita para uma pobre garota, cuja honestidade sempre havia sido incontestável desde que eu a conhecia. A matrona do reformatório a havia

descrito para minha senhora como uma garota sinceramente arrependida e absolutamente confiável. Era tarefa do Superintendente descobrir alguma razão para suspeitar dela — e então, e não antes disso, seria meu dever contar-lhe como ela havia entrado para o serviço de minha senhora.

— Todos nossos empregados têm índoles excelentes — disse eu. — E todos mereceram a confiança que sua patroa depositou neles.

Depois disso, restava ao Sr. Seegrave fazer uma única coisa — ou seja, começar a trabalhar e lidar ele mesmo com o caráter dos criados.

Um depois do outro, eles foram interrogados. Um depois do outro, provaram nada ter a dizer — e o disseram (no que diz respeito às mulheres) repetidamente, demonstrando muita raiva com o bloqueio imposto a seus quartos. Quando o restante deles havia sido mandado de volta a seus lugares no andar de baixo, Penélope foi convocada e interrogada separadamente uma segunda vez.

A pequena demonstração de gênio de minha filha no boudoir e sua rapidez em imaginar-se suspeita pareciam haver produzido uma impressão desfavorável no Superintendente Seegrave. Também parecia que o fato de ter sido ela a última pessoa a ver o Diamante na noite anterior atiçava-lhe o espírito. Quando o segundo interrogatório terminou, minha menina voltou para minha companhia em frenesi. Não havia mais dúvida possível — o oficial de polícia praticamente havia dito que o ladrão era ela! Eu mal podia acreditar que (segundo a opinião do Sr. Franklin) ele fosse tamanho asno. Mas, embora nada tenha dito, o olhar que dirigiu a minha filha não era um olhar muito agradável de se ver. Eu ri dele com a pobre Penélope, como de algo ridículo demais para ser levado a sério — o que certamente era. Era uma pequena tentativa, decerto. Minha menina sentou-se em um canto, com seu avental sobre a cabeça, e o coração realmente partido. Tolice

de sua parte, dirão os senhores: ela poderia ter esperado que ele a acusasse abertamente. Bem, isso, sendo eu um homem de temperamento justo e igualitário, posso admitir. Ainda assim, o Sr. Superintendente poderia ter se lembrado — não importa de que ele poderia ter-se lembrado! Aos diabos com ele!

O passo seguinte, e o último na investigação, acarretou, como se diz, uma crise. O oficial teve uma audiência (na qual eu estava presente) com minha senhora. Depois de informá-lhe que o Diamante tinha de ter sido roubado por alguém da casa, pediu permissão para que ele e seus homens revistassem os quartos e pavilhões dos criados imediatamente. Minha bondosa senhora, como a mulher generosa e bem-criada que era, recusou-se a deixar que fôssemos tratados como ladrões.

— Nunca consentirei fazer uma coisa dessas — disse ela por tudo o que devo aos fiéis criados que emprego em minha casa.

O Sr. Superintendente fez uma reverência, com um olhar em minha direção, que dizia claramente: Por que chamar-me, se a senhora amarra minhas mãos dessa maneira? Como chefe dos criados, eu senti de imediato que estávamos obrigados, para fazer justiça a todos, a não nos aproveitar da generosidade de minha patroa.

— Agradecemos muito à senhora — disse eu —, mas pedimos permissão para fazer o que é certo nesse assunto, entregando nossas chaves. Quando Gabriel Betteredge dá o exemplo — disse eu, barrando a passagem do Sr. Superintendente pela porta —, o resto dos criados fará o mesmo, eu lhe prometo. Aqui estão minhas chaves, para começar!

Minha senhora tomou-me pela mão e agradeceu-me com lágrimas nos olhos. Deus! O que eu não teria dado, naquele momento, pelo privilégio de nocautear o Superintendente Seegrave!

Como eu havia garantido, os outros criados seguiram minha liderança, muito contra a vontade, é claro, mas todos adotando a mesma opinião que eu. As mulheres davam gosto de ver, enquanto os oficiais bisbilhotavam suas coisas. A cozinheira parecia capaz de grelhar o Sr. Superintendente vivo numa fornalha, e as outras pareciam capazes de comê-lo quando ele estivesse pronto.

Quando a revista acabou, sem nenhum Diamante ou sinal de Diamante ter sido encontrado, obviamente, em parte alguma, o Superintendente Seegrave fechou-se em meu quartinho para pensar no que faria em seguida. Ele e seus homens já estavam na casa há horas e não nos haviam ajudado a avançar nenhuma polegada em direção à descoberta de como a Pedra da Lua havia sido roubada, ou de quem deveríamos suspeitar.

Enquanto o oficial de polícia ainda estava ponderando sozinho, fui mandado ao encontro do Sr. Franklin na biblioteca. Para minha indizível surpresa, mal minha mão havia tocado a porta, esta foi repentinamente aberta do lado de dentro, e Rosanna Spearman saiu por ela!

Depois que a biblioteca havia sido varrida e limpa pela manhã, nenhuma criada, arrumadeira ou não, tinha nada o que fazer naquele cômodo em nenhuma outra hora do dia. Eu abordei Rosanna Spearman e acusei-a imediatamente de violar a disciplina doméstica.

— O que você pode querer na biblioteca a essa hora do dia? — perguntei.

— O Sr. Franklin Blake deixou cair um de seus anéis no andar de cima — disse Rosanna e eu fui até a biblioteca para devolvê-lo.

O rosto da garota estava afogueado quando me respondeu, e ela se foi com um meneio da cabeça e um ar de importância que eu realmente não consegui explicar. Os acontecimentos na casa sem dúvida haviam perturbado todas

as criadas, em maior ou menor grau; mas nenhuma delas havia mudado radicalmente de comportamento como Rosanna, ao que parecia, havia mudado o seu.

Encontrei o Sr. Franklin escrevendo na mesa da biblioteca. Ele pediu um transporte para a estação ferroviária no instante em que entrei no quarto. O som de sua voz informou-me que agora o lado resolutivo de sua personalidade estava levando a melhor. O homem feito de algodão havia desaparecido, e o homem feito de ferro estava mais uma vez sentado diante de mim.

— Vai a Londres, senhor?

— Vou telegrafar para Londres — disse o Sr. Franklin. — Convenci minha tia de que devemos ser mais espertos do que o Superintendente Seegrave, e obtive sua permissão para mandar um telegrama para meu pai. Ele conhece o Comissário-Chefe de Polícia, e o Comissário pode encontrar o homem certo para solucionar o mistério do Diamante. Por sinal, falando em mistérios — disse o Sr. Franklin, falando mais baixo —, tenho mais uma coisa a lhe dizer antes que você vá para os estábulos. Não diga nada a ninguém por enquanto, mas ou a cabeça de Rosanna Spearman não está muito boa, ou temo que ela saiba mais sobre a Pedra da Lua do que deveria.

Não posso dizer se fiquei mais espantado ou angustiado ao ouvi-lo dizer isso. Se eu fosse mais novo, teria dito o que pensei ao Sr. Franklin. Mas, quando se é velho, adquire-se um hábito excelente: nos casos em que não se pode ver claramente o caminho, segura-se a língua.

— Ela entrou aqui com um anel que eu deixei cair no meu quarto — continuou o Sr. Franklin. — Depois de agradecer-lhe, é claro que esperava que ela fosse embora. Em vez disso, ela ficou parada do outro lado da mesa, me olhando de maneira muito estranha, meio amedrontada, meio familiar. Eu não conseguia entender. Essa história do Diamante é estranha, senhor, disse ela, de uma maneira curiosamente repentina e

impetuosa. Eu disse Sim, é, e imaginei o que viria a seguir. Por minha honra, Betteredge, penso que ela deve ter um problema na cabeça! Ela disse: Eles nunca vão achar o Diamante, senhor, vão? Não! Nem a pessoa que o roubou — eu respondo por isso. Fez que sim com a cabeça e sorriu para mim! Antes que eu pudesse lhe perguntar o que queria dizer, ouvimos seus passos do lado de fora. Suponho que teve medo de que você a encontrasse aqui. De qualquer maneira, ela mudou de cor, e saiu do aposento. Que diabos isso significa?

Mesmo diante disso, não fui capaz de contar-lhe a história da garota. Teria sido quase como dizer-lhe que era ela a ladra. Além disso, mesmo que eu tivesse esclarecido as coisas, e mesmo supondo que ela fosse a ladra, a razão pela qual ela contaria seu segredo ao Sr. Franklin, dentre todas as pessoas do mundo, teria sido ainda mais difícil de desvendar do que todo o resto.

— Não posso suportar a ideia de colocar a pobre garota em uma enrascada, só porque ela se comporta de maneira amalucada e fala coisas estranhas — continuou o Sr. Franklin. — Ainda assim, se ela tivesse dito ao Superintendente o que disse a mim, mesmo sendo ele tolo como é, temo...

Ele parou ali, e deixou o resto em silêncio.

— Senhor, a melhor solução — disse eu — é que eu diga duas palavras sobre o assunto a minha patroa, em particular, na primeira oportunidade. Minha senhora demonstra um interesse muito amistoso por Rosanna, e a garota, afinal, pode ter sido apenas atrevida e tola. Quando há perturbações de qualquer tipo em uma casa, senhor, as criadas gostam de fazer maus prognósticos — isso empresta às pobres coitadas uma espécie de importância, a seus próprios olhos. Se alguém está doente, garanto que as mulheres vão dizer que essa pessoa vai morrer. Se uma joia foi perdida, garanto que elas vão profetizar que nunca será encontrada novamente.

Essa opinião (da qual, devo dizer, eu próprio compartilhava, pensando bem) pareceu aliviar um pouco o Sr. Franklin; ele dobrou seu telegrama e abandonou o assunto. A caminho dos estábulos, para providenciar o coche, espiei para dentro da ala dos criados, onde estavam jantando. Rosanna Spearman não estava entre eles. Após perguntar por que, descobri que ela havia ficado subitamente doente e subido para seu quarto para se deitar.

— Curioso! Ela parecia bastante bem quando a vi pela última vez — observei.

Penélope veio atrás quando saí:

— Não fale assim diante deles, papai — disse ela. — Só os faz serem mais duros com Rosanna do que nunca. A pobrezinha está de coração partido por causa do Sr. Franklin Blake.

Ali estava outra opinião sobre o comportamento da garota. Se era possível que Penélope estivesse certa, a explicação da linguagem e do comportamento estranhos de Rosanna poderia estar unicamente nisso — ela não se importava com o que dizia, contanto que pudesse chamar a atenção do Sr. Franklin. Supondo que essa fosse a resposta correta para a charada, isso explicava, talvez, seu comportamento ousado e convencido quando passou por mim no vestíbulo. Embora tivesse dito apenas três palavras, ainda assim havia levado a melhor, e o Sr. Franklin tinha realmente lhe dado atenção.

Eu próprio selei o cavalo que puxaria o coche. Na rede infernal de mistérios e incertezas que nos cercava agora, declaro que foi um alívio observar como as fivelas e tirantes se entendiam bem! Quando se via o animal amarrado às hastes do coche, se via algo sobre o qual não pairava nenhuma dúvida. E isso, deixe-me dizer-lhes, estava se tornando cada vez mais raro em nossa casa.

Levando o coche até a porta da frente, encontrei não apenas o Sr. Franklin, mas também o Sr. Godfrey e o Superintendente Seegrave esperando-me nos degraus.

As reflexões do Sr. Superintendente (depois de não ter encontrado o Diamante nem nos quartos nem nos pavilhões dos criados) o haviam levado, segundo indicavam as aparências, a uma conclusão inteiramente nova. Ainda defendendo seu primeiro discurso, a saber, que alguém da casa havia roubado a joia, nosso experiente oficial era agora da opinião de que o ladrão (ele foi sábio o bastante para não citar o nome da pobre Penélope, não importa o que intimamente pensasse a respeito dela!) havia agido em conluio com os indianos; e em consequência propôs redirecionar seus interrogatórios para os prestidigitadores na prisão de Frizinghall. Ao saber dessa nova decisão, o Sr. Franklin havia se oferecido para levar o Superintendente de volta à cidade, de onde ele poderia telegrafar para Londres com tanta facilidade quanto de nossa estação. O Sr. Godfrey, ainda acreditando piamente no Sr. Seegrave, e muito interessado em testemunhar o interrogatório dos indianos, havia pedido permissão para acompanhar o oficial a Frizinghall. Um dos dois policiais subordinados ficaria na casa, caso alguma coisa acontecesse. O outro voltaria com o Superintendente para a cidade. Portanto, os quatro lugares no coche estavam preenchidos.

Antes de tomar as rédeas para partir, o Sr. Franklin afastou-me alguns passos de modo que os outros não pudessem nos ouvir.

— Vou esperar antes de telegrafar para Londres — disse ele — até ver o que o interrogatório dos indianos revela. Minha convicção pessoal é que esse oficialzinho de polícia confuso está no escuro como nunca, e quer simplesmente ganhar tempo. A ideia de que algum dos criados está aliado com os indianos é um abuso despropositado, na minha

opinião. Fique na casa, Betteredge, até que eu volte, e tente tirar alguma coisa de Rosanna Spearman. Não lhe peço que faça nada degradante para sua própria autoestima, nem nada cruel com a garota. Apenas lhe peço que exercite seu senso de observação com mais cuidado do que de hábito. Vamos esclarecer tudo quanto possível diante de minha tia, mas isso é um assunto mais importante do que você pode supor.

— Trata-se de vinte mil libras, senhor — disse eu, pensando no valor do Diamante.

— Trata-se de sossegar o espírito de Rachel — respondeu o Sr. Franklin com gravidade. — Estou muito inquieto com ela.

Deixou-me rapidamente, como se desejasse evitar qualquer conversa mais detalhada entre nós. Pensei compreender por quê. Maiores detalhes poderiam ter-me revelado o segredo que a Srta. Rachel lhe havia dito no terraço.

Eles então se foram para Frizinghall. Eu estava bastante disposto, para o próprio interesse da garota, a ter uma pequena conversa com Rosanna, em particular. Mas a oportunidade adequada não se apresentou. Ela só desceu novamente na hora do chá. Quando apareceu, estava nervosa, teve o que se chama de um ataque histérico, tomou uma dose de saís por ordens de minha senhora e foi mandada de volta para a cama.

Posso lhe dizer que o dia chegava ao fim de maneira bastante exaustiva e miserável. A Srta. Rachel continuava em seu quarto, declarando-se indisposta demais para descer para jantar naquele dia. Minha senhora estava tão desanimada a respeito de sua filha que eu não podia piorar ainda mais seu estado, contando-lhe o que Rosanna Spearman havia dito ao Sr. Franklin. Penélope insistia em acreditar que ela deveria ser confrontada diretamente, julgada e condenada por roubo. As outras mulheres tomaram suas Bíblias e livros de hinos, e durante a leitura pareciam tão amargas quanto agraço — um

resultado, conforme pude observar em minha vida, que geralmente se segue à execução de atos de piedade em horários incomuns. Quanto a mim, não tinha sequer ânimo suficiente para abrir meu Robinson Crusóé. Saí para o pátio e, demasiado tenso para um convívio social, ajeitei minha cadeira perto dos canis e fiquei conversando com os cães.

Meia hora antes da hora do jantar, os dois cavalheiros voltaram de Frizinghall, tendo combinado com o Superintendente Seegrave que ele retornaria no dia seguinte. Eles haviam procurado o Sr. Murthwaite, o viajante indiano, em sua residência atual, perto da cidade. A pedido do Sr. Franklin, ele havia gentilmente contribuído com seu conhecimento da língua no interrogatório dos dois dentre os três indianos que nada sabiam de inglês. Esse interrogatório, conduzido com cuidado, e muito longo, não deu em nada; não foi descoberta nem sombra de razão para suspeitar de que os prestidigitadores tivessem se envolvido com algum de nossos criados. Ao chegar a essa conclusão, o Sr. Franklin havia telegrafado para Londres, e assim o assunto permaneceu até o dia seguinte.

Esta é toda a história do dia seguinte ao aniversário. Até então, nenhum raio de luz nos havia iluminado. No entanto, um ou dois dias depois, a escuridão arrefeceu um pouco. Como, e com que resultado, os senhores saberão agora.

CAPÍTULO 12

A noite de quinta-feira passou, e nada aconteceu. Com a manhã de sexta-feira chegaram duas notícias.

Item primeiro: o padeiro declarou ter encontrado Rosanna Spearman, na tarde anterior, usando um pesado véu, andando em direção a Frizinghall pelo caminho da charneca. Parecia estranho que alguém confundisse Rosanna, cujo ombro, pobrezinha, a identificava de modo bastante claro — mas o homem devia estar errado, pois Rosanna, como os senhores sabem, havia passado toda a tarde de quinta-feira adoentada em seu quarto.

O item segundo chegou pelo carteiro. O virtuoso Sr. Candy havia feito mais um de seus comentários infelizes, quando estava indo embora sob a chuva na noite do aniversário, ao me dizer que a pele dos médicos era à prova d'água. A despeito de sua pele, a friagem o havia atingido. Naquela noite, ele pegara um resfriado, e agora estava de cama com febre. As últimas notícias, trazidas pelo carteiro, diziam que ele estava mal da cabeça — falando tantas tolices em seu delírio, pobre homem, quanto frequentemente falava quando estava sóbrio. Estávamos todos desolados pelo doutor; mas o Sr. Franklin parecia lamentar sua doença principalmente por causa da Srta. Rachel. Pelo que disse a minha senhora, enquanto eu estava presente durante o café da manhã, ele parecia pensar que a Srta. Rachel — se o suspense em relação à Pedra da Lua não fosse solucionado logo — poderia precisar com urgência da melhor assistência médica disponível.

O café da manhã mal havia terminado quando um telegrama do Sr. Blake, pai, chegou, em resposta a seu filho. Informava-nos que ele havia arranjado (com a ajuda de seu amigo, o Comissário) o homem certo para nos ajudar. Seu

nome era Sargento Cuff e sua chegada de Londres podia ser esperada no trem da manhã.

Ao ler o nome do oficial de polícia, o Sr. Franklin espantou-se. Parece que ele havia ouvido algumas anedotas curiosas sobre o Sargento Cuff do advogado de seu pai, durante sua estada em Londres.

— Começo a ter esperanças de vermos o fim de nossas angústias — disse ele. — Se metade das histórias que ouvi são verdadeiras, quando se trata de desvendar um mistério, não há ninguém igual ao Sargento Cuff!

Ficamos todos excitados e impacientes à medida que chegava a hora da entrada em cena deste homem renomado e capaz. O Superintendente Seegrave, que havia voltado na hora combinada, ao saber que o Sargento era aguardado, trancou-se imediatamente em um quarto com pena, tinta e papel, para tomar notas para o relatório que certamente lhe seria solicitado. Eu gostaria de ter ido eu próprio à estação buscar o Sargento. Mas o coche e os cavalos de minha senhora estavam fora de cogitação, mesmo para o célebre Cuff, e o coche puxado pelo cavalo foi solicitado mais tarde pelo Sr. Godfrey. Ele lamentou profundamente ser obrigado a abandonar sua tia numa hora tão angustiada, e gentilmente atrasou a hora de sua partida para o último trem, com o intuito de ouvir o que o esperto oficial de polícia londrino pensava do caso. Mas na noite de sexta-feira ele deveria estar na cidade, já que as Senhoras de Caridade em dificuldades esperavam poder consultá-lo na manhã de sábado.

Quando veio a hora da chegada do Sargento, desci até o portão para encontrá-lo.

Um cabriolé da estação vinha subindo o caminho quando cheguei à guarita, e dele saiu um homem grisalho, mais velho, tão miseravelmente esbelto que parecia não ter uma onça de carne em tomo dos ossos em nenhuma parte do corpo. Estava todo vestido decentemente de preto, com uma gravata branca

ao redor do pescoço. Seu rosto era afiado como uma lâmina, a pele amarela, seca e enrugada como uma folha de outono. Seus olhos, de um cinza claro como aço, tinham a capacidade desconcertante, quando encontravam os de outra pessoa, de parecer esperar mais dela do que ela própria sabia. Seu andar era macio; sua voz, melancólica; seus longos dedos magricelos eram curvados como garras. Ele poderia ser um padre ou um coveiro — ou qualquer outra coisa que se quisesse, menos o que realmente era. Desafio os senhores a descobrirem um oposto mais radical do Superintendente Seegrave, e um oficial de aparência menos reconfortante para uma família em apuros do que o Sargento Cuff, onde quer que se procure.

— Esta é a casa de Lady Verinder?

— Sim, senhor.

— Sou o Sargento Cuff.

— Por aqui, senhor, por favor.

A caminho da casa, mencionei meu nome e posição na família, para assegurá-lo de que podia falar comigo sobre o assunto para o qual minha senhora iria contratá-lo. No entanto, mesmo assim ele não disse nenhuma palavra sobre o assunto. Admirou a propriedade, e observou que achava o ar marinho muito vigoroso e refrescante. Por minha vez, ponderei comigo como o célebre Cuff havia adquirido sua reputação. Chegamos à casa parecendo dois cães que não se conheciam, amarrados juntos com a mesma corrente, pela primeira vez em suas vidas.

Perguntando por minha senhora e ouvindo que ela estava em uma das estufas, fomos até o jardim dos fundos e mandamos um criado chamá-la. Enquanto esperávamos, o Sargento Cuff olhou através do arco de sempre-viva à nossa esquerda, espiou nosso roseiral e entrou diretamente, com a primeira demonstração de um leve interesse até então. Para surpresa do jardineiro, e para meu desagrado, aquele célebre

policial mostrou ser um poço de conhecimento a respeito do insignificante tema das roseiras.

— Ah, vocês têm a exposição certa aqui, para o sul e o sudoeste — disse o Sargento, com um meneio de sua cabeça grisalha e um tom prazeroso em sua voz melancólica. — É essa a forma certa para um roseiral: nada como um círculo dentro de quadrados. Sim, sim, com canaletas entre cada pé. Mas não deveria haver trilhas de cascalho como essas, mas trilhas de grama entre seus roseirais; cascalho é duro demais para elas. Que lindo pé de rosas brancas e rubras. Elas sempre combinam, não é mesmo? Aqui está a rosa branca, Sr. Betteredge, nossa velha rosa inglesa de cabeça erguida entre as melhores e as mais novas! Coisa linda! — dizia o Sargento, acariciando a rosa branca com seus dedos magricelos, e falando com ela como se falasse com uma criança.

Excelente para recuperar o Diamante da Srta. Rachel e descobrir quem o havia roubado!

— O senhor parece gostar de rosas, Sargento — observei.

— Não tenho muito tempo para gostar de nada. Mas quando tenho um momento de liberdade, Sr. Betteredge, ele vai para as rosas, na maioria das vezes. Comecei minha vida entre elas na sementeira de meu pai, e vou terminar minha vida entre elas, se puder. Sim. Um dia desses (se Deus quiser), vou me aposentar da função de capturar ladrões e tentar minha sorte no cultivo de rosas. Haverá trilhas de grama, Sr. Jardineiro, entre meus pés — disse o Sargento, a cujo espírito as trilhas de cascalho de nosso roseiral pareciam não convir.

— Parece um gosto peculiar, senhor — atrevi-me a dizer para um homem com seu estilo de vida.

— Se o senhor olhar em volta (coisa que a maioria das pessoas não faz) — respondeu ele —, verá que a natureza do gosto dos homens é, muitas vezes, tão distante quanto possível da natureza de sua profissão. Mostre-me duas coisas menos compatíveis uma com a outra do que uma rosa e um

ladroão; então corrigirei meu gosto, se não for muito tarde, na minha idade. O senhor acha a rosa-damascena um bom cepo para a maioria dos tipos mais frágeis, não acha, Sr. Jardineiro? Ah! Bem achava eu. Ali vem uma senhora. É Lady Verinder?

Ele a havia visto antes que eu ou o jardineiro a houvéssemos visto — embora nós soubéssemos em que direção olhar, e ele não. Comecei a achá-lo bem mais vivo do que me havia parecido à primeira vista.

A chegada do Sargento, ou o seu propósito — um dos dois ou ambos pareciam causar algum embaraço a minha senhora. Pela primeira vez em toda minha experiência de seu comportamento, ela não sabia o que dizer num encontro com um estranho. O Sargento Cuff colocou-a imediatamente à vontade. Perguntou se alguma outra pessoa havia sido chamada para cuidar do roubo antes que o chamássemos e, ao ouvir que outra pessoa havia sido chamada e que ela estava na casa naquele momento, pediu permissão para falar-lhe antes que qualquer outra coisa fosse feita.

Minha senhora mostrou o caminho de volta. Antes de segui-la, o Sargento deixou clara sua opinião sobre as trilhas de cascalho com uma palavra ao jardineiro.

— Peça para que sua senhora tente usar grama — disse ele, com um olhar sombrio para as trilhas. — Nada de cascalho! Nada de cascalho!

Por que o Superintendente Seegrave pareceu muitas vezes mais fraco ao ser apresentado ao Sargento Cuff, não posso tentar explicar. Posso apenas atestar o fato. Eles se retiraram juntos, e permaneceram um tempo muito longo isolados de qualquer intrusão humana. Quando saíram, o Sr. Superintendente estava animado e o Sr. Sargento estava bocejando.

— O Sargento deseja ver a sala de estar da Srta. Verinder — disse o Sr. Seegrave, dirigindo-se a mim com pompa e

aflição. — O Sargento talvez tenha algumas perguntas a fazer. Acompanhe o Sargento, por favor!

Enquanto eu recebia ordens dessa maneira, olhei para o grande Cuff. Este, por sua vez, olhou para o Superintendente Seegrave daquele modo tranquilo e prenunciador que eu já havia notado. Não posso afirmar que ele estivesse preparado para a aparição de seu camarada oficial sob a forma de um asno — posso apenas afirmar que suspeitava disso com muita convicção.

Guiei-o até o andar de cima. O Sargento vasculhou tranquilamente o armário indiano e o boudoir, fazendo perguntas (ocasionalmente para o Sr. Superintendente, e continuamente para mim), cujo objetivo acredito ter sido igualmente ininteligível para nós dois. No devido tempo, seu percurso o levou até a porta, e colocou-o face a face com a pintura decorativa que os senhores conhecem. Passou um dedo magro e curioso no pequeno borrão, bem embaixo da fechadura, que o Superintendente Seegrave já havia notado quando repreendeu as criadas por se aglomerarem no aposento.

— É uma pena — disse o Sargento Cuff. — Como aconteceu?

Fez a pergunta para mim. Respondi que as criadas se haviam aglomerado no aposento na manhã anterior, e que alguma de suas saias havia causado o borrão.

— O Superintendente Seegrave mandou que saíssem, senhor — acrescentei — antes que fizessem maiores estragos.

— Certo! — disse o Sr. Superintendente a seu modo militar. — Mandei que saíssem. Foram as saias que fizeram isso, Sargento, foram as saias.

— O senhor reparou qual das saias? — perguntou o Sargento Cuff, ainda se dirigindo não a seu camarada oficial, mas a mim.

— Não, senhor.

Diante disso, ele virou-se para o Superintendente Seegrave e disse:

— O senhor reparou, suponho?

O Sr. Superintendente pareceu um pouco surpreso, mas fez o melhor que pôde.

— Não posso culpar minha memória, Sargento — disse ele. — Mera ninharia, mera ninharia.

O Sargento Cuff olhou para o Sr. Seegrave como havia olhado para as trilhas de cascalho no roseiral, e nos deu, a seu modo melancólico, o primeiro gostinho que tivemos de suas qualidades.

— Fiz uma investigação privada na semana passada, Sr. Superintendente — disse ele. — De um lado da investigação havia um assassinato, e do outro lado havia uma mancha de tinta em uma toalha de mesa que ninguém conseguia explicar. Em toda minha experiência nos meandros mais sujos desse mundinho sujo, nunca me deparei com uma ninharia. Antes de darmos mais um passo nesse assunto, devemos encontrar a saia que fez esse borrão e devemos descobrir com certeza quando a tinta estava fresca.

O Sr. Superintendente — que ouviu esse discurso de cara amarrada — perguntou se deveria convocar as mulheres. O Sargento Cuff, depois de pensar por um minuto, suspirou e balançou a cabeça.

— Não —, disse ele. — Primeiro cuidaremos do assunto da tinta. Com a tinta, trata-se de uma questão de sim ou não. — questão sucinta. Com as mulheres, trata-se de uma questão de saias, questão longa. Que horas eram quando as criadas estiveram neste quarto ontem de manhã? Onze horas, hein? Há alguém na casa que saiba se a tinta estava fresca ou seca ontem de manhã?

— O sobrinho da senhora, Sr. Franklin Blake, sabe — disse eu.

— O cavalheiro está na casa?

O Sr. Franklin estava tão perto quanto possível, esperando sua primeira chance de ser apresentado ao grande Cuff. Em meio minuto estava no aposento, dando seu testemunho como se segue:

— Essa porta, Sargento — disse ele —, foi pintada pela Srta. Verinder, sob minha supervisão e com minha ajuda, com um veículo que eu mesmo preparei. O veículo seca qualquer cor que for usada com ele em doze horas.

— O senhor se lembra quando a parte borrada foi pintada, senhor? — perguntou o Sargento.

— Perfeitamente — respondeu o Sr. Franklin. — Esta foi a última parte da porta a ser terminada. Queríamos acabar na quarta-feira passada, e eu próprio terminei a pintura por volta das três da tarde, ou pouco depois.

— Hoje é sexta-feira — disse o Sargento Cuff, dirigindo-se ao Superintendente Seegrave. — Vamos voltar um pouco no tempo, senhor. Às três horas da tarde de quarta, esse pedaço da pintura foi completado. O veículo o secou em doze horas, ou seja, por volta das três horas da manhã de quinta-feira. Às onze horas da manhã de quinta-feira, o senhor revistou este aposento. Onze menos três, sobram oito. A tinta estava seca há oito horas, Sr. Superintendente, quando o senhor supôs que as saias das criadas a haviam borrado.

Primeiro nocaute para o Sr. Seegrave! Se ele não houvesse suspeitado da pobre Penélope, eu teria tido pena dele.

Tendo resolvido a questão da tinta, o Sargento Cuff, a partir dali, passou a considerar seu camarada oficial um incompetente — e dirigiu-se ao Sr. Franklin, considerando-o o ajudante mais promissor dentre os dois.

— Está escrito, senhor — disse ele que o senhor acaba de colocar a pista em nossas mãos.

Mal as palavras haviam saído de seus lábios, a porta do quarto se abriu e a Srta. Rachel surgiu subitamente entre nós.

Dirigiu-se ao Sargento Cuff, sem parecer notar (ou prestar atenção) que ele era um perfeito estranho para ela.

— O senhor disse — perguntou ela, apontando para o Sr. Franklin — que ele colocou a pista em suas mãos?

— Esta é a Srta. Verinder — sussurrei, atrás do Sargento.

— Este cavalheiro, senhorita — disse o Sargento, com seus olhos cinza penetrantes, estudando cuidadosamente o rosto de minha jovem senhora —, possivelmente colocou a pista em nossas mãos.

Ela se virou por um momento e tentou olhar para o Sr. Franklin. Digo tentou, porque de repente olhou para o outro lado novamente antes que seus olhos se encontrassem. Parecia haver alguma estranha perturbação em sua mente. Ela corou e em seguida ficou pálida de novo. Com a palidez veio uma nova expressão em seu rosto — uma expressão que fiquei espantado em ver.

— Tendo respondido à sua pergunta, senhorita — disse o Sargento peço licença para fazer uma pergunta agora. Há um borrão na pintura de sua porta, aqui. Por acaso a senhorita sabe quando ele foi feito? Ou quem o fez?

Em vez de dar uma resposta, a Srta. Rachel continuou com suas perguntas, como se ele não houvesse falado, ou como se ela não o houvesse escutado.

— O senhor é outro oficial de polícia? — perguntou ela.

— Sou o Sargento Cuff, detetive de polícia.

— O senhor consideraria o conselho de uma jovem?

— Ficarei feliz em ouvi-la, senhorita.

— Faça seu trabalho sozinho e não deixe que o Sr. Franklin Blake o ajude!

Disse essas palavras com tamanho desdém, de maneira tão selvagem, com uma explosão de ira tão extraordinária dirigida ao Sr. Franklin em sua voz e em sua expressão, que — embora a conhecesse desde que ela era um bebê, embora a

amasse e honrasse logo depois de minha própria senhora — senti vergonha da Srta. Rachel pela primeira vez em minha vida.

Os olhos imóveis do Sargento Cuff não se despregaram de seu rosto.

— Obrigado, senhorita — disse ele. — Por acaso a senhorita sabe algo sobre o borrão? A própria senhorita poderia tê-lo causado por acidente?

— Nada sei sobre o borrão.

Com essa resposta, ela se virou e trancou-se novamente em seu quarto. Dessa vez, eu a escutei — como Penélope a havia escutado antes — começar a chorar tão logo estava sozinha de novo.

Eu não conseguia olhar para o Sargento — olhei para o Sr. Franklin, que estava mais perto de mim. Ele parecia ainda mais profundamente angustiado do que eu diante do que havia acontecido.

— Eu lhe disse que estava preocupado com ela — disse ele. — E agora você pode ver por quê.

— A Srta. Verinder parece estar um pouco perturbada pela perda do seu Diamante — observou o Sargento. — Trata-se de uma joia valiosa. Muito natural! Muito natural!

Ali estava a desculpa que eu havia encontrado para ela (quando havia se descontrolado na frente do Superintendente Seegrave, no dia anterior) sendo dada novamente por um homem que não poderia ter tido meu interesse em fazê-lo, pois era um perfeito estranho! Uma espécie de calafrio percorreu-me, que eu não fui capaz de explicar naquele momento. Sei agora que devo ter tido minha primeira suspeita, naquele momento, de ter subitamente sido lançado sobre o caso, no espírito do Sargento Cuff, um novo e horrendo raio de luz — pura e inteiramente em consequência do que ele havia visto e ouvido da Srta. Rachel, naquele seu primeiro contato com ela.

— A língua de uma jovem é um órgão privilegiado, senhor — disse o Sargento ao Sr. Franklin. — Esqueçamos o que aconteceu e sigamos com nosso assunto. Graças ao senhor, sabemos quando a tinta estava seca. A próxima coisa a descobrir é quando foi a última vez que a pintura foi vista sem esse borrão. O senhor tem a cabeça no lugar e sabe o que eu quero dizer.

O Sr. Franklin se recompôs e passou, com grande esforço, da Srta. Rachel de volta ao assunto em pauta.

— Creio compreender, de fato — disse ele. — Quanto mais limitarmos a questão do tempo, mais limitaremos também a área de investigação.

— Isso mesmo, senhor — disse o Sargento. — O senhor chegou a ver seu trabalho aqui na tarde de quarta-feira, depois de tê-lo terminado?

O Sr. Franklin balançou a cabeça e respondeu:

— Não posso dizer que vi.

— O senhor viu? — perguntou o Sargento Cuff, virando-se para mim.

— Não posso tampouco dizer que vi, senhor.

— Quem foi a última pessoa a entrar no aposento na noite de quarta-feira?

— A Srta. Rachel, senhor, suponho.

Aqui o Sr. Franklin interrompeu:

— Ou possivelmente sua filha, Betteredge.

Ele se virou para o Sargento Cuff e explicou que minha filha era a criada de quarto da Srta. Verinder.

— Sr. Betteredge, peça a sua filha para subir. Um instante! — disse o Sargento, afastando-me para junto da janela, onde os outros não podiam nos escutar. — O Superintendente — continuou ele, num sussurro — fez um relatório bastante completo da maneira como conduziu esse caso. Entre outras coisas, ele mesmo confessou, ganhou a desconfiança dos

criados. É muito importante que os acalmemos novamente. Diga à sua filha e diga ao resto dos criados essas duas coisas, com meus cumprimentos: primeiro, que eu ainda não tenho nenhuma prova de que o Diamante foi roubado; sei apenas que o Diamante foi perdido. Segundo, que a minha função com os criados aqui é simplesmente pedir-lhes que unam suas forças e me ajudem a encontrá-lo.

Minha experiência com as criadas, quando o Superintendente havia interditado seus quartos, veio a calhar aqui.

— Posso ser ousado o bastante, Sargento, para dizer às mulheres uma terceira coisa? — perguntei. — Elas estão livres (com seus cumprimentos) para subir e descer as escadas, e entrar e sair de seus quartos, se o quiserem?

— Perfeitamente livres — disse o Sargento.

— Isso as acalmará, senhor — observei —, da cozinheira à mais reles ajudante de cozinha.

— Vá e faça isso imediatamente, Sr. Betteredge.

Eu o fiz em menos de cinco minutos. Houve apenas uma dificuldade, quando cheguei ao assunto dos quartos. Foi preciso um exercício bastante firme de minha autoridade, como chefe, para evitar que a totalidade das criadas seguisse a mim e a Penélope escada acima, como testemunhas voluntárias em uma verdadeira febre para ajudar o Sargento Cuff.

O Sargento pareceu gostar de Penélope. Tornou-se um pouco menos melancólico e adquiriu uma expressão muito parecida com a que havia tido ao reparar nas rosas brancas no jardim. Aqui está o depoimento de minha filha, conforme foi ouvido pelo Sargento Cuff. Ela o deu, acho eu, de maneira encantadora. Mas, afinal, é minha filha até a raiz dos cabelos: não há nada de sua mãe nela, Deus seja louvado, nada de sua mãe nela!

Penélope examinou a porta: interessou-se vivamente pela pintura, já que havia ajudado a misturar as tintas. Reparou na parte embaixo da fechadura, pois havia sido a última a ser pintada. Ela a havia visto, algumas horas depois, sem o borrão, e a havia deixado, à meia-noite, sem o borrão. Naquela hora, havia desejado boa-noite a sua senhora em seu quarto; havia escutado o relógio batendo no boudoir, naquele momento, uma de suas mãos estava na maçaneta da porta pintada; ela sabia que a tinta estava fresca (já que havia ajudado a misturar as tintas, como foi dito); tomou um cuidado especial para não tocar na porta; podia jurar que havia levantado as saias, e que não havia então nenhum borrão na pintura; não podia jurar que seu vestido não poderia ter tocado a porta acidentalmente quando ela saiu; lembrou-se do vestido que estava usando, pois era novo, um presente da Srta. Rachel; seu pai também se lembrava e podia confirmar isso; podia, e iria, e foi buscá-lo; o vestido foi reconhecido por seu pai como o que ela estava usando naquela noite; as saias foram examinadas, um trabalho demorado, visto seu comprimento; nem sombra de mancha de tinta foi descoberta em lugar algum. Fim do testemunho de Penélope — muito encantador e convincente, também. Assinado, Gabriel Betteredge.

O procedimento seguinte do Sargento foi interrogar-me a respeito dos grandes cães da casa que poderiam ter entrado no quarto e feito o estrago com um abanar de suas caudas. Ao ouvir que isso era impossível, mandou buscar uma lente de aumento e observou qual a aparência do borrão visto desse modo. Todos os sinais visíveis indicavam que a pintura havia sido borrada por alguma peça de roupa solta de alguém que havia passado por ali. Esse alguém (juntando o testemunho de Penélope e o testemunho do Sr. Franklin) devia ter estado no quarto e feito o estrago entre meia-noite e três horas da manhã de quinta-feira.

Tendo a investigação chegado a esse ponto, o Sargento Cuff descobriu que o Superintendente Seegrave ainda estava no aposento, diante do que fez um apanhado dos procedimentos para a informação de seu camarada oficial, deste modo:

— Esta sua ninharia, Sr. Superintendente — disse o Sargento, apontando para o detalhe na porta cresceu um pouco em importância desde a última vez que o senhor reparou nela. No estado atual desta investigação, existem, penso, três descobertas a serem feitas, começando por este borrão. Descobrir (em primeiro lugar) se há alguma peça de roupa nesta casa que tenha uma mancha de tinta. Descobrir (em segundo lugar) a quem pertence essa peça de roupa. Descobrir (em terceiro lugar) como a pessoa pode explicar o fato de ter estado neste quarto, e borrado a pintura, entre meia-noite e três horas da manhã. Se a pessoa não puder responder, não deveremos procurar muito mais longe pela mão que pegou o Diamante. Vou cuidar disso pessoalmente, se o senhor me permite, e não vou mais prendê-lo aqui, longe de suas obrigações habituais na cidade. Vejo que o senhor tem um de seus homens aqui. Deixe-o aqui à minha disposição, caso eu precise dele, e permita-me desejar-lhe um bom dia.

O respeito do Superintendente Seegrave pelo Sargento era grande, mas seu respeito por si mesmo era ainda maior. Atingido em cheio pelo célebre Cuff, ele revidou com esperteza, com tanta habilidade quanto era capaz, ao deixar o aposento.

— Até agora, abster-me de expressar minha opinião — disse o Sr. Superintendente, com sua voz militar ainda em boas condições. — Agora tenho apenas uma observação a oferecer, ao deixar este caso em suas mãos. Há vezes, Sargento, em que se faz uma tempestade em um copo d'água. Bom dia.

— Há vezes também em que não se faz nada em um copo d'água, no caso de nossa cabeça estar alta demais para poder vê-lo.

Tendo retribuído desse modo os elogios de seu camarada oficial, o Sargento Cuff virou-se e foi até a janela, sozinho.

O Sr. Franklin e eu esperamos para ver o que viria em seguida. O Sargento ficou junto da janela com as mãos nos bolsos, olhando para fora e assoviando suavemente para si a melodia de *A última rosa do Verão*. Depois eu viria a descobrir que, mesmo assoviando, sua mente estava trabalhando duro, buscando aos poucos um caminho em direção a seu objetivo particular, e nessas ocasiões *A Última Rosa Do Verão* evidentemente o ajudava e encorajava. Suponho que de algum modo combinava com sua personalidade. Lembrava-lhe suas rosas favoritas, entendem, e quando ele a assoviava era a melodia mais melancólica que existia.

Virando-se da janela, depois de um ou dois minutos, o Sargento andou até o meio do quarto e parou ali, imerso em seus pensamentos, com os olhos na porta do quarto da Srta. Rachel. Depois de algum tempo despertou, balançou a cabeça como se dissesse *É o bastante!* e, dirigindo-se a mim, pediu uma conversa de dez minutos com minha senhora, na primeira hora que fosse mais conveniente para ela.

Ao deixar o aposento com esse recado, ouvi o Sr. Franklin fazer uma pergunta ao Sargento, e parei na soleira da porta para também ouvir a resposta.

— O senhor já tem uma ideia — perguntou o Sr. Franklin — de quem roubou o Diamante?

— Ninguém roubou o Diamante — respondeu o Sargento Cuff.

Ambos nos espantamos diante dessa opinião extraordinária sobre o caso, e ambos lhe imploramos para que nos dissesse o que significava.

— Esperem um pouco — disse o Sargento. — Nem todas as peças do quebra-Cabeça estão no lugar ainda.

CAPÍTULO 13

Encontrei minha senhora em sua própria sala de estar. Ela se espantou e pareceu aborrecida quando falei que o Sargento Cuff gostaria de lhe falar.

— Eu devo realmente vê-lo? — perguntou. — Você não pode me representar, Gabriel?

Fui incapaz de compreender essa reação e suponho ter dado mostras disso em meu rosto. Minha senhora teve a bondade de se explicar.

— Temo que meus nervos estejam um pouco perturbados — disse ela. — Há algo nesse policial de Londres que me faz querer me afastar dele, não sei por quê. Tenho o pressentimento de que ele está trazendo consigo para esta casa problemas e infortúnio. Muito tolo, e nada típico de mim... Mas é assim.

Eu realmente não sabia como responder a isso. Quanto mais eu via o Sargento Cuff, mais gostava dele. Minha senhora recobrou um pouco as forças depois de ter aberto seu coração para mim — sendo, naturalmente, uma mulher de grande coragem, como eu já lhes disse.

— Se devo vê-lo, devo vê-lo — disse ela. — Mas não posso suportar vê-lo sozinha. Traga-o, Gabriel, e fique aqui enquanto ele estiver comigo.

Essa foi a primeira demonstração de capricho que me lembro de ter visto em minha senhora, desde a época em que ela era uma garota. Voltei ao boudoir. O Sr. Franklin saiu para o jardim e juntou-se ao Sr. Godfrey, cuja hora de partida estava agora se aproximando. O Sargento Cuff e eu fomos diretamente para os aposentos de minha senhora.

Declaro que o rosto de minha senhora adquiriu um tom mais pálido quando o viu! No entanto, ela se controlou e

perguntou ao Sargento se ele tinha alguma objeção a minha presença. Foi bondosa o bastante para acrescentar que eu era seu consultor de confiança, bem como seu antigo criado, e que em qualquer coisa relativa à casa eu era a melhor pessoa a ser consultada. O Sargento respondeu educadamente que consideraria minha presença um favor, uma vez que tinha uma opinião sobre os criados em geral e que já observara que minha experiência nesse assunto o havia auxiliado. Minha senhora apontou para duas cadeiras, e instalamo-nos imediatamente para nossa conversa.

— Já formei uma opinião sobre este caso — disse o Sargento Cuff — e rogo a sua senhoria permissão para mantê-la sob sigilo por enquanto. Minha função agora é revelar o que descobri no andar de cima, na sala de estar da Srta. Verinder, e o que decidi, com a permissão de sua senhoria, fazer em seguida.

Ele então abordou o assunto do borrão na pintura, e enumerou as conclusões que havia tirado desse fato — assim como as havia enumerado para o Superintendente Seegrave (apenas em uma linguagem mais respeitosa).

— Uma coisa — ele disse, concluindo — é certa. O Diamante desapareceu da gaveta do armário. Outra coisa é quase certa. As marcas do borrão na porta devem estar em alguma peça de roupa pertencente a alguém desta casa. Devemos descobrir essa peça de roupa antes de irmos mais adiante.

— E essa descoberta — observou minha senhora — implica, presumo, a descoberta do ladrão?

— Peço perdão a sua senhoria: não digo que o Diamante foi roubado. Digo apenas, no momento presente, que o Diamante desapareceu. A descoberta da roupa manchada pode levar a ele.

Minha senhora olhou para mim.

— Você está entendendo? — disse ela.

— O Sargento Cuff está entendendo, minha senhora — respondi.

— Como o senhor propõe que descubramos a roupa manchada? — perguntou minha patroa, dirigindo-se mais uma vez ao Sargento. — Meus bons criados, que estão comigo há anos, já viram, tenho vergonha de dizer, seus quartos e pavilhões serem vasculhados pelo outro oficial. Não posso e não vou permitir que eles sejam insultados dessa maneira uma segunda vez!

(Essa era uma patroa digna de se servir! Se preferirem, ali estava uma mulher entre mil!)

— É justamente este o ponto que eu estava prestes a abordar com sua senhoria — disse o Sargento. — O outro oficial fez um grande estrago nesta investigação, deixando os criados perceberem que suspeitava deles. Se eu der a eles motivo para pensarem que são novamente suspeitos, não há como prever quantos obstáculos eles colocarão em meu caminho, especialmente as mulheres. Ao mesmo tempo, seus pavilhões precisam ser revistados novamente, pela simples razão de que a primeira investigação procurava apenas pelo Diamante, e que a segunda investigação deve procurar pela roupa manchada. Concordo plenamente, minha senhora, que os sentimentos dos criados devem ser consultados. Mas também estou convicto de que os guarda-roupas dos criados devem ser revistados.

Isso se parecia muito com um beco sem saída. Minha senhora o expressou, numa linguagem mais elaborada do que a minha.

—Tenho um plano para driblar a dificuldade — disse o Sargento Cuff—, se sua senhoria consentir. Proponho explicar diretamente o caso para os criados.

— As mulheres vão pensar imediatamente que são suspeitas — disse eu, interrompendo-o.

— Não vão, Sr. Betteredge — respondeu o Sargento se eu lhes disser que vou examinar os guarda-roupas de todos, de sua senhoria para baixo, que dormiram na casa na noite de quarta-feira. É uma mera formalidade — acrescentou, com um olhar de esguelha para minha senhora —, mas os criados vão aceitá-la como um tratamento justo para eles e seus superiores e, em vez de atrapalhar a investigação, vão fazer questão de ajudar.

Vi a verdade que havia nisso. Minha senhora, depois que sua primeira surpresa passou, também viu a verdade que havia nisso.

— O senhor tem certeza de que a revista é necessária?

— É o caminho mais fácil que vislumbro, minha senhora, para atingir o objetivo que desejamos.

Minha senhora tocou a sineta chamando sua criada de quarto.

— O senhor falará com os criados — disse ela — com as chaves de meu guarda-roupa em suas mãos.

O Sargento Cuff a deteve com uma pergunta muito inesperada.

— Não deveríamos primeiro nos assegurar — perguntou — de que as outras senhoras e cavalheiros da casa também vão consentir?

— A única outra senhora da casa é a Srta. Verinder — respondeu minha senhora, com uma expressão de surpresa. — Os únicos cavalheiros são meus sobrinhos, o Sr. Blake e o Sr. Ablewhite. Não há o menor perigo de uma recusa da parte de nenhum dos três.

Neste ponto, lembrei minha senhora de que o Sr. Godfrey estava indo embora. Mal disse essas palavras, o próprio Sr. Godfrey bateu na porta para dizer adeus, e foi seguido pelo Sr. Franklin, que o acompanharia até a estação. Minha senhora explicou a dificuldade. O Sr. Godfrey a resolveu imediatamente. Chamou Samuel pela janela e mandou que ele

trouxesse de volta sua mala; depois ele próprio colocou a chave nas mãos do Sargento Cuff.

— Minha bagagem pode ir depois para Londres — disse ele — quando a investigação terminar.

O Sargento recebeu a chave e se desculpou galantemente.

— Sinto muito por causar-lhe esta inconveniência, senhor, com uma mera formalidade; mas o exemplo de seus superiores fará maravilhas para reconciliar os criados com esta investigação.

O Sr. Godfrey, depois de se despedir de minha senhora de um modo muito compreensivo, deixou uma mensagem de adeus para a Srta. Rachel, cujos termos tomaram claro para mim que ele não havia aceito um não como resposta, e que tinha a intenção de pedi-la mais uma vez em casamento, na próxima oportunidade. O Sr. Franklin, enquanto acompanhava seu primo até a porta, informou o Sargento que todas as suas roupas estavam à disposição para serem revistadas, e que nada do que possuía era guardado a chave. O Sargento Cuff agradeceu-lhe da melhor maneira possível. O senhor vai observar que sua sugestão foi aceita de pronto por minha senhora, pelo Sr. Godfrey e pelo Sr. Franklin. Só restava agora à Srta. Rachel seguir seu exemplo, antes que pudéssemos convocar os criados e começar a procura pela roupa manchada.

A objeção incompreensível de minha senhora em relação ao Sargento parecia tornar-lhe nossa conversa mais desagradável do que nunca, tão logo ficamos novamente a sós.

— Se eu lhe der as chaves da Srta. Verinder — disse-lhe ela presumo que terei feito tudo o que o senhor espera de mim por ora?

— Peço a licença de sua senhoria — disse o Sargento Cuff. — Antes de começarmos, eu gostaria, se fosse conveniente, de examinar o registro da lavanderia. A peça de roupa manchada

pode ser uma toalha de mesa. Se a busca não der em nada, quero poder em seguida saber o paradeiro de toda a roupa da casa, e de toda a roupa que foi lavada. Se um artigo estiver faltando, haverá ao menos uma probabilidade de ser o artigo manchado, e de que tenha sido propositalmente eliminado, ontem ou hoje, por seu proprietário. O Superintendente Seegrave — acrescentou o Sargento, virando-se para mim — chamou a atenção das criadas para o borrão, quando todas elas entraram no aposento na manhã de quinta-feira. É possível, Sr. Betteredge, que este tenha sido mais um dos muitos erros do Superintendente Seegrave.

Minha senhora me pediu que tocasse a sineta e pedisse o registro da lavanderia. Ficou conosco até que o registro fosse entregue, para o caso de o Sargento Cuff ter mais algum pedido a lhe fazer depois de examiná-lo.

O registro foi trazido por Rosanna Spearman. Naquele dia, a garota havia descido para o café da manhã miseravelmente pálida e cansada, mas suficientemente recuperada de sua doença da véspera para fazer seu trabalho habitual. O Sargento Cuff olhou atentamente para nossa segunda arrumadeira — para seu rosto, quando ela entrou; para seu ombro caído, quando ela saiu.

— O senhor tem mais alguma coisa a me dizer? — perguntou minha senhora, mais ansiosa do que nunca para se afastar do Sargento.

O grande Cuff abriu o registro da lavanderia, compreendeu— o perfeitamente em meio minuto, e fechou-o novamente.

— Permita-me incomodar sua senhoria com uma última pergunta — disse ele. — A jovem que nos trouxe esse registro é sua empregada há tanto tempo quanto os outros criados?

— Por que o senhor pergunta? — disse minha senhora.

— Da última vez que a vi — respondeu o Sargento — ela estava na prisão por roubo.

Depois disso, não havia escapatória senão contar-lhe a verdade. Minha senhora insistiu muito na boa conduta de Rosanna a seu serviço, e na boa opinião que a diretora do reformatório tinha dela.

— O senhor não a considera suspeita, espero? — acrescentou minha senhora, com muita ansiedade, à guisa de conclusão.

— Eu já disse a sua senhoria que não considero ninguém na casa suspeito de roubo, até o presente momento.

Depois dessa resposta, minha senhora se levantou para ir até o andar de cima e pedir as chaves da Srta. Rachel. O Sargento chegou antes de mim para abrir-lhe a porta. Fez uma reverência elaborada. Minha senhora teve um calafrio ao passar por ele.

Esperamos, esperamos, e nenhuma chave apareceu. O Sargento Cuff não fez nenhum comentário para mim. Virou seu rosto melancólico para a janela, colocou suas mãos magricelas nos bolsos e assoviou A última rosa do verão suavemente para si mesmo.

Por fim, Samuel entrou, sem as chaves, mas com um pedaço de papel para mim. Peguei meus óculos, com alguma confusão e dificuldade, sentindo os olhos tristes do Sargento fixos em mim o tempo todo. Havia duas ou três linhas no papel, escritas a lápis por minha senhora. Elas me informavam que a Srta. Rachel se recusava a deixar que examinassem seu guarda-roupa. Quando lhe haviam perguntado por que, ela havia começado a chorar. Quando lhe perguntaram novamente, ela havia dito:

— Não, porque não. Eu o farei se me forcarem, mas não o farei de nenhuma outra maneira.

Entendi a relutância de minha senhora a transmitir pessoalmente ao Sargento Cuff tal resposta de sua filha. Se eu não fosse velho demais para possuir as fraquezas afáveis da

juventude, creio que eu próprio teria ficado envergonhado diante dele.

— Alguma notícia das chaves da Srta. Verinder? — perguntou o Sargento.

— Minha jovem senhora se recusa a permitir que examinem seu guarda—roupa.

— Ah! — disse o Sargento.

Sua voz não demonstrava uma disciplina tão perfeita quanto seu rosto. Quando ele disse Ah!, disse-o com o tom de um homem que havia escutado algo que estava esperando. Ele me irritou e me amedrontou, um pouco de cada — não sei dizer por que, mas o fez.

— Devemos desistir da revista? — perguntei.

— Sim — disse o Sargento devemos desistir da revista, pois sua jovem senhora se recusa a permitir que a revistemos como os outros. Devemos revistar todos os guarda-roupas da casa, ou nenhum. Mande a mala do Sr. Ablewhite para Londres pelo próximo trem, e devolva o registro da lavanderia, com meus cumprimentos e meu muito obrigado, para a jovem que o trouxe.

Colocou o registro sobre a mesa e, tirando seu canivete do bolso, começou a cortar as unhas.

— O senhor não parece muito desapontado — disse eu.

— Não. — disse o Sargento Cuff — não estou muito desapontado.

Tentei fazê-lo se explicar.

— Por que a Srta. Rachel colocaria obstáculos em seu caminho? — perguntei. — Não é do interesse dela ajudá-lo?

— Espere um pouco, Sr. Betteredge, espere um pouco.

Mentes mais espertas do que a minha poderiam tê-lo compreendido. Ou alguém que gostasse menos da Srta. Rachel do que eu poderia tê-lo compreendido. O horror que minha senhora sentia por ele (penso agora) significava que ela o

havia compreendido (como diz a escritura) de modo obscuramente claro. Eu ainda não o compreendia — é tudo o que sei.

— O que deve ser feito agora? — perguntei.

O Sargento Cuff acabou de aparar a unha na qual estava trabalhando com atenção, olhou-a por um instante com um interesse melancólico e fechou seu canivete.

— Venha comigo até o jardim — disse ele vamos dar uma olhada nas rosas.

CAPÍTULO 14

O caminho mais curto para o jardim, saindo da sala de estar de minha senhora, era pela trilha de arbustos que os senhores já conhecem. Para que o senhor entenda melhor o que está por vir, devo acrescentar a essa informação que a trilha dos arbustos era o passeio preferido do Sr. Franklin. Quando ele não estava na casa e não conseguíamos encontrá-lo em lugar algum, era geralmente ali que o encontrávamos.

Temo dever confessar que sou um velho bastante obstinado. Quanto mais o Sargento Cuff insistia em manter seus pensamentos secretos para mim, mais eu persistia em tentar desvendá-los. Quando abordamos a trilha dos arbustos, tentei fazê-lo falar de outro modo.

— No estado atual das coisas — disse eu se eu estivesse em seu lugar, estaria completamente desnordeado.

— Se o senhor estivesse em meu lugar — respondeu o Sargento teria formado uma opinião; e, no estado atual das coisas, qualquer dúvida que pudesse ter tido antes sobre suas próprias conclusões seria afastada. Não importa, neste momento, quais são essas conclusões, Sr. Betteredge. Eu não o trouxe aqui para que tentasse ler meus pensamentos; eu o trouxe aqui para lhe pedir algumas informações. Sem dúvida o senhor poderia ter-me dado essas informações dentro da casa, em vez de fora dela. Mas as portas e os bisbilhoteiros têm o dom de andarem sempre juntos; e, na minha profissão, cultivamos um gosto saudável pelo ar livre.

Quem poderia tentar fazer falar um homem desses? Desisti e esperei com toda a paciência de que era capaz para ouvir o que viria em seguida.

— Não entraremos em detalhes com relação às razões de sua jovem senhora — continuou o Sargento. — Diremos apenas que é uma pena que ela se negue a me ajudar, pois, ao

fazer isso, torna a investigação mais difícil do que poderia ter sido se agisse de outro modo. Devemos agora tentar resolver o mistério daquele borrão na porta — que, lhe dou minha palavra, é também a chave para o mistério do Diamante — de algum outro modo. Decidi ver os criados e examinar seus pensamentos e ações, Sr. Betteredge, em vez de revistar seus guarda-roupas. Antes de começar, no entanto, quero lhe fazer uma ou duas perguntas. O senhor é um homem observador. Reparou algo estranho em algum dos criados (dando o devido desconto, é claro, ao medo e à agitação) depois que a perda do Diamante foi descoberta? Algum desentendimento específico entre eles? Algum deles demonstrou um comportamento fora do normal? Inesperadamente agressivo, por exemplo? Ou inesperadamente doente?

Mal tive tempo de pensar na doença repentina de Rosanna Spearman no jantar do dia anterior — mas não tive tempo de responder nada — quando vi os olhos do Sargento Cuff se virarem repentinamente na direção dos arbustos, e ouvi-o dizer baixinho para si mesmo Olá!.

— Qual é o problema? — perguntei.

— Um pouco de reumatismo nas costas — disse o Sargento em voz alta, como se desejasse que uma terceira pessoa nos ouvisse.

— Teremos uma mudança de tempo em breve.

Alguns passos depois chegamos à extremidade da casa. Virando abruptamente para a direita, entramos no terraço e descemos, pelas escadas do meio, para o jardim que ficava embaixo. Ali o Sargento Cuff parou, no meio de um grande espaço aberto, onde tínhamos um amplo campo de visão em todas as direções.

— Sobre aquela jovem, Rosanna Spearman — disse ele. — Não é muito provável, com sua aparência, que ela tenha um amante. Mas, para o bem da própria garota, devo perguntar-

lhe imediatamente: ela tem um namorado, pobrezinha, como o resto das criadas?

Que diabos ele queria dizer, nas atuais circunstâncias, ao me fazer uma pergunta dessas? Olhei para ele fixamente, em vez de responder,

— Vi Rosanna Spearman escondida nos arbustos quando passamos — disse o Sargento.

— Quando o senhor disse Olá?

— Sim, quando eu disse Olá. Se houver um namorado na história, não importa muito o fato de ela se esconder. Se não houver, do jeito que as coisas estão nessa casa, o fato de ela se esconder é altamente suspeito, e minha dolorosa obrigação será agir em consequência.

O que, em nome de Deus, eu deveria responder? Eu sabia que a trilha dos arbustos era o passeio favorito do Sr. Franklin; sabia que ele provavelmente iria para lá quando voltasse da estação; sabia que Penélope havia muitas vezes flagrado sua colega por ali, e sempre havia declarado para mim que o objetivo de Rosanna era atrair a atenção do Sr. Franklin. Se minha filha estivesse certa, ela poderia muito bem estar esperando a volta do Sr. Franklin quando o Sargento a viu. Fiquei encurralado entre duas dificuldades: mencionar a opinião fantasista de Penélope como se fosse minha, ou deixar que uma infeliz criatura sofresse as consequências, as consequências muito sérias, de despertar a suspeita do Sargento Cuff. Por pura pena da garota — juro por minha alma e por meu caráter, por pura pena da garota —, dei ao Sargento as explicações necessárias, e disse-lhe que Rosanna era louca o bastante para ter se apaixonado pelo Sr. Franklin.

O Sargento Cuff nunca ria. Nas poucas vezes em que algo o divertia, os cantos de sua boca se curvavam um pouco, nada mais. Isso aconteceu naquele momento.

— Não seria melhor dizer que ela é louca o bastante para ser uma garota feia e só uma criada? — perguntou ele. —

Apaixonar-se por um cavalheiro com os modos e a aparência do Sr. Franklin Blake não me parece ser, de maneira alguma, o detalhe mais louco de sua conduta. No entanto, fico feliz de ter esclarecido o assunto; é mentalmente reconfortante esclarecer as coisas. Sim, eu guardarei o segredo, Sr. Betteredge. Gosto de ser gentil com as enfermidades humanas, embora não tenha muitas oportunidades de exercer esse gosto na minha profissão. O senhor acha que o Sr. Franklin Blake não suspeita de que a garota gosta dele? Ah! Ele teria descoberto logo se ela fosse bonita. As mulheres feias sofrem neste mundo; esperemos que sejam recompensadas em outro. Que belo jardim este aqui, e que grama bem-cuidada. Veja o senhor mesmo como as flores ficam mais bonitas com grama em volta delas em vez de cascalho. Não, obrigado. Não vou pegar uma rosa. Parte meu coração cortar-lhes o caule. Assim como parte o seu coração quando alguma coisa errada acontece na ala dos criados. O senhor percebeu algo em algum dos criados que não foi capaz de explicar, quando a perda do Diamante foi descoberta?

Até então eu havia me saído bastante bem com o Sargento Cuff. Mas a astúcia com que ele fez essa última pergunta me fez ficar atento. Em bom inglês, não me agradava em nada a ideia de ajudá-lo em sua investigação, quando esta o levava (como uma cobra na grama) a meus colegas.

— Não percebi nada — disse eu — a não ser que todos perdemos a cabeça, incluindo eu próprio.

— Ah — disse o Sargento —, isso é tudo o que o senhor tem a me dizer, então?

Respondi com uma compostura impecável (conforme gosto de pensar).

— Isso é tudo.

Os olhos tristes do Sargento Cuff olharam para meu rosto fixamente.

— Sr. Betteredge — disse ele o senhor tem alguma objeção em me dar a honra de apertar-lhe a mão? Tomei muito gosto pelo senhor.

(Por que ele escolheu exatamente o momento em que eu o estava enganando para me dar essa prova de consideração está acima de qualquer compreensão! Eu me senti um tanto orgulhoso — realmente me senti um tanto orgulhoso de ter conseguido enfim ser mais esperto do que o célebre Cuff!)

Voltamos para dentro da casa; o Sargento pediu-me que providenciasse um quarto para ele e mandasse entrar os criados (apenas os criados que trabalhassem dentro da casa), um depois do outro, em ordem de importância, do primeiro ao último.

Fiz o Sargento Cuff entrar em meu próprio quarto, e então convoquei todos os criados no vestíbulo. Rosanna Spearman também apareceu, muito naturalmente. A seu modo, ela era tão esperta quanto o Sargento, e suspeito que tenha escutado o que ele me havia dito sobre os criados em geral logo antes de tê-la descoberto. De qualquer maneira, ali estava ela, com um ar de quem jamais havia ouvido falar de um lugar chamado caminho dos arbustos em toda sua vida.

Mandei-os entrar, um por um, como me havia sido pedido. A cozinheira foi a primeira a entrar na Corte de Justiça, ou melhor, em meu quarto. Permaneceu lá dentro apenas por pouco tempo. Comentário, ao sair:

— O Sargento Cuff está deprimido, mas é um perfeito cavalheiro.

A criada de quarto de minha senhora entrou em seguida. Permaneceu lá dentro durante muito mais tempo. Comentário, ao sair:

— Se o Sargento Cuff não acredita em uma mulher respeitável, ele pode guardar sua opinião para si!

Penélope entrou em seguida. Permaneceu lá dentro por apenas um ou dois minutos. Comentário, ao sair:

— Devemos ter muita pena do Sargento Cuff. Ele deve ter tido uma decepção no amor, papai, quando era jovem.

A primeira arrumadeira entrou depois de Penélope. Permaneceu lá dentro, como a criada de quarto de minha senhora, durante um longo tempo. Comentário, ao sair:

— Sr. Betteredge, eu não entrei para o serviço de sua senhoria para que um reles oficial de polícia duvide da minha palavra!

Rosanna Spearman entrou era seguida. Permaneceu lá dentro durante mais tempo do que todas as outras. Nenhum comentário ao sair — silêncio sepulcral, e lábios pálidos como cinzas. Samuel, o lacaio, entrou depois de Rosanna. Permaneceu lá dentro durante um ou dois minutos. Comentário, ao sair:

— Qualquer um que suje as botas do Sargento Cuff deveria ter vergonha de si mesmo.

Nancy, a copeira, entrou por último. Permaneceu lá dentro durante um ou dois minutos. Comentário, ao sair:

— O Sargento Cuff tem coração; ele não brinca em serviço, Sr. Betteredge, com uma pobre garota trabalhadora.

Ao entrar na Corte de Justiça, quando tudo havia terminado, para saber se havia alguma outra ordem para mim, encontrei o Sargento em sua conhecida postura — olhando para fora de uma janela e assoviando *A Última Rosa Do Verão* para si mesmo.

— Alguma descoberta, senhor? — perguntei.

— Se Rosanna Spearman pedir permissão para sair — disse o Sargento —, deixe a pobrezinha ir, mas me avise primeiro.

Eu devia ter segurado a língua a respeito de Rosanna e do Sr. Franklin! Estava muito claro: a infeliz garota havia levantado as suspeitas do Sargento Cuff, a despeito de tudo o que eu havia feito para evitar isso.

— Espero que o senhor não ache que Rosanna está envolvida com a perda do Diamante? — atrevi-me a dizer.

Os cantos da boca melancólica do Sargento se curvaram e ele me olhou direto no rosto, como havia feito no jardim.

— Penso que é melhor que eu não lhe conte, Sr. Betteredge — disse ele. — O senhor pode perder a cabeça pela segunda vez.

Comecei a duvidar se, no final das contas, eu havia sido mais esperto do que o célebre Cuff! Para mim foi um alívio o fato de sermos interrompidos neste ponto por uma batida na porta, e um recado da cozinheira. Rosanna Spearman, afinal, havia pedido para sair, pela razão habitual de que não estava se sentindo bem e queria tomar um pouco de ar puro. A um sinal do Sargento, eu respondi que sim.

— Qual é a porta que os criados usam para sair? — perguntou ele quando a cozinheira havia saído.

Eu lhe mostrei a porta pela qual os criados saíam.

— Tranque a porta de seu quarto — disse o Sargento — e, se alguém perguntar por mim, diga que estou aqui, refletindo sobre os fatos.

Novamente os cantos de seus lábios se curvaram, e ele desapareceu.

Sozinho mais uma vez, e naquelas circunstâncias, uma curiosidade feroz me impeliu a fazer algumas descobertas por conta própria.

Estava claro que as suspeitas do Sargento Cuff em relação a Rosanna foram despertadas por algo que havia descoberto ao questionar os criados em meu quarto. Pois bem, as duas únicas criadas (com exceção da própria Rosanna) que permaneceram no quarto por algum tempo eram a criada de quarto de minha senhora e a primeira arrumadeira, e essas duas eram também as mulheres que desde o início tomaram a dianteira na desconfiança em relação a sua infeliz colega. Procurei-as, agindo do modo mais casual possível, no pavilhão

dos criados, e, ao verificar que estavam tomando o chá, imediatamente me convidei a juntar-me a elas. (Pois, *nota bene*, uma gota de chá está para a língua de uma mulher assim como uma gota de óleo está para uma lâmpada que se apaga.)

Minha confiança no bule de chá como um aliado não ficou sem recompensa. Em menos de meia hora eu sabia tanto quanto o próprio Sargento.

Aparentemente, nem a criada de quarto de minha senhora nem a arrumadeira haviam acreditado na doença de Rosanna na véspera. Esses dois demônios — peço seu perdão, mas de que outra maneira se pode descrever duas mulheres tão amargas? — tinham se esgueirado para o andar de cima algumas vezes durante a tarde de quinta-feira; haviam tentado abrir a porta de Rosanna, e a haviam encontrado trancada; haviam batido na porta, e ficado sem resposta; haviam colado o ouvido na porta, e não haviam escutado nenhum ruído do lado de dentro. Quando a garota desceu para o chá e, ainda indisposta, foi mandada novamente para seu quarto, os dois citados demônios haviam novamente forçado sua porta, e a haviam encontrado trancada; haviam olhado pelo buraco da fechadura, e este estava tapado; haviam visto uma luz sob a porta à meia-noite e escutado o crepitar de uma lareira (uma lareira no quarto de dormir de uma criada no mês de junho!) às quatro da manhã. Havia dito tudo isso ao Sargento Cuff que, em troca de sua ansiedade em ajudá-lo, lhes havia lançado olhares suspeitos e lhes mostrado claramente que não acreditava nem em uma nem na outra. Daí os comentários desfavoráveis a respeito do Sargento que as duas mulheres haviam feito ao sair do quarto. Daí também (sem levar em conta a influência do bule de chá) sua disposição em deixar suas línguas agirem incansavelmente no que diz respeito ao comportamento ingrato do Sargento Cuff para com elas.

Já tendo alguma experiência do comportamento cheio de rodeios do grande Cuff, e tendo-o visto pela última vez,

evidentemente inclinado a seguir Rosanna em segredo durante sua caminhada, parecia-me claro que ele havia considerado desaconselhável deixar a criada de quarto de minha senhora e a arrumadeira saberem o quão materialmente o haviam ajudado. Se ele houvesse tratado seu testemunho como sendo digno de confiança, elas teriam justamente ficado convencidas com isso, e teriam dito ou feito algo que despertaria a desconfiança de Rosanna Spearman.

Saí na agradável tarde de verão, lamentando muito pela pobre garota, e com o espírito muito inquieto com relação ao desenrolar dos acontecimentos. Indo em direção aos arbustos, algum tempo depois, ali encontrei o Sr. Franklin. Depois de ter voltado da estação, onde tinha ido acompanhar seu primo, ele havia estado com minha senhora e tido com ela uma longa conversa. Ela havia lhe contado sobre a inexplicável recusa da Srta. Rachel em deixar que examinassem seu guarda-roupa, e havia lhe causado tamanha tristeza em relação a minha jovem senhora que ele parecia evitar falar no assunto. Naquele dia, o temperamento familiar era patente em seu rosto, pela primeira vez desde que eu o conhecia.

— Bem, Betteredge — disse ele o que você acha da atmosfera de mistério e suspeita em que estamos todos vivendo agora? Você se lembra daquela manhã em que cheguei aqui com a Pedra da Lua? Quisera Deus eu a houvesse jogado na areia movediça!

Depois de começar desse modo, ele se absteve de falar novamente até que houvesse se recomposto. Caminhamos em silêncio, lado a lado, durante um ou dois minutos, e ele então me perguntou o que era feito do Sargento Cuff. Era impossível desviar a atenção do Sr. Franklin com a desculpa de que o Sargento estava em meu quarto, refletindo sobre os fatos. Conte-ihe exatamente o que havia acontecido, mencionando em particular o que a criada de quarto de minha senhora havia dito sobre Rosanna Spearman.

O espírito lúcido do Sr. Franklin percebeu que direção as suspeitas do Sargento haviam tomado num piscar de olhos.

— Você não me contou esta manhã — disse ele — que o padeiro declarou ter encontrado Rosanna ontem na estrada para Frizinghall, quando ela estava supostamente doente em seu quarto?

— Sim, senhor.

— Se a criada de quarto de minha tia e a outra mulher falaram a verdade, pode apostar que o padeiro realmente a encontrou. O mal-estar da garota foi um truque para nos enganar. Ela tinha alguma razão ilícita para ir à cidade secretamente. A roupa manchada é dela, e a lareira crepitando em seu quarto às quatro da manhã tinha o objetivo de destruí-la. Rosanna Spearman roubou o Diamante. Vou entrar imediatamente e contar a minha tia o rumo que os acontecimentos tomaram.

— Não ainda senhor, peço-lhe — disse uma voz melancólica atrás de nós.

Ambos nos viramos e nos deparamos com o Sargento Cuff.

— Por que não ainda? — perguntou o Sr. Franklin.

— Porque, senhor, se contar para sua senhoria, sua senhoria contará para a Srta. Verinder.

— Suponhamos que sim. E então?

O Sr. Franklin disse essas palavras com ardor e veemência repentinos, como se o Sargento o houvesse ofendido mortalmente.

— O senhor acha prudente — disse o Sargento Cuff calmamente — fazer uma pergunta destas a mim, em uma hora destas?

Houve um instante de silêncio entre eles: o Sr. Franklin chegou mais perto do Sargento. Os dois olharam diretamente um para o outro. O Sr. Franklin falou primeiro, abaixando a voz tão repentinamente quanto a havia levantado.

— Suponho que saiba, Sr. Cuff — disse ele que está pisando em terreno perigoso?

— Não é a primeira vez que me encontro pisando em terreno perigoso. Pelo contrário — respondeu o outro, impassível como nunca.

— Devo entender que o senhor está me proibindo de contar a minha tia o que aconteceu?

— O senhor deve entender, se for do seu agrado, que eu desisto do caso se o senhor contar o que aconteceu a Lady Verinder, ou a qualquer pessoa, até que eu lhe dê permissão.

Isso resolveu o assunto. O Sr. Franklin não teve escolha a não ser obedecer. Virou as costas furioso — e nos deixou.

Eu havia ficado parado escutando, tremendo da cabeça aos pés, sem saber de quem suspeitar ou o que pensar em seguida. Em meio a minha confusão, no entanto, duas coisas estavam claras para mim. Primeiro, que minha jovem senhora, de alguma maneira inexplicável, estava na origem das palavras ásperas que os dois homens haviam trocado. Segundo, que eles se entendiam perfeitamente, sem que nenhuma palavra de explicação houvesse sido trocada anteriormente entre eles.

— Sr. Betteredge — disse o Sargento —, o senhor fez uma coisa muito tola durante minha ausência. Fez um pequeno trabalho de detetive por sua própria conta. No futuro, talvez o senhor possa ter a gentileza de fazer seu trabalho de detetive junto comigo.

Tomou-me pelo braço e me conduziu consigo pelo mesmo caminho de onde havia surgido. Atrevo-me a dizer que eu havia merecido sua reprimenda — mas nem por isso iria ajudá-lo a colocar armadilhas para Rosanna Spearman. Ladra ou não, sincera ou não, não importa, eu sentia pena dela.

— O que o senhor quer de mim? — perguntei, afastando-me dele e parando abruptamente.

— Apenas uma pequena informação sobre a região — disse o Sargento.

Eu não poderia me recusar a melhorar os conhecimentos de geografia do Sargento Cuff.

— Existe algum caminho, naquela direção a partir da casa, que leve à praia? — perguntou o Sargento. Ao falar, apontou para a plantação de abetos que levava à Areia Trêmula.

— Sim — disse eu existe um caminho.

— Mostre-me.

Lado a lado, na tarde cinzenta de verão, o Sargento Cuff e eu partimos em direção à Areia Trêmula.

CAPÍTULO 15

O Sargento permaneceu em silêncio, imerso em seus pensamentos, até chegarmos à plantação de abetos que levava à Areia Trêmula. Ali animou-se, como um homem que tomou uma decisão, e falou comigo novamente.

— Sr. Betteredge — disse ele como o senhor me fez a honra de manejar um dos remos de meu barco e como penso que o senhor pode me prestar alguma assistência antes do final da noite, não vejo razão para que continuemos a lograr um ao outro. Proponho lhe dar um exemplo de franqueza da rainha parte. O senhor está determinado a não me dar nenhuma informação que prejudique Rosanna Spearman, porque ela foi uma boa garota para o senhor e porque o senhor realmente sente pena dela. Essas considerações humanitárias lhe dão muito crédito, mas nesse caso se revelam considerações jogadas fora. Rosanna Spearman não corre o menor perigo de se meter em apuros — não, não se eu a culpar de estar ligada ao desaparecimento do Diamante, baseado em provas tão evidentes quanto o nariz em seu rosto!

— O senhor quer dizer que minha senhora não vai processá-la? — perguntei.

— Quero dizer que sua senhora não pode processá-la — disse o Sargento. — Rosanna Spearman é apenas um instrumento nas mãos de outra pessoa, e Rosanna Spearman será poupada pelo bem dessa outra pessoa.

Ele falou como um homem convicto — não havia como negar isso. Ainda assim, eu sentia a presença de algo perturbador contra ele em minha mente.

— O senhor não pode dar um nome a essa outra pessoa? — perguntei.

— O senhor não pode, Sr. Betteredge?

— Não.

O Sargento Cuff ficou absolutamente imóvel, e me lançou um olhar de melancólico interesse.

— Para mim é sempre um prazer ser compassivo para com a enfermidade humana — disse ele. — Sinto-me particularmente compassivo no presente momento, Sr. Betteredge, em relação ao senhor. E o senhor, pelo mesmo excelente motivo, sente-se particularmente compassivo em relação a Rosanna Spearman, não é mesmo? O senhor por acaso saberia dizer se ela ganhou um novo vestido ultimamente?

O que ele queria dizer ao fazer essa pergunta extraordinária sem sobreaviso eu realmente não podia imaginar. Sem ver nenhum mal que pudesse ser causado a Rosanna se eu dissesse a verdade, respondi que a garota havia chegado a nossa casa com muito poucas peças de roupa, e que minha senhora, em recompensa por sua boa conduta (enfatizei sua boa conduta), havia lhe dado um vestido novo há menos de duas semanas.

— Esse é um mundo miserável — disse o Sargento. — A vida humana, Sr. Betteredge, é uma espécie de alvo: o infortúnio está sempre tentando atingi-la, e está sempre acertando. Se não fosse por esse vestido, teríamos descoberto uma nova camisola ou anágua entre os pertences de Rosanna, e a teríamos pego desta maneira. O senhor não está tendo dificuldades para me compreender, está? O senhor mesmo interrogou os criados, e sabe o que duas delas descobriram do lado de fora da porta de Rosanna. Certamente sabe também o que a garota foi fazer ontem, depois de ter se sentido mal? Não pode adivinhar? Ah, pobre de mim, é tão evidente quanto aquele raio de luz ali, entre as árvores. Às onze horas da manhã de quinta-feira, o Superintendente Seegrave (que é um poço de debilidade humana) mostra a todas as criadas o borrão na porta. Rosanna tem suas próprias razões para

suspeitar de suas coisas; aproveita a primeira oportunidade para subir ao seu quarto, encontra a mancha em sua camisola, anágua, ou o que seja, se diz doente e escapa até a cidade, compra materiais para fabricar uma nova anágua ou camisola, e costura sozinha em seu quarto na noite de quinta-feira. Acende a lareira (não para destruí-la; duas de suas colegas criadas estão à espreita do lado de fora de sua porta, e ela é esperta demais para produzir cheiro de queimado, e um monte de cinzas das quais teria de se livrar) — acende a lareira, dizia eu, para secar e passar a roupa nova depois de amassá-la, esconde a roupa manchada (provavelmente usando-a), e neste momento está ocupada em livrar-se dela, em algum lugar conveniente, na praia deserta diante de nós. Segui-a esta tarde até o vilarejo de pescadores, e até um chalé em especial, que possivelmente teremos de visitar antes de voltarmos. Ela ficou dentro do chalé durante algum tempo, e saiu (penso eu) com algo escondido dentro da capa. Uma capa, nas costas de uma mulher, é um símbolo de caridade — encobre uma infinidade de pecados. Eu a vi indo em direção ao norte ao longo da costa, depois de deixar o chalé. Sua costa aqui é considerada um belo espécime de paisagem marinha, Sr. Betteredge?

— Sim — respondi, com a maior brevidade possível.

— Os gostos variam — disse o Sargento Cuff. — Do meu ponto de vista, nunca vi uma paisagem marinha que admirasse menos. Se acontecer de se estar seguindo outra pessoa ao longo de sua costa, e se acontecer de essa pessoa olhar em volta, não há sinal de abrigo para se esconder em lugar algum. Eu tive de escolher entre prender Rosanna, sob custódia, por suspeita, ou deixá-la, por enquanto, com seu joguinho nas mãos. Por algumas razões, com as quais não vou lhe aborrecer, decidi fazer qualquer sacrifício para não dar o alarme hoje à noite para uma certa pessoa que permanecerá sem nome entre nós. Voltei à casa para pedir-lhe que me levasse ao extremo norte da praia por outro caminho. A areia,

por guardar a impressão dos passos das pessoas, é um dos melhores ajudantes dos detetives que conheço. Se não encontrarmos Rosanna Spearman por este caminho, a areia pode nos dizer o que ela esteve fazendo, contanto que a luz dure o bastante. Aqui está a areia. Se o senhor permitir a sugestão, suponhamos que o senhor segure sua língua, e me deixe ir primeiro?

Se existe algo conhecido pelos médicos como febre de detetive, essa doença havia agora dominado este seu criado. O Sargento Cuff continuou seu caminho, por entre os bancos de areia, até a praia. Eu o segui (com o coração na boca) e esperei, um pouco afastado, pelo que viria em seguida.

Por coincidência, vi-me praticamente no mesmo lugar em que Rosanna Spearman e eu havíamos conversado quando o Sr. Franklin apareceu subitamente diante de nós, ao chegar de sua casa de Londres. Enquanto meus olhos observavam o Sargento, minha mente se voltou à minha revelia para o que havia acontecido, naquela ocasião, entre mim e Rosanna. Declaro quase ter sentido novamente a pobrezinha colocar sua mão na minha e apertá-la graciosamente para agradecer-me por ter lhe falado com gentileza. Declaro quase ter ouvido sua voz contando-me novamente que a Areia Trêmula parecia atraí-la contra sua própria vontade, todas as vezes em que saía — quase vi seu rosto se iluminar novamente, como se iluminou quando ela viu pela primeira vez o Sr. Franklin andando rapidamente em nossa direção, vindo das dunas. Fiquei cada vez mais triste à medida que pensava nessas coisas — e a visão da pequena baía solitária, quando olhei em volta antes de me levantar, apenas contribuiu para me fazer ficar ainda mais inquieto.

Os últimos raios de luz da tarde estavam indo embora, e em todo aquele lugar ermo reinava uma calma absoluta e assustadora. O movimento do oceano no grande banco de areia na entrada da baía era um movimento que não fazia

nenhum ruído. O mar dentro da baía parecia perdido e apagado, sem uma lufada de vento sequer para agitá-lo. Feias manchas de vaza flutuavam, amarelo-esbranquiçadas, na superfície morta da água. Espuma e lodo brilhavam fracamente em alguns lugares, onde os últimos vestígios de luz ainda os atingiam junto às duas grandes pontas pedregosas que entravam, ao norte e ao sul, mar adentro. Era a hora da virada da maré e, enquanto eu estava ali esperando, a ampla face marrom da areia movediça começou a curvar-se e a tremer — a única coisa que se movia naquele lugar horrendo.

Vi o Sargento ter um sobressalto quando o movimento da areia chamou sua atenção. Depois de olhar para ela durante um ou dois minutos, ele se virou e voltou para junto de mim.

— Lugar traiçoeiro, Sr. Betteredge — disse ele —, e nenhum sinal de Rosanna Spearman na praia, onde quer que se procure.

Levou-me para a parte baixa da praia, e vi por mim mesmo que as suas pegadas e as minhas eram as únicas pegadas impressas na areia.

— Para que lado fica o vilarejo de pescadores, daqui onde estamos? — perguntou o Sargento Cuff.

— Cobb's Hole. — Respondi (pois era esse o nome do lugar). — Fica bem perto, ao sul.

— Vi a garota esta tarde, andando pela praia em direção ao norte, vindo de Cobb's Hole — disse o Sargento. — Consequentemente, ela devia estar vindo nesta direção. Cobb's Hole fica do outro lado daquela ponta ali? E pode-se chegar até lá, agora que a maré está baixa, pela praia?

— Sim — respondi às duas perguntas.

— Se o senhor me permitir a sugestão, vamos andar depressa — disse o Sargento. — Quero encontrar o lugar onde ela saiu da praia antes que escureça.

Havíamos caminhado, eu diria, por umas duzentas jardas na direção de Cobb's Hole, quando o Sargento Cuff repentinamente se ajoelhou na praia, aparentemente arrebatado por um súbito fervor religioso.

— Há algo que pode ser dito sobre esta sua paisagem marinha, afinal — observou o Sargento. — Aqui estão pegadas de mulher, Sr. Betteredge! Digamos que são pegadas de Rosanna, até que encontremos provas irrefutáveis do contrário. Pegadas muito confusas, como o senhor terá a gentileza de observar; propositalmente confusas, diria eu. Ah, pobre alma, ela entende as virtudes detetivescas da areia tão bem quanto eu! Mas não estaria ela apressada demais para confundir totalmente as marcas? Penso que sim. Aqui está uma pegada vindo de Cobb's Hole, e aqui está outra voltando. Isso não é a ponta de seu sapato apontando na direção da beira da água? E não estou vendo duas marcas de calcanhares mais embaixo na praia, também perto da beira da água? Não quero ferir seus sentimentos, mas temo que Rosanna seja dissimulada. Está parecendo que ela estava determinada a ir ao lugar do qual eu e você acabamos de vir, sem deixar nenhuma marca na areia que pudesse identificá-la. Deveríamos dizer que ela andou na direção da água a partir deste ponto até chegar ao recife atrás de nós, voltou pelo mesmo caminho, e depois andou novamente pela praia onde estas duas marcas de calcanhares ainda estão visíveis? Sim, vamos dizer isso. Parece estar de acordo com minha opinião de que ela carregava algo sob a capa, quando deixou o chalé. Não! Não algo a ser destruído, pois, nesse caso, onde estaria a necessidade de todas essas precauções para evitar que eu descobrisse o lugar onde sua caminhada terminou? Algo a ser escondido é, penso eu, a melhor das duas hipóteses. Talvez se formos até o chalé descubramos o que é?

Diante dessa proposta, minha febre de detetive esfriou repentinamente.

— O senhor não precisa de mim — disse eu. — Em que eu poderia ajudar?

— Quanto mais eu o conheço, Sr. Betteredge — disse o Sargento mais virtudes descubro. Modéstia. Ah, pobre de mim, como a modéstia é rara neste mundo! E quanto dessa raridade o senhor possui! Se eu for sozinho ao chalé, as línguas das pessoas estarão amarradas na primeira pergunta que eu fizer. Se eu for com o senhor, estarei sendo apresentado por um vizinho mercedamente respeitado, e o resultado será uma conversa fluente. Penso dessa maneira; como o senhor pensa?

Sem ter uma resposta suficientemente inteligente com tanta rapidez quanto poderia ter desejado, tentei ganhar tempo perguntando-lhe a qual chalé ele gostaria de ir.

Quando o Sargento descreveu o lugar, reconheci o chalé habitado por um pescador chamado Yolland, com sua mulher e duas crianças crescidas, um filho e uma filha. Se os senhores olharem para trás, descobrirão que, quando lhes apresentei Rosanna Spearman, disse que ocasionalmente ela variava seu caminho para a Areia Trêmula e fazia uma visita a uns amigos seus em Cobb's Hole. Esses amigos eram os Yollands — pessoas respeitáveis e valorosas, um acréscimo para a vizinhança. A amizade de Rosanna com eles havia começado através da filha, que tinha um pé deformado e era conhecida em nossa região pelo nome de Lucy Manca. As duas garotas deformadas, suponho, tinham uma espécie de solidariedade uma com a outra. De qualquer modo, os Yolland e Rosanna sempre pareceram se entender, nas poucas ocasiões em que tiveram de se encontrar, de maneira agradável e amigável. O fato de o Sargento Cuff ter seguido a garota até o seu chalé lançou uma nova luz sobre minha ajuda em sua investigação. Rosanna simplesmente havia ido onde estava habituada a ir, e mostrar que ela havia estado com o pescador e sua família era como provar que sua ocupação havia sido inocente, pelo menos até então. Portanto, se eu me deixasse convencer pela

lógica do Sargento Cuff, seria como fazer um favor à garota, em vez de um mal. Seguindo esse raciocínio, declarei-me convencido.

Seguimos para Cobb's Hole, olhando as pegadas na areia, até enquanto havia luz.

Ao chegar ao chalé, descobrimos que o pescador e seu filho haviam saído de barco, e Lucy Manca, sempre fraca e cansada, estava descansando em sua cama no andar de cima. A bondosa Sra. Yolland nos recebeu sozinha na cozinha. Quando soube que o Sargento Cuff era uma pessoa conhecida em Londres, colocou uma garrafa de gim holandês e um par de cachimbos na mesa, e olhou para ele como se não conseguisse desviar os olhos.

Sentei-me quieto em um canto, esperando para ver como o Sargento encontraria uma maneira de abordar o assunto Rosanna Spearman. Sua maneira habitual de trabalhar fazendo rodeios revelou-se, nessa ocasião, mais característica do que nunca. Como ele conseguiu tal coisa estava acima da minha compreensão na ocasião, e está acima da minha compreensão agora. Mas o que é certo é que ele começou com a família real, os metodistas primitivos e o preço do peixe, e daí (da sua maneira melancólica, subterrânea) seguiu para o desaparecimento da Pedra da Lua, o desprezo de nossa arrumadeira e o comportamento duro das criadas em geral para com Rosanna Spearman. Tendo chegado ao assunto dessa maneira, falou sobre sua própria função na investigação sobre o Diamante perdido, que seria em parte encontrá-lo e em parte libertar Rosanna Spearman das suspeitas injustas de suas inimigas dentro da casa. Em cerca de um quarto de hora, a contar do momento em que entramos na cozinha, a bondosa Sra. Yolland estava convencida de estar falando com o melhor amigo de Rosanna, e encorajava o Sargento Cuff a reconfortar seu estômago e revigorar seu espírito com a ajuda da garrafa holandesa.

Absolutamente convencido de que o Sargento estava gastando sua saliva com a Sra. Yolland a troco de nada, fiquei sentado observando sua conversa, assim como fiquei sentado, há tempos atrás, assistindo a uma peça de teatro. O grande Cuff deu provas de uma paciência maravilhosa, tentando a sorte a esmo por aqui e por ali, e disparando tiro atrás de tiro, aleatoriamente, na esperança de atingir o alvo. Tudo favorecia Rosanna, nada prejudicava Rosanna — foi assim que terminou, não importa o quanto ele tenha tentado: com a Sra. Yolland falando pelos cotovelos e confiando nele do modo mais completo. Seu último esforço foi feito quando havíamos consultado nossos relógios e nos levantado para ir embora.

— Agora vou desejar-lhe boa noite, madame — disse o Sargento. — E lhe direi apenas, indo embora, que Rosanna Spearman tem em mim, seu humilde criado, uma pessoa que torce por ela. Mas, oh, pobre de mim! Ela nunca poderá ficar trabalhando onde está, e meu conselho para ela é que vá embora.

— Deus o abençoe; ela vai embora! — exclama a Sra. Yolland. (*Nota bene* — estou traduzindo o falar da Sra. Yolland do dialeto de Yorkshire para a língua inglesa. Quando lhes disser que o sabido Cuff ficou muitas vezes perplexo, sem compreendê-la, até que eu o ajudasse, tirarão suas próprias conclusões quanto ao estado de espírito no qual os senhores ficariam se eu reproduzisse as palavras dela em sua própria língua.)

Rosanna Spearman, nos deixar! Levantei as orelhas ao ouvir isso. Parecia estranho, para não dizer outra coisa, que ela não houvesse avisado, em primeiro lugar, a minha senhora ou a mim. Uma dúvida resoluta surgiu em minha mente quanto ao último tiro a esmo do Sargento Cuff. Teria ele atingido o alvo? Comecei a me perguntar se meu papel na investigação era tão inofensivo quanto eu havia pensado. Poderia até ser um hábito na profissão do Sargento enganar

uma mulher honesta enredando-a em uma teia de mentiras; mas era meu dever me lembrar, como bom protestante, que o Diabo é o pai da mentira e que a maldade e o Diabo nunca estão muito longe um do outro. Começando a sentir o cheiro da maldade, tentei fazer com que o sargento Cuff saísse.

Ele sentou-se de novo imediatamente, e pediu uma gota de conforto da garrafa holandesa. A Sra. Yolland sentou-se diante dele e deu-lhe seu trago. Eu fui até a porta, muito pouco à vontade, e disse que achava que devia desejar-lhes boa-noite — e no entanto não saí.

— Então ela pretende ir embora? — disse o Sargento. — O que ela fará quando for embora? Triste, triste! A pobre criatura não tem nenhum amigo no mundo, fora a senhora e eu.

— Ah, tem sim! — disse a Sra. Yolland. — Como lhe falei, ela veio aqui esta tarde e, depois de se sentar e conversar um pouco com minha menina Lucy, pediu para subir sozinha até o quarto de Lucy. É o único quarto em nossa casa onde há pena e tinta. Quero escrever uma carta para um amigo, disse ela, e não posso fazer isso com todos os intrometidos e bisbilhoteiros daquela casa. Não posso lhe dizer para quem era a carta: deve ter sido uma bem comprida, a julgar pelo tempo que ela passou lá em cima. Ofereci-lhe um selo postal quando ela desceu. Ela não estava com a carta na mão, e não aceitou o selo. Meio reservada, pobrezinha (como o senhor sabe), com sua pessoa e suas ações. Mas ela tem um amigo em algum lugar, posso lhe dizer; e para este amigo, o senhor pode apostar, ela irá.

— Em breve? — perguntou o Sargento.

— Assim que puder — disse a Sra. Yolland.

Neste ponto, afastei-me novamente da porta. Como intendente da casa de minha senhora, eu não podia permitir que esse tipo de conversa leviana sobre se um de nossos

criados iria ou não embora continuasse por mais tempo na minha presença, sem me manifestar.

— A senhora deve estar enganada sobre Rosanna Spearman — disse eu. — Se ela fosse sair de seu emprego atual, teria mencionado isso, em primeiro lugar, a mim.

— Enganada! — exclama a Sra. Yolland. — Mas se há apenas uma hora ela comprou algumas coisas de que precisava para viajar: de mim, Sr. Betteredge, neste aposento mesmo. E isso me lembra — disse a enfadonha mulher, começando de repente a apalpar o bolso — de algo que tenho a dizer sobre Rosanna e seu dinheiro. Um dos senhores por acaso irá vê-la quando voltarem a casa?

— Darei um recado à pobrezinha, com o maior prazer — respondeu o Sargento Cuff, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

A Sra. Yolland tirou do bolso algumas moedas e contou-as na palma da mão com um cuidado dos mais extremos e irritantes. Ofereceu o dinheiro ao Sargento, parecendo o tempo todo muito pouco inclinada a separar-se dele.

— Será que eu poderia lhe pedir que devolvesse isso a Rosanna, com meu amor e minhas recomendações? — disse a Sra. Yolland.

— Ela insistiu em me pagar por uma ou duas coisas que quis levar esta noite, e dinheiro é sempre bem-vindo em nossa casa, não nego. Ainda assim, não me sinto bem tirando as economias da pobrezinha. E, para lhe dizer a verdade, não acho que meu homem gostaria de saber que eu fiquei com o dinheiro de Rosanna Spearman quando voltar amanhã de manhã do trabalho. Por favor, diga-lhe que ela pode ficar com as coisas que comprou de mim como presente. E não deixe o dinheiro em cima da mesa — disse a Sra. Yolland, subitamente colocando o dinheiro diante do Sargento, como se ele estivesse queimando seus dedos. — Isso, que homem bom! Os

tempos são duros, e a carne é fraca; eu poderia ficar tentada a colocá-lo novamente em meu bolso.

— Vamos indo! — disse eu. — Não posso esperar mais: devo voltar para casa.

— Irei logo em seguida — disse o Sargento Cuff.

Pela segunda vez, fui até a porta; e, pela segunda vez, por mais que tentasse, não fui capaz de cruzar a soleira.

— Trata-se de um assunto delicado, madame — ouvi o Sargento dizer — devolver dinheiro. Tenho certeza de que a senhora cobrou barato pelas coisas.

— Barato! — disse a Sra. Yolland. — Venha e julgue o senhor mesmo.

Ela pegou a vela e levou o Sargento até um canto da cozinha. Juro por tudo, não pude evitar segui-los. No canto havia uma pilha de velharias (a maioria de metal), que o pescador havia tirado de barcos naufragados em diferentes ocasiões, e que ainda não havia conseguido vender. A Sra. Yolland pescou, em meio a esse lixo, uma velha caixa de metal laqueada com uma tampa e uma alça para pendurá-la — o tipo de objeto que se usa a bordo para guardar mapas, cartas marítimas e coisas assim, protegendo-os da umidade.

— Aqui está! — disse ela. — Quando Rosanna esteve aqui esta tarde, comprou uma parecida com esta. Vai servir perfeitamente, disse ela, para guardar meus punhos e golas, e evitar que se amassem em minha mala. Um xelim e nove pence, Sr. Cuff. Pelo pão de que vivo, nenhum penny a mais!

— Muito barato! — disse o Sargento com um grande suspiro.

Sopesou a caixa em sua mão. Pensei ter ouvido uma nota ou duas de *A Última Rosa Do Verão* enquanto ele a examinava. Agora não havia mais dúvida! Ele havia feito mais uma descoberta que prejudicava Rosanna Spearman, no lugar exato onde eu pensava que ela estivesse mais segura, e tudo por meu intermédio! Deixo-lhes imaginar o que senti e o quão

sinceramente me arrependi de ter sido o intermediário do encontro da Sra. Yolland com o Sargento Cuff.

— Basta — disse eu. — Realmente temos que ir.

Sem prestar a menor atenção em mim, a Sra. Yolland mergulhou novamente a mão no lixo e desta vez trouxe à tona uma coleira de cachorro.

— Pegue isso, senhor — disse ela ao Sargento. — Tínhamos três dessas e Rosanna levou duas. O que você pode querer fazer, querida, com um par de coleiras de cachorro?", perguntei. Se eu juntá-las, poderei amarrá-las em volta da minha mala, respondeu-me ela. Corda é mais barato, eu disse. Corrente é mais seguro, disse ela. Quem já viu uma mala amarrada com correntes?, retruquei. Ah, Sra. Yolland, não faça objeções!, disse ela; Deixe-me ficar cora as correntes! Garota estranha, Sr. Cuff; boa como tudo, e mais gentil do que uma irmã com minha Lucy, mas sempre um pouco estranha. Veja só! Eu a aborreci. Três xelins e seis pence. Dou minha palavra de mulher honesta, Sr. Cuff, três xelins e seis pence!

— Cada uma? — disse o Sargento.

— As duas juntas! — disse a Sra. Yolland. — Três xelins e seis pence pelas duas.

— Dadas, madame — disse o Sargento, balançando a cabeça. — Rigosamente dadas!

— Aqui está o dinheiro — disse a Sra. Yolland, virando-se de lado para o pequeno monte de prata em cima da mesa, como se ele a atraísse irresistivelmente. — A caixa de metal e as coleiras foram tudo o que ela comprou, e tudo o que levou embora. Um xelim e nove pence e três xelins e seis pence, no total, cinco xelins e três pence. Com meu amor e minhas recomendações: não posso tirar as economias de uma pobre garota, quando ela pode precisar delas.

— Sou eu quem não pode, madame, devolver o dinheiro — disse o Sargento Cuff. — A senhora praticamente lhe deu as coisas de presente, realmente deu.

— É sua opinião sincera, senhor? — disse a Sra. Yolland, com o rosto se iluminando.

— Não há dúvida a respeito — respondeu o Sargento. — Pergunte ao Sr. Betteredge.

Não havia por que me perguntar. Tudo o que tiraram de mim foi:

— Boa noite.

— Dane-se o dinheiro! — disse a Sra. Yolland. Com essas palavras, pareceu perder qualquer controle sobre si mesma e, apoderando-se subitamente do monte de prata, colocou-o de volta no bolso, num passe de mágica. — Não faz bem para os nervos, de jeito nenhum, ver o dinheiro largado ali, sem que ninguém o pegue — exclama a insensata mulher, sentando-se ruidosamente e olhando para o Sargento Cuff, como se dissesse: Agora está no meu bolso de novo — tire daqui se puder!

Desta vez, não apenas fui até a porta, mas andei um pouco pelo caminho de volta. Expliquem isso como quiserem, mas eu senti como se um deles, ou ambos, houvesse me ofendido mortalmente. Antes que eu houvesse dado três passos em direção ao vilarejo, ouvi a voz do Sargento atrás de mim.

— Obrigado por ter-me apresentado, Sr. Betteredge — disse ele.

— Estou em dívida com a esposa do pescador por ter me proporcionado uma sensação inteiramente nova. A Sra. Yolland me intrigou.

Eu tinha uma resposta afiada para lhe dar na ponta da língua, por uma razão não melhor do que a seguinte: eu estava irritado com ele porque estava irritado comigo mesmo. Mas quando ele confessou estar intrigado, uma dúvida reconfortante se Rosanna realmente havia sido prejudicada cruzou minha mente. Esperei num silêncio discreto para ouvir mais.

— Sim — disse o Sargento, como se estivesse lendo meus pensamentos no escuro. — Em vez de me colocar na trilha certa, é possível que o senhor fique consolado, Sr. Betteredge (visto seu interesse em Rosanna), em saber que foi o responsável por desviar minha atenção dela. O que a garota fez esta noite está claro o bastante, obviamente. Ela juntou as duas correntes e amarrou-as à alça da caixa de metal. Afundou a caixa na água ou na areia movediça. Amarrou a outra ponta da corrente em algum lugar debaixo das pedras que só ela conhece. E vai deixar a caixa segura nesse lugar até que as investigações presentes cheguem a uma conclusão; depois disso, poderá puxá-la para fora de seu esconderijo, na hora que melhor lhe convier. Mas — disse o Sargento, com o primeiro indício de impaciência na voz que eu havia escutado — o mistério é: que diabos ela escondeu na caixa de metal?

Pensei comigo A Pedra da Lua!, mas disse ao Sargento Cuff apenas:

— O senhor não pode adivinhar?

— Não é o Diamante — disse o Sargento. — Se Rosanna Spearman estiver com o Diamante, toda a experiência de minha vida de nada terá valido.

Ao ouvir essas palavras, suponho que fui mais uma vez acometido pela infernal febre de detetive. De qualquer maneira, perdi as estribeiras no intuito de desvendar mais essa charada.

— A roupa manchada! — disse eu precipitadamente.

O Sargento Cuff estacou imediatamente na escuridão e colocou a mão em meu ombro.

— Se alguma coisa for jogada nessa sua areia movediça, ela volta à tona? — perguntou ele.

— Nunca — respondi. — Leve ou pesada, qualquer coisa que entre na Areia Trêmula é sugada e nunca mais vista.

— Rosanna Spearman sabe disso?

— Sabe tão bem quanto eu.

— Então — disse o Sargento — o que mais ela tinha de fazer a não ser amarrar uma pedra na roupa manchada e jogá-la na areia movediça? Não existe sombra de razão para que ela a escondesse, e no entanto ela deve tê-la escondido. Pergunta: — disse o Sargento, recomeçando a andar — a peça de roupa manchada seria uma anágua ou uma camisola? Ou seria alguma outra peça de roupa que deva ser preservada a todo custo? Sr. Betteredge, se nada ocorrer que me impeça de fazê-lo, devo ir a Frizinghall amanhã e descobrir o que ela comprou na cidade quando adquiriu secretamente os materiais para confeccionar a roupa de substituição. É arriscado deixar a casa no estado em que as coisas estão agora, mas é mais arriscado ainda dar outro passo no escuro. Desculpe-me se estou um pouco irritado; fui derrotado em meu próprio terreno: deixei que Rosanna Spearman me intrigasse.

Quando voltamos, os criados estavam jantando. A primeira pessoa que vimos no pátio externo foi o policial que o Superintendente Seegrave havia deixado à disposição do Sargento. O Sargento perguntou se Rosanna Spearman havia voltado. Sim. Quando? Quase uma hora atrás. O que ela havia feito? Havia subido as escadas para tirar seu capuz e sua capa — e agora estava jantando tranquilamente com o resto dos criados.

Sem fazer qualquer comentário, o Sargento Cuff continuou seu caminho até a parte de trás da casa, cada vez mais ensimesmado. Passando pela entrada no escuro, continuou (embora eu o chamasse) até ser parado por uma cancela que levava ao jardim. Quando me juntei a ele para levá-lo de volta ao caminho certo, descobri que ele estava olhando atentamente para uma janela em particular, no andar dos quartos, na parte de trás da casa.

— Aquele não é o quarto da Srta. Verinder?

Respondi que era e convidei-o a entrar comigo para o jantar. O Sargento permaneceu no mesmo lugar, e disse algo sobre gostar do cheiro do jardim à noite. Deixei-o com seu prazer. Quando eu estava entrando pela porta, ouvi *A Última Rosa Do Verão Na Cancela*. O Sargento Cuff havia feito outra descoberta! E desta vez era a janela de minha jovem senhora que estava em sua origem!

Esse último pensamento me levou de volta ao Sargento, com uma declaração educada de que eu não conseguiria deixá-lo sozinho.

— Há algo ali em cima que o senhor não entende? — acrescentei, apontando para a janela da Srta. Rachel.

A julgar por sua voz, o Sargento Cuff havia se recuperado repentinamente em sua própria autoestima.

— Vocês são grandes apostadores aqui em Yorkshire, não? — perguntou ele.

— Bem... — disse eu. — Suponhamos que sim?

— Se eu fosse de Yorkshire, Sr. Betteredge — continuou o Sargento, tomando-me pelo braço —, o senhor e eu apostaríamos uma libra que sua jovem senhora decidiu subitamente se ausentar. Se eu ganhasse, apostaria outra libra que essa ideia lhe ocorreu na última hora.

A primeira das suposições do Sargento me espantou. A segunda de algum modo misturou-se, em minha mente, com o relatório que havíamos ouvido do policial segundo o qual Rosanna Spearman havia voltado há menos de uma hora. As duas juntas tiveram sobre mim um efeito curioso, quando entrávamos para jantar. Desvencilhei-me do braço do Sargento Cuff e, esquecendo minhas boas maneiras, passei na sua frente e entrei para fazer minhas próprias investigações.

Samuel, o laçao, foi a primeira pessoa que encontrei no corredor.

— Sua senhoria está esperando para ver o senhor e o Sargento Cuff — disse ele, antes que eu pudesse lhe fazer qualquer pergunta.

— Há quanto tempo ela está esperando? — perguntou a voz do Sargento atrás de mim.

— Há uma hora, senhor.

Ali estava novamente! Rosanna havia voltado, a Srta. Rachel havia tomado alguma decisão fora do comum e minha senhora estava esperando para ver o Sargento — tudo durante a última hora! Não era agradável ver elementos muito diferentes encaixando-se dessa maneira. Subi para o andar de cima, sem olhar para o Sargento Cuff ou falar com ele. Minha mão de repente começou a tremer quando a levantei para bater na porta de minha patroa.

— Eu não me surpreenderia — sussurrou o Sargento por cima do meu ombro — se um escândalo estourasse na casa esta noite. Não se alarme! Já lidei com dificuldades familiares maiores do que essa.

Ao dizer essas palavras, ouvi a voz de minha patroa nos chamando para entrar.

CAPÍTULO 16

Encontramos minha senhora sem luz no quarto além da lâmpada de leitura. A cúpula estava abaixada de modo a ocultar-lhe o rosto. Em vez de levantar os olhos para nós a seu modo direto habitual, ela permaneceu sentada junto à mesa, e manteve os olhos obstinadamente fixos em um livro aberto.

— Oficial — disse ela é importante para a investigação, que o senhor está conduzindo, saber de antemão se alguma pessoa desta casa deseja ir embora?

— Muito importante, minha senhora.

— Devo dizer-lhe, então, que a Srta. Verinder sugere ir ficar com sua tia, a Sra. Ablewhite, em Frizinghall. Pretende ir amanhã de manhã bem cedo.

O Sargento Cuff olhou para mim. Dei um passo à frente para falar com minha patroa — e, sentindo o coração falhar (confesso), dei um passo para trás, e nada disse.

— Posso perguntar a sua senhoria quando a Srta. Verinder informou-a de que estava indo ficar com sua tia? — inquiriu o Sargento.

— Há cerca de uma hora — respondeu minha patroa.

O Sargento Cuff olhou para mim mais uma vez. Dizem que os corações das pessoas velhas não se comovem com facilidade. Meu coração não poderia ter batido com mais intensidade do que se eu tivesse vinte e cinco anos!

— Não tenho intenção alguma, minha senhora — disse o Sargento de controlar as ações da Srta. Verinder. Tudo o que posso lhe pedir que faça é adiar sua partida, se possível, até um pouco mais tarde. Eu próprio devo ir a Frizinghall amanhã de manhã, e devo retornar por volta das duas horas, se não antes. Se a Srta. Verinder puder ser mantida aqui até essa

hora, eu gostaria de lhe dizer duas palavras antes que ela parta, sem sobreaviso.

Minha senhora me instruiu a transmitir suas ordens ao cocheiro, segundo as quais o coche que pegaria a Srta. Rachel não deveria chegar antes das duas horas.

— O senhor tem algo mais a dizer? — perguntou ela ao Sargento, uma vez isso feito.

— Apenas uma coisa, sua senhoria. Se a Srta. Verinder ficar surpresa com essa mudança de planos, por favor não mencione minha pessoa como a causa do adiamento de sua viagem.

Minha senhora subitamente levantou a cabeça do livro que estava lendo como se fosse dizer alguma coisa — controlou-se graças a um grande esforço — e, olhando novamente para a página aberta, deu-nos permissão para sair com um aceno.

— Uma mulher maravilhosa — disse o Sargento Cuff quando estávamos novamente no vestibulo. — Não fosse seu autocontrole, Sr. Betteredge, o mistério que o intriga teria tido um fim esta noite.

Com essas palavras, a verdade finalmente adentrou minha mente estúpida. Durante um instante, suponho que perdi totalmente a cabeça. Agarrei o Sargento pela gola do casaco e encostei-o contra a parede.

— Maldito seja! — gritei. — Há algo errado com a Srta. Rachel, e o senhor vem me escondendo isso o tempo todo!

O Sargento Cuff olhou para mim — encostado na parede — sem mexer um dedo ou mover um músculo de seu rosto melancólico.

— Ah — disse ele o senhor finalmente adivinhou.

Minha mão escorregou de sua gola, e minha cabeça pendeu.

Peço-lhes que se lembrem, como uma desculpa parcial para o fato de eu ter perdido a cabeça dessa maneira, que

estou a serviço da família há cinquenta anos. A Srta. Rachel subiu no meu colo e puxou minha barba muitas e muitas vezes quando era criança. Com todos os seus defeitos, a Srta. Rachel havia sido para mim a mais querida, a mais bonita, a melhor das moças a quem um velho criado jamais serviu. Implorei o perdão do Sargento Cuff, mas temo tê-lo feito com os olhos marejados de lágrimas, e não de maneira muito digna.

— Não se alarme, Sr. Betteredge — disse o Sargento, com mais gentileza do que eu tinha o direito de esperar dele. — Na minha profissão, se ficássemos ofendidos com facilidade, não valeríamos nada. Se isso pode reconfortá-lo, agarre-me novamente. O senhor não tem a mínima noção de como fazer isso, mas desconsiderarei sua falta de jeito por consideração a seus sentimentos.

Os cantos de sua boca se curvaram e, a seu modo cansado, ele parecia pensar ter feito uma piada muito boa.

Conduzi-o a minha pequena sala de estar e fechei a porta.

— Diga-me a verdade, Sargento — disse eu. — De que o senhor suspeita? Não é correto esconder-me isso agora.

— Eu não suspeito — disse o Sargento Cuff. — Eu sei.

Meu temperamento infeliz começou novamente a me dominar.

— O senhor está querendo me dizer, com todas as palavras — disse eu que a Srta. Rachel roubou seu próprio Diamante?

— Sim — disse o Sargento é exatamente isso que eu estou querendo lhe dizer. A Srta. Verinder está secretamente de posse da Pedra da Lua desde o começo, e escolheu Rosanna Spearman como sua confidente, porque calculou que nós consideraríamos Rosanna Spearman suspeita do roubo. É esse o caso, resumido. Agarre-me novamente, Sr. Betteredge. Se isso vai aliviar seus sentimentos, agarre-me novamente.

Deus me acuda! Meus sentimentos não seriam aliviados dessa maneira.

— Dê-me suas razões! — foi tudo o que consegui lhe dizer.

— O senhor ouvirá minhas razões amanhã — disse o Sargento. Se a Srta. Verinder se recusar a adiar sua visita à tia (coisa que, como o senhor verá, ela vai fazer), serei obrigado a contar o caso todo a sua patroa amanhã. E, como não sei o que acontecerá então, vou pedir que o senhor esteja presente e que escute o que será dito por ambas as partes. Deixe o assunto descansar por enquanto. Não, Sr. Betteredge, de mim o senhor não vai ouvir mais nenhuma palavra sobre a Pedra da Lua. Ali está sua mesa posta para o jantar. Esta é uma das enfermidades humanas que eu sempre trato com complacência. Se o senhor tocar a sineta, darei graças pelo que estamos prestes a receber....

— Desejo-lhe bom apetite, Sargento — disse eu. — O meu apetite se foi. Vou esperar até que o sirvam, e depois lhe pedirei que me desculpe se eu for embora, tentar superar isso sozinho.

Certifiquei-me de que ele fosse servido com o melhor que tínhamos — e não teria lamentado se o melhor que tínhamos o houvesse feito engasgar. Nesse instante, o jardineiro-chefe (Sr. Begbie) entrou com seu balanço semanal. O Sargento imediatamente começou a falar sobre rosas e sobre os méritos das trilhas de grama e das trilhas de cascalho. Deixei os dois a sós, e saí com o coração pesado. Pelas minhas lembranças, este era o primeiro problema em muitos anos que não seria eliminado com uma tragada, e que estava fora de alcance até mesmo do Robinson Crusóé.

Inquieto e infeliz, e sem nenhum lugar específico ao qual me dirigir, dei uma volta pelo terraço e pensei no assunto sozinho, com paz e tranquilidade. Não importa muito quais eram meus pensamentos. Senti-me incrivelmente velho, cansado e inadequado para meu posto, e comecei a me

perguntar, pela primeira vez em minha vida, quando Deus acharia que era hora de vir me buscar. Com tudo isso, continuei firmemente agarrado à minha confiança na Srta. Rachel. Se o Sargento Cuff fosse Salomão, em toda a sua glória, e houvesse me dito que minha jovem senhora havia se envolvido em uma história mesquinha e criminosa, eu teria dado a Salomão, por mais sábio que ele fosse, apenas uma resposta: O senhor não a conhece; eu sim.

Minha meditação foi interrompida por Samuel. Ele me trouxe um recado escrito de minha senhora.

Ao entrarmos na casa em busca de alguma luz para ler o recado, Samuel observou que parecia que o tempo estava mudando estranhamente. Minha mente perturbada havia impedido que eu o notasse antes. Mas, agora que minha atenção havia sido despertada, ouvi os latidos inquietos dos cães e o murmúrio do vento. Olhando para o céu, vi a massa de nuvens tomar-se cada vez mais escura e andar cada vez mais rápido diante de uma lua aguada. Tempo ruim chegando — Samuel estava certo — tempo ruim chegando.

O recado de minha senhora me informava que o magistrado de Frizinghall lhe havia escrito para lembrar-lhe dos três indianos. No começo da semana seguinte os malfeitores deveriam ser postos em liberdade para seguir o seu caminho. Se tivéssemos mais alguma pergunta a lhes fazer, não havia tempo a perder. Já que se esquecera de mencionar este fato ao Sargento Cuff quando o havia visto pela última vez, minha senhora desejava agora que eu me encarregasse de fazê-lo. Os indianos haviam desaparecido completamente da minha mente (assim como, sem dúvida, da sua). Eu não via muita utilidade em abordar novamente esse assunto. Obedeci às ordens na hora, como de praxe.

Encontrei o Sargento Cuff e o jardineiro, com uma garrafa de uísque escocês entre os dois, conversando acaloradamente sobre o cultivo de rosas. O Sargento estava tão profundamente

interessado que, quando entrei, levantou a mão e me fez sinal para eu não interromper a conversa. Até onde pude entender, a questão entre eles era se a rosa branca do charco devia ou não ser enxertada na rosa selvagem para que crescesse bem. O Sr. Begbie dizia que sim, e o Sargento Cuff dizia que não. Eles me pareceram tão impetuosos quanto jovens rapazes. Nada sabendo sobre o cultivo de rosas, escolhi o caminho do meio — assim como fazem os juizes de Sua Majestade quando a balança da justiça os incomoda ficando equilibrada demais.

— Cavalheiros — observei —, há muito a ser dito a favor das duas posições.

Durante o instante de silêncio produzido por essa observação imparcial, coloquei o recado de minha senhora sobre a mesa, sob os olhos do Sargento Cuff.

A essa altura eu já tinha chegado ao ponto de odiar o Sargento, até onde isso era possível. Mas a verdade me obriga a admitir que, com relação à inteligência, ele era um homem maravilhoso.

Meio minuto depois de ter lido a mensagem, ele havia vasculhado sua memória para se lembrar do relatório do Superintendente Seegrave, e escolhido a parte que dizia respeito aos indianos; e sua resposta estava pronta. No relatório do Sr. Seegrave havia um certo grande viajante, que conhecia bem os indianos e sua língua, não? Muito bem. Eu conhecia o nome e o endereço do cavalheiro? Muito bem novamente. Eu poderia escrevê-los atrás da mensagem de minha senhora? Com todo o prazer. O Sargento Cuff procuraria esse cavalheiro quando fosse a Frizinghall pela manhã.

— O senhor espera que isso dê algum resultado? — perguntei.

— O Superintendente Seegrave achou que os indianos eram tão inocentes quanto crianças ainda por nascer.

— Até agora, todas as conclusões do Superintendente Seegrave revelaram-se erradas — respondeu o Sargento. — Pode ser que valha a pena averiguar amanhã se o Superintendente Seegrave também estava errado em relação aos indianos.

Com isso, virou-se para o Sr. Begbie e retomou a conversa no ponto exato onde ela havia sido interrompida.

— A questão entre nós é uma questão de solos e de estações, e de paciência e de sofrimento, Sr. Jardineiro. Agora, deixe-me apresentar-lhe outro ponto de vista. O senhor pega sua rosa branca do charco...

Nesse ponto eu já havia fechado a porta, e não pude ouvir o resto da conversa.

No corredor, encontrei Penélope e perguntei-lhe o que ela estava esperando.

Ela estava esperando que sua jovem senhora tocasse a sineta, quando quisesse que ela entrasse novamente no quarto para continuar arrumando as malas para a viagem do dia seguinte. Ao fazer mais perguntas, descobri que a razão que a Srta. Rachel havia alegado para querer ir para a casa de sua tia em Frizinghall era que a casa lhe era insuportável, e que ela não podia mais aguentar a presença odiosa de um policial sob o mesmo teto. Ao ser informada, havia uma hora, de que sua partida seria adiada até as duas da tarde, ela havia reagido com violência. Minha senhora, que estava presente, a havia repreendido com severidade, e então (aparentemente tendo algo a dizer, reservado aos ouvidos de sua filha) havia pedido que Penélope saísse do quarto. Minha menina estava muitíssimo desanimada com relação às mudanças que haviam ocorrido na casa.

— Nada está dando certo, papai; nada é como costumava ser. Sinto como se algum horrível infortúnio estivesse pairando sobre nós.

Era meu sentimento também. Mas fiz uma expressão agradável, diante de minha filha. A sineta da Srta. Rachel tocou enquanto falávamos. Penélope subiu correndo as escadas dos fundos para continuar a fazer as malas. Eu segui na outra direção rumo ao vestíbulo, para ver o que o barômetro dizia sobre a mudança de tempo.

No momento em que me aproximava da porta de vaivém que levava do vestíbulo aos aposentos dos criados, esta foi empurrada com violência pelo outro lado, e Rosanna Spearman passou correndo por mim, com uma expressão de dor infinita no rosto e uma das mãos apertada contra o coração, como se a dor fosse nessa região.

— Qual é o problema, minha menina? — perguntei, fazendo-a parar. — Você está doente?

— Pelo amor de Deus, não fale comigo — respondeu ela, esquivando-se de mim e correndo em direção à escada dos criados.

Chamei a cozinheira (que estava perto o bastante para nos ouvir) e mandei-a tomar conta da pobre garota. Verifiquei que duas outras pessoas também estavam perto o suficiente para escutar o que havia sido dito, além da cozinheira. O Sargento Cuff surgiu discretamente saindo do meu quarto e perguntou qual era o problema. Respondi:

— Nada.

O Sr. Franklin, vindo do outro lado, empurrou a porta de vaivém e, fazendo sinal para que eu fosse até o vestíbulo, perguntou se eu havia visto Rosanna Spearman.

— Ela acaba de passar por mim, senhor, com um rosto muito perturbado e um jeito muito estranho.

— Temo que eu seja inocentemente a causa dessa perturbação, Betteredge.

— O senhor!

— Não posso explicar — disse o Sr. Franklin mas se a garota está envolvida na perda do Diamante, realmente acredito que ela estava prestes a me confessar tudo (a mim, dentre todas as pessoas do mundo) há menos de dois minutos.

Olhando para a porta de vaivém, enquanto ele dizia essas últimas palavras, tive a impressão de vê-la se abrindo um pouco em nossa direção.

Havia alguém escutando? A porta voltou ao lugar antes que eu pudesse chegar até ela. Quando olhei, no momento seguinte, pensei ter visto a cauda do respeitável casaco preto do Sargento Cuff desaparecendo na curva do corredor. Ele sabia, tão bem quanto eu, que não podia esperar mais nenhuma ajuda da minha parte, agora que eu havia descoberto o rumo que suas investigações estavam tomando. Nessas circunstâncias, era muito condizente com seu temperamento obter suas próprias informações, e fazê-lo de modo dissimulado.

Sem certeza de haver realmente visto o Sargento — e sem desejo de fazer intrigas desnecessárias onde, Deus sabe, já havia intrigas o bastante eu disse ao Sr. Franklin que pensei ter visto um dos cães entrar na casa, e depois lhe pedi que me contasse o que havia acontecido entre Rosanna e ele.

— O senhor estava passando pelo vestíbulo, senhor? — perguntei. — Encontrou-a por acidente, quando ela lhe falou?

O Sr. Franklin apontou para a mesa de bilhar.

— Eu estava jogando — disse ele — e tentando tirar a maldita história do Diamante da minha cabeça. De repente olhei para cima, e ali estava Rosanna Spearman ao meu lado, como um fantasma! O fato de ela ter se aproximado de mim dessa maneira era tão estranho que de início eu mal sabia o que fazer. Ao ver uma expressão muito séria em seu rosto, perguntei-lhe se gostaria de falar comigo. Ela respondeu: Sim, se me permitir. Sabendo da suspeita que pairava sobre ela, eu só podia esperar uma coisa depois de uma frase como essa.

Confesso que isso me deixou pouco à vontade. Eu não tinha nenhum desejo de encorajar as confidências da garota. Ao mesmo tempo, visto as dificuldades que nos acometem neste momento, eu não era capaz de encontrar uma justificativa para me recusar a ouvi-la, se ela realmente estivesse inclinada a falar comigo. Era uma situação estranha, e devo dizer que saí dela de uma maneira bastante estranha também. Eu disse a ela: Não estou entendendo muito bem. Há algo que você quer que eu faça? Veja bem, Betteredge, eu não falei de forma rude! A pobre garota não tem culpa de ser feia: foi o que senti, naquele momento. O taco ainda estava em minhas mãos, e continuei a jogar, para diminuir o constrangimento da situação. O fato foi que isso só fez piorar ainda mais a situação. Sinto tê-la ofendido sem querer! Ela de repente virou as costas. Ouvi-a dizer: Ele olha para as bolas de bilhar ou para qualquer outra coisa que não seja eu! Antes que eu pudesse fazê-la parar, ela havia deixado o vestíbulo. Não me sinto muito bem com o que aconteceu, Betteredge. Você se importaria em dizer a Rosanna que eu não tive a intenção de ser rude? Em meus pensamentos, fui talvez um pouco duro com ela: quase esperava que a perda do Diamante pudesse ser atribuída a ela. Não por desejar que algo de mau aconteça à pobre garota, mas...

Parou ali e, voltando à mesa de bilhar, começou mais uma vez a jogar.

Depois do que havia acontecido entre o Sargento e eu, eu sabia o que havia sido omitido tão bem quanto o próprio Sr. Franklin.

Nada além da inculpação de nossa segunda arrumadeira poderia colocar a Srta. Rachel acima da infame suspeita que o Sargento Cuff tinha em relação a ela. Não se tratava mais de uma questão de provar sua inocência. Se Rosanna não havia feito nada que a incriminasse, a esperança que o Sr. Franklin confessou ter tido teria sido muito dura para ela. Mas esse não

era o caso. Ela havia fingido estar doente, havia ido secretamente até Frizinghall. Havia ficado acordada a noite inteira, fabricando ou destruindo algo, às escondidas. E havia estado na Areia Trêmula, na noite anterior, em circunstâncias altamente suspeitas, para dizer o mínimo. Por todas essas razões (por mais pena que eu tivesse de Rosanna) eu não poderia pensar outra coisa a não ser que a maneira como Sr. Franklin via as coisas não era senão natural e razoável. Disse a ele uma palavra a esse respeito.

— Sim! Sim! — disse ele como resposta. — Mas há uma chance, uma chance pequena, certamente, de que a conduta de Rosanna possa ter alguma explicação que ainda não somos capazes de ver. Detesto ferir os sentimentos de uma mulher, Betteredge! Diga à pobre criatura o que eu lhe pedi. E se ela quiser falar comigo (não me importo se isso nos colocar em dificuldades) diga-lhe para me encontrar na biblioteca.

Com essas palavras gentis, largou o taco de bilhar e me deixou sozinho.

Algumas perguntas na ala dos criados me informaram que Rosanna havia se retirado para o seu quarto. Ela havia recusado todas as ofertas de ajuda com agradecimentos e havia pedido apenas para que lhe deixassem descansar em paz. Este foi, portanto, o fim de qualquer impulso de confissão de sua parte naquela noite (supondo que realmente tivesse uma confissão a fazer). Comuniquei o resultado ao Sr. Franklin que, diante disso, deixou a biblioteca e subiu para seu quarto.

Eu estava apagando as luzes e fechando as janelas, quando Samuel entrou com notícias dos dois convidados que eu havia deixado em meu quarto.

A conversa sobre a rosa branca do charco, ao que parecia, havia finalmente terminado. O jardineiro havia voltado para casa, e o Sargento Cuff não estava nas partes térreas da casa.

Olhei em meu quarto. Era verdade — não havia nada ali exceto um par de copos vazios e um forte cheiro de uísque quente. Teria o Sargento ido por conta própria para o quarto que havia sido preparado para ele? Subi as escadas para ver.

Depois de chegar ao segundo patamar, pensei ter ouvido o som de uma respiração calma e regular do meu lado esquerdo. À minha esquerda estava o corredor que levava ao quarto da Srta. Rachel. Olhei nessa direção e ali, deitado em três cadeiras que bloqueavam a passagem, com um lenço vermelho amarrado em volta de sua cabeça grisalha e seu respeitável casaco preto enrolado para servir de travesseiro, estava o Sargento Cuff, dormindo!

Acordou calmamente, como um cão, no instante em que me aproximei dele.

— Boa noite, Sr. Betteredge — disse ele. — Se o senhor um dia quiser cultivar rosas, é melhor para a rosa branca do charco não ser enxertada na rosa selvagem, não importa o que o jardineiro diga!

— O que o senhor está fazendo aqui? — perguntei. — Por que não está em sua cama?

— Não estou em minha cama — respondeu o Sargento — porque sou uma das muitas pessoas nesse mundo miserável que não podem ganhar seu dinheiro de maneira ao mesmo tempo honesta e fácil. Havia uma coincidência, esta tarde, entre a hora em que Rosanna Spearman voltou da Areia Trêmula e a hora em que a Srta. Verinder tornou pública sua decisão de deixar a casa. O que quer que Rosanna tenha escondido, está claro para mim que sua jovem senhora não podia ir embora sem antes saber que estava escondido. As duas já devem ter-se encontrado secretamente uma vez esta noite. Se tentarem se comunicar de novo, enquanto a casa está silenciosa, quero estar no caminho, e evitar que isso aconteça. Não me culpe por perturbar suas providências para a noite, Sr. Betteredge; culpe o Diamante.

— Por Deus, eu gostaria que o Diamante nunca houvesse entrado nesta casa! — exclamei.

O Sargento Cuff olhou para as três cadeiras onde tinha sido condenado por si mesmo a passar a noite, com uma expressão pesarosa.

— Eu também — disse, com gravidade.

CAPÍTULO 17

Nada aconteceu durante a noite e (fico feliz em acrescentar) nenhuma tentativa de comunicação entre a Srta. Rachel e Rosanna recompensou a vigilância do Sargento Cuff.

Eu esperava que o Sargento partisse para Frizinghall de manhã bem cedo. No entanto, ele esperou, como se tivesse alguma outra coisa para fazer antes. Deixei-o cuidar de seus assuntos e, pouco depois, caminhando pelo jardim, encontrei o Sr. Franklin fazendo seu passeio predileto pelo caminho dos arbustos.

Antes queouvéssemos trocado duas palavras, o Sargento juntou-se a nós inesperadamente. Chegou perto do Sr. Franklin que, devo dizer, recebeu-o com algum desdém.

— O senhor tem algo a me dizer? — foi tudo o que o Sargento recebeu como resposta depois de desejar gentilmente bom—dia ao Sr. Franklin.

— Tenho algo a lhe dizer, senhor — respondeu o Sargento a respeito da investigação que estou conduzindo aqui. Ontem, o senhor percebeu a direção que a investigação estava realmente tomando. Muito naturalmente, na sua posição, o senhor está chocado e abalado. Muito naturalmente também, o senhor volta toda sua raiva em relação a seu próprio escândalo familiar para mim.

— O que o senhor quer? — interrompeu o Sr. Franklin com rispidez.

— Quero lembrar-lhe, senhor, que até agora, pelo menos, ninguém *provou* que eu estou errado. Com isso em mente, queira ao mesmo tempo lembrar, senhor, que sou um oficial da lei agindo aqui com a autorização da dona da casa. Nessas circunstâncias, é ou não é seu dever de cidadão auxiliar-me

com qualquer informação especial que o senhor porventura possua?

— Não possuo nenhuma informação especial — disse o Sr. Franklin.

O Sargento Cuff ignorou essa resposta como se ela não houvesse existido.

— O senhor pode poupar meu tempo, senhor, e evitar que eu tenha que fazer uma investigação à distância — continuou ele se resolver entender o que digo e falar.

— Eu não entendo — respondeu o Sr. Franklin e nada tenho a dizer.

— Uma das criadas (não vou mencionar nomes) falou-lhe em particular ontem à noite, senhor.

Uma vez mais o Sr. Franklin o interrompeu; uma vez mais o Sr. Franklin respondeu:

— Nada tenho a dizer.

Em silêncio, pensei no movimento da porta de vaivém na noite anterior e na cauda de casaco que eu havia visto desaparecendo pelo corredor. Sem dúvida, o Sargento Cuff havia escutado o bastante, antes que eu o interrompesse, para fazê-lo suspeitar que Rosanna havia aliviado sua consciência, confessando algo ao Sr. Franklin Blake.

A ideia mal havia me ocorrido quando quem aparece na entrada do caminho de arbustos senão Rosanna Spearman em pessoa! Seguida por Penélope, que evidentemente estava tentando fazê-la voltar para dentro da casa. Vendo que o Sr. Franklin não estava sozinho, Rosanna estacou, evidentemente sem saber o que fazer em seguida. Penélope esperou atrás dela. O Sr. Franklin viu as garotas no mesmo instante que eu as vi. O Sargento, com sua dissimulação habitual, fingiu não tê-las visto. Tudo isso aconteceu em um instante. Antes que o Sr. Franklin ou eu pudéssemos dizer uma palavra, o Sargento Cuff voltou à carga suavemente, aparentando dar continuidade à conversa anterior.

— O senhor não precisa ter medo de prejudicar a garota — disse ele ao Sr. Franklin, falando alto, de maneira que Rosanna pudesse ouvi-lo. — Pelo contrário, recomendo-lhe que me honre com sua confiança, se o senhor nutre algum interesse por Rosanna Spearman.

O Sr. Franklin imediatamente fingiu também não ter notado a presença das garotas. Respondeu, falando alto por sua vez:

— Não nutro qualquer interesse por Rosanna Spearman.

Olhei em direção à entrada. Tudo o que vi, a distância, foi que Rosanna subitamente virou as costas, no instante em que o Sr. Franklin falou. Em vez de resistir a Penélope, como havia feito no instante anterior, deixou que minha filha a pegasse pelo braço e a levasse de volta à casa.

A sineta do café da manhã tocou enquanto as garotas saíam de cena — e mesmo o Sargento Cuff foi então obrigado a admitir seu fracasso! Disse calmamente, dirigindo-se a mim:

— Vou a Frizinghall, Sr. Betteredge, e devo voltar antes das duas.

Segui meu caminho sem mais uma palavra — e durante algumas horas nos livramos dele.

— O senhor tem que consertar as coisas com Rosanna — disse-me o Sr. Franklin quando ficamos a sós. — Pareço estar fadado a dizer ou fazer algo inconveniente diante da infeliz garota. O senhor deve ter visto por si mesmo que o Sargento Cuff nos prendeu em uma armadilha. Se ele pudesse me confundir, ou irritar Rosanna a ponto de fazê-la falar, ela ou eu poderíamos ter dito alguma coisa que serviria a seu propósito. Instintivamente, não vi outra saída a não ser a que escolhi. Evitei que a garota dissesse alguma coisa, e isso mostrou ao Sargento que eu havia entendido seu estratagema. É evidente que ele estava escutando quando falei com você na noite passada, Betteredge.

Ele havia feito mais do que isso, pensei com meus botões. Havia se lembrado de eu ter-lhe dito que a garota estava apaixonada pelo Sr. Franklin, e era nisso que havia apostado, quando perguntou sobre o interesse do Sr. Franklin em Rosanna — de modo que ela pudesse ouvir.

— Quanto a escutar atrás das portas, senhor — observei (mantendo silêncio sobre o resto) —, todos estaremos no mesmo barco se isso continuar por muito tempo. Espionar, bisbilhotar e escutar atrás das portas são as ocupações naturais das pessoas em nossa situação. Dentro de um dia ou dois, Sr. Franklin, Deus há de fazer com que todos nós fiquemos mudos, pois estaremos todos à escuta para saber os segredos dos outros, e todos saberemos a verdade. Desculpe minha explosão, senhor. Esse terrível mistério pairando sobre esta casa penetra em minha mente como um licor e me deixa louco. Não vou esquecer do que o senhor me disse. Aproveitarei a primeira oportunidade para acertar as coisas com Rosanna Spearman.

— Você ainda não lhe disse nada sobre ontem à noite, disse? — perguntou o Sr. Franklin.

— Não, senhor.

— Então não diga nada agora. É melhor que eu não encoraje a garota a me fazer confidências com o Sargento à espreita para nos surpreender juntos. Minha conduta não é muito consistente, Betteredge, não é? Não vejo saída para esse problema, o que não me aborreceria, a não ser que o Diamante esteja com Rosanna. E ainda assim não posso e não vou ajudar o Sargento Cuff a desmascarar a garota.

Não muito racional, sem dúvida. Mas era também meu estado de espírito. Eu o entendia perfeitamente. Se, ao menos uma vez na vida, os senhores se lembrarem de que são mortais, também o entenderão.

Em resumo, o estado das coisas dentro e fora da casa, enquanto o Sargento Cuff estava a caminho de Frizinghall, era:

A Srta. Rachel esperou pela hora em que o coche viria busca-la para levá-la à casa de sua tia, e continuou obstinadamente trancada em seu quarto. Minha senhora e o Sr. Franklin tomaram o café da manhã juntos. Depois do café da manhã, o Sr. Franklin tomou uma de suas decisões súbitas, e saiu apressadamente para acalmar seu espírito com uma longa caminhada. Eu fui a única pessoa a vê-lo sair, e ele me disse que estaria de volta antes que o Sargento retornasse. A mudança de tempo, antevista durante a noite, havia chegado. Pouco depois do alvorecer, a chuva pesada havia dado lugar a um forte vento. Ele continuava soprando com a mesma força à medida que o dia avançava. No entanto, embora as nuvens houvessem ameaçado mais de uma vez, a chuva não veio. Não era um dia ruim para uma caminhada para uma pessoa jovem e forte, capaz de enfrentar as grandes rajadas de vento que vinham do mar.

Fui ter com minha senhora depois do café da manhã, e ajudei-a a organizar as contas da casa. Apenas uma vez ela fez alusão à Pedra da Lua, e foi para proibir que ela fosse mencionada entre nós.

— Espere até que aquele homem volte — disse ela, referindo— se ao Sargento. — Então deveremos falar nisso; não somos obrigados a falar nisso agora.

Depois de deixar minha patroa, encontrei Penélope esperando por mim em meu quarto.

— Papai, eu queria que o senhor fosse falar com Rosanna — disse ela. — Estou muito preocupada com ela.

Suspeitei de imediato qual era o problema. Mas é um princípio meu achar que os homens (sendo criaturas superiores) estão destinados a melhorar as mulheres — se puderem. Quando uma mulher quer que eu faça algo (minha filha ou não, não importa), sempre insisto em saber por quê. Quanto mais vezes as fizermos vasculhar suas mentes à procura de razões, mais maleáveis elas se tornam em todos os

aspectos da vida. Não é por culpa delas (pobrezinhas!) que agem primeiro e pensam depois; é culpa dos tolos que as aborrecem.

A razão de Penélope, nesse caso, pode ser dada em suas próprias palavras.

— Temo, papai — disse ela —, que o Sr. Franklin tenha magoado Rosanna profundamente, sem querer.

— O que levou Rosanna ao caminho dos arbustos? — perguntei.

— Sua própria loucura — disse Penélope. — não tenho outro nome para isso. Ela estava decidida a falar com o Sr. Franklin esta manhã, não importa o que acontecesse. Fiz o que pude para segurá-la, o senhor viu. Se ao menos eu pudesse tê-la afastado antes que ela ouvisse aquelas palavras horríveis...

— Vamos! Vamos! — disse eu. — Não perca a cabeça. Não me lembro de nada que possa ter acontecido para alarmar Rosanna.

— Nada para alarmá-la, papai. Mas o Sr. Franklin disse que não nutria qualquer interesse por ela; e, ah, o disse com uma voz tão cruel!

— Ele falou para calar a boca do Sargento — respondi.

— Eu disse isso a ela — disse Penélope. — Mas sabe, papai (embora não seja culpa do Sr. Franklin), ele a tem ofendido e decepcionado há semanas e semanas; e agora isso, ainda por cima! É claro que ela não tem o direito de esperar que ele demonstre nenhum interesse por ela. É horrível isso, ela se esquecer de sua condição e de sua posição desse modo. Mas ela parece ter perdido o orgulho, os sentimentos normais e todo o resto. Ela me assustou, papai, quando o Sr. Franklin disse aquelas palavras. Elas pareceram transformá-la em pedra. Uma calma súbita se apossou dela, e desde então tem feito seu trabalho como quem vive um sonho.

Comecei a me sentir um pouco inquieto. Havia algo na maneira com a qual Penélope me disse essas coisas que pôs

um fim em minha frieza. Tendo-me concentrado no assunto, lembrei-me do que havia acontecido entre o Sr. Franklin e Rosanna na noite anterior. Naquela ocasião, ela parecia ferida de morte; e agora, conforme queria o infortúnio, ela havia sido atingida novamente, pobrezinha, no lugar mais sensível. Triste! Triste! Mais triste ainda porque a garota não tinha nenhuma razão para se justificar e nenhum direito de sentir o que sentia.

Eu havia prometido ao Sr. Franklin falar com Rosanna, e o momento me pareceu dos mais oportunos para cumprir minha promessa.

Encontramos a garota esfregando o chão do corredor do lado de fora dos quartos, pálida e digna, caprichada como nunca em seu modesto vestido estampado. Observei uma obscuridade e uma inércia curiosas em seus olhos — não como se ela houvesse chorado, mas como se houvesse olhado para alguma coisa durante muito tempo. Tratava-se possivelmente de uma bruma qualquer criada por seus próprios pensamentos. Certamente não existia em volta dela nenhum objeto para olhar que ela já não tivesse visto centenas e centenas de vezes.

— Anime-se, Rosanna! — disse eu. — Você não deve se atormentar com seus próprios caprichos. Tenho algo a lhe dizer da parte do Sr. Franklin.

Então expus o problema a Rosanna, usando as palavras mais amigáveis e mais reconfortantes que pude encontrar. Meus princípios no que diz respeito ao outro sexo são, como os senhores podem ter notado, muito severos. Mas, de uma maneira ou de outra, quando me encontro face a face com mulheres, admito que minhas práticas não se cumprem.

— O Sr. Franklin é muito gentil e atencioso. Faça o favor de lhe agradecer.

Foi tudo o que me deu à guisa de resposta.

Minha filha já havia notado que Rosanna estava fazendo seu trabalho como alguém vivendo um sonho. Agora eu podia acrescentar a essa observação que ela também ouvia e falava como se estivesse vivendo um sonho. Tive dúvidas de que sua mente pudesse estar em condições de absorver o que eu lhe havia dito.

— Você tem certeza de que me compreende, Rosanna? — perguntei.

— Certeza.

Ela me repetia, não como uma mulher viva, mas como uma criatura movida por uma máquina. Continuava a esfregar o chão. Tomei-lhe a vassoura das mãos do modo mais suave e gentil de que fui capaz.

— Vamos, vamos, minha menina! — disse eu. — Isso não é do seu feitio. Você está absorta em algo. Sou seu amigo, e vou continuar sendo, mesmo que você tenha feito algo errado. Ponha tudo às claras, Rosanna, ponha tudo às claras!

Houve um tempo em que ao lhe falar nesse tom eu veria lágrimas em seus olhos. Naquele momento não houve mudança neles.

— Sim — disse ela. — Porei tudo às claras.

— Para minha senhora?

— Não.

— Para o Sr. Franklin?

— Sim, para o Sr. Franklin.

Eu mal sabia o que responder a isso. Ela não estava em condições de compreender um aviso no sentido de não falar com ele em particular, conforme o Sr. Franklin me havia instruído que lhe dissesse. Tateando o terreno aos poucos, disse-lhe apenas que o Sr. Franklin havia saído para uma caminhada.

— Não importa — respondeu ela. — Não incomodarei o Sr. Franklin hoje.

— Por que não falar com minha senhora? — perguntei. — O melhor modo de aliviar sua consciência é falar com a mulher piedosa e cristã que sempre foi gentil com você.

Ela me olhou por um instante com um ar de atenção grave e intenso, como se estivesse fixando em sua mente o que eu havia dito. Então tomou a vassoura das minhas mãos e afastou-se com ela lentamente pelo corredor.

— Não. — disse ela, continuando a esfregar e falando para si mesma. — Sei de uma maneira melhor para aliviar minha consciência.

— Qual é?

— Por favor, deixe-me continuar o meu trabalho. Obrigada, Penélope — ela olhou para mim. — Obrigada, Sr. Betteredge.

Não havia jeito de demovê-la — nada mais havia a ser dito. Fiz sinal para que Penélope se retirasse comigo. Deixamos Rosanna como a havíamos encontrado, esfregando o corredor, como se estivesse em um sonho.

— Isso é um assunto para o doutor resolver — disse eu. — Está além das minhas forças.

Minha filha me lembrou da doença do Sr. Candy, consequência (como devem se lembrar) do resfriado que havia pego na noite do jantar de aniversário. Seu assistente — um certo Sr. Ezra Jennings — estava à nossa disposição quando quiséssemos. Mas ninguém sabia muita coisa a seu respeito na nossa região. Havia sido contratado pelo Sr. Candy sob circunstâncias bastante peculiares; e, certos ou errados, nenhum de nós gostava do Sr. Jennings ou confiava nele. Havia outros médicos em Frizinghall. Mas eram estranhos à nossa casa, e Penélope temia que, no atual estado de Rosanna, estranhos pudessem lhe fazer mais mal do que bem.

Pensei em falar com minha senhora. Mas, lembrando do grande fardo de preocupação que ela já estava suportando, hesitei em acrescentar mais um problema a todos os outros.

Ainda assim, alguma coisa devia ser feita. O estado da garota, na minha opinião, era simplesmente alarmante — e minha senhora precisava ser informada disso. Muito a contragosto, fui até sua sala de estar. Não havia ninguém ali. Minha senhora estava trancada com a Srta. Rachel. Era impossível que eu a visse antes que saísse de lá novamente.

Esperiei em vão até que o relógio da escada da frente soasse quinze para as duas. Cinco minutos depois, ouvi meu nome sendo chamado. Reconheci imediatamente a voz. O Sargento Cuff havia retomado de Frizinghall.

CAPÍTULO 18

Desci até a porta da frente e encontrei o Sargento nos degraus.

Ia contra minha postura, depois do que havia acontecido entre nós, demonstrar qualquer tipo de interesse em suas investigações. No entanto, a despeito de mim mesmo, senti um interesse ao qual fui incapaz de resistir. Meu sentido de dignidade me fugiu, e saíram as palavras:

— Notícias de Frizinghall?

— Estive com os indianos — respondeu o Sargento Cuff. — E descobri o que Rosanna Spearman comprou na cidade, em segredo, na última quinta-feira. Os indianos serão libertados na quarta-feira da semana que vem. Para mim não há sombra de dúvida, nem para o Sr. Murthwaite, de que eles vieram a esse lugar para roubar a Pedra da Lua. Os planos, obviamente, foram por água abaixo diante do que aconteceu na casa na noite de quarta-feira, e eles não têm mais a ver com a perda da joia do que o senhor. Mas posso lhe dizer uma coisa, Sr. Betteredge: se nós não encontrarmos a Pedra da Lua, eles o farão, O senhor ainda vai ouvir falar nos três prestidigitadores.

Quando o Sargento disse essas palavras surpreendentes, o Sr. Franklin retornou de sua caminhada. Controlando sua curiosidade melhor do que eu havia controlado a minha, passou por nós sem uma palavra e entrou na casa.

Quanto a mim, já havendo perdido minha dignidade, resolvi me beneficiar integralmente do sacrifício.

— Muito bem quanto aos indianos — disse eu. — E quanto a Rosanna?

O Sargento Cuff balançou a cabeça.

— O mistério quanto a isso está insondável como nunca — disse ele. — Descobri que ela foi a uma loja em Frizinghall, de propriedade de um negociante de fazendas chamado Maltby. Não comprou nada em nenhuma das outras lojas de tecidos, nem em nenhuma das chapelarias ou das alfaiatarias; comprou apenas um corte de tecido longo na loja de Maltby. Foi muito cuidadosa na escolha de um certo tipo de tecido. Quanto à quantidade, comprou o bastante para fabricar uma camisola.

— Uma camisola para quem?

— Para ela própria, com certeza. Entre meia-noite e três horas da manhã de quinta-feira ela deve ter se esgueirado até o quarto de sua jovem senhora, para combinar o esconderijo da Pedra da Lua enquanto todo o resto da casa estava na cama. Ao voltar para seu próprio quarto, deve ter esbarrado na tinta fresca da porta. Não foi capaz de tirar a mancha, e não podia destruir a camisola sem antes providenciar outra igual, para completar o inventário de suas roupas.

— O que prova que era a camisola de Rosanna? — objetei.

— O material que ela comprou para fabricar a roupa — respondeu o Sargento. — Se fosse a camisola da Srta. Verinder, ela teria sido obrigada a comprar rendas, babados e Deus sabe o que mais, e não teria tido tempo de fazê-la em uma noite. Um pedaço de tecido longo significa uma camisola simples de criada. Não, não, Sr. Betteredge, tudo isso está bem claro. O problema é: por que, depois de ter fabricado a roupa nova, ela escondeu a camisola manchada, em vez de destruí-la? Se a garota não falar, só há uma maneira de resolver essa dificuldade. O esconderijo na Areia Trêmula deve ser vasculhado, e o verdadeiro desfecho do caso será então descoberto.

— Como o senhor encontrará o lugar? — perguntei.

— Sinto muito desapontá-lo — disse o Sargento —, mas isso é um segredo que pretendo guardar para mim.

(Para não atizar sua curiosidade, como ele atizou a minha, devo informar-lhes aqui que ele havia retomado de Frizinghall munido de um mandado de busca. Sua experiência em tais assuntos lhe dizia que Rosanna estava muito provavelmente carregando consigo um mapa do esconderijo, para guiá-la caso retornasse a ele, em outras circunstâncias e depois de algum tempo. De posse desse mapa, o Sargento teria tudo o que poderia desejar.)

— Não, Sr. Betteredge — continuou ele. — Suponha que deixemos de lado a especulação e passemos a coisas sérias. Eu disse a Joyce para ficar de olho em Rosanna. Onde está Joyce?

Joyce era o policial de Frizinghall deixado à disposição do Sargento Cuff pelo Superintendente Seegrave. O relógio soou as duas no momento em que ele fez a pergunta e, pontualmente, o coche apareceu para levar a Srta. Rachel para a casa de sua tia.

— Uma coisa de cada vez— disse o Sargento, me detendo quando eu estava prestes a mandar buscar Joyce. — Devo cuidar primeiro da Srta. Verinder.

Como a chuva ainda ameaçava, um coche coberto fora escolhido para levar a Srta. Rachel até Frizinghall. O Sargento Cuff fez um sinal para que Samuel, que estava no banco traseiro, viesse até ele.

— Você verá um amigo meu esperando entre as árvores, deste lado do portão da guarita — disse ele. — Meu amigo, sem parar o coche, vai entrar no banco traseiro com você. Você não terá que fazer nada a não ser segurar sua língua e fechar os olhos. De outro modo, terá problemas.

Com esse conselho, mandou o laçao de volta ao seu lugar. Não sei o que Samuel pensou. Estava claro para mim que a Srta. Rachel estaria sendo vigiada em segredo a partir do momento em que deixasse a casa — se a deixasse. Minha jovem senhora vigiada! Um espião atrás dela no banco traseiro do coche de sua mãe! Eu poderia ter cortado minha própria

língua por ter chegado ao ponto de dirigir a palavra ao Sargento Cuff.

A primeira pessoa a sair da casa foi minha senhora. Postou-se em um canto do primeiro degrau para ver o que aconteceria. Não disse nenhuma palavra, fosse para o Sargento fosse para mim. Com os lábios fechados, os braços cruzados e enrolados na leve capa de jardim, que ela havia colocado sobre os ombros ao sair, permaneceu ali, imóvel como uma estátua, esperando que sua filha aparecesse.

Um minuto depois, a Srta. Rachel desceu as escadas — muito bem vestida, usando algo amarelo e macio que ressaltava seus cabelos escuros e apertava sua cintura (como se fosse uma jaqueta). Tinha um bonito chapéu de palha amarelo na cabeça com um pequeno véu branco em volta. Usava luvas amarelo-claras que cobriam suas mãos como uma segunda pele. Seu lindo cabelo preto parecia macio como cetim sob o chapéu. Suas pequenas orelhas eram como conchas cor-de-rosa — com uma pérola pendurada em cada uma delas. Saiu rapidamente, ereta como um lírio em seu caule, e ágil e flexível a cada movimento como um jovem gato. Eu não conseguia ver nada diferente em seu belo rosto, exceto seus olhos e seus lábios. Os olhos estavam mais brilhantes e mais ferozes do que eu gostaria de ter visto, e seus lábios tinham perdido completamente a cor e o sorriso, de modo que praticamente não os reconheci. Ela beijou sua mãe no rosto de maneira apressada e repentina. Disse:

— Tente me perdoar, mamãe.

E então puxou o véu sobre o rosto com tanta veemência que o rasgou. No momento seguinte havia descido as escadas e se precipitado para dentro do coche como se fosse um esconderijo.

O Sargento Cuff, por sua vez, foi quase tão rápido quanto ela. Afastou Samuel e postou-se diante da Srta. Rachel,

segurando a porta aberta do coche, no instante em que ela se instalava em seu lugar.

— O que o senhor quer? — disse a Srta. Rachel por trás do véu.

— Quero dizer-lhe uma palavra, senhorita — respondeu o Sargento antes que se vá. Não tenho a pretensão de querer impedi-la de visitar sua tia. Posso apenas atrever-me a dizer que, ao deixar esta casa, na atual situação, a senhorita coloca um obstáculo em meu caminho para encontrar seu Diamante. Por favor, entenda isso, e decida por si própria se vai ou se fica.

A Srta. Rachel sequer lhe respondeu.

— Vá, James! — ordenou ao cocheiro.

Sem mais uma palavra, o Sargento fechou a porta do coche. No momento em que fez isso, o Sr. Franklin desceu as escadas correndo.

— Adeus, Rachel — disse ele, acenando.

— Vá! — gritou a Srta. Rachel, mais alto do que nunca, e sem prestar mais atenção no Sr. Franklin do que havia prestado no Sr. Cuff.

O Sr. Franklin, estupefato, deu um passo para trás. O cocheiro, sem saber o que fazer, olhou para minha senhora, que permanecia imóvel no primeiro degrau da escada. Minha senhora, com raiva, tristeza e vergonha visíveis em seu semblante, deu-lhe sinal para partir, e depois entrou rapidamente na casa. O Sr. Franklin, recuperando a fala, chamou-a quando o coche partiu.

— Tia! A senhora estava certa. Aceite meus agradecimentos por toda sua gentileza e deixe-me ir.

Minha senhora se virou como se fosse falar com ele. Então, como se desconfiasse de si mesma, acenou gentilmente com a mão.

— Deixe-me vê-lo antes que nos deixe, Franklin — disse ela numa voz entrecortada, e seguiu para o seu quarto.

— Faça-me um último favor, Betteredge — disse o Sr. Franklin, virando-se para mim com lágrimas nos olhos. — Leve-me à estação assim que possível!

Ele também entrou na casa. Por ora, a Srta. Rachel o havia deixado completamente sem ação. Por aí os senhores poderão avaliar o quanto devia gostar dela!

O Sargento Cuff e eu estávamos face a face diante da escada. O Sargento, com o rosto virado em direção a uma clareira nas árvores, tinha uma boa visão de uma das curvas da estrada que levava ao portão. Tinha as mãos nos bolsos, e estava assobiando suavemente para si mesmo *A Última Rosa Do Verão*.

— Há uma hora para tudo — disse eu com selvageria. — Essa não é uma hora para assobiar.

Nesse momento, o coche apareceu ao longe, na clareira, a caminho do portão. Outro homem, além de Samuel, podia ser visto claramente no banco traseiro.

— Certo! — disse o Sargento para si mesmo. Virou-se para mim. — não é uma hora para assobiar, Sr. Betteredge, como o senhor diz. É hora de tomar as rédeas dessa situação, agora, sem poupar ninguém. Começaremos com Rosanna Spearman. Onde está Joyce?

Ambos chamamos por Joyce, e não tivemos resposta. Mandei um dos cavaliços procurá-lo.

— O senhor ouviu o que eu disse à Srta. Verinder? — observou o Sargento enquanto esperávamos. — E viu como ela reagiu? Eu lhe disse claramente que se ela nos deixasse isso seria um obstáculo para que eu recuperasse seu Diamante, e ela se vai, diante dessa afirmação! Sua jovem senhora tem um companheiro de viagem no coche de sua mãe, Sr. Betteredge, e seu nome é Pedra da Lua.

Eu nada disse. Apenas agarrei-me como um náufrago à minha confiança na Srta. Rachel.

O cavalição voltou, seguido — muito a contragosto, me pareceu — por Joyce.

— Onde está Rosanna Spearman? — perguntou o Sargento Cuff.

— Não sei dizer, senhor — começou Joyce e sinto muito por isso. Mas de uma forma ou de outra...

— Antes de ir para Frizinghall — disse o Sargento, interrompendo-o —, eu lhe disse para ficar de olho em Rosanna Spearman, sem deixá-la perceber que estava sendo vigiada. Você está querendo me dizer que ela conseguiu escapar?

— Temo, senhor — disse Joyce, começando a tremer que eu talvez tenha tomado um pouco de cuidado demais para que ela não me descobrisse. Há tantas passagens no andar térreo desta casa...

— Quanto tempo faz que a perdeu?

— Quase uma hora, senhor.

— Pode retomar a seus afazeres normais em Frizinghall — disse o Sargento, falando com o autocontrole de sempre, a seu modo quieto e cansado. — Não penso que os seus talentos possam nos servir, Sr. Joyce. Seu emprego atual está ligeiramente acima de suas capacidades. Tenha um bom dia.

O homem afastou-se cabisbaixo. Acho muito difícil descrever o quanto fiquei perturbado pela descoberta de que Rosanna Spearman havia sumido. Eu parecia ter cinquenta opiniões diferentes sobre o assunto, todas ao mesmo tempo. Nesse estado, fiquei olhando fixamente para o Sargento Cuff — e perdi completamente o poder da fala.

— Não, Sr. Betteredge — disse o Sargento, como se houvesse adivinhado o que estava se passando pela minha cabeça e escolhido essa pergunta para ser respondida antes de

todas as outras. — Sua jovem amiga Rosanna não vai escapar por entre os meus dedos com tanta facilidade como o senhor pensa. Enquanto eu souber onde a Srta. Verinder está, disponho de meios para rastrear sua cúmplice. Evitei que elas se comunicassem na noite passada. Muito bem. Elas se encontrarão em Frizinghall, em vez de se encontrarem aqui. A investigação precisa simplesmente ser reorientada (um pouco mais cedo do que eu havia previsto) desta casa para a casa que a Srta. Verinder está visitando. No meio tempo, temo ser obrigado a lhe pedir que reúna novamente todos os criados.

Fui com ele até o pavilhão dos criados. É coisa muito desagradável, mas nem por isso menos verdade, o fato de que tive um novo ataque da febre de detetive quando ele disse essas últimas palavras. Esqueci-me de que odiava o Sargento Cuff. Tomei-lhe o braço com confiança e disse:

— Pelo amor de Deus, diga-me, o que o senhor quer com os criados desta vez?

O grande Cuff estacou e dirigiu-se com uma espécie de enlevo melancólico ao vazio diante de si.

— Se esse homem — disse o Sargento (aparentemente referindo-se a mim) — entendesse sobre o cultivo de rosas, teria o caráter mais perfeito de toda a Criação!

Depois dessa forte expressão de sentimento, suspirou e enlaçou seu braço no meu.

— As coisas se apresentam do seguinte modo — disse ele, voltando ao assunto. — Das duas uma, quer dizer, Rosanna fez uma dessas duas coisas: ou foi direto para Frizinghall (antes que eu pudesse chegar lá), ou foi primeiro visitar seu esconderijo na Areia Trêmula. A primeira coisa a descobrir é qual foi o último dos criados a vê-la antes que ela deixasse a casa.

Ao fazer essa investigação, descobriu-se que a última pessoa a ter posto os olhos em Rosanna havia sido Nancy, a copeira.

Nancy a havia visto esgueirar-se com uma carta na mão e interceptar o açougueiro que estava naquele momento entregando carne na porta dos fundos. Nancy a havia escutado pedir ao homem que colocasse a carta no correio quando voltasse para Frizinghall. O homem havia olhado para o endereço e dito que não era muito prático pôr no correio em Frizinghall uma carta endereçada a Cobb's Hole — e, além disso, num sábado, o que impediria que a carta chegasse a seu destino antes da manhã de segunda-feira. Rosanna havia respondido que o atraso da entrega da carta até segunda-feira não tinha importância. A única coisa da qual queria ter certeza era de que o homem faria o que ela estava lhe pedindo. O homem prometeu fazê-lo, e foi embora. Nancy então havia sido chamada de volta a seu trabalho na cozinha. E nenhuma outra pessoa havia visto Rosanna Spearman depois disso.

— Então? — perguntei, quando estávamos novamente sozinhos.

— Então — disse o Sargento — devo ir a Frizinghall.

— Por causa da carta, senhor?

— Sim. O mapa do esconderijo está naquela carta. Tenho que ver o endereço no correio. Se for o endereço de que suspeito, vou fazer outra visita a nossa amiga, a Sra. Yolland, na próxima segunda-feira.

Acompanhei o Sargento até os estábulos para providenciar o coche puxado pelo pônei. Nos estábulos, uma nova luz foi lançada sobre o desaparecimento da garota.

CAPÍTULO 19

Via-se que a notícia do desaparecimento de Rosanna havia chegado aos criados que trabalhavam do lado de fora da casa. Eles também haviam feito suas investigações e tinham acabado de descobrir um jovem diabrete apelidado de Duffy, ocasionalmente contratado para tirar as ervas daninhas do jardim, que havia visto Rosanna Spearman meia hora antes. Duffy tinha certeza de que a garota havia passado por ele na plantação de abetos, não andando, mas correndo, em direção à beira-mar.

— Esse garoto conhece a costa dessa região? — perguntou o Sargento Cuff.

— Nasceu e foi criado nesta costa — respondi.

— Duffy! — disse o Sargento. — Você quer ganhar um xelim? Se quiser, venha comigo. Mantenha o coche pronto, Sr. Betteredge, até que eu volte.

Ele partiu em direção à Areia Trêmula, em tal velocidade que minhas pernas (embora bastante bem conservadas para minha idade) não tinham esperanças de alcançá-lo. O pequeno Duffy, como é o costume entre os jovens selvagens de nossa região quando estão alegres, deu um uivo, e partiu no encalço do Sargento.

Aqui, novamente, vejo que é impossível fornecer um relato fiel do meu estado de espírito logo depois que o Sargento Cuff nos deixou. Uma inquietação curiosa e espantosa me possuiu. Fiz uma dúzia de coisas inúteis diferentes dentro e fora da casa, nenhuma das quais consigo recordar. Não sei sequer quanto tempo se passara desde que o Sargento havia ido para as dunas, quando Duffy voltou correndo com um recado para mim. O Sargento Cuff tinha dado ao garoto uma folha de seu caderno de bolso, na qual

estava escrito a lápis: Mande-me uma das botas de Rosanna Spearman, e seja rápido.

Enviei a primeira criada que pude encontrar ao quarto de Rosanna, e mandei o garoto voltar dizendo que eu próprio iria em seguida com a bota.

Este, estou consciente, não era o meio mais rápido de obedecer às ordens que eu havia recebido. Mas eu estava decidido a ver com meus próprios olhos o que estava acontecendo antes de pôr a bota de Rosanna nas mãos do Sargento. Minha antiga tentativa de proteger a garota parecia haver retomado, naquela hora tardia. Esse sentimento (para não falar na febre de detetive) me fez, assim que estava com a bota na mão, chegar o mais perto possível de uma corrida que um homem com mais de setenta anos pode esperar.

Quando me aproximei da costa, as nuvens tomaram a se juntar e a chuva caiu, movendo-se com o vento como grandes lençóis brancos d'água. Ouvi o ruído do mar batendo no banco de areia na entrada da baía. Um pouco mais adiante, passei pelo menino que estava agachado perto de uma duna para se proteger. Então vi o mar revolto, as vagas entrando pelo banco de areia, a chuva forte varrendo as águas como um pedaço de pano voando, a beleza selvagem e amarela da praia com uma solitária figura vestida de preto, de pé — a figura do Sargento Cuff.

Ele acenou em direção ao norte quando me viu.

— Fique desse lado! — gritou. — E desça até aqui!

Desci até ele, quase sem ar, com o coração aos pulos como se fosse sair pela minha boca. Eu não conseguia falar. Tinha uma centena de perguntas a lhe fazer e nenhuma delas passava por meus lábios. Seu rosto me assustou. Vi nele uma expressão que era de horror. Ele arrancou a bota da minha mão e colocou-a sobre uma pegada na areia, apontando em direção ao sul, diretamente para a extremidade rochosa chamada Restinga do Sul. A marca ainda não havia sido

apagada pela chuva — e a bota da garota encaixou-se nela perfeitamente.

O Sargento apontou para a bota na pegada, sem dizer palavra.

Tomei-o pelo braço e tentei lhe falar, e falhei, assim como havia falhado em minhas outras tentativas. Ele continuou seguindo as pegadas, descendo cada vez mais até onde as pedras e o mar se encontravam. A Restinga do Sul estava coberta pela maré; as águas se moviam sobre a face escondida da Areia Trêmula. Ora em uma direção, ora em outra, o Sargento Cuff tentou encaixar a bota nas pegadas, e elas sempre apontavam para a mesma direção — diretamente para as pedras. Por mais que tentasse, ele não conseguia achar em lugar algum sinal das pegadas que se afastassem delas.

Finalmente ele desistiu. Ainda em silêncio, olhou novamente para mim, e então olhou para as águas diante de nós, cobrindo cada vez mais a areia movediça. Olhei para onde ele estava olhando — e vi seu pensamento impresso em seu rosto. Um tremor paralisante e sinistro tomou subitamente conta de mim. Caí de joelhos na areia.

— Ela voltou ao esconderijo — ouvi o Sargento dizer para si mesmo. — Algum acidente fatal aconteceu com ela nessas pedras.

A aparência estranha da garota, suas palavras, suas ações — a maneira anestesiada, moribunda, com a qual me ouvia e falava comigo quando eu a havia encontrado varrendo o corredor umas poucas horas antes, me vieram à mente e me alertaram, no mesmo instante em que o Sargento falou, que seu palpite estava muito perto da horrível verdade. Tentei lhe falar do medo que me havia congelado. Tentei dizer: A morte que ela teve, Sargento, foi a morte que ela mesma buscou. Não! As palavras não vinham. O tremor paralisante me dominava. Eu não sentia a chuva forte. Não podia ver a maré subindo. Como num sonho, a pobre criatura perdida apareceu

diante de mim. Vi-a novamente como a havia visto no passado — na manhã em que fui buscá-la para voltar a casa. Ouvi-a novamente, dizendo-me que a Areia Trêmula parecia atraí-la contra sua vontade, e perguntando-se se seu túmulo a estava esperando ali. O terror dessa ideia abateu-se sobre mim, de algum modo inexplicável, através de minha própria filha. Minha menina tinha exatamente a sua idade. Minha menina, se tivesse passado pelas provações pelas quais Rosanna havia passado, poderia ter tido aquela vida miserável e morrido daquela forma terrível.

O Sargento me levantou com gentileza e me afastou da visão do lugar onde ela havia morrido.

Com esse alívio, comecei a respirar novamente e a ver as coisas à minha volta como eram na realidade. Olhando em direção às dunas, vi os criados que trabalhavam do lado de fora da casa, e o pescador, chamado Yolland, correndo juntos em nossa direção; todos, alarmados, gritando e perguntando se a garota havia sido encontrada. Em poucas palavras, o Sargento lhes mostrou as provas das pegadas e lhes disse que um acidente fatal devia ter acontecido com Rosanna. Então afastou o pescador do resto, e lhe fez uma pergunta, virando-se novamente para o mar.

— Diga-me — disse ele. — Um barco poderia tê-la levado, num tempo como esse, das pedras onde terminam suas pegadas?

O pescador apontou para as vagas explodindo no banco de areia e para as enormes ondas subindo em nuvens de espuma pelas pedras dos dois lados do ponto onde estávamos.

— Nunca se construiu um barco — respondeu ele — que pudesse tê-la feito passar através disso.

O Sargento Cuff olhou pela última vez para as pegadas na areia, que a chuva agora estava apagando rapidamente.

— Ali — disse ele — está a prova de que ela não pode ter deixado este lugar por terra. E aqui — continuou, olhando para

o pescador — está a prova de que ela não pode ter escapado por mar. — Ele parou e pensou por um instante. — Ela foi vista correndo em direção a este lugar meia hora antes de eu chegar aqui — disse a Yolland. — algum tempo se passou desde então. Digamos, ao todo, uma hora. A que altura a água estaria a essa hora desse lado das pedras?

Ele apontou em direção ao sul — ou seja, o lado que não era coberto pela areia movediça.

— Com a maré como está hoje — disse o pescador não haveria água suficiente para afogar um gatinho daquele lado da restinga há uma hora.

O Sargento Cuff se virou para o norte, em direção à areia movediça.

— E quanto a esse lado? — perguntou.

— Menos ainda — respondeu Yolland. — A Areia Trêmula devia estar apenas molhada, nada mais.

O Sargento virou-se para mim e disse que o acidente devia ter acontecido do lado da areia movediça. Com isso, minha língua se soltou.

— Não foi um acidente! — eu lhe disse. — Quando ela veio a este lugar, veio, cansada de sua vida, por-lhe um fim.

Ele se afastou de mim, surpreso.

— Como o senhor sabe? — perguntou.

O restante dos homens se aproximou. O Sargento recuperou— se instantaneamente. Afastou-os de mim; disse-lhes que eu era um velho; disse-lhes que a descoberta me havia perturbado; disse:

— Deixem-no sozinho um pouco.

Então virou-se para Yolland e perguntou:

— Há alguma chance de encontrá-la, quando a maré descer novamente?

E Yolland respondeu:

— Nenhuma. O que a Areia engole, a Areia guarda para sempre.

Havendo dito isso, o pescador deu um passo em nossa direção e dirigiu-se a mim.

— Sr. Betteredge — disse ele —, tenho uma palavra a lhe dizer sobre a morte da jovem. A trinta metros daqui, margeando a encosta da restinga, há uma plataforma rochosa, a cerca de meia braça de profundidade sob a areia. Minha pergunta é: por que ela não bateu na plataforma? Se ela escorregou do banco de areia por acidente, caiu onde dá pé, a uma profundidade que mal a teria coberto até a cintura. Ela deve ter andado para longe, ou pulado para longe, para as águas profundas — ou não estaria desaparecida agora. Não foi um acidente, senhor! As profundezas da areia movediça a engoliram. E elas a engoliram porque ela própria o desejou.

Depois desse testemunho de um homem cujo conhecimento merecia confiança, o Sargento ficou em silêncio. O restante de nós, como ele, manteve-se igualmente calado. Num só movimento, demos meia-volta e começamos a subir o aclive da praia.

Nas dunas, fomos recebidos pelo ajudante cavaleiro, que correu até nós vindo da casa. Esse rapaz é bom, e tem um respeito genuíno por mim. Entregou-me um pequeno bilhete, com uma tristeza apropriada no rosto.

— Penélope me mandou com isto, Sr. Betteredge — disse ele.

— Ela o encontrou no quarto de Rosanna,

Era sua última palavra de adeus ao velho que havia feito o melhor possível — graças a Deus, sempre o melhor possível — para ser seu amigo.

No passado, o senhor muitas vezes me perdoou, Sr. Betteredge. Da próxima vez que o senhor vir a Areia Trêmula, tente me perdoar mais uma vez. Encontrei minha tumba onde

ela estava à minha espera. Vivi e morri, senhor, agradecida por sua gentileza.

Não havia nada mais do que isso. Por pouco que fosse, eu não era homem o bastante para resistir. As lágrimas vêm com facilidade quando se é jovem e se está começando a vida. As lágrimas vêm com facilidade quando se é velho e se a está deixando. Desatei a chorar.

O Sargento Cuff deu um passo em minha direção — com a intenção de ser gentil, não duvido. Afastei-me dele bruscamente.

— Não me toque — disse eu. — Foi o medo que tinha do senhor que a fez fazer isso.

— O senhor está errado, Sr. Betteredge — respondeu ele calmamente. — mas haverá tempo o bastante para falar sobre isso quando estivermos de volta a casa.

Segui o restante dos homens, com a ajuda do braço do cavaliário. Fomos embora através da chuva forte — de encontro aos problemas e ao horror que estavam à nossa espera.

CAPÍTULO 20

Os que haviam seguido na frente haviam espalhado a notícia antes de chegarmos. Encontramos os criados em estado de pânico. Quando passamos pela porta de minha senhora, esta foi aberta com violência do lado de dentro. Minha patroa saiu para junto de nós (com o Sr. Franklin em seu encalço, tentando em vão contê-la), bastante transtornada com o horror dos acontecimentos.

— O senhor é responsável por isso! — gritou ela, gesticulando com violência para o Sargento em forma de ameaça. — Gabriel! Dê o dinheiro a este miserável e poupe-me de sua visão!

O Sargento era o único entre nós capaz de lidar com ela — já que era o único entre nós que tinha controle sobre si mesmo.

— Não sou mais responsável por essa calamidade terrível, minha senhora, do que a senhora mesma — disse ele. — Se, daqui a meia hora, a senhora ainda insistir para que eu deixe a casa, aceitarei sua demissão, mas não seu dinheiro.

Foi dito com muito respeito, mas ao mesmo tempo com muita firmeza — e isso surtiu efeito em minha patroa bem como em mim. Ela permitiu que o Sr. Franklin a conduzisse de volta a seu quarto. Quando a porta se fechou sobre eles, o Sargento, olhando em volta para as criadas a seu modo observador, reparou que, enquanto todas elas estavam apenas amedrontadas, Penélope estava em prantos.

— Quando seu pai houver trocado as roupas molhadas — disse ele a Penélope —, venha falar conosco, no quarto dele.

Antes que meia hora houvesse se passado, eu havia colocado roupas secas e emprestado ao Sargento a muda de roupas de que ele precisava. Penélope veio até onde

estávamos para ouvir o que o Sargento desejava lhe dizer. Não penso que jamais tenha percebido, com tanta força como naquele momento, a filha cumpridora de seus deveres que eu tinha. Tomei-a pelo braço e sentei-a em meu colo — e rezei para que Deus a abençoasse. Ela escondeu o rosto em meu peito e colocou os braços em volta do meu pescoço — e aguardamos um instante em silêncio. Penso que a pobre garota morta devia ser a causa dessa manifestação de carinho entre minha filha e eu. O Sargento foi até a janela e ficou ali olhando para fora. Pensei que fosse correto lhe agradecer por ter tanta consideração conosco — e o fiz.

As pessoas de alta estirpe têm todos os luxos — entre outros, o luxo de poder demonstrar seus sentimentos. As pessoas de baixa estirpe não têm tal privilégio. A necessidade, que poupa nossos superiores, não tem piedade de nós. Aprendemos a esconder nossos sentimentos dentro de nós mesmos e a continuar cumprindo nossos deveres da maneira mais paciente possível. Não reclamo disso — apenas constato. Penélope e eu estávamos prontos para o Sargento, tão logo o Sargento estivesse ele mesmo pronto. Ao ser perguntada se sabia o que havia levado sua colega a cometer suicídio, minha filha respondeu (como os senhores poderão ter previsto) que havia sido o amor que nutria pelo Sr. Franklin Blake. Em seguida, ao ser perguntada se havia mencionado essa ideia a alguma outra pessoa, Penélope respondeu:

— Não o fiz, pelo bem de Rosanna.

Senti que era necessário acrescentar uma palavra a isso. Disse:

— E também pelo bem do Sr. Franklin, minha querida. Se Rosanna realmente morreu por estar apaixonada por ele, não foi com seu conhecimento ou por sua culpa. Deixe que ele vá embora hoje, se for, sem a dor inútil de saber a verdade.

— Está certo — disse o Sargento Cuff e calou-se novamente, comparando a ideia de Penélope (pareceu-me) com alguma outra ideia sua que manteve secreta.

Ao cabo da meia hora, a sineta de minha senhora tocou.

A caminho para atendê-la, encontrei o Sr. Franklin saindo da sala de estar de sua tia. Ele mencionou que sua senhoria estava pronta para o Sargento Cuff — na minha presença, como antes —, e acrescentou que ele próprio queria dizer uma ou duas palavras ao Sargento primeiro. No caminho de volta para meu quarto ele parou e olhou para o horário dos trens no vestíbulo.

— O senhor realmente vai nos deixar? — perguntei. — Com certeza a Srta. Rachel se arrependerá, se o senhor lhe der tempo.

— Ela se arrependerá — respondeu o Sr. Franklin — quando souber que eu fui embora e que não me verá mais.

Pensei que ele falava com ressentimento pela maneira como minha jovem senhora o havia tratado. Mas não era assim. Minha senhora havia observado, desde o primeiro momento em que a polícia havia entrado na casa, que a simples menção ao seu nome era o bastante para inflamar o temperamento da Srta. Rachel. Ele gostava demais de sua prima para admitir isso diante de si próprio, até que a verdade lhe havia sido imposta, quando ela partiu para a casa de sua tia. Uma vez que teve seus olhos abertos do modo cruel que os senhores já conhecem, o Sr. Franklin havia tomado sua decisão — a única que um homem de espírito podia tomar — de deixar a casa.

O que ele tinha a dizer ao Sargento foi dito em minha presença. Falou que sua senhoria admitia que havia falado com muita violência. E perguntou se o Sargento Cuff consentiria — nesse caso — a aceitar seus honorários e a deixar o caso do Diamante da maneira que agora se encontrava. O Sargento respondeu:

— Não, senhor. Meus honorários me são pagos por cumprir o meu dever. Declino em aceitá-los até que meu dever seja cumprido.

— Não o entendo, senhor — disse o Sr. Franklin.

— Vou me explicar — replicou o Sargento. — Quando cheguei aqui, expus da maneira necessária o caso do Diamante desaparecido. Agora estou pronto, e esperando, para redimir meu compromisso. Quando eu houver exposto o caso em seu estado atual a Lady Verinder, e quando lhe houver dito claramente o caminho a ser tomado para recuperar a Pedra da Lua, a responsabilidade não será mais minha. Depois disso, cabe a sua senhoria decidir se permite, ou não, que eu continue. Então terei feito o que me propus fazer e aceitarei meus honorários.

Com essas palavras o Sargento Cuff nos lembrou que, mesmo na polícia, um homem pode perder sua reputação.

Sua posição era tão claramente correta que não havia mais nada a dizer. Quando me levantei para conduzi-lo ao quarto de minha senhora, ele perguntou se o Sr. Franklin desejava estar presente. O Sr. Franklin respondeu:

— Não, a não ser que Lady Verinder assim deseje.

E acrescentou em meu ouvido, num sussurro, enquanto eu saía atrás do Sargento:

— Sei o que esse homem está prestes a dizer sobre Rachel, e gosto demais dela para ouvir isso e manter a calma. Deixe-me sozinho.

Eu o deixei, muito triste, debruçado no peitoril da minha janela, com o rosto escondido nas mãos — e Penélope espiando pela porta, desejando reconfortá-lo. No lugar do Sr. Franklin, eu a teria chamado para entrar. Quando se é maltratado por uma mulher, é um grande conforto dizê-lo a outra — porque, nove vezes em cada dez, a outra sempre toma o seu partido. Talvez ele a tenha chamado, quando eu virei as costas... Nesse caso, faço justiça a minha filha

declarando que ela não pouparia esforços para reconfortar o Sr. Franklin Blake.

Entrementes, o Sargento Cuff e eu seguimos para o quarto de minha senhora.

No último encontro que havíamos tido com ela, seus olhos não haviam se desviado do livro que estava na mesa diante de si.

Nessa ocasião havia uma mudança, para melhor. Ela fixou os olhos nos do Sargento com um olhar tão firme quanto o dele. O temperamento da família era visível em cada linha de seu rosto; e eu sabia que o Sargento Cuff encontraria uma adversária à altura, quando uma mulher como minha patroa estava preparada para ouvir o pior que ele podia lhe dizer.

CAPÍTULO 21

As primeiras palavras, quando nos havíamos sentado, foram ditas por minha senhora.

— Sargento Cuff — disse ela —, talvez tenha havido alguma desculpa para a maneira irrefletida como lhe falei há meia hora. No entanto, eu não desejo utilizar essa desculpa. Digo, com toda a sinceridade, que lamento se o ofendi.

A graça de sua voz e a maneira com a qual ela lhe fez essa declaração tiveram sobre o Sargento o efeito esperado. Ele pediu permissão para se justificar — apresentando sua justificação como um ato de respeito para com minha patroa. Era impossível, disse, que ele fosse de alguma maneira responsável pela calamidade que nos havia chocado a todos, pela simples razão de que seu sucesso em conduzir sua investigação ao seu fim correto dependia de ele não dizer nem fazer nada que pudesse alarmar Rosanna Spearman. Pediu que eu testemunhasse se ele tinha, ou não, feito isso. Eu podia testemunhar que ele assim havia feito, e o fiz. E ali, pensava eu, o assunto poderia ter sido sabiamente encerrado.

O Sargento Cuff, no entanto, deu um passo além, evidentemente (como o senhor agora poderá julgar) com o propósito de, à força, levar a cabo a mais dolorosa de todas as explicações possíveis para sua senhoria.

— Ouvi atribuírem um motivo ao suicídio da jovem — disse o Sargento — que possivelmente pode estar correto. É um motivo bastante alheio ao caso que estou investigando aqui. No entanto, sou obrigado a acrescentar que minha opinião indica o contrário. Acredito que alguma preocupação insuportável relacionada ao Diamante desaparecido levou a pobre criatura a atentar contra a própria vida. Não tenho a pretensão de saber o que essa preocupação insuportável pode ter sido. Mas penso (com a permissão de sua senhoria) que

posso apontar para a pessoa capaz de decidir se estou certo ou errado.

— Essa pessoa está na casa agora? — perguntou minha patroa, depois de esperar um pouco.

— A pessoa deixou a casa, minha senhora.

A resposta apontava para a Srta. Rachel da maneira mais direta possível. Caiu sobre nós um silêncio que eu pensei que jamais terminaria. Deus! Como o vento uivava, e como a chuva batia na janela, enquanto eu estava ali sentado esperando que um deles falasse novamente!

— Queira por favor expressar-se com clareza — disse minha senhora. — O senhor está se referindo à minha filha?

— Estou — disse o Sargento sem rodeios.

Minha patroa estava com seu talão de cheques sobre a mesa quando entramos no quarto — sem dúvida para pagar os honorários do Sargento. Colocou-o de volta na gaveta. Doeu-me o coração ver como sua pobre mão tremia — a mão que havia feito tanto bem a seu velho criado; a mão que, rezo a Deus, segurará a minha, quando chegar a minha hora e eu deixar meu posto para sempre!

— Eu esperava — disse minha senhora, muito lenta e calmamente — que pudesse recompensar seus serviços e me despedir do senhor sem que o nome da Srta. Verinder fosse mencionado abertamente entre nós como o foi agora. Meu sobrinho provavelmente lhe disse algo nesse sentido, antes que o senhor viesse ao meu quarto?

— O Sr. Blake deu seu recado, minha senhora. E eu dei uma razão ao Sr. Blake...

— É inútil me dizer a sua razão. Depois do que acaba de dizer, o senhor sabe tão bem quanto eu que foi longe demais para recuar. Insisto que o senhor fique aqui e que diga o que tem a dizer; devo isso a mim mesma, e devo isso a minha filha.

O Sargento olhou para seu relógio.

— Se houvesse tempo, minha senhora — respondeu ele eu preferiria ter feito um relatório por escrito em vez de comunica-lo à senhora de viva voz. Mas, se essa investigação vai continuar, o tempo é muito importante para ser desperdiçado com a escrita. Estou pronto para ir direto ao assunto. Contar é uma tarefa muito dolorosa para mim, e, para a senhora, ouvir...

Aqui minha patroa o interrompeu mais uma vez.

— Posso talvez tomar a coisa menos dolorosa para o senhor e para o meu bom criado e amigo aqui — disse ela se eu própria der o exemplo e falar francamente. O senhor suspeita de que a Srta. Verinder enganou a todos nós, escondendo o Diamante por algum motivo pessoal? Isso é verdade?

— É verdade, minha senhora.

— Muito bem. Agora, antes que o senhor comece, devo dizer-lhe, na condição de mãe da Srta. Verinder, que ela é absolutamente incapaz de fazer o que o senhor supõe que ela tenha feito. Seu conhecimento do caráter dela tem um ou dois dias. Meu conhecimento de seu caráter vem desde o começo de sua vida. O senhor pode afirmar suas suspeitas com a força que lhe aprouver: é impossível que me ofenda ao fazê-lo. Tenho certeza, de antemão, de que nesse caso (apesar de toda a sua experiência) as circunstâncias o afastaram da verdade. Atenção! Não possuo nenhuma informação particular. Estou completamente isolada da confiança de minha filha, assim como o senhor. Minha única razão para falar com certeza é a razão que o senhor já ouviu. Eu conheço minha filha.

Virou-se para mim e me deu a mão. Beije-a em silêncio.

— Pode continuar — disse ela, encarando novamente o Sargento com tanta firmeza quanto antes.

O Sargento Cuff fez uma reverência. Minha senhora havia causado nele um único efeito. Seu rosto aquilino se suavizou

por um instante, como se ele sentisse pena dela. Quanto a abalar sua própria convicção, estava claro que ela não havia chegado nem perto de fazê-lo. Ele se acomodou na cadeira e começou seu ataque vil ao caráter da Srta. Rachel com essas palavras:

— Devo pedir a sua senhoria — disse ele — que considere esse caso de forma clara, do meu ponto de vista assim como do seu. A senhora poderia se colocar no meu lugar quando vim até aqui, com toda a minha experiência? E permitiria que eu mencionasse muito brevemente que experiência foi essa?

Minha senhoria fez sinal de que o faria. O Sargento continuou:

— Durante os últimos vinte anos — disse ele trabalhei em muitos casos envolvendo escândalos familiares, agindo como homem de confiança. O que posso tirar de minha experiência pessoal que tem relevância para o caso agora em questão pode ser resumido em duas palavras. Já pude muitas vezes observar que jovens senhoras de boa posição social ocasionalmente têm dívidas pessoais que não ousam assumir perante seus parentes e amigos próximos. Algumas vezes, as dívidas têm origem na casa de tecidos ou na joalheria. Algumas vezes, elas precisam do dinheiro por motivos dos quais não suspeito neste caso, e não vou chocá-la mencionando-os. Tenha em mente o que eu lhe disse, minha senhoria. E agora vejamos como os acontecimentos nesta casa me levaram a considerar minha experiência, querendo eu ou não!

Ele pensou durante alguns instantes e continuou — com uma terrível clareza que nos obrigava a compreendê-lo e com uma justiça abominável que não favorecia ninguém.

— Minha primeira informação relacionada à perda da Pedra da Lua — disse o Sargento — me foi dada pelo Superintendente Seegrave. Ele me provou de maneira completamente satisfatória que era totalmente incapaz de

manejar o caso. A única coisa que ele disse que me pareceu digna de atenção foi o seguinte: que a Srta. Verinder havia se negado a responder às suas perguntas e havia lhe falado com uma grosseria e um desprezo inexplicáveis. Achei isso curioso, mas o atribuí principalmente a alguma falta de tato do Superintendente que podia haver ofendido a jovem senhora. Depois disso, coloquei de lado essa informação em minha cabeça e comecei minha própria investigação. Esta terminou, como a senhora sabe, com a descoberta do borrão na porta e com o testemunho do Sr. Franklin Blake me provando que o borrão e a perda do Diamante eram peças do mesmo quebra-cabeça. Até então, se eu suspeitava de alguma coisa, suspeitava de que a Pedra da Lua havia sido roubada, e que um dos criados poderia ser o ladrão. Muito bem. Nesse estágio, o que acontece? A Srta. Verinder sai de seu quarto de repente e fala comigo. Observo três coisas suspeitas em relação a essa jovem senhora. Ela ainda está muito agitada, embora mais de 24 horas tenham se passado desde que o Diamante desapareceu. Ela me trata mal, como já havia feito com o Superintendente Seegrave. E ela está mortalmente ofendida com o Sr. Franklin Blake. Muito bem novamente. Eis aqui (digo a mim mesmo) uma jovem que perdeu uma joia valiosa, e também uma jovem de temperamento impetuoso, como meus próprios olhos e ouvidos podem confirmar. Nessas circunstâncias, e com esse temperamento, o que ela faz? Demonstra um ressentimento incompreensível para com o Sr. Franklin Blake, com o Sr. Superintendente e comigo próprio; em outras palavras, justamente as três pessoas que, de modos diferentes, vinham tentando ajudá-la a recuperar sua joia perdida. Havendo chegado a esse ponto de minha investigação, então, minha senhora, e só então, começo a vasculhar minha própria memória e a recorrer à minha própria experiência. Minha experiência explica a conduta da Srta. Verinder de outro modo incompreensível. Leva-me a associá-la àquelas outras jovens que conheço; diz-me que a Srta.

Verinder tem dívidas que não ousa assumir, e que devem ser pagas; e leva-me a imaginar se, na verdade, o Diamante não foi perdido, mas secretamente penhorado para pagar essas dívidas. Essa é a conclusão que minha experiência tira da observação dos fatos. O que a experiência de sua senhoria tem a dizer a respeito?

— O que eu já disse — respondeu minha patroa. — As circunstâncias o enganaram.

Eu, por minha parte, nada disse. Robinson Crusóé — sabe Deus como — havia ocupado minha cabeça velha e confusa. Se o Sargento Cuff fosse naquele momento transportado para uma ilha deserta, sem um Sexta-feira para lhe fazer companhia, nem um barco para tirá-lo dali — então estaria exatamente onde eu gostaria que estivesse! (*Nota bene*: Sou um bom cristão quando não se abusa da minha cristandade. E, nesse respeito, todas as outras pessoas são bastante parecidas comigo — o que é um grande conforto.)

O Sargento Cuff continuou:

— Certo ou errado, minha senhora — disse ele — uma vez tirada minha conclusão, a próxima coisa a ser feita era testá-la. Sugeri a sua senhoria vasculhar todos os guarda-roupas da casa. Era uma maneira de encontrar a peça de roupa que, muito provavelmente, havia feito o borrão e uma maneira de testar minha conclusão. O que aconteceu? Sua senhoria consentiu; o Sr. Blake consentiu; o Sr. Ablewhite consentiu. Apenas a Srta. Verinder freou a investigação, recusando-se a isto terminantemente, o que me convenceu de que minha opinião estava correta. Se sua senhoria e o Sr. Betteredge insistirem em não concordar comigo, devem estar cegos para o que aconteceu diante de seus olhos hoje mesmo. Diante de todos, eu disse à jovem senhora que se ela deixasse a casa (no estado em que as coisas estavam), isso colocaria um obstáculo em meu caminho para encontrar sua joia. Todos viram por si próprios que ela partiu mesmo tendo ouvido isso. Todos

viram que ela não só não perdoou o Sr. Blake por ter feito mais do que todos vocês para colocar a pista em minhas mãos, mas insultou o Sr. Blake publicamente, nos degraus da casa de sua mãe. O que isso tudo significa? Se a Srta. Verinder não está envolvida no desaparecimento do Diamante, o que isso tudo significa?

Desta vez ele olhou em minha direção. Era absolutamente assustador ouvi-lo citar prova atrás de prova contra a Srta. Rachel, e saber, enquanto se desejava defendê-la, que não havia como contestar a verdade do que ele dizia. Sou (graças a Deus) constitucionalmente invulnerável à razão. Isso permitiu que eu me agarrasse com firmeza à opinião de minha senhora, que também era a minha. Isso levantou meu ânimo e me fez exibir uma expressão de coragem para o Sargento Cuff. Aproveitem, amigos, lhes rogo, o meu exemplo. Isso lhes poupará muitos problemas e aborrecimentos. Cultivem uma superioridade à razão e vejam como resistem às ganas de todas as pessoas sensatas que tentarem arranhá-los para o seu próprio bem!

Vendo que eu não fazia nenhum comentário, e que minha patroa também permanecia calada, o Sargento Cuff continuou. Deus! Como me irritou perceber que ele não estava nem um pouco desencorajado pelo nosso silêncio!

— Eis o caso, minha senhora, tal como se apresenta apenas contra a Srta. Verinder — disse ele. — Agora, é preciso expor a relação entre a Srta. Verinder e a falecida Rosanna Spearman no caso. Vamos voltar por um instante, se a senhora permitir, à recusa de sua filha em deixar que seu guarda-roupa fosse examinado. Com a opinião formada, depois desse episódio, eu tinha duas questões a considerar. Primeiro, quanto ao método correto de conduzir minha investigação. Segundo, quanto a se a Srta. Verinder tinha um cúmplice entre as criadas da casa. Depois de pensar cuidadosamente no assunto, decidi conduzir a investigação de uma maneira que

chamaríamos em nosso escritório de altamente irregular. Pela seguinte razão: eu tinha um escândalo familiar nas mãos, e era meu dever mantê-lo dentro dos limites da família. Quanto menos barulho eu fizesse, quanto menos estranhos empregasse para me ajudar, melhor. Quanto ao procedimento corriqueiro de se manter as pessoas sob custódia por suspeita, ir até o magistrado e todo o resto — nada disso podia ser considerado, uma vez que a filha de sua senhoria encontrava-se (como eu acreditava) implicada no assunto. Nesse caso, senti que seria mais seguro empregar como ajudante uma pessoa com a posição que o Sr. Betteredge ocupa na casa, conhecendo os criados como ele conhece e sendo cioso da honra da família. Eu teria tentado também o Sr. Blake, não fosse por um pequeno problema: ele viu para onde apontavam minhas suspeitas antes de qualquer outra pessoa e, visto seu interesse na Srta. Verinder, qualquer entendimento entre ele e eu tomava-se impossível. Aborreço sua senhoria com esses detalhes para mostrar que mantive o segredo dentro do círculo familiar. Sou o único estranho que conhece os fatos, e minha existência profissional depende disso, de eu saber segurar a minha língua.

Aqui senti que a minha existência profissional dependia de eu não segurar a minha língua. Ser exibido diante de minha patroa como um ajudante policial, na minha idade avançada, era de novo mais do que a minha cristandade podia suportar ouvir.

— Peço para informar-lhe, sua senhoria — disse eu — que nunca, até onde sei, ajudei essa história detetivesca abominável, de nenhum modo, do primeiro ao último instante. E desafio o Sargento Cuff a contradizer-me, se ele ousar fazê-lo!

Havendo dito essas palavras, senti-me muito aliviado. Sua senhoria honrou-me com um pequeno toque amigável no ombro. Eu olhei com uma indignação justificada para o

Sargento tentando ver o que ele achava de um depoimento como esse. O Sargento me olhou como um cordeiro, parecendo gostar mais de mim do que nunca.

Minha senhora informou-lhe que ele podia continuar seu relatório.

— Compreendo — disse ela — que o senhor honestamente fez o melhor possível, em nome do que acredita ser o meu interesse. E estou pronta para ouvir o que o senhor tem a dizer em seguida.

— O que tenho a dizer em seguida — respondeu o Sargento Cuff — está relacionado com Rosanna Spearman. Reconheci a jovem, como sua senhoria poderá se lembrar, quando ela trouxe o registro da lavanderia até este quarto. Até aquele momento eu estava inclinado a duvidar que a Srta. Rachel houvesse confiado seu segredo a alguém. Quando vi Rosanna, mudei de ideia. Suspeitei imediatamente de que ela tinha alguma ligação com o desaparecimento do Diamante. A pobre criatura encontrou a morte de uma maneira atroz, e não quero que sua senhoria pense, agora que ela se foi, que fui indevidamente severo com ela. Se esse fosse um caso de roubo comum, eu teria dado a Rosanna o benefício da dúvida com tanta liberdade quanto o teria dado a qualquer outro dos criados da casa. Nossa experiência com mulheres de reformatório é que, quando lhes dão a chance de trabalhar e são tratadas com gentileza e justiça, elas se mostram, na maioria dos casos, honestamente penitentes e dignas do esforço que se faz por elas. Mas esse não era um caso de roubo comum. Era um caso, para mim, de fraude minuciosamente planejada, com a dona do Diamante em sua origem. Com esse ponto de vista, a primeira consideração que me ocorreu naturalmente, com relação a Rosanna, foi essa; a Srta. Verinder ficaria satisfeita (com o perdão de sua senhoria) em levar todos nós a pensar que a Pedra da Lua havia sido meramente perdida? Ou iria um passo além, e nos levaria a

crer que a Pedra da Lua havia sido roubada? Neste último caso, ela tinha Rosanna Spearman para lhe servir de ladra, à disposição: a pessoa perfeita para enganar sua senhoria, para me enganar e fazer-nos seguir um rastro errado.

Seria possível (me perguntei) que ele expusesse seu caso contra a Srta. Rachel e Rosanna de uma maneira ainda mais horrenda do que essa? Era possível, como verão agora.

— Eu tinha outra razão para suspeitar da falecida — disse ele — que me parece ter sido ainda mais forte. Quem seria a pessoa que ajudaria a Srta. Verinder a vender o Diamante em segredo? Rosanna Spearman. Nenhuma jovem na posição da Srta. Verinder poderia dar cabo de uma empreitada tão arriscada como essa sozinha. Ela deveria ter um intermediário, e quem melhor, pergunto novamente, do que Rosanna Spearman? A falecida criada de sua senhoria estava no topo de sua profissão quando era uma ladra. Segundo fontes seguras, ela negociava com um dos poucos homens em Londres (no ofício da agiotagem) que poderiam pagar uma grande soma por uma joia como a Pedra da Lua, sem fazer perguntas inoportunas, nem insistir em condições desfavoráveis. Tenha isso em mente, minha senhora; e agora me deixe mostrar-lhe como minhas suspeitas foram justificadas pelos atos da própria Rosanna e pelas conclusões simples que eles implicam.

Ele então passou em revista todos os atos de Rosanna. Os senhores já conhecem esses atos tão bem quanto eu, e vão entender o quão inexplicavelmente essa parte de seu relatório colocava a culpa do desaparecimento da Pedra da Lua na memória da pobre garota morta. Até mesmo minha patroa ficou assustada com o que ele disse em seguida. Não deu nenhuma resposta uma vez que ele havia terminado. Não parecia importar ao Sargento ter ou não uma resposta. Ele continuou (que o diabo o carregue!), com tanta firmeza quanto antes.

— Tendo exposto o caso todo conforme eu o entendo — disse ele tudo o que tenho a dizer a sua senhoria é que vejo duas maneiras de levar esta investigação a um desfecho satisfatório. Uma dessas maneiras me parece ser uma certeza. A outra, admito, é uma experiência ousada, e nada mais. Sua senhoria decidirá. Abordemos primeiro a certeza?

Minha patroa lhe fez um sinal para que prosseguisse e escolhesse por si mesmo.

— Obrigado — disse o Sargento. — Começemos com a certeza, já que sua senhoria tem a bondade de me deixar decidir. Quer a Srta. Verinder permaneça em Frizinghall, quer volte para cá, proponho, em ambos os casos, que mantenhamos uma vigilância cuidadosa em todos os seus movimentos: as pessoas que vê, as cavalgadas e caminhadas que faz e as cartas que escreve e recebe.

— E depois? — perguntou minha patroa.

— Depois — respondeu o Sargento — pedirei a permissão de sua senhoria para introduzir nesta casa como criada, no lugar de Rosanna Spearman, uma mulher acostuada a investigações particulares deste tipo, cuja descrição posso garantir.

— E depois? — repetiu minha patroa.

— Depois — prosseguiu o Sargento e em último lugar, proponho enviar um de meus colegas oficiais para fazer um acordo com aquele agiota de Londres, que acabo de mencionar como sendo conhecido de Rosanna Spearman, e cujo nome e endereço, sua senhoria pode ter certeza, foram comunicados por Rosanna à Srta. Verinder. Não nego que o curso da ação que estou sugerindo vai custar dinheiro e consumir tempo. Mas o resultado é certo. Traçamos uma linha em torno da Pedra da Lua, e estreitamos cada vez mais o círculo até que a encontremos com a Srta. Verinder, supondo que ela decida mantê-la consigo. Se sua dívida for urgente e ela decidir se

livrar do Diamante, então temos nosso homem a postos, e encontramos a Pedra da Lua quando ela chegar a Londres.

Ouvir uma proposta dessas ser feita a respeito de sua própria filha levou minha patroa a falar com raiva pela primeira vez.

— Considere sua proposta recusada, em todos os seus detalhes — disse ela —, e prossiga com sua maneira de encerrar a investigação.

— Minha outra maneira — disse o Sargento, continuando com tanta desenvoltura quanto antes — é tentar a experiência ousada à qual fiz alusão. Penso ter feito uma avaliação bastante correta do temperamento da Srta. Verinder. Ela é bastante capaz (segundo acredito) de cometer uma fraude ousada. Mas tem um temperamento demasiado inflamado e impetuoso, e é muito pouco acostumada a enganar os outros, para ser hipócrita em pequenas coisas, e para se conter quando provocada. Neste caso, seus sentimentos muitas vezes fugiram de seu controle, no exato instante em que era do seu interesse escondê-los. É nesta peculiaridade de seu caráter que proponho agir agora. Quero dar-lhe um grande choque repentino, em circunstâncias que a tocarão fundo. Em bom inglês, quero contar à Srta. Verinder, sem uma palavra de aviso, sobre a morte de Rosanna, arriscando para ver se seus sentimentos virtuosos a farão contar a verdade. Sua senhoria aceita essa alternativa?

Minha patroa me espantou de uma maneira que está além da minha capacidade de expressar. Respondeu-lhe no mesmo instante:

— Sim, aceito.

— O coche está pronto — disse o Sargento. — Desejo um bom dia a sua senhoria.

Minha senhoria levantou a mão e parou-o na saída.

— Vou apelar para os sentimentos virtuosos de minha filha, como o senhor propõe — disse ela. — Mas, como sua

mãe, exijo o direito de testá-la eu mesma. O senhor ficará aqui, por gentileza, e eu irei a Frizinghall.

Pela primeira vez na vida o grande Cuff ficou parado sem dizer palavra, estupefato, como um homem comum.

Minha patroa tocou a sineta e pediu suas roupas impermeáveis. Ainda chovia muito, e o coche fechado havia ido com a Srta. Rachel para Frizinghall, como os senhores poderão se lembrar. Tentei dissuadir sua senhoria de enfrentar o rigor do tempo. Inútil! Pedi permissão para ir com ela e segurar o guarda-chuva. Ela não quis ouvir falar no assunto. O coche puxado pelo pônei chegou, conduzido pelo cavalição.

— Posso lhe garantir duas coisas — disse ela ao Sargento Cuff, no vestíbulo. — Vou tentar a experiência com a Srta. Verinder com tanta audácia quanto o senhor o faria. E vou informar-lhe do resultado, seja pessoalmente ou por carta, antes que o último trem parta para Londres esta noite.

Com isso, subiu no coche e, tomando ela mesma as rédeas, partiu para Frizinghall.

CAPÍTULO 22

Uma vez que minha patroa nos havia deixado, tive tempo livre para pensar no Sargento Cuff. Encontrei-o sentado em um canto discreto do vestíbulo, consultando seu bloco de notas, com os cantos da boca curvando-se de modo perverso.

— Tomando notas do caso? — perguntei.

— Não. — disse o Sargento. — Vendo qual é meu próximo compromisso profissional.

— Ah! — disse eu. — Então o senhor pensa que está tudo acabado por aqui?

— Penso — respondeu o Sargento Cuff — que Lady Verinder é uma das mulheres mais espertas da Inglaterra. E penso também que uma rosa é muito melhor de se olhar do que um diamante. Onde está o jardineiro, Sr. Betteredge?

Não foi possível extrair dele nem mais uma palavra sobre o assunto da Pedra da Lua. Ele havia perdido todo o interesse em sua própria investigação e insistia em procurar pelo jardineiro. Uma hora mais tarde, ouvi-os discutindo acaloradamente na estufa, sendo a rosa selvagem mais uma vez o motivo da discussão.

Enquanto isso, era meu dever descobrir se o Sr. Franklin insistia em sua decisão de nos deixar pelo trem da tarde. Depois de haver sido informado da conversa no quarto de minha senhora e de seu desfecho, ele imediatamente decidiu esperar para ter notícias de Frizinghall. Essa alteração muito natural em seus planos — que no caso de pessoas comuns não teria levado a nenhuma conclusão particular no caso do Sr. Franklin, teve um resultado questionável. Tornou-se bastante inquieto, com tanto tempo ocioso, e, ficar assim, libertou todas as facetas de seu caráter, uma depois da outra, como ratos saindo de uma sacola.

Ora como um inglês italiano, ora como um inglês alemão, ora como um inglês francês, ele entrava e saía das salas de estar sem falar em nada a não ser na maneira como a Srta. Rachel o havia tratado; e sem ninguém para se dirigir a não ser eu. Encontrei-o (por exemplo) na biblioteca, sentado sob um mapa da Itália moderna e sem nenhum outro meio de encarar seus problemas a não ser falando a respeito.

—Tenho muitas aspirações dignas, Betteredge, mas o que farei com elas agora? Estou cheio de boas qualidades latentes, se ao menos Rachel me houvesse ajudado a expressá-las!

Tamanha era sua eloquência em pintar o retrato de seus méritos negligenciados, e tão patéticos seus lamentos, que eu me senti impotente para consolá-lo, quando subitamente me ocorreu que ali estava um caso claro para a aplicação de um pouco de Robinson Crusóé. Cambaleei até meu quarto e cambaleei de volta com o livro imortal. Ninguém na biblioteca! O mapa da Itália moderna olhou para mim, e eu olhei para o mapa da Itália moderna.

Tentei a sala de estar. Ali estava seu lenço no chão, para provar que ele havia estado ali. E ali estava o cômodo vazio para provar que tinha saído novamente.

Tentei a sala de jantar e encontrei Samuel com um biscoito e uma taça de xerez, observando o vazio em silêncio. Há um minuto, o Sr. Franklin havia pedido um pequeno lanche noturno. Quando Samuel, apressado, atendeu-o, o Sr. Franklin havia desaparecido antes que a sineta do andar de baixo que ele próprio havia puxado houvesse parado de tocar.

Tentei a saleta e finalmente o encontrei. Ali estava ele na janela, desenhando hieróglifos na vidraça úmida com o dedo.

— Seu xerez o está esperando, senhor — disse-lhe eu.

Eu poderia do mesmo modo ter-me dirigido a uma das quatro paredes da sala; ele estava profundamente Imerso em suas próprias meditações, além de qualquer alcance.

— Como você explica a conduta de Rachel, Betteredge? — foi a única resposta que tive.

Sem ter pronta a resposta necessária, abri o Robinson Crusóé, no qual estou absolutamente convencido de que alguma explicação poderia ter sido encontrada, se houvéssemos procurado o suficiente. O Sr. Franklin fechou o Robinson Crusóé e embarcou imediatamente em sua algaravia anglo-alemã.

— Por que não examinar o assunto? — disse ele, como se eu houvesse feito uma objeção pessoal quanto a examinar o assunto. — Por que diabos perder a paciência, Betteredge, quando basta a paciência para chegar à verdade? Não me interrompa. A conduta de Rachel é perfeitamente compreensível, se ao menos lhe fizermos a justiça de analisar em primeiro lugar a visão objetiva, em seguida a visão subjetiva, e para terminar a visão objetiva-subjetiva. O que sabemos? Sabemos que a perda da Pedra da Lua, na manhã da última quinta-feira, deixou-a em um estado de excitação nervosa do qual ainda não se recuperou. Até agora você nega a visão objetiva? Muito bem, então; não me interrompa. Estando num estado de excitação nervosa, como poderíamos esperar que ela agisse de outro modo que não o seu modo normal para com qualquer pessoa à sua volta? Nesta linha de argumentação, de dentro para fora, aonde chegamos? Chegamos à visão subjetiva. Muito bem então: o que vem em seguida? Céus! Em seguida vem a explicação objetiva-subjetiva, é claro! Rachel, abem da verdade, não é Rachel, mas sim outra pessoa. Eu me importo em ser tratado cruelmente por outra pessoa? Você é bastante irracional, Betteredge, mas não pode me acusar disso. Então como isso termina? Termina, a despeito de seu espírito inglês estreito e preconceituoso, comigo num estado de perfeita felicidade e conforto. Onde está o xerez?

Nesse ponto, minha cabeça estava em tal estado que eu não tinha muita certeza se era minha própria cabeça ou a do Sr. Franklin. Nesse estado deplorável, esforcei-me para fazer o que considero ter sido três coisas objetivas. Servi o xerez ao Sr. Franklin, me retirei para meu próprio quarto e consolei-me com o cachimbo mais reconfortante que jamais me lembro de ter fumado em minha vida.

Não suponham, no entanto, que eu me livrei do Sr. Franklin com tanta facilidade assim. Andando novamente pela casa, indo da sala de café da manhã para os escritórios, ele sentiu o cheiro do meu cachimbo e lembrou-se instantaneamente que havia sido ingênuo o bastante para parar de fumar por causa da Srta. Rachel. Num piscar de olhos, entrou no meu quarto como um furacão com sua charuteira e desatou a falar no mesmo assunto interminável à sua maneira francesa, clara, irônica e inacreditável,

— Dê-me fogo, Betteredge. É compreensível que um homem tenha fumado durante tanto tempo quanto eu, sem descobrir que no fundo desta charuteira existe um sistema completo para o tratamento das mulheres? Siga meu raciocínio com atenção, e eu provarei o que estou dizendo em duas palavras. Você escolhe um charuto, o experimenta e ele o decepciona. O que você faz então? Você o joga fora e tenta outro. Agora observe a aplicação da teoria! Você escolhe uma mulher, a experimenta e ela parte seu coração. Tolo! Tire a lição de sua charuteira. Jogue-a fora e tente outra!

Diante disso, balancei a cabeça. Muito esperto, atrevo-me a dizer, mas minha própria experiência nada valia.

— No tempo da falecida Sra. Betteredge — disse eu muitas vezes me senti inclinado a experimentar essa sua filosofia, Sr. Franklin. Mas a lei insiste que, uma vez escolhido seu charuto, você deve fumá-lo.

Completei essa observação com uma piscadela. O Sr. Franklin explodiu numa gargalhada — e ficamos numa grande

alegria, até que uma nova faceta de seu temperamento apareceu, depois de algum tempo. Assim correram as coisas entre meu jovem senhor e eu; e assim (enquanto o Sargento e o jardineiro estavam brigando por causa das rosas) passamos o tempo até que chegassem notícias de Frizinghall.

O coche puxado pelo cavalo voltou uma boa meia hora antes do que eu teria esperado. Minha senhora havia decidido, por ora, ficar na casa de sua irmã. O cavaliariço trouxe duas cartas de sua patroa: uma endereçada ao Sr. Franklin e a outra a mim.

Mandei a carta do Sr. Franklin para ele, na biblioteca — à qual sua perambulação o havia levado pela segunda vez. Quanto à minha carta, li-a em meu próprio quarto. Um cheque, que caiu quando eu a abri, informou-me (antes que eu tomasse conhecimento do conteúdo) que a demissão do Sargento Cuff da investigação sobre a Pedra da Lua era agora uma realidade.

Mandei alguém à estufa dizer ao Sargento que eu desejava falar com ele imediatamente. Ele apareceu, com a cabeça cheia do jardineiro e de rosas, declarando que não havia no mundo quem se comparasse ao Sr. Begbie em matéria de obstinação, e nunca haveria. Pedi-lhe que omitisse tais tolices de nossa conversa e que dedicasse máxima atenção a um assunto realmente sério. Dito isso, ele manifestou atenção suficiente para perceber a carta em minha mão.

— Ah! — disse ele, cansado. — O senhor teve notícias de sua senhoria. Eu tenho alguma coisa a ver com isso, Sr. Betteredge?

— O senhor julgará por si próprio, Sargento.

Eu então li a carta para ele (com minha melhor ênfase e discrição), nas palavras que se seguem:

Meu bondoso Gabriel, peço-lhe que informe ao Sargento Cuff que cumpri a promessa que lhe fiz com

o seguinte resultado, no que diz respeito a Rosanna Spearman. A Srta. Verinder declara solenemente nunca ter dito uma palavra em particular a Rosanna, desde que aquela infeliz mulher entrou pela primeira vez em minha casa. Elas nunca se encontraram, nem mesmo por acidente, na noite em que o Diamante foi perdido, e nenhuma comunicação de nenhum tipo ocorreu entre elas desde a manhã de quinta-feira, quando foi dado o alarme na casa pela primeira vez, até a presente tarde de sábado, quando a Srta. Verinder nos deixou. Eis o que aconteceu, depois de eu ter contado a minha filha, de repente e em poucas palavras, sobre o suicídio de Rosanna.

Havendo chegado a esse ponto, levantei os olhos e perguntei ao Sargento Cuff o que ele achava da carta até ali.

— Eu não faria outra coisa a não ser ofendê-lo se expressasse minha opinião — respondeu o Sargento. — Continue, Sr. Betteredge — disse ele, com uma resignação irritante —, continue.

Quando me lembrei de que esse homem havia tido a audácia de reclamar da obstinação de nosso jardineiro, minha língua ansiou por continuar com outras palavras que não as de minha senhora. Dessa vez, no entanto, minha cristandade aguentou firme. Continuei com firmeza a ler a carta de sua senhoria:

Havendo questionado a Srta. Verinder da maneira que o oficial julgava mais desejável, falei-lhe da maneira que eu própria achei mais passível de impressioná-la. Em duas ocasiões diferentes, antes que minha filha deixasse meu teto, alertei-a, em particular, para o fato de que estava se expondo à suspeita de uma maneira extremamente extenuante e degradante. Desta vez eu lhe disse, em termos claros, que minhas apreensões se haviam realizado.

Sua resposta a isso, segundo sua afirmação solene, é tão clara quanto as palavras podem ser. Em

primeiro lugar, ela não deve nenhum dinheiro a nenhuma criatura viva. Em segundo lugar, o Diamante não está com ela agora, nem nunca esteve, desde que ela o colocou em seu armário na noite de quarta-feira.

A confiança que minha filha depositou em mim não vai além disso. Ela mantém um silêncio obstinado quando lhe pergunto se pode explicar o desaparecimento do Diamante. Recusa-se, aos prantos, quando lhe peço para falar para o meu próprio bem. Chegará o dia em que você saberá por que não ligo em ser suspeita e por que guardo silêncio até mesmo com você. Fiz muitas coisas para merecer a pena de minha mãe — nada fiz para merecer sua vergonha. Essas são as palavras de minha filha.

Depois do que se passou entre mim e o oficial, penso — mesmo sendo ele um estranho — que deveria ser informado do que a Srta. Verinder disse, assim como você. Leia minha carta para ele, e depois coloque em suas mãos o cheque que envio em anexo. Ao renunciar a qualquer outra exigência de seus serviços, tenho a dizer apenas que estou convencida de sua honestidade e inteligência, mas estou mais firmemente convencida do que nunca de que as circunstâncias, neste caso, levaram-no a uma conclusão errada.

Aqui terminava a carta. Antes de dar-lhe o cheque, perguntei ao Sargento Cuff se ele tinha algum comentário a fazer.

— Não faz parte de meus deveres, Sr. Betteredge — ele respondeu comentar sobre um caso uma vez terminado.

— O senhor acredita nesta parte da carta de sua senhoria? — perguntei indignado, lançando-lhe o cheque por sobre a mesa.

O Sargento olhou para o cheque e levantou suas sobrancelhas tristes em reconhecimento à generosidade de sua senhoria.

— Isso é uma estimativa tão generosa do valor do meu tempo — disse ele — que me sinto inclinado a retribuir de

algum modo. Vou me lembrar do valor deste cheque, Sr. Betteredge, quando chegar a ocasião propícia para fazê-lo.

— O que o senhor quer dizer?

— Sua senhoria acalmou as coisas por ora de maneira muito astuta — disse o Sargento. — Mas este escândalo familiar é do tipo que explode novamente quando menos se espera. Teremos mais trabalho detetivesco nas mãos, senhor, antes que a Pedra da Lua envelheça muitos meses.

Se essas palavras significavam alguma coisa, e se a maneira como ele as pronunciou significava alguma coisa — tudo se resumia a isto. A carta de minha patroa havia provado, em sua opinião, que a Srta. Rachel era tenaz o bastante para resistir ao apelo mais forte que lhe podia ser feito, e que ela havia enganado sua própria mãe (meu bom Deus, em que circunstâncias!) com uma série de mentiras abomináveis. Não sei como outras pessoas em meu lugar teriam retrucado ao Sargento. Eu respondi ao que ele disse nesses termos claros:

— Sargento Cuff, considero sua última observação um insulto a minha senhora e a sua filha!

— Sr. Betteredge, considere-a como um aviso a sua pessoa e estará mais perto da verdade.

Mesmo inflamado e zangado como eu estava, meus lábios foram fechados pela segurança infernal com a qual ele me deu essa resposta.

Andei até a janela para me recompor, A chuva havia se acalmado e quem vejo no pátio senão o Sr. Begbie, o jardineiro, esperando do lado de fora para continuar a controvérsia a respeito da rosa selvagem com o Sargento Cuff.

— Meus cumprimentos ao Sargento — disse o Sr. Begbie no instante em que me viu. — Se ele quiser andar até a estação, gostaria de ir com ele.

— O quê! — grita o Sargento atrás de mim. — O senhor ainda não está convencido?

— O diabo que estou convencido! — respondeu o Sr. Begbie.

— Então vou andar até a estação! — disse o Sargento.

— Então o encontrarei no portão! — disse o Sr. Begbie.

Eu estava bastante zangado, como sabem — mas como a zanga de um homem poderia resistir a uma interrupção como essa? O Sargento Cuff notou a mudança em mim e a encorajou com uma palavra oportuna.

— Vamos! Vamos! — disse ele. — Por que não tratar minha opinião sobre o caso como a trata sua senhoria? Por que não dizer que as circunstâncias me levaram a uma conclusão errada?

Tratar algo como o fazia sua senhoria era um privilégio digno de ser aproveitado — mesmo com a desvantagem de tal atitude ter-me sido oferecida pelo Sargento Cuff. Acalmei-me lentamente até chegar ao meu nível habitual. Eu considerava qualquer outra opinião a respeito da Srta. Rachel, com exceção da minha e da de minha senhora, com um desprezo altivo. A única coisa que eu não podia fazer era evitar o assunto da Pedra da Lua! Meu próprio bom senso deveria ter-me alertado, bem sei, a deixar o assunto em paz — mas ora! As virtudes que distinguem a geração atual não haviam sido inventadas no meu tempo. O Sargento Cuff me havia atingido em cheio e, embora eu não o desprezasse, meu ponto sensível ainda latejava. Acabei por conduzi-lo perversamente de volta ao assunto da carta de sua senhoria.

— Estou bastante satisfeito comigo mesmo — disse eu. — Mas isso não importa! Se eu ainda pudesse ser convencido, o senhor poderia continuar! O senhor pensa que não devemos acreditar na palavra da Srta. Rachel e diz que ainda ouviremos falar na Pedra da Lua. Guarde sua opinião para si, Sargento — concluí, com um ar distante. — Guarde sua opinião.

Em vez de se ofender, o Sargento Cuff tomou minha mão e apertou-a até que meus dedos doessem novamente.

— Declaro aos céus — disse esse estranho oficial, solenemente — que eu entraria para o serviço doméstico amanhã, Sr. Betteredge, se tivesse a sorte de ser contratado para trabalhar com o senhor! Dizer que o senhor é transparente como uma criança é fazer às crianças um elogio que nove entre dez delas não merecem. Vamos! Vamos! Sem mais discussões. O senhor conseguirá o que quer de mim com mais facilidade do que isso. Não direi mais nenhuma palavra sobre sua senhoria, ou sobre a Srta. Verinder. Vou apenas me fazer de profeta, de certo modo pela primeira vez e por sua causa. Já lhe avisei que a história da Pedra da Lua ainda não terminou. Muito bem. Agora lhe direi, como despedida, mais três coisas que acontecerão no futuro, as quais, acredito, atrairão sua atenção, quer o senhor queira, quer não.

— Continue! — disse eu, impassível, e mais distante do que nunca.

— Em primeiro lugar — disse o Sargento —, os senhores ouvirão falar nos Yolland quando o carteiro entregar a carta de Rosanna em Cobb's Hole, na próxima segunda-feira.

Se ele houvesse jogado um balde de água fria sobre mim, duvido que tivesse sido mais desagradável do que ouvir essas palavras. A afirmação da Srta. Rachel de que ela era inocente havia deixado a conduta de Rosanna — fabricar uma nova camisola, esconder a camisola manchada e o resto — inteiramente sem explicação. E eu nunca havia pensado nisso até que o Sargento Cuff me forçasse a fazê-lo, e tudo ao mesmo tempo!

— Em segundo lugar — continuou o Sargento —, os senhores ouvirão falar nos três indianos novamente. Ouvirão falar neles nas redondezas, se a Srta. Rachel permanecer nas redondezas. Ouvirão falar neles em Londres, se a Srta. Rachel for a Londres.

Havendo perdido todo interesse nos três prestidigitadores, e inteiramente convencido da inocência de

minha jovem senhora, recebi bastante bem a segunda profecia.

— Vá lá para duas das três coisas que acontecerão — disse eu.

— Passemos à terceira!

— Em terceiro e último lugar — disse o Sargento Cuff os senhores mais cedo ou mais tarde ouvirão falar naquele agiota londrino que já tomei a liberdade de mencionar duas vezes. Dê-me seu caderno de bolso e tomarei nota de seu nome e endereço, para que não haja dúvida se isso realmente acontecer.

Ele escreveu em uma página em branco: Sr. Septimus Luker, Middlesex Place, Lambeth, Londres.

— Aqui estão — disse ele, apontando para o endereço — as últimas palavras a respeito da Pedra da Lua com as quais vou lhe aborrecer por enquanto. O tempo mostrará se estou certo ou errado. Enquanto isso, senhor, vou partir com uma sincera afeição pessoal pelo senhor, que acredito honrar a nós dois. Se não nos encontrarmos novamente antes que eu me aposente, espero que o senhor venha me visitar em uma casinha perto de Londres na qual estou de olho. Haverá caminhos de grama em meu jardim, Sr. Betteredge, eu lhe prometo. E quanto à rosa branca do charco...

— Com os diabos que o senhor conseguirá que a rosa branca do charco cresça a não ser que a enxerte primeiro na rosa selvagem — gritou uma voz da janela.

Ambos nos viramos. Ali estava o eterno Sr. Begbie, ansioso demais pela controvérsia para esperar no portão por mais tempo. O Sargento apertou minha mão novamente e partiu em direção ao pátio, ainda mais exaltado.

— Pergunte-lhe sobre a rosa selvagem quando ele voltar e veja se não consegui convencê-lo! — bradou o grande Cuff, gritando da janela por sua vez.

— Cavalheiros! — respondi, acalmando-os novamente como já os havia acalmado uma vez. — No assunto da rosa selvagem há muito a se dizer de ambos os lados!

Eu poderia também (como dizem os irlandeses) ter assobiado uma dança para uma pedra de moinho. Juntos eles se foram, travando a batalha das rosas sem pedir opiniões ou dar vantagens um ao outro. Quando os vi pela última vez, o Sr. Begbie estava balançando sua cabeça obstinada e o Sargento Cuff o havia tomado pelo braço como um prisioneiro sob custódia. Ah, ora, ora! Confesso que não podia evitar gostar do Sargento — embora o odiasse o tempo todo.

Expliquem esse estado de espírito, se forem capazes. Logo se verão livres de mim e de minhas contradições. Quando eu houver descrito a partida do Sr. Franklin, a história dos eventos de sábado estará finalmente terminada. E quando, em seguida, eu houver descrito certas coisas estranhas que aconteceram no decorrer da semana seguinte, terei terminado minha parte da história e cederei a pena à pessoa encarregada de prosseguir depois de mim. Se estiverem tão cansados de ler esta narrativa quanto eu estou de escrevê-la — Deus, como todos vamos nos divertir daqui a algumas poucas páginas!

CAPÍTULO 23

Eu havia preparado o coche puxado pelo cavalo, caso o Sr. Franklin insistisse em deixar-nos de trem naquela noite. A aparição da bagagem, seguida pelo próprio Sr. Franklin, me informou com bastante clareza que ele se havia mantido firme em uma decisão por uma vez na vida.

— Então o senhor realmente se decidiu? — disse eu, quando nos encontramos no vestíbulo. — Por que não esperar mais um ou dois dias e dar outra chance à Srta. Rachel?

O verniz estrangeiro parecia ter desaparecido do Sr. Franklin, agora que era chegada a hora de dizer adeus. Em vez de me responder com palavras, ele colocou em minha mão a carta que sua senhoria lhe havia enviado. Em grande parte, ela dizia novamente o que já havia sido dito em outra comunicação que eu mesmo havia recebido. Mas havia uma parte sobre a Srta. Rachel, no final, que explicará a firmeza da determinação do Sr. Franklin, caso não explique mais nada.

Você vai se perguntar, ousou dizer, por que permiti o silêncio de minha filha. Um Diamante no valor de vinte mil libras foi perdido — e sou levada a acreditar que o mistério de seu desaparecimento não é nenhum segredo para Rachel, e que alguma incompreensível obrigação ao silêncio lhe foi imposta por pessoas que me são inteiramente desconhecidas, com algum objetivo que não posso sequer tentar adivinhar. É concebível que eu me deixe ser manipulada desta maneira? É bastante concebível, na atual condição de Rachel. Ela se encontra em um estado de nervosismo que causa pena. Não ousou abordar o assunto da Pedra da Lua novamente até que algo tenha sido feito para acalmá-la. Com esse intuito, não hesitei em liberar o oficial de polícia. O mistério que nos intriga o intriga também. Não se trata de um assunto no qual um estranho possa nos ajudar. Ele contribui para meu

sofrimento e Rachel enlouquece à mera menção de seu nome.

Meus planos para o futuro estão tão definidos quanto podem estar. Minha ideia agora é levar Rachel para Londres, tanto para, com uma mudança completa, aliviar seu estado quanto para consultar os melhores médicos. Posso pedir-lhe que nos encontre na cidade? Meu caro Franklin, você, a seu modo, deve ter a mesma paciência que eu tenho, e esperar, como eu espero, por tempos melhores. A valiosa ajuda que você prestou à investigação sobre a perda da joia ainda é uma ofensa imperdoável, no atual estado de espírito de Rachel. Ao se comportar às cegas nesse assunto, você aumentou o fardo de ansiedade que ela vem sendo obrigada a suportar, ao ameaçar inocentemente seu segredo através de seus esforços. É impossível para mim perdoar a perversidade que o julga responsável por consequências que nem você nem eu poderíamos ter imaginado ou antevisto. Não se pode discutir com ela — pode-se apenas ter pena dela. Lamento muito ter que dizer isso, mas, por enquanto, é melhor que você e Rachel fiquem separados. O único conselho que posso lhe dar é que dê a ela um pouco de tempo.

Devolvi a carta, sinceramente desolado pelo Sr. Franklin, pois eu sabia o quanto ele gostava de minha jovem senhora, e pude ver que o relato de sua mãe lhe havia partido o coração.

— O senhor conhece o ditado — foi tudo o que eu lhe disse.

— Quando as coisas estão muito ruins, só podem melhorar. As coisas não podem ficar muito piores do que estão agora, Sr. Franklin.

O Sr. Franklin dobrou a carta de sua tia, sem parecer muito reconfortado pelo comentário que eu havia ousado fazer.

— Quando cheguei aqui de Londres com aquele horrível Diamante — disse ele — não acredito que houvesse uma casa mais feliz na Inglaterra do que esta. Olhe para esta casa agora!

Espalhada, desunida — o próprio ar do lugar envenenado com mistério e suspeita! Você se lembra daquela manhã na Areia Trêmula, quando falamos de meu tio Herncastle e de seu presente de aniversário? A Pedra da Lua cumpriu a promessa de vingança do Coronel, Betteredge, por meios com os quais nem o próprio Coronel jamais havia sonhado!

Com isso, apertou minha mão e saiu em direção ao coche.

Segui-o escada abaixo. Era muito triste vê-lo deixando aquele lugar, onde ele havia passado os anos mais felizes de sua vida, daquela maneira. Penélope (triste e perturbada com tudo o que havia acontecido na casa) chegou chorando, para dizer-lhe adeus. O Sr. Franklin a beijou. Eu acenei com a mão como quem dizia: Faça como quiser, senhor. Algumas das outras criadas apareceram no canto da casa, espiando em sua direção. Ele era um daqueles homens de quem todas as mulheres gostam, No último instante, eu parei o coche e pedi-lhe por favor que nos desse notícias suas por carta. Ele não pareceu compreender o que eu disse — estava olhando em volta, para uma coisa e outra, numa espécie de despedida da velha casa e de seu jardim.

— Diga-nos para onde está indo, senhor! — disse eu, apoiando-me no coche e tentando desse modo saber seus planos para o futuro. O Sr. Franklin subitamente abaixou seu chapéu para cobrir os olhos.

— Indo? — disse ele, repetindo minhas palavras. — Estou indo para o inferno!

Com essa palavra, o cavalo se assustou, como se houvesse sido tomado por um terror cristão.

— Deus o abençoe, senhor, onde quer que vá! — foi tudo o que tive tempo de dizer antes que não se pudesse mais vê-lo nem ouvi-lo. Um cavalheiro gentil e agradável! Com todos os seus defeitos e caprichos, um cavalheiro gentil e agradável! Deixou atrás de si uma triste lacuna quando partiu da casa de minha senhora.

A atmosfera estava bastante aborrecida e melancólica quando a longa tarde de verão começou a cair naquela noite de sábado.

Evitei uma tristeza ainda maior recorrendo ao meu cachimbo e ao meu Robinson Crusóé. As mulheres (exceto Penélope) passavam o tempo falando no suicídio de Rosanna. Estavam todas obstinadamente convencidas de que a pobre garota havia roubado a Pedra da Lua e que havia tirado a própria vida por medo de ser descoberta. Minha filha, é claro, mantinha-se pessoalmente fiel ao que vinha dizendo o tempo todo. Sua opinião a respeito do motivo real do suicídio havia falhado, estranhamente, no mesmo ponto onde a afirmação de inocência de minha jovem senhora também havia falhado. Deixava a viagem secreta de Rosanna a Frizinghall e suas ações em relação à camisola inteiramente sem explicação. Não adiantava mostrar isso a Penélope: a objeção lhe causava tanto efeito quanto a chuva a um casaco impermeável. A verdade é que minha filha herdou minha atitude superior para com o raciocínio — e, a esse respeito, foi muito além de seu próprio pai.

No dia seguinte (domingo), o coche fechado, que estava na casa do Sr. Ablewhite, voltou para nós vazio. O cocheiro trouxe um recado para mim e instruções escritas para a criada de quarto de minha senhora e para Penélope.

O recado informava-me que minha senhora havia decidido levar a Srta. Rachel para sua casa em Londres na segunda-feira. As instruções escritas informavam as duas criadas de quarto sobre as roupas que se faziam necessárias e as instruía a encontrar suas patroas na cidade em uma determinada hora. A maioria dos outros criados iria em seguida. Minha senhora havia encontrado a Srta. Rachel tão relutante em voltar para casa que havia decidido ir para Londres diretamente de Frizinghall. Eu ficaria no campo até novas ordens, para cuidar de tudo dentro e fora da casa. Os

criados que ficassem comigo receberiam um salário um pouco menor.

Lembrando-me, com isso tudo, do que o Sr. Franklin havia dito sobre nossa casa espalhada e desunida, minha mente foi naturalmente levada a pensar no próprio Sr. Franklin. Quanto mais eu pensava nele, mais inquieto ficava com relação a suas futuras ações. Acabei por escrever, pelo correio do domingo, ao pajem de seu pai, o Sr. Jeffco (que eu havia conhecido anos antes), para rogar— lhe que me fizesse saber o que o Sr. Franklin havia decidido fazer ao chegar em Londres.

A noite de domingo foi ainda mais aborrecida do que a noite de sábado, se é que isso é possível. Terminamos o dia do descanso como centenas de milhares de pessoas o fazem regularmente nessas ilhas uma vez por semana — ou seja, todos dormiram antes da hora e caíram no sono em suas cadeiras.

Não sei como a segunda-feira afetou o resto das pessoas na casa. Quanto a *mim*, a segunda-feira me deu uma bela sacudida. A primeira das profecias do Sargento Cuff — quer dizer, a de que eu ouviria falar nos Yolland — realizou-se naquele dia.

Eu havia acompanhado Penélope e a criada de quarto de minha senhora até a estação com a bagagem para Londres, e estava vadiando pelos jardins quando ouvi chamarem meu nome. Ao me virar, vi-me face a face com a filha do pescador, Lucy Manca. Tirando seu pé manco e sua magreza (esta última uma horrível desvantagem para uma mulher, em minha opinião), a garota tinha algumas qualidades para os olhos de um homem. Um rosto esperto, penetrante, de tez escura, uma voz agradável e límpida, e uma linda cabeleira castanha estavam entre seus méritos. Uma bengala aparecia na lista de seus infortúnios. E um caráter forte vinha no topo da lista da soma total de seus defeitos.

— Bem, minha cara — disse eu o que você quer de mim?

— Onde está o homem que vocês chamam de Franklin Blake? — disse a garota, encarando-me com um olhar selvagem enquanto se apoiava em sua bengala.

— Essa não é uma maneira respeitosa de se referir a qualquer cavalheiro — respondi. — Se você quiser ter notícias do sobrinho de minha senhora, fará o favor de se referir a ele como Sr. Franklin Blake.

Ela deu mais um passo manco em minha direção e fez uma expressão de que seria capaz de me devorar vivo.

— Sr. Franklin Blake? — repetiu. — Assassino Franklin Blake seria um nome mais apropriado para ele.

Nesse ponto, minha prática com a falecida Sra. Betteredge me serviu. Quando uma mulher tentar tirá-lo do sério, vire o jogo e em vez disso tire-a do sério. Geralmente elas estão preparadas para qualquer esforço que façamos em nossa própria defesa, a não ser esse. Uma palavra é tão eficaz quanto uma centena delas, e uma palavra bastou para Lucy Manca. Olhei-a no rosto com uma expressão agradável, e disse:

— Pffff!

A garota perdeu as estribeiras imediatamente. Apoiou-se no pé saudável, pegou a muleta e bateu com ela no chão três vezes, furiosamente.

— Ele é um assassino! Um assassino! Um assassino! Foi por causa dele que Rosanna Spearman morreu! — gritou o mais alto que pôde.

Uma ou duas pessoas que estavam trabalhando nas proximidades olharam em nossa direção — sabiam o que esperar daquela garota — e logo desviaram os olhos.

— Foi por causa dele que Rosanna Spearman morreu? — repeti.

— O que a faz dizer isso, Lucy?

— O que isso lhe importa? O que isso importa a qualquer homem? Ah! Se ao menos ela tivesse a mesma opinião que eu a respeito dos homens, poderia estar viva agora!

— Ela sempre gostou de mim, pobrezinha — disse eu —, e, até onde sei, sempre tentei ser bondoso com ela.

Disse essas palavras da maneira mais reconfortante possível. A verdade é que eu não era capaz de irritar mais ainda a garota com outra de minhas respostas espertas. No início, reparei apenas em sua irritação. Então reparei em sua tristeza — e a tristeza entre os humildes é muitas vezes insolente, como os senhores poderão descobrir. Minha resposta derreteu Lucy Manca. Ela abaixou a cabeça e apoiou-a na extremidade de sua muleta.

— Eu a adorava — disse a garota suavemente. — Ela havia tido uma vida miserável, Sr. Betteredge, pessoas más a haviam maltratado e afastado do bom caminho, e mesmo assim ela não havia perdido seu bom temperamento. Era um anjo. Ela poderia ter tido uma vida feliz comigo. Eu tinha um plano para que fôssemos juntas para Londres, como irmãs, e vivêssemos de nossa costura. Aquele homem chegou aqui e estragou tudo. Ele a enfeitiçou. Não me diga que ele não tinha a intenção, e que não sabia. Ele devia ter sabido. Devia ter tido pena dela. Não posso viver sem ele e, ah, Lucy, ele nem sequer olha para mim. Era isso que ela dizia. Cruel, cruel, cruel. Eu disse: Nenhum homem vale tanto sofrimento. E ela disse: Há homens que valem a morte, Lucy, e ele é um deles. Eu havia guardado algum dinheiro. Havia resolvido tudo com meu pai e minha mãe. Queria afastá-la daqui, afastá-la do sofrimento que este lugar lhe infligia. Nós teríamos encontrado um lugar para morar em Londres e vivido como irmãs. Ela tinha boa educação, como o senhor sabe, e sabia escrever bem. Era rápida com a agulha. Eu tenho uma boa educação e escrevo bem. Não sou tão rápida com minha agulha quanto ela, mas teria servido. Poderíamos ter ganhado bem a vida. E, ah, o que

acontece esta manhã? O que acontece esta manhã? Recebo uma carta dela dizendo que pôs fim ao fardo de sua própria vida. Recebo uma carta dela dizendo adeus para sempre. Onde está ele? — grita a garota, levantando a cabeça e dando vazão à raiva por entre as lágrimas.

— Onde está esse cavalheiro ao qual só devo me referir com respeito? Ah, Sr. Betteredge, há de chegar o dia em que os pobres se rebelarão contra os ricos. Rezo aos céus para que comecem com ele. Rezo aos céus para que comecem com ele.

Ali estava mais uma de nossas boas cristãs, e ali estava a explosão habitual, consequência do exagero de cristandade! O próprio pároco (embora eu reconheça estar exagerando um pouco) não teria sido capaz de dar um sermão na garota no estado em que ela se encontrava. Tudo o que ousei foi fazê-la continuar com o mesmo assunto — na esperança de que me dissesse algo que valesse a pena ouvir.

— O que você quer com o Sr. Franklin Blake? — perguntei.

— Quero vê-lo.

— Por algum motivo especial?

— Tenho uma carta para ele.

— De Rosanna Spearman?

— Sim.

— Que você recebeu dentro do envelope de sua carta?

— Sim.

Será que tudo iria se explicar? Será que todas as descobertas que eu estava louco para fazer estavam vindo até mim e se oferecendo por vontade própria? Esperei um instante. O Sargento Cuff havia deixado sua doença atrás de si. Alguns sinais, peculiares à minha pessoa, me avisaram que a febre de detetive estava começando a se instalar novamente.

— Você não pode ver o Sr. Franklin — disse eu.

— É preciso que eu o veja, e vou fazê-lo.

— Ele partiu para Londres ontem à noite.

Lucy Manca me olhou fixamente e viu que eu estava falando a verdade. Sem mais uma palavra, virou-se imediatamente em direção a Cobb's Hole.

— Pare! — disse eu. — Espero notícias do Sr. Franklin Blake amanhã. Dê-me sua carta, e eu farei com que ela chegue às suas mãos pelo correio.

— A carta deve passar das minhas mãos às dele — disse ela. — E não posso lhe dar a carta de nenhuma outra maneira.

— Devo então escrever e contar-lhe o que você me disse?

— Diga-lhe que eu o odeio. E estará dizendo a verdade.

— Sim, sim. Mas e quanto à carta...?

— Se ele quiser a carta, deve vir até aqui e recebê-la de mim.

Com essas palavras, saiu mancando em direção a Cobb's Hole.

A febre de detetive aniquilou imediatamente toda minha dignidade. Segui-a e tentei fazê-la falar. Tudo em vão. Meu azar foi ser homem — e Lucy Manca se comprazia no fato de me desapontar. Mais tarde, no mesmo dia, tentei minha sorte com sua mãe. A bondosa Sra. Yolland só fazia chorar, e recomendou que eu tomasse uma gota de reconforto de sua garrafa holandesa. Encontrei o pescador na praia. Ele disse que era uma coisa horrível e continuou a consertar sua rede. Nem o pai nem a mãe sabiam mais do que eu. Minha última chance era a possibilidade de escrever ao Sr. Franklin Blake, que poderia vir pela manhã.

Deixo-os imaginarem o quanto esperei pelo carteiro na manhã de terça-feira. Ele me trouxe duas cartas. Uma de Penélope (que eu mal tive paciência para ler), anunciava que minha senhora e a Srta. Rachel estavam bem instaladas em Londres. A outra, do Sr. Jeffco, me informava que o filho de seu senhor já havia deixado a Inglaterra.

Parecia que o Sr. Franklin, ao chegar a metrópole, havia se dirigido diretamente para a residência de seu pai. Chegou em um momento desagradável. O Sr. Blake, pai, soterrado até o pescoço em seus assuntos relacionados à Câmara dos Comuns, estava em casa naquela noite se divertindo com o brinquedo favorito dos parlamentares, que eles chamam de projeto de lei. O próprio Sr. Jeffco levou o Sr. Franklin até o escritório de seu pai.

— Meu caro Franklin! Por que me surpreende deste modo? Algo errado?

— Sim, há algo errado com Rachel. Estou muito preocupado.

— Sinto muito por isso. Mas não posso ouvi-lo agora.

— Quando o senhor pode me ouvir?

— Meu garoto! Não vou desapontá-lo. Posso ouvi-lo ao fim da sessão, não antes disso. Boa noite.

— Obrigado, senhor. Boa noite.

Foi essa a conversa dentro do escritório, conforme me foi relatado pelo Sr. Jeffco. A conversa do lado de fora do escritório foi ainda mais breve.

— Jeffco, a que horas os trens começam a circular amanhã de manhã?

— Às seis e quarenta, Sr. Franklin.

— Mande me chamar às cinco.

— Vai viajar para o estrangeiro, senhor?

— Vou para qualquer lugar, Jeffco, aonde quer que os trens resolvam me levar,

— Devo avisar seu pai, senhor?

— Sim, avise-o ao fim da sessão.

Na manhã seguinte, o Sr. Franklin havia partido para o estrangeiro. Para onde ele havia ido, ninguém (a não ser ele próprio) podia adivinhar. Poderíamos ter notícias suas vindas da Europa, da Ásia, da África ou da América. As chances de ele

estar em qualquer um dos quatro cantos do globo, segundo o Sr. Jeffco, eram absolutamente as mesmas.

Essa notícia— que eliminava qualquer chance de eu conseguir promover um encontro entre Lucy Manca e o Sr. Franklin — impediu imediatamente qualquer progresso meu na direção da descoberta da verdade. A opinião de Penélope, segundo a qual sua colega havia se matado por causa de um amor não correspondido pelo Sr. Franklin Blake, se confirmava — e isso era tudo. Se a carta que Rosanna havia deixado para que lhe fosse entregue depois de sua morte continha, ou não, a confissão que o Sr. Franklin havia suspeitado que ela tentara lhe fazer em vida, era impossível dizer. Poderia ser apenas um bilhete de adeus, que nada revelava a não ser o segredo de uma paixão infeliz por uma pessoa além de seu alcance. Ou poderia conter toda a verdade sobre seus estranhos procedimentos, detectados pelo Sargento Cuff desde o sumiço da Pedra da Lua até o momento em que ela se lançou na Areia Trêmula. Uma carta fechada havia sido colocada nas mãos de Lucy Manca, e essa carta continuava fechada para mim e para todas as outras pessoas em volta da garota, incluindo seus próprios pais. Todos suspeitávamos que ela fosse a confidente da garota morta; todos tentamos fazê-la falar; todos falhamos. Ora um, ora outro criado — ainda acreditando que Rosanna havia roubado o Diamante e o havia escondido — vasculhava e revirava as pedras onde havíamos descoberto suas pegadas, e vasculhava e revirava em vão. A maré subia, a maré descia; o verão continuou, e veio o outono. E a Areia Trêmula, que escondia seu corpo, escondia também o seu segredo.

Como sabem, a notícia da partida do Sr. Franklin da Inglaterra na manhã de domingo e a notícia da chegada de minha senhora em Londres com a Srta. Rachel na manhã de segunda-feira haviam vindo até mim pelo correio de terça-feira. A quarta-feira chegou, e nada trouxe. A quinta-feira trouxe uma nova leva de notícias de Penélope.

A carta de minha menina me informava que um célebre médico londrino havia sido consultado a respeito da saúde de sua jovem senhora, e havia ganho um guinéu pelo diagnóstico de que era melhor que ela se divertisse. Exposições de flores, óperas, bailes — havia toda uma série de divertimentos em perspectiva, e a Srta. Rachel, para surpresa de sua mãe, abraçou alegremente todos eles. O Sr. Godfrey havia aparecido; obviamente apaixonado como nunca por sua prima, a despeito da recepção que havia tido ao tentar a sorte no dia de seu aniversário. Para grande desgosto de Penélope, ele havia sido recebido com grande alegria, e imediatamente acrescentado o nome da Srta. Rachel a uma de suas listas de caridade. Segundo Penélope, minha senhora não estava muito bem, e havia tido dois longos encontros com seu advogado. Seguiam-se algumas especulações a respeito de uma parenta pobre da família — uma certa Srta. Clack, que, em meu relato sobre o jantar de aniversário, observei que estava sentada ao lado do Sr. Godfrey e que tinha um gosto pronunciado por champanhe. Penélope estava surpresa com o fato de a Srta. Clack ainda não ter feito uma visita. Ela com certeza não demoraria muito a grudar-se em minha senhora como de costume — e assim por diante, e assim por diante, daquela maneira que as mulheres têm de falar mal umas das outras, tanto no papel como fora dele. Isso não seria digno de nota. Admito, não fosse por um detalhe. Ouvi dizer que, depois que eu os deixei, os senhores lerão o relato da Srta. Clack. Neste caso, apenas façam-me o favor de não acreditar em uma palavra do que ela disser, caso se refira a este seu humilde criado.

Na sexta-feira, nada aconteceu — a não ser uns sinais de frieiras atrás das orelhas apresentados por um dos cachorros. Dei-lhe uma dose de xarope de espinheiro e coloquei-o em uma dieta de papa e vegetais até segunda ordem. Desculpem-me se menciono esse fato. De algum modo escapou-me. Por favor, desconsiderem. já estou chegando ao fim de minha

ofensa a seu gosto moderno e culto. Além disso, o cachorro era uma boa criatura e merecia um bom tratamento, realmente merecia.

Sábado, o último dia da semana, é também o último dia em meu relato.

O correio da manhã trouxe-me um jornal londrino com uma surpresa. A caligrafia no destinatário me intrigou. Comparei-a com o nome e o endereço do agiota, escritos em meu caderno de bolso e identifiquei-a imediatamente como a caligrafia do Sargento Cuff.

Percorrendo o jornal com grande excitação depois dessa descoberta, encontrei um sinal a tinta ao redor de um dos artigos policiais. Aqui está ele, à sua disposição. Leiam-no, como eu o li, e verão a finalidade do gentil ato do Sargento de enviar-me as notícias do dia:

Lambeth — Pouco depois do fechamento da corte, o Sr. Septimus Luker, o conhecido negociante de pedras, esculturas, intagli, etc., etc., dirigiu-se ao Juiz de serviço para uma opinião. O requerente declarou ter sido importunado, diversas vezes durante aqueles dias, pelas ações de alguns desses indianos errantes que assolam as ruas. As pessoas das quais redamava eram em número de três. Depois de terem sido afastadas pela polícia, das haviam retomado inúmeras vezes e tentado invadir a casa sob o pretexto de pedir esmolas. Rechaçadas pela frente, haviam sido descobertas novamente nos fundos da casa. Além do incômodo, o Sr. Luker declarou estar apreensivo por pensar que algum roubo poderia estar sendo tramado. Sua coleção incluía muitas gemas raras, clássicas e orientais, do mais alto valor. No dia anterior, de havia sido obrigado a dispensar os serviços de um habilidoso trabalhador especializado em talhar marfim (originário da Índia, ao que parece), sob suspeita de tentativa de roubo; e de modo algum estava seguro de que esse homem e os prestidigitadores dos quais reclamava não estavam agindo em conluio. Seu

objetivo podia ser atrair uma multidão, e na confusão assim criada conseguir entrar na casa. Em resposta ao magistrado, o Sr. Luker admitiu não poder fornecer nenhuma prova da iminência de uma tentativa de roubo. Podia garantir o incômodo e o transtorno causados pelos indianos, mas nada além disso. O magistrado observou que, se o transtorno continuasse, o requerente poderia convocar os indianos àquela corte, onde eles seriam facilmente enquadrados segundo a Lei. Quanto aos bens de valor dos quais o Sr. Luker estava de posse, o próprio Sr. Luker deveria tomar as melhores precauções para sua segurança. Talvez ele devesse comunicar-se com a polícia e adotar quaisquer medidas de precaução que sua experiência pudesse sugerir. O requerente agradeceu a Sua Reverência e retirou-se.

Um dos artigos (me esqueço qual deles) ficou conhecido por ter recomendado a seus semelhantes que olhassem para o final. Olhando para o final destas minhas páginas e me perguntando durante os últimos dias como eu conseguiria escrevê-las, vejo meu relato dos fatos chegando a uma conclusão por conta própria, de maneira muito adequada. Nesse assunto da Pedra da Lua, fomos testemunhas de muitos fenômenos, e aqui terminamos com o maior de todos os fenômenos — a saber, o cumprimento das três previsões do Sargento Cuff menos de uma semana depois do dia em que ele as havia enunciado.

Depois de ter notícias dos Yolland na segunda-feira, eu agora havia tido notícia dos indianos e ouvido falar do agiota no jornal londrino — lembrem-se de que a própria Srta. Rachel encontrava-se em Londres na ocasião. Observe que eu exponho os fatos sob seu pior ângulo, mesmo estando eles em total contradição com minha opinião pessoal. Se decidirem abandonar-me e tomar o partido do Sargento, depois de analisar as provas que têm diante de si — se a única explicação racional, que forem capazes de ver, é que a Srta.

Rachel e o Sr. Luker devem ter se encontrado, e que a Pedra da Lua deve estar neste momento penhorada na casa do agiota — confesso que não posso culpá-los por chegarem a essa conclusão. No escuro, eu os trouxe até aqui. No escuro me vejo forçado a deixá-los, com meus melhores respeitos.

Por que forçado? Os senhores podem perguntar. Por que não levar as pessoas que me acompanharam até aqui às regiões de conhecimento superior nas quais eu próprio me encontro?

Em resposta a isso, posso apenas dizer que estou cumprindo ordens, e que estas me foram dadas (até onde entendo) no interesse da verdade. Fui proibido de contar mais neste relato do que eu próprio sabia na época. Ou, para dizer de modo mais simples, devo ater-me estritamente aos limites de minha própria experiência, e não devo informá-los daquilo que me foi dito por outras pessoas — pela razão suficiente de que os senhores obterão essas informações diretamente dessas outras pessoas, em primeira mão. Nesse assunto da Pedra da Lua, o plano não é apresentar relatórios, mas sim produzir testemunhas. Posso ver um membro da família lendo estas páginas daqui a cinquenta anos. Deus! Como ele dará valor ao fato de lhe pedirmos que não acredite em disse-que-disse, e de o tratarmos como um juiz presidindo um tribunal.

Aqui, portanto, nos separamos — por ora, ao menos — depois de uma longa jornada juntos, espero eu com um sentimento de companheirismo de ambos os lados. A dança demoníaca do Diamante indiano seguiu seu caminho até Londres; e para Londres os senhores deverão ir em seu encalço, deixando-me na casa de campo. Queiram me perdoar pelos defeitos desta narrativa — por eu falar tanto de mim mesmo e ser tão familiar, temo, para com os senhores. Não tenho má intenção, e bebo com todo o respeito (havendo acabado de jantar) um copo da cerveja de sua senhoria à sua saúde e prosperidade. Que os senhores encontrem nestas

páginas de meu punho o que Robinson Crusóé encontrou em sua experiênciã na ilha deserta — a saber, algo que os reconforte, e que coloque o Conceito do Bem e do Mal do lado correto da Balança. Adeus.

FIM DO PRIMEIRO PERÍODO

Segundo Período

A DESCOBERTA DA VERDADE (1848-49)

Os acontecimentos relatados em diversas narrativas

PRIMEIRA NARRATIVA

Fornecida por Srta. Clack, sobrinha
do falecido Sir John Verinder

CAPÍTULO 1

Estou em dívida para com meus queridos pais (ambos no céu agora) por ter incorporado desde a mais tenra idade hábitos de ordem e regularidade.

Naqueles tempos felizes, que não voltarão mais, eles me ensinaram a manter meus cabelos limpos a qualquer hora do dia e da noite, e a dobrar todas as minhas peças de roupa com cuidado, na mesma ordem, na mesma cadeira, no mesmo lugar ao pé da cama, antes de me recolher para dormir. Invariavelmente, um cabeçalho em meu pequeno diário precedia esse hábito. O *Hino noturno*, recitado na cama, seguia-se invariavelmente a ele. E o doce sono da infância seguia-se invariavelmente ao *Hino noturno*.

Mais tarde em minha vida (ai de mim!) o *Hino* passou a ser sucedido por reflexões tristes e amargas, e o doce sono foi desafortunadamente trocado pelas dormências interrompidas que assombram o travesseiro inquieto da preocupação. Por outro lado, continuei a dobrar minhas roupas e a manter meu pequeno diário. O primeiro desses hábitos me lembra minha infância feliz — antes que papai se arruinasse. O último desses hábitos — cuja principal utilidade desde então tem sido disciplinar a natureza corrompida que todos herdamos de Adão — mostrou-se inesperadamente importante para meus humildes interesses de outro modo. Permitiu que, pobre de mim, atendesse ao capricho de um membro rico da família à qual meu falecido tio ligou-se através do casamento. Sou desafortunada o bastante para ser útil ao Sr. Franklin Blake.

Já há algum tempo alienei-me inteiramente do contato com meus parentes por casamento. Quando se é sozinho e pobre, com frequência se é esquecido. Hoje, por economia, vivo em uma pequena cidade na Bretanha, habitada por um círculo seleta de amigos ingleses confiáveis, e que tem as

inestimáveis vantagens de ter um clérigo protestante e um mercado barato.

Nesse refúgio — uma Patmos em meio ao oceano ruidoso de vulgaridade que nos rodeia —, finalmente chegou até mim uma carta vinda da Inglaterra. Vejo que minha existência insignificante foi subitamente lembrada pelo Sr. Franklin Blake. Meu parente rico — quem dera eu pudesse acrescentar meu parente rico de espírito! — escreve-me sem sequer tentar disfarçar que quer algo de mim. Veio-lhe a vontade súbita de remexer o escândalo deplorável da Pedra da Lua, e eu devo ajudá-lo escrevendo o relato daquilo que testemunhei como convidada na casa de Tia Verinder, em Londres. Oferece-me uma remuneração pecuniária — com a falta de tato característica dos ricos. Devo reabrir feridas que o tempo mal acabou de fechar; devo trazer à tona as mais dolorosas lembranças — e, feito isso, devo sentir-me recompensada por um novo golpe que tomará a forma de um cheque do Sr. Blake. Minha natureza é fraca. Foi uma luta árdua antes que a humildade cristã vencesse o orgulho pecaminoso, e antes que a autonegação aceitasse o cheque.

Sem meu diário, duvido — por favor, permita que eu use a mais grosseira das expressões! — que tivesse ganho meu dinheiro honestamente. Com meu diário, a pobre trabalhadora (que perdoa o Sr. Franklin por tê-la insultado) faz jus a seu pagamento. Nada me escapou, enquanto eu estava visitando a casa da querida Tia Verinder. Tudo foi anotado (graças a meu treinamento precoce), dia a dia, conforme acontecia; e tudo, até o menor dos detalhes, será contado aqui. Meu respeito sagrado pela verdade está (graças a Deus) muito acima do meu respeito pelas pessoas. Será fácil para o Sr. Blake suprimir o que porventura, nestas palavras, não se revelar lisonjeiro o bastante para com a pessoa a quem dizem respeito em

especial. Ele comprou meu tempo; mas nem mesmo a sua riqueza pode comprar minha consciência.¹

Meu diário me informa que eu estava passando por acaso em frente à casa de Tia Verinder, em Montagu Square, na segunda-feira, dia 3 de julho de 1848.

Ao ver as venezianas abertas e as cortinas levantadas, pensei que seria um ato de educação bater na porta e perguntar pelos moradores. A pessoa que atendeu à porta informou-me que minha tia e sua filha (realmente não posso chamá-la de minha prima!) haviam chegado do campo uma semana atrás, e estavam pensando em ficar algum tempo em Londres. Mandei logo um recado dizendo que não queria incomodar, e perguntando apenas se eu poderia ser útil de alguma maneira.

A pessoa que atendeu à porta levou meu recado com um silêncio insolente e deixou-me de pé no vestíbulo. É a filha de um velho pagão chamado Betteredge — que tem sido tolerado por muito tempo na família de minha tia, na verdade por tempo demais. Sentei-me no vestíbulo para esperar minha resposta — e, eu que sempre tenho alguns panfletos na bolsa, selecionei um que poderia vir a ser muito oportunamente aplicado para a pessoa que atendeu à porta. O vestíbulo estava sujo e a cadeira era dura; mas a consciência abençoada de que eu estava dando o bem em troca do mal me alçava muito acima de observações triviais dessa espécie. O panfleto era um daqueles dirigidos para as jovens a respeito do pecado

no vestir. Seu estilo era devoto de uma maneira familiar. Seu título era Uma palavrinha sobre seus laços e fitas.

— Minha senhora agradece muito e lhe pede que venha almoçar amanhã às duas.

Ignorei a maneira com a qual deu o recado, assim como a terrível audácia de seu olhar. Agradei essa jovem desencaminhada e disse, num tom de interesse cristão:

— Você teria a bondade de aceitar um panfleto?

Ela olhou para o título.

— Foi escrito por um homem ou por uma mulher, senhorita? Se foi escrito por uma mulher, prefiro não ler por esse motivo. Se foi escrito por um homem, peço-lhe que diga a ele que não sabe nada sobre o assunto.

Ela me devolveu o panfleto e abriu a porta. Devemos espalhar a semente do bem de alguma maneira. Esperei até que a porta tivesse sido fechada às minhas costas e coloquei o panfleto na caixa de correio. Depois de jogar outro panfleto através das grades, senti-me de algum modo aliviada de minha pesada responsabilidade para com os outros.

Naquela tarde, tivemos um encontro do Comitê Seletor da Pequena Sociedade das Mães para o Aproveitamento das Roupas. O objetivo dessa caridade notável é — como o sabem todas as pessoas sérias — resgatar do penhorista as calças dos pais não redimidos e evitar a repetição do pecado, reformando as calças imediatamente para que sirvam no filho inocente. Na época, eu era membro desse seletor comitê, e menciono a Sociedade aqui porque meu precioso e admirável amigo, o Sr. Godfrey Ablewhite, estava ligado ao nosso trabalho de utilidade material e moral. Eu esperava vê-lo na sala de reuniões na tarde de segunda-feira sobre a qual escrevo, e tinha a intenção de contar-lhe, quando nos encontrássemos, sobre a chegada da querida Tia Verinder a Londres. Para minha grande decepção, ele não apareceu. Quando manifestei surpresa por sua ausência, todas as minhas irmãs do comitê

levantaram os olhos de suas calças (tínhamos muito trabalho naquela noite) e perguntaram, estupefatas, se eu não havia escutado as notícias. Confessei minha ignorância e então soube, pela primeira vez, de um acontecimento que constitui por assim dizer o ponto de partida desta narrativa. Na sexta-feira anterior, dois cavalheiros — que ocupavam posições bastante distintas na sociedade — haviam sido vítimas de uma agressão que havia assustado toda Londres. Um dos cavalheiros era o Sr. Septimus Luker, de Lambeth. O outro era o Sr. Godfrey Ablewhite.

Uma vez que vivo isolada no presente momento, não tenho condições de acrescentar à minha narrativa o recorte de jornal sobre a agressão. Na época eu também não contei com a vantagem inestimável de ter os acontecimentos relatados pela eloquência fervorosa do Sr. Godfrey Ablewhite. Tudo o que posso fazer é relatar os fatos conforme me foram expostos naquela noite de segunda-feira, baseando-me nos ensinamentos que recebi desde a infância para dobrar minhas roupas. Tudo será exposto claramente, e tudo será colocado em seu lugar. Estas linhas são escritas por uma pobre e fraca mulher. Quem seria cruel o bastante para esperar mais de uma pobre e fraca mulher?

A data — graças a meus queridos pais, nenhum livro jamais escrito é capaz de maior precisão do que eu no que diz respeito a datas — era sexta-feira, 30 de junho de 1848.

Bem cedo naquele dia memorável, aconteceu de nosso talentoso Sr. Godfrey estar depositando um cheque em uma casa bancária em Lombard Street. Por acidente, o nome da firma ficou borrado em meu diário, e meu zelo sagrado para com a verdade me impede de dar um palpite em um assunto desse tipo. Felizmente, o nome da firma não importa. O que importa foi um fato que ocorreu quando o Sr. Godfrey havia acabado de fazer seu depósito. Quando chegou à porta, encontrou um cavalheiro — um perfeito desconhecido — que,

por acidente, estava deixando a firma no mesmo instante que ele próprio. Seguiu-se uma batalha de cortesia momentânea entre os dois cavalheiros sobre quem deveria passar primeiro pela porta de saída do banco. O desconhecido insistiu que o Sr. Godfrey passasse na sua frente; o Sr. Godfrey disse algumas palavras educadas; eles se cumprimentaram, e separaram-se na rua.

Pessoas imprevidentes e superficiais podem dizer: eis aí um incidente certamente insignificante relatado de maneira absurdamente circunstancial. Ah, meus jovens amigos e companheiros no pecado! Cuidado com a pretensão de exercitar seu pobre raciocínio carnal. Ah, sejam moralmente asseados! Deixem que sua fé seja como suas meias, e suas meias, como sua fé. Ambas sempre imaculadas, e ambas prontas a serem usadas de um momento para o outro!

Peço mil perdões. Deixei-me inconscientemente levar por meu estilo de escola dominical. Nada apropriado em um relato como este. Deixe-me tentar ser objetiva — deixe-me dizer que as bobagens, neste caso assim como em tantos outros, conduzem a resultados terríveis. Arriscando apenas que o desconhecido educado era o Sr. Luker, de Lambeth, vamos agora seguir o Sr. Godfrey até sua residência em Kilburn.

À sua espera, no vestíbulo, ele encontrou um menino malvestido mas delicado e de aspecto interessante. O menino entregou-lhe uma carta, mencionando apenas que ela lhe havia sido entregue por uma velha senhora que ele não conhecia e que não havia lhe dado nenhuma instrução para esperar por uma resposta. Incidentes desse tipo não eram incomuns na ampla carreira do Sr. Godfrey como patrocinador de caridades públicas. Ele deixou o menino ir e abriu a carta.

A caligrafia era-lhe absolutamente desconhecida. A carta solicitava que comparecesse dentro de uma hora a uma casa em Northumberland Street, no Strand, na qual ele nunca havia entrado antes. O objetivo era que o ilustre patrocinador

fornecesse alguns detalhes a respeito da Pequena Sociedade das Mães para o Aproveitamento das Roupas, e a informação era requisitada por uma velha senhora que propunha contribuir generosamente para os cofres da instituição caso suas perguntas obtivessem respostas satisfatórias. Ela deu seu nome e acrescentou que sua breve estada em Londres não havia permitido que avisasse o eminente filantropo a quem se dirigia com maior antecedência.

Pessoas comuns poderiam ter hesitado antes de colocar de lado seus próprios afazeres em benefício de um desconhecido. O Herói Cristão jamais hesita quando há que se fazer o bem. O Sr. Godfrey virou-se imediatamente e dirigiu-se à casa em Northumberland Street. Um homem de aparência respeitável, embora algo corpulento, atendeu à porta e, ao ouvir o nome do Sr. Godfrey, conduziu-o imediatamente até o aposento vazio nos fundos, no andar da sala de recepção. Ao entrar no aposento, ele percebeu duas coisas peculiares. Uma delas era um leve cheiro de almíscar e de cânfora. A outra era um antigo manuscrito oriental, ricamente ilustrado com personagens e objetos indianos, aberto em cima de uma mesa.

Ele estava olhando para o livro, posição que o obrigava a ficar de costas para as portas fechadas que davam para a sala da frente, quando, sem o menor ruído para alertá-lo, sentiu subitamente seu pescoço ser agarrado por trás. Teve apenas tempo de observar que o braço em volta de seu pescoço estava nu e tinha uma cor bronzeada antes que seus olhos fossem vendados, sua boca amordaçada, e que fosse jogado indefeso no chão por (acha ele) dois homens. Um terceiro vasculhou seus bolsos e — se é que, como uma dama, posso ousar usar tal expressão — revistou-o, sem cerimônia, por debaixo das roupas.

Neste ponto, eu gostaria muito de dizer algumas palavras de louvor à confiança devota que foi a única coisa capaz de amparar o Sr. Godfrey em uma emergência tão terrível. No

entanto, talvez a posição e a aparência de meu admirável amigo no momento da agressão (conforme descrita acima) não estejam dentro dos limites da especulação feminina. Deixe-me passar ao largo dos instantes seguintes, e voltar ao Sr. Godfrey, uma vez que a revista odiosa de sua pessoa havia terminado. A agressão havia sido perpetrada do início ao fim em silêncio total. Ao final, algumas palavras foram trocadas entre os malfeitores invisíveis numa língua que ele não compreendia, mas num tom de voz que deixava transparecer (a seus ouvidos treinados) decepção e raiva. Ele foi subitamente levantado do chão, colocado em uma cadeira, e seus pés e mãos foram amarrados. No instante seguinte, ele sentiu o ar vindo da porta aberta, escutou e concluiu que estava sozinho no aposento novamente.

Passou-se algum tempo, e ele ouviu um som no andar de baixo como o farfalhar de um vestido de mulher. O som avançou escada acima e parou. Um grito de mulher invadiu a atmosfera opressora do lugar. Uma voz de homem, vinda do andar de baixo, exclamou:

— Olá!

Passos masculinos subiram as escadas. O Sr. Godfrey sentiu dedos cristãos desatando as cordas que o mantinham preso e tirando sua mordaça. Olhou com assombro para os dois respeitáveis desconhecidos e articulou debilmente:

— O que significa isto?

Os dois respeitáveis desconhecidos olharam para ele e disseram:

— Era exatamente a pergunta que íamos fazer ao senhor.

Seguiu-se a inevitável explicação. Não! Deixe-me ser escrupulosamente exata. Seguiram-se sais e água, para recompor os nervos do querido Sr. Godfrey. Depois veio a explicação.

Segundo o depoimento do dono e da dona da casa (pessoas de boa reputação na vizinhança), parecia que os

apartamentos do primeiro e do segundo andar haviam sido alugados na véspera, durante pelo menos uma semana, por um cavalheiro de aparência bastante respeitável — o mesmo que, segundo mencionei, abriu a porta para o Sr. Godfrey. O cavalheiro havia pago adiantado o aluguel e todos os extras da semana, declarando que o apartamento serviria para hospedar três nobres orientais seus amigos, que estavam visitando a Inglaterra pela primeira vez. Cedo, na manhã da agressão, dois dos orientais, acompanhados por seu respeitável amigo inglês, haviam ocupado os apartamentos. O terceiro deveria juntar-se a eles em breve, e a bagagem (muito volumosa) deveria chegar assim que tivesse passado pela alfândega, no final da tarde. Não mais do que dez minutos antes da visita do Sr. Godfrey, o terceiro estrangeiro havia chegado. Nada fora do comum havia acontecido até onde sabiam o dono e a dona da casa, até os últimos cinco minutos — quando haviam visto os três estrangeiros, acompanhados por seu respeitável amigo inglês, deixarem a casa e andarem calmamente em direção ao Strand. Lembrando-se de que um visitante havia chegado, e não tendo visto o visitante deixar a casa, a dona da casa achou muito estranho que deixassem o cavalheiro a sós no andar de cima. Depois de uma breve conversa com seu marido, ela havia achado prudente verificar o que estava acontecendo. O resultado foi o que já tentei descrever, e assim terminou a explicação do dono e da dona da casa.

Em seguida, foi feita uma investigação no quarto. Os pertences do querido Sr. Godfrey foram encontrados espalhados por todos os lados. No entanto, quando os objetos foram recolhidos, nada estava faltando: relógio, corrente, carteira, chaves, lenço, caderninho e todos os seus papéis avulsos haviam sido deixados intactos e prontos a ser recuperados pelo dono. Do mesmo modo, nem um único objeto pertencente aos proprietários da casa havia sido subtraído. Os nobres orientais haviam levado seu manuscrito ilustrado, e mais nada.

O que isso significava? Do ponto de vista mundano, parecia significar que o Sr. Godfrey havia sido vítima de um engano incompreensível, cometido por certos desconhecidos. Uma conspiração sinistra estava ocorrendo no meio de nós, e nosso amado e inocente amigo havia sido envolvido em seus meandros. Quando um herói cristão detentor de centenas de vitórias caridosas cai em um fosso que lhe foi cavado por engano, ah, que aviso isso é para que todos nós fiquemos sempre atentos! Quantas vezes nossas paixões ruins tomarão a forma de nobres orientais malvados que nos agridem quando menos esperamos!

Eu poderia escrever páginas e páginas de avisos sobre este tema, mas (infelizmente!) não me permitem melhorar a história — fui condenada a apenas narrá-la. O cheque de meu parente rico — que será daqui por diante o pesadelo da minha existência — me alerta para o fato de que ainda não terminei este relato de violência. Devemos deixar que o Sr. Godfrey se recupere em Northumberland Street, e acompanhar os atos do Sr. Luker mais tarde no mesmo dia.

Depois de deixar o banco, o Sr. Luker visitou várias regiões de Londres a negócios. Voltando a sua casa, encontrou uma carta à sua espera, que lhe disseram haver sido deixada pouco tempo atrás por um menino. Nesse caso, como no caso do Sr. Godfrey, a caligrafia era desconhecida, mas o nome citado na carta era o nome de um dos clientes do Sr. Luker. Seu correspondente lhe anunciava (escrevendo na terceira pessoa — aparentemente através de um representante) que havia sido inesperadamente chamado a Londres. Havia acabado de se instalar em aposentos em Alfred Place, Tottenham Court Road, e desejava ver o Sr. Luker imediatamente, a respeito de uma compra que pretendia fazer. O cavalheiro era um entusiástico colecionador de antiguidades orientais, e durante muitos anos havia sido um generoso cliente do estabelecimento em Lambeth. Ah, quando nos livraremos do culto à riqueza?! O Sr. Luker chamou um

táxi e foi no mesmo instante ao encontro de seu generoso cliente.

Exatamente o que havia acontecido com o Sr. Godfrey em Northumberland Street aconteceu com o Sr. Luker em Alfred Place. Mais uma vez o respeitável senhor atendeu à porta e acompanhou o visitante até a sala de estar dos fundos no andar de cima. Ali, mais uma vez, estava o manuscrito ilustrado em cima de uma mesa. A atenção do Sr. Luker foi atraída, assim como a atenção do Sr. Godfrey havia sido, por esse belo trabalho de arte indiana. Ele também foi despertado de sua observação por um braço escuro e nu em volta de seu pescoço, por uma venda nos olhos e uma mordaca na boca. Também foi desacordado e inteiramente revistado. Passou-se um intervalo de tempo maior do que o decorrido no caso do Sr. Godfrey, mas tudo terminou da mesma maneira, com as pessoas da casa suspeitando de algo errado e subindo as escadas para ver o que havia acontecido. O dono da casa em Alfred Place dera ao Sr. Luker exatamente a mesma explicação que o dono da casa em Northumberland Street dera ao Sr. Godfrey. Ambos haviam sido convencidos pelo endereço plausível e pela bolsa cheia do respeitável desconhecido, que se dizia representante de seus amigos estrangeiros. A única diferença entre os dois casos ocorreu quando o conteúdo dos bolsos do Sr. Luker estava sendo recolhido do chão. Seu relógio e sua carteira estavam intactos, mas (menos sorte do que o Sr. Godfrey) um dos papéis avulsos, que ele carregava consigo, havia sido levado. O papel em questão era o recibo de um objeto de grande valor que o Sr. Luker havia deixado naquele dia aos cuidados de seus banqueiros. Tal documento seria inútil para qualquer intenção de fraude, pois estipulava que o objeto só deveria ser entregue mediante solicitação pessoal do proprietário. Tão logo se recuperou, o Sr. Luker se apressou em ir até o banco, contando que os ladrões fossem tentar inocentemente ir até lá com o recibo. Quando chegou ao banco, ninguém os havia visto, e nem eles tampouco foram

vistos depois disso. Seu respeitável amigo inglês (na opinião dos banqueiros) havia olhado o recibo antes que tentassem usá-lo, e os havia avisado em tempo hábil.

Ambas as agressões foram comunicadas à polícia, e as investigações necessárias foram iniciadas, acredito, com grande energia. As autoridades pensavam que um roubo havia sido planejado a partir de informações insuficientes obtidas pelos ladrões. Eles simplesmente não tinham certeza se o Sr. Luker havia ou não confiado sua preciosa gema a outra pessoa, e o pobre e gentil Sr. Godfrey havia pago o preço por ter sido visto acidentalmente falando com ele. Acrescente-se a isso que a ausência do Sr. Godfrey de nosso encontro de segunda-feira à noite havia sido causada por uma consulta às autoridades a que lhe pediram que assistisse — e, uma vez que todas as explicações necessárias já foram dadas, posso prosseguir com a história mais simples de minhas próprias experiências pessoais em Montagu Square.

Cheguei pontualmente ao almoço na terça-feira. Uma consulta a meu diário mostra que esse foi um dia ambíguo — muito houve nele para se arrepender, e muito para se agradecer com fervor.

A querida Tia Verinder me recebeu com sua graça e gentileza habituais. No entanto, observei, depois de algum tempo, que havia algo errado. Algumas expressões de ansiedade escaparam de minha tia, todas elas direcionadas à sua filha. Eu mesma nunca vi Rachel sem me perguntar como uma pessoa de aparência tão insignificante pode ser filha de pais tão ilustres quanto Sír John e Lady Verinder. Nesse dia, no entanto, ela não só me decepcionou — ela realmente me chocou. Qualquer decoro em sua linguagem e em seus modos estavam totalmente ausentes, o que era muito doloroso de se ver. Ela estava possuída por alguma exaltação nova que fazia com que sua risada fosse perturbadoramente alta, e que ela fosse pecaminosamente dispendiosa e caprichosa com tudo o

que comia e bebia no almoço. Senti muita pena de sua pobre mãe, mesmo antes que os verdadeiros fatos me fossem confidencialmente comunicados.

Terminado o almoço, minha tia disse:

— Rachel, lembre-se do que o médico lhe disse sobre relaxar com um livro depois das refeições.

— Vou para a biblioteca, mamãe — respondeu ela. — Mas se Godfrey ligar, faça com que me avisem. Estou louca para ter mais notícias dele depois de sua aventura em Northumberland Street.

Ela beijou sua mãe na testa e olhou em minha direção.

— Até logo, Clack — disse ela sem cuidado.

Sua insolência não despertou em mim qualquer sentimento de raiva. Eu apenas disse a mim mesma que deveria me lembrar de rezar por ela.

Quando ficamos à sós, minha tia me contou toda a terrível história do Diamante indiano que, conforme me alegro em saber, não precisa ser repetida aqui. Ela não me escondeu que teria preferido guardar silêncio a respeito. Mas, uma vez que todos os seus próprios criados sabiam sobre o desaparecimento da Pedra da Lua, e quando alguns dos fatos haviam até mesmo chegado aos jornais — quando desconhecidos se perguntavam se havia alguma ligação entre o que havia acontecido na casa de campo de Lady Verinder e o que havia acontecido em Northumberland Street e em Alfred Place —, não se podia pensar em esconder o que quer que fosse; e a franqueza total tomou-se uma necessidade, além de uma virtude.

Algumas pessoas, ao ouvir o que eu estava ouvindo agora, teriam provavelmente sido dominadas pela surpresa. No que me diz respeito, conhecendo o caráter de Rachel e sabendo que ela era basicamente irrecuperável desde a infância, eu estava preparada para o que quer que minha tia pudesse me contar a respeito de sua filha. As coisas poderiam ter ido de

mal a pior até terminar em assassinato, e ainda assim eu teria dito a mim mesma: Eis o resultado natural! Sem dúvida, o resultado natural! A única coisa que realmente me chocou foi a atitude tomada por minha tia diante das circunstâncias. Ali estava um caso para um clérigo, se é que ainda existia algum! Lady Verinder havia pensado que era um caso para um médico. Toda a infância e juventude de minha pobre tia haviam sido passadas na casa sem Deus de seu pai. Novamente a consequência natural! Ai, ai, novamente a consequência natural!

— Os médicos recomendam a Rachel, bastante exercício e diversão, e me aconselham a manter sua mente o mais afastada possível do passado — disse Lady Verinder.

Ah, que conselho pagão!, pensei comigo mesma. Neste país cristão, que conselho pagão!

Minha tia continuou:

— Faço o que posso para seguir as instruções. Mas essa estranha aventura de Godfrey aconteceu em um momento muito inoportuno. Desde que ouviu falar nisso pela primeira vez, Rachel tem estado inquieta e exaltada. Não me deu sossego, até que eu tivesse escrito e convidado meu sobrinho Ablewhite a vir até aqui. Ela se preocupa até mesmo com a outra pessoa que foi agredida, o Sr. Luker, ou um nome assim, embora, é claro, o homem seja um total desconhecido para ela.

— Querida tia, a senhora conhece o mundo melhor do que eu — comecei timidamente. — Mas sem dúvida deve haver uma razão para essa conduta extraordinária de Rachel. Ela está guardando um segredo pecaminoso da senhora e de todo mundo. Não haveria nesses acontecimentos recentes algo que ameace seu segredo de ser descoberto?

— Descoberto? — repetiu minha tia. — O que você está querendo dizer? Descoberto pelo Sr. Luker? Descoberto por meu sobrinho?

Enquanto ela dizia essas palavras, algo oportuno ocorreu. O criado abriu a porta e anunciou o Sr. Godfrey Ablewhite.

CAPÍTULO 2

O próprio Sr. Godfrey chegou logo depois de seu nome ser anunciado, exatamente no momento certo — que é como o Sr. Godfrey faz tudo. Ele não chegou imediatamente depois do criado, não imediatamente o bastante para nos assustar. Nem demorou tanto a ponto de causar a dupla amolação de uma pausa e de uma porta aberta. É na completude de sua vida de todos os dias que o verdadeiro cristão se revela. Esse estimado homem era muito completo.

— Vá até a Srta. Verinder — disse minha tia, dirigindo-se ao criado — e diga-lhe que o Sr. Ablewhite está aqui.

Ambas perguntamos por sua saúde. Ambas perguntamos, ao mesmo tempo, como ele estava se sentindo depois de sua terrível aventura da semana passada. Com um tato perfeito, ele nos respondeu no mesmo instante. Lady Verinder teve sua resposta em palavras. Eu tive seu adorável sorriso.

— O que fiz para merecer tanta preocupação? — exclamou ele, com sua delicadeza infinita. — Minha querida tia! Minha querida Srta. Clack! Eu apenas fui confundido com outra pessoa. Apenas tive os olhos vendados; apenas fui estrangulado; apenas fui jogado no chão, em cima de um tapete muito fino que cobria um chão particularmente duro. Pensem em como poderia ter sido pior! Eu poderia ter sido assassinado; eu poderia ter sido roubado. O que perdi? Nada a não ser minha tranquilidade, algo que a lei não reconhece como propriedade; portanto, estritamente falando, eu nada perdi, na verdade. Se eu pudesse ter feito as coisas do meu jeito, teria guardado segredo sobre essa aventura; não gosto de toda essa agitação e publicidade. Mas o Sr. Luker tornou pública a sua agressão, e a minha agressão, como consequência necessária, foi por sua vez exposta. Tornei-me propriedade dos jornais, até que o gentil leitor se canse do

assunto. Eu próprio estou bastante cansado dele. Que o gentil leitor logo se torne como eu! E como está nossa querida Rachel? Ainda aproveitando as alegrias de Londres? Fico tão feliz em sabê-lo! Srta. Clack, eu preciso de toda a sua indulgência. Estou terrivelmente em débito com meu trabalho no comitê e com minhas queridas senhoras. Mas realmente espero poder passar na Pequena Sociedade das Mães na semana que vem. Houve grande progresso no comitê de segunda-feira? A comissão deu esperanças quanto a projetos futuros? E temos muitas calças?

A gentileza celeste de seu sorriso tornou suas desculpas irresistíveis. A riqueza de sua voz profunda acrescentou seu próprio charme irresistível à interessante pergunta profissional que ele havia acabado de me fazer. Na verdade, tínhamos quase calças demais—, estávamos soterradas em calças. Eu estava prestes a lhe dizer isso quando a porta se abriu novamente e um elemento de perturbação mundana entrou no aposento personificado pela Srta. Verinder.

Ela se aproximou do querido Sr. Godfrey a uma velocidade indigna de uma dama, com o cabelo em um desconcertante desalinho e o rosto, como direi, afogueado de um modo que não lhe caía nada bem.

— Fico encantada em vê-lo, Godfrey — disse ela, dirigindo-se a ele, devo acrescentar com tristeza, da maneira brusca com a qual um jovem rapaz se dirige a outro. — Eu gostaria que você tivesse trazido o Sr. Luker com você. Você e ele (enquanto durar nosso atual estado de excitação) são os dois homens mais interessantes de Londres. É mórbido dizer isso; é doentio; é tudo aquilo diante do que uma mente bem equilibrada como a da Srta. Clack instintivamente sente arrepios. Não importa. Conte-me imediatamente toda a história de Northumberland Street. Sei que os jornais deixaram de mencionar algumas coisas.

Até mesmo o querido Sr. Godfrey carrega em si parte do pecado original que todos herdamos de Adão — é uma parte pequena de nossa herança humana, mas ele infelizmente a tem. Confesso que me entristeceu vê-lo tomar a mão de Rachel entre suas duas mãos e encostá-la suavemente contra o flanco de seu colete. Era um gesto claro de encorajamento a seu modo descuidado de falar e a sua referência insolente à minha pessoa.

— Rachel, minha mais querida — disse ele, com a mesma voz que me havia seduzido quando falávamos de nossos projetos e de nossas calças — os jornais lhes disseram tudo, e de uma maneira muito melhor do que eu seria capaz.

— Godfrey acha que nós todos estamos preocupados demais com esse assunto — observou minha tia. — Ele estava justamente dizendo que não quer falar nele.

— Por quê?

Ela fez a pergunta com um lampejo repentino nos olhos, e um olhar repentino para o rosto do Sr. Godfrey. Ele, por sua vez, olhou para ela com uma indulgência tão pouco judiciosa e imerecida que realmente me senti impelida a interferir.

— Rachel, querida! — repreendi suavemente. — A verdadeira riqueza e a verdadeira coragem são sempre modestas.

— Você é um bom rapaz a seu modo, Godfrey — disse ela, sem, observem, prestar a menor atenção a mim, e continuando a se dirigir a seu primo como se ela fosse um rapaz se dirigindo a outro.

— Mas tenho certeza de que você não é grande; não creio que possua nenhuma coragem extraordinária; e estou convencida, se é que você algum dia teve modéstia, que todas essas senhoras que o veneram lhe tiraram essa virtude há muitos anos. Você tem alguma razão particular para não falar de sua aventura em Northumberland Street, e eu pretendo descobrir qual é.

— Minha razão é a mais simples possível, e a mais facilmente aceita — respondeu ele, ainda tolerando os modos dela. — Estou cansado do assunto.

— Está cansado do assunto? Meu caro Godfrey, vou fazer uma observação.

— Qual?

— Você passa tempo demais em companhia de mulheres. E em consequência disso adquiriu dois hábitos muito ruins. Aprendeu a falar bobagens com seriedade e passou a contar mentiras pelo simples prazer de contá-las. Você não consegue ser sincero com as senhoras que o veneram. Pretendo fazer com que seja sincero comigo. Venha sentar-se. Estou cheia de perguntas diretas a fazer, e espero que você esteja cheio de respostas diretas para me dar.

Ela literalmente o arrastou através do aposento até uma cadeira junto à janela, onde a luz iluminaria seu rosto. Sinto muito ser obrigada a relatar tal linguagem e descrever tal conduta. Mas, encurralada como estou entre o cheque do Sr. Franklin de um lado e meu respeito sagrado pela verdade de outro, o que devo fazer? Olhei para minha tia. Ela continuava sentada, imóvel; aparentemente não tinha qualquer intenção de interferir. Eu nunca antes havia observado semelhante torpor em sua pessoa. Talvez fosse seu modo de reagir aos terríveis eventos ocorridos no campo. O que quer que fosse, não era um sintoma agradável de se observar em alguém da idade da querida Lady Verinder, com a exuberante aparência que tinha no outono de sua vida.

Enquanto isso, Rachel havia se acomodado junto à janela com nosso amável e tolerante — demasiado tolerante — Sr. Godfrey. Ela começou a série de perguntas com as quais o havia ameaçado, sem tomar conhecimento da presença de sua mãe, ou da minha, como se nós não estivéssemos ali.

— A polícia fez alguma coisa, Godfrey?

— Absolutamente nada.

— Suponho que se tenha certeza de que os três homens que montaram a cilada para você eram os mesmos que depois montaram a cilada para o Sr. Luker?

— Humanamente falando, minha querida Rachel, não restam dúvidas quanto a isso.

— E não se descobriu nem sinal deles?

— Nem sinal.

— Não é verdade que pensam que esses três homens são os mesmos três indianos que vieram à nossa casa no campo?

— Algumas pessoas pensam assim.

— Você pensa assim?

— Minha querida Rachel, eles vendaram meus olhos antes que eu pudesse ver seus rostos. Nada sei sobre esse assunto. Como posso ter uma opinião a respeito?

Vejam que até mesmo a gentileza angelical do Sr. Godfrey estava começando a ceder, enfim, diante da pressão que lhe era imposta. Não pretendo averiguar se era uma curiosidade sem limites ou um medo incontrolável o que ditava o rumo das perguntas da Srta. Verinder. Posso apenas relatar que, quando o Sr. Godfrey tentou se levantar, depois de dar a ela a resposta que acabei de expor, ela agarrou-o pelos dois ombros e o empurrou de volta para a cadeira — ah, não julguem tal conduta imodesta! Nem tampouco digam que apenas a falta de cautela causada pelo medo e pela culpa poderiam explicar o comportamento que acabo de descrever! Não devemos julgar os outros. Amigos cristãos, não devemos nunca, nunca, nunca, julgar os outros!

Ela continuou com suas perguntas, sem se abalar. Os estudiosos aplicados da Bíblia talvez se lembrem — como eu me lembrei — dos filhos cegos do demônio, que continuavam com suas orgias, sem se abalar, nos tempos que precederam o Dilúvio.

— Quero saber uma coisa sobre o Sr. Luker, Godfrey.

— Que infelicidade, mais uma vez, Rachel. Nenhum homem sabe menos sobre o Sr. Luker do que eu.

— Você nunca o havia visto antes de encontrá-lo acidentalmente no banco?

— Nunca.

— Você o viu desde então?

— Sim. Fomos interrogados juntos, assim como separadamente, para ajudar a polícia.

— Roubaram um recibo do Sr. Luker, que ele havia pego com seus banqueiros, não foi? De que era esse recibo?

— De uma valiosa gema que ele havia guardado no cofre do banco.

— É o que dizem os jornais. Pode ser o bastante para o leitor comum, mas não é o bastante para mim. O recibo do banco deve ter mencionado para que era?

— Rachel, segundo o que ouvi, o recibo do banco não mencionava nada desse tipo. Uma gema valiosa, pertencente ao Sr. Luker, depositada pelo Sr. Luker, lacrada com o lacre do Sr. Luker, e que deveria ser entregue apenas ao Sr. Luker em pessoa. Era esse o recibo, e é tudo o que sei sobre ele.

Ela esperou um instante, depois de ouvi-lo dizer isso. Olhou para sua mãe e suspirou. Tornou a olhar para o Sr. Godfrey e continuou.

— Parece — disse ela — que alguns assuntos particulares de nossa família chegaram até os jornais?

— Sinto dizer que é verdade.

— E algumas pessoas desocupadas, totais desconhecidos, estão tentando estabelecer uma ligação entre o que aconteceu em nossa casa em Yorkshire e o que aconteceu desde então, aqui em Londres?

— Temo que a curiosidade pública esteja, de certo modo, tomando essa direção.

— As pessoas que dizem que os três desconhecidos que atacaram você e o Sr. Luker são os três indianos também dizem que a valiosa gema...

Ela parou ali. Em alguns instantes seu rosto havia ficado cada vez mais branco. Essa palidez, que o preto extraordinário de seus cabelos tornava tão horrenda de se olhar, fez todos nós pensarmos que ela fosse desmaiar quando parou para tomar fôlego no meio da pergunta. Nosso querido Sr. Godfrey fez uma segunda tentativa de se levantar da cadeira. Minha tia lhe pediu que não dissesse mais nada. Segui o exemplo de minha tia e fiz uma modesta oferta de paz medicinal sob a forma de um vidro de sais. Nenhuma de nós duas teve o mais leve efeito que fosse sobre Rachel.

— Godfrey, fique onde está. Mamãe, não há a menor razão para se preocupar comigo. Clack, você mal pode esperar para ouvir o final: eu não vou desmaiar só para fazer a sua vontade.

Foram suas palavras exatas — registradas em meu diário assim que cheguei em casa. Mas, ah, não façamos julgamentos! Amigos cristãos, não façamos julgamentos!

Ela virou-se mais uma vez para Godfrey. Com uma obstinação terrível de se ver, voltou ao ponto onde estava quando havia parado para respirar e completou sua pergunta com estas palavras:

— Há apenas um minuto, eu falava sobre o que as pessoas em certos lugares estavam dizendo. Godfrey, me fale a verdade, alguma delas diz que a valiosa gema do Sr. Luker é... A Pedra da Lua?

Enquanto ela dizia o nome do Diamante indiano, vi meu admirável amigo mudar. A cor de seu rosto ficou mais profunda. Ele perdeu as maneiras suaves que em geral exibia, e que é um de seus maiores charmes. Uma nobre indignação inspirou sua resposta.

— Alguns dizem isso — respondeu ele. — Há pessoas que não hesitam em acusar o Sr. Luker de cometer perjúrio em nome de algum interesse pessoal seu. Ele muitas vezes declarou solenemente que, até ser envolvido nesse escândalo, nunca tinha ouvido falar na Pedra da Lua. E essa gente vil responde, sem nem sombra de prova para se justificar: Ele tem razões para estar escondendo algo; nos recusamos a acreditar em seu testemunho sob juramento. Vergonhoso! Vergonhoso!

Rachel olhou para ele de um modo muito estranho — não sou capaz de descrever como — enquanto ele falava. Quando ele terminou, ela disse:

— Considerando que conhece o Sr. Luker apenas casualmente, você o defende com muito entusiasmo, Godfrey.

Meu talentoso amigo lhe deu uma das respostas mais evangélicas que eu jamais ouvi em minha vida.

— Espero, Rachel, que eu abrace a causa de todos os oprimidos com muito entusiasmo.

A maneira como disse essas palavras poderia ter derretido uma pedra. Mas, ai, o que é a dureza da pedra? Nada, se comparada à dureza do coração humano que não se converteu! Ela sorriu de esguelha. Fico rubra ao me lembrar — sorriu de esguelha bem na cara dele.

— Guarde seus sentimentos nobres para o Comitê de Senhoras, Godfrey. Tenho certeza de que o escândalo que envolveu o Sr. Luker não poupou você.

Até mesmo o torpor de minha tia foi interrompido por essas palavras.

— Rachel querida — ela repreendeu—, você realmente não tem o direito de dizer isso!

— Não tenho má intenção, mamãe; a intenção é boa. Tenha um pouco de paciência comigo e verá.

Tornou a olhar para o Sr. Godfrey com o que pareceu ser uma súbita pena dele. Ela chegou ao ponto — nada digno de uma dama respeitável — de tomá-lo pela mão.

— Tenho certeza — disse ela — de que descobri a verdadeira razão da sua relutância em falar nesse assunto diante da minha mãe e de mim. Um incidente infeliz associou você, na cabeça das pessoas, ao Sr. Luker. Você me disse que o escândalo se abateu sobre ele. E que efeitos o escândalo teve sobre você?

Ainda assim, nosso querido Sr. Godfrey — sempre pronto a retribuir o mal com o bem — tentou poupá-la.

— Não me pergunte! — disse ele. — É melhor esquecer, Rachel; é melhor mesmo.

— Eu quero saber! — gritou ela o mais alto possível com selvageria.

— Diga a ela, Godfrey! — suplicou minha tia. — Nada pode fazer tão mal a ela quanto o seu silêncio está fazendo agora!

Os belos olhos do Sr. Godfrey se encheram de lágrimas. Lançou um último olhar de súplica para ela, e então disse as palavras fatais:

— Como você quiser, Rachel: o escândalo diz que a Pedra da Lua foi penhorada ao Sr. Luker, e que fui eu quem a penhorei.

Ela pôs-se de pé com um grito. Olhou várias vezes do Sr. Godfrey para minha tia, e de minha tia para o Sr. Godfrey, de um modo tão frenético que eu realmente pensei que ela havia enlouquecido.

— Não falem comigo! Não me toquem! — exclamou ela, afastando-se de nós todos (como um animal acuado!) até um canto do aposento.

— É tudo culpa minha! Tenho de consertar as coisas. Eu me sacrifiquei. Tinha o direito de fazer isso, se quisesse. Mas deixar que um homem inocente se arruíne, guardando um

segredo que destrói sua reputação para a vida toda... Ah, bom Deus, é horrível demais! Não posso suportar!

Minha tia fez menção de se levantar da cadeira, depois voltou a sentar-se de repente. Chamou-me com dificuldade, e apontou para um vidrinho em sua cesta de trabalho.

— Rápido — sussurrou ela. — Seis gotas em água. Não deixe que Rachel veja!

Em outras circunstâncias eu teria achado isso estranho. Naquele momento não havia tempo para pensar — só havia tempo para dar o remédio. Nosso querido Sr. Godfrey ajudou-me inconscientemente a esconder de Rachel o que eu estava fazendo, com palavras apaziguadoras do outro lado do aposento.

— Vamos, vamos, você está exagerando — ouvi-o dizer. — Minha reputação é muito boa para ser destruída por um reles escândalo passageiro como esse. Tudo estará esquecido daqui a uma semana. Não vamos nunca mais falar sobre isso.

Ela ficou impassível, mesmo diante de tal generosidade. Continuou cada vez pior.

— É meu dever acabar com isso — disse ela. — Mamãe! Escute o que vou dizer, Srta. Clack! Escute o que vou dizer! Eu sei qual foi a mão que roubou a Pedra da Lua. Eu sei... — ela enfatizou bem as palavras; bateu com o pé em meio a sua raiva. — *Eu sei que Godfrey Ablewhite é inocente.* Leve-me até o magistrado, Godfrey! Leve-me até o magistrado, e eu jurarei!

Minha tia tomou-me pela mão e murmurou:

— Fique entre nós duas por um ou dois minutos. Não deixe que Rachel me veja.

Notei uma coloração azulada em seu rosto que me alarmou. Ela viu minha surpresa.

— As gotas me farão ficar melhor dentro de um ou dois minutos — disse ela, e então fechou os olhos e esperou um pouco.

Enquanto isso estava acontecendo, escutei nosso querido Sr. Godfrey, ainda empenhado em dissuadir Rachel gentilmente:

— Você não deve se pronunciar publicamente em um assunto como este — disse ele, — A sua reputação, querida Rachel, é por demais pura e sagrada para ser maculada.

— A minha reputação! — Ela começou a rir. — Ora, eu estou sendo acusada, Godfrey, assim como você. O melhor detetive de toda a Inglaterra declara que eu roubei o meu próprio Diamante. Pergunte-lhe o que ele acha, e ele lhe dirá que eu penhorei a Pedra da Lua para pagar dívidas particulares!

Ela parou, atravessou o aposento correndo, e caiu de joelhos aos pés de sua mãe.

— Ah, mamãe! Mamãe! Mamãe! Eu devo estar louca, não devo para não confessar a verdade agora?

Ela estava exaltada demais para perceber o estado de sua mãe — em um instante estava de pé novamente, junto do Sr. Godfrey.

— Não deixarei que você, não deixarei que nenhum homem inocente, seja acusado e desgraçado por culpa minha. Se você se recusar a me levar até o magistrado, faça uma declaração por escrito de sua inocência, e eu a assinarei. Faça o que lhe digo, Godfrey, ou eu escreverei aos jornais, sairei gritando pelas ruas!

Não diremos que essa era a linguagem do remorso — diremos que era a linguagem da histeria. Indulgente, o Sr. Godfrey a acalmou tomando uma folha de papel e fazendo a declaração. Ela a assinou com uma precipitação febril.

— Mostre isso por toda a parte; não pense em mim — disse ela enquanto a devolvia. — Godfrey, eu temo até agora não lhe ter feito justiça em meus pensamentos. Você é menos egoísta, é um homem melhor do que eu acreditava que fosse.

Venha nos visitar quando puder e tentarei consertar o mal que lhe fiz.

Ela lhe estendeu a mão. Ai de nossa natureza corrompida! Ai do Sr. Godfrey! Não apenas ele chegou ao ponto de lhe beijar a mão, mas seu tom de voz quando respondeu foi de uma gentileza que, nesse caso, era pouco melhor do que um pacto com o pecado.

— Eu virei, querida — disse ele com a condição de que não falemos mais nesse assunto detestável.

Nunca vi nem ouvi nosso herói cristão em situação mais desvantajosa do que essa.

Antes que qualquer um pudesse dizer mais uma palavra, fomos todos surpreendidos por estrondosas batidas na porta da rua. Olhei pela janela e vi o Mundo, a Carne e o Diabo esperando na frente da casa — personificados por uma carruagem e cavalos, um laçao empoado e três das mulheres mais audaciosamente vestidas que jamais vi em minha vida.

Rachel teve um sobressalto e se aprumou. Atravessou o aposento até sua mãe.

— Elas vieram me levar para a exposição de flores — disse ela.

— Uma palavra antes de eu ir, mamãe. Eu não lhe afligi, afligi?

(Será que a falta de sentimento moral que faz alguém fazer uma pergunta dessas depois do que havia acabado de acontecer merece piedade ou condenação? Tenho inclinação para a misericórdia. Tenhamos piedade.)

As gotas haviam surtido efeito. A compleição de minha pobre tia estava novamente normal.

— Não, não, querida — disse ela. — Vá com suas amigas e divirta-se.

Sua filha inclinou-se e beijou-a. Eu havia deixado a janela e estava perto da porta quando Rachel se aproximou dela para

sair. Outra mudança havia ocorrido com ela — estava aos prantos. Observei com interesse aquele coração duro amolecer-se por um instante. Senti-me inclinada a dizer algumas palavras sinceras. Ai de mim! Minha iniciativa bem-intencionada apenas a ofendeu.

— Como assim, você sente pena de mim? — perguntou ela num sussurro amargo ao passar pela porta. — Não vê como estou feliz? Estou indo para a exposição de flores, Clack, e tenho o toucado mais bonito de Londres.

Completo a zombaria gratuita dessa fala soprando um beijo para mim — e então deixou o aposento.

Queria poder descrever com palavras a compaixão que senti por essa moça infeliz e desencaminhada. Mas sou quase tão pobre de palavras quanto de dinheiro. Permitam-me que o diga: meu coração estava sangrando por ela.

Ao voltar para a cadeira de minha tia, observei nosso querido Sr. Godfrey procurando discretamente alguma coisa, aqui e ali, em diferentes lugares do aposento. Antes que eu pudesse lhe oferecer ajuda, ele já havia encontrado o que queria. Veio até sua tia e eu com a declaração de sua inocência em uma das mãos e uma caixa de fósforos na outra.

— Querida tia, uma pequena conspiração! — disse ele. — Querida Srta. Clack, uma fraude piedosa que até mesmo sua retidão moral desculpará! Vocês deixarão que Rachel acredite que eu aceito o generoso sacrifício que a fez assinar este papel? E serão gentis o bastante para serem testemunhas de que eu o queimo diante de vocês antes de deixar esta casa?

Ele acendeu um fósforo e, ateando fogo ao papel, deixou-o queimar dentro de um prato que estava sobre a mesa.

— Qualquer pequeno incômodo que eu possa vir a sofrer não é nada — observou ele — comparado à importância de preservar aquele nome tão puro da contaminação do resto do mundo. Pronto! Já o reduzimos a uma pequena e inofensiva pilha de cinzas, e nossa querida e impulsiva Rachel jamais

saberá o que fizemos! Como estão se sentindo? Minhas maravilhosas amigas, como estão se sentindo? Quanto à minha pobre pessoa, tenho o coração leve como o de uma criança!

Ele lançou seu lindo sorriso em nossa direção, estendeu uma mão para minha tia e outra para mim. Eu estava afetada demais por sua nobre conduta para ser capaz de falar. Fechei os olhos; tomada por uma espécie de enleio espiritual, levei sua mão até meus lábios. Ele murmurou um suave protesto. Ah, o êxtase, o êxtase puro e celestial daquele momento! Sentei-me — mal sei sobre quê — inteiramente perdida em meus pensamentos exaltados. Quando abri os olhos novamente, foi como descer do céu de volta à terra. Não havia ninguém no aposento a não ser minha tia. Ele havia ido embora.

Eu gostaria de parar por aqui — gostaria de encerrar minha narrativa com o relato da nobre conduta do Sr. Godfrey. Infelizmente, há mais, muito mais, que a incansável pressão pecuniária do cheque do Sr. Blake me obriga a contar. As dolorosas revelações que seriam feitas em minha presença durante aquela visita de terça-feira a Montagu Square ainda não haviam terminado.

Vendo-me a sós com Lady Verinder, voltei-me naturalmente para o assunto de sua saúde; abordei com delicadeza a estranha angústia que ela havia demonstrado para esconder sua indisposição, e o remédio que a aliviara, de sua filha.

A resposta de minha tia muito me surpreendeu.

— Drusilla — disse ela (se eu ainda não mencionei o fato de que meu nome de batismo é Drusilla, permitam-me que o faça agora) você está abordando, muito inocentemente, bem sei, um assunto bastante delicado.

Levantei-me imediatamente. A polidez só me deixava uma alternativa — a de, depois de me desculpar, me despedir. Lady

Verinder me impediu de fazer isso e insistiu para que eu me sentasse novamente.

— Você descobriu um segredo — disse ela — que eu revelei a minha irmã, a Sra. Ablewhite, e a meu advogado, o Sr. Bruff, e a mais ninguém. Posso confiar na discricção deles, e tenho certeza de que, quando lhe contar os detalhes, poderei confiar na sua. Você tem algum compromisso urgente, Drusilla? Ou tem todo o tempo disponível esta tarde?

É desnecessário dizer que meu tempo estava inteiramente à disposição de minha tia.

— Então me faça companhia por mais uma hora — disse ela.

— Tenho algo a lhe dizer que, acredito, você lamentará muito. E depois terei um favor a lhe pedir, se não tiver nenhuma objeção em me ajudar.

Novamente, é desnecessário dizer que, longe de ter alguma objeção, eu estava muito ansiosa para ajudá-la.

— Você pode esperar aqui — continuou ela — até que o Sr. Bruff chegue, às cinco horas. E você pode ser uma de minhas testemunhas quando eu assinar o meu testamento, Drusilla.

Testamento! Pensei nas gotas que havia visto em sua cesta de trabalho. Pensei no tom azulado que havia observado em seu semblante. Uma luz que não pertence a este mundo — uma luz que brilhava profeticamente vinda de um túmulo inexistente — se fez em minha mente. O segredo de minha tia não era mais um segredo.

CAPÍTULO 3

Meu respeito pela pobre Lady Verinder me impediu até mesmo de dar algum sinal de que havia adivinhado a triste verdade antes que ela falasse. Esperei até que quisesse fazê-lo em silêncio e, havendo planejado em meu íntimo dizer algumas palavras reconfortantes na primeira oportunidade, senti-me preparada para qualquer tarefa que se me impusesse, não importa o quão dolorosa pudesse ser.

— Tenho estado gravemente doente, Drusilla, há algum tempo — começou minha tia. — E, por estranho que possa parecer, eu própria não o sabia.

Pensei nos milhares e milhares de criaturas humanas decadentes que naquele momento estavam espiritualmente doentes sem sabê-lo. E temi imensamente que minha pobre tia fosse uma delas.

— Sim, querida — disse eu com tristeza. — Sim.

— Como você sabe, eu trouxe Rachel a Londres para consultar um médico — continuou ela. — Achei que fosse melhor consultar dois médicos.

Dois médicos! E, ai de mim (no estado de Rachel), nenhum clérigo!

— Sim, querida? — disse eu mais uma vez. — Sim?

—Um dos dois médicos — prosseguiu minha tia — eu não conhecia. O outro havia sido um velho amigo de meu marido, e sempre havia se preocupado sinceramente comigo por causa dele. Depois de examinar Rachel, ele me disse que gostaria de falar comigo em particular em outro aposento. Logicamente, eu esperava receber alguma instrução especial para cuidar da saúde de minha filha. Para minha surpresa, ele me tomou pela mão com gravidade e disse: Estive olhando para a senhora, Lady Verinder, com um interesse profissional além de pessoal.

Temo que a senhora esteja precisando mais de cuidados médicos do que sua filha. Ele me fez algumas perguntas que, de início, senti-me inclinada a considerar sem importância, até observar que minhas respostas o deixavam angustiado. Nossa conversa terminou com uma hora marcada com ele para vir me ver no dia seguinte, quando Rachel não estivesse em casa, acompanhado por um amigo médico. O resultado dessa visita — que me foi comunicado da maneira mais delicada e gentil possível — convenceu ambos os médicos de que um tempo precioso havia sido perdido para sempre, e que o meu caso estava agora além do alcance de sua arte. Há mais de dois anos, venho sofrendo de uma forma insidiosa de doença cardíaca que, sem nenhum sintoma que me alertasse, debilitou-me fatalmente pouco a pouco. Posso viver por mais alguns meses, ou posso morrer antes de chegar ao fim de mais um dia: os médicos não são capazes, ou não ousam, dar um veredicto mais preciso do que esse. Seria vão dizer, minha cara, que tive alguns momentos de profunda tristeza desde que minha situação real me foi revelada. Mas estou mais resignada do que antes, e estou fazendo o melhor que posso para resolver minhas pendências neste mundo. Minha única grande preocupação é que Rachel não venha a saber da verdade. Se soubesse, imediatamente atribuiria minha saúde prejudicada a uma angústia a respeito do Diamante, e se culparia cruelmente, pobre criança, por aquilo que de modo algum é culpa sua. Ambos os médicos concordam que o problema começou dois, se não três anos atrás. Tenho certeza de que guardará meu segredo, Drusilla, pois tenho certeza de que vejo em seu rosto uma tristeza e uma compaixão sinceras.

Tristeza e compaixão! Ah, que emoções pagãs para se esperar de uma inglesa cristã absolutamente convicta de sua fé!

Minha pobre tia mal podia imaginar a onda de agradecimento devoto que me percorreu à medida que ela chegava ao fim de sua melancólica história. Ali estava uma

ocupação útil que se me apresentava! Ali estava uma parenta querida e irmã moribunda, às vésperas da grande mudança, inteiramente despreparada; e levada, levada providencialmente, a revelar sua situação a mim! Como posso descrever a alegria com a qual então me lembrei dos preciosos amigos clérigos nos quais podia confiar e que se contavam não às unidades, mas sim às dezenas, às vintenas! Tomei minha tia em meus braços — minha ternura transbordante não poderia agora ser satisfeita com nada menos do que um abraço.

— Ah — disse-lhe eu com fervor —, que interesse indescritível a senhora provoca em mim! Ah! Quanto bem pretendo lhe fazer, minha cara, antes de nos separarmos!

Depois de mais uma ou duas palavras de preâmbulo sincero, dei-lhe o nome de três preciosos amigos, todos os quais exerciam o trabalho de misericórdia noite e dia, em seu próprio bairro, para que ela escolhesse; todos eram igualmente incansáveis em matéria de exortação; todos estariam prontos, com grande afeto, a exercer seus dons a uma simples palavra minha. Ai de mim! O resultado estava longe de ser animador. Lady Verinder adquiriu uma expressão intrigada e amedrontada, e retorquia a tudo que eu lhe dizia com a objeção puramente mundana de que não era forte o bastante para enfrentar estranhos. Desisti — apenas por hora, é claro. Minha vasta experiência (como leitora e visitante, sob a direção de nada menos do que 14 queridos amigos clérigos) informava-me que este era outro caso de preparação pelos livros. Eu possuía uma pequena biblioteca de trabalhos, todos adequados à atual emergência, todos previstos para despertar, convencer, preparar, iluminar e fortalecer minha tia.

— A senhora vai ler, minha cara, não vai? — disse eu com minha voz mais convincente. — A senhora vai ler, se eu lhe trazer meus próprios preciosos livros? Marcados em todos os lugares certos, tia. E marcados a lápis onde a senhora deve parar e se perguntar: Isso se aplica a mim?

Até mesmo esse simples pedido pareceu surpreender minha tia — tamanha é a influência pagã do mundo.

— Farei o que posso para lhe agradar, Drusilla — disse ela, com um ar de surpresa ao mesmo tempo instrutivo e terrível de se ver. Não havia um instante a perder. O relógio acima da lareira informava-me que eu tinha tempo o bastante para correr até minha casa, para me armar com uma primeira leva de leituras selecionadas (digamos, uma dúzia somente) e voltar a tempo de encontrar o advogado e testemunhar no testamento de Lady Verinder. Prometendo estar de volta às cinco horas, deixei a casa e parti em minha missão de misericórdia.

Quando meus interesses são os únicos envolvidos, fico humildemente satisfeita em ir de um lugar a outro de ônibus. Permitam-me dar-lhes uma ideia de minha devoção aos interesses de minha tia ao anotar que, naquela ocasião, cometi a prodigalidade de tomar um táxi.

Fui até minha casa, selecionei e marquei minha primeira leva de leituras, e voltei a Montagu Square com uma dúzia de obras em uma sacola que, acredito piamente, não encontrarão equivalentes na literatura de nenhum outro país da Europa. Paguei ao taxista exatamente o preço da corrida. Ele o recebeu com uma blasfêmia, diante da qual lhe dei imediatamente um panfleto. Se eu houvesse apontado uma pistola para sua cabeça, esse perdido miserável não teria se mostrado mais consternado. Pulou para dentro de seu carro e, com exclamações profanas de descontentamento, partiu furiosamente. Inútil, fico feliz em dizer! Semei o bem, a despeito de sua atitude, lançando outro panfleto pela janela do táxi.

O criado que atendeu à porta — não a pessoa com os laços e fitas, para meu grande alívio, mas sim o laçao — informou-me que o doutor havia chegado e ainda estava trancado com Lady Verinder. O Sr. Bruff, o advogado, havia chegado há um

minuto e estava esperando na biblioteca. Fui conduzida à biblioteca para esperar também.

O Sr. Bruff pareceu surpreso em me ver. Ele é o advogado da família, e nos havíamos encontrado mais de uma vez, em outras ocasiões, sob o teto de Lady Verinder. Um homem, lamento dizer, envelhecido e grisalho depois de anos a serviço do mundo. Um homem que, em seu horário de trabalho, era o profeta escolhido da Lei e de Mamon; e que, em suas horas de lazer, era igualmente capaz de ler um romance e de rasgar um panfleto.

— Veio se hospedar aqui, Srta. Clack? — perguntou ele, lançando um olhar para minha sacola.

Revelar o conteúdo de minha preciosa sacola para uma pessoa assim seria abrir caminho para um acesso de blasfêmia. Desci a seu nível e fiz menção a minha tarefa na casa.

— Minha tia informou-me que está prestes a assinar seu testamento — respondi. — Foi gentil o bastante para me pedir que fosse uma de suas testemunhas.

— Foi? Foi? Bem, Srta. Clack, a senhorita vai servir. Tem mais de vinte e um anos e não tem o menor interesse pecuniário pelo testamento de Lady Verinder.

O menor interesse pecuniário pelo testamento de Lady Verinder. Ah, como me senti agradecida ao ouvir isso! Se minha tia, mulher de muitas posses, houvesse se lembrado de minha pobre pessoa, para quem cinco libras é dinheiro — se meu nome houvesse aparecido no testamento, com um pequeno e reconfortante legado atrelado a ele —, meus inimigos teriam duvidado da razão pela qual eu havia trazido os tesouros mais preciosos de minha biblioteca e recorrido a minhas finanças capengas para pagar a pródiga despesa de um táxi. Nem o mais cruel dos zombadores poderia duvidar agora. Muito melhor assim! Ah, sem dúvida, sem dúvida, muito melhor assim!

Fui despertada dessas reflexões consoladoras pela voz do Sr. Bruff.

— Bem, Srta. Clack, qual a última novidade dos círculos de caridade? Como está o seu amigo, Sr. Godfrey Ablewhite, depois da agressão que sofreu por parte dos malfeitores em Northumberland Street? Por Deus! Conta-se uma bela história sobre o caridoso cavalheiro em meu clube!

Eu havia ignorado a maneira como essa pessoa havia observado que eu tinha mais de 21 anos, e que eu não tinha interesse pecuniário pelo testamento de minha tia. Mas o tom com o qual aludiu ao querido Sr. Godfrey foi demais para minha paciência. Sentindo-me inclinada, depois do que havia se passado naquela tarde em minha presença, a garantir a inocência de meu admirável amigo quando esta fosse posta em dúvida, confesso igualmente ter-me sentido inclinada a incluir na realização desse nobre objetivo um severo castigo, no caso do Sr. Bruff.

— Vivo bastante afastada do mundo, senhor — disse eu e não possuo a vantagem de pertencer a um clube. Mas por acaso conheço a história à qual o senhor faz alusão, e sei também que jamais se contou uma falsidade mais vil do que essa história.

— Sim, sim, Srta. Clack, a senhorita acredita em seu amigo. Muito natural. O Sr. Godfrey Ablewhite descobrirá que o mundo não é tão fácil de convencer quanto um comitê de senhoras caridosas. As aparências o prejudicam muito. Ele estava na casa quando o Diamante foi perdido. E depois disso foi a primeira pessoa da casa a voltar para Londres. São circunstâncias feias, minha senhora, à luz dos últimos acontecimentos.

Sei que eu deveria tê-lo interrompido antes que prosseguisse. Deveria ter lhe dito que falava ignorando um testemunho da inocência do Sr. Godfrey vindo da única pessoa indiscutivelmente capacitada para falar com um conhecimento

sólido do assunto. Ai de mim! A tentação de conduzir o advogado astutamente até sua derrota foi demais para mim. Perguntei o que ele queria dizer com últimos acontecimentos com um ar de inocência absoluta.

— Com últimos acontecimentos, Srta. Clack, refiro-me aos acontecimentos nos quais os indianos estão envolvidos — prosseguiu o Sr. Bruff, com um ar cada vez mais superior à medida que avançava. — O que fazem os indianos, no instante em que os deixam sair da prisão em Frizinghall? Vão direto para Londres e concentram-se no Sr. Luker. O que vem em seguida? O Sr. Luker fica apreensivo com a segurança de um objeto de grande valor que tem em casa. Em segredo, ele o guarda no cofre-forte de seu banqueiro (sob uma descrição genérica), Que esperteza de sua parte; mas os indianos, por sua vez, são tão espertos quanto ele. Eles suspeitam de que o objeto de grande valor está sendo transportado de um lugar para outro e descobrem um jeito particularmente ousado e eficaz de confirmar essas suspeitas. Quem prendem e revistam? Não apenas o Sr. Luker, o que seria bastante compreensível, mas também o Sr. Godfrey Ablewhite. Por quê? A explicação do Sr. Ablewhite é que eles agiram unicamente movidos pela suspeita depois de tê-lo visto falando acidentalmente com o Sr. Luker. Absurdo! Meia dúzia de outras pessoas falaram com o Sr. Luker naquela manhã. Por que elas também não foram seguidas até suas casas e levadas até a emboscada? Não! Não! A conclusão óbvia é que o Sr. Godfrey Ablewhite, assim como o Sr. Luker, tinha um interesse particular no objeto de valor, e que os indianos não sabiam qual dos dois estava de posse do objeto, não havendo portanto alternativa a não ser revistar os dois homens. A opinião pública diz isso, Srta. Clack. E, nesse caso, a opinião pública não pode ser refutada com facilidade.

Ele disse essas últimas palavras aparentando tamanha convicção, envolto que estava em sua pretensão mundana, que eu realmente (para minha vergonha) não pude resistir a

conduzi-lo um pouco mais além, antes de esmagá-lo com a verdade.

— Não tenho a intenção de discutir com um advogado astuto como o senhor — disse eu. — Mas seria justo para com o Sr. Ablewhite, senhor, passar por cima da opinião do famoso policial londrino que investigou esse caso? Na mente do Sargento Cuff, nem sombra de suspeita permanecia sobre quem quer que fosse a não ser a Srta. Verinder.

— Srta. Clack, a senhorita está tentando me dizer que concorda com o Sargento?

— Não julgo ninguém, senhor, e não emito opiniões.

— E eu cometo essas duas enormidades, minha senhora. Eu julgo que o Sargento estava redondamente enganado, e emito a opinião de que, se ele conhecesse o caráter de Rachel como eu o conheço, teria suspeitado de todos na casa com exceção dela. Admito que tem os seus defeitos: é introvertida, teimosa, estranha e selvagem, diferente de outras garotas de sua idade. Mas é genuína como o aço, e irreprensivelmente honrada e generosa. Se a prova mais óbvia do mundo apontasse em uma direção, e nada a não ser a palavra de honra de Rachel apontasse na outra, eu tomaria antes a sua palavra do que a prova, mesmo sendo advogado! São palavras fortes, Srta. Clack, mas é assim que penso.

— O senhor teria alguma objeção em ilustrar seu propósito, Sr. Bruff, para que eu esteja certa de compreendê-lo? Suponhamos que a Srta. Verinder se tivesse mostrado estranhamente interessada no que aconteceu com o Sr. Ablewhite e com o Sr. Luker? Suponhamos que ela houvesse feito as mais estranhas perguntas sobre esse lamentável escândalo, e dado mostras de uma agitação incontrollável ao descobrir a direção à qual as respostas a estavam conduzindo?

— Suponha o que quiser, Srta. Clack, isso não abalaria de modo algum minha confiança em Rachel Verinder.

— Ela é digna de uma confiança tão absoluta assim?

— É digna de uma confiança absoluta assim.

— Então me permita informá-lo, Sr. Bruff, que o Sr. Godfrey Ablewhite esteve nesta casa há menos de duas horas, e que sua completa inocência de qualquer envolvimento com o desaparecimento da Pedra da Lua foi proclamada pela própria Srta. Verinder, na linguagem mais forte que jamais vi uma jovem usar em toda a minha vida.

Saboreei o triunfo — o triunfo ímpio, temo dever admitir — de ver o Sr. Bruff completamente confuso e estarecido diante de algumas palavras minhas. Ele ficou de pé e olhou para mim em silêncio. Mantive-me sentada, sem me perturbar, e relatei toda a cena conforme havia ocorrido.

— O que o senhor diz sobre o Sr. Ablewhite agora? — perguntei, com a maior gentileza possível, tão logo havia terminado.

— Se Rachel garantiu sua inocência, Srta. Clack, não hesito em dizer que acredito em sua inocência tão firmemente quanto a senhorita. Fui confundido pelas aparências, assim como o resto do mundo, e farei a melhor reparação que puder, contradizendo o escândalo que vem atacando seu amigo onde quer que o encontre. Enquanto isso, permita-me felicitá-la pela maneira magistral com a qual a senhorita lançou mão de suas armas contra mim no momento em que eu menos esperava. Teria feito maravilhas em minha profissão, madame, se fosse homem.

Com essas palavras, deu as costas para mim e começou a andar com irritação de um lado para o outro do aposento.

Eu podia ver claramente que a nova luz que havia lançado sobre o assunto muito o havia surpreendido e perturbado. Algumas expressões saíam de sua boca à medida que ficava cada vez mais absorto em seus próprios pensamentos, o que sugeriu a meu espírito a abominável visão que ele havia decidido adotar, a partir dali, a respeito da perda da Pedra da

Lua. Não havia hesitado em suspeitar que nosso querido Sr. Godfrey havia cometido a infâmia de roubar o Diamante, e em atribuir a conduta de Rachel a uma generosa decisão de encobrir o crime. Segundo a autoridade da própria Srta. Verinder — uma autoridade inteiramente inquestionável aos olhos do Sr. Bruff, como os senhores já sabem —, ficava agora provado que essa explicação para o acontecido estava inteiramente errada. A perplexidade na qual eu havia mergulhado sua autoridade legal era tão avassaladora que ele era incapaz de escondê-la.

— Que caso! — ouvi-o dizer para si mesmo, parando junto à janela e martelando a vidraça com os dedos. — Não apenas é impossível de ser explicado, mas também não admite conjecturas.

Nada havia nestas palavras que tornasse necessária qualquer resposta de minha parte — e, ainda assim, eu as respondi! Mal parece verossímil que eu não tivesse sido capaz de deixar o Sr. Bruff em paz, mesmo naquele momento. Parece quase além de uma mera perversão mortal o fato de eu ter descoberto, no que ele havia acabado de dizer, uma nova oportunidade de lhe ser pessoalmente desagradável. Mas — ah, meus amigos! Nada é impossível para a perversidade dos mortais, e qualquer coisa torna-se verossímil quando somos dominados por nossa natureza corrompida!

— Perdoe-me por me intrometer em suas reflexões — disse eu ao inocente Sr. Bruff. — Mas, com certeza, resta uma conjectura a ser feita que ainda não veio à mente de nenhum de nós dois.

— Talvez, Srta. Clack. Confesso não saber qual é.

— Antes que eu tivesse tido a felicidade de convencê-lo da inocência do Sr. Ablewhite, o senhor mencionou, como uma das razões para suspeitar dele, o fato de ele ter estado na casa na ocasião em que o Diamante foi perdido. Permita-me

lembrar-lhe que o Sr. Franklin Blake também estava na casa na ocasião em que o Diamante foi perdido.

O velho mundano deixou a janela, sentou-se em uma cadeira exatamente na minha frente e me olhou bem nos olhos, com um sorriso duro e cruel.

— A senhorita não é uma advogada tão boa quanto eu havia suposto, Srta. Clack — observou ele de maneira meditativa. — Não sabe quando parar.

— Temo não estar entendendo o que o senhor quer dizer, Sr. Bruff — disse eu com modéstia.

— Não vai funcionar, Srta. Clack, realmente não vai funcionar uma segunda vez. Franklin Blake é um grande amigo meu, como a senhorita bem sabe, Mas isso não importa. Vou adotar o seu ponto de vista, desta vez, antes que a senhorita tenha tempo de me pregar uma peça. Tem toda razão, minha senhora. Suspeitei do Sr. Ablewhite por razões que, de maneira abstrata, permitiam igualmente que eu suspeitasse do Sr. Blake. Muito bem: vamos suspeitar dos dois juntos. É bem do seu caráter, vamos dizer, ser capaz de roubar a Pedra da Lua. A única pergunta é: se é do seu interesse fazê-lo.

— As dívidas do Sr. Franklin Blake são um assunto notório na família — observei.

— E as dívidas do Sr. Godfrey Ablewhite ainda não chegaram a esse estágio de desenvolvimento. É verdade. Mas acontece, Srta. Clack, que existem duas dificuldades no caminho de sua teoria. Eu cuido dos negócios de Franklin Blake, e me permito informa-la de que a grande maioria de seus credores (sabendo que seu pai é um homem rico) se contentam em cobrar os juros relativos a suas dívidas e em esperar por seu dinheiro. Eis a primeira dificuldade, que é sólida o bastante, A senhorita verá que a segunda é ainda mais sólida. Eu soube, pela própria Lady Verinder, que sua filha estava disposta a se casar com Franklin Blake antes que aquele Diamante indiano infernal desaparecesse da casa. Ela o havia

atraído e repellido com o coquetismo típico das jovens. Mas havia confessado a sua mãe que amava o primo Franklin, e sua mãe havia contado o segredo ao primo Franklin. Ali estava ele, portanto, Srta. Clack, com seus credores satisfeitos em esperar, e com a certeza de se casar com uma herdeira. A senhorita pode perfeitamente considerá-lo um patife, mas diga-me, por gentileza, por que ele roubaria a Pedra da Lua?

— O coração humano é insondável — disse eu suavemente. — Quem poderia prevê-lo?

— Em outras palavras, minha senhora, embora não tivesse nem sombra de motivo para roubar o Diamante, ele poderia, apesar de tudo, tê-lo feito por ser naturalmente depravado... Muito bem. Digamos que o fez. Por que diabos...

— Peço-lhe desculpas, Sr. Bruff, mas se o senhor se referir ao diabo dessa maneira, deverei deixar o aposento.

— Peço-lhe desculpas, Srta. Clack; no futuro terei mais cuidado com meu linguajar. Tudo o que eu queria perguntar era isso: por que, mesmo supondo que ele roubou o Diamante, Franklin Blake se mostraria a pessoa na casa mais esforçada em recuperá-lo? A senhorita poderia me dizer que ele fez isso de maneira a desviar astutamente a atenção de si mesmo. Respondo que ele não tinha necessidade de desviar a atenção, porque ninguém suspeitava de sua pessoa. Primeiro ele rouba a Pedra da Lua (sem a menor razão) por ser naturalmente depravado; depois desempenha um papel relacionado à perda da joia que absolutamente não precisa desempenhar, e que o leva a ofender mortalmente a jovem que, de outro modo, teria se casado com ele. É essa hipótese absurda que a senhorita será levada a aceitar caso tente associar o desaparecimento da Pedra da Lua com Franklin Blake. Não, não, Srta. Clack! Depois do que aconteceu aqui hoje entre nós dois, o impasse, neste caso, está completo. A inocência de Rachel (como sua mãe sabe, e como eu sei) está acima de dúvida. A inocência do Sr. Ablewhite está igualmente comprovada — ou Rachel jamais

teria testemunhado quanto a sua veracidade. E a inocência de Franklin Blake, como a senhorita acaba de ver, se afirma de maneira inquestionável. Por um lado estamos moralmente certos de todas essas coisas. E, por outro lado, estamos igualmente certos de que alguém trouxe a Pedra da Lua para Londres, e de que o Sr. Luker, ou seu banqueiro, está de posse dela neste momento. De que serve minha experiência, de que serve a experiência de qualquer pessoa num caso como este? Ele me desconcerta; ele desconcerta a senhorita; ele desconcerta a todos.

Não, — não a todos. Não havia desconcertado o Sargento Cuff. Eu estava prestes a mencionar isso, com a maior gentileza possível, e com todos os protestos necessários, caso fosse acusada de macular a imagem de Rachel, quando o criado entrou para dizer que o doutor havia partido e que minha tia estava à nossa espera.

Isso interrompeu a discussão. O Sr. Bruff recolheu seus papéis, aparentando certa exaustão devido aos esforços que nossa conversa lhe havia exigido. Eu peguei minha sacola cheia de publicações preciosas, sentindo que poderia ter continuado falando por horas. Seguimos em silêncio para o quarto de Lady Verinder.

Permitam-me acrescentar aqui, antes que minha narrativa prossiga para outros eventos, que não descrevi o que se passou entre mim e o advogado sem um objetivo claro em mente. Ordenaram-me que incluísse em minha contribuição para a chocante história da Pedra da Lua uma exposição clara dos acontecimentos, não apenas da direção para a qual as suspeitas apontavam, mas inclusive dos nomes das pessoas de quem se suspeitava, enquanto acreditava-se que o Diamante indiano estava em Londres. O relato de minha conversa com o Sr. Bruff na biblioteca me pareceu ser exatamente adequado para esse propósito — enquanto, ao mesmo tempo, possuía a grande vantagem moral de constituir um sacrifício de

autoestima da minha parte absolutamente necessário. Fui obrigada a admitir ter sido vencida por minha natureza. Ao fazer essa confissão humilhante, eu venço minha natureza corrompida. O equilíbrio moral é restabelecido; a atmosfera espiritual está mais uma vez límpida. Queridos amigos, podemos continuar.

CAPÍTULO 4

A assinatura do testamento durou muito menos tempo do que eu havia previsto. Foi levada a cabo, do meu ponto de vista, com uma pressa indecente. Samuel, o laçao, foi chamado para servir de segunda testemunha — e a pena foi mais uma vez colocada na mão de minha tia. Senti-me fortemente inclinada a dizer algumas palavras apropriadas nessa ocasião solene. Mas as maneiras do Sr. Bruff me convenceram de que era melhor que eu refreasse esse impulso enquanto ele estivesse no quarto. Em menos de dois minutos estava tudo terminado, e Samuel (sem ter se beneficiado do que eu poderia ter dito) havia descido novamente.

O Sr. Bruff dobrou o testamento e então olhou para mim; parecia perguntar-se se eu não pretendia deixá-lo a sós com minha tia. Eu tinha minha missão de misericórdia a cumprir, e minha sacola de publicações preciosas estava pronta em meu colo. Tentar mover a mim era como se ele tivesse tentado mover a catedral de St. Paul com o olhar. Havia um mérito nele (devido sem dúvida a seu treinamento nas coisas do mundo) que não desejo negar. Ele rápido percebia as coisas. Parecia que eu produzia nele quase o mesmo efeito que havia produzido no motorista de táxi. Ele também murmurou uma expressão blasfema, retirou-se numa pressa incrível e deixou-me no comando.

Tão logo estávamos sozinhas, minha tia se reclinou no sofá e então, aparentando certa confusão, fez alusão ao assunto de seu testamento.

— Espero que você não se sinta abandonada, Drusilla — disse ela. — Pretendo lhe dar o seu pequeno legado, minha cara, com minhas próprias mãos.

Ali estava uma oportunidade de ouro! Agarrei-a no ato. Em outras palavras, abri minha sacola imediatamente e tirei a

publicação que estava por cima. Esta era uma edição antiga — apenas a vigésima quinta — do famoso trabalho anônimo (que acreditava-se ser de autoria da valorosa Srta. Bellows) intitulado *A serpente em casa*. O propósito do livro — que o leitor mundano pode não conhecer — é mostrar como o Malvado está à nossa espera em todas as mais inocentes ações de nossa vida quotidiana. Os capítulos mais adaptados para a leitura feminina são Satã na escova de cabelos; Satã por trás do espelho; Satã debaixo da mesa de chá; Satã do lado de fora da janela — e muitos outros.

— Querida tia, dedique sua atenção a esse precioso livro e estará me dando tudo o que peço.

Com essas palavras, estendi-lhe o livro aberto em um trecho marcado — uma explosão contínua de ardente eloquência! Assunto: Satã entre as almofadas do sofá.

— Drusilla — disse ela —, eu temo que eu deva esperar até estar um pouco melhor, antes de poder ler isso. O doutor...

No instante em que ela mencionou o nome do médico, eu soube o que estava por vir. Muitas e muitas vezes em minha experiência pregressa entre meus irmãos em necessidade, os membros da notoriamente ímpia profissão da Medicina haviam se colocado entre mim e minha missão de misericórdia — sob o mísero pretexto de que o paciente precisava de repouso, e que a perturbadora influência que eles mais temiam, dentre todas as outras, era a influência da Srta. Clack e de seus Livros. Era precisamente o mesmo materialismo cego (sorratamente obrando às minhas costas) que tentava agora me roubar o único direito de propriedade que minha pobreza podia exigir — o direito de propriedade espiritual sobre minha tia à beira da morte.

— O doutor me disse — continuou minha pobre parenta desencaminhada — que hoje não estou muito bem. Proibiu-me de receber a visita de estranhos, e me ordenou que, se lesse, lesse apenas os livros mais leves e divertidos possíveis. Não

faça nada, Lady Verinder, que preocupe sua mente ou que acelere seu pulso — foram suas últimas palavras hoje, Drusilla, antes de me deixar.

Não havia outra saída a não ser ceder novamente — por ora apenas, como antes. Qualquer afirmação aberta da superior importância de um sacerdócio como o meu, comparado com o sacerdócio do doutor, teria apenas provocado o doutor e o levado a exercer seu poder sobre a fraqueza humana de sua paciente, e a ameaçar desistir do caso. Felizmente, há mais de uma maneira de se semear o bem, e poucas pessoas são melhor versadas nessas maneiras do que eu.

— A senhora talvez se sinta mais forte dentro de uma ou duas horas, querida — disse eu. — Ou pode acordar amanhã de manhã com uma sensação de necessidade, e até mesmo este despretensioso volume poderá ser capaz de supri-la. A senhora permite que deixe o livro aqui, tia? O doutor não pode se opor a isso!

Deslizei o livro para baixo das almofadas do sofá, meio embaixo, meio para fora, perto de seu lenço e de seu vidro de sais. A cada vez que sua mão buscasse algum desses dois objetos, tocaria no livro e, mais cedo ou mais tarde (quem pode saber?), o livro poderia por sua vez tocá-la. Depois de tomar essa providência, julguei apropriado me retirar.

— Vou deixá-la repousar, querida tia; virei de novo amanhã.

Enquanto dizia isso, olhei acidentalmente em direção à janela. Estava cheia de flores, em caixas e vasos. Lady Verinder gostava muitíssimo desses tesouros efêmeros, e tinha como hábito levantar-se de quando em quando para ir olhá-los e sentir seu perfume. Uma nova ideia atravessou minha mente,

— Ah! Posso levar uma flor? — disse eu, e dessa maneira fui até a janela inocentemente. Em vez de pegar uma flor,

acrescentei uma sob a forma de outro livro tirado de minha sacola, que ali deixei de modo que surpreendesse minha tia entre os gerânios e as rosas. Seguiu-se a feliz ideia: Por que não fazer o mesmo em todos os outros aposentos que ela frequenta, pobrezinha? Imediatamente me despedi e, ao atravessar o vestíbulo, esgueirei-me para dentro da biblioteca. Samuel, que subia as escadas para conduzir-me até a porta, e supondo que eu já tivesse partido, tornou a descer as escadas. Na mesa da biblioteca reparei que havia dois dos livros divertidos que o ímpio doutor havia recomendado. Cobri-os imediatamente com a ajuda de minhas preciosas publicações. Na saleta de café da manhã, encontrei o canário favorito de minha tia cantando em sua gaiola. Ela tinha por hábito sempre alimentar o passarinho pessoalmente. Na mesa que ficava embaixo da gaiola havia um pouco de alpiste espalhado. Coloquei um livro em meio ao alpiste. Na sala de estar encontrei melhores oportunidades para esvaziar minha sacola. As partituras favoritas de minha tia estavam sobre o piano. Misturei mais dois livros à música. Na sala de estar dos fundos deixei ainda outro, embaixo de uns bordados pela metade que eu sabia pertencerem a Lady Verinder. Da sala de estar dos fundos podia-se chegar a um terceiro pequeno aposento, separado por cortinas em vez de uma porta. Em cima da lareira estava o leque antiquado e simples de minha tia. Abri meu nono livro em um trecho muito especial e dentro dele coloquei o leque para marcar a página. Então me veio à mente a dúvida quanto a ousar ainda mais e subir até o andar dos quartos — sem dúvida correndo o risco de ser insultada se por acaso a pessoa dos laços e fitas estivesse nas regiões superiores da casa e me surpreendesse. Mas, ah, que importância tinha isso? Pobre é o cristão que teme ser insultado. Subi as escadas, preparada para suportar qualquer coisa. Tudo estava silencioso e solitário — era a hora do chá dos criados, suponho. O quarto de dormir de minha tia estava logo em frente. O retrato de meu querido falecido tio, Sir

John, estava pendurado na parede em frente à cama. Ele parecia sorrir para mim, parecia dizer: Drusilla! Coloque um livro. Havia mesas de cada lado da cama de minha tia. Ela dormia mal e precisava, ou pensava que precisava, de muitas coisas à noite. Coloquei um livro perto dos fósforos em uma das mesas, e mais um livro debaixo da caixa de chocolates na outra. Quer ela quisesse luz, quer quisesse um chocolate, havia uma preciosa publicação diante de seus olhos, ou ao alcance de sua mão, que lhe diria com silenciosa eloquência: Venha, experimente-me! Experimente-me! Agora sobrava apenas um livro no fundo de minha sacola, e sobrava apenas um aposento — o banheiro, que dava para o quarto de dormir. Espiei para dentro, e a sagrada voz interior, que nunca falha, murmurou em meu ouvido: Drusilla, você a seguiu por toda parte; siga-a no banho, e o trabalho está feito. Vi um penhoar jogado em uma cadeira. Tinha um bolso, e neste coloquei meu último livro. Seriam palavras capazes de expressar a indescritível sensação de dever cumprido quando, havendo saído da casa, sem ser vista por ninguém, vi-me na rua com minha sacola vazia debaixo do braço? Ah, meus amigos mundanos, que perseguem o fantasma do Prazer por entre a bruma pecaminosa da Dissipação, como é fácil ser feliz, se apenas se for bom!

Quando dobrei minhas roupas naquela noite — quando pensei sobre as verdadeiras riquezas que havia espalhado com tanta generosidade de cima a baixo na casa de minha tia rica —, declaro que me senti tão livre de ansiedade quanto se houvesse voltado a ser uma criança. Meu coração estava tão leve que cantei um verso do Hino noturno. Meu coração estava tão leve que adormeci antes de poder cantar outro. Como uma criança novamente! Como uma criança novamente!

Assim passei aquela bem-aventurada noite. Ao me levantar, na manhã seguinte, como me senti jovem! Como parecia jovem, eu poderia acrescentar, se fosse capaz de

alongar-me sobre preocupações com meu corpo perecível. Mas não sou capaz disso — e nada acrescento.

Por volta da hora do almoço — não por causa de confortos terrenos, mas sim por ter a certeza de encontrar minha tia em casa — coloquei meu toucado para ir a Montagu Square. Quando já estava pronta, a criada da pensão onde eu então vivia apareceu na porta e disse:

— Um criado de Lady Verinder, para ver a Srta. Clack.

Eu ocupava o andar térreo da casa naquele período de minha residência em Londres. A sala da frente era minha sala de estar. Muito pequena, de pé-direito muito baixo, pobremente mobiliada — mas, ah, tão limpinha! Olhei para o corredor para ver qual dos criados de Lady Verinder havia me chamado. Era o jovem lacaio, Samuel — pessoa cortês de tez rosada, com um ar de quem poderia ser ensinado e maneiras muito educadas. Sempre senti um interesse espiritual por Samuel, e o desejo de tentar lhe dizer algumas palavras sérias. Convidei-o a entrar em minha saleta.

Ele entrou com um grande embrulho debaixo do braço. Quando colocou o pacote no chão, parecia que o embrulho o assustava.

— Recomendações de minha senhora, senhorita; fui incumbido de lhe dizer que encontrará uma carta dentro.

Depois de ter dado esse recado, o jovem lacaio de tez rosada me surpreendeu ao exhibir uma expressão de quem teria desejado sair correndo.

Detive-o para fazer algumas perguntas gentis. Eu poderia ver minha tia, se fosse até Montagu Square? Não; ela havia saído para um passeio. A Srta. Rachel havia ido com ela, e o Sr. Ablewhite também havia ocupado um lugar no coche. Sabendo o quanto o trabalho de caridade do querido Sr. Godfrey estava atrasado, achei estranho que ele saísse para um passeio, como um ocioso. Detive Samuel junto à porta e fiz-lhe mais algumas perguntas. A Srta. Rachel ia ao baile

naquela noite, e o Sr. Ablewhite havia combinado de vir tomar o café depois da ceia e acompanhá-la. Um concerto matutino havia sido anunciado para o dia seguinte, e Samuel havia recebido ordens para reservar lugares para um grande grupo, incluindo um lugar para o Sr. Ablewhite.

— Todas as entradas podem ter sido vendidas, senhorita — disse o jovem inocente se eu não correr e comprá-las imediatamente!

Ao dizer essas palavras, saiu correndo, e vi-me novamente sozinha, com a mente ocupada por alguns pensamentos ansiosos.

Tínhamos uma reunião especial da Pequena Sociedade das Mães para o Aproveitamento das Roupas naquela noite, convocada expressamente para obter o conselho e a ajuda do Sr. Godfrey. Em vez de apoiar nossa confraria, soterrada por uma avalanche assustadora de calças que perturbava nossa pequena comunidade, ele havia combinado de ir tomar café em Montagu Square e de ir ao baile depois! A tarde do dia seguinte havia sido escolhida para o Festival da Sociedade de Supervisão Dominical de Namorados das Servas Britânicas de Deus. Em vez de estar presente, aquele que era a vida e a alma daquela batalhadora Instituição havia se comprometido a fazer parte de um grupo de 3 em um concerto matutino! Perguntei a mim mesma: o que isso significa? Ai de mim! Significava que nosso Herói Cristão iria me revelar uma nova faceta de seu caráter, e ficaria associado em minha mente a uma das recaídas mais terríveis dos tempos modernos.

Voltemos, no entanto, aos eventos daquele dia. Ao ver-me sozinha no quarto, naturalmente voltei minha atenção para o pacote que parecia ter tão estranhamente intimidado o jovem laçao de tez rosada. Será que minha tia havia me enviado o legado prometido? E teria ele tomado a forma de roupas descartadas, ou colheres de prata usadas, ou joias fora de moda, ou qualquer coisa desse tipo? Preparada a tudo aceitar,

e a não me ofender com nada, abri o embrulho — e o que encontrei? As doze preciosas publicações que eu havia espalhado pela casa no dia anterior, todas devolvidas segundo ordens do médico! Não era de espantar que o jovem Samuel estivesse amedrontado ao trazer o embrulho para dentro do meu quarto! Não era de espantar que tivesse corrido uma vez cumprida essa tarefa miserável! Quanto à carta de minha tia, dizia simplesmente o seguinte, pobrezinha: que ela não ousava desobedecer seu médico.

O que deveria ser feito agora? Com meu treinamento e meus princípios, não tive sequer um instante de hesitação.

Uma vez amparado por sua consciência, uma vez que haja abraçado uma profissão de óbvia utilidade, o verdadeiro cristão não cede jamais. Influências públicas ou particulares não surtem o menor efeito sobre nós uma vez que temos em mente nossa missão. Impostos podem ser consequência de uma missão; revoltas podem ser consequência de uma missão; guerras podem ser consequência de uma missão: nós continuamos com nosso trabalho, a despeito de qualquer consideração humana que mova o mundo à nossa volta. Estamos acima da razão; estamos além do ridículo; não vemos com os olhos de ninguém, não sentimos com o coração de ninguém a não ser com os nossos. Que privilégio glorioso! E como se obtém esse privilégio? Ah, meus amigos, podem se poupar dessa dúvida inútil! Somos os únicos a poder obtê-lo — pois somos as únicas pessoas que estão sempre certas.

No caso de minha desencaminhada tia, a forma que a perseverança devota iria assumir em seguida ficou bastante clara para mim.

Não havia sido possível uma preparação por amigos padres, devido à relutância da própria Lady Verinder. Não havia sido possível uma preparação através dos livros, devido à ímpia obstinação do médico. Pois bem! Qual era a próxima coisa a ser tentada? A próxima coisa a ser tentada era: uma

preparação através de pequenos bilhetes! Em outras palavras, já que os próprios livros haviam sido devolvidos, trechos selecionados destes livros, escritos com caligrafias diferentes e enviados a minha tia como cartas, alguns pelo correio, enquanto outros seriam distribuídos pela casa segundo o plano que eu havia adotado na véspera. Como cartas, não despertariam suspeitas; como cartas, seriam abertos e, uma vez abertos, poderiam ser lidos. Escrevi alguns deles pessoalmente. Querida tia, posso pedir sua atenção para algumas linhas? etc. Querida tia, na noite passada eu estava lendo, e esbarrei no seguinte trecho etc. Outras cartas foram escritas para mim por meus leais colegas da Pequena Sociedade das Mães para o Aproveitamento das Roupas. Cara senhora, perdoe o interesse que lhe manifesta um verdadeiro, embora humilde, amigo. Cara senhora, poderia uma pessoa séria surpreendê-la dizendo-lhe algumas palavras de encorajamento? Com essas e outras formas de súplica cortês, tornamos a introduzir todos os meus preciosos trechos sob uma forma da qual nem sequer o materialismo vigilante do doutor poderia suspeitar. Antes que as sombras da noite se tivessem fechado à nossa volta, eu tinha em mãos uma dúzia de cartas conscientizadoras para minha tia, em vez de uma dúzia de livros conscientizadores. Tomei providências imediatas para enviar seis delas pelo correio, e guardei as outras seis em meu bolso para distribuí-las pessoalmente pela casa no dia seguinte.

Pouco depois das duas horas, lá estava eu novamente no campo de batalha espiritual, fazendo mais perguntas gentis a Samuel na porta da casa de Lady Verinder.

Minha tia havia tido um dia ruim. Encontrava-se novamente no aposento onde eu havia servido de testemunha ao seu testamento, descansando no sofá e tentando dormir um pouco.

Eu disse que iria esperar na biblioteca, caso ela pudesse me receber. No ardor de minha missão de distribuir as cartas, não me ocorreu perguntar onde estava Rachel. A casa estava silenciosa, e já havia passado da hora do espetáculo musical começar. Supus que ela e o grupo de pessoas ávidas por prazeres mundanos que a acompanhava (que infelizmente incluía o Sr. Godfrey) estavam assistindo ao concerto, e dediquei-me com afinco à minha boa ação, enquanto ainda dispunha de tempo e oportunidade.

A correspondência matutina de minha tia — incluindo as seis cartas conscientizadoras que eu havia mandado pelo correio — jazia fechada sobre a mesa da biblioteca. Ela aparentemente não havia se sentido capaz de abrir tamanha quantidade de cartas — e poderia sentir-se desanimada pelo grande número delas se entrasse na biblioteca mais tarde. Coloquei uma das cartas de meu segundo grupo de seis em cima da lareira, sozinha; deixei-a ali para atrair sua curiosidade por estar sozinha, isolada do resto. Coloquei uma segunda carta propositalmente no chão da saleta de café da manhã. O primeiro criado que entrasse depois de mim concluiria que minha tia a havia deixado cair, e tomaria um cuidado especial em devolvê-la. Havendo semeado o bem desse modo no andar térreo, corri silenciosamente escada acima para seguir espalhando minha misericórdia no chão da sala de estar.

Assim que entrei no primeiro aposento, ouvi duas batidas na porta da frente — batidas suaves, rápidas, certas. Antes que eu tivesse a ideia de me esgueirar de volta até a biblioteca (na qual eu estava supostamente aguardando), o ágil jovem lacaios estava no vestibulo, atendendo à porta. Não era nada importante, em minha opinião. Com o estado de saúde de minha tia, visitantes comuns não eram aceitos. Para meu horror e surpresa, o perpetrador da suave batida mostrou ser uma exceção a regras gerais. A voz de Samuel no andar de

baixo (aparentemente depois de responder a algumas perguntas que não ouvi) disse distintamente:

— No andar de cima, por favor, senhor.

No instante seguinte ouvi passos — passos de homem — aproximando-se do andar da sala de estar. Quem poderia ser esse visitante masculino privilegiado? Quase ao mesmo tempo em que eu me fazia essa pergunta, a resposta me ocorreu. Quem poderia ser senão o médico?

No caso de qualquer outro visitante, eu teria me permitido ser descoberta na sala de estar. Não haveria nada fora do comum no fato de eu ter me cansado da biblioteca, e ter subido as escadas para mudar de ares. Mas minha própria autoestima impediu-me de encontrar a pessoa que me havia insultado devolvendo-me meus livros, Esgueirei-me até o terceiro pequeno aposento, que conforme já disse comunicava-se com a sala de estar dos fundos, e abaixei as cortinas que separavam os dois cômodos. Se esperasse ali durante um ou dois minutos, viria o seguimento normal de tais circunstâncias. Em outras palavras, o médico seria levado ao quarto de sua paciente.

Aguardei um ou dois minutos, e mais do que um ou dois minutos. Ouvi o visitante andando com agitação de um lado para o outro. Ouvi-o também falando sozinho. Pensei até mesmo haver reconhecido a voz, Teria eu me enganado? Não seria o médico, mas sim outra pessoa? O Sr. Bruff, por exemplo? Não! Um instinto infalível me disse que não era o Sr. Bruff. Quem quer que fosse, ainda estava falando sozinho. Afastei as pesadas cortinas o mínimo possível, e escutei.

As palavras que ouvi foram:

— Hei de fazê-lo hoje!

E a voz que as pronunciou era a voz do Sr. Godfrey Ablewhite.

CAPÍTULO 5

Minha mão deixou cair a cortina. Mas não suponham — ah, não suponham — que o constrangimento terrível da minha situação fosse o que mais me preocupava! O interesse fraternal que senti pelo Sr. Godfrey ainda era tão forte, que sequer parei para me perguntar por que ele não estava no concerto. Não! Pensei apenas nas palavras — palavras chocantes — que acabavam de sair de sua boca. Ele havia de fazê-lo hoje. Ele havia dito, num tom de terrível resolução, que iria fazê-lo hoje. O que, ah, o que ele faria? Algo ainda mais deploravelmente indigno dele do que aquilo que já havia feito? Tornar-se-ia um apóstata? Abandonaria a Sociedade das Roupas? Será que havíamos visto seu sorriso angelical na sala de reuniões pela última vez? Será que havíamos escutado suas últimas tiradas de incomparável eloquência em Exeter Hall? Fiquei tão perturbada diante da simples ideia de tão terríveis possibilidades relacionadas a tal homem, que acredito que deveria ter saído correndo de meu esconderijo e implorado a ele, em nome do Comitê de Senhoras de Londres, que se explicasse — quando de repente ouvi outra voz no aposento. Ela penetrou através das cortinas: era alta, atrevida, desprovida de qualquer encanto feminino. A voz de Rachel Verinder!

— Por que você subiu até aqui, Godfrey? — perguntou ela.
— Por que não foi para a biblioteca?

Ele riu suavemente e respondeu:

— A Srta. Clack está na biblioteca.

— Clack na biblioteca! — ela sentou-se imediatamente no divã da sala de estar dos fundos. — Tem toda razão, Godfrey. Ficaremos muito melhor aqui.

Eu estava exaltadíssima há alguns instantes, e sem saber bem o que fazer em seguida. Ao ouvir aquilo, fiquei extremamente fria e não tive dúvida alguma. Revelar a minha

presença, depois do que eu havia acabado de ouvir, era impossível. Retirar-me — a não ser que fosse para dentro da chaminé — estava igualmente fora de cogitação. Eu estava face a um martírio. Para fazer alguma justiça a mim mesma, afastei as cortinas silenciosamente para ser capaz de ver e ouvir. E então encarei meu martírio, com o espírito de um cristão dos primeiros tempos.

— Não se sente no divã — continuou a jovem. — Traga uma cadeira, Godfrey. Gosto que as pessoas estejam de frente para mim quando falo com elas.

Ele sentou-se na cadeira mais próxima. Era uma cadeira baixa. Ele era muito alto e grande demais para ela. Nunca achei suas pernas tão desgraciosas.

— Então? — ela continuou. — O que você disse a eles?

— Exatamente o que você me disse, querida Rachel.

— Que mamãe não estava nada bem hoje? E que eu não queria deixá-la sozinha para ir ao concerto?

— Foram essas as palavras. Ficaram com pena de não tê-la junto com eles durante o concerto, mas entenderam. Todos mandaram lembranças e fizeram votos para que a indisposição de Lady Verinder passe logo.

— Você não acha que é nada sério, Godfrey, acha?

— Longe disso! Em poucos dias, tenho certeza, tudo estará bem novamente.

— Também penso assim. De início fiquei um pouco assustada, mas também penso assim. Foi muito gentil ir até lá e se desculpar com pessoas que são praticamente estranhas para você. Mas por que você não foi com eles ao concerto? Parece-me muito ruim que você também tenha perdido o espetáculo.

— Não diga isso, Rachel! Se você soubesse como estou mais feliz aqui, com você!

Ele juntou as mãos e olhou para ela. Na posição em que estava, virou-se em minha direção ao fazer isso. Palavras não são capazes de descrever minha náusea quando observei em seu rosto a mesma expressão patética que me havia seduzido quando ele havia defendido alguns milhões de semelhantes seus no tablado em Exeter Hall!

— É difícil superar nossos próprios maus hábitos, Godfrey. Mas por favor, tente superar o mau hábito de elogiar os outros. Por favor, para me agradar.

— Eu nunca lhe fiz um elogio, Rachel, em toda minha vida. O amor bem-sucedido pode algumas vezes usar a linguagem do elogio, eu admito. Mas o amor sem esperança, minha querida, fala sempre a verdade.

Ele aproximou sua cadeira e tomou a mão dela nas suas ao dizer as palavras amor sem esperança". Houve um silêncio momentâneo. Ele, que emocionava a todos, sem dúvida a havia emocionado. Pensei então ter entendido as palavras que ele havia pronunciado quando estava sozinho na sala de estar. Hei de fazê-lo hoje. Ai de mim! Até mesmo a mais rígida das descrições não poderia ter impedido a compreensão do que ele estava fazendo agora.

— Você se esquece do que combinamos, Godfrey, quando falou comigo no campo? Combinamos que seríamos primos, e nada mais.

— Toda vez que a vejo, Rachel, eu rompo o acordo.

— Então não me veja.

— É inútil! Eu quebro o acordo toda vez que penso em você. Ah, Rachel! Como você foi gentil quando me disse, outro dia mesmo, que eu nunca havia tido um lugar tão alto em sua estima! Terei eu razão em esperar o que espero dessas palavras? Serei louco por esperar que há de chegar o dia em que seu coração amolecerá em relação a mim? Se for assim, não me diga! Deixe-me com minhas ilusões, querida! Se nada

mais tenho, que tenha ao menos isso para alimentar e para me reconfortar.

Sua voz tremia, e ele levou seu lenço branco aos olhos. Exeter Hall novamente! Não faltava nada para completar a cena a não ser a plateia, os aplausos e o copo d'água.

Até mesmo a natureza empedernida dela ficou tocada. Eu a vi inclinar-se para um pouco mais perto dele. Ouvi um novo tom de interesse nas palavras que disse em seguida.

— Você tem certeza, Godfrey, de gostar tanto assim de mim?

— Certeza! Você sabe o que eu era, Rachel. Deixe-me contar-lhe o que sou agora. Perdi todo o interesse que tinha na vida, a não ser meu interesse por você. Ocorreu uma transformação comigo que eu próprio não posso explicar. Você acredita? Minhas atividades de caridade são para mim um aborrecimento insuportável, e hoje, quando vejo um Comitê de Senhoras, meu desejo é estar nos confins mais distantes da terra!

Se os anais da apostasia incluem alguma coisa que se compare a uma declaração como essa, posso apenas dizer que o caso em questão nunca fez parte das minhas leituras. Pensei na Sociedade das Roupas. Pensei na Supervisão Dominical de Namorados. Pensei nas outras sociedades, numerosas demais para serem citadas, todas apoiadas neste homem como em um pilar de sustentação. Pensei na corajosa junta de Mulheres que, por assim dizer, respirava através das narinas do Sr. Godfrey — do mesmo Sr. Godfrey que havia acabado de se referir ao nosso trabalho como um aborrecimento, e que havia acabado de declarar que gostaria de estar nos confins mais distantes da terra quando se encontrava em nossa companhia! Minhas jovens amigas haverão de se sentir encorajadas a perseverar, quando eu lhes disser que foi difícil até mesmo para a minha disciplina engolir minha legítima indignação em silêncio. Ao mesmo tempo, faço apenas justiça a mim mesma

ao acrescentar que não perdi uma sílaba sequer da conversa. Rachel falou em seguida.

— Você fez sua confissão — disse ela. — Pergunto-me se você ficaria curado de sua fixação infeliz por mim se eu fizesse a minha?

Ele teve um sobressalto. Confesso que também tive um. Ele pensou, e eu pensei, que ela estava prestes a revelar o mistério da Pedra da Lua.

— Olhando para mim, você pensaria — continuou ela — que sou a moça mais desgraçada que jamais viveu? É verdade, Godfrey. Que desgraça maior pode haver do que viver desprezada por si mesma? Essa é a minha vida agora.

— Minha querida Rachel! É impossível que você tenha alguma razão para falar de si mesma dessa maneira!

— Como você sabe que eu não tenho razão?

— E você é capaz de me fazer essa pergunta! Sei, porque conheço você. Seu silêncio, querida, nunca lhe fez perder a estima de seus verdadeiros amigos. O desaparecimento de seu precioso presente de aniversário pode parecer estranho; sua ligação inexplicada com esse evento pode parecer ainda mais estranha...

— Godfrey, você está falando na Pedra da Lua?

— Tinha certeza de que você estava se referindo...

— Eu não estava me referindo a nada desse tipo. Posso ouvir falar na perda da Pedra da Lua, por quem quiser falar nisso, sem me sentir degradada a meus próprios olhos. Se a história do Diamante um dia for esclarecida, as pessoas saberão que eu me envolvi nela para guardar um segredo infeliz, mas ficará claro como o sol do meio-dia que eu nada fiz de vil! Você me entendeu mal, Godfrey. É minha culpa, por não ter me expressado com clareza. Por mais que isso me custe, serei mais clara agora. Suponhamos que você não estivesse apaixonado por mim? Suponhamos que estivesse apaixonado por outra mulher?

— Sim?

— Suponhamos que você descobrisse que essa mulher é totalmente indigna de você? Suponhamos que você estivesse convencido de que seria uma desgraça se lhe dedicasse mais um pensamento que fosse? Suponhamos que a simples ideia de se casar com tal pessoa fizesse suas faces corarem, só com o pensamento?

— Sim?

— E suponhamos, apesar disso tudo, que você não conseguisse arrancá-la do seu coração? Suponhamos que o sentimento que ela despertou em você (no tempo em que acreditava nela) não pudesse ser escondido? Suponhamos que o amor que essa desgraçada despertou em você...? Ah, como posso encontrar palavras para dizer isso? Como posso fazer um homem entender que um sentimento que me torna horrível a meus próprios olhos pode ao mesmo tempo ser um sentimento que me fascina? É o ar que eu respiro, Godfrey, e o veneno que me mata: os dois num só! Vá embora! Eu devo estar louca para falar como estou falando agora. Não! Você não deve ir embora, não deve levar uma impressão errada. Devo dizer aquilo que é para ser dito em minha própria defesa. Preste atenção! Ele não sabe, ele jamais saberá o que eu contei a você. Nunca mais o verei, não importa o que acontecer, eu nunca, nunca, nunca mais o verei! Não me pergunte o nome dele! Não me pergunte mais nada! Vamos mudar de assunto. Você é um bom médico, Godfrey, para me dizer por que me sinto como se estivesse sufocando por falta de ar? Existe uma forma de histeria que explode em palavras em vez de lágrimas? Mas vou dizer uma coisa! O que importa? Você agora poderá superar com facilidade qualquer problema que eu tenha lhe causado. Desci para meu lugar certo em sua estima, não foi? Não preste atenção em mim! Não tenha pena de mim! Pelo amor de Deus, vá embora!

Ela virou-se de repente, e bateu com as mãos no encosto do divã de maneira descontrolada. Sua cabeça caiu sobre as almofadas, e ela pôs-se a chorar. Antes que eu tivesse tempo de ficar chocada com isso, fui tomada de horror diante de uma ação completamente inesperada da parte do Sr. Godfrey. Seria possível acreditar que ele caiu de joelhos a seus pés? — Os dois joelhos, declaro solenemente! A modéstia me permitiria dizer que ele em seguida envolveu-a em seus braços? E poderia a admiração relutante reconhecer que ele a eletrizou com duas palavras?

— Nobre criatura!

Nada mais do que isso! Mas o fez em um dos repentes que haviam feito sua fama de orador público. Ela permaneceu sentada, quer estupefata, quer fascinada — não sei qual dos dois —, sem sequer fazer um esforço para colocar os braços dele de volta no lugar onde deveriam estar. Quanto a mim, minha noção de decoro estava completamente atordoada. Eu sofria tanto com a dúvida sobre se minha primeira obrigação era fechar meus olhos ou tapar minhas orelhas, que não fiz nenhum dos dois. Atribuo minha capacidade de continuar segurando a cortina na posição certa para poder ver e ouvir inteiramente à histeria contida. Até mesmo os médicos admitem que, na histeria contida, é preciso segurar alguma coisa.

— Sim — disse ele, com toda a fascinação de sua voz e de seus modos angelicais você é uma nobre criatura! Uma mulher capaz de falar a verdade, pelo bem da própria verdade; uma mulher disposta a sacrificar seu orgulho, em lugar de sacrificar um homem honesto que a ama, é o mais precioso de todos os tesouros. Quando uma mulher assim se casa, se seu marido recebe apenas sua estima e consideração, recebe o bastante para enobrecer sua vida inteira. Querida, você falou em seu lugar na minha estima. Julgue qual é esse lugar quando lhe imploro, de joelhos, que me deixe cuidar da cura

de seu coração machucado. Rachel! Você me daria a honra, me daria a bênção de ser minha esposa?

Nesse ponto eu teria certamente me decidido a tapar meus ouvidos, se Rachel não me houvesse encorajado a mantê-los abertos, ao responder com as primeiras palavras sensatas que eu jamais havia visto sair de sua boca.

— Godfrey! — disse ela. — Você deve estar louco!

— Nunca falei com tanta lucidez, querida, para o seu bem, assim como para o meu. Olhe para o futuro por um momento. Deve sua felicidade ser sacrificada a um homem que nunca soube como você se sente em relação a ele, e que você decidiu não voltar a ver? Não é seu dever para consigo mesma esquecer essa ligação fadada ao fracasso? E o esquecimento pode ser encontrado na vida que você está levando agora? Você já tentou essa vida e já está se cansando dela. Cerque-se de interesses mais nobres do que os interesses mesquinhos do mundo. Um coração que a ame e que a honre; um lar cujos afazeres cheios de paz e as felizes tarefas a ocupem dia após dia... Tente, Rachel, o consolo que pode ser encontrado nessas coisas! Não lhe peço seu amor; contentar-me-ei com sua afeição e seu respeito. Deixe o resto, com toda confiança, a cargo da devoção de seu marido e do tempo que cura todas as feridas tão profundas quanto as suas.

Ela já começava a ceder. Ah, que criação ela devia ter tido! Ah, como eu, em seu lugar, teria me comportado de maneira diferente!

— Não me tente, Godfrey — disse ela. — Já sou má e imprudente o bastante. Não me tente a ser ainda mais má e imprudente.

— Uma pergunta, Rachel. Você tem alguma objeção pessoal a mim?

— Eu? Eu sempre gostei de você. Depois do que acaba de me dizer, eu seria realmente insensível se também não o respeitasse e admirasse.

— Você sabe, querida Rachel, quantas esposas respeitam e admiram seus maridos? E ainda assim elas e seus maridos se dão muito bem. Quantas noivas vão para o altar com corações que resistiriam à inspeção dos homens que as conduzem até lá? E ainda assim não são infelizes: de algum modo, a instituição do casamento perdura. A verdade é que as mulheres se casam com muito mais frequência em busca de um refúgio do que querem admitir; e, mais ainda, descobrem que o casamento justifica as esperanças que depositaram nele. Olhe mais uma vez para seu próprio caso. Na sua idade, e com os seus atrativos, seria possível que você se condenasse a uma vida de solteira? Acredite em minha experiência do mundo: nada é menos possível. É apenas uma questão de tempo. Você pode se casar com algum outro homem, daqui a alguns anos. Ou pode, minha querida, se casar com o homem que está agora a seus pés, e que valoriza seu respeito e admiração mais do que o amor de qualquer outra mulher na face da terra.

— Calma, Godfrey! Você está colocando em minha cabeça algo em que jamais pensei antes. Está me tentando com uma nova perspectiva, quando todas as minhas outras perspectivas estão fechadas. Mais uma vez lhe digo, estou infeliz e desesperada o bastante para me casar com você segundo suas próprias condições se você disser mais uma palavra. Aceite o aviso, e vá embora!

— Eu sequer me levantarei até que você tenha dito sim!

— Se eu disser sim, você vai se arrepender, e eu vou me arrepender, quando já for tarde demais!

— Nós dois, querida, abençoaremos o dia em que eu pressionei e você cedeu.

— Você se sente tão confiante quanto demonstram suas palavras?

— Você julgará por si mesma. Falo baseado no que vi em minha própria família. Diga-me o que acha de nosso lar em Frizinghall. Meu pai e minha mãe vivem infelizes juntos?

— Longe disso... Até onde posso ver.

— Rachel, quando minha mãe era menina (não é segredo na família), ela amou como você ama: ela tinha dado seu coração a um homem indigno dela. Quando se casou com meu pai, ela o respeitava, o admirava, mas nada além disso. Seus próprios olhos viram o resultado. Não haveria nisso nenhum encorajamento para você e para mim?²

— Você não vai me apressar, Godfrey?

— Meu tempo será todo seu.

— Não vai me pedir mais do que eu posso dar?

— Meu anjo! Pedirei apenas que me dê você mesma.

— Sou sua!

Com essas duas palavras ela o aceitou!

Ele teve outro repente — desta vez um repente de êxtase profano. Ele a trouxe cada vez para mais perto de si até que seu rosto tocasse o dele, e então... Não! Realmente não posso me obrigar a levar essa revelação chocante mais além. Deixem-me apenas dizer que tentei fechar os olhos antes que acontecesse, e que o fiz com apenas um instante de atraso. Pensei que ela resistiria, entendam. Ela se entregou. Para qualquer pessoa honrada do meu sexo, nada mais há a ser dito.

Até mesmo minha inocência em tais assuntos começou a ver o fim da conversa. Eles agora estavam se dando tão bem que eu não estava longe de esperar que saíssem juntos, de braços dados, para se casar. A julgar pelas palavras que o Sr. Godfrey disse em seguida, no entanto, parecia haver mais uma formalidade cuja observação se fazia necessária. Ele se sentou no divã ao lado dela, e desta vez não foi impedido.

— Devo falar com sua querida mãe? — perguntou ele. — Ou você o fará?

Ela não aceitou nenhuma das duas opções.

— Que minha mãe não fique sabendo de nada por nenhum de nós dois, até que sua saúde melhore. Quero que isso seja um segredo por enquanto, Godfrey. Agora vá e volte esta noite. Já ficamos sozinhos juntos o bastante.

Ela se levantou e, ao se levantar, olhou pela primeira vez na direção do pequeno aposento no qual se passava o meu martírio.

— Quem fechou estas cortinas? — exclamou. — O cômodo já é fechado o bastante mesmo quando está arejado.

Ela avançou para as cortinas. No instante em que tocou nelas — no instante em que a descoberta da minha presença parecia inevitável — a voz do lacaio de tez rosada, nas escadas, suspendeu repentinamente qualquer outra ação da sua parte ou da minha. Era sem dúvida a voz de um homem muito assustado.

— Srta. Rachel! — gritou ele. — Onde está?

Ela afastou-se das cortinas e correu para a porta.

O lacaio entrou no aposento. Sua tez corada havia desaparecido.

— Por favor desça, senhorita! Minha senhora desmaiou e não conseguimos acordá-la.

Num instante eu estava sozinha novamente e livre para descer as escadas por minha vez, sem chamar a atenção.

No vestíbulo, o Sr. Godfrey passou por mim apressado, saindo para buscar o médico.

— Vá ajudá-los! — disse ele, apontando para o quarto.

Encontrei Rachel ajoelhada diante do sofá, com a cabeça de sua mãe em seu peito. Bastou um olhar para o rosto de minha tia (sabendo o que eu sabia) para me revelar a terrível verdade. Guardei minha opinião para mim mesma até a

chegada do doutor. Ele não demorou muito tempo. Começou pedindo que Rachel saísse do quarto — e então nos disse que Lady Verinder não mais vivia. Pessoas sérias, à procura de provas de ceticismo empedernido, podem ficar interessadas em saber que ele não mostrou sinais de remorso ao olhar para mim.

Mais tarde, dei uma espiada na sala de café da manhã e na biblioteca. Minha tia havia morrido sem abrir sequer uma das cartas que eu havia deixado para ela. Fiquei tão chocada diante disso que não me ocorreu, a não ser alguns dias mais tarde, que ela também havia morrido sem me deixar meu pequeno legado.

CAPÍTULO 6

(1.) A Srta. Clack apresenta seus cumprimentos ao Sr. Franklin Blake, e, ao enviar-lhe o quinto capítulo de sua humilde narrativa, se permite dizer que, dadas as circunstâncias, sente-se incapaz de externar como gostaria seus sentimentos em relação a um acontecimento tão terrível quanto a morte de Lady Verinder. Portanto, acrescentou a seu próprio manuscrito numerosos trechos de preciosas publicações, de sua propriedade, todos relativos a esse terrível assunto. Possam esses trechos (assim espera fervorosamente a Srta. Clack) soar como trombetas aos olhos de seu respeitado parente, Sr. Franklin Blake.

(2.) O Sr. Franklin Blake apresenta seus cumprimentos à Srta. Clack, e se permite agradecer-lhe pelo quinto capítulo de sua narrativa. Ao devolver os trechos enviados junto com ele, evitará mencionar qualquer objeção pessoal que possa nutrir contra esse tipo de literatura, e dirá simplesmente que os acréscimos propostos ao manuscrito não são necessários à satisfação do propósito que tem em mente.

(3.) A Srta. Clack se permite registrar o recebimento de seus trechos. Ela lembra afetuosamente ao Sr. Franklin Blake que é cristã e que, portanto, é impossível que ele a ofenda. A Srta. C. insiste em sentir o mais profundo interesse pelo Sr. Franklin, e se dispõe a oferecer-lhe seus trechos uma segunda vez, na primeira oportunidade em que a doença o abater. Enquanto isso não acontece, ficaria agradecida em saber, antes de iniciar o capítulo final de sua narrativa, se pode se permitir tomar completa sua humilde contribuição ao fazer uso da luz lançada sobre o mistério da Pedra da Lua por descobertas posteriores.

(4.) O Sr. Franklin Blake sente muito por desapontar a Srta. Clack. Ele pode apenas repetir as instruções que teve a honra de lhe dar quando ela começou sua narrativa. Pede-lhe que se limite aos encontros e acontecimentos que vivenciou, conforme os registrou em seu diário. Terá a gentileza de

deixar as descobertas posteriores a cargo das penas das pessoas que podem relatá-las na condição de testemunhas.

(5.) A Srta. Clack sente muitíssimo por importunar o Sr. Franklin Blake com mais uma carta. Seus Trechos foram devolvidos, e a expressão de suas opiniões posteriores sobre o assunto da Pedra da Lua foi proibida. A Srta. Clack tem a dolorosa consciência de que deveria (para usar a expressão mundana) sentir-se desapontada. Mas não... A Srta. C. aprendeu Perseverança na escola da Adversidade. Seu objetivo ao escrever é saber se o Sr. Blake (que proíbe todo o resto) proíbe a inclusão da presente correspondência na narrativa da Srta. Clack? Alguma explicação a respeito da posição na qual o Sr. Blake a colocou, como autora, parece necessária para o bem da justiça. E a Srta. Clack, por sua vez, está ansiosa para que suas cartas sejam mostradas para que possam falar por si mesmas.

(6.) O Sr. Franklin Blake concorda com a proposta da Srta. Clack, e entende que ela terá a gentileza de considerar esta manifestação de seu consentimento como o término da correspondência entre eles.

(7.) A Srta. Clack considera um ato de justiça cristã (antes do término da correspondência) informar ao Sr. Franklin Blake que sua última carta — evidentemente destinada a ofendê-la — não conseguiu cumprir o objetivo de seu remetente. Ela pede afetuosamente ao Sr. Blake que se recolha à privacidade de seu quarto e reflita se o treinamento que eleva uma pobre mulher além do alcance do insulto não é digno de mais admiração do que ele se mostra disposto a sentir. No caso de ser honrada com uma permissão para isso, a Srta. C. se oferece solenemente para tomar a enviar a série completa de seus trechos para o Sr. Franklin Blake.

[Não houve resposta para esta carta. Comentários são desnecessários.

(Assinado) Drusilla Clack.]

CAPÍTULO 7

A correspondência exposta explicará de forma suficiente por que não tenho escolha senão deixar passar a morte de Lady Verinder com o simples anúncio do ocorrido que encerra meu quinto capítulo.

Mantendo-me, no futuro, estritamente dentro dos limites de minha própria experiência pessoal, devo agora seguir a relatar que um mês se passou depois do falecimento de minha tia antes que Rachel Verinder e eu tornássemos a nos encontrar. O encontro se deu quando eu estava passando alguns dias sob o mesmo teto que ela. Durante minha visita, aconteceu algo relacionado a seu noivado com o Sr. Godfrey Ablewhite que é importante o suficiente para merecer uma menção especial nestas páginas. Quando esta última dentre muitas dolorosas revelações familiares houver sido exposta, minha tarefa estará completa, pois terei então contado tudo o que sei, na condição de testemunha ocular (muito contra minha vontade) dos acontecimentos.

Os restos mortais de minha tia foram removidos de Londres e enterrados no pequeno cemitério contíguo à igreja em sua própria propriedade. Fui convidada para o funeral com o restante da família. Mas foi impossível (considerando minhas crenças religiosas) recuperar-me em tão poucos dias do choque que essa morte havia me causado. Além disso, fui informada de que o prior de Frizinghall dirigiria o culto. Tendo eu própria, no passado, visto essa ovelha desgarrada do clero fazer parte de uma mesa de uíste na casa de Lady Verinder, duvido que, mesmo que estivesse em condições de viajar, eu tivesse considerado apropriado assistir à cerimônia.

A morte de Lady Verinder deixou sua filha aos cuidados de seu cunhado, o Sr. Ablewhite, pai. O testamento o fazia tutor de sua sobrinha até que esta se casasse ou atingisse a

maioridade. Nessas circunstâncias, suponho que o Sr. Godfrey tenha informado seu pai da nova relação que tinha com Rachel. De qualquer maneira, dez dias depois do funeral de minha tia, o segredo do noivado não era mais segredo algum dentro da família, e a grande questão para o Sr. Ablewhite, pai — outra ovelha desgarrada notória! — era como tornar sua pessoa e sua autoridade o mais agradáveis possível para a rica jovem com quem seu filho iria se casar.

No início, Rachel deu-lhe algum trabalho, com relação à escolha do lugar onde queriam que ela fosse morar. A casa em Montagu Square estava associada à calamidade da morte de sua mãe. A casa em Yorkshire estava associada à escandalosa história da Pedra da Lua. Nenhuma dessas duas objeções se aplicava à residência de seu tutor em Frizinghall. Mas a presença de Rachel ali, depois de sua perda recente, fazia obstáculo à alegria de suas primas, as Srtas. Ablewhite — e ela própria pediu que sua visita fosse adiada para uma oportunidade mais favorável. O assunto terminou com uma proposta do Sr. Ablewhite, pai, para que se tentasse uma casa mobiliada em Brighton. Sua esposa, uma filha inválida e Rachel morariam juntas ali, e ele se uniria a elas quando a estação estivesse mais avançada. Elas não veriam ninguém a não ser velhos amigos, e teriam sempre à sua disposição seu filho Godfrey, que viajaria de uma casa para outra pelo trem de Londres.

Descrevo essa movimentação sem propósito entre uma casa e outra — essa insaciável agitação do corpo e lamentável estagnação da alma — simplesmente com o objetivo de atingir algum resultado. O evento que (sob a égide da Providência) veio a ser a oportunidade de um novo' encontro entre mim e Rachel Verinder não foi outro senão o aluguel da casa em Brighton.

Minha tia Ablewhite é uma mulher grande, silenciosa, de compleição muito branca, com um ponto em seu caráter digno

de nota. Desde o instante de seu nascimento, nunca se soube que tenha feito nada sozinha. Passou a vida aceitando a ajuda, e adotando as opiniões de todo mundo. Nunca conheci uma pessoa mais incapaz, de um ponto de vista espiritual — neste caso surpreendente não há qualquer material obstrutivo que possa ser trabalhado. Tia Ablewhite escutaria o Grande Lama do Tibete do mesmo modo que escuta a mim, e refletiria sobre suas palavras com tanta facilidade quanto reflete sobre as minhas. Ela encontrou a casa mobiliada em Brighton hospedada em um hotel em Londres, retomando as forças em um sofá e mandando chamar seu filho. Descobriu os criados de que necessitava tomando café em sua cama um dia de manhã (ainda no hotel), e dando férias a sua criada com a condição de que a garota começasse a aproveitar a vida indo buscar a Srta. Clack. Encontrei-a abanando-se placidamente com um leque na sala de estar às onze horas da manhã.

— Drusilla querida, eu quero alguns criados. Você é tão esperta! Por favor, arranje-os para mim.

Olhei para o quarto desarrumado. Os sinos da igreja estavam tocando, anunciando um culto no meio da semana; eles sugeriram uma palavra de afetuosa admoestação da minha parte.

— Ah, tia! — disse eu com tristeza. — Será que isto é digno de uma dama inglesa? Será que a passagem do tempo à eternidade deve ser feita deste modo?

Minha tia respondeu:

— Vou colocar meu vestido, Drusilla, se você tiver a gentileza de me ajudar.

O que podia ser dito depois disso? Já fiz maravilhas com assassinas — nunca avancei um centímetro com Tia Ablewhite.

— Onde está — perguntei — a lista dos criados de que precisa?

Minha tia balançou a cabeça; sequer tinha energia o bastante para guardar a lista.

— Está com Rachel, querida — disse ela — no quarto ao lado.

Entrei no quarto ao lado, e então vi Rachel novamente, pela primeira vez desde que nos havíamos separado em Montagu Square.

Ela parecia miseravelmente pequena e magra em seu luto fechado. Se eu desse alguma importância a um detalhe tão passageiro quanto a aparência pessoal, ficaria inclinada a acrescentar que sua compleição era daquele tipo infeliz que é sempre desfavorecido se não tem um pedaço de tecido branco perto da pele. Mas o que são nossas compleições e nossa aparência? Estorvos e ciladas, queridas moças, que nos atrapalham em nossa jornada rumo a coisas mais elevadas! Para minha grande surpresa, Rachel se levantou quando entrei no aposento, e veio ao meu encontro com as mãos estendidas.

— Estou contente em vê-la — disse ela. — Drusilla, até hoje eu tinha o hábito de lhe falar de maneira muito boba e rude. Peça-lhe perdão. Espero que me perdoe.

Meu rosto, suponho, deu mostras da surpresa que essas palavras me causaram. Ela corou por um instante, e depois prosseguiu com sua explicação.

— Durante a vida de minha pobre mãe — continuou ela —, seus amigos nem sempre foram meus amigos também. Agora que a perdi, meu coração, em busca de conforto, se volta para as pessoas de quem ela gostava, Ela gostava de você. Tente ser minha amiga, Drusilla, se puder.

Para qualquer mente normalmente constituída, o motivo alegado era simplesmente chocante. Ali, na Inglaterra cristã, estava uma jovem num estado de consternação, com tão pouca ideia do lugar onde procurar conforto genuíno que realmente esperava encontrá-lo entre os amigos de sua mãe! Ali estava uma parenta minha, subitamente consciente de suas deficiências para com os outros sob a influência, não da convicção e do dever, mas de sentimentos e impulsos! Coisa

muito deplorável de se considerar — mas, ainda assim, sugeria algo de esperançoso para uma pessoa com a minha experiência em matéria de boas ações. Não poderia haver mal, pensei, em avaliar a extensão da mudança que a morte da mãe havia acarretado no caráter de Rachel. Decidi testá-la com o assunto de seu noivado com o Sr. Godfrey Ablewhite.

Já que suas primeiras reações foram da maior cordialidade possível, sentei ao seu lado no sofá, a pedido dela. Discutimos assuntos de família e planos para o futuro — sempre com exceção daquele plano para o futuro que levaria a seu casamento. Por mais que eu tentasse levar a conversa nessa direção, ela se recusava resolutamente a morder a isca. Qualquer referência explícita da minha parte à questão teria sido prematura nesse estágio precoce de nossa reconciliação. Além disso, eu havia descoberto tudo o que queria saber. Ela já não era mais a criatura afoita e ousada que eu havia ouvido e visto durante meu martírio em Montagu Square. Isso, por si só, já era suficiente para encorajar-me a tomar as rédeas de sua futura conversão — começando com algumas palavras sinceras de advertência contra a precipitação nos laços do matrimônio, e daí para coisas mais elevadas. Olhando para ela agora com um novo interesse — e lembrando-me de como a proposta matrimonial do Sr. Godfrey havia sido precipitada e súbita —, senti que era meu dever solene interferir, com um fervor que me garantiu que meus resultados não seriam desprezíveis. Nesse caso, pensei, a rapidez era um fator importante. Voltei imediatamente à questão dos criados necessários para a casa mobiliada.

— Onde está a lista, querida?

Rachel me mostrou a lista.

— Cozinheira, copeira, arrumadeira e lacaio — li. — Minha querida Rachel, esses criados só são necessários durante um certo tempo, o tempo pelo qual seu tutor alugou a casa. Teremos grande dificuldade para encontrar pessoas de

confiança e com as qualificações necessárias que aceitem um emprego temporário desse tipo, se nós procurarmos em Londres. Já encontraram a casa em Brighton?

— Sim. Godfrey já a alugou; e as pessoas da casa queriam que ele as contratasse como criados. Ele achou que elas não eram exatamente adequadas para nós, e voltou sem nada decidido.

— E você não tem nenhuma experiência no assunto, Rachel?

— Absolutamente nenhuma.

— E Tia Ablewhite não vai fazer um esforço?

— Não, pobrezinha. Não a culpe, Drusilla. Acho que ela é a única mulher realmente feliz que jamais conheci.

— Existem graus de felicidade, querida. Nós temos de ter uma conversinha a esse respeito algum dia. Por enquanto, vou assumir a difícil situação dos criados. Sua tia vai escrever uma carta para as pessoas da casa...

— Ela vai assinar uma carta, se eu escrever para ela, o que dá no mesmo.

— Exatamente no mesmo. Eu pegarei a carta e irei a Brighton amanhã.

— Que bondade a sua! Nos juntaremos a você assim que estiver pronta para nos receber. E, espero, você ficará como minha convidada. Brighton é tão animada; você gostará com certeza.

Com essas palavras foi feito o convite, e a gloriosa oportunidade de interferir se apresentou diante de mim.

Estávamos no meio da semana. Na tarde de sábado, a casa estava pronta para recebê-las. Nesse breve intervalo, eu havia esquadrinhado não apenas o caráter, mas também a inclinação religiosa de todos os criados disponíveis que se apresentaram a mim, e conseguido fazer uma seleção que minha consciência havia aprovado. Também descobri, e entrei em contato, com

dois amigos meus que moravam na cidade e em quem eu sabia que podia confiar para revelar o propósito pio que me havia trazido a Brighton. Um deles — um amigo clérigo — ajudou-me gentilmente a reservar lugares para nosso pequeno grupo na igreja na qual ele próprio oficiava. A outra — uma senhora solteira, como eu — colocou à minha inteira disposição os recursos de sua biblioteca (composta de cima a baixo de publicações preciosas). Tomei emprestado meia dúzia de trabalhos, todos escolhidos a dedo pensando em Rachel. Uma vez que estes estavam judiciosamente distribuídos pelos diversos aposentos que ela provavelmente ocuparia, considerei que meus preparativos estavam terminados. Doutrinação sólida dos criados que a serviriam; doutrinação sólida do pastor que pregaria para ela; doutrinação sólida nos livros sobre sua mesa — eram a tripla acolhida que eu havia preparado para a garota sem mãe! No sábado, enquanto eu estava sentada ao lado da janela, esperando a chegada de meus parentes, uma tranquilidade celestial encheu meu espírito. A multidão ia e vinha diante de meus olhos. Ai de mim! Quantos dentre eles sentiam a divina sensação de dever cumprido que eu sentia? Pergunta terrível. Vamos deixá-la de lado.

Entre seis e sete horas, os viajantes chegaram. Para minha indescritível surpresa, não estavam acompanhados pelo Sr. Godfrey (como eu esperava), mas sim pelo advogado, o Sr. Bruff.

— Como vai, Srta. Clack? — disse ele. — Desta vez, pretendo ficar.

Essa referência à ocasião em que eu o obrigara a adiar seus afazeres em nome dos meus, quando ambos estávamos visitando Montagu Square, convenceu-me de que o velho mundano estava em Brighton com algum propósito particular em vista. Eu havia preparado um verdadeiro pequeno Paraíso

para minha adorada Rachel — e eis que a Serpente já estava ali!

— Godfrey ficou muito aborrecido, Drusilla, por não poder vir conosco — disse minha Tia Ablewhite. — Houve um empecilho que o obrigou a ficar em Londres. O Sr. Bruff se ofereceu para tomar seu lugar, e tirar férias até segunda-feira de manhã. Falando nisso, Sr. Bruff, eu devo fazer exercício, e não gosto disso. Esta — acrescentou Tia Ablewhite, apontando através da janela para um aleijado numa cadeira de rodas, empurrado por outro homem — é minha ideia de exercício. Se é ar que o senhor quer, pode conseguir isso sentado. E se é cansaço que o senhor quer, tenho certeza de que olhar para aquele homem é cansativo o bastante.

Rachel ficou em silêncio junto a uma das janelas, sozinha, com os olhos fixos no mar.

— Cansada, querida? — perguntei.

— Não. Apenas um pouco indisposta — respondeu ela. — Vi o mar com esta luz muitas vezes, em nossa costa de Yorkshire. E estava pensando, Drusilla, nos dias que nunca mais voltarão.

O Sr. Bruff ficou para o jantar, e permaneceu pelo resto da noite. Quanto mais eu o via, crescia minha certeza de que ele tinha algum objetivo particular em mente ao vir para Brighton. Observei-o com atenção. Ele conservava a mesma desenvoltura aparente e proferia os mesmos mexericos ímpios hora após hora, até que chegou o momento de se despedir de nós. Quando apertou a mão de Rachel, surpreendi seu olhar duro e dissimulado detendo-se por um instante em seu rosto com interesse e atenção peculiares. Obviamente ela tinha ligação com seu objetivo. Ele nada lhe disse fora do comum ao ir embora, nem a nenhuma outra pessoa. Convidou-se para o almoço no dia seguinte, e depois foi para seu hotel.

Na manhã seguinte, foi impossível fazer minha Tia Ablewhite tirar a camisola para ir à igreja. Sua filha inválida

(que, em minha opinião, não sofria de nada a não ser de uma preguiça incurável herdada de sua mãe) anunciou que pretendia passar o dia inteiro na cama. Rachel e eu fomos juntas, sozinhas, ao culto. Meu talentoso amigo proferiu um magnífico sermão sobre a indiferença pagã do mundo em relação aos pecados veniais. Durante mais de uma hora, sua eloquência (auxiliada por sua voz gloriosa) ecoou pelo prédio sagrado. Quando saímos, eu disse a Rachel:

— As palavras encontraram o caminho de seu coração, querida?

E ela respondeu:

— Não; apenas me deram dor de cabeça.

Isso poderia soar desanimador para algumas pessoas, mas, uma vez engajada em uma carreira de utilidade manifesta, nada me desanima.

Encontramos Tia Ablewhite e o Sr. Bruff no almoço. Quando Rachel se recusou a comer o que quer que fosse, alegando estar com dor de cabeça, a astúcia do advogado o fez imediatamente perceber e agarrar a oportunidade que ela havia lhe dado.

— Só há um remédio para a dor de cabeça — disse o detestável velho. — Um passeio vai curá-la, Srta. Rachel. Estou inteiramente à sua disposição, se a senhorita me der a honra de aceitar o meu braço.

— Com o maior prazer. Um passeio era exatamente o que eu queria.

— Já passa das duas — sugeri gentilmente. — E o culto da tarde começa às três, Rachel.

— Como você pode esperar que eu vá à igreja de novo — perguntou ela com petulância — com uma dor de cabeça como a minha?

O Sr. Bruff abriu a porta para ela de maneira servil. No instante seguinte ambos estavam do lado de fora da casa. Não

me lembro de ter sentido a necessidade de intervir com tanta força quanto senti naquele momento. Mas o que podia ser feito? Nada podia ser feito a não ser interferir na primeira oportunidade, mais tarde.

Ao chegar do culto da tarde descobri que eles haviam acabado de voltar. Bastou um olhar para ver que o advogado havia dito o que queria dizer. Nunca antes eu havia visto Rachel tão calada e tão pensativa. Nunca havia visto o Sr. Bruff lhe dedicar uma atenção tão esmerada e olhá-la com tão grande respeito. Ele tinha (ou fingiu ter) um compromisso para o jantar naquele dia — e se despediu cedo de nós; pretendia voltar para Londres no primeiro trem da manhã seguinte.

— Você tem certeza de sua decisão? — disse ele a Rachel na porta.

— Certeza absoluta — respondeu ela, e assim se separaram.

No instante em que ele havia virado as costas, Rachel retirou-se para o seu quarto. Não apareceu para o jantar. Mandou que sua criada (a pessoa dos laços e fitas) descesse e nos avisasse que sua dor de cabeça havia voltado. Subi para vê-la e disse algumas palavras sinceras. Ela escutou com lânguida civilidade. Observei que as preciosas publicações de minha amiga estavam amontoadas sobre uma mesa, num canto do quarto. Ela havia tido oportunidade de folheá-las? —, perguntei. Sim — e elas não a haviam interessado. Permitiria que eu lesse alguns trechos de grande interesse que provavelmente haviam escapado à sua atenção? Não, agora não — ela tinha outras coisas em que pensar. Deu essas respostas com a atenção aparentemente concentrada em alisar repetidamente o babado da sua camisola. Era de suprema necessidade despertar sua atenção, aludindo a alguns dos assuntos mundanos que ainda a interessavam.

— Sabe, querida — disse eu —, eu ontem tive uma ideia esquisita sobre o Sr. Bruff. Quando vi você depois de seu passeio com ele, pensei que ele havia lhe dado alguma má notícia.

Seus dedos soltaram o babado da camisola, e seus ferozes olhos negros olharam para mim.

— Muito pelo contrário! — disse ela. — Foi uma notícia que eu estava interessada em ouvir, e devo muito ao Sr. Bruff por ele ter— me dado essa notícia.

— Sim? — disse eu num tom de interesse gentil.

Seus dedos voltaram ao babado, e ela virou-me o rosto de maneira mal—humorada. Eu havia presenciado essa reação centenas de vezes nas ocasiões em que estava empenhada em fazer boas ações. Ela apenas me estimulou a tentar novamente. Em meu zelo irrestrito por seu bem, corri o enorme risco de fazer uma alusão direta a seu noivado.

—Uma notícia que você estava interessada em ouvir? — repeti.

— Suponho, minha querida Rachel, que deva ser uma notícia relacionada ao Sr. Godfrey Ablewhite?

Ela empertigou-se na cama e empalideceu terrivelmente. Era óbvio que tinha na ponta da língua uma resposta para mim nos moldes de sua insolência sem limites de antigamente. Controlou-se, voltou a recostar a cabeça no travesseiro, pensou um instante e depois respondeu com essas palavras extraordinárias:

— *Jamais me casarei com o Sr. Godfrey Ablewhite.*

Foi a minha vez de me empertigar.

— O que você quer dizer? — exclamei. — Toda a família considera o casamento como certo!

— O Sr. Godfrey Ablewhite é aguardado aqui hoje — disse ela evasivamente. — Espere até ele chegar, e então você saberá.

— Mas, Rachel querida...

Ela tocou a sineta na cabeceira da cama. A pessoa dos laços e fitas apareceu.

— Penélope! Meu banho.

Deixe-me ser justa com ela. No estado em que meus sentimentos estavam naquele momento, acredito sinceramente que ela havia descoberto a única maneira de me forçar a deixar o quarto.

A simples mente mundana poderia considerar que minha atitude para com Rachel apresentava dificuldades de um tipo incomum. Eu havia pretendido guiá-la a coisas mais elevadas através de uma pequena preleção sobre seu casamento. E agora, segundo o que ela dizia, seu casamento não iria acontecer. Mas, ah, meus amigos! Uma cristã ativa com a minha experiência (diante de uma possibilidade de evangelização) tem a mente mais aberta do que isso. Supondo que Rachel tenha realmente anulado seu casamento, com o qual os Ablewhite, pai e filho, contavam, qual seria o resultado? Só poderia terminar, se ela insistisse, na troca de palavras ásperas e acusações amargas por ambas as partes. E qual seria o efeito sobre Rachel uma vez que a turbulenta conversa houvesse terminado? O efeito seria uma salutar depressão moral. Seu orgulho estaria exausto, sua teimosia estaria exausta, devido à resistência resoluta que seu temperamento a faria demonstrar nessas circunstâncias. Ela buscaria apoio na pessoa capaz de oferecer ajuda que estivesse mais próxima. E eu era a pessoa mais próxima — mina de conforto, repleta de palavras apropriadas e revigorantes. Nunca a perspectiva evangelizadora pareceu tão esplendorosa aos meus olhos quanto naquele momento.

Ela desceu para o café da manhã, mas não comeu nada e mal disse uma palavra.

Depois do café da manhã, vagou sem rumo de um aposento a outro — então subitamente despertou e abriu o

piano. A música que escolheu para tocar era de um tipo escandalosamente profano, associada a apresentações no palco capazes de congelar o sangue de qualquer pessoa. Teria sido prematuro abordá-la em um momento como este. Confirmei discretamente a hora em que o Sr. Godfrey Ablewhite era esperado, e então fugi da música saindo da casa.

Tendo saído sozinha, aproveitei a oportunidade para visitar meus dois amigos residentes na cidade. Era um luxo indescritível poder ter conversas sérias com pessoas sérias. Muito encorajada e revigorada, retornei à casa, bem a tempo de esperar a chegada do visitante que aguardávamos. Entrei na sala de jantar, sempre vazia àquela hora do dia, e me deparei frente a frente com o Sr. Godfrey Ablewhite!

Ele não tentou escapar correndo. Muito pelo contrário. Veio ao meu encontro com o mais genuíno entusiasmo.

— Querida Srta. Clack, estava esperando para vê-la! Por sorte, pude liberar-me mais cedo do que esperava de meus compromissos em Londres, e, conseqüentemente, cheguei antes da hora marcada.

Sua explicação não teve o menor traço de constrangimento, embora este fosse o nosso primeiro encontro depois do episódio em Montagu Square. Ele não tinha conhecimento, é bem verdade, de que eu havia presenciado a cena. Mas, por outro lado, sabia que o fato de eu frequentar a Pequena Sociedade das Mães, bem como minhas relações com amigos em outras instituições de caridade poderiam ter-me deixado a par de sua vergonhosa negligência para com suas Damas e seus Pobres. E ainda assim ali estava ele, diante de mim, com total controle de sua voz encantadora e de seu irresistível sorriso!

— Já encontrou Rachel?

Ele deu um suspiro suave e pegou minha mão. Eu certamente deveria ter arrancado minha mão para longe da

sua, se a maneira com a qual ele respondeu não houvesse me deixado paralisada de espanto.

— Encontrei Rachel — disse ele, com perfeita tranquilidade. — A senhorita tem conhecimento, querida amiga, de que ela e eu estávamos noivos? Bem, ela tomou a súbita decisão de desmanchar o noivado. Refletiu e convenceu-se de que seria melhor tanto para ela quanto para mim se rompêssemos um compromisso precipitado, e se ela me deixasse livre para escolher outra pessoa com quem eu seria mais feliz. É a única razão que ela está disposta a dar, e sua única resposta a qualquer pergunta que eu lhe faça.

— E o senhor, por sua vez, o que fez? — perguntei. — Aceitou?

— Sim — disse ele, com uma postura inabalável. — Aceitei.

Sua conduta, naquela situação, era tão inconcebível que permaneci paralisada com minha mão na sua. É grosseria olhar fixamente para alguém, e é indelicado olhar fixamente para um cavalheiro. Cometi essas duas impropriedades. E disse, como num sonho:

— O que isso quer dizer?

— Deixe que eu lhe diga — respondeu ele. — O que acha de nos sentarmos?

Ele me levou até uma cadeira. Tenho a lembrança difusa de que foi muito afetuoso. Não acho que tenha passado o braço em torno da minha cintura para me amparar — mas não tenho certeza. Eu estava inteiramente vulnerável, e seus modos com as damas são muito carinhosos. De qualquer maneira, nos sentamos. Posso garantir isso, embora não possa garantir mais nada.

CAPÍTULO 8

— Eu perdi uma linda moça, uma excelente posição social e uma bela renda — começou o Sr. Godfrey e aceitei isso tudo sem resistência. Qual poderia ser a razão de uma conduta tão extraordinária? Minha querida amiga, não há nenhuma razão.

— Nenhuma razão? — repeti.

— Permita-me recorrer à sua experiência com crianças, Srta. Clack — continuou ele. — Uma criança adota uma determinada conduta. Ela o surpreende imensamente, e a senhorita tenta descobrir seu motivo. A querida criança é incapaz de lhe dizer o seu motivo. É o mesmo que perguntar à grama por que ela cresce, ou aos pássaros por que cantam. Bem! Neste caso eu sou como a pobre criança, como a grama, como os pássaros. Não sei por que propus casamento à Sra. Verinder, Não sei por que negligenciei vergonhosamente minha queridas Senhoras. Não sei por que desertei da Pequena Sociedade das Mães. A senhorita diz à criança: por que você foi travesso? E o anjinho coloca o dedo na boca, e não sabe. É exatamente o meu caso, Srta. Clack! Eu não seria capaz de confessar isso a mais ninguém. Sinto-me impelido a confessá-lo à senhorita!

Comecei a me recuperar. Tratava-se de um problema mental. Tenho grande interesse por problemas mentais — e, pensando bem, tenho alguma habilidade para resolvê-los.

— Melhor de todas as amigas, exerça sua inteligência e ajude-me — prosseguiu ele. — Diga-me: por que chega um momento em que essas minhas ações em vista de um casamento começam a parecer fazer parte de um sonho? Por que subitamente me ocorre que minha verdadeira felicidade está em ajudar minhas queridas Senhoras, em realizar meu modesto quinhão de boas ações, em dizer rainhas poucas palavras sinceras quando solicitado por meu Presidente? Por

que eu queria uma posição social? Eu tenho uma posição social. Por que eu queria uma renda? Posso pagar por meu pão e meu queijo, meu pequeno e aconchegante alojamento, e meus dois casacos por ano. Por que eu queria a Srta. Verinder? Ela me disse de sua própria boca (isso, querida dama, é entre nós) que ama outro homem, e que só se casaria comigo para tentar tirar esse outro homem de sua cabeça. Que união horrenda seria essa! Ah, pobre de mim, que união horrenda! Tais foram minhas reflexões, Srta. Clack, a caminho de Brighton. Aproximei-me de Rachel com o sentimento de ser um criminoso prestes a receber sua sentença. Quando descobro que ela também mudou de ideia, quando a ouço propor o rompimento do noivado, experimento (não há nenhuma dúvida a esse respeito) uma esmagadora sensação de alívio. Há um mês eu a estava abraçando fervorosamente. Há uma hora, a felicidade de saber que jamais tornaria a abraçá-la me intoxicou como um álcool forte. Isso parece impossível — não pode ser. E ainda assim aí estão os fatos, do mesmo modo que tive a honra de lhe dizer assim que nos sentamos nestas duas cadeiras. Perdi uma linda moça, uma excelente posição social e uma bela renda, e aceitei isso tudo sem resistência. A senhorita seria capaz de explicar isso, querida amiga? Está acima das minhas forças.

Sua cabeça magnífica caiu sobre seu peito, e ele desistiu, desesperado, de tentar resolver seu próprio problema mental.

Fiquei profundamente tocada. O caso (se é que posso falar como um médico espiritual) estava agora claro para mim. Não é um acontecimento incomum, na experiência de todos nós, ver aqueles que possuem grande habilidade, ocasionalmente reduzidos ao nível das pessoas mais humildemente dotadas ao seu redor. Sem dúvida o objetivo da sábia Providência é lembrar à grandeza que ela é mortal, e que o poder que a proporcionou também pode levá-la embora. Agora — em minha mente — era fácil identificar uma dessas humilhações salutarens nas ações deploráveis do Sr. Godfrey, das quais eu

havia sido uma testemunha secreta. E era igualmente fácil reconhecer o aparecimento bem-vindo de sua natureza mais digna no horror com o qual se referiu à ideia de um casamento com Rachel, e na encantadora animação que demonstrou em querer retornar a suas Senhoras e a seus Pobres.

Expus a ele essa opinião com algumas palavras simples e fraternais. Sua alegria foi linda de se ver. Enquanto eu continuava, ele se parecia cada vez mais com um homem perdido emergindo da escuridão de volta à luz. Quando lhe garanti uma recepção calorosa na Pequena Sociedade das Mães, o coração agradecido de nosso herói cristão transbordou. Ele levou alternadamente minhas duas mãos a seus lábios. Subjugada pelo irresistível triunfo de tê-lo reconduzido para junto de nós, deixei que fizesse o que queria com minhas mãos. Fechei os olhos. Num êxtase de alheamento espiritual, senti minha cabeça afundando sobre meus ombros. Um instante depois eu teria certamente desmaiado, não fosse uma interrupção do mundo exterior que me trouxe de volta a mim. Um horrendo barulho de garfos e facas fez-se ouvir do outro lado da porta, e o laçao entrou para colocar a mesa do almoço.

O Sr. Godfrey se empertigou e olhou para o relógio acima da lareira.

— Como o tempo voa com a senhorita! — exclamou ele. — Mal terei tempo de tomar o trem!

Ousei perguntar por que ele tinha tanta pressa em voltar para a cidade. Sua resposta me fez lembrar das dificuldades familiares que ainda estavam por ser enfrentadas e dos desentendimentos familiares que ainda viriam.

— Tive notícias de meu pai — disse ele. — Negócios o obrigaram a deixar Frizinghall e ir a Londres hoje, e ele propõe vir até aqui esta noite ou amanhã. Devo contar-lhe o que aconteceu entre mim e Rachel. Ele está convencido do

casamento; temo que seja muito difícil fazê-lo aceitar o rompimento do noivado. Para o bem de todos nós, devo evitar que ele venha aqui até que o tenha aceito. Melhor e mais querida das amigas, tornaremos a nos encontrar!

Com essas palavras, apressou-se em sair. Igualmente apressada, por minha vez, corri escada acima para me recompor em meu próprio quarto antes de encontrar Tia Ablewhite e Rachel à mesa do almoço.

Bem sei — para insistir um instante no assunto do Sr. Godfrey — que a opinião profanadora do mundo o acusou de ter razões particulares para liberar Rachel de seu compromisso na primeira oportunidade que ela lhe desse. Também chegou aos meus ouvidos que sua ansiedade para recuperar seu lugar em minha estima foi atribuída, por algumas pessoas, a uma ansiedade mercenária para fazer as pazes (através de mim) com uma venerável dama, membro do comitê da Pequena Sociedade das Mães, abundantemente dotada de bens materiais, e minha querida e íntima amiga. Apenas registro essas calúnias odiosas para declarar que nem por um instante tiveram influência sobre mim. Obedecendo às minhas instruções, reproduzi as flutuações de minha opinião a respeito de nosso Herói Cristão, exatamente como foram registradas em meu diário. Para fazer justiça a mim mesma, deixem-me acrescentar que, uma vez reinstalado em seu lugar em minha estima, meu prendado amigo jamais tomou a deixar esse lugar. Escrevo com lágrimas nos olhos, ardendo para dizer mais. Mas não. — estou cruelmente limitada à minha experiência direta em relação a pessoas e coisas. Menos de um mês depois da época sobre a qual agora escrevo, acontecimentos no mercado financeiro (que reduziram até mesmo a minha renda miserável) me forçaram a um exílio no estrangeiro, e deixaram-me sem nada a não ser uma lembrança afetuosa do Sr. Godfrey, que a calúnia das palavras conspurcou e conspurcou em vão.

Deixem-me secar meus olhos, e voltar à minha narrativa.

Desci para o almoço, naturalmente ansiosa para ver como Rachel havia sido afetada por ter sido liberada de seu noivado.

Pareceu-me — mas confesso que não sou uma boa autoridade em tais assuntos — que o restabelecimento de sua liberdade a havia feito recomeçar a pensar naquele outro homem que amava, e que ela estava furiosa consigo mesma por não ter sido capaz de controlar um sentimento compulsivo do qual, secretamente, tinha vergonha. Quem era esse homem? Eu tinha minhas suspeitas — mas era inútil perder tempo com especulações inúteis. Uma vez que eu a tivesse convertido, ela naturalmente não teria nenhum segredo para mim. Falaria a respeito do homem; falaria a respeito da Pedra da Lua. Se eu não tivesse nenhum objetivo mais nobre para despertar sua consciência para coisas superiores, o fato de libertar sua mente de seus segredos culpados teria por si só sido suficiente para me encorajar a prosseguir.

Naquela tarde, Tia Ablewhite fez seus exercícios em uma cadeira de rodas. Rachel a acompanhou.

— Eu queria poder carregar a cadeira — explodiu ela, sem pensar. — Queria poder me cansar até cair.

À noite seu humor continuava o mesmo. Descobri, em uma das preciosas publicações de minha amiga — *Vida, cartas e feitos da Srta. Jane Am Stamper* —, trechos estupendamente apropriados à condição atual de Rachel. Quando propus lê-las, ela sentou-se ao piano. Imaginem o pouco que sabia sobre as pessoas verdadeiramente sérias, se supunha que minha paciência se esgotaria dessa maneira! Mantive a Srta. Jane Ann Stamper ao alcance da mão, e esperei por novos acontecimentos com uma inabalável fé no futuro.

O Sr. Ablewhite, pai, não veio naquela noite. Mas eu sabia a importância que sua ganância mundana dava ao casamento

de seu filho com a Srta. Verinder — e tinha profunda convicção (não importava o que o Sr. Godfrey fizesse para evitá-lo) de que o veríamos no dia seguinte. Com sua intervenção no assunto, a tempestade que eu havia previsto com certeza chegaria, e a salutar exaustão dos poderes de resistência de Rachel seriam seu resultado óbvio. Não ignoro o fato de que o velho Sr. Ablewhite tem a reputação (especialmente entre seus subordinados) de ser um homem de notável boa índole. Segundo a observação que fiz dele, ele merece sua reputação contanto que as coisas aconteçam como ele deseja, e não a merece nem um instante quando é contrariado.

No dia seguinte, exatamente como eu havia previsto, Tia Ablewhite ficou tão surpresa pela súbita aparição de seu marido quanto permitia seu temperamento. Ele mal havia estado na casa um minuto quando foi seguido, desta vez para minha surpresa, por uma complicação inesperada na pessoa do Sr. Bruff.

Não me lembro de ter considerado a presença do advogado mais malvinda do que naquele momento. Ele parecia pronto para qualquer ação no sentido de obstruir o fluxo dos acontecimentos — capaz até mesmo de manter a paz tendo Rachel como um dos beligerantes!

— Que surpresa agradável, senhor—disse o Sr. Ablewhite, dirigindo-se ao Sr. Bruff com sua cordialidade fingida. — Quando deixei seu escritório ontem, não esperava ter a honra de vê-lo em Brighton hoje.

— Fiquei pensando em nossa conversa depois que o senhor se foi — retorquiu o Sr. Bruff. — E me ocorreu que eu talvez pudesse ter alguma utilidade nesta ocasião. Tive o tempo exato de tomar o trem, e não tive oportunidade de descobrir em que vagão o senhor estava viajando,

Tendo dado essa explicação, sentou-se ao lado de Rachel. Recolhi-me modestamente para um canto — com a Srta. Jane

Ann Stamper no colo, em caso de emergência. Minha tia sentou-se à janela abanando-se com pachorra, como de hábito. O Sr. Ablewhite ficou de pé no meio do aposento, com sua cabeça calva muito mais rosa do que eu jamais havia visto até então, e dirigiu-se a sua sobrinha da maneira mais afetuosa possível.

— Rachel, minha querida — disse ele. — Ouvi de Godfrey notícias das mais assombrosas. E aqui estou para saber mais a respeito. Você tem sua própria sala de estar nesta casa. Poderia me dar a honra de me conduzir até lá.

— O que quer que o senhor deseje me dizer — respondeu ela — pode ser dito aqui, na presença de meus parentes e na presença (ela olhou para o Sr. Bruff) do amigo de confiança de minha mãe.

— Como você quiser, minha querida — disse o amável Sr. Ablewhite.

Tomou uma cadeira. O restante de nós olhou para o seu rosto — como se esperássemos que, depois de setenta anos de escola mundana, seu rosto dissesse a verdade. Eu olhei para o topo de sua cabeça calva; já havia observado em outras ocasiões que sua verdadeira disposição se revelava habitualmente ali.

— Há algumas semanas — prosseguiu o velho cavalheiro —, meu filho me informou que a Srta. Verinder havia lhe dado a honra de tomar-se sua noiva. Será possível, Rachel, que ele tenha entendido mal, ou tomado por certo, o que você realmente lhe disse?

— Certamente não — ela retrucou. — Eu consenti em tornar-me sua noiva.

— Resposta muito franca! — disse o Sr. Ablewhite. — E muito satisfatória, minha querida, até agora. A respeito do que aconteceu há algumas semanas, Godfrey não se enganou. O erro está obviamente no que ele me disse ontem. Começo a entender agora. Você e ele tiveram uma briga de namorados, e

o tolo do meu filho a interpretou seriamente. Ah! Na minha idade, eu deveria ser mais perspicaz!

Diante disso, a natureza corrompida de Rachel — a mãe Eva, por assim dizer — começou a se impacientar.

— Por favor, Sr. Ablewhite, vamos nos entender — disse ela. — Nada parecido com uma briga ocorreu ontem entre mim e seu filho. Se ele lhe disse que eu lhe propus que rompêssemos o noivado e que ele, por sua vez, concordou, ele lhe disse a verdade.

O termômetro no alto da cabeça calva do Sr. Ablewhite começou a indicar um aumento de temperatura. Seu rosto estava mais amigável do que nunca — mas ali estava o rosa, já um tom mais vivo, no topo de seu rosto!

— Vamos, vamos, minha querida! — disse ele, da maneira mais tranquilizadora de que era capaz. — Não fique brava e não seja dura com o pobre Godfrey! Ele evidentemente fez algum comentário infeliz. Sempre foi desajeitado, desde criança — mas tem boa intenção, Rachel, tem boa intenção!

— Sr. Ablewhite, ou eu me expressei muito mal, ou o senhor não está me entendendo de propósito. De uma vez por todas, seu filho e eu já chegamos a um acordo de que continuaremos, pelo resto de nossas vidas, a ser primos e nada mais. Está claro o bastante?

O tom que ela usou para dizer estas palavras tornou impossível ignorar seu sentido por mais tempo, até mesmo para o velho Sr. Ablewhite. Seu termômetro subiu outro grau, e sua voz, quando tornou a falar, deixou de ser a voz apropriada a um homem de notória boa índole.

— Então devo entender — disse ele — que o noivado foi rompido?

— O senhor deve entender isso, Sr. Ablewhite, por gentileza.

— Devo também crer que a proposta de rompimento do noivado veio, em primeiro lugar, da senhorita?

— Ela veio, em primeiro lugar, de mim. E, como eu lhe disse, foi recebida com o consentimento e a aprovação de seu filho.

O termômetro chegou ao máximo. Quero dizer, o rosa transformou-se subitamente em vermelho.

— Meu filho é um cachorro mesquinho! — gritou o furioso velho mundano. — Para fazer justiça a mim, como seu pai, e não para fazer justiça a ele, permito-me perguntar: Srta. Verinder, que reclamação a senhorita tem a fazer do Sr. Godfrey Ablewhite?

Aqui o Sr. Bruff interferiu pela primeira vez.

— Você não é obrigada a responder a esta pergunta — disse ele a Rachel.

O velho Sr. Ablewhite voltou-se imediatamente para ele:

— Não se esqueça — disse — de que o senhor mesmo se convidou para vir aqui. Sua intervenção seria melhor recebida se o senhor esperasse até que ela fosse solicitada.

O Sr. Bruff não tomou conhecimento. O verniz liso do seu velho rosto malvado não rachou. Rachel lhe agradeceu pelo conselho que ele havia lhe dado, e depois, virou-se para o velho Sr. Ablewhite, tentando preservar sua compostura de um modo que (levando em conta sua idade e seu sexo) era simplesmente horrível de se ver.

— Seu filho me fez a mesma pergunta que o senhor acabou de fazer — disse ela. — Eu tive apenas uma resposta para ele, e tenho apenas uma resposta para o senhor. Propus que nos liberássemos do compromisso pois, refletindo, me convenci de que seria melhor tanto para ele quanto para mim se rompêssemos um compromisso precipitado, e se eu o deixasse livre para escolher outra pessoa.

— O que meu filho fez? — insistiu o Sr. Ablewhite. — Tenho o direito de saber isso. O que meu filho fez?

Ela, por sua vez, continuou igualmente obstinada.

— O senhor teve a única explicação que julgo ser minha obrigação lhe dar, ou a ele — respondeu ela.

— Em bom inglês, trata-se de sua vontade e prazer soberanos, Srta. Verinder, rejeitar o meu filho levianamente?

Rachel ficou em silêncio por um momento. Sentada bem atrás dela, eu a ouvi suspirar. O Sr. Bruff tomou sua mão e apertou-a levemente. Ela se recuperou e respondeu ao Sr. Ablewhite mais ousada do que nunca.

— Já me expus a erros de julgamento piores do que esse — disse ela. — E os suportei com paciência. Já se foi o tempo em que o senhor teria me ofendido mortalmente ao me chamar de leviana.

Ela falou com uma amargura que me fez ter certeza de que havia, de algum modo, se lembrado do escândalo da Pedra da Lua.

— Nada mais tenho a dizer — acrescentou ela, cansada, sem se dirigir a ninguém em particular, e evitando o olhar de qualquer um de nós, olhando em vez disso pela janela mais próxima.

O Sr. Ablewhite pôs-se de pé, e empurrou sua cadeira com tanta violência que ela se desequilibrou e caiu no chão.

— Quanto a mim, ainda tenho algo a dizer — anunciou ele, batendo na mesa com a palma da mão e causando um estrondo.

— Tenho a dizer que, se meu filho não considera isso um insulto, eu considero!

Rachel teve um sobressalto e olhou para ele com surpresa.

— Insulto? — repetiu ela. — O que o senhor quer dizer?

— Insulto! — reiterou o Sr. Ablewhite. — Srta. Verinder, eu conheço o motivo que a levou a quebrar a promessa feita ao meu filho! Tenho tanta certeza em relação a ele quanto se a senhorita o houvesse confessado. Seu maldito orgulho de família está insultando Godfrey, assim como insultou a mim

quando me casei com sua tia. A família dela, família de patifes, virou-lhe as costas por ela ter se casado com um homem honesto, que havia conquistado seu próprio lugar na sociedade e feito sua própria fortuna. Eu não tinha ancestrais, não era descendente de um bando de canalhas cortadores de garganta que viviam de roubo e assassinato. Eu não era capaz de descrever um tempo em que os Ablewhite não tinham o que vestir e não eram capazes de assinar os próprios nomes. Ah! Ah! Quando eu me casei, não era bom o bastante para os Herncastle. E, agora, na hora do aperto, meu filho não é bom o bastante para a senhorita. Suspeitei disso o tempo todo. A senhorita tem sangue Herncastle nas veias, minha jovem! Suspeitei disso o tempo todo.

— Uma suspeita muito indigna — observou o Sr. Bruff. — Fico surpreso que o senhor tenha coragem de admiti-la.

Antes que o Sr. Ablewhite pudesse encontrar palavras para responder, Rachel falou num tom de desprezo dos mais irritantes.

— Isso — disse ela ao advogado — certamente não deve ser levado em conta. Se ele é capaz de pensar desse modo, vamos deixa-lo pensar como quiser.

Agora, de vermelho, o Sr. Ablewhite estava ficando roxo. Esforçou-se para respirar; seu olhar ia de Rachel para o Sr. Bruff num tal frenesi de raiva dos dois, que ele não sabia quem atacar primeiro. Sua esposa, que até ali havia permanecido inabalável, abanando-se, começou a ficar preocupada e tentou, sem sucesso, acalmá-lo. Durante esta conversa perturbadora, eu havia escutado mais de uma vez um chamado interior para que interferisse com algumas palavras sinceras, e havia me controlado por medo dos possíveis resultados, o que é deveras indigno de uma inglesa cristã que não se importa com o que é meramente prudente, mas com o que é moralmente certo. No ponto em que as coisas haviam chegado, coloquei-me acima de qualquer

consideração meramente prática. Se eu houvesse cogitado interferir com qualquer admoestação de minha humilde lavra, possivelmente, ainda assim, teria hesitado. Mas a perturbadora emergência doméstica diante da qual eu me encontrava havia sido maravilhosa e lindamente prevista na Correspondência da Srta. Jane Ann Stamper — Carta número mil e um, sobre Paz nas Famílias. Levantei-me em meu reles canto e abri meu livro precioso.

— Querido Sr. Ablewhite — disse eu. — Uma palavra!

Quando atraí a atenção dos outros ao me levantar, pude ver que ele estava prestes a me dizer algo rude. Minha forma fraternal de me dirigir a sua pessoa o deixou sem ação. Ele me olhou fixamente, com uma surpresa ímpia.

— Na condição de amiga e simpatizante afetuosa — prossegui e há muito acostuada a despertar, convencer, preparar, iluminar e fortificar os outros, permita-me que tome a mais imperdoável de todas as liberdades: a liberdade de acalmar seu espírito.

Ele começou a se recuperar; estava a ponto de explodir — e teria explodido com qualquer outra pessoa. Mas minha voz (habitualmente suave) possui uma ou duas notas agudas, em caso de emergência. Nesta emergência, senti-me imperativamente instada a usar a mais aguda.

Brandi meu precioso livro diante dele; apontei para a página aberta com meu indicador, de maneira a impressioná-lo.

— Não são palavras minhas! — exclamei, num arroubo de interrupção fervorosa. — Oh, não suponha que eu possa exigir atenção para as minhas humildes palavras! Maná no deserto, Sr. Ablewhite! Orvalho na terra ressecada! Palavras de conforto, palavras de sabedoria, palavras de amor: as abençoadas, abençoadas, abençoadas palavras da Srta. Jane Ann Stamper!

Aqui fui interrompida por uma momentânea falta de ar. Antes que eu pudesse me recuperar, esse monstro em forma humana gritou com fúria:

— ... a Srta. Jane Ann Stamper!

É impossível para mim escrever a palavra horrorosa que aqui é representada por reticências. Soltei um grito quando ela atravessou seus lábios. Corri até minha pequena bolsa do outro lado da mesa; virei-a de cabeça para baixo de modo a fazer cair todos os meus panfletos; agarrei o panfleto que tratava especificamente do ato de blasfemar, intitulado *Quieto, pelo amor dos céus!*; estendi-lhe o panfleto com uma expressão de súplica agonizante. Ele o rasgou em dois e jogou-o de volta em minha direção por cima da mesa, O restante dos presentes se levantou, com espanto, sem saber o que poderia acontecer em seguida. Imediatamente voltei a me sentar em meu canto. Houve uma ocasião em que a Srta. Jane Ann Stamper foi tirada de um aposento, conduzida pelos dois ombros. Eu fiquei esperando, inspirada por seu espírito, por uma repetição do seu martírio.

Mas não, não era para ser. Ele dirigiu-se em seguida a sua esposa.

— Quem... quem... quem — disse ele, gaguejando de raiva — convidou essa fanática descarada a esta casa? Foi você?

Antes que Tia Ablewhite pudesse dizer uma palavra, Rachel respondeu por ela.

— A Srta. Clack está aqui — disse ela — como minha convidada.

Essas palavras provocaram no Sr. Ablewhite um efeito singular. Subitamente fizeram-no passar de um homem num estado de cólera insana para um homem num estado de frio desprezo. Estava claro para todos que Rachel havia dito alguma coisa — por mais curta e simples que sua resposta tivesse sido — que lhe dava enfim uma vitória sobre ela.

— Ah? — disse ele. — A Srta. Clack está aqui como sua convidada, em minha casa?

Com isso, foi a vez de Rachel perder a paciência. Ela enrubesceu, e seus olhos adquiriram um brilho feroz. Virou-se para o advogado e, apontando para o Sr. Ablewhite, perguntou com insolência:

— O que ele quer dizer?

O Sr. Bruff interferiu pela terceira vez.

— O senhor parece ter se esquecido — disse ele, dirigindo-se ao Sr. Ablewhite — que alugou esta casa como tutor da Srta. Verinder, para o uso da Srta. Verinder.

— Não tão depressa — interrompeu o Sr. Ablewhite. — Tenho uma última palavra a dizer, que já deveria ter dito há algum tempo, se essa... — olhou em minha direção, pensando que nome abominável usaria para se referir a mim. — Se essa solteirona descontrolada não nos tivesse interrompido. Peço a permissão de lhe informar, senhor, que se meu filho não é bom o bastante para ser marido da Srta. Verinder, não posso querer considerar seu pai bom o bastante para ser tutor da Srta. Verinder. Entenda, se assim o desejar, que eu recuso a condição que me é oferecida pelo testamento de Lady Verinder. No seu jargão jurídico, me nego a executá-lo. Por uma questão de necessidade, esta casa foi alugada em meu nome. Assumo sobre meus ombros a total responsabilidade por ela. É minha casa. Eu posso ficar com ela, ou me desfazer dela, conforme a minha vontade. Não desejo apressar a Srta. Verinder. Muito pelo contrário: peço-lhe que remova sua convidada e seus pertences no momento que melhor lhe convier. — Fez uma profunda reverência, e saiu do aposento.

Foi essa a vingança do Sr. Ablewhite com Rachel, por ela ter-se recusado a desposar seu filho!

No instante em que a porta se fechou, Tia Ablewhite executou um fenômeno que silenciou a todos nós. Foi tomada de energia suficiente para atravessar o aposento!

— Minha querida — disse ela, tomando Rachel pela mão eu teria vergonha de meu marido, se não soubesse que foi o seu temperamento que falou com você, e não ele próprio. Você — continuou Tia Ablewhite, virando-se para o canto onde eu estava com outro impulso de energia, desta vez em seu olhar em vez de em suas pernas—, você foi a pessoa daninha que o irritou. Espero nunca mais ver você ou seus panfletos. — Voltou-se novamente para Rachel e a beijou. — Peço-lhe perdão, minha querida — disse ela em nome de meu marido. O que posso fazer por você?

Perversa em todas as coisas de forma consistente — caprichosa e irracional em todas as ações de sua vida —, Rachel derreteu-se em lágrimas diante dessas palavras ordinárias, e retribuiu o beijo de sua tia em silêncio.

— Se a senhora me permitir responder pela Srta. Verinder — disse o Sr. Bruff—, será que eu posso lhe pedir, Sra. Ablewhite, que mande Penélope descer com o toucado e o xale de sua patroa? Dê-nos dez minutos juntos — acrescentou ele, num tom mais baixo —, e a senhora poderá ter certeza de que eu arrumarei as coisas, de modo a satisfazê-la assim como Rachel.

A confiança da família nesse homem era algo incrível de se ver. Sem mais uma palavra, por sua vez, Tia Ablewhite deixou o aposento.

— Ah! — disse o Sr. Bruff olhando—a sair. — O sangue Herncastle tem suas desvantagens, admito. Mas, apesar de tudo, há alguma vantagem em se ter berço de ouro!

Tendo feito esse comentário puramente mundano, ele lançou um olhar duro para o meu canto, como se esperasse que eu fosse embora. Meu interesse em Rachel — um interesse infinitamente mais elevado do que o dele — manteve-me colada à cadeira.

O Sr. Bruff se rendeu, exatamente como havia se rendido na casa de Tia Verinder em Montagu Square. Levou Rachel até uma cadeira perto da janela, e ali lhe falou.

— Minha querida jovem — disse ele —, a conduta do Sr. Ablewhite naturalmente a chocou e a tomou de surpresa. Se valesse a pena retrucar as palavras de tal homem, poderíamos logo lhe mostrar que as coisas não acontecerão como ele deseja. Mas não vale a pena. A senhorita tinha toda razão no que disse há pouco; não devemos levar isso em conta.

Ele parou e lançou um olhar para o meu canto. Fiquei ali sentada, praticamente imóvel, com meus panfletos debaixo do braço, e com a Srta. Jane Ann Stamper em meu colo.

— A senhorita sabe — retomou ele, virando-se novamente para Rachel — que fazia parte da excelente natureza de sua mãe sempre ver o melhor lado das pessoas ao seu redor, e nunca o pior. Ela nomeou seu cunhado tutor da senhorita porque acreditava nele, e porque pensava que isso agradaria sua irmã. Eu próprio nunca gostei do Sr. Ablewhite, e induzi sua mãe a me deixar incluir uma cláusula no testamento habilitando seus executores, em certas circunstâncias, a consultar-me a respeito da nomeação de um novo tutor. Uma dessas circunstâncias ocorreu hoje, e acho-me na condição de pôr fim a todos esses detalhes impessoais, de maneira agradável, espero, com um recado de minha esposa. A senhorita daria à Sra. Bruff a honra de ser sua convidada? A senhorita ficaria sob o meu teto, como parte da minha família, até que todos nós tenhamos esfriado nossas cabeças e decidido o que deve ser feito em seguida.

Ao ouvir essas palavras, levantei-me para interferir. O Sr. Bruff havia feito exatamente o que eu temia que fizesse quando pediu o toucado e o xale de Rachel à Sra. Ablewhite.

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, Rachel já tinha aceito seu convite da maneira mais calorosa possível. Se eu permitisse que o que havia sido combinado entre eles se

tornasse realidade — se ela atravessasse a soleira da porta da casa do Sr. Bruff —, eu podia dar adeus à esperança da minha vida, a esperança de trazer uma ovelha desgarrada de volta ao rebanho! Bastava a ideia de uma calamidade como essa para me esmagar inteiramente. Lancei aos ventos os miseráveis limites impostos pela discricão mundana e falei com o fervor que me inundava, com as primeiras palavras que me vieram à mente.

— Parem! — disse eu. — Parem! Eu devo ser escutada. Sr. Bruff! O senhor não é parente dela, e eu sou. Eu a convido; rogo aos executores que me nomeiem sua tutora. Rachel, Rachel querida, eu lhe ofereço minha modesta casa; venha a Londres pelo próximo trem, querida, e partilhe dela comigo!

O Sr. Bruff nada disse. Rachel olhou para mim com uma surpresa cruel que não se esforçou em esconder.

— Você é muito gentil, Drusilla — disse ela. — Espero ir visita-la quando porventura estiver em Londres. Mas aceitei o convite do Sr. Bruff, e penso que será melhor, por hora, se eu ficar sob os cuidados dele.

— Ah, não diga isso! — implorei. — Não posso me separar de você, Rachel... Não posso me separar de você!

Tentei envolvê-la em meus braços, mas ela se retraiu. Não fui capaz de comunicar meu fervor, que apenas a alarmou.

— Isso — disse ela — é sem dúvida uma demonstração desnecessária de agitação. Não entendo.

— Nem eu tampouco — disse o Sr. Bruff.

A dureza de ambos — sua dureza infame, mundana — me revoltou.

— Ah, Rachel! Rachel! — rebentei. — Você ainda não viu que meu coração anseia por fazer de você uma cristã? Uma voz interior não lhe contou que estou tentando fazer por você o mesmo que estava tentando fazer por sua querida mãe, quando a morte a arrancou de minhas mãos?

Rachel se aproximou mais um passo, e me olhou de um modo muito estranho.

— Não entendo sua referência a minha mãe — disse ela. — Srta. Clack, você teria a bondade de se explicar?

Antes que eu pudesse responder, o Sr. Bruff deu um passo à frente e, oferecendo o braço a Rachel, tentou tirá-la do aposento.

— É melhor não insistir no assunto, minha cara — disse ele. — É melhor que a Srta. Clack não se explique.

Mesmo que eu fosse um tronco de árvore ou uma pedra, uma interferência assim teria me levado a levantar a voz em nome da verdade. Indignada, afastei o Sr. Bruff com minhas próprias mãos e, em uma linguagem solene e adequada, expus a opinião que toda doutrina sólida associa, sem escrúpulos, à terrível calamidade de morrer sem preparo.

Rachel se afastou de mim bruscamente — enrubesço ao escrevê-lo — com um grito de horror.

— Vamos embora! — disse ela ao Sr. Bruff. — Vamos embora, pelo amor de Deus, antes que essa mulher possa dizer mais alguma coisa! Ah, pense na vida inocente, útil, linda que teve minha mãe! O senhor esteve no funeral, Sr. Bruff; viu como todos a amavam; viu as pobres pessoas desamparadas chorando sobre seu túmulo a perda de sua melhor amiga. E essa infeliz vem aqui e tenta me fazer duvidar que minha mãe, que era um anjo na terra, é agora um anjo no céu! Não pare para responder! Vamos embora! Fico sufocada ao respirar o mesmo ar que ela! Assusta-me saber que estamos juntas no mesmo aposento!

Surda a qualquer apelo, ela correu para a porta.

No mesmo instante, sua criada entrou com seu toucado e seu xale. Ela os colocou de qualquer maneira.

— Faça minhas malas — disse ela — e leve-as à casa do Sr. Bruff.

Tentei me aproximar dela — eu estava chocada e magoada mas, é inútil dizer, não estava ofendida. Apenas queria poder lhe dizer: Que seu coração duro se enteneça! Eu a perdoei espontaneamente! Ela abaixou seu véu, arrancou o xale de minhas mãos e, saindo correndo, bateu a porta na minha cara. Aguentei o insulto com a firmeza de sempre. Lembro-me dele agora com minha superioridade costumeira para com qualquer sentimento de ofensa.

Antes de sair correndo por sua vez, o Sr. Bruff lançou-me uma última palavra de escárnio.

— A senhorita não deveria ter-se explicado, Srta. Clack — disse ele; fez uma reverência, e deixou o aposento.

A pessoa dos laços e fitas entrou em seguida.

— É fácil ver quem deixou todos neste estado — disse ela. — Não passo de uma pobre criada, mas declaro ter vergonha da senhorita!

Ela também saiu, e bateu a porta atrás de si.

Fui deixada sozinha no aposento. Injuriada por todos eles, abandonada por todos eles, fui deixada sozinha no aposento.

Haverá algo mais a acrescentar a esse simples relato dos acontecimentos — a esse tocante retrato de uma cristã perseguida pelo mundo? Não! Meu diário me lembra que mais um dentre os muitos capítulos atribulados de minha vida termina aqui. Daquele dia em diante, nunca mais vi Rachel Verinder. Ela teve meu perdão na ocasião em que me insultou. Desde então, ela teve meus votos de felicidade e minhas orações. E, quando eu morrer — para completar minha retribuição do mal com o bem ela receberá a Vida, cartas e feitos da Srta. Jane Ann Stamper, que lhe deixarei como legado através de meu testamento.

SEGUNDA NARRATIVA

Fornecida por Mathew Bruff, advogado
em Gray's Inn Square

CAPÍTULO 1

Depois de minha honesta amiga, a Srta. Clack, ter largado a pena, há duas razões para que eu, por minha vez, a tome em seguida.

Em primeiro lugar, encontro-me em posição de lançar a luz necessária sobre certos pontos de interesse que até agora foram deixados de lado. A Srta. Verinder teve sua razão particular para romper seu noivado — e eu estava em sua origem. O Sr. Godfrey Ablewhite teve sua razão particular para desistir de pretender a mão de sua encantadora prima — e eu descobri qual era.

Em segundo lugar, foi minha sorte ou meu azar, mal sei qual dos dois, encontrar-me pessoalmente envolvido — na época sobre a qual agora escrevo — no mistério do Diamante indiano. Tive a honra de receber para uma conversa, em meu escritório, um estranho oriental de maneiras muito distintas que não era outro, sem dúvida, senão o chefe dos três indianos. Acrescente-se a isso que no dia seguinte fiquei conhecendo o renomado viajante Sr. Murthwaite e tive com ele uma conversa a respeito da Pedra da Lua que viria a ter importantes consequências sobre o que estava por vir. Eis aí a exposição das minhas pretensões quanto a ocupar a posição que é a minha nestas páginas.

Segundo a ordem cronológica, a verdadeira história do noivado desfeito vem primeiro e deve, portanto, tomar o primeiro lugar na presente narrativa. Seguindo o caminho inverso dos acontecimentos, de uma extremidade à outra, considero necessário começar meu relato, por mais que isso possa lhes parecer estranho, à cabeceira de meu estimado cliente e amigo, o falecido Sr. Verinder.

Sir John sofria de seu quinhão — talvez um quinhão mais generoso — daquelas mais inofensivas e simpáticas das fraquezas inerentes à humanidade. Entre elas, eu poderia citar como passível de aplicação ao caso presente uma relutância irreduzível — enquanto lhe durou a costumeira boa saúde — em encarar a responsabilidade de fazer seu testamento. Lady Verinder exerceu sua influência para despertar seu sentido de dever quanto a esse ponto, e eu exerci a minha. Ele admitiu a exatidão de nossos pontos de vista — mas não foi além disso, até que se viu acometido pela doença que acabou levando-o para o túmulo. Então, fui finalmente chamado para anotar as instruções de meu cliente a respeito de seu testamento. As instruções revelaram-se as mais simples que eu jamais havia recebido em toda a minha carreira profissional.

Sir John estava adormecido quando entrei no quarto. Ao me ver, despertou.

— Como vai, Sr. Bruff? — disse ele. — Não vou demorar muito com isso. E depois vou dormir de novo. — Ele me observou com grande interesse enquanto eu juntava penas, tinta e papel. — Está pronto? — perguntou. Aquiesci, molhei a pena na tinta e esperei minhas instruções.

— Deixo tudo para minha esposa — disse Sir John. — É isso.

Ele virou a cabeça no travesseiro e preparou-se para dormir novamente.

Fui obrigado a incomodá-lo.

— Devo entender — perguntei — que o senhor deixa para Lady Verinder, sem restrições, a totalidade dos bens que possui no momento de sua morte, de todos os tipos e qualquer que seja sua descrição?

— Sim — disse Sir John. — Só que eu uso menos palavras. Por que o senhor não usa menos palavras e me deixa dormir de novo? Tudo para minha esposa. É esse o meu testamento.

Ele tinha controle irrestrito sobre seus bens, e estes eram de dois tipos. Bens em terras (evito de propósito o uso de linguagem técnico) e bens em dinheiro. Na maioria dos casos, temo que consideraria meu dever para com meu cliente pedir-lhe que reconsiderasse seu testamento. No caso de Sir John, eu sabia que Lady Verinder não só era digna da confiança irrestrita que seu marido depositava nela (todas as boas esposas são dignas disso), mas também que ela era capaz de administrar esses bens (coisa que, em minha experiência do belo sexo, sequer uma em cada mil mulheres é capaz de fazer). Em dez minutos o testamento de Sir John havia sido redigido e validado, e o próprio Sir John, bom sujeito, estava terminando seu cochilo interrompido.

Lady Verinder justificou amplamente a confiança que seu marido havia depositado nela. Nos primeiros dias de sua viuvez, mandou me chamar, e fez seu testamento. A visão que tinha de sua condição era tão sólida e sensata que me senti dispensado de qualquer necessidade de dar-lhe conselhos. Minha responsabilidade começava e terminava na formulação de suas instruções sob a forma legal correta. Antes que Sir John houvesse passado duas semanas em seu túmulo, o futuro de sua filha havia sido garantido da maneira mais sábia e afetuosa possível.

O testamento permaneceu em sua caixa à prova de incêndio em meu escritório durante um número de anos maior do que gosto de pensar. Foi só no verão de 1848 que tive a oportunidade de vê-lo novamente, em circunstâncias muito tristes.

Na data que mencionei, os médicos emitiram seu diagnóstico sobre a pobre Lady Verinder, praticamente uma sentença de morte. Eu fui a primeira pessoa informada por ela de sua situação; e encontrei-a ansiosa por reexaminar comigo seu testamento.

Era impossível melhorar as cláusulas relacionadas a sua filha. Mas, com o passar do tempo, seus desejos em relação a certas heranças menores deixadas para diferentes parentes haviam sofrido algumas modificações, e tornou-se necessário acrescentar três ou quatro codicilos ao documento original. Uma vez feito isso, por medo de acidentes, obtive imediatamente a permissão de sua senhoria para reunir suas instruções recentes em um segundo testamento. Meu objetivo era evitar algumas confusões e repetições inevitáveis que agora desfiguravam o documento original e que, para confessar a verdade, contrariavam tristemente meu zelo profissional.

A validação desse segundo testamento foi descrita pela Srta. Clack, que foi prestativa o bastante para presenciá-la. No que concerne aos interesses pecuniários de Rachel Verinder, ele era uma repetição exata, ao pé da letra, do primeiro testamento. As únicas mudanças introduzidas, feitas segundo meus conselhos, diziam respeito à nomeação de um tutor e a algumas providências relacionadas à nomeação. Quando Lady Verinder morreu, o testamento foi colocado nas mãos de meu procurador para ser provado (assim reza o jargão) do modo habitual.

Cerca de três semanas depois disso — até onde posso me lembrar — chegaram até mim os primeiros indícios de que algo estranho estava acontecendo por trás do pano. Eu estava fazendo uma visita ao escritório de meu amigo procurador, e notei que ele me recebeu aparentando mais interesse do que de hábito.

— Tenho novidades para você — disse ele. — O que você acha que escutei esta manhã no Tribunal? Solicitaram o testamento de Lady Verinder e já o examinaram!

Isso era realmente uma novidade. Não havia absolutamente nada no testamento que pudesse ser contestado, e ninguém em quem eu pudesse pensar tinha o

menor interesse em examiná-lo. (Talvez aqui eu deva explicar, para proveito daqueles que já não o sabem, que a lei permite que todos os testamentos sejam examinados na Associação por qualquer um que assim o solicitar, mediante uma taxa de um xelim.)

— Você ouviu quem solicitou o testamento? — perguntei.

— Ouvi; o escriturário não hesitou em me contar. O Sr. Smalley, da firma Skipp e Smalley, o solicitou. O testamento ainda não foi copiado para os grandes registros. Portanto, não havia alternativa senão adotar o procedimento usual, e deixá-lo ver o documento original. Ele o examinou cuidadosamente e tomou notas em seu caderninho. Você tem alguma ideia do que ele queria?

Balancei a cabeça.

— Vou descobrir — respondi — em um piscar de olhos.

Com isso, voltei imediatamente ao meu próprio escritório.

Se a firma de advogados envolvida com essa solicitação misteriosa do testamento de minha falecida cliente houvesse sido outra, eu poderia ter tido alguma dificuldade para fazer a descoberta necessária. Mas eu tinha uma influência sobre a firma Skipp e Smalley que tomava minha atuação nessa situação comparativamente fácil. Meu escriturário de direito costumeiro (um homem competentíssimo e de ótimo caráter) era irmão do Sr. Smalley e, nos últimos anos, devido a essa conexão indireta comigo, a firma Skipp e Smalley havia recolhido as migalhas que caíam de minha mesa sob a forma de casos trazidos ao meu escritório que, por diversas razões, eu não considerava que valesse a pena aceitar. Assim, minha proteção profissional tinha alguma importância para a firma. Na situação que se apresentava, eu tinha a intenção, se necessário, de lembrá-los dessa proteção.

No instante em que voltei ao escritório, falei com meu escriturário e, depois de lhe contar o que havia acontecido, enviei-o ao escritório de seu irmão, com os cumprimentos do

Sr. Bruff, que ficaria muito agradecido em saber por que os senhores Skipp e Smalley haviam tido a necessidade de examinar o testamento de Lady Verinder.

Esse recado trouxe o Sr. Smalley de volta ao meu escritório, acompanhado de seu irmão. Ele admitiu ter agido obedecendo às instruções de um cliente. E depois me perguntou se não seria uma violação do segredo profissional de sua parte se me dissesse mais.

Tivemos uma boa conversa a esse respeito. Sem dúvida, ele estava certo e eu, errado. A verdade é que eu estava zangado e desconfiado — e insisti para saber mais. Pior ainda, recusei-me a considerar qualquer informação que ele me oferecesse como um segredo que me era confiado: solicitei a liberdade de usá-la como bem entendesse. Pior ainda do que isso, tirei uma vantagem injustificável de minha posição.

— Escolha, senhor — disse eu ao Sr. Smalley entre o risco de perder os negócios de seu cliente e o risco de perder os meus.

Completamente indefensável, admito — um ato de tirania, nada menos do que isso. Como outros tiranos, insisti em minha posição. O Sr. Smalley fez sua escolha sem hesitar um só instante. Sorri resignadamente e deu-me o nome de seu cliente: Sr. Godfrey Ablewhite.

Isso era o bastante para mim — eu não queria saber mais nada.

Tendo alcançado esse ponto em minha narrativa, torna-se agora necessário colocar o leitor dessas linhas em uma posição perfeitamente igual à minha, no que diz respeito à informação em relação ao testamento de Lady Verinder.

Permitam-me afirmar, usando o menor número de palavras possível, que o interesse de Rachel Verinder sobre os bens é apenas vitalício. A magnífica visão de sua mãe e minha longa experiência haviam se aliado para liberá-la de qualquer

responsabilidade, e resguardá-la de qualquer perigo de tornar-se, no futuro, vítima de algum homem necessitado e inescrupuloso. Nem ela, nem seu marido (se ela se casasse), podiam levantar um centavo, seja das terras ou do dinheiro. Eles teriam as casas em Londres e em Yorkshire para morar, e teriam uma bela renda — e isso era tudo.

Quando comecei a pensar sobre o que havia descoberto, fiquei indeciso quanto ao que fazer era seguida.

Mal havia se passado uma semana desde que eu ficara sabendo (para minha surpresa e aflição) da proposta de casamento feita à Srta. Verinder. Eu nutria por ela a mais sincera admiração e carinho, e havia ficado indescritivelmente triste quando soube que ela estava prestes a desperdiçar sua vida casando-se com o Sr. Godfrey Ablewhite. E agora, ali estava esse homem — que eu sempre havia desconfiado ser um impostor de fala macia — justificando meus piores pensamentos a seu respeito e revelando claramente o objetivo mercenário do casamento, de sua parte! E o que tem isso? —, os senhores podem replicar isto se repete todos os dias. Concedido, meus caros senhores. Mas encarariam a situação tão levianamente se a noiva (digamos) fosse sua própria irmã?

Esta foi naturalmente a primeira consideração que me ocorreu: o Sr. Godfrey Ablewhite manteria seu noivado depois do que seu advogado havia descoberto para ele?

Isso dependia inteiramente de sua condição financeira, da qual eu nada sabia. Se essa condição não fosse desesperada, valeria a pena casar-se com a Srta. Verinder simplesmente por causa de sua renda. Se, por outro lado, ele estivesse precisando urgentemente reunir uma grande soma de dinheiro em pouco tempo, então o testamento de Lady Verinder se aplicaria perfeitamente ao caso e protegeria sua filha de cair nas mãos de um vigarista.

Nesse último caso, não haveria necessidade para que eu preocupasse a Srta. Rachel, nos primeiros dias de seu luto por

sua mãe, com uma revelação imediata da verdade. No primeiro caso, se eu ficasse calado estaria sendo conivente com um casamento que a tornaria infeliz para o resto da vida.

Minhas dúvidas terminaram quando cheguei ao hotel em Londres onde eu sabia que a Sra. Ablewhite e a Srta. Verinder estavam hospedadas. Elas me informaram que estavam indo para Brighton no dia seguinte, e que um imprevisto havia impedido o Sr. Godfrey Ablewhite de acompanhá-las. Imediatamente me propus a tomar seu lugar. Enquanto estava pensando apenas em Rachel Verinder, era possível que eu hesitasse. Quando realmente a vi, no mesmo instante tomei a decisão, quaisquer que fossem as consequências, de dizer-lhe a verdade.

Encontrei minha oportunidade quando estava dando um passeio em sua companhia, no dia seguinte à minha chegada.

— Posso lhe falar — perguntei — sobre seu noivado?

— Sim — disse ela com indiferença —, se o senhor não tiver nada mais interessante sobre o que falar.

— Srta. Rachel, a senhorita perdoaria um velho amigo e criado de sua família se eu ousasse lhe perguntar se está realmente decidida a se casar?

— Estou me casando por desespero, Sr. Bruff, para talvez cair em um estado de felicidade estagnante que possa me reconciliar com minha vida.

Palavras fortes! E que sugeriam algo que não havia sido dito, algo sob a forma de um romance. Mas eu tinha em vista meus próprios objetivos, e me abstive (como dizem os advogados) de continuar a insistir nesses assuntos paralelos.

— Não posso crer que o Sr. Ablewhite pense como a senhorita — disse eu. — Ele, pelo menos, deve estar decidido a se casar?

— Ele diz que sim, e suponho que deva acreditar nele. Afinal, depois do que lhe confessei, ele não se casaria comigo a não ser que gostasse de mim.

Pobrezinha! A simples ideia de que um homem pudesse se casar com ela para atingir seus próprios fins egoístas e mercenários jamais havia lhe passado pela cabeça. A tarefa que eu havia me proposto executar começava a parecer um pouco mais árdua do que eu havia previsto.

— Parece estranho — continuei — para meus ouvidos antiquados...

— O que lhe parece estranho? — perguntou ela.

— Ouvi-la falar de seu futuro marido como se não tivesse tanta certeza assim da sinceridade de sua afeição. A senhorita tem alguma razão para duvidar dele?

Quando fiz essa pergunta, sua impressionante perspicácia detectou uma mudança em minha voz, ou em minha atitude, que lhe avisou que desde o início eu vinha falando com um objetivo oculto em mente. Ela parou e, largando o meu braço, dirigiu-me um olhar intrigado.

— Sr. Bruff — disse ela —, o senhor tem algo a me contar sobre Godfrey Ablewhite. Conte.

Eu a conhecia bem o bastante para tomar suas palavras ao pé da letra. Contei-lhe tudo.

Ela voltou a tomar-me pelo braço, e recomeçamos a andar, vagarosamente. À medida que eu continuava, sentia sua mão automaticamente apertando cada vez mais meu braço, e a via ficar cada vez mais pálida — mas nenhuma palavra saiu de sua boca enquanto eu estava falando. Quando terminei, ela continuou calada. Cabisbaixa, continuava a caminhar ao meu lado, inconsciente de minha presença, inconsciente de tudo à sua volta, perdida — eu quase poderia dizer enterrada — em seus próprios pensamentos.

Não fiz nenhuma tentativa para despertá-la. Nessa, como em outras ocasiões, minha experiência sobre o seu caráter me dizia para dar a ela um pouco de tempo.

Quando ficam sabendo de alguma coisa que lhes interessa, o primeiro impulso das jovens é, geralmente, fazer

um sem-número de perguntas e depois sair correndo para conversar a respeito com alguma melhor amiga. Em circunstâncias similares, o primeiro instinto de Rachel Verinder era fechar-se dentro de si mesma, e pensar sozinha a respeito. Essa total autossuficiência é uma grande virtude para um homem. Para uma mulher, tem as sérias desvantagens de separá-la, de um ponto de vista moral, da maioria dos indivíduos de seu sexo, e expô-la a interpretações erradas por parte da opinião geral. Tenho grandes suspeitas de que penso exatamente como o resto do mundo sobre esse assunto — exceto no caso de Rachel Verinder. Em seu caráter, a autossuficiência era uma de suas virtudes; em parte, sem dúvida, porque eu a admirava e gostava dela com sinceridade; e em parte porque a opinião que eu tinha dela com relação à perda da Pedra da Lua baseava-se em meu conhecimento especial de seu caráter. No assunto do Diamante, por mais chocante, sem dúvida, que fosse sabê-la de alguma maneira envolvida com o mistério de um roubo não desvendado, por piores que fossem as aparências, ainda assim eu estava convencido de que ela não havia feito nada indigno de sua pessoa, porque também tinha certeza de que ela não tinha dado nenhum passo em relação a esse assunto sem primeiro fechar-se dentro de si mesma e pensar a respeito.

Continuamos andando por, digamos, quase uma milha, antes que Rachel despertasse. Levantou os olhos de repente e me deu um leve esboço de seu sorriso de tempos mais felizes — o sorriso mais irresistível que eu jamais vi no rosto de uma mulher.

— Já devo tanto a sua gentileza — disse ela. — E agora me sinto mais profundamente agradecida do que nunca. Se o senhor escutar rumores sobre meu casamento quando voltar a Londres, contradiga-os imediatamente, e diga que fui eu quem lhe contei.

— A senhorita decidiu romper seu noivado? — perguntei.

— O senhor tem alguma dúvida? Depois do que me contou! — respondeu ela com orgulho.

— Minha cara Srta. Rachel, a senhorita é muito jovem e pode encontrar mais dificuldades para romper seu compromisso do que prevê. A senhorita não tem ninguém (digo uma dama, é claro) com quem possa conversar?

— Ninguém — respondeu ela.

Entristeceu-me ouvi-la dizer aquilo, realmente entristeceu-me. Ela era tão jovem e tão sozinha — e suportava isso tão bem! O impulso de ajudá-la venceu qualquer consideração que eu pudesse ter tido, naquele momento, sobre minha inaptidão, e formulei minhas ideias sobre o assunto da mesma maneira com que elas me ocorreram no afã do momento, da melhor forma que pude. Já aconselhei um número prodigioso de clientes e, em minha vida, lidei com algumas situações nas quais me sentia extremamente desconfortável. Mas essa era a primeira ocasião em que jamais tive a oportunidade de aconselhar uma jovem sobre como se desvencilhar de um compromisso de casamento. A sugestão que ofereci era basicamente a seguinte. Recomendei que dissesse ao Sr. Godfrey Ablewhite — em particular, é claro — que ela sabia de fontes seguras que ele tinha dado mostras da natureza mercenária de sua motivação. Ela então acrescentaria que, depois do que havia descoberto, era simplesmente impossível que eles se casassem, e lhe perguntaria se ele achava melhor concordar com ela e assim garantir o seu silêncio, ou, no caso de se opor a ela, forçá-la a tornar conhecido o motivo pelo qual estava agindo daquela maneira. Se ele tentasse se defender, ou negar os fatos, ela o mandaria falar contigo.

A Srta. Verinder escutou com atenção até que eu houvesse terminado. Então me agradeceu com muita graça pelo conselho, mas ao mesmo tempo me informou que era impossível, para ela, segui-lo.

— Posso perguntar — disse eu — que objeção a senhorita tem a fazer para não segui-lo?

Ela hesitou, e depois me fez por sua vez uma pergunta.

— Suponhamos que lhe pedissem para expressar sua opinião sobre a conduta do Sr. Godfrey Ablewhite? — começou ela.

— Sim?

— O que o senhor diria sobre ela?

— Diria que é a conduta de um homem mau e mentiroso.

— Sr. Bruff! Eu acreditei nesse homem. Eu prometi me casar com esse homem. Como posso lhe dizer que ele é mau, como posso lhe dizer que me enganou, como, depois disso, posso causar sua desgraça aos olhos do mundo? Degradei-me pelo simples fato de ter pensado nele como meu marido. Se eu disser a ele o que o senhor me diz, então estarei admitindo que me degradei diante dele. Não posso fazer isso. Depois do que aconteceu entre nós, não posso fazer isso! A vergonha não seria nada para ele. Mas a vergonha seria insuportável para mim.

Ali estava outra característica peculiar de seu caráter mostrando-se a mim sem reservas. Ali estava seu verdadeiro horror a tudo que era mau, fechando seus olhos para qualquer consideração daquilo que devia a si mesma, levando-a a uma atitude falsa que poderia comprometê-la na estima de todos os seus amigos! Até aquele momento, eu não estava muito confiante quanto à correção do conselho que havia lhe dado. Mas, depois do que ela havia acabado de dizer, eu já não tinha nenhum tipo de dúvida de que era o melhor conselho que poderia ter sido oferecido; e não senti nenhuma hesitação em insistir mais uma vez junto a Rachel.

Ela apenas balançou a cabeça, e repetiu suas objeções em outras palavras.

— Ele teve intimidade o bastante comigo para pedir que eu fosse sua esposa. Seu lugar em minha estima foi alto o

suficiente para que eu consentisse. Não posso dizer na sua cara que ele é a mais desprezível das criaturas, depois disso!

— Mas, minha querida Rachel — protestei —, é igualmente impossível para você lhe dizer que está rompendo seu noivado sem dar alguma razão para tal.

— Direi que pensei no assunto, e que fiquei convencida de que será melhor para nós dois se nos separarmos.

— Nada além disso?

— Nada.

— A senhorita pensou no que ele, por sua vez, pode dizer?

— Ele pode dizer o que quiser.

Era impossível não admirar sua delicadeza e sua decisão, e era igualmente impossível não ter o sentimento de que ela estava se prejudicando. Supliquei que reconsiderasse sua posição. Lembrei-lhe que ela estaria se expondo às mais odiosas especulações sobre seus motivos.

— Não se pode enfrentar a opinião pública — disse eu — com a força de sentimentos particulares.

— Eu posso — disse ela. — Já fiz isso.

— O que a senhorita quer dizer?

— O senhor se esqueceu da Pedra da Lua, Sr. Bruff. Naquela ocasião, eu não enfrentei a opinião pública por motivos que só eu conhecia?

Sua resposta me fez ficar em silêncio por um instante. Levou-me a tentar descobrir, na estranha confissão que havia acabado de sair de sua boca, a explicação para sua conduta na ocasião da perda da Pedra da Lua. Talvez eu pudesse tê-lo feito quando era mais jovem. Eu certamente não era capaz de fazê-lo agora.

Tentei um último protesto antes de voltarmos à casa. Ela continuou tão irredutível quanto antes. Naquele dia, quando parti, havia em minha mente um estranho conflito de sentimentos a seu respeito. Ela era teimosa; ela estava errada.

Ela era curiosa; ela era admirável; ela era digna da mais profunda pena. Fiz com que promettesse me escrever quando tivesse notícias para me dar. E voltei a meus negócios em Londres, com o espírito extremamente desassossegado.

Na noite em que voltei, antes que fosse possível receber a carta prometida, fui surpreendido por uma visita do Sr. Ablewhite, pai, e informado de que o Sr. Godfrey havia recebido sua dispensa — e a havia aceitado — naquele mesmo dia.

Com a opinião que tinha do caso, as palavras que destaquei revelavam a razão para a aceitação do Sr. Godfrey Ablewhite com tanta clareza quanto se ele próprio a tivesse confessado. Ele precisava de uma grande soma em dinheiro, dentro de um prazo preciso. A renda de Rachel, que o teria ajudado em outras circunstâncias, não o ajudaria nesta; e por isso Rachel havia se liberado de seu compromisso sem encontrar nenhuma oposição da parte dele. Se me disserem que se trata de mera especulação, eu, por minha vez, pergunto: que outra teoria explicaria o fato de ele ter aberto mão de um casamento que lhe teria dado uma vida de nababo para o resto de sua vida?

Qualquer alegria que eu pudesse ter sentido, em outras circunstâncias, diante da facilidade com que as coisas haviam sido conduzidas até ali, foi eficientemente impedida pelo que aconteceu durante minha conversa com o velho Sr. Ablewhite.

É claro que ele veio ao meu escritório saber se eu poderia lhe dar alguma explicação para a extraordinária conduta da Srta. Verinder. É desnecessário dizer que eu obviamente não podia lhe fornecer a informação que desejava. A irritação que isso lhe causou, logo depois da irritação produzida por um encontro recente com seu filho, fizeram o Sr. Ablewhite perder a paciência. Sua aparência e suas palavras me convenceram de que a Srta. Verinder iria lidar com um homem

implacável no dia seguinte, quando ele se juntasse às senhoras em Brighton.

Tive uma noite agitada, pensando no que deveria fazer em seguida. Como terminaram minhas reflexões, e o quão bem fundada revelou-se minha desconfiança a respeito do Sr. Ablewhite, são informações que (segundo fui informado) já foram devidamente expostas por aquela pessoa exemplar, a Srta. Clack. Devo apenas acrescentar — em complemento à sua narrativa — que a Srta. Verinder encontrou em minha casa em Hampstead a tranquilidade e o repouso de que tristemente necessitava, pobrezinha. Ela nos honrou com uma longa estada. Minha esposa e minhas filhas encantaram-se com ela, e, quando os executores decidiram eleger o novo tutor, tenho sincero orgulho e prazer em registrar que minha convidada e minha família separaram-se como velhos amigos.

CAPÍTULO 2

Neste capítulo, o que devo fazer é apresentar as informações adicionais que possuo a respeito da Pedra da Lua ou, para falar mais corretamente, a respeito da conspiração indiana para roubar o Diamante. O pouco que tenho para contar (como penso já ter dito) tem, apesar de tudo, alguma importância, pois tem enorme influência sobre acontecimentos ainda por vir.

Cerca de uma semana ou dez dias depois da partida da Srta. Verinder, um de meus empregados entrou na sala reservada de meu escritório com um cartão na mão, e informou-me de que havia um cavalheiro no andar de baixo que queria falar comigo.

Olhei para o cartão. Havia um nome estrangeiro escrito nele, que me fugiu à memória. O nome era seguido por uma linha escrita em inglês na parte inferior do cartão, da qual me lembro com perfeição:

Recomendado pelo Sr. Septimus Luker.

A audácia de uma pessoa na posição do Sr. Luker que pretendesse recomendar alguém a mim causou-me tamanha surpresa, que fiquei sentado em silêncio por um instante, me perguntando se meus próprios olhos não estavam me enganando. Meu funcionário, vendo minha perplexidade, apresentou-me o resultado de sua própria observação do estranho que esperava no andar de baixo.

— É um homem de aparência notável, senhor. De pele tão escura que todos no escritório o tomaram por um indiano, ou algo desse tipo.

Associando as impressões de meu funcionário aos dizeres no cartão que eu segurava, achei possível que a Pedra da Lua estivesse na origem da recomendação do Sr. Luker e da visita

do estranho ao meu escritório. Para surpresa de meu funcionário, decidi conceder imediatamente uma audiência ao cavalheiro do andar de baixo.

Para justificar a condescendência à curiosidade que cometi ao fazer isso, altamente não profissional, peço a permissão de lembrar a quem quer que possa ler essas linhas que ninguém (na Inglaterra, pelo menos) pode alegar ter tido uma conexão tão íntima com a aventura do Diamante indiano quanto eu tive. Eu estava a par do plano secreto do Coronel Herncastle para escapar de seu assassinato. Eu recebia as cartas do Coronel, assegurando-me periodicamente que ele estava vivo. Fiz seu testamento, deixando a Pedra da Lua para a Srta. Verinder. Persuadi seu executor a agir, achando que a joia poderia vir a ser uma aquisição valiosa para a família. E, por fim, combati os escrúpulos do Sr. Franklin Blake e o induzi a transportar o Diamante para a casa de Lady Verinder. Se alguém pode alegar um direito adquirido de se interessar pela Pedra da Lua, e por tudo relacionado a ela, penso que seria difícil negar que essa pessoa sou eu.

No instante em que meu misterioso cliente entrou, senti uma convicção interior de estar diante de um dos três indianos — provavelmente o chefe. Ele estava cuidadosamente vestido à europeia. Mas sua compleição escura, seu corpo alto e esbelto e suas maneiras educadas, graves e graciosas eram o bastante para revelar sua origem oriental a qualquer par de olhos inteligentes que se fixassem em sua figura.

Apontei para uma cadeira, e pedi para ser informado a respeito da natureza dos negócios que desejava fazer comigo.

Depois de se desculpar, em primeiro lugar — com uma excelente seleção de palavras inglesas pela liberdade que havia tomado ao me procurar, o indiano mostrou-me um pequeno embrulho cuja parte externa era constituída por um pano dourado. Após remover este e um segundo pano parecido com seda, ele colocou sobre minha mesa uma

pequena caixa, ou porta-joias, feita de ébano e lindamente incrustada com pedras preciosas.

— Senhor, eu vim até aqui — disse ele — pedir-lhe que me empreste algum dinheiro. E lhe deixo este objeto como prova de que minha dívida será paga.

Apontei para seu cartão.

— E o senhor chegou até mim — perguntei — recomendado pelo Sr. Luker?

O indiano aquiesceu.

— Posso perguntar por que o próprio Sr. Luker não lhe emprestou o dinheiro de que o senhor precisa?

— O Sr. Luker me informou que não tinha dinheiro para emprestar, senhor.

— E então lhe recomendou que viesse até mim?

O indiano apontou para o cartão por sua vez.

— Está escrito ali — disse ele.

Resposta breve e direto ao ponto! Sei muito bem que, se eu estivesse de posse da Pedra da Lua, esse cavalheiro oriental teria me assassinado sem um instante de hesitação. Ao mesmo tempo, excetuando esse pequeno problema, devo declarar que ele foi o modelo do cliente perfeito. Poderia não ter respeitado minha vida. Mas fez o que nenhum dos meus conterrâneos jamais havia feito em toda minha experiência com eles — respeitou meu tempo.

— Sinto muito — disse eu — que o senhor tenha tido o incômodo de vir até mim. O Sr. Luker se enganou ao mandá-lo me procurar. Como qualquer outro em minha profissão, tenho dinheiro para emprestar. Mas nunca empresto a estranhos, e nunca empresto com as garantias que o senhor apresentou.

Longe de tentar fazer com que eu afrouxasse minhas regras, como outras pessoas teriam feito, o indiano apenas fez uma nova reverência e embrulhou sua caixa em seus dois tecidos sem uma palavra de protesto. Levantou-se — esse

admirável assassino se levantou para ir embora imediatamente, uma vez que eu havia respondido à sua pergunta!

— Será que sua condescendência para com um estrangeiro me perdoará se eu fizer uma pergunta antes de ir? — disse ele.

Por minha vez, aquiesci. Apenas uma pergunta antes de ir embora! A média, segundo minha experiência, eram cinquenta.

— Supondo, senhor, que houvesse sido possível (e normal) que o senhor me emprestasse o dinheiro — disse ele —, dentro de que espaço de tempo teria sido possível (e normal) eu lhe reembolsar?

— Segundo os procedimentos normais adotados neste país — respondi —, espera-se que o senhor reembolse a dívida (se assim o desejar) dentro de um ano a contar da data em que recebeu o empréstimo.

O indiano fez uma última reverência, a mais pronunciada de todas — e rápida e suavemente se retirou do aposento.

Fez isso em um instante, de maneira silenciosa, ágil, mais parecendo um gato, o que confesso ter me surpreendido um pouco. Tão logo estava recuperado o bastante para pensar, cheguei a uma conclusão clara a respeito do visitante que havia me feito uma visita, que de outro modo seria incompreensível.

Seu rosto, sua voz e seus modos — enquanto estava em minha companhia — haviam sido mantidos sob tão perfeito controle que impediam qualquer observação. Mas mesmo assim ele havia me dado uma chance de penetrar em seu íntimo. Não tinha dado mostras do menor sinal de tentar registrar o que quer que eu lhe tivesse dito em sua mente, até que mencionei o período ao término do qual era costumeiro esperar o primeiro reembolso, da parte do credor, de um empréstimo em dinheiro que este houvesse recebido. Quando lhe dei essa informação específica, ele pela primeira vez olhou

diretamente para o meu rosto enquanto eu falava. A conclusão que tirei disso foi que ele tinha algum motivo especial para me fazer essa última pergunta, e um interesse especial em minha resposta para ela. Quanto mais cuidadosamente eu refletia sobre o que havia acontecido entre nós, maiores eram minhas suspeitas de que o porta-joias e o pedido de empréstimo haviam sido meras formalidades, destinadas a abrir caminho para a pergunta final que me foi feita.

Eu estava satisfeito quanto à justeza dessa conclusão — e tentava dar um passo além, desvendando em seguida os motivos do indiano — quando me trouxeram uma carta cujo remetente se revelou ser ninguém menos do que o próprio Sr. Septimus Luker. Ele se desculpava de maneira tão servil a ponto de causar náuseas, e me garantia poder explicar o acontecido de maneira inteiramente satisfatória se eu lhe concedesse a honra de encontrá-lo para uma conversa particular.

Fiz outro sacrifício não profissional à mera curiosidade. Concedi-lhe a honra de marcar um horário em meu escritório para o dia seguinte.

Sob todos os aspectos, o Sr. Luker era uma criatura tão inferior ao indiano — tão vulgar, tão feia, tão bajuladora e tão insípida — que não chega a valer a pena descrevê-lo, de modo algum, nestas páginas. O resumo do que ele tinha a me dizer pode ser fielmente reproduzido do seguinte modo:

Um dia antes de eu receber a visita do indiano, o Sr. Luker havia sido agraciado com uma visita desse cavalheiro consumado. A despeito de seu disfarce europeu, o Sr. Luker havia imediatamente identificado seu visitante como sendo o chefe dos três indianos que o haviam incomodado rondando sua casa, sem deixar-lhe outra alternativa a não ser consultar um magistrado. A partir dessa extraordinária descoberta, havia rapidamente (e naturalmente, admito) concluído que ele com certeza estava acompanhado por um dos três homens que

o haviam vendado, amordaçado e roubado seu recibo do banco. O resultado disso foi que ficou praticamente paralisado de terror, e acreditou piamente que sua hora havia chegado.

Por sua vez, o indiano continuou a se comportar como um perfeito estranho. Mostrou a pequena caixa e fez exatamente o mesmo pedido que depois faria a mim. Como o meio mais rápido de se livrar dele, o Sr. Luker declarou no ato que não tinha dinheiro. O indiano então havia pedido para que ele lhe dissesse o nome da melhor e mais segura pessoa a quem ele poderia recorrer para o empréstimo de que precisava. O Sr. Luker havia respondido que a melhor e mais segura das pessoas, nesses casos, era geralmente um advogado respeitável. Quando o indiano lhe pediu que citasse alguém com esse caráter e com essa profissão, o Sr. Luker havia mencionado o meu nome — pela única e simples razão que, no auge de seu terror, o primeiro nome que lhe ocorreu foi o meu.

— Eu transpirava como se estivesse debaixo de chuva, senhor — concluiu a deplorável criatura. — Não sabia o que estava dizendo. E espero que o senhor não leve isso em conta, Sr. Bruff, em consideração ao fato de eu estar real e verdadeiramente morrendo de medo.

Desculpei o sujeito da maneira mais graciosa possível. Era o modo mais rápido de me livrar de sua presença. Antes que me deixasse, eu o detive para fazer uma pergunta. O indiano havia dito algo relevante, no momento em que estava saindo da casa do Sr. Luker?

— Sim! Ao se despedir, o indiano havia feito ao Sr. Luker precisamente a mesma pergunta que havia feito a mim, recebendo, é claro, a mesma resposta que eu havia lhe dado.

O que isso significava? A explicação do Sr. Luker não me ajudava a resolver o problema. Quando tentei em seguida usar minha própria engenhosidade, sem nenhuma ajuda, esta se

mostrou igualmente ineficaz para lidar com a dificuldade. Naquela noite, eu tinha um compromisso para jantar; e subi as escadas, não muito animado, sem suspeitar que o caminho de meu guarda-roupa e o da descoberta eram, nessa ocasião específica, uma coisa só.

CAPÍTULO 3

Descobri que o personagem proeminente entre os convidados do jantar era o Sr. Murthwaite.

Quando ele havia reaparecido na Inglaterra, depois de suas andanças, a sociedade havia se mostrado muito interessada no viajante, pois se tratava de um homem que havia tido muitas aventuras perigosas e escapado para contar a história. Agora ele havia anunciado sua intenção de voltar ao lugar de suas façanhas e desbravar outras regiões ainda inexploradas. Essa soberba indiferença quanto a colocar sua segurança em perigo pela segunda vez reacendeu o interesse já enfraquecido dos admiradores do herói. As leis da probabilidade se opunham claramente a que ele escapasse nessa ocasião. Não é todo dia que se pode conhecer uma pessoa famosa no jantar, e saber que há chances razoáveis de que seu assassinato seja a próxima notícia que se vai ter dela.

Quando os cavalheiros ficaram a sós na sala de jantar, eu me encontrava sentado ao lado do Sr. Murthwaite. Já que todos os convidados presentes eram ingleses, é desnecessário dizer que, tão logo o empecilho integral representado pela presença das senhoras foi removido, o resultado foi que a conversa passou a ser sobre política.

No que diz respeito a esse tema nacional tão instigante, sou um dos ingleses menos típicos de todos os ingleses do mundo. Em regra geral, conversas sobre política me parecem ser as conversas mais enfadonhas e inúteis que existem. Quando as garrafas haviam circulado pela mesa uma primeira vez, olhei para o Sr. Murthwaite e descobri que ele, aparentemente, pensava como eu. Ele o estava fazendo com muita habilidade — com a maior consideração possível pelos sentimentos de seu anfitrião —, mas nem por isso era menos óbvio que estava se preparando para tirar um cochilo.

Pareceu-me que fazer uma alusão judiciosa sobre a Pedra da Lua e ver se isso o manteria acordado era uma experiência digna de ser tentada e, se fosse bem-sucedida, eu poderia perguntar-lhe o que ele achava dos últimos acontecimentos relacionados à conspiração indiana, conforme haviam se desenrolado em meu escritório.

— Sr. Murthwaite — comecei se não me engano, o senhor conhecia a falecida Lady Verinder, e mostrou algum interesse pelos estranhos acontecimentos que acabaram levando à perda da Pedra da Lua?

O eminente viajante deu-me a honra de acordar no mesmo instante e perguntar-me quem eu era.

Informei-lhe sobre minha conexão profissional com a família Herncastle, sem esquecer a curiosa posição que havia ocupado no passado em relação ao Coronel e a seu Diamante.

O Sr. Murthwaite virou-se na cadeira, de modo a dar as costas para o resto dos convivas (tanto liberais quanto conservadores), e concentrou toda sua atenção no reles Sr. Bruff, de Gray's Inn Square.

— O senhor teve alguma notícia recente dos indianos? — perguntou ele.

— Tenho todas as razões para acreditar que um deles teve uma conversa comigo hoje mesmo, em meu escritório — respondi.

O Sr. Murthwaite não era homem de se espantar com facilidade, mas essa minha última resposta o deixou completamente perplexo. Descrevi o que havia acontecido ao Sr. Luker e a mim, exatamente como descrevi aqui.

— Está claro que a pergunta final do indiano tinha um objetivo — acrescentei. — Por que ele estaria tão preocupado em saber o prazo dentro do qual geralmente se espera que um devedor pague um empréstimo?

— Será possível que o senhor não vê o motivo, Sr. Bruff?

— Tenho vergonha de minha estupidez, Sr. Murthwaite, mas realmente não vejo.

O grande viajante ficou muito interessado em explorar a imensidão de minha estupidez até suas mais profundas regiões.

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta — disse ele. — Está em que ponto a conspiração para obter a Pedra da Lua?

— Não sei dizer — respondi. — A conspiração indiana é um mistério para mim.

— Sr. Bruff, a conspiração indiana só pode ser um mistério para o senhor porque nunca pensou nela seriamente. Vamos recapitular tudo juntos, sim, desde a ocasião em que o senhor estabeleceu o testamento do Coronel Herncastle, até o momento em que o indiano o procurou em seu escritório. Na sua posição, pode ser muitíssimo importante para os interesses da Srta. Verinder que seja capaz de formar uma opinião clara a esse respeito em caso de necessidade. Com isso em mente, diga-me: o senhor é capaz de descobrir sozinho o motivo do indiano? Ou quer que eu lhe poupe o esforço de ter que fazer qualquer pergunta a respeito?

É desnecessário dizer que eu tinha grande interesse no procedimento prático que, agora eu via, ele tinha em mente, e que a alternativa que escolhi foi a primeira.

— Muito bem — disse o Sr. Murthwaite. — Em primeiro lugar, vamos abordar a questão da idade dos três indianos, Posso certificar que os três aparentam praticamente a mesma idade, e o senhor pode decidir por si mesmo se o homem que viu estava, ou não, na flor da idade. Menos de quarenta anos, segundo o senhor? Também é o que penso. Digamos menos de quarenta. Agora pense na época em que o Coronel Herncastle visitou a Inglaterra, quando o senhor se envolveu no plano que ele adotou para preservar a própria vida. Não quero que conte os anos. Direi apenas que está claro que esses indianos de agora, com a idade que têm, devem ser os sucessores dos

outros três indianos (todos brâmanes de alta casta, Sr. Bruff, quando deixaram seu país de origem!) que seguiram o Coronel até aqui. Muito bem. Esses nossos homens de agora sucederam aos homens que estiveram aqui antes deles. Se houvessem feito apenas isso, o assunto não seria digno de qualquer interesse. Mas fizeram mais. Sucederam à organização que seus predecessores criaram nesse país. Não comece! Tenho certeza de que, para os nossos padrões, a organização é algo bastante fraudulento. Eu diria que reúne dinheiro à disposição; quando necessário, usam os serviços daquele tipo de inglês sinistro que vive às margens da comunidade londrina de estrangeiros; e, por último, têm o apoio secreto de alguns poucos homens de seu próprio país, e (ao menos no início) de sua própria religião, que porventura exerçam a função de pregar para alguns dos inúmeros desprovidos dessa grande cidade. Nada muito fora do comum, como o senhor pode ver! Mas assim mesmo digno de interesse, pois é possível que tenhamos a oportunidade de voltar a falar nessa modesta organização indiana mais adiante. Tendo preparado o terreno, agora vou lhe fazer uma pergunta, e espero que sua experiência a responda. Qual foi o acontecimento que deu aos indianos a primeira oportunidade de apoderar-se do Diamante?

Entendi a alusão à minha experiência.

— A primeira chance que tiveram — respondi — lhes foi oferecida, está claro, pela morte do Coronel Herncastle. Suponho que eles teriam, naturalmente, ficado sabendo de sua morte?

— Naturalmente. E sua morte, como o senhor diz, lhes deu sua primeira chance. Até aquele momento, a Pedra da Lua estava segura no cofre-forte do banco. O senhor redigiu o testamento do Coronel, deixando sua joia para sua sobrinha; e o testamento foi validado segundo os procedimentos normais. Como advogado, o senhor não pode deixar de saber qual seria

a próxima ação dos indianos (aconselhados por ingleses) depois disso.

— Eles pediriam uma cópia do testamento no Tribunal — disse eu.

— Exato. Algum desses ingleses sinistros aos quais fiz alusão teria conseguido para eles a cópia da qual o senhor fala. Essa cópia lhes informaria que a Pedra da Lua era deixada para a filha de Lady Verinder, e que o Sr. Blake, pai, ou alguma pessoa por ele indicada, deveria colocá-la em suas mãos. O senhor concordará comigo que as informações necessárias sobre pessoas na posição de Lady Verinder e do Sr. Blake seriam informações perfeitamente fáceis de se obter. A única dificuldade para os indianos seria decidir se tentariam se apoderar do Diamante enquanto ele estivesse sendo removido do cofre do banco, ou se deveriam esperar até que fosse levado para a casa de Lady Verinder, em Yorkshire. A segunda opção seria obviamente a mais segura — e o senhor tem aí a explicação do aparecimento dos indianos em Frizinghall, fantasiados de prestidigitadores e esperando o momento de agir. É desnecessário dizer que, em Londres, eles tinham sua organização à disposição para mantê-los informados dos acontecimentos. Dois homens bastariam. Um seguiria qualquer pessoa que fosse da casa do Sr. Blake para o banco. E outro daria cerveja aos criados e ficaria sabendo das novidades da casa. Essas precauções óbvias os informariam rapidamente que o Sr. Franklin Blake havia ido ao banco, e que ele era a única pessoa na casa que estava indo visitar Lady Verinder. O senhor se lembra do que realmente aconteceu depois dessa descoberta tão bem quanto eu, sem dúvida.

Lembrei-me de que o Sr. Franklin Blake havia descoberto um dos espões na rua — havia, por causa disso, adiantado em algumas horas sua chegada em Yorkshire — e que (graças ao excelente conselho do velho Betteredge) havia colocado o Diamante no banco de Frizinghall, antes que os indianos

sequer estivessem preparados para vê-lo nas redondezas. Tudo perfeitamente claro até aqui. Mas, uma vez que os indianos ignoravam as precauções que haviam sido tomadas, porque não tentaram invadir a casa de Lady Verinder (onde com certeza supunham que o Diamante estivesse) durante todo o tempo que se passou antes do aniversário de Rachel?

Ao colocar essa dúvida para o Sr. Murthwaite, pensei que fosse bom acrescentar que eu havia ouvido falar no menino, na gota de tinta e em todo o resto, e que qualquer explicação baseada na teoria da clarividência era uma explicação que não traria consigo qualquer convicção para mim.

— Para mim tampouco — disse o Sr. Murthwaite. — Nesse caso, a clarividência nada mais é do que uma manifestação do lado romântico do temperamento indiano. Seria um alívio e um encorajamento para esses homens (bastante inconcebível, admito, aos olhos de um inglês) se sua incumbência exaustiva e perigosa neste país estivesse cercada por um certo halo maravilhoso e sobrenatural. Seu menino é sem dúvida nenhuma sensível a influências mesméricas, e, sob tais influências, sem dúvida refletiu o que já estava na mente da pessoa que o estava mesmerizando. Testei a teoria da clarividência, e nunca vi suas manifestações irem além disso. Os indianos não pensam assim em relação a esse assunto; os indianos consideram seu menino um Vidente de coisas invisíveis a seus olhos e, repito, encontram nesse fenômeno uma nova fonte de interesse no propósito que os une. Apenas faço essa observação por achar que apresenta uma perspectiva curiosa do temperamento humano, que deve ser bastante nova para o senhor. Na investigação que agora estamos fazendo, a clarividência, ou o mesmerismo, ou qualquer outra coisa em que o homem prático considere difícil acreditar não têm nenhum lugar. Meu objetivo, ao seguir passo a passo a conspiração indiana, é tornar a relacionar seus resultados a causas naturais, por meios racionais. Até agora, segundo o senhor, consegui fazer isso de maneira satisfatória?

— Não restam dúvidas quanto a isso, Sr. Murthwaite. No entanto, estou esperando para ouvir a explicação racional da dificuldade que acabo de ter a honra de lhe expor.

O Sr. Murthwaite sorriu.

— É a dificuldade mais fácil de ser superada que existe — disse ele. — Permita-me começar admitindo que seu balanço do caso está perfeitamente correto. Os indianos sem dúvida ignoravam o que o Sr. Franklin Blake havia feito com o Diamante, pois os vemos cometer seu primeiro erro na primeira noite depois da chegada do Sr. Blake à casa de sua tia.

— Seu primeiro erro? — repeti.

— Exato! O erro de se deixar surpreender por Gabriel Betteredge, escondidos na varanda durante a noite. No entanto, é preciso conceder-lhes o mérito de terem visto por si mesmos que haviam dado um passo em falso, pois, como o senhor diz, embora tivessem muito tempo para fazê-lo, não chegaram perto da casa durante as semanas que se seguiram.

— Por que, Sr. Murthwaite? É isso que quero saber! Por quê?

— Porque nenhum indiano corre um risco desnecessário, Sr. Bruff. A cláusula que o senhor mesmo estabeleceu no testamento do Coronel Herncastle os informava (não é mesmo?) que a Pedra da Lua seria entregue à Srta. Verinder no dia do seu aniversário. Muito bem. Diga-me qual era o procedimento mais seguro para alguém em sua situação? Tentar apoderar-se do Diamante enquanto ele estava com o Sr. Franklin Blake, que já tinha dado mostras de ser capaz de descobri-los e de ser mais esperto do que eles? Ou esperar até que o Diamante estivesse nas mãos de uma jovem que inocentemente ficaria encantada em usar a magnífica joia em qualquer oportunidade que tivesse? Talvez o senhor queira uma prova de que minha teoria está certa. Considere a conduta dos próprios indianos como uma prova. Depois de

esperar todas essas semanas, eles apareceram na casa no dia do aniversário da Srta. Verinder, e foram recompensados por seus cálculos corretos e pacientes vendo a Pedra da Lua presa em seu vestido! Mais tarde naquela noite, quando ouvi a história do Coronel e do Diamante, tive tanta certeza do risco que o Sr. Franklin Blake havia corrido (eles certamente o teriam atacado, se ele não houvesse voltado à casa de Lady Verinder em companhia de outras pessoas), e estava tão convencido dos riscos ainda piores que aguardavam a Srta. Verinder, que recomendei que o plano do Coronel fosse seguido, e a identidade da gema fosse destruída cortando-a em pedras separadas. Como seu extraordinário desaparecimento, naquela noite, tornou inútil meu conselho e derrubou inteiramente a conspiração hindu — e como qualquer outra ação por parte dos indianos foi impedida no dia seguinte por sua prisão como malfeitores e vagabundos — o senhor sabe tão bem quanto eu. O primeiro ato da conspiração termina aqui. Antes que passemos ao segundo, posso perguntar onde o senhor teve dificuldade para chegar a uma explicação satisfatória aos olhos de um homem prático?

Era impossível negar que ele havia superado minha dificuldade; graças a seu conhecimento superior do temperamento indiano, e graças ao fato de não ter centenas de outros testamentos com os quais se preocupar desde o tempo do Coronel Herncastle!

— Até agora estamos indo bem — continuou o Sr. Murthwaite.

— A primeira chance que os indianos tiveram de apoderar-se do Diamante foi perdida no dia em que foram colocados na prisão em Frizinghall. Quando foi que a segunda chance apareceu? A segunda chance apareceu, tenho condições de prová-lo, quando eles ainda estavam presos.

Ele tirou do bolso seu caderninho e abriu-o em uma página específica antes de continuar.

— Na época — continuou —, eu estava na casa de alguns amigos em Frizinghall. Um ou dois dias antes que os indianos fossem libertados (uma segunda-feira, creio), o diretor da prisão me trouxe uma carta. Ela havia sido deixada para os indianos por uma senhora chamada Macann, de quem eles haviam alugado o lugar onde viviam, tendo-a recebido normalmente pelo correio, na manhã anterior. As autoridades da prisão haviam observado que na chancela do correio estava escrito Lambeth, e que o envelope havia sido endereçado de modo estranhamente diferente do habitual, embora escrito em um inglês correto. Ao abri-lo, haviam descoberto que o conteúdo estava escrito em uma língua estrangeira, que logo adivinharam ser o hindustani. Seu objetivo, ao me procurar, era que eu lhes traduzisse a carta. Fiz uma cópia do original e da tradução, que tenho aqui em meu caderninho; estão à sua disposição.

Ele me estendeu o caderno aberto. O endereço no envelope havia sido a primeira coisa a ser copiada. Estava todo escrito em um único parágrafo, sem nenhuma pontuação, assim: Aos três senhores indianos que vivem com a dama chamada Macann em Frizinghall Yorkshire. Seguiam-se os caracteres hindus, e a tradução para o inglês vinha no final, sob a forma dessas palavras misteriosas:

*Em nome do Regente da Noite, sentado
sobre o Antílope, cujos braços abraçam os
quatro cantos da terra.*

*Irmãos, voltem seus rostos para o sul, e
venham até mim na rua de muitos ruídos,
que leva ao rio lamacento.*

A razão é esta.

Meus próprios olhos a viram.

Ali terminava a carta, sem data nem assinatura. Entreguei-a de volta ao Sr. Murthwaite, e confessei estar bastante

intrigado por aquele seu curioso espécime de correspondência hindu.

— Posso lhe explicar a primeira frase — disse ele —, e a própria conduta dos indianos explicará o resto. Na mitologia hindu, o deus da lua é representado como uma divindade de quatro braços, sentada em um antílope, e um de seus nomes é Regente da Noite. Então, para começar, eis aqui algo que suspeitamente é uma referência indireta à Pedra da Lua. Agora, vejamos o que os indianos fizeram uma vez que as autoridades da prisão lhes permitiram receber sua carta. No mesmo dia em que foram liberados, seguiram diretamente para a estação ferroviária, e reservaram lugares para o primeiro trem rumo a Londres. Todos nós em Frizinghall lamentamos que eles não tenham sido discretamente seguidos. Mas, depois de Lady Verinder ter dispensado o oficial de polícia e ter posto fim a qualquer outra investigação a respeito da perda do Diamante, ninguém ousava tocar no assunto. Os indianos estavam livres para ir para Londres, e foi exatamente para onde foram. Depois disso, Sr. Bruff, quando é que ouvimos falar deles de novo?

— Eles estavam incomodando o Sr. Luker —, respondi rondando sua casa em Lambeth.

— O senhor leu o depoimento do Sr. Luker quando recorreu ao magistrado?

— Sim.

— Durante seu depoimento, o senhor talvez se lembre, ele fez referência a um estrangeiro em meio a seus empregados, que ele acabara de despedir sob suspeita de tentativa de roubo e de quem também suspeitava estar agindo em conluio com os indianos que o tinham importunado. É muito simples deduzir, Sr. Bruff, quem escreveu a carta que acaba de deixá-lo intrigado, e que tesouro oriental de propriedade do Sr. Luker o empregado havia tentado roubar.

A dedução (apressei-me em admitir) era tão simples que dispensava indicações. Na época à qual o Sr. Murthwaite se referia, eu nunca havia duvidado de que a Pedra da Lua houvesse ido parar nas mãos do Sr. Luker. Minha única pergunta na ocasião era: como os indianos haviam ficado sabendo? Essa pergunta (que eu pensava ser a de mais difícil abordagem) havia agora recebido resposta, assim como as outras. Mesmo sendo advogado, comecei a sentir que deixaria o Sr. Murthwaite conduzir-me de olhos vendados pelas últimas curvas do labirinto ao longo do qual até então estava me conduzindo. Dei-lhe a satisfação de dizer isso, e minha pequena concessão foi generosamente retribuída.

— O senhor, por sua vez, vai me dar uma informação antes de prosseguirmos — disse ele. — Alguém tem de ter levado a Pedra da Lua de Yorkshire até Londres. E alguém deve ter conseguido dinheiro por ela, ou ela nunca estaria nas mãos do Sr. Luker. Cogitou-se sobre quem pode ter sido essa pessoa?

— Nada que eu saiba.

— Houve uma história, não é mesmo, sobre o Sr. Godfrey Ablewhite. Ouvi dizer que é um eminente filantropo, o que, para começar, decididamente depõe contra ele.

Concordei de bom grado com o Sr. Murthwaite. Ao mesmo tempo, senti-me obrigado a informá-lo (sem mencionar o nome da Srta. Verinder, inútil ressaltar) de que todas as suspeitas que pairavam sobre o Sr. Godfrey Ablewhite haviam sido dissipadas por provas, pelas quais eu respondia inteiramente.

— Muito bem — disse o Sr. Murthwaite, calmo deixemos que o tempo esclareça tudo. Enquanto isso, Sr. Bruff, devemos, para sua própria instrução, voltar aos indianos. Sua viagem a Londres simplesmente os fez serem vítimas de outra derrota. A perda de sua segunda chance de apoderar-se do Diamante pode ser atribuída em grande parte, penso, à astúcia

e previdência do Sr. Luker. Não é à toa que ele está no ápice da antiga e próspera profissão de agiota! Por meio da demissão rápida de seu empregado, ele privou os indianos da ajuda que lhes seria prestada por seu conterrâneo para que conseguissem entrar na casa. Pela transferência rápida da Pedra da Lua para seu banco, ele pegou os conspiradores de surpresa antes que houvessem preparado outro plano para roubá-lo. Como, depois disso, os indianos haviam desconfiado do que ele havia feito, e como se esforçaram para obter o recibo do banco que estava em seu poder são assuntos demasiado recentes para que nos demoremos a falar neles. Basta dizer que eles sabem que a Pedra da Lua está novamente fora de seu alcance: depositada, com a descrição genérica de objeto de grande valor, no cofre-forte de um banco. Agora, Sr. Bruff, qual é sua terceira chance de apoderar-se do Diamante? E quando chegará?

Ao mesmo tempo em que a pergunta saía de sua boca, eu finalmente desvendei o motivo da visita do indiano ao meu escritório!

— Estou vendo! — exclamei. — Os indianos, assim como nós, partem do princípio de que a Pedra da Lua foi penhorada, e querem estar certos do prazo mínimo para a penhora ser cobrada, porque a partir de então o Diamante poderá ser retirado do cofre-forte do banco!

— Eu lhe disse que descobriria por si mesmo, Sr. Bruff, se eu lhe desse uma chance justa! Dentro de um ano a contar da data em que a Pedra da Lua foi penhorada, os indianos tentarão sua terceira chance. As palavras do próprio Sr. Luker lhes disseram quanto tempo terão de esperar, e sua respeitável autoridade lhes convenceu de que o Sr. Luker falou a verdade. Pelas nossas suposições, quando o Diamante caiu nas mãos do agiota, avaliando grosseiramente?

— Por volta do final de junho passado — respondi —, até onde posso avaliar.

— E estamos agora no ano de 1848. Muito bem. Se o desconhecido que penhorou a Pedra da Lua for capaz de tirá-la do prego dentro de um ano, a joia voltará novamente para as mãos dessa pessoa no final de junho de 1849. Nessa data, eu estarei muito distante da Inglaterra e das suas notícias. Mas pode ser que o senhor ache útil tomar nota da data e se programar para estar em Londres na ocasião.

— O senhor pensa que algo sério vai acontecer? — disse eu.

— Penso — respondeu ele — que estarei mais seguro em meio aos fanáticos mais selvagens da Ásia Central do que estaria se cruzasse a porta do banco com a Pedra da Lua no bolso. Os indianos foram derrotados duas vezes seguidas, Sr. Bruff. Estou convicto de que não serão derrotados uma terceira vez.

Estas foram as últimas palavras que disse sobre o assunto. O café chegou; os convivas se levantaram e se dispersaram pelo aposento, e nós fomos nos juntar às senhoras no andar de cima.

Tomei nota da data, e talvez não esteja equivocado se encerrar minha narrativa repetindo aqui essa anotação:

Junho, 1849. Esperar notícias dos indianos por volta do fim do mês.

Feito isso, passo a pena adiante, pois já não faço jus a ela, e entrego-a a quem virá depois de mim.

TERCEIRA NARRATIVA

Fornecida por Franklin Blake

CAPÍTULO 1

Na primavera do ano de 1849, eu estava percorrendo o Oriente, e acabava de mudar os planos de viagem que havia elaborado alguns meses atrás e comunicado a meu advogado e a meu banqueiro em Londres.

Essa mudança tornou necessário que eu enviasse um de meus criados para receber minhas cartas e remessas no consulado inglês de certa cidade, que já não contava como uma de minhas paradas em meus novos planos de viagem. O homem tomaria a juntar-se a mim em lugar e hora combinados. Um acidente, pelo qual ele não foi responsável, atrasou-o em sua tarefa. Eu e meu grupo esperamos uma semana, acampados na fronteira de um deserto. Ao cabo desse tempo, o desaparecido apareceu na entrada de minha tenda, com o dinheiro e as cartas.

— Temo estar lhe trazendo más notícias, senhor — disse ele, e apontou para uma das cartas que tinha uma borda preta, cujo endereço estava escrito com a caligrafia do Sr. Bruff.

Num caso desses, não conheço nada mais insuportável do que o suspense. A primeira carta que abri foi a carta com a borda preta.

Ela me informava que meu pai havia morrido, e que eu havia herdado sua grande fortuna. A riqueza assim caída em minhas mãos trazia consigo suas responsabilidades, e o Sr. Bruff instava-me a voltar à Inglaterra o quanto antes.

No raiar do dia seguinte eu estava voltando para o meu próprio país.

O retrato que meu velho amigo Betteredge pinta de mim na época de minha partida da Inglaterra é (segundo minha opinião) um pouco exagerado. A seu modo singular, ele

interpretou seriamente uma das muitas referências jocosas de sua jovem patroa à minha educação estrangeira; e estava convencido de ser realmente capaz de ver os lados francês, alemão e italiano de meu temperamento, que minha jovial prima dizia, por brincadeira, ter descoberto, mas que nunca existiram realmente a não ser na cabeça do nosso velho Betteredge. Mas, apesar disso, devo confessar que ele nada disse a não ser a verdade ao contar que fui ferido direto no coração pela atitude de Rachel, e que deixei a Inglaterra sob o efeito do sofrimento causado pela mais amarga decepção de minha vida.

Fui para o estrangeiro decidido a esquecê-la — se a mudança e a ausência pudessem me ajudar. Acredito que seja verdadeira uma observação sobre a natureza humana, a de que a mudança e a ausência realmente ajudam um homem nessas circunstâncias, pois obrigam sua atenção a se desviar da contemplação exclusiva de seu próprio sofrimento. Nunca a esqueci, mas a dor da lembrança pouco a pouco perdeu sua intensidade original, à medida que o tempo, a distância e a novidade se interpuseram com cada vez mais eficácia entre mim e Rachel.

Por outro lado, não é menos certo que, com a ação de voltar para casa, o remédio que havia ganhado terreno de maneira tão regular começava agora, de maneira igualmente regular, a perder seu efeito. Quanto mais perto eu chegava do país no qual ela morava, mais irresistivelmente sua influência começava a recuperar seu poder sobre mim. Ao deixar a Inglaterra, ela havia sido a última pessoa no mundo cujo nome teria saído de minha boca. Ao voltar à Inglaterra, ela foi a primeira pessoa de quem pedi notícias, quando o Sr. Bruff e eu nos reencontramos.

Fui informado, é claro, de tudo o que havia acontecido durante minha ausência: em outras palavras, de tudo que foi relatado aqui nas narrativas seguintes à de Betteredge — com

exceção de um fato. Naquela ocasião, o Sr. Bruff não se sentiu livre para me revelar os motivos particulares que haviam influenciado tanto Rachel quanto Godfrey Ablewhite a desistir da promessa de casamento. Não o incomodei com perguntas embaraçosas sobre esse assunto delicado. Foi um alívio suficiente para mim, depois da decepção enciumada causada pela notícia de que ela havia cogitado tornar-se a esposa de Godfrey, saber que, depois de refletir, ela havia se convencido de que estava agindo precipitadamente, e que ela própria tinha se liberado de seu noivado.

Depois de ouvir essa história, as perguntas que fiz em seguida (ainda perguntas sobre Rachel!) referiram-se naturalmente ao presente. Sob os cuidados de quem ela havia ficado depois de deixar a casa do Sr. Bruff? E onde estaria morando agora?

Estava sob os cuidados de uma irmã viúva do falecido Sir John Verinder — uma certa Sra. Merridew —, que havia sido requisitada como tutora pelos executores de sua mãe e aceito a incumbência. Disseram-me que as duas se entendiam às mil maravilhas, e que estavam morando no momento, durante a estação, na casa da Sra. Merridew, em Portland Place.

Meia hora depois de receber essa informação, eu estava a caminho de Portland Place, sem ter tido a coragem de confessar isso ao Sr. Bruff!

O homem que atendeu à porta não tinha certeza se a Srta. Verinder estava ou não em casa. Mande-o subir com meu cartão, sendo esta a maneira mais rápida de dissipar a dúvida. O homem tornou a descer com um rosto inescrutável, e informou-me que a Srta. Verinder havia saído.

Eu poderia ter desconfiado de que outras pessoas estivessem deliberadamente me evitando. Mas era impossível desconfiar de Rachel. Deixei um recado dizendo que voltaria às seis horas daquela tarde.

Às seis horas fui informado pela segunda vez que a Srta. Verinder não estava em casa. Havia algum recado para mim? Nenhum recado para mim. A Srta. Verinder não havia recebido meu cartão? O criado pediu desculpas — a Srta. Verinder havia recebido o cartão.

A conclusão era simples demais. Rachel não queria me ver.

Quanto a mim, recusei-me a ser tratado desse modo sem, ao menos, tentar descobrir a razão. Pedi que meu nome fosse levado até a Sra. Merridew, e pedi que ela me honrasse com um encontro particular em qualquer hora que fosse mais conveniente para ela.

A Sra. Merridew não criou dificuldades para me receber imediatamente. Fui conduzido até uma sala de estar confortável, e me vi diante de uma simpática e pequenina senhora de idade. Ela teve a amabilidade de demonstrar grande desgosto e muita surpresa por minha causa. Ao mesmo tempo, no entanto, não tinha condições de me oferecer nenhuma explicação, ou de pressionar Rachel em relação a um assunto que parecia dizer respeito unicamente a sentimentos pessoais. Isso foi dito e repetido com uma paciência educada e incansável; e foi tudo o que consegui quando recorri à Sra. Merridew.

Minha última chance era escrever a Rachel. Meu criado levou-lhe uma carta no dia seguinte, com instruções expressas de que deveria esperar uma resposta.

A resposta veio, literalmente, em uma única frase.

A Srta. Verinder pede permissão para se recusar a trocar correspondência com o Sr. Franklin Blake.

Por mais que gostasse dela, senti indignação diante do insulto que essa resposta representava. Antes que pudesse me recuperar, o Sr. Bruff entrou para falar de negócios. Liquidei os negócios imediatamente e expus-lhe o caso todo. Ele revelou-se tão incapaz de me dar uma explicação quanto a Sra.

Merridew. Perguntei-lhe se alguma calúnia a meu respeito havia sido pronunciada na frente de Rachel. O Sr. Bruff não sabia de nenhuma calúnia da qual eu tivesse sido vítima. Ela havia feito, de algum modo, referência a mim enquanto estava morando na casa do Sr. Bruff? Nunca. Não havia sequer perguntado, durante minha longa ausência, se eu estava vivo ou morto? Nenhuma pergunta desse tipo havia saído de sua boca. Tirei de dentro do meu caderno a carta que a pobre Lady Verinder havia me escrito de Frizinghall no dia em que deixei sua casa em Yorkshire. E chamei a atenção do Sr. Bruff para estas duas frases que ela continha:

A valiosa ajuda que você prestou à investigação sobre a perda da joia ainda é uma ofensa imperdoável, no atual estado de espírito de Rachel. Ao se comportar às cegas nesse assunto, você aumentou o fardo de ansiedade que ela vem sendo obrigada a suportar, ao ameaçar inocentemente seu segredo através de seus esforços.

— Será possível — perguntei — que o sentimento em relação a mim aqui descrito ainda esteja tão intenso quanto antes?

A aflição do Sr. Bruff não se alterou.

— Se o senhor insiste em ter uma resposta — disse ele —, confesso que não posso explicar a conduta dela de outra maneira.

Toquei a sineta, e dei instruções a meu criado para que fizesse minha mala e mandasse buscar um guia ferroviário. O Sr. Bruff, surpreso, perguntou o que eu ia fazer.

— Vou para Yorkshire — respondi — no próximo trem.

— Posso perguntar com que intenção?

— Sr. Bruff, a ajuda que prestei, inocentemente, à investigação sobre o Diamante foi uma ofensa imperdoável aos olhos de Rachel, há quase um ano, e continua sendo uma ofensa imperdoável. Não vou aceitar isso! Estou decidido a descobrir o segredo de seu silêncio para com sua mãe, e de

sua inimizade para comigo. Se o tempo, o esforço e o dinheiro forem suficientes, porei as mãos no ladrão que levou a Pedra da Lua!

O valoroso velho cavalheiro tentou protestar, fazer-me ouvir a voz da razão — em poucas palavras, cumprir seu dever para comigo. Permaneci surdo a tudo o que ele foi capaz de mencionar. Nenhuma consideração deste mundo teria, naquele momento, abalado minha resolução.

—Vou retomar a investigação — continuei — no ponto em que a abandonei; e a levarei adiante, passo a passo, até chegar ao momento presente. Há elos perdidos nos fatos, no ponto onde eu os deixei, que podem ser supridos por Gabriel Betteredge, e estou indo até Gabriel Betteredge!

Por volta do pôr-do-sol, naquela mesma tarde, ali estava eu novamente na varanda da qual me lembrava tão bem, olhando mais uma vez para a tranquila casa de campo. O jardineiro foi a primeira pessoa que vi no lugar deserto. Uma hora atrás, ele havia deixado Betteredge tomando sol em seu canto habitual do pátio dos fundos. Eu o conhecia bem, e disse que eu mesmo iria procurá-lo.

Atravessei os caminhos e passagens conhecidos, e olhei pelo portão aberto do pátio.

Ali estava ele — o velho amigo querido dos dias felizes que jamais voltariam —, ali estava ele no velho canto, na velha cadeira de vime, com seu cachimbo na boca e seu Robinson Crusóé no colo, e seus dois amigos, os cães, cochilando um de cada lado! Na posição em que me encontrava, minha sombra era projetada diante de mim pelos últimos fracos raios de sol. Os cães a viram, ou então seu faro aguçado os informou de minha presença: despertaram com um rosnado. Despertando por sua vez, o velho acalmou-os com uma palavra, e então colocou a mão na frente dos olhos cansados e olhou intrigado para a silhueta no portão.

Meus próprios olhos estavam cheios de lágrimas. Fui obrigado a esperar um instante antes de ser capaz de dizer-lhe alguma coisa.

CAPÍTULO 2

— Betteredge! — disse eu, apontando para o conhecido livro sobre seus joelhos. — *Robinson Crusóé* informou-lhe, esta tarde, que você poderia esperar a visita de Franklin Blake?

— Por Lorde Harry, Sr. Franklin! — exclamou o velho. — Foi exatamente o que *Robinson Crusóé* fez!

Ele pôs-se de pé com minha ajuda, e ficou parado um instante, olhando do *Robinson Crusóé* para mim, aparentemente sem saber qual dos dois o havia surpreendido mais. O veredicto acabou sendo favorável ao livro. Abrindo-o diante de si com as duas mãos, ficou olhando para o maravilhoso exemplar com um ar de antecipação indescritível — como se esperasse que o próprio *Robinson Crusóé* fosse sair daquelas páginas e nos conceder a honra de uma visita pessoal.

— Aqui está o trecho, Sr. Franklin! — disse ele, tão logo recuperou o poder da fala. — Pelo pão que me alimenta, senhor, aqui está o trecho que eu estava lendo poucos instantes antes do senhor entrar! Página 156: Fiquei como se tivesse sido atingido por um Raio, ou tivesse visto uma Aparição. Se isso não é o mesmo que dizer: Espere a súbita aparição do Sr. Franklin Blake, a língua inglesa não faz nenhum sentido! — disse Betteredge, fechando o livro de supetão, e finalmente liberando uma das mãos para apertar a que eu lhe oferecia.

Naturalmente, levando em conta as circunstâncias, eu esperava que ele fosse me bombardear com perguntas. Mas não. — quando um membro da família aparecia (não importa como!) para visitar a casa, o impulso da hospitalidade era o mais forte dos impulsos para esse velho criado.

— Entre, Sr. Franklin — disse ele, abrindo a porta atrás de si, com sua peculiar reverência antiquada. — Depois vou lhe perguntar o que o traz aqui; em primeiro lugar devo acomodá-lo. Desde que o senhor foi embora, houve tristes mudanças. A casa está fechada, e os criados foram embora. Mas isso não importa! Farei o jantar do senhor; e a mulher do jardineiro fará sua cama; e, se sobrou uma garrafa do nosso famoso tinto Latour na adega, essa garrafa vai desaparecer pela sua garganta, Sr. Franklin. Desejo-lhe as boas-vindas, senhor! Desejo-lhe as boas-vindas do fundo do coração! — disse o pobre velho, lutando bravamente contra a tristeza da casa abandonada e me recebendo com a mesma atenção sociável e cortês dos velhos tempos.

Incomodava-me desapontá-lo. Mas a casa agora era de Rachel. Será que eu podia comer nela, ou dormir nela, depois do que havia acontecido em Londres? A mais básica noção de autoestima me proibia — realmente me proibia — de atravessar a porta.

Tomei Betteredge pelo braço, e conduzi-o até o jardim. Não havia como evitar. Eu era obrigado a dizer-lhe a verdade. Dividido entre sua estima por Rachel e sua estima por mim, ele estava perplexo e aflito com o rumo que os acontecimentos tinham tomado. Sua opinião, quando a expressou, foi dada do modo direto que lhe era habitual, e recendia agradavelmente à filosofia mais positiva que conheço — a filosofia da escola de Betteredge.

— A Srta. Rachel tem seus defeitos, nunca neguei isso — começou ele. — E um deles, de vez em quando, é a tendência ao exagero. Ela vem tentando exagerar com o senhor, e o senhor vem suportando isso. Por Deus, Sr. Franklin, será que a essa altura o senhor não conhece as mulheres? O senhor já me ouviu falar da falecida Sra. Betteredge?

Eu o havia escutado falar muitas vezes da falecida Sra. Betteredge — e ele invariavelmente a pintava como um

exemplo indiscutível da fragilidade e da perversidade intrínsecas ao outro sexo. Foi assim que ele a pintou naquela ocasião.

— Muito bem, Sr. Franklin. Agora ouça. Mulheres diferentes têm maneiras diferentes de exagerar. A falecida Sra. Betteredge exercia esse passatempo favorito das mulheres em qualquer ocasião que eu lhe negasse algo que ela queria. Nessas ocasiões, assim que eu chegava do trabalho minha mulher me chamava da escada da cozinha e me dizia que, depois da maneira brutal como eu a havia tratado, ela não tinha vontade de preparar meu jantar. Aguentei isso durante algum tempo, assim como o senhor agora o está suportando da parte da Srta. Rachel. Minha paciência acabou por se esgotar. Desci as escadas, tomei a Sra. Betteredge em meus braços... afetuosamente, entende... e a carreguei, esperneando, para a sala onde costumava receber suas visitas. Este é o lugar certo para você, querida, disse eu, e voltei para a cozinha. Tranquei-me lá dentro, tirei meu casaco, arregacei minhas mangas e preparei meu próprio jantar. Quando terminei, servi a comida da melhor maneira que sei fazer e comi com grande prazer. Fumei meu cachimbo e tomei meu golinho de licor; depois tirei a mesa, lavei os pratos, lavei os talheres, guardei tudo e varri a cozinha. Quando tudo estava novamente brilhante e limpo, o mais brilhante e limpo possível, abri a porta e deixei a Sra. Betteredge entrar. Já jantei, querida, disse eu, e espero que você repare que deixei a cozinha mais arrumada do que você jamais poderia desejar. Sr. Franklin, durante o resto da vida daquela mulher, jamais fui obrigado a preparar meu jantar de novo! Moral: o senhor aguentou a Srta. Rachel em Londres; não a agente em Yorkshire. Volte para a casa.

Nenhuma resposta possível! Pude apenas garantir a meu bom amigo que mesmo os seus poderes de persuasão, nesse caso, não adiantariam para me convencer.

— Está uma linda noite — disse eu. — Vou andando até Frizinghall, e ficarei no hotel. Você tem que vir amanhã de manhã tomar café comigo. Tenho algo a lhe dizer.

Betteredge balançou gravemente a cabeça.

— Eu sinto muito por isso, de verdade — disse ele. — Eu esperava ouvir que as coisas estavam novamente bem entre o senhor e a Srta. Rachel, Sr. Franklin. Se estiver realmente decidido, senhor — continuou ele depois de pensar por um instante —, não há necessidade de ir até Frizinghall hoje para dormir. Há camas bem mais perto. Há a fazenda de Hotherstone há menos de dois quilômetros daqui. O senhor não pode se opor a isso por causa da Srta. Rachel — acrescentou o velhote, zombeteiro. — Hotherstone é um homem livre, Sr. Franklin.

Lembrei-me do lugar no instante em que Betteredge o mencionou. A casa da fazenda ficava em um vale abrigado, às margens do córrego mais charmoso daquela região de Yorkshire, e o fazendeiro tinha um quarto e uma sala para os hóspedes, que estava acostumado a alugar para artistas, pescadores e turistas em geral. Durante minha estada na região, eu não podia ter desejado encontrar um lugar mais agradável para ficar.

— Os quartos estão para alugar? — perguntei.

— A própria Sra. Hotherstone pediu ainda ontem que eu tivesse a bondade de recomendar os quartos, senhor.

— Ficarei com eles, Betteredge, com o maior prazer.

Voltamos para o pátio, no qual eu havia deixado minha mala de viagem. Depois de prender um bastão na alça e de colocar a mala sobre seu ombro, Betteredge pareceu ter uma recaída do espanto causado por minha aparição repentina quando o surpreendi na cadeira de vime. Olhou para a casa com uma expressão de incredulidade, e então se virou e olhou para mim com uma expressão ainda mais incrédula.

— Já vivi um bom tempo neste mundo — disse o melhor e mais querido de todos os velhos criados —, mas nunca esperei ver coisas como esta. Ali está a casa, e aqui está o Sr. Franklin Blake; e, homessa, um deles está virando as costas para o outro, e indo dormir em um quarto alugado!

Ele saiu na frente, balançando a cabeça e resmungando de modo rabugento.

— Só há mais um milagre que pode acontecer — disse-me ele por cima do ombro. — O que o senhor vai fazer agora, Sr. Franklin, é me pagar os sete xelins e seis pence que me pediu emprestado quando era garoto.

Esse arroubo de sarcasmo o colocou mais à vontade consigo mesmo e comigo. Deixamos a casa, e atravessamos o portão da frente. Uma vez fora da propriedade, os deveres da hospitalidade cessaram (segundo o código moral de Betteredge), e os privilégios da curiosidade começaram.

Ele diminuiu o passo, de modo que eu pudesse andar a seu lado.

— Linda noite para uma caminhada, Sr. Franklin — disse ele, como se houvéssimos acabado de nos encontrar casualmente. — Suponhamos que o senhor tivesse ido para o hotel em Frizinghall?

— Sim?

— Eu teria tido a honra de tomar o café da manhã com o senhor amanhã de manhã.

— Em vez disso, venha tomai café comigo na fazenda dos Hotherstone.

— Agradeço-lhe muito por sua gentileza, Sr. Franklin. Mas não era exatamente do café da manhã que eu estava querendo falar. Penso que o senhor disse que tinha algo a me dizer? Se não for nenhum segredo, senhor — disse Betteredge, abandonando repentinamente as meias palavras, e indo direto ao ponto por favor, estou muito curioso para saber: o que o trouxe até aqui desse modo repentino?

— O que me trouxe até aqui antes? — perguntei.

— A Pedra da Lua, Sr. Franklin. Mas o que o traz agora, senhor?

— A Pedra da Lua de novo, Betteredge.

O velhote parou subitamente, e olhou para mim sob o lusco-fusco como se desconfiasse que seus próprios ouvidos o estivessem pregando uma peça.

— Se é uma brincadeira, senhor — disse ele temo estar ficando um tanto burro com a idade. Não estou entendendo.

— Não é nenhuma brincadeira — respondi. — Vim até aqui para retomar a investigação que foi abandonada quando deixei a Inglaterra. Vim até aqui para fazer o que ninguém até agora fez: descobrir quem levou o Diamante.

— Deixe o Diamante em paz, Sr. Franklin! Aceite meu conselho, e deixe o Diamante em paz! Aquela maldita joia indiana prejudicou todos os que chegaram perto dela. Não desperdice seu dinheiro e sua serenidade, na flor da sua idade, senhor, metendo-se com a Pedra da Lua. Como pode o senhor (com o perdão da palavra) esperar ser bem-sucedido quando o próprio Sargento Cuff meteu os pés pelas mãos? O Sargento Cuff! — repetiu Betteredge, balançando o indicador na minha cara com severidade. — O maior policial da Inglaterra!

— Já tomei minha decisão, meu velho amigo. Mesmo o Sargento Cuff não é capaz de me demover. Aliás, eu talvez queira falar com ele, mais cedo ou mais tarde. Você tem tido notícias do Sargento ultimamente?

— O Sargento não pode ajudá-lo, Sr. Franklin.

— Por que não?

— Desde que o senhor foi embora, houve alguns acontecimentos na polícia. O grande Cuff se aposentou. Comprou um pequeno chalé em Dorking, e está mergulhado até as orelhas no cultivo de rosas. Tenho a prova disso,

escrita por ele, Sr. Franklin. Ele conseguiu cultivar a rosa branca do charco sem primeiro enxertá-la na rosa selvagem. E o jardineiro, o Sr. Begbie, está planejando ir a Dorking e admitir que o Sargento acabou por derrotá-lo.

— Não importa, na verdade — disse eu. — Vou ter de prescindir da ajuda do Sargento Cuff. E devo recorrer a você, para começar.

É bem provável que eu tenha falado um tanto descuidadamente. De qualquer modo, Betteredge pareceu magoado com alguma coisa na resposta que eu havia acabado de lhe dar.

— O senhor poderia ter de recorrer a pessoas piores do que eu. Sr. Franklin, isso posso lhe assegurar — disse ele algo abruptamente.

O tom no qual falou, e um certo mal-estar em sua atitude que pude detectar, me fizeram perceber que ele possuía alguma informação que hesitava em me revelar.

— Espero que você me ajude — disse eu — a recolher as provas que o Sargento Cuff deixou para trás. Sei que pode fazer isso. Não pode fazer mais nada?

— O que mais o senhor pode esperar de mim? — perguntou Betteredge, aparentando a mais extrema humildade.

— Espero mais, baseado no que você acabou de dizer.

— Meras palavras, Sr. Franklin — retorquiu o velhote com obstinação. — Algumas pessoas nascem falando demais, e nunca superam isso até o dia de sua morte. Sou uma delas.

Só havia um jeito de convencê-lo. Recorri a seu interesse em Rachel, e a seu interesse em mim.

— Betteredge, você ficaria feliz em saber que Rachel e eu somos novamente bons amigos?

— Se o senhor tem dúvidas quanto a isso, meu serviço para sua família de nada valeu!

— Você se lembra de como Rachel me tratou antes que eu deixasse a Inglaterra?

— Como se fosse ontem! Minha senhora chegou a lhe escrever uma carta a respeito; e o senhor teve a bondade de me mostrar a carta. Ela dizia que a Srta. Rachel estava mortalmente ofendida com o senhor, por causa de sua participação nas tentativas de recuperar sua joia. E nem minha senhora, nem o senhor, nem mais ninguém foi capaz de adivinhar o por quê.

— É verdade, Betteredge! E eu volto de minhas viagens, e descubro que ela ainda está mortalmente ofendida comigo. Eu sabia que o Diamante era a causa de tudo no ano passado, e sei que o Diamante é a causa de tudo agora. Tentei falar com ela, e ela se recusa a me ver. Tentei escrever para ela, e ela se recusa a me responder. Como, em nome dos céus, eu poderia esclarecer isso? A única chance que a própria Rachel me deixou de descobrir a razão foi investigar a perda do Diamante!

Essas palavras, visivelmente, davam-lhe uma visão do caso que ele não havia tido até então. Ele me fez uma pergunta que me convenceu de que eu o havia abalado.

— Não há ressentimentos da sua parte quanto a isso, Sr. Franklin... há?

— Houve alguma raiva — respondi — quando fui embora de Londres. Mas isso agora já passou. Quero fazer com que Rachel volte a se entender comigo, e isso é tudo o que quero.

— O senhor não tem medo em relação ao que pode descobrir sobre a Srta. Rachel... Supondo que descubra alguma coisa?

Compreendi a ferrenha confiança em sua jovem patroa que causou essas palavras.

— Tenho tanta confiança nela quanto você — respondi. — Desvendar seu segredo nada revelará que possa alterar seu lugar em sua estima, ou na minha.

Por fim, os últimos escrúpulos de Betteredge desapareceram.

— Se eu estiver errado em ajudá-lo, Sr. Franklin — exclamou ele tudo o que posso dizer é que o faço com a inocência de um bebê ainda por nascer! Posso colocá-lo no caminho da descoberta, se o senhor for capaz de seguir o caminho sozinho. Lembra-se de nossa pobre garota, Rosanna Spearman?

— É claro!

— O senhor sempre pensou que ela quisesse lhe fazer alguma espécie de confissão com relação à Pedra da Lua, não é?

— Eu certamente não podia explicar sua estranha conduta comigo de outro modo.

— Sr. Franklin, o senhor pode se livrar dessa dúvida na hora em que assim o desejar.

Foi a minha vez de ficar estarecido. Na escuridão cada vez maior, tentei em vão olhar para seu rosto. Na surpresa do momento, perguntei com alguma impaciência o que ele queria dizer.

— Calma, senhor! — continuou Betteredge. — É verdade o que eu disse. Rosanna Spearman deixou uma carta lacrada antes de morrer, uma carta endereçada ao senhor.

— Onde está a carta?

— De posse de uma amiga de Rosanna, em Cobb's Hole. Quando estive aqui pela última vez, o senhor deve ter ouvido falar em Lucy Manca, uma garota aleijada que usa uma muleta.

— A filha do pescador?

— Ela mesma, Sr. Franklin.

— Por que a carta não foi enviada para mim?

— Lucy Manca só faz o que quer, senhor. Ela se recusou a entregar a carta para outra pessoa que não o senhor. E o

senhor havia deixado a Inglaterra antes que eu pudesse lhe escrever.

— Vamos voltar e pegá-la imediatamente, Betteredge!

— Hoje já é muito tarde, senhor. Os habitantes de nossa costa são grandes poupadores de velas, e em Cobb's Hole vai-se dormir cedo.

— Bobagem! Podemos chegar lá dentro de meia hora.

— O senhor pode. E quando chegasse lá, encontraria a porta fechada. — Ele apontou para uma luz bruxuleante ao longe e, no mesmo instante, ouvi o murmúrio de um riacho no silêncio da noite. — Ali está a fazenda, Sr. Franklin! Acomode-se para a noite e venha me encontrar amanhã de manhã, está bem?

— Você irá comigo à casa do pescador?

— Sim, senhor.

— Cedo?

— Tão cedo quanto o senhor desejar, Sr. Franklin. Descemos a trilha que levava à fazenda.

CAPÍTULO 3

Tenho apenas uma lembrança indistinta do que aconteceu na fazenda dos Hotherstone.

Lembro-me de uma acolhida calorosa; de um jantar nababesco, capaz de ter alimentado um vilarejo oriental inteiro; de um quarto agradavelmente limpo, sem nenhuma ressalva a ser feita a não ser esse produto detestável da insanidade de nosso antepassado — um colchão de penas; de uma noite mal dormida, em que muitos fósforos foram usados e uma pequena vela muitas vezes acesa; e de uma imensa sensação de alívio quando o sol nasceu e houve a possibilidade de me levantar.

Na noite anterior, eu havia combinado com Betteredge que o chamaria o quão cedo quisesse, a caminho de Cobb's Hole — uma combinação que, interpretada por minha impaciência de ir buscar a carta, significava o quão cedo eu fosse capaz. Sem esperar pelo café da manhã na fazenda, peguei um pedaço de pão e parti, pensando que talvez fosse encontrar o valoroso Betteredge na cama. Para meu grande alívio, descobri que ele estava tão alvoroçado com o acontecimento que estava por vir quanto eu. Encontrei-o pronto e esperando por mim, com sua bengala na mão.

— Como está esta manhã, Betteredge?

— Nada bem, senhor.

— Sinto muito. O que o está incomodando?

— Uma nova moléstia, Sr. Franklin, que eu mesmo inventei. Não quero assustá-lo, mas o senhor com certeza será infectado antes que esta manhã termine.

— Não vou mesmo!

— Está sentindo uma queimadura desconfortável na boca do estômago, senhor? E uma terrível batida na cabeça? Ah! Ainda não?

Ela vai tomar conta do senhor em Cobb's Hole, Sr. Franklin. Chamo-a de febre de detetive, e a primeira vez que a peguei foi na companhia do Sargento Cuff.

— Sei! Sei! E suponho que a cura para isso seja abrir a carta de Rosanna Spearman? Vamos, vamos atrás de nossa cura.

Mesmo sendo muito cedo, encontramos a esposa do pescador atarefada na cozinha. Quando Betteredge me apresentou, a gentil Sra. Yolland cumpriu uma cerimônia social estritamente reservada a estranhos distintos (como fiquei sabendo mais tarde). Ela colocou em cima da mesa uma garrafa de gim holandês e um par de copos limpos, e começou a conversa dizendo:

— Que notícias o senhor traz de Londres?

Antes que eu pudesse encontrar uma resposta para essa pergunta tão abrangente, uma aparição veio em minha direção saída de um canto escuro da cozinha. Uma garota abatida, arisca, pálida, dona de cabelos especialmente bonitos e de um olhar feroz e penetrante veio mancando, apoiada em uma muleta, até a mesa onde eu estava sentado, e olhou para mim como se eu fosse ao mesmo tempo digno de interesse e de horror, aparentemente fascinada por me ver.

— Sr. Betteredge — disse ela, sem tirar os olhos de mim —, diga o nome dele novamente, por favor.

— O nome deste cavalheiro — respondeu Betteredge (ênfase bastante a palavra: *cavalheiro*) — é Sr. Franklin Blake.

A garota virou-me as costas e deixou o aposento de repente. A gentil Sra. Yolland — creio — pediu desculpas pelo comportamento estranho de sua filha, e Betteredge (provavelmente) traduziu-as para um inglês educado. Falo

disso sem nenhuma certeza. Minha atenção estava voltada para os ruídos da muleta de Lucy. Tum, tum subindo as escadas; tum, tum atravessando o aposento sobre nossas cabeças; tum, tum descendo as escadas novamente — e ali estava a aparição diante da porta aberta, com uma carta na mão, fazendo sinal para que eu a seguisse até o lado de fora!

Deixei para trás mais algumas desculpas que estavam sendo pedidas, e segui essa estranha criatura — que mancava à minha frente cada vez mais rápido — praia abaixo. Ela me levou para trás de alguns barcos, fora das vistas e longe dos ouvidos das poucas pessoas do vilarejo de pescadores, e então parou e me encarou pela primeira vez.

— Fique parado — disse ela. — Quero olhar para você.

Não havia como se enganar quanto à expressão em seu rosto. Eu inspirava nela o maior desprezo e nojo possíveis. Não sou pretensioso o bastante para dizer que nenhuma mulher jamais me olhou daquela maneira. Apenas ousarei afirmar, com mais modéstia, que nenhuma mulher antes dela havia deixado que eu percebesse. Há um limite para a inspeção que um homem pode suportar em certas circunstâncias. Tentei dirigir a atenção de Lucy Manca para algum objeto menos repugnante que o meu rosto.

— Acho que você tem uma carta para me dar — comecei. — É essa carta que tem nas mãos?

— Diga isso de novo — foi a única resposta que recebi.

Repeti as palavras, como tuna criança obediente repetindo a lição.

— Não. — disse a garota, falando para si mesma, mas mantendo os olhos fixos em mim sem misericórdia. — Não consigo descobrir o que ela viu no rosto dele. Não consigo adivinhar o que ouviu em sua voz. — De repente, tirou os olhos de mim e descansou a cabeça em sua muleta, pesadamente. — Ah, minha pobrezinha! — disse ela, com as primeiras palavras gentis que eu havia escutado de sua boca.

— Ah, minha querida! O que você via nesse homem? — Ela tornou a levantar a cabeça com violência e me olhou novamente. — Você consegue comer e beber?

Fiz o possível para manter-me sério, e respondi:

— Sim.

— Consegue dormir?

— Sim.

— Quando vê uma pobre criada, não sente remorso?

— Certamente não. Por que deveria?

De repente, ela arremessou a carta na minha cara (literalmente).

— Tome! — exclamou, furiosa. — Nunca o vi antes. Que Deus Todo-Poderoso permita que eu jamais tome a vê-lo.

Com essas palavras de adeus, afastou-se de mim mancando o mais rápido que podia. Sem dúvida, a única explicação que eu podia dar para seu comportamento já havia sido intuída por todos. Eu só podia supor que ela era louca.

Tendo chegado a essa conclusão inevitável, voltei-me para um objeto de investigação mais interessante, a saber, a carta de Rosanna Spearman. O endereço estava escrito assim: Para o Sr. Franklin Blake. A ser entregue em suas mãos (e não por intermédio de qualquer outra pessoa) por Lucy Yolland.

Rompi o lacre. O envelope continha uma carta; e esta, por sua vez, continha um pedaço de papel. Li a carta primeiro:

Senhor, se estiver curioso quanto ao significado de meu comportamento consigo, enquanto o senhor estava hospedado na casa de minha patroa, Lady Verinder, faça o que a nota junto a esta lhe diz para fazer — e faça-o sem que ninguém mais esteja presente para assistir. Sua humilde criada,

Rosanna Spearman

Depois li o pedaço de papel. Eis aqui sua cópia fiel, palavra por palavra:

Nota: Ir até a Areia Trêmula quando a maré estiver virando. Seguir pela Restinga do Sul até que o Marcador da Restinga do Sul e o mastro da bandeira da estação da Guarda Costeira acima de Cobb's Hole estejam alinhados. Colocar, em meio às pedras, um bastão, ou qualquer coisa reta capaz de guiar as mãos, exatamente na linha entre o marcador e o mastro. Ao fazer isso, tomar cuidado para que uma das extremidades do bastão aponte para onde as pedras terminam, para o lado da Areia Trêmula. Ir apalpando o bastão, em meio às algas (começando pela extremidade que estiver apontada para o marcador), à procura da Corrente. Quando encontrar a Corrente, ir descendo as mãos por ela até chegar à parte que leva, por sobre as pedras, à areia movediça. E então puxar a Corrente.

No instante em que lia estas últimas palavras — sublinhadas no original ouvi atrás de mim a voz de Betteredge. O inventor da febre de detetive havia sucumbido inteiramente a essa doença irresistível.

— Não aguento mais, Sr. Franklin. O que diz a carta dela? Por misericórdia, senhor, diga-me, o que diz a carta dela?

Estendi-lhe a carta e a nota. Ele leu a primeira sem demonstrar muito interesse nela. Mas a segunda — a nota — teve um efeito muito forte sobre ele.

— O Sargento o disse! — gritou Betteredge. — Do início ao fim, senhor, o Sargento disse que ela tinha uma nota do esconderijo. E aqui está ela! Deus nos proteja, Sr. Franklin, aqui está o segredo que confundiu todo mundo, do Sargento Cuff para baixo, à nossa disposição, e esperando, por assim dizer, a hora de se revelar para o senhor! A maré está alta agora, senhor, como qualquer pessoa pode ver por si mesma. Quanto tempo antes de virar? — Ele olhou em volta e viu um rapaz trabalhando a alguma distância de onde estávamos,

remendando uma rede. — Tamnie Bright! — gritou Betteredge o mais alto que podia.

— Estou ouvindo! — gritou Tamnie de volta.

— Quando é que a maré vai virar?

— Dentro de uma hora.

Ambos olhamos para nossos relógios.

— Podemos dar a volta pela praia, Sr. Franklin — disse Betteredge e chegar à Areia Trêmula por ali, com tempo de sobra. O que o senhor diz?

— Vamos!

A caminho da Areia Trêmula, pedi que Betteredge refrescasse minha memória quanto aos fatos (relacionados a Rosanna Spearman) ocorridos durante a investigação do Sargento Cuff. Com a ajuda de meu velho amigo, eu logo tinha a sequência dos acontecimentos claramente registrada em minha mente. A ida de Rosanna a Frizinghall, quando toda a casa acreditava que ela estava adoentada em seu quarto, os estranhos afazeres de Rosanna durante a noite, com a porta trancada, e sua vela acesa até de manhã, a compra suspeita feita por Rosanna de uma caixa de metal laqueada e as duas correntes de cachorro da Sra. Yolland, a certeza do Sargento de que Rosanna havia escondido alguma coisa na Areia Trêmula e a absoluta ignorância do Sargento quanto ao que esse objeto poderia ser — todos esses estranhos resultados da investigação abortada sobre a perda da Pedra da Lua foram restituídos com clareza à minha mente enquanto chegávamos à areia movediça e caminhávamos juntos sobre a extremidade rochosa chamada de Restinga do Sul.

Com a ajuda de Betteredge, logo me posicionei de modo a ter uma visão do marcador e do mastro da bandeira da Guarda Costeira alinhados. Seguindo as indicações da nota, colocamos então o bastão na posição necessária, da melhor maneira que conseguimos devido à superfície rugosa das pedras. E então olhamos mais uma vez para nossos relógios.

Ainda faltavam quase vinte minutos para que a maré virasse. Sugeri que esperássemos na praia, em vez de na superfície molhada e escorregadia das pedras. Uma vez na areia seca, preparei-me para sentar, e, para minha grande surpresa, Betteredge preparou-se para me deixar.

— Por que você está indo embora? — perguntei.

— Olhe para a carta novamente, senhor, e verá.

Uma nova olhada na carta lembrou-me de que, quando eu fizesse minha descoberta, deveria estar a sós.

— Já é duro o suficiente para mim deixá-lo numa hora dessas — disse Betteredge. — Mas ela teve uma morte terrível, pobrezinha, e sinto-me inclinado, Sr. Franklin, a acatar essa sua vontade. Além disso — acrescentou ele confidencialmente — não há nada na carta que o proíba de revelar o segredo depois. Vou esperar na plantação de abetos até que o senhor venha me buscar. Não demore mais do que o necessário, senhor. Nas atuais circunstâncias, a febre de detetive não é uma doença fácil de suportar.

Com esse último aviso, ele me deixou.

O tempo de espera, mesmo sendo muito pequeno se medido em minutos, tomou proporções imensas ao ser medido em suspense. Era uma daquelas ocasiões em que o inestimável hábito de fumar toma-se especialmente precioso e apaziguador. Acendi um charuto e sentei-me na areia da praia.

A luz do sol derramava sua beleza imaculada sobre todos os objetos visíveis. O delicado frescor do ar tornava um luxo o simples ato de estar vivo e respirar. Até mesmo a pequena baía solitária saudava a manhã com uma demonstração de alegria; e a própria superfície molhada da areia movediça, cintilando com um brilho dourado, escondia o horror de suas profundezas marrons sob um aparente sorriso. Era o dia mais lindo que eu havia visto desde minha volta à Inglaterra.

A maré começou a virar antes que eu terminasse meu charuto. Vi os primeiros movimentos da Areia, e depois o

terrível tremor que percorreu sua superfície — como se algum espírito maléfico vivesse, se movesse e tremesse em suas profundezas insondáveis. Joguei meu charuto fora, e voltei novamente para as pedras.

As instruções na nota diziam-me para examinar a linha traçada pelo bastão, começando pela extremidade mais próxima ao marcador.

Percorri, assim, mais da metade do comprimento do bastão, sem nada encontrar a não ser pedras. No entanto, ao avançar mais um pouco, minha paciência foi recompensada. Numa pequena reentrância, que meu dedo indicador mal conseguia alcançar, senti a corrente. Quando, em seguida, tentei continuar a segui-la pelo tato, na direção da areia movediça, vi-me impedido por um denso emaranhado de algas — que, sem dúvida, haviam ficado presas à reentrância durante o tempo que tinha se passado desde que Rosanna Spearman havia escolhido esse esconderijo.

Era igualmente impossível retirar as algas, ou forçar minha mão por entre elas. Depois de marcar o ponto indicado pela extremidade do bastão mais próxima da areia movediça, decidi continuar a busca pela corrente segundo meu próprio plano. Minha ideia era sondar o vão debaixo das pedras, para assim tentar recuperar a corrente cujo rastro se perdia ao enterrar-se na areia. Peguei o bastão, e ajoelhei-me na beirada da Restinga do Sul.

Nessa posição, meu rosto estava muito próximo à superfície da areia movediça. A visão dela tão perto, ainda percorrida de quando em quando por seus medonhos acessos de tremor, perturbou-me os nervos. Uma ideia terrível de que a mulher morta poderia aparecer no lugar de seu suicídio para ajudar em minha busca — um indescritível medo de vê-la surgir através da superfície da areia e apontar o lugar — tomou conta de minha mente, e me fez sentir frio sob o calor

do sol. Confesso que fechei os olhos no instante em que a ponta do bastão penetrou na areia movediça.

No instante seguinte, antes que o bastão houvesse entrado muito mais, vi-me livre do domínio de meu próprio medo e superstição, e tremi de excitação da cabeça aos pés. Ao sondar aleatoriamente, em minha primeira tentativa — naquela primeira tentativa eu havia acertado! O bastão tocou a corrente.

Agarrando as algas firmemente com minha mão esquerda, debrucei-me sobre a beirada, e vasculhei sob as pedras com minha mão direita. Minha mão direita encontrou a corrente.

Puxei-a sem a menor dificuldade. E ali estava a caixa de metal laqueada, amarrada na ponta da corrente.

A ação da água havia enferrujado tanto a corrente que era impossível desatá-la da argola que a prendia à caixa. Colocando a caixa entre os joelhos, e usando o máximo de força possível, consegui tirar a tampa. Quando olhei para dentro, todo o interior da caixa estava ocupado por uma substância branca. Coloquei a mão lá dentro, e descobri que se tratava de um pano.

Ao retirar o tecido, retirei também uma carta que estava amassada junto a ele. Depois de olhar o destinatário, e descobrir que estava em meu nome, coloquei a carta no bolso e removi o pano completamente. Este saiu todo enrolado, tendo naturalmente adquirido a forma da caixa na qual havia ficado fechado durante tanto tempo, e perfeitamente intacto de qualquer dano causado pela água do mar.

Levei o pano para a areia seca da praia, e ali o desenrolei e desamassei. Não havia como se enganar quanto ao artigo de roupa de que se tratava. Era uma camisola.

Quando a expus, a parte de cima apresentou muitas dobras e vincos, e nada mais. Examinei em seguida a parte de baixo — e descobri instantaneamente o borrão de tinta da porta do boudoir de Rachel.

Meus olhos se mantiveram fixos no borrão, e a minha mente me levou, num pulo, de volta ao passado. As palavras do Sargento Cuff me vieram à cabeça, como se ele próprio estivesse novamente ao meu lado, indicando a conclusão irrefutável que tirava do borrão na porta.

— Descobrir se há alguma peça de roupa nesta casa que tenha nela uma mancha de tinta. Descobrir a quem pertence essa peça de roupa. Descobrir como a pessoa pode explicar o fato de ter estado neste quarto, e borrado a pintura, entre meia-noite e três horas da manhã. Se a pessoa não puder responder, não deveremos procurar muito mais pela mão que pegou o Diamante.

Uma depois da outra, essas palavras viajaram através da minha memória, repetindo-se inúmeras vezes em uma litania cansativa, mecânica. Fui despertado do que pareceu ter sido um transe de muitas horas — do que na verdade foi, sem dúvida, uma pausa de apenas alguns instantes — por uma voz me chamando. Levantei os olhos, e vi que a paciência de Betteredge havia enfim se esgotado. Eu podia vê-lo ao longe entre as dunas, voltando à praia.

No instante em que tomei consciência dela, a aparição do velho me chamou de volta ao presente, e lembrou-me que a investigação que eu havia empreendido até então ainda estava incompleta. Eu havia descoberto o borrão na camisola. A quem pertencia a camisola?

Meu primeiro impulso foi consultar a carta em meu bolso — a carta que eu havia achado dentro da caixa.

Quando levei a mão ao bolso para pegá-la, lembrei-me de que havia um caminho mais curto do que esse para descobrir o que eu queria. A própria camisola revelaria a verdade, pois era muito provável que a camisola estivesse marcada com o nome de seu dono.

Levantei-a da areia e procurei pela marca.

Encontrei a marca e li...

MEU PRÓPRIO NOME.

Ali estavam as letras conhecidas me dizendo que a camisola era minha. Levantei os olhos. Ali estava o sol; ali estavam as águas cintilantes da baía; ali estava o velho Betteredge, chegando cada vez mais perto de mira. Olhei novamente para as letras. Meu próprio nome. Encarando-me — meu próprio nome.

Se o tempo, o esforço e o dinheiro forem suficientes, porei as mãos no ladrão que levou a Pedra da Lua. Eu havia deixado Londres com essas palavras na boca. Eu havia descoberto o segredo que a areia movediça tinha mantido escondido de qualquer outra pessoa. E, baseado na prova irrefutável do borrão, eu havia descoberto que o ladrão era eu.

CAPÍTULO 4

Não tenho nada a dizer a respeito de meus próprios sentimentos.

Minha impressão é que o choque que levei suspendeu completamente meu raciocínio e minhas sensações. Eu certamente não tinha noção de nada quando Betteredge juntou-se a mim — pois tenho apenas o seu testemunho para me assegurar de que ri quando ele me perguntou qual era o problema e, entregando-lhe a camisola, disse-lhe para descobrir o segredo por si mesmo.

Daquilo que foi dito entre nós na praia, eu não tenho a menor lembrança. O primeiro lugar onde agora consigo me ver claramente é a plantação de abetos. Betteredge e eu estamos voltando juntos para casa; e Betteredge está me dizendo que eu serei capaz de encarar os fatos, e que ele será capaz de encarar os fatos, quando houvermos tomado um copo de grogue.

A cena se transfere da plantação de abetos para a pequena sala de estar de Betteredge. Minha decisão de não entrar na casa de Rachel é esquecida. É com satisfação que sinto o frescor, a sombra e o silêncio do aposento. Bebo o grogue (um luxo inteiramente novo para mim, naquela hora do dia) que meu bom amigo prepara com água bem gelada do poço. Em quaisquer outras circunstâncias, a bebida só teria me embrutecido. No ponto em que as coisas estão, ela aguça meus nervos. Começo a encarar os fatos, como Betteredge havia previsto. E Betteredge, por sua vez, também começa a encarar os fatos.

Suponho que a imagem que agora tenho de mim mesmo vá parecer muito estranha, no mínimo. Ao me ver em uma situação que, penso, pode ser descrita como inteiramente sem precedentes, qual é a primeira atitude à qual recorro? Isolar-

me de qualquer convívio humano? Tentar me acalmar de modo a analisar a abominável impossibilidade que, no entanto, encontra-se diante de mim como um fato inegável? Correr de volta para Londres no primeiro trem para consultar autoridades mais competentes, e para dar início imediatamente a uma investigação? Não. Aceito o abrigo de uma casa na qual havia decidido nunca me rebaixar a ponto de entrar; e fico sentado, bebendo uma mistura de álcool e água em companhia de um velho criado, às dez horas da manhã. Será essa a conduta que se esperaria de um homem em minha terrível posição? Posso apenas responder que a visão do rosto familiar do velho Betteredge foi para mim um reconforto indescritível, e que beber o grogue do velho Betteredge me ajudou como, acredito, nada mais teria me ajudado, no estado de total prostração mental e física no qual eu havia mergulhado. É a única desculpa que posso dar para mim mesmo; e nada posso fazer a não ser admirar a imperturbável dignidade e a retidão de conduta perfeitamente lógica que distinguem cada homem e cada mulher que venham a ler estas linhas, em todas as situações de emergência de suas vidas, do berço ao túmulo.

— Bem, Sr. Franklin, pelo menos uma coisa é certa — disse Betteredge, jogando a camisola na mesa entre nós e apontando para ela como se fosse um ser vivo que pudesse nos escutar. — Ela está mentindo, para começar.

Essa visão reconfortante da situação não foi a visão que me veio à mente.

— Sou tão inocente de qualquer consciência de ter me apoderado do Diamante quanto você — disse eu. — Mas aqui está a testemunha que me contradiz! O borrão e o nome na camisola são fatos irrefutáveis.

Betteredge levantou meu copo e colocou-o em minhas mãos de forma persuasiva.

— Fatos? — repetiu ele. — Tome mais um pouco de grogue, Sr. Franklin, e há de superar a fraqueza que o faz acreditar em fatos irrefutáveis! Trapaça, senhor! — continuou ele, abaixando a voz para um tom confidencial. — É assim que interpreto o enigma. Há trapaça em algum lugar, e o senhor e eu devemos descobrir onde. Não havia mais nada na caixa de metal quando o senhor colocou a mão dentro dela?

A pergunta me fez lembrar imediatamente da carta em meu bolso. Tirei-a do bolso e a abri. Era uma carta de muitas páginas, escrita em uma caligrafia apertada. Olhei impaciente para a assinatura ao final: Rosanna Spearman.

Ao ler o nome, uma súbita lembrança iluminou minha mente, e uma súbita suspeita surgiu dessa nova lembrança.

— Espere! — exclamei. — Rosanna Spearman esteve em um reformatório antes de trabalhar para minha tia? Rosanna Spearman teria sido uma ladra?

— Não há como negar isso, Sr. Franklin. Mas, por favor, qual a importância?

— Qual a importância? Como podemos saber se não foi realmente ela quem roubou o Diamante? Como podemos saber se ela não manchou a camisola com a tinta de propósito...?

Betteredge colocou a mão em meu braço, e me fez parar antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa.

— O senhor terá certeza de sua inocência, Sr. Franklin, sem sombra de dúvida. Espero que não tenha certeza de sua inocência desse modo. Veja o que diz a carta, senhor. Em nome da memória da garota, veja o que ela diz.

Senti sua insistência ao dizer isso — senti como se ele estivesse me repreendendo.

— Você fará seu próprio julgamento sobre a carta — disse eu.

— Vou lê-la em voz alta.

Comecei — e li estas linhas:

Senhor — tenho algo a lhe confessar. Uma confissão que significa muita tristeza pode às vezes ser feita em poucas palavras. Essa confissão pode ser feita em três palavras. Eu o amo.

A carta caiu de minha mão. Olhei para Betteredge.

— Em nome dos céus — disse eu o que isso significa?

Ele pareceu evitar responder à minha pergunta.

— O senhor e Lucy Manca estiveram a sós esta manhã — disse ele. — Ela não disse nada sobre Rosanna Spearman?

— Ela sequer mencionou o nome de Rosanna Spearman.

— Por favor, prossiga com a carta, Sr. Franklin. Digo-lhe sinceramente: não sou capaz de causar-lhe nenhuma aflição, depois do que o senhor já teve de suportar. E termine o seu grogue. Para o seu próprio bem, termine o seu grogue.

Continuei a ler a carta.

Se eu estivesse viva quando o senhor lesse esta carta, esta seria uma confissão muito desgraciosa de se fazer. No entanto, estarei morta e enterrada quando o senhor encontrar minha carta. É isso que me dá coragem. Nem mesmo meu túmulo ficará para contar minha história. Já posso confessar a verdade — e a areia movediça estará esperando para me esconder quando as palavras tiverem sido escritas.

Além disso, o senhor vai encontrar sua camisola em meu esconderijo, manchada com o borrão de tinta, e desejará saber: como ela veio a ser escondida por mim? E por que eu nada lhe disse a respeito enquanto estava viva? Tenho apenas uma razão para dar. Fiz essas coisas estranhas porque o amava.

Não vou incomodá-lo contando muitas coisas sobre mim, sobre minha vida antes de o senhor chegar à casa de minha senhora. Lady Verinder me tirou de um reformatório. Eu havia chegado ao reformatório, vinda da prisão. Fui colocada na prisão porque era

uma ladra. Eu era uma ladra porque minha mãe teve de ir para a rua quando eu era bem pequena. Minha mãe teve de ir para a rua porque o cavalheiro que era meu pai a abandonou. Não há a menor necessidade de contar uma história tão comum quanto esta. Há muitas outras iguais sendo contadas.

Lady Verinder era muito bondosa comigo, e o Sr. Betteredge também. Estes dois e a diretora do reformatório são as únicas pessoas boas que conheci em minha vida. Eu poderia ter continuado a viver minha vida em meu devido lugar — não feliz, mas poderia ter continuado — se o senhor não tivesse vindo nos visitar. Não culpo o senhor. A culpa é minha — toda a culpa.

O senhor se lembra quando chegou até nós naquela manhã, vindo das dunas, procurando pelo Sr. Betteredge? Parecia um príncipe num conto de fadas. Parecia um amante num sonho. O senhor era a criatura mais adorável que eu jamais havia visto. Algo parecido com a vida feliz que eu nunca tive se acendeu dentro de mim no instante em que meus olhos o viram. Não ria disso, se puder. Ah, se eu apenas pudesse fazê-lo sentir como isso é importante para mim!

Voltei para a casa, e escrevi o seu nome e o meu em minha caixa de costura, e debaixo deles amarrei um verdadeiro nó de amor. Então algum demônio dentro de mim — não, eu deveria dizer algum anjo bom — sussurrou em meu ouvido: Vá olhar no espelho. O espelho me disse — não importa. Fui muito tola em não ligar para esse aviso. Continuei a gostar cada vez mais do senhor, como se eu fosse uma dama do mesmo nível que o seu, e a mais bela das criaturas que seus olhos jamais haviam visto. Tentei — ai de mim, como tentei — fazer com que olhasse para mim. Se o senhor soubesse como eu costumava chorar à noite de tristeza e decepção porque o senhor jamais tomava conhecimento da minha presença, talvez tivesse sentido pena de mim, e me lançado um olhar de vez em quando que me faria continuar a viver.

Talvez esse não tivesse sido um olhar gentil se o senhor tivesse sabido o quanto eu odiava a Srta. Rachel. Acredito ter descoberto que o senhor estava apaixonado por ela, antes que o senhor mesmo soubesse. Ela costumava dar-lhe rosas para usar na lapela. Ah, Sr. Franklin, eram as minhas rosas que usava com mais frequência do que o senhor ou ela suspeitavam! O único reconforto que eu tinha naquela época era colocar minha rosa em segredo em seu copo de água, no lugar da dela — e jogar a rosa dela fora.

Se ela fosse realmente tão bonita quanto o senhor achava, eu talvez tivesse suportado melhor. Não; acredito que teria tido ainda mais desprezo por ela. Imagine se a Srta. Rachel colocasse um vestido de criada, e tirasse seus enfeites...? Não sei por que escrevo desta maneira. Não se pode negar que ela era malfeita de corpo; era magra demais. Mas quem pode dizer do que os homens gostam? E as Jovens damas podem se comportar de maneiras que fariam uma criada perder seu emprego. Não é da minha conta. Não posso querer que o senhor leia minha carta se escrevo desta maneira. Mas é realmente irritante ouvir alguém como a Srta. Rachel ser chamada de bonita quando é obvio que é o vestido que a faz bonita, e sua autoconfiança.

Tente não perder a paciência comigo, senhor. Vou chegar o mais rápido possível à época que, com certeza, vai lhe interessar — a ocasião em que o Diamante se perdeu.

Mas há algo que eu gostaria de lhe contar antes disso.

Enquanto eu era uma ladra, minha vida não foi muito difícil de suportar. Foi só depois que me ensinaram, no reformatório, a ter consciência de minha própria degradação, e tentar levar uma vida melhor, que os dias tornaram-se longos e cansativos, Eu agora tinha ideias sobre o futuro. Sentia sobre mim a terrível reprimenda que a própria existência de pessoas honestas — mesmo as mais bondosas das pessoas honestas — era para mim. Uma sensação

devastadora de solidão andava sempre comigo onde quer que eu fosse, e o que quer que eu fizesse, e quem quer que eu frequentasse. Sei que era meu dever tentar me entender com os criados meus colegas em meu novo emprego. Mas, de algum modo eu não conseguia fazer amizade com eles. Eles pareciam (ou eu pensava que pareciam) suspeitar do que eu havia sido. Não me arrependo de ter sido levada a me esforçar para ser uma mulher redimida, longe disso — mas era realmente uma vida muito cansativa. De início, o senhor apareceu nela como um raio de sol — e então o senhor também me deixou. Fui louca o bastante para amá-lo; e não conseguia sequer atrair sua atenção. Era muito triste — isso era realmente muito triste.

Agora estou chegando ao que queria lhe contar. Naqueles dias amargos, quando era minha vez de sair, fui duas ou três vezes a meu lugar favorito — a praia perto da Areia Trêmula. E disse a mim mesma: Acho que vou terminar aqui; quando não puder mais suportar, acho que vou terminar aqui. O senhor tem de entender que o lugar havia de certo modo me enfeitiçado, antes mesmo de o senhor chegar. Eu sempre achei que alguma coisa fosse me acontecer na areia movediça. Mas eu nunca havia pensado nela como o meio de acabar com minha própria vida até o momento em que escrevo agora. Então pensei que ali estava um lugar que poderia pôr fim a todos os meus problemas em poucos instantes — e esconder-me para sempre.

Isso é tudo o que tenho a dizer sobre mim mesma, desde a manhã em que o vi pela primeira vez, até a manhã em que se deu o alarme de que o Diamante havia sido perdido.

Eu estava tão amolada pela conversa tola entre as criadas, todas se perguntando de quem se poderia suspeitar, e estava tão zangada com o senhor (sem saber de nada ainda) por causa de seu esforço em procurar a joia e em chamar a polícia, que me mantive o mais afastada possível, sozinha, até mais

tarde no mesmo dia, quando o oficial de Frizinghall chegou à casa.

Como o senhor talvez se lembre, o Sr. Seegrave começou por colocar um guarda nos quartos das criadas, e todas as mulheres o seguiram até o andar de cima enfurecidas, para saber o que significava aquele insulto que ele lhes infligia. Fui junto com elas porque, se eu houvesse feito qualquer coisa diferente dos outros, o Sr. Seegrave era o tipo de homem que teria desconfiado de mim imediatamente. Encontramos o oficial no quarto da Srta. Rachel. Ele nos disse que não queria um bando de mulheres ali, e apontou para o borrão na porta recentemente pintada, dizendo que uma de nossas saias havia feito o estrago, e mandou-nos todas de volta ao andar de baixo.

Depois de sair do quarto da Srta. Rachel, parei sozinha por um instante em um dos corredores para ver se, por acaso, a mancha de tinta estava em minha roupa. Penélope Betteredge (a única das mulheres com a qual eu tinha uma relação cordial) passou por mim, e reparou no que eu estava fazendo.

Não precisa se preocupar, Rosanna, disse ela. A pintura na porta da Srta. Rachel está seca há horas. Se o Sr. Seegrave não houvesse mandado vigiar nossos quartos, eu teria lhe dito isso. Não sei o que você acha — mas eu nunca fui tão insultada em toda a minha vida!"

Penélope tinha o pavio curto. Eu a acalmei, e pedi que repetisse o que havia dito sobre a pintura da porta estar seca há horas.

Como você sabe?, perguntei.

Eu estava com a Srta. Rachel, e com o Sr. Franklin, ontem de manhã, disse Penélope, misturando as tintas enquanto eles terminavam a porta. Ouvi a Srta. Rachel perguntar se a porta estaria seca naquela noite, a tempo para que os convidados do aniversário a vissem. E o Sr. Franklin balançou a cabeça e disse que a tinta não secaria em menos de doze horas. Já passava muito da hora do almoço — eram mais de três horas quando eles terminaram. O que diz sua matemática, Rosanna?

A minha diz que a porta secou por volta das três horas desta madrugada.

Alguma das senhoras ontem à noite subiu as escadas para vê-la?, perguntei. Pensei ter ouvido a Srta. Rachel lhes avisando para ficar longe da porta.

Nenhuma das senhoras causou o borrão, respondeu Penélope. Deixei a Srta. Rachel em sua cama à meia-noite da noite passada. Reparei na porta, e não havia nada de errado com ela.

Você não deveria dizer isso ao Sr. Seegrave, Penélope?"

Eu não diria uma palavra que pudesse ajudar o Sr. Seegrave por nada deste mundo!

Ela voltou ao seu trabalho, e eu voltei ao meu.

Meu trabalho, senhor, era fazer sua cama e arrumar o seu quarto. Era a hora do dia mais feliz que eu tinha. Eu costumava beijar o travesseiro em que sua cabeça havia repousado durante a noite. Não importa quem o tenha feito desde então, suas roupas jamais foram dobradas tão bem quanto eu as dobrava para o senhor. De todas as coisas em seu armário, nenhuma tinha sequer uma mácula. O senhor nunca reparou nisso, assim como nunca reparou em mim. Peça-lhe perdão; estou saindo da linha. Vou me apressar e continuar.

Bem, naquela manhã eu entrei para trabalhar em seu quarto. Ali estava sua camisola jogada ao pé da cama, como se tivesse sido tirada às pressas. Peguei-a para dobrar — e vi a mancha de tinta da porta da Srta. Rachel!

Fiquei tão assustada com a descoberta que saí correndo, com a camisola nas mãos, em direção à escada dos fundos, e tranquei-me em meu próprio quarto para poder olhar para ela em um lugar onde ninguém se intrometeria nem me interromperia.

Tão logo recuperei meu fôlego, lembrei-me de minha conversa com Penélope, e disse a mim mesma: Eis a prova de que ele esteve na sala de estar da Srta.

Rachel entre meia-noite de ontem e três horas da madrugada de hoje!

Não lhe direi claramente qual foi a primeira suspeita que me passou pela cabeça quando fiz essa descoberta. O senhor apenas se zangaria — e, se se zangasse, poderia rasgar minha carta e não terminar de lê-la.

Será suficiente, com sua licença, dizer apenas o seguinte. Depois de pensar no assunto da melhor maneira que podia, concluí que não era provável, por uma razão que vou lhe dizer. Se o senhor houvesse estado na sala de estar da Srta. Rachel, naquela hora da noite, com o conhecimento da Srta. Rachel (e tivesse sido tolo o bastante para não tomar cuidado com a tinta fresca da porta), ela teria lhe lembrado — ela jamais o deixaria carregar consigo uma prova contra si mesmo como a que eu estava vendo agora! Ao mesmo tempo, confesso não estar completamente convencida de que minha suspeita estava errada. O senhor não deve ter se esquecido de que confessei odiar a Srta. Rachel. Tente, se for capaz, pensar que havia um pouco desse ódio nisso tudo. Acabei decidindo guardar a camisola, e esperar para ver como poderia usá-la. Perceba por favor que, naquele momento, nem sombra da ideia de que o senhor havia roubado o Diamante me passou pela cabeça.

Neste ponto interrompi a leitura da carta pela segunda vez. Eu havia lido as partes da confissão da infeliz que se relacionavam com a minha pessoa com uma surpresa indiferente e, posso acrescentar honestamente, com sincera aflição. Eu lamentava, realmente lamentava a calúnia que havia associado sem pensar à sua lembrança, antes de ler sua carta. Mas, quando cheguei ao trecho que acabo de reproduzir, confesso que, à medida que continuava, eu sentia cada vez mais amargura em relação a Rosanna Spearman.

— Leia o resto você mesmo — disse eu, estendendo a carta para Betteredge por sobre a mesa. — Se houver nela algo que eu precise saber, você pode me dizer enquanto está lendo.

— Eu o entendo, Sr. Franklin — respondeu ele. — É natural que o senhor faça isso. E Deus nos ajude a todos! — acrescentou ele, falando mais baixo. — Não é menos natural que ela faça isso.

Copio em seguida o resto da carta a partir do original, que ainda possuo:

Determinada a guardar a camisola, e a pensar no uso que meu amor ou minha vingança (mal sei qual dos dois) poderia fazer dela no futuro, a próxima coisa a fazer era descobrir como guardá-la sem correr o risco de ser descoberta.

Só havia uma maneira — fabricar outra camisola exatamente igual antes de sábado, que traria consigo a lavadeira e seu registro de todas as peças de roupa da casa.

Tive medo de adiar essa tarefa para o dia seguinte (sexta-feira); eu tinha medo de que algum incidente pudesse ocorrer nesse intervalo. Decidi fabricar a nova camisola naquele mesmo dia (quinta-feira), quando tinha certeza de poder ter algum tempo livre, se agisse como devia. A primeira coisa a fazer (depois de trancar a camisola em minha gaveta) era voltar ao seu quarto de dormir — não exatamente para arrumá-lo (Penélope teria feito isso para mim se eu tivesse pedido a ela), mas sim para descobrir se o senhor havia manchado com o borrão da camisola a cama ou algum móvel do quarto.

Examinei tudo minuciosamente, e finalmente encontrei algumas marcas leves de tinta na parte interna de seu roupão — não o roupão de linho que o senhor usava habitualmente naquele verão, mas um roupão de flanela que o senhor também tinha. Suponho que tenha sentido frio depois de andar para lá e para cá usando apenas sua camisola, e colocou a

roupa mais quente que pôde encontrar. De qualquer maneira, ali estavam as manchas, praticamente invisíveis na parte interna do roupão. Livrei-me delas com facilidade raspando o tecido. Isso feito, a única prova contra o senhor era a prova que estava trancada em minha gaveta.

Eu havia acabado de terminar com o quarto de dormir quando mandaram me chamar para ser interrogada pelo Sr. Seegrave, junto com o resto dos criados. Depois disso, todos os nossos quartos foram vasculhados. E depois disso veio o acontecimento mais extraordinário do dia — para mim — desde que eu havia descoberto a tinta em sua camisola. Esse acontecimento veio logo depois do segundo interrogatório de Penélope Betteredge pelo Superintendente Seegrave.

Penélope voltou bastante transtornada de raiva diante da maneira como o Sr. Seegrave a havia tratado. Ele havia insinuado, sem possibilidade de ter sido mal interpretado, que desconfiava de que ela fosse a ladra. Todos nós ficamos estupefatos ao ouvir isso, e todos perguntamos: por quê?

Porque o Diamante estava na sala de estar da Srta. Rachel, respondeu Penélope. E porque eu fui a última pessoa a entrar na sala de estar na noite passada!

Quase antes que as palavras houvessem saído de sua boca, lembrei-me de que outra pessoa havia estado na sala de estar depois de Penélope. Essa pessoa era o senhor. Minha cabeça rodou, e meus pensamentos ficaram horrivelmente confusos. No meio disso tudo, algo em minha mente sussurrou a ideia de que a mancha em sua camisola podia ter um significado inteiramente diferente do significado que eu até então havia lhe dado. Se a última pessoa que estive no aposento é a pessoa de quem se deve suspeitar, pensei comigo mesma, a ladra não é Penélope, mas sim o Sr. Franklin Blake!

No caso de qualquer outro cavalheiro, creio que teria tido vergonha de desconfiar que fosse um ladrão,

no mesmo instante em que a suspeita houvesse passado por minha cabeça.

Mas a simples ideia de que o senhor havia se rebaixado ao meu nível, e que, já que estava de posse de sua camisola, eu também possuía meios de protegê-lo de ser descoberto e ser desgraçado para o resto da vida — senhor, essa simples ideia pareceu abrir diante de mim tal possibilidade de conseguir ganhar sua boa vontade, que passei sem pensar da suspeita à certeza. Convenci-me imediatamente de que o senhor havia se mostrado mais ativo do que todos os outros para chamar a polícia como parte de uma estratégia para nos enganar, e que a mão que havia roubado a joia da Srta. Rachel não podia de maneira nenhuma ser outra a não ser a sua.

Penso que a excitação dessa minha nova descoberta deve ter virado minha cabeça por algum tempo. Senti uma urgência tão grande de vê-lo — tentar lhe dizer uma ou duas palavras sobre o Diamante, e desse modo obrigá-lo a olhar para mim e a falar comigo — que arrumei o cabelo e me enfeitei do melhor modo que pude, e fui audaciosamente ao seu encontro na biblioteca onde sabia que o senhor estava escrevendo.

O senhor havia deixado um de seus anéis no andar de cima, o que era uma desculpa melhor do que eu poderia ter desejado para minha intrusão. Mas, ah, senhor! Se o senhor já amou, vai entender como minha coragem desapareceu quando entrei no aposento e me vi diante do senhor. E então, o senhor olhou para mim de maneira tão fria, e agradeceu-me por ter encontrado seu anel de maneira tão indiferente que meus joelhos tremeram sob mim, e senti que poderia cair no chão a seus pés. Depois de me agradecer, o senhor talvez se lembre de que tomou a olhar para o que estava escrevendo. Senti-me tão mortificada por ser tratada desse modo que reuni coragem o bastante para dizer: Essa história do Diamante é estranha, senhor. E o senhor tomou a levantar os olhos, e disse: Sim, é! Falou de maneira educada (não posso negar

isso), mas ainda assim manteve distância — uma cruel distância entre nós. Acreditando, como eu acreditava, que o senhor mantinha o Diamante perdido escondido consigo enquanto falava, senti-me tão provocada por sua frieza que tomei coragem e, na excitação do momento, fiz uma insinuação. Eles nunca vão achar o Diamante, senhor, vão? Não! Nem a pessoa que o roubou — eu respondo por isso." Fiz que sim com a cabeça, e sorri para o senhor, como se dissesse: Eu sei! Dessa vez o senhor olhou para mim com uma expressão que parecia interessada, e senti que mais algumas palavras do senhor e minhas poderiam trazer a verdade à tona. Naquele exato momento, o Sr. Betteredge estragou tudo ao chegar junto à porta. Eu conhecia seus passos, e sabia também que eu estar na biblioteca naquela hora do dia era contra as suas regras — o que dirá estar ali com o senhor. Apenas tive tempo de sair por iniciativa própria, antes que ele entrasse e me mandasse embora. Eu estava zangada e decepcionada, mas nem por isso havia perdido completamente as esperanças. O gelo entre nós havia sido quebrado, vê — e eu pensei que, na oportunidade seguinte, o senhor tomaria providências para que o Sr. Betteredge não interferisse.

Quando voltei à ala dos criados, a sineta do nosso jantar estava tocando. Já era tarde! E eu ainda não havia arranjado os materiais para fazer a nova camisola! Só havia uma chance de arranjá-los. Fingi estar doente para o jantar, e garanti assim todo o intervalo entre aquela hora e a hora do chá para fazer o que quisesse.

Não há necessidade de lhe contar o que fiz, enquanto as pessoas da casa pensavam que eu estava deitada em meu quarto; e como passei a noite, depois de fingir novamente estar doente na hora do chá, e de ser mandada para a cama. Isso o Sargento Cuff descobriu, se não descobriu mais nada. E posso adivinhar como. Fui vista (embora mantivesse meu véu abaixado) na casa de tecidos em Frizinghall. Havia um espelho na minha frente no balcão onde eu estava comprando o tecido e — por aquele espelho — vi um

dos vendedores apontar para meu ombro e sussurrar no ouvido de outro. De noite, quando eu estava trabalhando em segredo, trancada em meu quarto, também ouvi a respiração das criadas que desconfiavam de mim, do lado de fora da porta.

Não importava naquela ocasião; não importa agora. Na manhã de sexta-feira, horas antes do Sargento Cuff entrar na casa, a camisola nova estava pronta para substituir a camisola que estava comigo na contagem de suas roupas, lavada, seca, passada a ferro, marcada e dobrada do modo como a lavadeira dobrava todas as outras, e segura em sua gaveta. Não havia perigo (se as roupas da casa fossem examinadas) de minha manobra ser revelada pelo fato de a camisola ser nova. Todas as suas roupas de baixo haviam sido renovadas quando o senhor veio para a nossa casa — depois de sua volta do estrangeiro, suponho.

O acontecimento seguinte foi a chegada do Sargento Cuff; e a grande surpresa seguinte foi a revelação do que ele pensava sobre o borrão na porta.

Eu havia pensado que o senhor era culpado (como confessei) mais porque queria que fosse culpado do que por qualquer outra razão. E agora o Sargento havia chegado, por um caminho totalmente diferente, à mesma conclusão (a respeito da camisola) que a minha! E eu estava de posse da peça de roupa que era a única prova contra o senhor! E nenhuma criatura viva sabia disso — incluindo o senhor! Tenho medo de lhe dizer como me senti quando pensei nessas coisas — o senhor odiaria minha lembrança para sempre depois disso.

Nesse ponto, Betteredge levantou os olhos da carta.

— Até agora nem sinal de luz, Sr. Franklin — disse o velho, tirando seus pesados óculos de aro de tartaruga, e afastando um pouco de si a confissão de Rosanna Spearman. — O senhor chegou a alguma conclusão em sua mente, enquanto eu lia?

— Termine a carta primeiro, Betteredge; pode ser que no final haja algo que nos ilumine. Depois disso, terei uma ou duas palavras a lhe dizer.

— Muito bem, senhor. Vou só descansar meus olhos, e então continuarei. Enquanto isso, Sr. Franklin, não quero apressá-lo, mas o senhor se incomodaria de me dizer, em uma palavra, se é capaz de ver o caminho para sairmos desse terrível impasse?

— Vejo o caminho de volta a Londres, para consultar o Sr. Bruff. Se ele não puder me ajudar...

— Sim, senhor?

— E se o Sargento Cuff não quiser deixar sua reclusão em Dorking...

— Ele não vai querer, Sr. Franklin!

— Então, Betteredge, pelo que posso ver até agora, meus recursos se esgotaram. Depois do Sr. Bruff e do Sargento, não conheço uma criatura viva que possa ter a menor utilidade para mim.

No momento em que as palavras saíram de minha boca, alguém bateu na porta do aposento pelo lado de fora.

Betteredge pareceu surpreso, além de irritado, pela interrupção.

— Entre — gritou, com irritação —, quem quer que seja!

A porta se abriu, e quem entrou no aposento, em silêncio, foi o homem de aparência mais notável que eu jamais havia vista. A julgar por sua silhueta e por seus movimentos, ainda era jovem. A julgar por seu rosto, e comparando-o com Betteredge, parecia o mais velho dos dois. Sua compleição era escura como a de um cigano; suas bochechas descarnadas haviam afundado em sulcos profundos, acima dos quais o osso se projetava como uma cobertura. Seu nariz tinha o formato e a modelagem fina que se pode encontrar com frequência entre os antigos povos do Oriente, e tão raras entre

as raças mais novas do Ocidente. Sua testa partia das sobrelhas alta e reta. Ele tinha inúmeras marcas e rugas. De seu rosto estranho, olhos ainda mais estranhos, de um castanho suave — olhos de sonho e lamento, e profundamente afundados nas órbitas —, olhavam para seus interlocutores e (em meu caso, pelo menos) cativavam a atenção a seu bel-prazer. Acrescenta-se a isso uma grande quantidade de cabelo cacheado que, por alguma aberração da Natureza, havia perdido a cor de maneira parcial e caprichosa, muito surpreendente. Sobre o topo da cabeça, ainda conservava o preto fechado que era sua cor natural. Dos lados da cabeça — sem a menor graduação de cinza para diminuir a força desse contraste extraordinário — era completamente branco. A linha entre as duas cores não apresentava nenhum tipo de regularidade. Em um ponto, o cabelo branco subia até o preto; em outro, o cabelo preto descia até o branco. Olhei para o homem com uma curiosidade que, tenho vergonha de dizer, descobri ser impossível de controlar. Seus suaves olhos castanhos me olharam de volta com gentileza; e ele rebateu a grosseria involuntária que eu estava cometendo ao olhá-lo fixamente com um perdão do qual eu tinha consciência de não ser merecedor.

— Peço-lhe perdão — disse ele. — Não tinha ideia de que o Sr. Betteredge estava ocupado. — Ele tirou do bolso um pedaço de papel e entregou-o a Betteredge. — A lista para a próxima semana — disse ele. Seus olhos pousaram-se em mim por mais um instante, e ele deixou o aposento de maneira tão silenciosa quanto havia entrado.

— Quem é? — perguntei.

— O assistente do Sr. Candy — disse Betteredge. — Por falar nisso, Sr. Franklin, o senhor ficará triste em saber que o nosso doutor jamais se recuperou da doença que pegou ao voltar para casa depois do jantar de aniversário. Ele está com a saúde bastante boa; mas, com a febre, perdeu a memória, e

desde então não recuperou mais do que destroços dela. Todo o trabalho fica para seu assistente. Não há grande coisa agora, exceto entre os pobres. Eles não têm outro recurso, o senhor sabe, Eles são obrigados a suportar o homem de cabelo malhado e de rosto cigano, ou então não teriam nenhuma assistência.

— Não parece gostar dele, Betteredge.

— Ninguém gosta dele, senhor.

— Por que ele é tão impopular?

— Bem, Sr. Franklin, para começar, sua aparência não ajuda. E depois há uma história de que o Sr. Candy o contratou com um temperamento duvidoso. Ninguém sabe quem ele é — e ele não tem nenhum amigo aqui. Como o senhor pode esperar que alguém goste dele, depois disso?

— Impossível, é verdade! Posso perguntar o que ele queria com você, quando lhe deu aquele pedaço de papel?

— Ele apenas me trouxe a lista das pessoas doentes nas redondezas que precisam de um pouco de vinho, senhor. Minha senhora sempre distribuiu porto e xerez entre os pobres enfermos, e a Srta. Rachel deseja que o costume seja mantido. Os tempos mudaram! Os tempos mudaram! Lembrome do tempo em que o próprio Sr. Candy trazia a lista para minha senhora. Agora é o assistente do Sr. Candy que traz a lista para mim. Vou continuar com a carta, senhor, se me permitir — disse Betteredge, trazendo a confissão de Rosanna Spearman para junto de si. — Não é uma leitura animada, lhe garanto. Mas, assim mesmo, impede que eu fique triste ao pensar no passado. — Ele colocou seus óculos e balançou a cabeça, desanimado. — Há algum bom senso, Sr. Franklin, em nosso comportamento com nossas mães quando elas nos fazem dar os primeiros passos na jornada da vida. Todos nós, de um modo ou de outro, relutamos em sermos trazidos ao mundo. E todos estamos certos.

A impressão que o assistente do Sr. Candy havia produzido em mim era forte demais para sair da minha cabeça. Ignorei a última demonstração da filosofia incontestável de Betteredge, e voltei ao assunto do homem de cabelo malhado.

— Qual o nome dele? — perguntei.

— O nome mais feio que pode haver — respondeu Betteredge, com rispidez. — Ezra Jennings.

CAPÍTULO 5

Depois de me dizer o nome do assistente do Sr. Candy, Betteredge pareceu achar que já havíamos desperdiçado tempo o bastante com um assunto insignificante. Retomou a leitura da carta de Rosanna Spearman.

Quanto a mim, sentei-me junto à janela, esperando que terminasse. Aos poucos, a impressão que eu havia tido de Ezra Jennings se dissipou — parecia completamente inexplicável que algum ser humano pudesse me deixar qualquer impressão, na situação em que me encontrava! Meus pensamentos voltaram a seu curso anterior. Mais uma vez, forcei-me a encarar de frente minha incrível situação. Mais uma vez, repassei em minha mente a atitude que enfim, graças a um esforço para me dominar, eu havia decidido adotar no futuro.

Voltar a Londres naquele mesmo dia; expor o caso todo ao Sr. Bruff; e, por último, e o mais importante, conseguir (não importa através de que meios e com que sacrifícios) um encontro particular com Rachel — era esse, até onde eu era capaz de formular, meu plano de ação. Havia ainda mais de uma hora livre antes da partida do trem. E havia a chance ínfima de Betteredge descobrir alguma coisa na parte da carta de Rosanna Spearman que ainda não havia lido, algo que me pudesse ser útil saber antes de deixar a casa onde o Diamante havia sido perdido. Era por essa chance que eu agora esperava.

A carta terminava assim:

O senhor não precisa ficar zangado, Sr. Franklin, mesmo que eu tenha tido um certo sentimento de vitória ao saber que tinha nas mãos o poder de decidir sobre sua sorte. Logo a ansiedade e o medo voltaram a

me assaltar. Tendo em vista a opinião do Sargento Cuff sobre a perda do Diamante, estava claro que ele terminaria por examinar nossas roupas de casa e nossos vestidos. Não havia lugar em meu quarto — não havia lugar na casa — que fosse a meu ver seguro o bastante para ele. Como esconder a camisola de modo a que nem mesmo o Sargento Cuff a encontrasse? E como fazer isso sem perder um só instante de meu tempo precioso? Não eram perguntas fáceis de se responder. Minhas dúvidas acabaram por me levar a fazer uma coisa da qual o senhor talvez ria. Despi-me e coloquei a camisola. O senhor a havia usado — e eu tive outro pequeno instante de prazer usando-a depois do senhor.

Depois disso, as informações que chegaram até nós, na ala dos criados, mostraram que eu havia tido razão em esconder a camisola tão rapidamente. O Sargento Cuff queria ver o registro da lavanderia.

Encontrei-o e levei-o até a sala de estar de minha senhora. O Sargento e eu havíamos nos encontrado mais de uma vez anteriormente. Eu tinha certeza de que ele ia me reconhecer — e não tinha certeza do que ele faria ao descobrir que eu tinha um emprego de criada em uma casa na qual uma joia valiosa havia sido perdida. Nessa expectativa, senti que seria um alívio para mim terminar logo com esse encontro, e saber de uma vez o pior.

Ele me olhou como se eu fosse uma estranha quando lhe entreguei o registro da lavanderia, e foi especialmente educado ao me agradecer por tê-lo trazido. Pensei que eram dois maus sinais. Não havia como saber o que diria sobre mim pelas costas; não havia como saber quando e se eu seria presa por suspeita e revistada. Já era hora do senhor estar voltando da estação, onde havia ido acompanhar o Sr. Godfrey Ablewhite; fui então ao seu lugar favorito para passear, nos arbustos, para tentar ter outra chance de lhe falar — a última chance que eu teria, até onde podia saber.

O senhor não apareceu; e, o que é ainda pior, o Sr. Betteredge e o Sargento Cuff passaram pelo lugar onde eu estava escondida — e o Sargento me viu.

Depois disso, não tive escolha a não ser voltar ao meu lugar e ao meu serviço, antes que me acontecessem mais desastres. No instante em que eu estava cruzando o caminho, o senhor voltou da estação. Ia diretamente para os arbustos quando me viu — tenho certeza de que me viu, senhor virou as costas como se eu tivesse peste, e entrou na casa.³

Voltei como pude para dentro da casa, pela porta dos criados. Não havia ninguém na lavanderia àquela hora; e ali fiquei sentada sozinha. Já lhe falei sobre as ideias que a Areia Trêmula criava em minha cabeça. Esses pensamentos voltavam à minha mente. Eu me perguntava o que seria mais difícil de fazer, se as coisas continuassem como estavam — suportar a indiferença do Sr. Franklin Blake para comigo, ou pular na areia movediça e assim terminar tudo para sempre?

É inútil pedir-me uma explicação sobre minha conduta naquele momento. Eu mesma tento — e não consigo entender.

Por que não o abordei, quando o senhor me evitou daquela maneira cruel? Por que não gritei Sr. Franklin, tenho algo a lhe dizer; algo que lhe diz respeito, o senhor tem de escutar? O senhor estava à minha mercê — eu o mantinha na coleira, como se costuma dizer. E, melhor do que isso, eu tinha a possibilidade (se ao menos pudesse fazer com que confiasse em mim) de lhe ser útil no futuro. É claro que jamais desconfiei que o senhor — um cavalheiro — houvesse roubado o Diamante pelo simples prazer de roubá-lo. Não. Penélope havia escutado a Srta. Rachel, e eu havia escutado o Sr. Betteredge falando sobre suas extravagâncias e suas dívidas. Parecia-me claro

que o senhor havia pego o Diamante para vendê-lo, ou penhorá-lo, e assim conseguir o dinheiro de que precisava. Pois bem! Eu poderia ter lhe dado o nome de um homem em Londres que lhe teria emprestado uma grande soma em dinheiro em troca da joia, e que não teria feito perguntas embaraçosas a respeito.

Por que não falei com o senhor? Por que não falei com o senhor?

Pergunto-me se eu poderia enfrentar os riscos e as dificuldades de guardar a camisola sem que outros riscos e dificuldades viessem se somar a eles? Esse poderia ser o caso de algumas mulheres — mas como poderia ser o meu caso? Quando eu era uma ladra, eu havia corrido riscos cinquenta vezes maiores, e superado dificuldades perto das quais essa dificuldade era uma brincadeira de criança. Eu havia sido iniciada, poderia se dizer, em fraudes e trapanças — algumas em tão grande escala, e tão bem urdidas, que se tomaram famosas e apareceram nos jornais. Será que uma coisa tão insignificante quanto guardar a camisola poderia me causar tanta preocupação, e fazer com que meu coração quase parasse no momento em que eu deveria ter falado com o senhor? Que bobagem fazer essa pergunta! Era impossível.

Qual a finalidade de eu insistir dessa maneira em meus devaneios? A verdade é óbvia o bastante, não? Sem o seu conhecimento, eu o amava com todo meu coração e minha alma. Na sua frente — não há como negar — eu tinha medo do senhor; medo do senhor se zangar comigo; medo do que o senhor poderia me dizer (embora o senhor houvesse pego o Diamante) se eu tentasse lhe contar que havia descoberto tudo. Eu havia ido tão longe quanto poderia ousar quando falei com o senhor na biblioteca. Nessa ocasião, o senhor não me havia virado as costas. Não tinha se afastado de mim como se eu tivesse a peste. Tentei me obrigar a ficar zangada com o senhor, e assim aumentar minha coragem. Não! Eu não era capaz de sentir nada a não ser a tristeza e a mortificação que isso tudo me causava. Você é uma garota feia; tem um ombro

deformado; é apenas uma criada — como ousa tentar falar comigo? O senhor jamais disse coisas assim, Sr. Franklin; mas mesmo assim me disse isso tudo! Tal loucura deve ser levada em conta? Não. Não há nada a se fazer a não ser confessá-la, e deixá-la de lado.

Peço-lhe perdão, mais uma vez, por essa divagação da minha pena. Não há perigo de isso acontecer novamente. Já estou perto do fim.

A primeira pessoa que me interrompeu ao entrar no aposento vazio foi Penélope. Ela havia descoberto meu segredo há muito tempo, e feito tudo o que podia para me chamar de volta à razão — e o havia feito com gentileza.

Ah!, disse ela, sei por que você está sentada aqui sozinha, choramingando. O melhor que pode lhe acontecer, Rosanna, é que o Sr. Franklin termine sua visita a esta casa. Acredito que não demorará muito para ele ir embora.

Todas as vezes que eu havia pensado no senhor, jamais o havia imaginado indo embora. Não fui capaz de dizer nada a Penélope. Apenas a olhei.

Acabo de deixar a Srta. Rachel, continuou Penélope. E achei muito difícil aguentar seu humor. Ela diz que a casa lhe é insuportável por causa da polícia; e está decidida a falar com minha senhora esta tarde, e ir amanhã para a casa de sua tia Ablewhite. Se ela fizer isso, o Sr. Franklin vai ser a próxima pessoa a encontrar um motivo para ir embora, pode apostar!

Diante disso, recuperei o uso da língua. Você quer dizer que o Sr. Franklin irá com ela?, perguntei.

De bom grado, se ela permitir; mas ela não vai fazer isso. Ele teve de suportar seu humor; ele também está em sua lista negra — e isso depois de ter feito tudo o que podia para ajuda-la, pobre rapaz! Não! Não! Se eles não fizerem as pazes até amanhã, você verá a Srta. Rachel ir paia um lado e o Sr. Franklin para o outro. Para onde ele irá não sou capaz de dizer. Mas jamais ficará aqui, Rosanna, depois que a Srta. Rachel for embora.

Consegui dominar o desespero que senti diante da possibilidade de o senhor ir embora. Para confessar a verdade, eu via um lampejo de esperança para mim no fato de haver uma séria divergência entre a Srta. Rachel e o senhor. Você sabe, perguntei, qual é a razão da briga entre eles?

É tudo coisa da Srta. Rachel, disse Penélope. Até onde sei, até prova do contrário, tudo se deve ao humor da Srta. Rachel, e a nada mais. Sinto muito por fazê-la sofrer, Rosanna, mas não vá pensando que o Sr. Franklin seria capaz de brigar com ela. Ele gosta demais dela para isso!

Ela mal havia acabado de pronunciar essas palavras cruéis quando o Sr. Betteredge nos chamou. Todos os criados da casa deviam se reunir no vestíbulo. E depois, todos deveríamos entrar, um de cada vez, para sermos interrogados pelo Sargento Cuff no quarto do Sr. Betteredge.

Chegou a minha vez de entrar, depois que a criada de quarto de minha senhora e a arrumadeira haviam sido interrogadas. As perguntas do Sargento Cuff — embora ele as fizesse com muita esperteza — mostraram-me rapidamente que essas duas mulheres (minhas maiores inimigas na casa) haviam feito algumas descobertas do lado de fora da porta do meu quarto, na tarde e também na noite de quinta-feira. Elas haviam dito o suficiente para abrir os olhos do Sargento para uma parte da verdade. Ele acreditava, com razão, que eu havia fabricado uma nova camisola em segredo, mas acreditava, sem razão, que a camisola manchada era minha. Pude perceber outra coisa, a partir do que ele disse, que me intrigou. É claro que ele desconfiava que eu estivesse envolvida com o desaparecimento do Diamante. Mas, ao mesmo tempo, ele me deixou perceber — de propósito, achei — que não me considerava a principal responsável pela perda da joia. Ele parecia pensar que eu estava agindo sob as ordens de alguma outra pessoa. Quem essa pessoa poderia ser não fui capaz de adivinhar, como não sou capaz de adivinhar agora.

Em meio a essa incerteza, uma coisa era certa — o Sargento Cuff estava muito longe de saber toda a verdade. O senhor estaria seguro enquanto a camisola estivesse segura — e nem um instante depois disso.

Desespero-me tentando fazer-lhe entender a aflição e o medo que eu então sentia. Era impossível para mim arriscar-me mais tempo usando a sua camisola. De uma hora para a outra, eu poderia ser levada à delegacia em Frizinghall, acusada de suspeita, e revistada. Enquanto o Sargento Cuff ainda me deixava livre, eu devia escolher — imediatamente — entre destruir a camisola ou escondê-la em algum lugar seguro, a uma distância segura da casa.

Se ao menos eu houvesse gostado menos do senhor, acho que a teria destruído. Mas, ah! Como eu podia destruir a única coisa que provava que eu havia evitado que o senhor fosse descoberto? Se porventura chegássemos a falar sobre o assunto, e se o senhor desconfiasse de algum motivo maldoso da minha parte e negasse tudo, como eu poderia fazer com que o senhor acreditasse em mim, a não ser que pudesse mostrar a camisola? Estaria eu sendo injusta com o senhor ao acreditar, como eu acreditava, e ainda acredito, que o senhor poderia hesitar em dividir seu segredo com uma pobre garota como eu, e não querer que eu fosse sua cúmplice no roubo que seus problemas financeiros o haviam levado a cometer? Pense em sua atitude fria comigo, senhor, e não terá dificuldade para entender minha relutância em destruir a única reivindicação de sua confiança e de sua gratidão que eu tinha a sorte de possuir.

Decidi escondê-la, e o lugar que escolhi foi o que conhecia melhor — a Areia Trêmula.

Tão logo o interrogatório terminou, dei a primeira desculpa que me veio à cabeça e obtive a permissão de sair para respirar um pouco de ar puro. Fui diretamente para Cobb's Hole, para o chalé do Sr. Yolland. Sua mulher e sua filha eram as melhores amigas que eu tinha. Não pense que eu lhes revelei o seu segredo — não confiei em ninguém. Tudo o que eu

queria era lhe escrever esta carta e ter uma oportunidade segura de tirar a camisola. Suspeita como era, eu não podia fazer nenhuma dessas duas coisas em segurança dentro da casa.

E agora estou quase terminando minha longa carta, que escrevo sozinha no quarto de Lucy Yolland. Quando houver terminado, descerei com a camisola enrolada e escondida debaixo da minha capa. Encontrarei em meio às velharias da cozinha da Sra. Yolland a maneira que desejo para mantê-la seca e segura em seu esconderijo. E então irei até a Areia Trêmula — não tenha medo de que minhas pegadas revelem meu caminho! — e esconderei a camisola na areia, onde nenhum ser vivo poderá encontrá-la sem que antes eu lhe revele o segredo.

E, uma vez isso feito, o que virá em seguida?

Então, Sr. Franklin, eu terei duas razões para fazer outra tentativa de dizer-lhe as palavras que ainda não disse. Se o senhor deixar a casa, como Penélope acredita que deixará, e se eu não tiver lhe falado antes disso, perderei minha oportunidade para sempre. Essa é uma das razões. Mas há, também, a certeza reconfortante — se o que eu lhe disser deixá-lo zangado — de que tenho a camisola à mão para me defender como nada mais seria capaz. Essa é minha outra razão. Se essas duas razões juntas não endurecerem meu coração contra a frieza que até agora o congelou (quero dizer, a frieza da maneira como o senhor me tratou), aí terminarão meus esforços — e aí terminará a minha vida.

Sim. Se eu perder minha próxima oportunidade — se o senhor for tão cruel quanto antes, e eu me sentir novamente como já me senti —, adeus ao mundo que me recusou a felicidade que dá a outros. Adeus à vida, que nada a não ser uma pequena gentileza sua poderia tomar novamente prazerosa para mim. Não se sinta culpado, senhor, se tudo terminar assim. Mas tente — por favor tente — sentir alguma tristeza por mim, e me perdoar! Tomarei cuidado para que descubra o que fiz pelo senhor, quando não mais

puder lhe dizer eu mesma. Será que o senhor me dirá alguma coisa gentil nessa hora — da mesma maneira gentil que usa quando fala com a Srta. Rachel? Se fizer Isso, e se fantasmas realmente existirem, acredito que meu fantasma o escutará, e tremerá de prazer ao ouvi-lo.

É hora de ir. Estou me fazendo chorar. Como poderei chegar até o esconderijo se deixar essas lágrimas inúteis me cegarem?

Além disso, por que eu haveria de olhar para o lado sombrio? Por que não acreditar, enquanto posso, que tudo acabará bem no final? Pode ser que o senhor esteja de bom humor hoje à noite — ou, caso contrário, eu posso ter mais sucesso amanhã de manhã. Não vou piorar o aspecto de meu rosto choramingando — vou? Quem sabe eu não enchi essas longas e cansativas páginas de papel para nada? Por medida de segurança (não importa agora por que outras razões), elas irão para o esconderijo junto com a camisola. Foi muito, muito difícil escrever minha carta. Ah! Se nós acabarmos por nos entender, como ficarei feliz em rasgá-la!

Serei para sempre, senhor, sua sincera amante e humilde criada.

Rosanna Spearman

Betteredge terminou de ler a carta em silêncio. Depois de colocá-la novamente no envelope com cuidado, ficou sentado, pensativo, com a cabeça baixa e os olhos no chão.

— Betteredge — disse eu há alguma pista para me guiar no final da carta?

Ele levantou os olhos lentamente, com um profundo suspiro.

— Não há nada que possa guiá-lo, Sr. Franklin — respondeu ele. — Se o senhor aceita meu conselho, mantenha a carta no envelope até que essas suas preocupações de agora

tenham terminado. Quando quer que a leia, ela vai causar-lhe imensa angústia. Não a leia agora.

Coloquei a carta dentro de meu caderninho.

Uma rápida olhada no décimo sexto e no décimo sétimo capítulos da narrativa de Betteredge mostrarão que realmente havia um motivo para que eu me poupasse dessa leitura, num momento em que minha força moral já havia sido cruelmente posta à prova. Por duas vezes a infeliz fez sua última tentativa de falar comigo. E, por duas vezes, foi meu infortúnio (Deus sabe como fui inocente!) repelir os avanços que ela me fazia. Na noite de sexta-feira, como bem o descreve Betteredge, ela me encontrou sozinho junto à mesa de bilhar. Sua atitude e linguagem me fizeram pensar — como teria feito qualquer homem, em quaisquer circunstâncias — que ela estava prestes a confessar alguma culpa no desaparecimento do Diamante. Para seu próprio bem, eu propositalmente não demonstrei nenhum interesse especial no que ela tinha a me dizer; para o seu próprio bem, mantive propositalmente os olhos fixos nas bolas de bilhar e não nela — e qual havia sido o resultado? Eu a havia afastado de mim com o coração em pedaços! No sábado — no dia em que ela deve ter pressentido, depois do que Penélope lhe havia dito, que minha partida era iminente — fomos novamente vítimas da mesma fatalidade. Ela mais uma vez havia tentado ir ao meu encontro no caminho dos arbustos, e ali me encontrou em companhia de Betteredge e do Sargento Cuff. De modo que ela pudesse ouvir, o Sargento, tendo em vista seu próprio objetivo oculto, perguntou-me sobre meu interesse em Rosanna Spearman. Mais uma vez, para o próprio bem da pobre criatura, minha resposta ao oficial foi uma negativa formal, e eu declarei — em voz alta, de modo que ela também pudesse me ouvir — que não nutria qualquer interesse por Rosanna Spearman. Diante dessas palavras, destinadas apenas a demovê-la da ideia de tentar falar comigo em particular, ela virou as costas e se foi embora, ciente, assim eu acreditava,

do perigo que corria; condenada à destruição, como sei agora. A partir daí, já relatei a sucessão de acontecimentos que me levaram à estarrecedora descoberta na areia movediça. A retrospectiva está completa agora. Posso deixar de lado a triste história de Rosanna Spearman — na qual, até mesmo agora, não consigo pensar sem uma pontada de angústia —, e que dela se conclua tudo aquilo que aqui não foi dito. Posso deixar de lado o suicídio na Areia Trêmula, com sua estranha e terrível influência em minha situação presente e em minhas perspectivas futuras, e passar a interesses relativos às pessoas vivas desta narrativa, e a acontecimentos que já estavam preparando meu caminho para a lenta e laboriosa viagem da escuridão em direção à luz.

CAPÍTULO 6

Fui até a estação ferroviária, é desnecessário dizer, acompanhado por Gabriel Betteredge. A carta estava em meu bolso, e a camisola estava segura dentro de uma pequena mala — ambas seriam submetidas ao exame do Sr. Bruff antes que eu fosse dormir naquela noite.

Deixamos a casa em silêncio. Pela primeira vez desde que eu o conhecia, o velho Betteredge compartilhou minha companhia sem ter nenhuma palavra a me dizer. Tendo por minha vez algo a dizer, inaugurei a conversação tão logo havíamos ultrapassado os portões da propriedade.

— Antes de ir para Londres — comecei tenho duas perguntas a lhe fazer. Ambas me dizem respeito, e acredito que vão surpreendê-lo.

— Se puderem tirar da minha cabeça a carta daquela pobre criatura, Sr. Franklin, podem fazer o que mais quiserem comigo. Por favor, senhor, surpreenda-me o mais rápido que puder.

— Minha primeira pergunta é esta, Betteredge. Eu estava bêbado na noite do aniversário de Rachel?

— Bêbado, o senhor! — exclamou o velho, — Se o grande defeito do seu caráter, senhor, é Justamente só beber junto com seu jantar, e nunca tomar sequer uma gota de licor depois!

— Mas o aniversário foi uma ocasião especial. Naquela noite, especialmente, posso ter abandonado meus hábitos regulares,

Betteredge pensou por um instante.

— O senhor abandonou seus hábitos, é verdade — disse ele. — E vou lhe dizer como. O senhor parecia muito doente, e

nós o convencemos a tomar um pouco de brandy com água para animá-lo um pouco.

— Não estou acostumado a tomar brandy com água. É bem possível que...

— Espere um pouco, Sr. Franklin. Eu também sabia que o senhor não estava acostumado. Servi-lhe meia taça de um conhaque de cinquenta anos, e (vergonha para mim!) afoguei aquele nobre licor em um copo inteiro de água gelada. Aquilo não teria deixado bêbada uma criança, o que dirá um homem adulto!

Eu sabia que podia confiar em sua memória num assunto como esse. Era completamente impossível que eu houvesse ficado bêbado. Passei à segunda pergunta.

— Quando eu era garoto, antes que fosse mandado para o estrangeiro, você convivia muito comigo, não é mesmo, Betteredge? Então me diga com sinceridade, você se lembra de eu ter feito algo estranho depois de ir para a cama à noite? Alguma vez me encontrou andando durante o sono?

Betteredge parou, olhou para mim por um instante, aquiesceu com a cabeça, e recomeçou a andar.

— Estou vendo agora aonde o senhor quer chegar, Sr. Franklin! — disse ele. — Está tentando explicar como manchou sua camisola na tinta fresca sem perceber. Não adianta, senhor. Ainda estamos longe da verdade. Sonambulismo? O senhor jamais fez tal coisa na vida!

Mais uma vez senti que Betteredge provavelmente tinha razão. Minha vida não havia sido do tipo solitário, nem em casa nem no estrangeiro. Se eu fosse sonâmbulo, havia centenas e centenas de pessoas que na certa teriam descoberto esse fato, e que, para minha própria segurança, teriam me avisado a respeito e tomado providências para refreá-lo.

Ainda assim, depois de admitir isso tudo, eu me agarrava — com uma obstinação que certamente era natural e

desculpável nas atuais circunstâncias — a uma das duas explicações que podia dar para justificar a situação insuportável na qual eu me encontrava.

Vendo que eu ainda não estava satisfeito, Betteredge chamou minha atenção astutamente para alguns acontecimentos posteriores ligados à Pedra da Lua, e assim lançou por terra de uma vez por todas ambas as minhas teorias.

— Vamos tentar por outro caminho, senhor — disse ele. — Guarde sua opinião, e veja o quanto ela pode levá-lo em direção à verdade. Se o senhor acreditar na camisola (coisa em que eu não acredito), não apenas sujou-a com a tinta da porta sem se dar conta, mas também pegou o Diamante sem se dar conta. Está certo, até agora?

— Certíssimo. Continue.

— Muito bem, senhor. Digamos que o senhor estivesse bêbado, ou sonâmbulo, quando pegou a joia. Isso explica a noite e a manhã seguinte ao aniversário. Mas como explica o que aconteceu desde então? Desde então, o Diamante foi levado para Londres. Desde então, o Diamante foi penhorado ao Sr. Luker. O senhor também fez essas coisas sem se dar conta? O senhor estava bêbado antes de partir, quando eu o acompanhei até o coche naquela tarde de sábado? E andou durante o sono até o escritório do Sr. Luker, uma vez que o trem o deixou em Londres? Desculpe-me por dizer isso, Sr. Franklin, mas essa história toda o perturbou tanto que o senhor ainda não é capaz de analisá-la por si mesmo. Quanto antes conversar a respeito com o Sr. Bruff, mais cedo encontrará uma saída para o impasse em que se encontra agora.

Chegamos à estação com apenas um ou dois minutos de antecedência.

Rapidamente dei a Betteredge meu endereço em Londres, de modo que ele pudesse me escrever se necessário; e

prometi, por minha vez, informá-lo de qualquer novidade que pudesse vir a descobrir. Feito isso, no exato momento em que eu estava lhe acenando adeus, voltei meu olhar para o quiosque de livros e jornais. Ali estava novamente o assistente do Sr. Candy com sua extraordinária aparência, falando com o dono do quiosque! Nossos olhos se encontraram no mesmo instante. Ezra Jennings tirou seu chapéu para mim. Retribuí o cumprimento e entrei no compartimento exatamente quando o trem começava a andar. Suponho que fosse um alívio para minha mente entreter-se com qualquer assunto que não parecesse ter importância alguma para mim, pessoalmente. De qualquer modo, comecei a importante viagem que me levaria de volta ao Sr. Bruff, admirado — de modo um tanto absurdo, admito — de ter visto o homem de cabelo malhado duas vezes no mesmo dia!

A hora em que cheguei a Londres impedia que eu tivesse qualquer esperança de encontrar o Sr. Bruff em seu local de trabalho. Da estação fui até sua residência em Hampstead, e surpreendi o velho advogado cochilando sozinho em sua sala de jantar, com seu cão favorito no colo e sua garrafa de vinho junto ao cotovelo.

Poderei descrever melhor o efeito que minha história produziu no Sr. Bruff relatando suas ações uma vez que a havia escutado até o final. Ele pediu que trouxessem luzes e chã forte até seu escritório, e mandou um recado para as damas de sua família proibindo-as de nos interromper sob qualquer pretexto. Havendo tomado essas providências, primeiro examinou a camisola, e depois se dedicou à leitura da carta de Rosanna Spearman.

Uma vez terminada a leitura, o Sr. Bruff dirigiu-se a mim pela primeira vez desde que nos havíamos trancado na solidão de seu escritório.

— Franklin Blake — disse o velho cavalheiro —, este é um assunto muito sério sob mais de um aspecto. Em minha

opinião, ele diz respeito a Rachel quase tanto quanto ao senhor. Seu comportamento extraordinário não é nenhum mistério agora. Ela acredita que o senhor roubou o Diamante.

Eu havia evitado chegar a essa conclusão repugnante por mim mesmo. Mas mesmo assim ela havia penetrado em minha mente. Minha decisão de obter um encontro particular com Rachel encontrava apoio real e sólido nos fatos que o Sr. Bruff acabava de expor.

— O primeiro passo a dar nessa investigação — continuou o advogado — é recorrer a Rachel. Ela ficou em silêncio esse tempo todo por motivos que (conhecendo seu temperamento) posso entender perfeitamente. Depois do que aconteceu, é impossível que suportemos esse silêncio por mais tempo. Ela deve ser levada a nos dizer, ou deve ser forçada a nos dizer, o que a leva a acreditar que o senhor pegou a Pedra da Lua. Temos todas as chances de que este caso todo, por mais sério que pareça agora, se desmantele, se conseguirmos quebrar a reserva inveterada de Rachel, e persuadi-la a falar.

— É uma opinião muito reconfortante para mim — disse eu. — Confesso que gostaria de saber...

— O senhor gostaria de saber como posso justificá-la — interrompeu o Sr. Bruff. — Posso lhe dizer isso em dois minutos. Em primeiro lugar, entenda que considero este assunto sob o ponto de vista de um advogado. Comigo trata-se de uma questão de provas. Muito bem. As provas acabam em um ponto importante.

— Que ponto?

— O senhor já saberá. Admito que a marca com o nome prova que a camisola é sua. Admito que a mancha de tinta prova que a camisola causou o borrão na porta de Rachel. Mas o que prova que o senhor era a pessoa que estava usando a camisola na noite em que o Diamante foi perdido?

A objeção chamou minha atenção, mais ainda por refletir uma objeção na qual eu mesmo havia pensado.

— Quanto a isto — prosseguiu o advogado, tomando nas mãos a confissão de Rosanna Spearman —, posso entender que a carta seja perturbadora para o senhor. Posso entender que o senhor hesite em analisá-la de um ponto de vista puramente imparcial. Mas eu não estou na sua posição. Posso usar minha experiência profissional para analisar este documento assim como poderia usá-la para analisar qualquer outro. Sem fazer referência à carreira de ladra da mulher, observarei simplesmente que sua carta prova que ela era uma adepta do engodo, conforme ela própria nos mostrou, e, a partir desta informação, meu argumento é que tenho razões para suspeitar que ela não contou toda a verdade. Não vou me lançar agora em nenhuma teoria sobre o que ela poderia ou não ter feito. Direi apenas que, se Rachel desconfiou do senhor baseando-se apenas na prova da camisola, há 99% de chances de ter sido Rosanna Spearman quem a mostrou a ela. Nesse caso, há a carta da mulher confessando que ela sentia ciúmes de Rachel, confessando que trocava as rosas, confessando que viu para si um fio de esperança na possibilidade de uma briga entre Rachel e o senhor. Não paro para perguntar quem levou a Pedra da Lua (para alcançar seu objetivo, Rosanna Spearman teria pego cinquenta Pedras da Lua) — digo apenas que o desaparecimento da joia deu a essa renomada ladra, que estava apaixonada pelo senhor, uma oportunidade de estremecer as relações entre o senhor e Rachel pelo resto de suas vidas. Lembre-se de que ela ainda não havia decidido se matar; e, se tivesse a oportunidade para fazê-lo, afirmo com segurança que ela tinha o caráter e a ocasião para levar a joia. O que o senhor responde a isso?

— A mesma suspeita — respondi — passou-me pela cabeça no instante em que abri a carta.

— Exatamente! E, uma vez que leu a carta, o senhor teve pena da pobre criatura, e não foi capaz de desconfiar dela. Isso o honra, meu caro senhor, isso o honra!

— Mas suponhamos que acabemos descobrindo que eu usei a camisola? O que acontecerá?

— Não vejo como esse fato poderá ser provado, senhor — disse o Sr. Bruff. — Mas, presumindo que seja possível prová-lo, então provar a sua inocência não seria uma tarefa fácil. Não abordaremos esse assunto agora. Vamos esperar e ver se Rachel não desconfiou do senhor baseando-se unicamente na prova da camisola.

— Deus, como o senhor pode falar que Rachel desconfia de mim! — explodi. — Que direito ela tem de desconfiar, baseando-se em qualquer prova que seja, que eu seja um ladrão?

— Pergunta muito pertinente, meu caro senhor. Formulada de maneira um tanto exaltada, mas assim mesmo digna de consideração. O que intriga o senhor me intriga também. Vasculhe sua memória; e me diga o seguinte. Aconteceu alguma coisa enquanto o senhor estava hospedado na casa? Não, é claro, algo que abalasse a confiança de Rachel em sua honra, mas, digamos assim, algo que abalasse (não importa o quão sem razão) sua confiança em seus princípios em geral?

Num estado de agitação incontável, fiquei de pé. A pergunta do advogado lembrou-me, pela primeira vez desde que eu havia deixado a Inglaterra, de que algo havia acontecido.

No oitavo capítulo da narrativa de Betteredge, pode-se encontrar uma alusão à chegada de um estrangeiro e estranho na casa de minha tia, que veio me ver a negócios. A natureza de tais negócios era a seguinte.

Eu havia sido tolo o bastante (já que, como de hábito, precisava de dinheiro) para aceitar um empréstimo do dono de um pequeno restaurante em Paris, que me conhecia bem como cliente. Combinamos uma data para que eu reembolsasse o dinheiro e, quando essa data chegou, encontrei-me (como milhares de outros homens honestos)

impossibilitado de cumprir minha promessa. Enviei uma fatura ao homem. Infelizmente, meu nome era conhecido demais nesse tipo de documento: ele não conseguiu negociá-la. Seus negócios haviam começado a piorar desde que eu lhe havia pedido o empréstimo; ele estava à beira da bancarrota, e um parente seu, um advogado francês, veio à Inglaterra à minha procura, para insistir em que eu pagasse a dívida. Tratava-se de um homem de temperamento violento, e agiu comigo de maneira incorreta. Palavras rudes foram trocadas, e infelizmente minha tia e Rachel estavam no aposento ao lado e nos ouviram. Lady Verinder entrou e insistiu para saber qual era o problema. O francês mostrou suas credenciais, e declarou que eu era o responsável pela ruína de um pobre homem que havia confiado em minha honra. Minha tia pagou-lhe o dinheiro imediatamente e mandou-o embora. É claro que ela me conhecia suficientemente bem para não acreditar na descrição da transação feita pelo francês. Mas ficou chocada com meu descuido, e zangada por eu ter me colocado em uma situação que, não fosse sua intervenção, poderia ter se transformado numa desgraça. Se sua mãe lhe contou, ou se Rachel ouviu o que aconteceu — não sei dizer. Ela formou sua própria opinião sobre o assunto, romântica, altaneira. Eu não tinha coração; eu havia perdido a honra; eu não tinha princípios; não havia como saber o que eu faria em seguida — em suma, disse-me algumas coisas muito severas que eu jamais havia escutado da boca de uma jovem. Ficamos estremecidos durante todo o dia seguinte. Consegui que fizéssemos as pazes, e não pensei mais no assunto. Será que Rachel se lembrou desse infeliz incidente no momento crítico em que meu lugar em sua estima estava novamente, e muito mais seriamente, ameaçado?

Quando eu havia acabado de lhe contar a história, o Sr. Bruff respondeu imediatamente com uma afirmação.

— Isso teria surtido efeito sobre ela — disse ele com gravidade.

— E espero, para o seu bem, que tal coisa não tenha acontecido. No entanto, descobrimos que havia uma influência anterior contra o senhor; é uma incerteza a menos em nosso caminho. Não vejo mais nada que possamos fazer agora. Nosso próximo passo nesta investigação deve levar-nos até Rachel.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro do aposento. Por duas vezes eu quase lhe disse que estava decidido a ver Rachel pessoalmente; e por duas vezes, em respeito a sua idade e a seu caráter, hesitei em surpreendê-lo em um momento desfavorável.

— A maior dificuldade — continuou ele — é fazê-la falar abertamente, sem reservas, sobre esse assunto. O senhor tem alguma sugestão a propor?

— Estou decidido a falar pessoalmente com Rachel, Sr. Bruff.

— O senhor! — Ele parou de andar bruscamente e me olhou como se achasse que eu havia perdido a razão. — O senhor, de todas as pessoas do mundo! — Controlou-se abruptamente e deu outra volta pelo aposento. — Espere um pouco — disse. — Em casos extraordinários como este, a ousadia pode ser o melhor caminho. — Considerou a questão por um ou dois instantes sob essa nova luz, e acabou corajosamente tomando uma decisão a meu favor. — Quem não arrisca não petisca — continuou o velho senhor. — O senhor tem a seu favor algo que eu não possuo, e será o primeiro a fazer a experiência.

— Algo a meu favor? — repeti, na maior das surpresas.

— Eis em que pé estão as coisas — disse ele. — Sinceramente, não confio em sua discrição, e não confio em seu temperamento. Mas confio no fato de Rachel, em algum canto perdido de seu coração, ainda conservar uma certa fraqueza pelo senhor. Chegue até ela, e espere como

consequência as maiores revelações de que a língua de uma mulher é capaz! A pergunta é: como o senhor vai encontrá-la?

— Ela foi sua convidada nesta casa — respondi. — Posso me permitir a sugestão, se nada for dito a respeito antes da hora, de que eu poderia vê-la aqui?

— Audacioso! — disse o Sr. Bruff. Com esse único comentário sobre a resposta que eu havia lhe dado, deu outra volta pelo aposento.

— Em bom inglês — disse ele — minha casa será transformada em uma armadilha para apanhar Rachel; com uma isca para atraí-la sob a forma de um convite de minha esposa e filhas. Se o senhor fosse qualquer outra pessoa que não Franklin Blake, e se este assunto fosse um pouquinho menos sério do que realmente é, eu recusaria no ato. Do jeito que as coisas estão, acredito realmente que Rachel viverá para me agradecer por transformar-me em seu traidor em minha velhice. Considere-me seu cúmplice. Rachel será convidada para passar o dia aqui, e o senhor será avisado a tempo.

— Quando? Amanhã?

— Amanhã não nos dará tempo suficiente para que ela responda ao convite. Digamos depois de amanhã.

— Como saberei?

— Fique em casa durante toda a manhã e espere que eu o procure.

Agradei-lhe pela ajuda inestimável que ele estava me prestando com a gratidão que realmente sentia e, recusando um convite hospitaleiro para passar a noite em Hampstead, retornei a meus aposentos em Londres.

Do dia seguinte tenho a dizer apenas que foi o dia mais longo da minha vida. Mesmo sabendo-me inocente; mesmo sabendo que a abominável acusação que pairava sobre mim seria mais cedo ou mais tarde esclarecida, mesmo assim havia em minha mente um sentimento de humilhação que instintivamente não me inclinava a ver nenhum dos meus

amigos. Ouvimos muitas vezes (quase invariavelmente da boca de observadores casuais, no entanto) que a culpa pode se parecer com a inocência. Acredito que este seja um axioma mais verdadeiro do que o que reza que a inocência se parece com a culpa. Mandei dizer que não estava o dia todo, a todos os visitantes que apareceram, e só ousei sair encoberto pela noite.

Na manhã seguinte, o Sr. Bruff me surpreendeu na mesa do café da manhã. Entregou-me uma grande chave e anunciou sentir vergonha de si mesmo pela primeira vez em sua vida.

— Ela vem?

— Vem hoje mesmo, almoçar e passar a tarde com minha esposa e minhas meninas.

— A Sra. Bruff e suas filhas estão a par do segredo?

— Inevitavelmente. Mas, como o senhor pode ter percebido, as mulheres não têm princípios. Minha família não compartilha minhas dores de consciência. Já que o objetivo é aproximar novamente o senhor e Rachel, minha esposa e minhas filhas não se importam com os meios usados para alcançá-lo, com tanta compostura quanto se fossem jesuítas.

— Sou-lhes infinitamente grato. Que chave é esta?

— A chave do portão do muro do meu jardim dos fundos. Esteja lá às três horas esta tarde. Entre no jardim e passe pela porta da estufa. Atravesse a pequena sala de estar e abra a porta à sua frente que dá para a sala de música. Ali encontrará Rachel; e a encontrará sozinha.

— Como posso agradecê-lo!

— Vou lhe dizer como. Não culpe a mim pelo que acontecer depois.

Com essas palavras, ele saiu.

Eu ainda tinha muitas horas aborrecidas para esperar. Para passar o tempo, olhei minhas cartas. Entre elas havia uma carta de Betteredge.

Abri-a com impaciência. Para minha surpresa e decepção, ela começava com um pedido de desculpas avisando-me para não esperar nenhuma notícia importante. Na frase seguinte, o sempiterno Ezra Jennings apareceu novamente! Ele havia abordado Betteredge quando este saía da estação e perguntado quem eu era. Informado quanto a isso, havia mencionado a seu mestre, o Sr. Candy, haver me visto. Ao ouvir isso, o Sr. Candy havia ido pessoalmente até Betteredge para dizer o quanto lamentava que não nos houvéssemos encontrado. Ele tinha uma razão para querer falar comigo em particular, e pedia a gentileza de ser avisado quando eu estivesse novamente próximo a Frizinghall. Exceto por algumas declarações características da filosofia de Betteredge, era esse o teor da carta de meu correspondente. O velho bondoso e leal confessava ter escrito sobretudo pelo prazer de me escrever.

Amassei a carta em meu bolso e esqueci-a no minuto seguinte, absorvido que estava com meu encontro iminente com Rachel.

No instante em que o relógio da igreja de Hampstead soou as três, coloquei a chave do Sr. Bruff na fechadura do portão no muro. Quando entrei no jardim, enquanto fechava a porta novamente pelo lado de dentro, confesso ter sentido uma certa dúvida quanto ao que poderia acontecer em seguida. Olhei com cautela para os dois lados, suspeitando da presença de alguma testemunha insuspeitada em algum canto desconhecido do jardim. Nada apareceu que justificasse minha apreensão. Todos os caminhos estavam desertos, e os pássaros e as abelhas eram as únicas testemunhas.

Passei pelo jardim, entrei na estufa e atravessei a pequena sala de estar. Quando toquei na maçaneta da porta, ouvi alguns acordes queixosos no piano do aposento contíguo. Ela havia muitas vezes tocado o instrumento desta maneira quando eu estava hospedado na casa de sua mãe. Fui obrigado

a esperar um pouco para recuperar o equilíbrio. Naquele momento supremo, passado e presente ficaram lado a lado — e o contraste entre os dois me abalou.

Depois de um minuto, apelei para minha virilidade, e abri a porta.

CAPÍTULO 7

No instante em que apareci na porta, Rachel levantou-se do piano.

Fechei a porta atrás de mim. Confrontamo-nos em silêncio, com o aposento inteiro a nos separar. O movimento que havia feito ao se levantar parecia ser a única ação da qual era capaz. Todas as suas outras faculdades, físicas ou mentais, pareciam estar absorvidas no simples ato de olhar para mim.

Minha mente foi tomada pelo medo de ter aparecido cedo demais. Dei alguns passos em sua direção.

— Rachel — disse eu suavemente.

O som da minha voz trouxe a vida de volta a seus membros, e a cor de volta a seu rosto. Por sua vez ela avançou, ainda sem dizer nada. Lentamente, como se agisse sob alguma influência independente de sua própria vontade, foi se aproximando cada vez mais de mim; uma cor rosada sombreava suas faces, uma luz reanimada pela inteligência iluminava seus olhos a todo instante. Esqueci o intuito que me havia trazido à sua presença; esqueci a vil suspeita que pairava sobre meu honrado nome; esqueci qualquer consideração, passada, presente e futura, da qual deveria ter-me lembrado. Nada vi a não ser a mulher que eu amava chegando cada vez mais perto de mim. Não pude resistir por mais tempo — tomei-a em meus braços e cobri seu rosto de beijos.

Houve um momento em que pensei que os beijos estivessem sendo retribuídos; um momento em que pareceu que ela também havia esquecido. Quase antes que a ideia pudesse tomar forma em minha mente, sua primeira ação consciente me fez sentir que ela se lembrava. Com um grito que soou como um grito de horror — de uma força à qual

duvido que eu pudesse ter resistido, se houvesse tentado ela me afastou de si. Vi em seus olhos uma raiva sem piedade; vi em seus lábios um desprezo sem piedade. Ela me olhou da cabeça aos pés, como teria olhado para um estranho que a houvesse insultado.

— Seu covarde! — disse ela. — Seu covarde mesquinho, miserável, sem coração!

Essas foram suas primeiras palavras! A acusação mais insuportável que uma mulher pode fazer a um homem: foi essa a acusação que ela escolheu para fazer contra mim.

— Eu me lembro, Rachel — disse eu—, da época em que você teria me dito que eu a ofendi em termos mais nobres. Peço-lhe que me perdoe.

Algo da amargura que eu sentia deve ter passado para minha voz. Diante das primeiras palavras da minha resposta, seus olhos, que haviam se desviado no instante anterior, tomaram a olhar para mim contra a própria vontade. Ela respondeu numa voz baixa, de um jeito tristonho e submisso que eu não conhecia nela.

— Talvez haja uma desculpa para mim — disse ela. — Depois do que você fez, é muito corajoso da sua parte vir me encontrar da maneira como fez hoje. Parece-me um experimento covarde, testar minha fraqueza por você. Parece-me uma surpresa covarde, surpreender-me e me fazer deixá-lo me beijar. Mas isso é apenas a opinião de uma mulher. Eu deveria saber que não seria a sua opinião. Eu teria feito melhor em me controlar, e em não dizer nada.

As desculpas eram mais insuportáveis que o insulto. O homem mais degradado da face da terra teria se sentido humilhado.

— Se minha honra não estivesse em suas mãos — disse eu —, eu a deixaria neste instante, e nunca mais a veria. Você falou no que eu fiz. O que eu fiz?

— O que você fez! Você faz esta pergunta a mim!

— Faço.

— Mantive sua infâmia em segredo — ela respondeu. — E sofri as consequências de tê-la escondido. Não tenho ao menos o direito de ser poupada do insulto de ouvir você me perguntar o que fez? Será que você perdeu toda a noção de gratidão? Houve um tempo em que você era um cavalheiro. Houve um tempo em que minha mãe lhe queria muito bem, e eu mais ainda...

A voz lhe faltou. Ela se deixou cair sobre uma cadeira, virou-me as costas, e cobriu o rosto com as mãos.

Esperei um pouco antes de tomar coragem para dizer mais alguma coisa. Nesse intervalo de silêncio, não sei qual foi meu sentimento mais forte — a ferida que seu desprezo me havia causado, ou a decisão orgulhosa que me mantinha alheio a qualquer simpatia por seu sofrimento.

— Se você não vai falar primeiro — disse eu —, eu devo falar. Vim aqui porque tinha algo sério a lhe dizer. Você me faria a justiça de ouvir o que tenho a dizer?

Ela não se moveu nem respondeu. Não fiz um segundo apelo; não me aproximei um palmo de sua cadeira. Com um orgulho tão obstinado quanto o seu, contei-lhe sobre minha descoberta na Areia Trêmula, e como eu havia chegado até ela. A narrativa, necessária, tomou um pouco de tempo. Do início ao fim, ela não se virou para me olhar, e sequer disse uma só palavra.

Mantive a calma. Havia todas as chances para que meu futuro dependesse de eu não perder a calma naquele momento. Era chegada a hora de testar a teoria do Sr. Bruff. No afã desesperado de testá-la, me virei de modo a ficar de frente para ela.

— Tenho uma pergunta a lhe fazer — disse eu. — Ela me obriga a abordar novamente um assunto doloroso. Rosanna Spearman lhe mostrou a camisola? Sim ou não?

Ela ficou de pé num repente, e, de livre e espontânea vontade, veio para perto de mim. Seus olhos perscrutaram meu rosto, como se quisessem ler aí algo que nunca haviam lido ainda.

— Você está louco? — ela perguntou.

Continuei me controlando. Disse suavemente:

— Rachel, você vai responder à minha pergunta?

Ela continuou sem me dar atenção.

— Você tem algo a ganhar que eu desconheço? Algum medo mesquinho do futuro no qual eu esteja envolvida? Dizem que a morte de seu pai fez de você um homem rico. Você veio até aqui para me compensar pela perda do meu Diamante? E tem coração o suficiente para sentir vergonha disso? Será esse o segredo de sua inocência fingida, e de sua história sobre Rosanna Spearman? Será que, desta vez, por trás da falsidade existe alguma vergonha?

Interrompi-a nesse ponto. Não podia mais me controlar.

— Você se equivocou a meu respeito de modo infame! — explodi, indignado. — Você suspeita que eu roubei seu Diamante. Tenho o direito de saber por que, e vou saber!

— Suspeito de você! — exclamou ela, sua raiva aumentando com a minha. — Seu canalha, eu vi você pegar o Diamante com meus próprios olhos!

A revelação que explodiu diante de mim com essas palavras, demolindo completamente toda a construção do caso na qual o Sr. Bruff havia apostado, me deixou paralisado. Mesmo sendo inocente, fiquei parado em silêncio na frente dela. Aos seus olhos, a quaisquer olhos, eu deveria estar parecendo um homem esmagado por sua própria culpa.

Ela se afastou do espetáculo da minha humilhação e do seu triunfo. O súbito silêncio que se havia apoderado de mim pareceu amedrontá-la.

— Eu poupei você, na época — disse. — Eu o teria poupado agora, se você não me tivesse obrigado a falar. — Ela se afastou como se fosse deixar o aposento, e hesitou antes de chegar à porta. — Por que veio até aqui se humilhar? — perguntou. — Por que veio até aqui me humilhar? — Deu mais alguns passos e fez uma nova pausa. — Pelo amor de Deus, diga alguma coisa! — exclamou com paixão. — Se ainda lhe resta alguma compaixão, não deixe que eu me degrade deste modo! Diga alguma coisa, e faça-me sair daqui!

Avancei em sua direção, mal sabendo o que fazia. Eu provavelmente tinha alguma ideia confusa de que poderia detê-la até que me houvesse dito mais alguma coisa. No instante em que eu soube que a prova que me condenava na mente de Rachel era a prova de seus próprios olhos, nada mais — nem mesmo minha convicção de minha própria inocência — estava claro para mim. Tomei-a pela mão; tentei falar de maneira firme e direta. Tudo o que pude dizer foi:

— Rachel, você me amou um dia.

Ela estremeceu, e desviou o olhar. Sua mão estava indefesa e trêmula na minha.

— Largue-a — disse ela debilmente.

Meu toque parecia ter sobre ela o mesmo efeito que o som da minha voz havia provocado quando entrei no aposento. Depois de ter dito as palavras que me chamavam de covarde, depois de ter feito a confissão que fazia de mim um ladrão — enquanto minha mão segurava a sua eu ainda era seu senhor!

Gentilmente, conduzi-a para o meio da sala. Sentei-a ao meu lado.

— Rachel — disse eu não posso explicar a contradição do que vou lhe contar. Posso apenas dizer a verdade como você acaba de fazer. Você me viu; com seus olhos, você me viu roubar o Diamante. Diante de Deus que está nos escutando, declaro que só agora descobri que fiz isso! Você ainda duvida de mim?

Ela não havia prestado atenção nem escutado.

— Largue a minha mão — repetiu debilmente. Esta foi sua única resposta. Sua cabeça se apoiou sobre meu ombro, e sua mão apertou inconscientemente a minha no mesmo instante em que me pediu para que a largasse.

Não insisti na pergunta. Mas minha paciência acabou aí. Minha chance de jamais vir a poder andar de cabeça erguida em meio a homens honestos dependia de minha chance de ela contar-me tudo o que sabia. A única esperança para mim era a esperança de que ela talvez tivesse esquecido algo na sequência das provas — algum detalhe, talvez, mas ainda assim capaz de, uma vez cuidadosamente examinado, servir para assegurar minha inocência no final. Confesso que continuei a segurar sua mão. Confesso que lhe falei com toda a simpatia e confiança do passado que fui capaz de reunir.

— Quero lhe perguntar algo — disse eu. — Quero que me diga tudo o que aconteceu, do momento em que nos desejamos boa-noite até o momento em que você me viu pegar o Diamante.

Ela levantou a cabeça do meu ombro e fez um esforço para liberar sua mão.

— Ah, por que voltar a esse assunto! — disse. — Por que voltar a esse assunto?

— Vou lhe dizer por que, Rachel. Você foi vítima, como eu também fui, de alguma farsa monstruosa que vestiu a máscara da verdade. Se voltarmos, juntos, ao que aconteceu na noite do seu aniversário, ainda poderemos terminar nos entendendo.

Sua cabeça voltou a se apoiar sobre meu ombro. Seus olhos se encheram de lágrimas que escorreram lentamente por seu rosto.

— Ah! — disse ela. — E eu nunca tive essa esperança? Eu não tentei descobrir a verdade, como você está tentando agora?

— Você tentou sozinha — respondi. — Não tentou com a minha ajuda.

Essas palavras pareceram despertar nela um pouco da esperança que eu próprio senti ao pronunciá-las. Ela respondeu à minha pergunta mais que docilmente — respondeu com sua inteligência; abriu-me sua mente de livre e espontânea vontade.

— Comecemos — disse eu — com o que aconteceu depois que nos desejamos boa-noite. Você foi para a cama? Ou ficou acordada?

— Fui para a cama.

— Reparou que horas eram? Era tarde?

— Não muito. Cerca de meia-noite, acho.

— Dormiu logo?

— Não. Não consegui dormir naquela noite.

— Estava agitada?

— Estava pensando em você.

A resposta quase me derrubou. Algo em seu tom, mais do que nas palavras, foi direto ao meu coração. Só depois de fazer uma pequena pausa fui capaz de continuar.

— Havia alguma luz em seu quarto? — perguntei.

— Nenhuma... Até que me levantei novamente e acendi minha vela.

— Quanto tempo depois de você ter ido para a cama isso aconteceu?

— Cerca de uma hora depois, acho. Por volta de uma hora.

— Você saiu do quarto?

— Ia sair. Havia vestido meu robe e estava a caminho da minha sala de estar para pegar um livro...

— Abriu a porta do quarto?

— Havia acabado de abri-la.

— Mas não havia entrado na sala?

— Não... Fui impedida de entrar.

— O que a impediu?

— Vi uma luz por debaixo da porta e ouvi passos se aproximando dela.

— Você ficou com medo?

— Não naquele momento. Eu sabia que minha pobre mãe dormia mal e lembrei-me que, naquela noite, ela havia tentado muito me convencer a deixá-la tomar conta do meu Diamante. Estava incrivelmente ansiosa a esse respeito, mais do que o normal, pensei; e imaginei que ela estivesse vindo ver se eu estava na cama, para falar novamente sobre o Diamante se descobrisse que eu estava acordada..

— O que você fez?

— Soprei minha vela, de modo que ela pensasse que eu estava na cama. Eu, por minha vez, não estava disposta a transigir; estava decidida a manter meu Diamante no lugar que eu mesma havia escolhido.

— Depois de apagar a vela, você voltou para a cama?

— Não tive tempo de voltar. No instante em que apaguei a vela, a porta da sala de estar se abriu, e eu vi...

— Você viu?

— Você.

— Vestido como de costume?

— Não.

— De camisola?

— De camisola, com sua vela na mão.

— Sozinho?

— Sozinho.

— Você podia ver meu rosto?

— Sim.

— Claramente?

— Muito claramente. A luz da vela o estava iluminando.

— Meus olhos estavam abertos?

— Sim.

— Você reparou algo estranho neles? Algo como uma expressão fixa, vazia?

— Nada desse tipo. Seus olhos estavam brilhantes, mais do que de costume. Você olhou em volta, como se soubesse que estava onde não devia estar, e estivesse com medo de ser descoberto.

— Você reparou algo quando entrei na sala... Reparou o modo como eu andava?

— Andava como sempre andou. Foi até o meio da sala, e então parou e olhou em volta.

— Qual foi a primeira coisa que você fez quando me viu?

— Não pude fazer nada. Fiquei petrificada. Não podia falar, não podia gritar, não podia sequer me mover para fechar a porta.

— De onde eu estava, eu podia ver você?

— Poderia ter me visto, com certeza. Mas não olhou em minha direção. É inútil fazer essa pergunta. Tenho certeza de que não me viu.

— Como pode ter certeza?

— Você teria pego o Diamante? Teria agido como agiu depois? Estaria aqui agora se houvesse visto que eu estava acordada e olhando para você? Não me faça falar nessa parte! Quero lhe responder com calma. Ajude-me a ficar o mais calma possível. Pergunte outra coisa.

Ela estava certa — totalmente certa. Passei a outras coisas.

— O que eu fiz, depois de chegar ao meio da sala e parar?

— Você se virou e foi direto para o canto perto da janela, onde fica meu armário indiano.

— Quando estava junto do armário, eu devia estar com as costas viradas para você. Como podia ver o que eu estava fazendo?

— Quando você se movia, eu me movia.

— Para ver o que eu estava fazendo com as mãos?

— Há três espelhos na minha sala de estar. Enquanto você estava ali eu via tudo o que fazia refletido em um deles.

— O que você viu?

— Você colocou a vela em cima do armário. Abriu e fechou uma gaveta atrás da outra até chegar à gaveta na qual eu havia colocado meu Diamante. Você olhou para a gaveta aberta por um instante. E então colocou a mão lá dentro e tirou o Diamante.

— Como você sabe que eu tirei o Diamante?

— Vi sua mão entrar na gaveta. E vi o brilho da pedra entre seu polegar e seu indicador quando a tirou.

— Minha mão se aproximou da gaveta de novo? Para fechá-la, por exemplo?

— Não. Você segurava o Diamante na mão direita, e tirou a vela de cima do armário com a mão esquerda.

— Depois disso, eu olhei em volta novamente?

— Não.

— Saí da sala imediatamente?

— Não. Ficou muito quieto durante o que me pareceu ser um longo tempo. Vi seu rosto de lado refletido no espelho. Você parecia um homem que não estava satisfeito com seus próprios pensamentos.

— O que aconteceu em seguida?

— Você despertou de repente, e saiu imediatamente da sala.

— Fechei a porta atrás de mim?

— Não. Foi rapidamente para o corredor e deixou a porta aberta.

— E depois?

— Depois sua luz sumiu, o som de seus passos diminuiu, e eu fiquei sozinha no escuro.

— Nada aconteceu deste momento até o momento em que as pessoas da casa souberam que o Diamante havia desaparecido?

— Nada.

— Você tem certeza? Não poderia ter estado dormindo uma parte do tempo?

— Não dormi. Não voltei para a cama. Nada aconteceu até que Penélope entrasse de manhã na sua hora habitual.

Larguei sua mão, me levantei e dei uma volta pelo aposento. Todas as perguntas que eu havia feito haviam sido respondidas. Todos os detalhes que eu queria saber me haviam sido expostos.

Eu até mesmo havia voltado à ideia do sonambulismo e à ideia da intoxicação; e, mais uma vez, a inutilidade tanto de uma teoria quanto da outra havia ficado patente — desta vez graças à autoridade da testemunha que me havia visto. O que mais poderia ser dito? O que mais poderia ser feito? Eis que se erguia diante de mim o horrível fato do roubo — o único objeto visível, tangível que havia chegado até mim das profundezas da escuridão impenetrável que me cercava! Eu não havia tido nenhum sinal de luz para me guiar ao tomar conhecimento do segredo de Rosanna Spearman na Areia Trêmula. E não tinha nenhum sinal de lua agora, ao recorrer a Rachel em pessoa, e ouvir a abominável história daquela noite da sua própria boca.

Desta vez ela foi a primeira a quebrar o silêncio.

— E então? — disse. — Você perguntou e eu respondi. Você me fez esperar algo disso tudo, porque você esperava algo. O que tem a dizer agora?

O tom no qual falou me advertiu que minha influência sobre ela era mais uma vez inútil.

— Deveríamos analisar o que aconteceu na noite do meu aniversário, juntos — continuou ela —, e então nos entenderíamos. Fizemos isso?

Ela esperou impiedosamente pela minha resposta. Ao responder-lhe, cometi um erro fatal — deixei que o irritante desamparo da minha situação levasse a melhor sobre meu autocontrole. Áspera e inutilmente, censurei-a pelo silêncio em que me havia mantido, até aquele momento, ignorante quanto à verdade.

— Se você tivesse falado quando deveria ter falado — falei — se me houvesse feito a justiça de se explicar...

Ela me interrompeu com um grito de fúria. As poucas palavras que eu havia dito pareciam tê-la precipitado imediatamente em um frenesi raivoso.

— Explicar-me! — ela repetiu. — Ah! Será que existe outro homem assim no mundo? Eu o poupo quando meu coração está se quebrando; eu o protejo quando minha própria honra está em jogo; e agora ele... ele, dentre todos os seres humanos! Vira-se contra mim, e diz que eu deveria ter-me explicado! Depois de acreditar nele como eu acreditei, depois de amá-lo como eu o amei, depois de pensar nele durante o dia, e de sonhar com ele durante a noite, ele se pergunta por que não o acusei de sua desgraça da primeira vez que nos encontramos: Senhor do meu coração, você é um ladrão! Meu herói que eu amo e venero, você se esgueirou para dentro do meu quarto durante a noite e roubou meu Diamante! Era isso que eu deveria ter dito. Seu canalha, seu canalha miserável, eu teria preferido perder cinquenta diamantes a ver seu rosto mentindo para mim como o vejo mentir agora!

Peguei meu chapéu.

— Para o seu bem, sim! Posso dizer isso honestamente, para o seu bem, dei-lhe as costas sem uma palavra, e abri a porta pela qual havia entrado no aposento.

Ela me seguiu e arrancou a maçaneta da minha mão; fechou a porta e apontou para o lugar que eu havia deixado.

— Não! — disse ela. — Ainda não! Parece que eu devo a você uma explicação da minha conduta. Vai ficar e me escutar. Ou se rebaixará à maior de todas as infâmias, e se verá obrigado a sair.

Meu coração se apertava ao vê-la; meu coração se apertava ao ouvi-la. Respondi com um gesto — era tudo o que eu podia fazer — querendo dizer que eu me dobrava à sua vontade.

O vermelho da raiva começou a deixar seu rosto enquanto eu voltava e retomava minha cadeira em silêncio. Ela esperou um pouco, e se aprumou. Quando continuou, apenas um sinal de emoção era visível. Ela falou sem olhar para mim. Suas mãos estavam apertadas em seu colo, e seus olhos fixos no chão.

— Eu deveria ter-lhe feito a justiça de me explicar — disse ela, repetindo minhas palavras. — Você verá se eu tentei ou não fazer-lhe justiça. Acabei de lhe dizer que não dormi, e não voltei para minha cama, depois que você deixou minha sala de estar. É inútil incomodá-lo falando sobre o que eu pensava: você não entenderia meus pensamentos; vou contar-lhe apenas o que fiz, quando tempo suficiente havia se passado para me ajudar a me recuperar. Evitei dar o alarme na casa e dizer a todo mundo o que havia acontecido — como deveria ter feito. Apesar do que havia visto, eu gostava de você o suficiente para acreditar em qualquer coisa, em qualquer impossibilidade, para não admitir para mim mesma que você havia agido deliberadamente como um ladrão. Pensei e pensei, e terminei lhe escrevendo.

— Eu nunca recebi a carta.

— Sei que nunca a recebeu. Espere um pouco, e saberá por quê. Minha carta não teria lhe dito nada diretamente. Ela não teria arruinado sua vida, se tivesse caído nas mãos de outra pessoa. Ela apenas teria dito, de um jeito que você não

poderia de modo algum deixar de compreender, que eu tinha razões para acreditar que você havia agido mal, e que tanto eu quanto minha mãe o conhecíamos bem o bastante, para saber que você não era muito discreto, ou muito escrupuloso, com a maneira como conseguia dinheiro quando estava precisando. Você teria se lembrado da visita do advogado francês, e teria sabido a que eu estava me referindo. Se tivesse continuado a ler com algum interesse, teria chegado a uma oferta que eu tinha a lhe fazer, a oferta, privada (nenhuma palavra a esse respeito seria dita abertamente entre nós!), de um empréstimo da maior soma em dinheiro que eu pudesse obter. E eu a teria conseguido! — ela exclamou, com o rosto começando a ficar corado novamente, e os olhos se levantando mais uma vez para me olhar. — Eu própria teria penhorado o Diamante, se não pudesse obter o dinheiro de outro modo! Foram essas as palavras que lhe escrevi. Espere! Fiz mais do que isso. Combinei com Penélope que ela lhe entregaria a carta quando ninguém estivesse por perto. Planejei fechar-me em meu quarto, e deixar minha sala de estar vazia e aberta durante toda a manhã. E esperava, esperava com todo meu coração e minha alma, que você fosse aproveitar a oportunidade e colocar o Diamante de volta na gaveta, em segredo.

Tentei falar. Ela levantou a mão com impaciência, e me impediu. Nas rápidas mudanças de seu humor, a raiva estava começando a aumentar novamente. Ela levantou-se da cadeira, e se aproximou de mim.

— Sei o que você vai dizer — continuou. — Vai me lembrar mais uma vez que nunca recebeu minha carta. Posso lhe dizer por quê. Eu a rasguei.

— Por que razão? — perguntei.

— Pela melhor das razões. Preferi rasgá-la a desperdiçá-la com um homem como você! Qual foi a primeira notícia que chegou até mim pela manhã? Mal eu havia completado meu pequeno plano, o que ouvi? Ouvi que você, você!!! Havia sido a

primeira pessoa da casa a chamar a polícia. Você era o mais ativo, era o líder, estava se esforçando mais do que qualquer outro para recuperar a joia! Chegou a levar sua audácia ao cúmulo de falar comigo sobre a perda do Diamante, o Diamante que você mesmo havia roubado, o Diamante que estava o tempo todo em suas próprias mãos! Depois dessa prova de sua horrível falsidade e dissimulação, rasguei minha carta. Mas mesmo então, mesmo estando enlouquecida pelas buscas e pelos interrogatórios da polícia que você havia mandado chamar, mesmo assim, havia algum sentimento em mim que não me deixava desistir de você. Eu disse a mim mesma: Ele protagonizou essa farsa vil diante de todas as outras pessoas da casa. Deixe-me tentar ver se vai fazer o mesmo comigo. Alguém me disse que você estava no terraço. Desci até o terraço. Obriguei-me a olhar para você, obriguei-me a falar com você. Esqueceu-se do que eu disse?

Eu poderia ter respondido que me lembrava de cada palavra. Mas a que propósito essa resposta teria servido naquele momento?

Como eu poderia lhe dizer que o que ela havia me dito me havia surpreendido e afligido, fazendo-me pensar que ela se encontrava num perigoso estado de excitação nervosa, e até mesmo despertado um instante de dúvida em minha mente quanto a se a perda do Diamante era para ela um mistério como era para o resto de nós — mas nunca havia me dado sequer uma ideia remota da verdade? Sem sombra de prova que defendesse minha inocência, como eu poderia persuadi-la de que não sabia nada mais do que o maior dos estranhos poderia ter sabido a respeito do que ela estava realmente pensando quando falou comigo no terraço?

— Pode ser conveniente para você esquecer; para mim é conveniente lembrar — continuou ela. — Sei o que eu disse, pois pensei bem no assunto antes de dizê-lo. Dei-lhe uma oportunidade atrás da outra de confessar a verdade. Nada

deixei de dizer que poderia dizer, a não ser lhe dizer claramente que eu sabia que você havia cometido o roubo. E tudo o que você fez em troca foi olhar para mim com um espanto vil e fingido, com sua expressão de falsa inocência, exatamente como olhou para mim hoje! Naquela manhã, eu o deixei sabendo finalmente o que você era de verdade, o que você é de verdade: o miserável mais rasteiro que jamais pisou na terra!

— Se você tivesse falado naquela ocasião, Rachel, poderia ter me deixado sabendo que havia feito uma cruel injustiça com um homem inocente.

— Se eu houvesse falado diante de outras pessoas — retrucou ela, com outro repente de indignação você teria sido desgraçado para o resto da vida! Se eu houvesse falado apenas a seus ouvidos, você teria negado tudo, como está negando tudo agora! Você acha que eu teria acreditado em você? Um homem que fez o que eu vi você fazer teria hesitado em mentir? Um homem que depois agiu como eu vi você agir? Digo-lhe mais uma vez, não pude suportar o horror de ouvir você mentir, depois do horror de ver você roubar. Você fala como se isso tudo fosse um mal—entendido que algumas palavras poderiam consertar! Bem! O mal-entendido foi esclarecido. A situação foi consertada? Não! Tudo continua como antes. Não acredito em você agora! Não acredito que você encontrou a camisola, não acredito na carta de Rosanna Spearman, não acredito em uma palavra do que você disse. Você roubou: eu vi! Você fingiu ajudar a polícia: eu vi! Você penhorou o Diamante com o agiota de Londres: tenho certeza disso! Você lançou a suspeita de sua desgraça (graças ao meu silêncio!) sobre um homem inocente. Fugiu para o Continente com seu saque na manhã seguinte! Depois de toda essa baixeza, só havia mais uma coisa que você podia fazer. Podia vir até aqui com mais uma de suas falsidades, podia vir até aqui, e me dizer que fui injusta com você!

Se eu houvesse ficado mais um só instante, não sei que palavras teriam escapado de minha boca das quais eu teria me lembrado com arrependimento e tristeza vãos. Passei diante dela e abri a porta pela segunda vez. Pela segunda vez — com a perversidade frenética de uma mulher alterada — ela me pegou pelo braço e impediu que eu saísse.

— Largue-me, Rachel — disse eu. — Vai ser melhor para nós dois. Largue-me.

A paixão histérica inchou seu peito — sua respiração rápida e convulsiva quase bateu em meu rosto enquanto ela me segurava junto à porta.

— Por que veio até aqui? — insistiu ela, desesperada. — Pergunto-lhe mais uma vez: por que veio até aqui? Tem medo de que eu o exponha? Você agora é um homem rico, tem um lugar no mundo, pode se casar com a melhor das mulheres do país. Tem medo de que eu diga as palavras que nunca disse a ninguém a não ser a você? Não consigo dizer essas palavras! Não consigo! Sou pior do que você, se é que isso é possível. — Soluços e lágrimas explodiram de seu peito. Ela lutou bravamente para contê-los; segurou-me cada vez com mais força. — Não consigo tirar você do meu coração — disse mesmo agora! Pode confiar na fraqueza vergonhosa, vergonhosa, que só pode lutar contra você desse modo! — Subitamente, ela me largou; lançou as mãos para o alto, e balançou-as freneticamente no ar. — Qualquer outra mulher evitaria a desgraça de tocá-lo! — exclamou. — Ah, Deus! Eu desprezo a mim ainda mais do que a e/e!

As lágrimas estavam forçando meus olhos a despeito de mim mesmo — eu não podia mais suportar o horror daquilo tudo.

— Você ainda saberá como foi injusta comigo — disse eu. — Ou nunca mais me verá de novo.

Com essas palavras, deixei-a. Ela se levantou da cadeira na qual havia se sentado no instante anterior: ficou de pé —

nobre criatura! — e me seguiu pela sala maior, com uma palavra de perdão à guisa de adeus.

— Franklin! — disse ela — Eu o perdoo! Ah, Franklin, Franklin! Nunca mais nos veremos. Diga que me perdoa!

Eu me virei, de modo que ela visse em meu rosto que não tinha condições de falar — me virei, acenei com a mão, e a vi difusamente, como numa visão, através das lágrimas que finalmente me haviam vencido.

No instante seguinte, a pior parte havia terminado. Eu estava novamente no jardim. Não a vi nem a ouvi mais.

CAPÍTULO 8

Mais tarde naquela noite, fui surpreendido em meu quarto por uma visita do Sr. Bruff.

Havia uma mudança perceptível no comportamento do advogado. Ele havia perdido sua confiança e bom humor habituais. Apertou minha mão em silêncio pela primeira vez em sua vida.

— O senhor vai voltar para Hampstead? — perguntei, de modo a dizer alguma coisa.

— Acabo de vir de Hampstead — respondeu ele. — Sei que o senhor finalmente soube a verdade, Sr. Franklin. Mas vou lhe dizer sinceramente, se eu soubesse o preço que teria de ser pago por ela, eu teria preferido deixá-lo na ignorância.

— O senhor viu Rachel?

— Vim até aqui depois de levá-la de volta a Portland Place; era impossível deixá-la voltar no coche sozinha. Não posso culpa-lo, considerando que o senhor a viu em minha casa e com minha permissão, pelo choque que esse encontro infeliz lhe causou. Tudo o que posso fazer é evitar a repetição do dano. Ela é jovem, tem um temperamento decidido, vai superar tudo com a ajuda do tempo e de descanso. Quero ter certeza de que o senhor não fará nada para atrapalhar sua recuperação. Posso confiar que o senhor não fará uma segunda tentativa para vê-la, a não ser com minha permissão e aprovação?

— Depois do que ela sofreu, e depois do que eu sofri — disse eu —, pode confiar em mim.

— Tenho sua palavra?

— Tem minha palavra.

O Sr. Bruff pareceu aliviado. Tirou o chapéu e puxou sua cadeira para mais perto da minha.

— Combinado! — disse. — Agora, quanto ao futuro... o seu futuro, quero dizer. A meu ver, o resultado do extraordinário desenrolar dos acontecimentos pode ser resumido da seguinte maneira. Em primeiro lugar, temos certeza de que Rachel lhe contou toda a verdade, do modo mais direto possível. Em segundo lugar, embora saibamos que deve haver algum erro terrível em algum lugar, não podemos culpá-la por acreditar que o senhor é culpado, tendo como prova seus próprios sentidos, sendo essas provas apoiadas por circunstâncias que, somadas a elas, parecem sem sombra de dúvida incriminá-lo.

Nesse ponto, interfeiri.

— Não culpo Rachel — disse eu. — Apenas lamento que ela não tenha podido se persuadir a falar comigo diretamente, na época.

— O senhor também poderia lamentar que Rachel não seja outra pessoa — respondeu o Sr. Bruff. — E, mesmo assim, duvido que uma moça de alguma delicadeza, cujo coração estivesse decidido a se casar com o senhor, pudesse ter se forçado a acusá-lo abertamente de ser um ladrão. De qualquer modo, não era da natureza de Rachel fazer tal coisa. Em circunstâncias muito diferentes dessa, que no entanto a colocaram em uma posição não totalmente diferente de sua posição em relação ao senhor, sei que ela foi influenciada por um motivo similar ao que ditou sua conduta em relação ao senhor. Além disso, como ela própria me disse a caminho da cidade esta noite, se ela tivesse falado abertamente, não teria acreditado mais em seu desmentido do que acredita agora. Que resposta o senhor tem para isso? Não há resposta para isso. Vamos, vamos, Sr. Franklin! Minha opinião sobre o caso revelou-se totalmente equivocada, admito; mas, do modo como as coisas estão, meu conselho ainda pode valer alguma coisa. Digo-lhe sinceramente, estaremos perdendo nosso tempo, e dando tratos à bola de forma inútil, se tentarmos novamente esclarecer essa complicação terrível desde o

principio. Vamos nos concentrar exclusivamente em tudo o que aconteceu no ano passado na casa de campo de Lady Verinder; e vejamos o que poderemos descobrir no futuro, em vez de insistir no que podemos descobrir no passado.

— O senhor decerto esquece — disse eu — que a coisa toda se refere ao passado, no que me diz respeito.

— Responda-me o seguinte — retorquiu o Sr. Bruff. — A Pedra da Lua está na origem de todo esse mal, ou não?

— Está. Claro que está.

— Muito bem. O que pensamos que foi feito da Pedra da Lua quando foi trazida para Londres?

— Ela foi penhorada ao Sr. Luker.

— Sabemos que não foi o senhor quem a penhorou. Sabemos quem o fez?

— Não.

— Onde acreditamos que a Pedra da Lua está agora?

— Depositada com os banqueiros do Sr. Luker.

— Exatamente. Agora observe. Já estamos no mês de junho. Por volta do final do mês (não posso precisar o dia), um ano terá se passado desde a ocasião em que acreditamos que a joia foi penhorada. Há uma chance, no mínimo, de que a pessoa que a penhorou esteja preparada para recuperá-la quando o prazo de um ano houver terminado. Se ele a recuperar, o Sr. Luker em pessoa — de acordo com os termos de seu próprio contrato — deverá tirar o Diamante das mãos de seu banqueiro. Nessas circunstâncias, proponho que vigiemos o banco, agora que o mês está se aproximando do fim, e descubramos quem é a pessoa para quem o Sr. Luker vai devolver a Pedra da Lua. Está vendo agora?

Admiti (um pouco a contragosto) que, pelo menos, era uma ideia nova.

— A ideia é do Sr. Murthwaite tanto quanto minha — disse o Sr. Bruff. — Ela poderia jamais ter me ocorrido, não fosse

por uma conversa que tivemos há algum tempo. Se o Sr. Murthwaite estiver certo, os indianos provavelmente também passarão a vigiar o banco por volta do final do mês, e isso pode ter sérias consequências. Essas consequências não importam para o senhor, nem para mim, exceto pelo fato de que podem ajudar-nos a botar as mãos no misterioso Alguém que penhorou o Diamante. Essa pessoa, pode apostar, é responsável (não vou alegar saber o por quê) pela posição na qual o senhor se encontra nesse momento; e só essa pessoa pode lhe devolver sua posição na estima de Rachel.

— Não posso negar — disse eu — que o plano que o senhor propõe aborda as dificuldades de uma maneira muito ousada, muito engenhosa e muito nova. Mas...

— Mas o senhor tem uma objeção a fazer?

— Sim. Minha objeção é que sua proposta nos obriga a esperar.

— Admito. Segundo as minhas estimativas, obriga-nos a esperar cerca de duas semanas, mais ou menos. Isso é tempo demais?

— É toda uma vida, Sr. Bruff, numa situação como a minha. Minha existência será simplesmente intolerável, a não ser que eu faça algo imediatamente para limpar meu nome.

— Bem, bem, eu entendo. O senhor já pensou no que pode fazer?

— Pensei em consultar o Sargento Cuff.

— Ele se aposentou da polícia. É inútil esperar que o Sargento o ajude.

— Sei onde encontrá-lo; só me resta tentar.

— Tente — disse o Sr. Bruff, depois de considerar por um instante. — O caso tomou um rumo tão extraordinário desde a época do Sargento Cuff, que o senhor poderia reavivar seu interesse pela investigação. Tente, e me informe do resultado. Enquanto isso — continuou, levantando-se —, se o senhor

nada descobrir daqui até o final do mês eu, por minha vez, estou livre para tentar ver o que se pode fazer vigiando o banco?

— Certamente — respondi a não ser que até lá eu o poupe da necessidade de tentar essa experiência.

O Sr. Bruff sorriu e pegou seu chapéu.

— Diga ao Sargento Cuff — retomou ele — que eu digo que a descoberta da verdade depende da descoberta da pessoa que penhorou o Diamante. E me informe do que a experiência do Sargento tiver a dizer.

Assim nos separamos.

Cedo na manhã seguinte, tomei o rumo da pequena cidade de Dorking — onde o Sargento Cuff havia se aposentado, conforme Betteredge me havia dito.

Ao perguntar no hotel, recebi as informações necessárias para encontrar o chalé do Sargento. Chegava-se até lá por uma tranquila estrada secundária, um pouco afastada da cidade, e o chalé ficava confortavelmente situado no meio de seu próprio jardim, protegido por um bom muro de tijolos atrás e dos lados e por uma sebe alta na frente. O portão, ornado na parte superior por um desenho de treliças pintado com bom gosto, estava trancado. Depois de tocar a sineta, espiei através das treliças e vi a flor favorita do grande Cuff por toda parte, florescendo em seu jardim, em feixes acima de sua porta, em volta de suas janelas. Longe dos crimes e mistérios da cidade grande, o ilustre caçador de ladrões vivia tranquilamente os últimos anos de prazer de sua vida rodeado de rosas!

Uma mulher de idade abriu o portão para mim, e aniquilou imediatamente as esperanças que eu havia construído quanto a recorrer à ajuda do Sargento Cuff. Ele havia acabado de partir, no dia anterior, para uma viagem à Irlanda.

— Viajou a negócios? — perguntei.

A mulher sorriu.

— Ele agora só tem um negócio, senhor — disse ela e são as rosas. O jardineiro de um homem ilustre da Irlanda descobriu algo novo sobre o cultivo de rosas, e o Sr. Cuff viajou para saber mais a respeito.

— A senhora sabe quando ele vai voltar?

— Não estou muito certa, senhor. O Sr. Cuff disse que voltaria imediatamente, ou se demoraria um pouco, dependendo se a descoberta não valesse nada ou fosse digna de atenção. Se tiver algum recado para ele, senhor, tomarei cuidado para que o receba.

Dei-lhe o meu cartão, tendo antes escrito nele a lápis: Tenho algo a dizer sobre a Pedra da Lua. Dê-me notícias suas assim que voltar. Depois disso, não havia nada a se fazer a não ser curvar-se diante das circunstâncias, e voltar para Londres.

No estado de irritação em que minha mente se encontrava na época sobre a qual agora escrevo, o resultado frustrado de minha viagem ao chalé do Sargento só fez aumentar meu impulso irrequieto para fazer alguma coisa. No dia em que voltei de Dorking, decidi que na manhã seguinte encontraria um novo meio de me esforçar para avançar, a despeito de qualquer obstáculo, da escuridão em direção à luz.

Que forma tomaria meu novo experimento?

Se o valoroso Betteredge estivesse presente enquanto eu considerava essa questão, e se houvesse penetrado os segredos de meu pensamento, teria declarado, sem dúvida, que o lado alemão de minha personalidade estava predominante na ocasião. Falando seriamente, talvez seja possível que minha educação alemã fosse de algum modo responsável pelo labirinto de especulações inúteis no qual eu estava então envolvido. Durante a maior parte da noite, fiquei sentado fumando e construindo teorias, cada uma mais improvável do que a outra. Quando finalmente fui dormir, minhas fantasias de quando estava desperto perseguiram-me

em sonho. Acordei na manhã seguinte com o objetivo-subjetivo e o subjetivo-objetivo emaranhados de maneira inextricável em minha mente, e dei início ao dia que seria testemunha de mais um esforço da minha parte no sentido de alguma ação prática, duvidando se eu tinha algum tipo de direito (de um ponto de vista puramente filosófico) de considerar que qualquer tipo de coisa (inclusive o Diamante) sequer existisse.

Por quanto tempo eu poderia ter ficado perdido em meio à minha própria metafísica, se tivesse sido deixado à minha própria sorte, é impossível dizer. No caso, um incidente veio em meu socorro, e me livrou do tormento. Naquela manhã, eu estava por acaso usando o mesmo casaco que havia usado no dia de meu encontro com Rachel. Ao procurar outra coisa em um dos bolsos, deparei-me com um pedaço de papel amassado e, ao tirá-lo, vi que tinha nas mãos a carta esquecida de Betteredge.

Não me parecia justo com meu bom e velho amigo deixá-lo sem resposta. Fui até minha escrivaninha, e li sua carta novamente.

Uma carta que não contenha nada da menor importância nem sempre é fácil de ser respondida. Aquele esforço que Betteredge havia feito para se corresponder comigo caía nessa categoria. O assistente do Sr. Candy, ou Ezra Jennings, havia dito a seu mestre me haver visto; e o Sr. Candy, por sua vez, desejava me ver e me dizer algo da próxima vez que eu estivesse perto de Frizinghall. O que poderia ser dito em resposta a isso que fizesse jus ao papel no qual fosse escrito? Fiquei sentado fazendo desenhos de memória do extraordinário assistente do Sr. Candy na folha de papel que havia prometido dedicar a Betteredge, até que de repente me dei conta de que ali estava o inevitável Ezra Jennings cruzando novamente o meu caminho! Joguei uma dúzia, pelo menos, de desenhos do homem de cabelo malhado (o cabelo,

em todo caso, ficou muito parecido) na cesta de papéis e, logo em seguida, escrevi minha resposta a Betteredge. Era uma carta totalmente óbvia — mas teve sobre mim um efeito excelente. O esforço de escrever algumas frases em bom inglês tirou completamente da minha mente as bobagens obscuras que a estavam ocupando desde o dia anterior.

Dedicando-me uma vez mais à resolução do impenetrável quebra-cabeça que minha própria situação representava, tentei superar a dificuldade abordando o problema de um ponto de vista puramente prático. Já que os acontecimentos daquela noite memorável continuavam incompreensíveis para mim, recuei um pouco mais no tempo, e vasculhei minha memória das primeiras horas do dia do aniversário à procura de algum incidente que pudesse se revelar útil para me ajudar a encontrar pistas.

Alguma coisa havia acontecido enquanto eu e Rachel terminávamos de pintar a porta? Ou mais tarde, quando fui a Frizinghall? Ou depois disso, quando voltei com Godfrey Ablewhite e suas irmãs? Ou, ainda mais tarde, quando os convidados chegaram, e todos nos reunimos em torno da mesa do jantar? Minha memória respondeu a todas essas perguntas com facilidade, até que cheguei à última. Ao lembrar dos acontecimentos sociais durante o jantar de aniversário, vi-me diante de um impasse no final. Eu sequer era capaz de me lembrar com precisão do número de convidados que haviam se sentado na mesma mesa comigo.

No meu caso, sentir-me de tal modo incapaz e concluir, em consequência disso, que poderia valer a pena investigar os incidentes ocorridos durante o jantar faziam parte do mesmo processo mental. Acredito que outras pessoas, em situação parecida, teriam raciocinado como eu o fiz. Quando a busca de nossos próprios interesses nos torna objetos de investigação para nós mesmos, suspeitamos naturalmente daquilo que desconhecemos. Uma vez de posse dos nomes das

peças presentes durante o jantar, resolvi, como uma maneira de enriquecer os recursos deficientes de minha própria memória, recorrer à memória do resto dos convidados, colocar no papel tudo aquilo de que eram capazes de se lembrar sobre os acontecimentos sociais do dia do aniversário e testar o resultado assim obtido à luz do que havia acontecido depois, quando os convidados haviam deixado a casa.

Esse último e mais novo dos muitos experimentos imaginados na arte da investigação — que Betteredge teria sem dúvida atribuído ao fato do meu lado lúcido, ou francês, estar predominante naquele momento — pode perfeitamente ser registrado aqui, por mérito próprio. Por menos provável que pareça, eu finalmente havia conseguido chegar à raiz do problema. Tudo o que eu queria era uma pista para me guiar na direção certa. Antes que outro dia houvesse passado, essa pista me foi dada por uma pessoa que havia estado presente na festa do aniversário!

Com o plano que agora tinha em mente, fazia-se primeiro necessário obter a lista completa dos convidados. Isso me seria facilmente fornecido por Gabriel Betteredge. Decidi voltar para Yorkshire naquele dia e começar no dia seguinte a investigação que havia imaginado.

Era tarde demais para que eu tomasse o trem que deixava Londres antes do meio-dia. Não havia alternativa senão esperar cerca de três horas até a partida do trem seguinte. Haveria algo que eu pudesse fazer em Londres para ocupar esse intervalo de tempo de modo útil?

Meus pensamentos retomavam obsessivamente ao jantar de aniversário.

Embora houvesse esquecido os números e, em muitos casos, os nomes dos convidados, lembrei-me com bastante facilidade que a grande maioria deles vinha de Frizinghall, ou das redondezas. Mas a maior parte não era tudo. Alguns

poucos de nós não residiam na região. Eu próprio era um desses poucos. O Sr. Murthwaite era outro. Godfrey Ablewhite era um terceiro. O Sr. Bruff... Não: lembrei-me de que assuntos de negócios haviam impedido que o Sr. Bruff comparecesse à festa. Havia alguma dama presente cuja residência principal ficava em Londres? Nesta última categoria, até onde eu me lembrava, havia apenas a Srta. Clack. No entanto, de qualquer maneira, ali estavam três dos convidados que eu devia visitar antes de deixar a cidade. Dirigi-me imediatamente ao escritório do Sr. Bruff, sem conhecer os endereços das pessoas que procurava, e pensando que seria provável que ele pudesse me ajudar a encontrá-las.

O Sr. Bruff revelou-se ocupado demais para me ceder mais do que um minuto de seu precioso tempo. No entanto, nesse minuto ele deu um jeito de responder — da maneira mais desanimadora possível — a todas as perguntas que lhe fiz.

Em primeiro lugar, considerou meu método recém-descoberto para encontrar pistas para desvendar o mistério demasiado fantasioso para ser considerado seriamente. Em segundo, terceiro e quarto lugares, o Sr. Murthwaite encontrava-se no caminho de volta ao cenário de suas aventuras passadas; a Srta. Clack havia sofrido perdas e, por motivos de economia, havia se instalado na França; o Sr. Godfrey Ablewhite poderia, ou não, ser encontrado em algum lugar em Londres. Quem sabe perguntando em seu clube? E quem sabe eu poderia dar licença ao Sr. Bruff se ele voltasse a seu trabalho e me desejasse um bom dia?

Já que o campo de investigação em Londres encontrava-se de tal modo restrito que incluía apenas a descoberta do endereço de Godfrey, segui a pista do advogado e fui até seu clube.

No vestibulo, encontrei um dos sócios, que era um velho amigo de meu primo e também meu conhecido. Esse cavalheiro, depois de me informar sobre o endereço de

Godfrey, contou-me dois acontecimentos recentes em sua vida, ambos de alguma importância, e que não haviam até então chegado a meus ouvidos.

Parecia que Godfrey, longe de ficar desencorajado pelo rompimento do compromisso por parte de Rachel, havia logo em seguida feito avanços matrimoniais a outra jovem, conhecida por ser uma rica herdeira. Sua proposta havia sido aceita, e seu casamento considerado resolvido e certo. Mas, mais uma vez, o compromisso havia sido rompido de maneira repentina e inesperada — devido, segundo foi dito nessa ocasião, a uma séria diferença de opiniões entre o noivo e o pai da noiva, a respeito do acordo financeiro.

Como compensação parcial por seu desastre matrimonial, Godfrey logo em seguida havia sido objeto de generosa lembrança pecuniária da parte de uma de suas muitas admiradoras. Uma rica senhora — muito respeitada na Pequena Sociedade das Mães para o Aproveitamento das Roupas, e grande amiga da Srta. Clack (a quem nada havia deixado a não ser um anel de luto) — havia deixado para o admirável e merecedor Godfrey um legado de cinco mil libras. Depois de receber esse belo acréscimo a seus modestos recursos financeiros, ele aparentemente havia revelado sentir a necessidade de descansar um pouco de suas tarefas de caridade, e que seu médico havia receitado um passeio pelo Continente, que decerto traria muitos benefícios futuros a sua saúde. Se eu queria vê-lo, seria recomendável que não perdesse tempo para a visita que havia planejado.

Fui no mesmo instante fazer minha visita.

A mesma fatalidade que me havia feito chegar um dia atrasado à casa do Sargento Cuff fez com que eu novamente chegasse um dia atrasado para visitar Godfrey. Ele havia deixado Londres na manhã anterior e tomado o trem para Dover. De lá cruzaria para Ostende e, segundo acreditava seu criado, continuaria até Bruxelas. Não se podia ter certeza de

quando voltaria, mas eu podia estar certo de que demoraria pelo menos três meses.

Voltei a meus aposentos, um tanto deprimido. Três dos convidados do jantar de aniversário — todos os três pessoas excepcionalmente inteligentes — estavam fora do meu alcance, no exato momento em que era mais importante do que nunca que eu me comunicasse com eles. Minhas últimas esperanças estavam agora em Betteredge, e nos amigos da falecida Lady Verinder que eu ainda poderia encontrar morando na vizinhança da casa de campo de Rachel.

Assim, fui diretamente para Frizinghall — já que a cidade era agora o ponto central de minha investigação. Cheguei tarde demais à noite para poder me comunicar com Betteredge. Na manhã seguinte, enviei um mensageiro com uma carta pedindo a ele que se juntasse a mim no hotel o mais cedo que pudesse.

Havendo tomado o cuidado — em parte para ganhar tempo, em parte para que Betteredge pudesse se organizar melhor — de enviar meu mensageiro correndo, eu podia razoavelmente esperar, se nenhum atraso ocorresse, ver meu velho amigo menos de duas horas depois de ter mandado chamá-lo. Durante esse intervalo, tomei providências para dar início à minha investigação junto aos convidados do jantar de aniversário que eu conhecia pessoalmente, e que pudesse encontrar com facilidade. Tratava-se de meus parentes, os Ablewhite, e do Sr. Candy. O médico havia demonstrado uma vontade especial de me ver, e morava na rua ao lado. Portanto, foi para a casa do Sr. Candy que fui primeiro.

Depois do que Betteredge havia me contado, eu naturalmente esperava ver, no rosto do médico, os sinais da grave doença que o havia acometido. Mas eu estava completamente despreparado para uma mudança como a que vi quando ele entrou no aposento e apertou minha mão. Seus olhos estavam sem brilho; seus cabelos haviam ficado

totalmente grisalhos; seu rosto estava enrugado; ele havia emagrecido muito. Olhei para o doutor que um dia havia sido jovial, animado, bem-humorado — e que em minha lembrança eu associava a indiscrições sociais incorrigíveis e inúmeras piadas infantis — e nada vi de sua antiga pessoa, a não ser a velha tendência a se vestir de maneira vulgar. O homem estava acabado; mas suas roupas e suas joias — em cruel contraste com a mudança em seu aspecto — eram alegres e berrantes como sempre.

— Pensei no senhor muitas vezes, Sr. Blake — disse ele e estou realmente contente em vê-lo de novo, enfim. Se houver alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor, não hesite em abusar de meus serviços, não hesite em abusar de meus serviços!

Com o objetivo que tinha em mente, é claro que eu estava preparado para efetuar algum tipo de explicação pessoal, antes de poder esperar atrair o interesse daquelas pessoas, com quem eu não tinha grande intimidade, para fazer o melhor que pudessem para ajudar em minha investigação. Durante a viagem a Frizinghall, eu havia decidido qual seria minha explicação — e aproveitei a oportunidade que me era oferecida de testar seu efeito sobre o Sr. Candy.

— Outro dia eu estive em Yorkshire, e estou em Yorkshire novamente, com fins bastante românticos — disse eu. — Trata-se, Sr. Candy, de um assunto de algum interesse para todos os amigos da falecida Lady Verinder. O senhor se lembra do misterioso desaparecimento do Diamante indiano, há quase um ano? Acontecimentos recentes me levam a esperar que ele ainda possa ser encontrado — e, como membro da família, estou interessado em recuperá-lo. Entre os obstáculos em meu caminho há a necessidade de reunir novamente todas as provas descobertas na ocasião, e mais se possível. Há particularidades nesse caso que tomam desejável que eu rememore tudo o que aconteceu na casa na noite do

aniversário da Srta. Verinder. E estou recorrendo aos amigos de sua falecida mãe, que estavam presentes na ocasião, para que me ajudem com suas lembranças...

Eu havia chegado a esse ponto em minha tentativa de explicação quando fui de súbito interrompido ao ver claramente no rosto do Sr. Candy que, com ele, minha experiência era um fracasso completo.

O médico ficou sentado, mexendo nervosamente nas pontas dos dedos, durante todo o tempo em que falei. Seus olhos opacos e úmidos estavam fixos em meu rosto com uma expressão de dúvida vazia e tristonha muito dolorosa de se ver. Era impossível adivinhar o que ele estava pensando. A única coisa claramente visível era que eu havia fracassado, ao cabo de duas ou três palavras, em minha tentativa de atrair sua atenção. A única chance de chamar sua atenção parecia ser mudar de assunto. Tentei imediatamente abordar um novo tópico.

— Eis — disse eu alegremente — o que me trouxe a Frizinghall! Agora é a sua vez, Sr. Candy. O senhor me mandou um recado por Gabriel Betteredge...

Ele parou de mexer nos dedos, e pareceu repentinamente desperto.

— Sim! Sim! Sim! — exclamou animado. — Foi isso! Eu lhe mandei um recado!

— E Betteredge o transmitiu por carta — continuei. — O senhor tinha algo a me dizer, da próxima vez que eu estivesse por perto. Bem, Sr. Candy, aqui estou eu!

— Aqui está o senhor! — repetiu o médico. — E Betteredge tinha razão. Foi esse o meu recado. Betteredge é um homem maravilhoso. Que memória! Na idade dele, que memória!

Voltou a ficar em silêncio, e começou a mexer nos dedos novamente. Lembrando-me do que Betteredge havia me dito sobre o efeito da doença em sua memória, continuei a conversa, na esperança de que pudesse ajudá-lo a se lembrar.

— Faz muito tempo desde que nos encontramos pela última vez — disse eu. — Nos vimos no último jantar de aniversário que minha pobre tia iria dar.

— É isso! — gritou o Sr. Candy. — O jantar de aniversário!

Ficou de pé num impulso, e olhou para mim. Um vermelho intenso tornou conta de repente de seu rosto pálido, e ele tomou a se sentar abruptamente, como se tivesse consciência de haver revelado uma fraqueza que teria preferido esconder. Era óbvio, tristemente óbvio, que ele tinha consciência de sua própria deficiência de memória, e que estava tentando escondê-la de seus amigos.

Até ali, ele havia despertado apenas minha compaixão. Mas as palavras que havia acabado de dizer — mesmo poucas — despertaram minha curiosidade no mesmo instante, levando-a ao grau máximo. O jantar de aniversário já havia se tomado o único acontecimento passado que eu considerava com um estranho misto de esperança e desconfiança. E ali estava o jantar de aniversário revelando-se ser o assunto sobre o qual o Sr. Candy tinha algo importante a me dizer!

Tentei mais uma vez ajudá-lo. Mas, desta vez, meus próprios interesses estavam na origem de meu impulso, e levaram-me um tanto precipitadamente ao objetivo que eu tinha em mente.

— Já faz quase um ano — disse eu — desde que nos sentamos em volta daquela mesa agradável. O senhor fez alguma anotação em seu diário, ou em outro lugar, do que queria me dizer?

O Sr. Candy entendeu a sugestão, e me mostrou que a havia entendido como um insulto.

— Não preciso de anotações, Sr. Blake — disse ele, seco. — Ainda não sou um homem tão velho, e minha memória (graças a Deus) é digna de total confiança!

É inútil dizer que eu não demonstrei ter entendido que ele estava ofendido comigo.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo da minha memória — respondi. — Quando eu tento pensar em coisas que aconteceram um ano atrás, poucas vezes as minhas lembranças são tão claras quanto eu gostaria que fossem. O jantar na casa de Lady Verinder, por exemplo...

O Sr. Candy animou-se novamente no instante em que mencionei o jantar.

— Ah! O jantar na casa de Lady Verinder! — exclamou, mais animado do que nunca. — Tenho algo a lhe dizer a esse respeito.

Seus olhos me olharam novamente com aquela dolorosa expressão de dúvida, tão triste, tão vazia, tão impotente. Era evidente que estava tentando, e tentando em vão, recobrar a memória perdida.

— Foi um jantar muito agradável — irrompeu ele bruscamente, com um ar de estar dizendo exatamente o que queria dizer. — Um jantar muito agradável, não foi, Sr. Blake?

Ele balançou a cabeça e sorriu, parecendo pensar, pobre coitado, que havia conseguido esconder a sua total falta de memória com uma demonstração oportuna de sua presença de espírito.

Eu estava tão desconfortável que mudei imediatamente o assunto — por mais que estivesse interessado em que ele recuperasse a memória perdida — para tópicos de interesse local.

Sobre isso ele falou com vontade. Os pequenos escândalos e brigas da cidade, alguns ocorridos um mês atrás, pareciam lhe ocorrer com facilidade. Ele continuou falando, com uma fluência mexeriqueira que lembrava os velhos tempos. Mas havia momentos, mesmo no auge de sua eloquência, em que subitamente hesitava — olhava para mim por um instante com aquela dúvida vazia nos olhos de novo, se controlava, e continuava. Submeti-me a meu martírio com paciência (certamente não deixa de ser um martírio, para um homem de

tendências cosmopolitas, ouvir em silêncio as notícias de uma cidade rural?) até que o relógio acima da lareira me alertou que minha visita já havia durado mais de meia hora. Tendo algum direito de considerar que meu sacrifício estava completo, levantei-me para ir embora. Quando apertamos as mãos, o Sr. Candy voltou a se referir por vontade própria à festa de aniversário.

— Estou tão contente que nos tenhamos reencontrado — disse.

— Eu queria, realmente queria, falar com o senhor, Sr. Blake. Sobre o jantar na casa de Lady Verinder, sabe? Um jantar agradável... Um jantar realmente agradável, não foi?

Ao repetir a frase, ele parecia não ter tanta certeza de haver evitado que eu desconfiasse de sua falha de memória quanto da primeira vez. O ar tristonho tomou novamente conta de seu rosto; e, depois de aparentemente fazer menção de me acompanhar até a porta, mudou repentinamente de ideia, tocou a sineta chamando a criada e permaneceu na sala de estar.

Desci lentamente as escadas da casa do médico, com a convicção desanimadora de que ele tinha algo a dizer que era muito importante que eu ouvisse, e que era moralmente incapaz de dizê-lo. O esforço de se lembrar que queria me falar era, como havia ficado evidente, o único esforço de que sua memória enfraquecida era agora capaz.

No instante em que terminei de descer as escadas, e tomei a direção do vestíbulo de entrada, uma porta se abriu suavemente no andar térreo da casa, e uma voz gentil disse atrás de mim:

— Temo, senhor, que tenha encontrado o Sr. Candy tristemente mudado?

Eu me virei, e encontrei-me frente a frente com Ezra Jennings.

CAPÍTULO 9

A bonita criada do médico ficou à minha espera, segurando a porta da rua aberta. A brilhante luz da manhã, que entrava no vestíbulo, caiu em cheio sobre o rosto do assistente do Sr. Candy quando me virei e olhei para ele.

Era impossível discordar da afirmação de Betteredge segundo a qual a aparência de Ezra Jennings, do ponto de vista popular, não o favorecia. Sua compleição cigana, suas bochechas descarnadas, seus olhos sonhadores, seu extraordinário cabelo bicolor, a intrigante contradição entre seu rosto e seu corpo que o fazia ao mesmo tempo parecer jovem e velho — tudo de certo modo contribuía para produzir uma impressão desfavorável aos olhos de um estranho. E no entanto — mesmo sentindo isso — não posso negar que Ezra Jennings despertou minha simpatia de um modo incompreensível e impossível de resistir. Enquanto minha experiência do mundo me dizia para responder à pergunta que ele havia feito, reconhecendo que de fato eu havia encontrado o Sr. Candy tristemente mudado, e então seguir meu caminho para fora da casa, meu interesse em Ezra Jennings me manteve imobilizado, e deu-lhe a oportunidade, que visivelmente estava esperando, de me falar em particular sobre seu patrão.

— O senhor vai na mesma direção que eu, Sr. Jennings? — disse eu, observando que ele estava de chapéu na mão. — Vou visitar minha tia, a Sra. Ablewhite.

Ezra Jennings respondeu que tinha um paciente a visitar, e que estava indo na minha direção.

Deixamos a casa juntos. Observei que a criada bonita — toda sorrisos e amabilidade quando lhe desejei bom-dia ao sair — recebeu um modesto recado de Ezra Jennings sobre a hora em que poderiam esperá-lo de volta com os lábios

franzidos, e olhos que olhavam descaradamente para qualquer lugar que não fosse seu rosto. Era óbvio que o pobre-diabo não era muito querido na casa. Fora da casa, eu tinha a palavra de Betteredge para confirmar que ele era impopular em toda a parte. Que vida!, pensei comigo mesmo enquanto descíamos os degraus da casa do médico.

Já tendo feito referência à doença do Sr. Candy, Ezra Jennings parecia agora determinado a deixar que eu voltasse ao assunto. Seu silêncio dizia claramente: Agora é a sua vez. Eu também tinha minhas razões para fazer referência à doença do médico, e de pronto aceitei a responsabilidade de falar primeiro.

— A julgar pela mudança que vi nele — comecei —, a doença do Sr. Candy deve ter sido muito mais séria do que eu havia pensado?

— É quase um milagre — disse Ezra Jennings — que ele tenha sobrevivido.

— Sua memória nunca está melhor do que hoje? Ele vem tentando me dizer alguma coisa...

— Sobre algo que aconteceu antes de ele adoecer? — perguntou o assistente, vendo que eu hesitava.

— Sim.

— Sua lembrança dos acontecimentos daquela época está ir— reversivelmente enfraquecida — disse Ezra Jennings. — É quase mais triste ainda, pobre coitado, que suas ruínas ainda sobrevivam. Enquanto ele se lembra vagamente de planos que fez, coisas, aqui e ali, que ele tinha de dizer ou fazer, antes de sua doença, é inteiramente incapaz de se lembrar que planos eram, ou que coisas deveria dizer ou fazer. Ele está dolorosamente consciente de sua própria deficiência, e dolorosamente preocupado, como o senhor deve ter visto, em escondê-la dos outros. Se ao menos houvesse se recuperado sem nenhuma lembrança do passado, teria sido um homem mais feliz. Talvez nós todos fôssemos mais felizes —

acrescentou ele com um sorriso triste — se pudéssemos esquecer completamente!

— Certamente há segredos na vida de todos os homens — respondi — que eles não gostariam de esquecer completamente.

— Espero que isso possa ser dito da maioria dos homens, Sr. Blake. Temo que não possa ser dito de todos. O senhor tem algum motivo para supor que as lembranças perdidas que o Sr. Candy tentou recuperar, enquanto o senhor falava com ele ainda há pouco, eram lembranças que o senhor considerasse importante que ele recuperasse?

Ao dizer essas palavras, ele havia tocado, por iniciativa própria, no ponto exato sobre o qual eu estava ansioso para consulta-lo. O interesse que eu sentia por aquele homem estranho me havia levado, num primeiro momento, a dar-lhe a oportunidade de falar comigo; e reservei o que eu, por minha vez, tinha a dizer em relação a seu patrão até eu mesmo ficar convencido, em primeiro lugar, que ele era uma pessoa em cuja delicadeza e discrição eu podia confiar. O pouco que havia dito até ali havia sido suficiente para me convencer que eu estava falando com um cavalheiro. Ele possuía o que ousou descrever como autocontrole natural, que é um indício seguro de boa educação, não só na Inglaterra, mas em todo o resto do mundo civilizado. Qualquer que fosse o objetivo que tinha em vista ao formular a pergunta que havia acabado de me fazer, não tive dúvidas de que podia — até ali — responder-lhe sem reservas.

— Acredito que tenho um forte interesse — disse eu — em resgatar a recordação perdida da qual o Sr. Candy foi incapaz de se lembrar. Posso lhe perguntar se o senhor é capaz de sugerir algum método com o qual eu pudesse ajudar sua memória?

Ezra Jennings olhou para mim com um lampejo de súbito interesse em seus sonhadores olhos castanhos.

— A memória do Sr. Candy está além do alcance de qualquer ajuda — disse ele. — Tentei ajudá-la muitas vezes, desde que ele se recuperou para poder dizer isso com convicção.

Aquilo me decepcionou, e eu o confessei.

— Confesso que o senhor me levou a esperar uma resposta menos desanimadora do que essa — disse eu.

Ezra Jennings sorriu.

— Talvez essa não seja uma resposta definitiva, Sr. Blake. Talvez seja possível resgatar a lembrança perdida do Sr. Candy sem que seja necessário recorrer ao próprio Sr. Candy.

— É mesmo? Seria uma indiscrição da minha parte perguntar... como?

— De modo algum. Minha única dificuldade para responder à sua pergunta é a dificuldade de me explicar. Posso recorrer à sua paciência e me referir mais uma vez à doença do Sr. Candy, desta vez falando dela sem poupá-lo de alguns detalhes profissionais?

— Prossiga, por favor! O senhor já me interessou em ouvir os detalhes.

Minha ansiedade parecia diverti-lo. — ou talvez, melhor dizendo, agradá-lo. Ele sorriu novamente. A essa altura já havíamos deixado as últimas casas da cidade para trás. Ezra Jennings parou por um momento, e recolheu algumas flores selvagens da sebe que margeava a estrada.

— Como são lindas! — disse ele com simplicidade, mostrando-me seu pequeno buquê. — E como poucas pessoas na Inglaterra sabem admirá-las como merecem!

— O senhor nem sempre viveu na Inglaterra? — perguntei.

— Não. Nasci e fui em parte criado em uma de nossas colônias. Meu pai era inglês, mas minha mãe... Estamos nos afastando do assunto, Sr. Blake, e por culpa minha. A verdade é que tenho uma relação com essas pequenas flores... Não

importa; estávamos falando do Sr. Candy. Voltemos pois ao Sr. Candy.

Associando as poucas palavras sobre si mesmo que haviam assim escapado de sua boca com a visão melancólica da vida, que o levava a fazer do total esquecimento do passado uma das condições da felicidade humana, convenci-me de que a história que eu havia lido em seu rosto era, ao menos em dois detalhes, a história que ele realmente contava. Ele havia sofrido como poucos homens sofrem; e havia uma mistura de alguma raça estrangeira em seu sangue inglês.

— O senhor ouviu falar, digamos assim, na causa original da doença do Sr. Candy? — ele retomou. — A noite do jantar na casa de Lady Verinder foi uma noite de forte chuva. Meu patrão foi para casa em seu coche debaixo dela, e chegou molhado até os ossos. Chegando em casa, encontrou um recado urgente de um paciente à sua espera; e, muito desafortunadamente, foi no mesmo instante visitar o doente, sem parar para trocar de roupa. Eu próprio tinha um compromisso profissional naquela noite, um caso a alguma distância de Frizinghall. Quando voltei, na manhã seguinte, encontrei o criado do Sr. Candy esperando, muito preocupado, para me levar ao quarto de seu senhor. Mas àquela altura o mal estava feito; a doença havia se instalado.

— A doença só me foi descrita, em termos gerais, como uma febre — disse eu.

— Nada posso acrescentar que torne a descrição mais acurada — respondeu Ezra Jennings. — Do início ao fim, a febre não assumiu nenhuma forma específica. Mandei imediatamente chamar dois dos amigos do Sr. Candy na cidade, ambos médicos, para que viessem dar sua opinião sobre o caso. Eles concordaram comigo que parecia sério, mas ambos discordaram veementemente de minha opinião sobre o tratamento. Discordamos inteiramente nas conclusões que tiramos da pulsação do paciente. Os dois médicos, baseados

na rapidez das batidas, declararam que um tratamento calmante era o único tratamento indicado. Eu, por minha vez, admiti a rapidez do pulso, mas também alertei para o fato de que sua fraqueza alarmante indicava que seu organismo estava exausto, e mostrava claramente uma necessidade de se administrar estimulantes. Os dois médicos eram a favor de mantê-lo numa dieta de mingau, limonada, chá de cevada e por aí afora. Eu era a favor de dar-lhe champanhe, ou brandy, amônia e quinino. Uma diferença séria de opiniões, como pode ver! Um desacordo entre dois médicos de sólida reputação local e um estranho que era apenas um assistente na casa. Durante os primeiros dias, não tive escolha senão ceder a meus superiores; o paciente piorava cada vez mais. Fiz uma segunda tentativa de apontar para a prova clara, inegavelmente clara, do pulso. Sua rapidez estava inalterada, e sua fraqueza havia aumentado. Os dois médicos ofenderam-se com minha obstinação. Disseram: Sr. Jennings, ou nós administramos esse caso, ou o senhor o administra. Qual dos dois será? Eu disse: Cavalheiros, deem-me cinco minutos para pensar, e essa pergunta simples terá uma resposta simples. Passados os cinco minutos, eu tinha minha resposta pronta. Eu disse: Os senhores realmente se recusam a tentar o tratamento estimulante? Eles recusaram. Tenho a intenção de tentá-lo imediatamente, senhores. Tente, Sr. Jennings, e nós nos retiramos do caso. Mande buscar na adega uma garrafa de champanhe, e eu mesmo administrei um cálice ao paciente. Os dois médicos pegaram seus chapéus em silêncio, e deixaram a casa.

— O senhor assumiu uma séria responsabilidade — disse eu. — Em seu lugar, temo que eu não a teria enfrentado.

— Em meu lugar, Sr. Blake, o senhor teria se lembrado que o Sr. Candy o havia empregado, em circunstâncias que o deixavam em dívida com ele para o resto da vida. Em meu lugar, o senhor o teria visto piorando, hora após hora, e teria arriscado qualquer coisa, antes de ver o único homem sobre a

terra que havia sido seu amigo morrer diante dos seus olhos. Não imagine que eu não tinha noção da terrível posição na qual havia me colocado! Havia momentos em que eu podia sentir toda a tristeza de uma vida sem amigos, todo o perigo de minha pavorosa responsabilidade. Se eu tivesse sido um homem feliz, se tivesse levado uma vida próspera, não acredito que teria suportado a tarefa que havia assumido. Mas eu não tinha um tempo feliz do qual me lembrar, nenhuma paz de espírito passada que contrastasse com a ansiedade e o suspense do presente — e mantive-me fiel à minha decisão até o final. Fiz um intervalo no meio do dia, quando a condição de meu paciente estava melhor, para o descanso de que precisava. Nas 24 horas seguintes, enquanto sua vida corria perigo, nunca deixei sua cabeceira. Perto do entardecer, como é usual nesses casos, veio o delírio que acompanha a febre. Durou mais ou menos a noite toda, e depois arrefeceu, naquele momento terrível da madrugada (das duas às cinco) quando as energias vitais até mesmo dos mais saudáveis entre nós estão mais reduzidas. É nessa hora que a Morte colhe o maior número de vítimas. Foi então que a Morte e eu lutamos, junto à cama, para ver quem levaria o homem deitado nela. Jamais hesitei em prosseguir o tratamento no qual havia apostado tudo. Quando o vinho falhou, tentei brandy. Quando os outros estimulantes pararam de surtir efeito, dobrei a dose. Depois de um intervalo de suspense, do tipo que rezo a Deus para nunca mais sentir, chegou um dia em que a rapidez do pulso diminuiu ligeira mas perceptivelmente; e, o que é ainda melhor, houve também uma mudança na intensidade, uma mudança inequívoca para maior estabilidade e força. Então eu soube que o havia salvo; e confesso que então desabei. Coloquei a mão exausta do pobre homem de volta sobre a cama e desatei a chorar. Alívio histérico, Sr. Blake, nada mais! A fisiologia diz, e com razão, que alguns homens nascem com uma constituição feminina, e eu sou um deles!

Ele deu essa amarga desculpa profissional por suas lágrimas numa voz suave e sem afetação, da mesma maneira que havia falado o tempo todo. Seu tom e seus modos, do início ao fim, mostravam que ele estava especialmente, de maneira quase mórbida, ansioso para que eu não o considerasse digno de interesse.

— O senhor pode muito bem perguntar por que o aborreci com todos esses detalhes? — continuou ele. — É a única maneira que vejo de apresentar-lhe o que tenho a dizer em seguida, Sr. Blake. Agora que sabe exatamente qual era minha posição na ocasião da doença do Sr. Candy, o senhor entenderá melhor a grande necessidade que eu tinha de aliviar o peso em minha mente dando-lhe, de vez em quando, algum tipo de alívio. Já há alguns anos tenho tido a presunção de ocupar meu tempo de lazer escrevendo um livro destinado aos membros da minha profissão, um livro sobre o intrincado e delicado assunto do cérebro e do sistema nervoso. Meu trabalho provavelmente nunca será terminado, e certamente nunca será publicado. Nem por isso deixou de ser um amigo de muitas horas solitárias, e me ajudou a fazer passar os momentos ansiosos, momentos de espera e nada mais, à cabeceira do Sr. Candy. Eu lhe disse que ele estava delirante, acho? E mencionei o momento em que esse delírio começou?

— Sim.

— Pois bem, naquele momento eu havia chegado a uma parte de meu livro que falava justamente sobre essa questão do delírio. Não vou sequer começar a incomodá-lo com minha teoria sobre o assunto; me limitarei a lhe dizer apenas aquilo que é do seu interesse saber. Muitas vezes, durante o exercício da medicina, ocorreu-me a questão de saber se seria justificado deduzir, nos casos de delírio, que a perda da faculdade de falar com coerência implica também, necessariamente, a perda da faculdade de pensar com coerência. A doença do pobre Sr. Candy deu-me a

oportunidade de testar essa questão. Conheço a arte da taquigrafia, e fui capaz de anotar os devaneios do paciente exatamente como ele os pronunciava. Está vendo, Sr. Blake, aonde quero chegar?

Eu via com clareza, e esperei com uma antecipação contida para ouvir o resto.

— Nos meus momentos livres — continuou Ezra Jennings —, reproduzi minhas anotações taquigráficas sob a forma escrita normal, deixando grandes espaços entre as expressões quebradas, e deixando até mesmo as palavras soltas ali onde haviam saído da boca do Sr. Candy, de forma desconexa. Então tratei os resultados obtidos da mesma forma que se usaria para resolver um quebra-cabeça infantil. No começo tudo não passa de confusão, mas, se encontrarmos a maneira certa, tudo pode ser colocado em ordem. Agindo assim, preenchi cada espaço em branco no papel com o que as palavras de ambos os lados sugeriam ser aquilo que o locutor desejava dizer. O resultado foi que, dessa maneira, não apenas ocupei muitas horas ansiosas e vazias, mas também cheguei a algo que era (que me parecia ser) uma confirmação da teoria que eu havia montado. Em outras palavras, depois de juntar as frases quebradas, descobri que a faculdade superior do raciocínio permanecia funcionando, de maneira mais ou menos conexa, na mente de meu paciente, enquanto a faculdade inferior da expressão estava em estado de quase total incapacidade e confusão.

— Uma palavra! — interrompi com impaciência. — Meu nome apareceu em algum desses devaneios?

— Já vai saber, Sr. Blake. Dentre as provas escritas da afirmação que acabo de fazer, ou deveria eu dizer, dentre os experimentos escritos que tinham tendência a provar e confirmar minha hipótese, há um no qual seu nome aparece. Durante quase uma noite inteira, a mente do Sr. Candy esteve ocupada com alguma coisa entre ele próprio e o senhor. Tenho

as palavras quebradas, conforme saíram de sua boca, anotadas em uma folha de papel. E tenho os elos que eu próprio descobri, que conectam essas palavras, anotados em outra folha de papel. O resultado, como diriam os aritméticos, é um discurso inteligível, primeiro, de algo que realmente aconteceu no passado, e segundo, de algo que o Sr. Candy pretendia fazer no futuro, se sua doença não o houvesse interrompido e impedido. A questão é se isso representa, ou não, a lembrança perdida que ele tentou em vão recuperar quando o senhor o visitou esta manhã?

— Não há dúvida! — respondi. — Vamos voltar imediatamente, e olhar os papéis.

— Impossível, Sr. Blake.

— Por quê?

— Coloque-se por um instante na minha posição — disse Ezra Jennings. — O senhor revelaria, a outra pessoa, aquilo que tivesse saído, inconscientemente, da boca de um paciente delirante e amigo indefeso, sem antes saber se havia uma necessidade para justificar que abrisse a boca?

Senti que não havia resposta para isso, mas mesmo assim tentei convencê-lo.

— Minha conduta, num caso delicado como o que o senhor descreve — retruquei —, dependeria em grande parte do conhecimento da revelação, ou seja, se ela é ou não de natureza comprometedor para meu amigo.

— Há muito tempo descartei a necessidade de considerar esse lado da questão — disse Ezra Jennings. — Quando minhas anotações incluíam o que quer que fosse que o Sr. Candy teria desejado manter em segredo, estas anotações foram destruídas. Agora, meus manuscritos experimentais à cabeceira de meu amigo nada incluem que ele teria hesitado em comunicar a outras pessoas, se houvesse recuperado a memória. No seu caso, tenho todas as razões para supor que

minhas anotações contêm algo que ele realmente queria lhe dizer...

— E, ainda assim, o senhor hesita?

— E, ainda assim, hesito. Lembre-se das circunstâncias nas quais obtive a informação que possuo! Por mais inofensiva que seja, não posso me convencer a revelá-la ao senhor, a não ser que antes me convença de que há um motivo para que eu o faça. Ele estava tão horripelantemente doente, Sr. Blake! Dependia tão inteiramente de mim! Seria muito pedir-lhe apenas que me dê uma pista de qual é seu interesse na lembrança perdida, ou daquilo que o senhor acredita ser a lembrança perdida?

Para responder-lhe com a franqueza que tanto sua linguagem quanto seus modos exigiam de mim, eu teria que estar disposto a admitir abertamente que eu era suspeito do roubo do Diamante. Por mais que Ezra Jennings houvesse imensamente intensificado o interesse que eu sentia por ele, não havia superado minha inabalável relutância a revelar a posição degradante na qual eu me encontrava. Refugiei-me mais uma vez nas expressões explicativas com as quais havia me preparado para responder à curiosidade de estranhos.

Desta vez, eu não tinha razão para reclamar da falta de atenção da parte da pessoa à qual estava me dirigindo. Ezra Jennings ouviu pacientemente, até mesmo com ansiedade, até que eu houvesse terminado.

— Sinto muito ter aumentado suas esperanças, Sr. Blake, apenas para desapontá-las — disse ele. — Durante todo o período da doença do Sr. Candy, do início ao fim, nenhuma palavra sobre o Diamante saiu de sua boca. Posso assegurar-lhe que o assunto com o qual eu o ouvi associar seu nome não tem nenhuma relação com a perda da joia da Srta. Verinder.

Quando ele disse essas palavras, chegamos a um lugar onde a estrada na qual estávamos andando se bifurcava. Uma levava à casa do Sr. Ablewhite, e a outra levava a um vilarejo

no meio de uma charneca a cerca de duas ou três milhas dali. Ezra Jennings parou na estrada que levava ao vilarejo.

— Meu caminho é por aqui — disse ele. — Eu realmente sinto muito, Sr. Blake, por não poder ajudá-lo.

Sua voz me disse que ele estava sendo sincero. Seus suaves olhos castanhos pousaram-se em mim por um instante com uma expressão de interesse melancólico. Ele fez uma reverência e, sem mais uma palavra, se foi a caminho do vilarejo.

Durante mais de um minuto, fiquei parado olhando para ele, que se afastava cada vez mais de mim, levando para cada vez mais longe o que eu agora acreditava com certeza ser a pista que estava procurando. Depois de andar um pouco, ele se virou e olhou para trás. Ao me ver parado no lugar onde havíamos nos despedido, parou, como se perguntando se eu não queria lhe falar mais alguma coisa. Não havia tempo para que eu refletisse sobre minha própria situação — para lembrar a mim mesmo que estava perdendo minha oportunidade, no que poderia ser o ponto decisivo da minha vida, e tudo em nome de nada mais importante do que a minha autoestima! Havia tempo apenas para chamá-lo primeiro, e pensar depois. Chamei-o de volta — e então disse para mim mesmo Agora não há como evitar. Vou ter que contar-lhe a verdade!

Ele deu meia-volta imediatamente. Avancei pela estrada para encontrá-lo.

— Sr. Jennings — disse eu —, não fui muito sincero com o senhor. Meu interesse em recuperar a lembrança perdida do Sr. Candy não é recuperar a Pedra da Lua. Um assunto pessoal sério encontra-se na origem de minha visita a Yorkshire, Tenho uma única desculpa para não ter sido franco com o senhor a esse respeito. É mais doloroso para mim do que posso exprimir revelar a qualquer pessoa qual é realmente a minha situação.

Ezra Jennings olhou para mim com a primeira demonstração de constrangimento que eu havia visto em seu rosto até então.

— Sr. Blake, eu não tenho o direito nem o desejo — disse ele — de me intrometer em seus assuntos pessoais. Permita-me que lhe peça perdão, por minha vez, por ter (de forma inocente) lhe feito passar por uma prova dolorosa.

— O senhor tem todo o direito — respondi — de decidir os critérios que justificariam que revelasse o que ouviu à cabeceira do Sr. Candy. Entendo, e respeito, a delicadeza que o motiva quanto a isso. Como posso esperar que o senhor confie em mim, se eu lhe negar minha confiança? O senhor deve, e vai saber, por que estou interessado em descobrir o que o Sr. Candy queria me dizer. Se ficar provado que minhas esperanças são injustificadas, e se o senhor se revelar incapaz de me ajudar uma vez ciente do que realmente quero, confio em sua honra para guardar meu segredo, e algo me diz que não confiarei em vão.

— Pare, Sr. Blake. Tenho uma palavra a dizer que deve ser dita antes que o senhor prossiga.

Olhei para ele com espanto. Alguma emoção terrível parecia tê-lo dominado e abalado profundamente. Sua compleição cigana alterou-se para uma palidez cinzenta e lívida; seus olhos tornaram-se subitamente ferozes e brilhantes; sua voz estava reduzida a um tom — baixo, severo, decidido — que eu então escutava pela primeira vez. Os recursos latentes que aquele homem possuía, para o bem ou para o mal — era difícil, naquele momento, saber qual dos dois — vieram à tona e mostraram-se a mim com a rapidez de um raio de luz.

— Antes que deposite qualquer confiança em mim — continuou ele o senhor deveria saber, e deve saber, em que circunstâncias fui recebido na casa do Sr. Candy. Não vai demorar muito. Não pretendo, senhor, contar minha história

(como se costuma dizer) a ninguém. Minha história morrerá comigo. Tudo o que peço é que permita que lhe conte o que contei ao Sr. Candy. Se ainda estiver disposto, depois de me escutar, a dizer o que pretendia dizer, terá toda minha atenção, e estarei ao seu dispor. Andemos?

A tristeza contida em seu rosto me fez calar. Respondi sua pergunta com um sinal. Andamos.

Depois de avançar um pouco, Ezra Jennings parou junto a uma brecha no muro de pedra rugoso que, naquele trecho, separava a charneca da estrada.

— Importa-se de descansar um pouco, Sr. Blake? — perguntou ele. — Não sou mais como era antes, e algumas coisas me perturbam.

É claro que concordei. Ele nos guiou através da brecha até um pequeno gramado em meio aos muitos arbustos, de onde se tinha, do outro lado, uma vista grandiosa e desolada da vasta paisagem marrom da charneca. As nuvens haviam se juntado na última meia hora. A luz estava fraca; a visibilidade reduzida. O belo rosto da natureza nos encarava, suave, quieto e sem cor — encarava-nos sem sorrir.

Sentamo-nos em silêncio. Ezra Jennings pôs de lado seu chapéu e passou a mão na testa, e por seus extraordinários cabelos brancos e pretos, dando mostras de cansaço. Jogou fora seu pequeno buquê de flores selvagens, como se as lembranças que despertava agora o machucassem.

— Sr. Blake! — disse subitamente. — O senhor está em má companhia. A nuvem de uma terrível acusação paira sobre mim há anos. Digo-lhe logo o pior. Sou um homem cuja vida é uma ruína, e cujo caráter se perdeu.

Tentei falar. Ele me impediu.

— Não. — disse. — Perdoe-me; ainda não. Não se comprometa com expressões de simpatia que talvez depois queira retirar. Mencionei uma acusação que paira sobre mim há anos. Há circunstâncias relacionadas com ela que depõem

contra mim. Não sou capaz de admitir qual é essa acusação. E sou incapaz, perfeitamente incapaz, de provar minha inocência. Posso apenas afirmar minha inocência. E a afirmo, senhor, com a minha palavra de Cristão. É inútil recorrer a minha honra como homem.

Fez outra pausa. Olhei para seu rosto. Ele não olhou para mim de volta. Toda sua pessoa parecia estar absorvida na agonia de se lembrar, e no esforço de falar.

— Há muitas coisas que eu poderia dizer — continuou ele — sobre o tratamento impiedoso que minha própria família me dispensou, e sobre a impiedosa inimizade da qual fui vítima. Mas o mal está feito; o erro já não tem remédio. Não quero cansá-lo nem causar-lhe desconforto, senhor, se puder evitar. No início de minha carreira nessa região, a infâmia vil à qual me referi abateu-se sobre mim de uma vez por todas. Abri mão de minhas aspirações na profissão: o anonimato era minha última esperança. Separei-me da mulher que amava: como poderia condená-la a compartilhar da minha desgraça? Apareceu uma vaga de assistente médico em um canto remoto da Inglaterra. Obtive a vaga. Ela me prometia paz; prometia-me anonimato, pensava eu. Estava errado. As más notícias, com a ajuda do tempo e da sorte, viajam pacientemente, e vão longe. A acusação da qual eu havia fugido me seguiu. Fui avisado de sua aproximação. Com as cartas de reconhecimento que havia obtido, pude abandonar meu emprego. Conseguiram-me outra vaga em outro lugar remoto. O tempo passou mais uma vez; e novamente a infâmia que representava a morte de meu caráter me encontrou. Dessa vez não fui avisado. Meu patrão disse: Sr. Jennings, não tenho reclamações a seu respeito, mas o senhor deve se redimir, ou me deixar. Eu só tinha uma escolha — deixei-o. É inútil contar o que sofri depois disso. Hoje tenho apenas quarenta anos de idade. Olhe para meu rosto, e deixe que ele lhe conte a história de anos miseráveis. Tudo terminou com minha vinda para cá, e com meu encontro com o Sr. Candy. Ele queria um

assistente. Em relação a minha competência, dei-lhe a referência de meu último emprego. Restava a questão do caráter. Eu disse a ele o que disse ao senhor, e mais. Alertei-o de que haveria dificuldades mesmo se ele acreditasse em mim. Aqui, como em outros lugares, disse eu, recuso a fuga culpada de viver com outro nome: não estou mais seguro da nuvem que me segue em Frizinghall do que em outros lugares, não importa onde vá. Ele respondeu: Não faço as coisas pela metade — eu acredito e tenho pena do senhor. Se o senhor quiser se arriscar, eu também me arriscarei. Deus Todo-Poderoso o abençoe! Ele me deu abrigo, me deu um emprego, me deu paz de espírito, e tenho certeza (já faz alguns meses) que nada acontecerá para fazê-lo se arrepender.

— A infâmia se calou?

— A infâmia está ativa como nunca. Mas, mesmo que me siga até aqui, chegará tarde demais.

— O senhor terá ido embora?

— Não, Sr. Blake: estarei morto. Durante os últimos dez anos, venho sofrendo de um mal incurável. Não vou lhe esconder que deveria ter deixado que sua agonia me matasse há muito tempo, não fosse por um último interesse nessa vida que, penso, ainda confere alguma importância à minha existência. Quero garantir o futuro de uma pessoa muito querida para mim, que nunca mais verei. Meu pequeno patrimônio não é suficiente para que ela seja independente. A esperança de, se eu viver tempo o bastante, poder aumentá-lo mais um pouco levou-me a lutar contra a doença com todos os paliativos de que podia dispor. O único paliativo eficiente no meu caso é... ópio. A essa droga potente e misericordiosa devo muitos anos de prorrogação da minha sentença de morte. Mas mesmo as virtudes do ópio têm seus limites. O progresso da doença forçou-me gradualmente a passar do uso do ópio para o abuso dele. Finalmente estou sentindo as consequências. Meu sistema nervoso está em frangalhos; minhas noites são de

horror. O fim não está longe agora. Que venha: não vivi e trabalhei em vão. O pequeno patrimônio está quase completo, e tenho meios de completá-lo se minhas últimas reservas de vida me escaparem mais cedo do que o esperado. Mas sei por que lhe contei tudo isso. Não creio ser mesquinho o bastante para apelar para sua piedade. Talvez eu ache que o senhor acreditará em mim com mais facilidade se tiver a certeza de que sou um homem à beira da morte. Sr. Blake, não há como negar que o senhor me interessa. Tentei fazer com que a perda de memória de meu pobre amigo fosse uma maneira de conhecê-lo melhor. Apostei na chance de o senhor sentir uma curiosidade passageira sobre o que ele queria dizer, e de eu ser capaz de satisfazê-la. Haveria alguma desculpa para que eu me impusesse assim em sua vida? Talvez haja alguma desculpa. Um homem que viveu como eu vivi tem momentos de amargura quando pensa sobre o destino humano. O senhor tem juventude, saúde, dinheiro, um lugar no mundo, um futuro diante de si. O senhor, e outros como o senhor, me mostram o lado ensolarado da vida, e me reconciliam com o mundo que estou deixando, antes que eu o faça. Como quer que essa conversa entre nós termine, não esquecerei que o senhor me fez essa gentileza. Cabe ao senhor dizer o que pretendia dizer, ou me desejar bom-dia.

Eu só tinha uma resposta para isso. Sem hesitar um só instante, contei-lhe a verdade sem nenhuma reserva, como fiz nestas páginas.

Ele ficou de pé e olhou para mim com uma antecipação contida quando fui me aproximando do principal incidente de minha história.

— É certo que entrei no quarto — disse eu —; é certo que peguei o Diamante. Só posso retrucar a esses dois fatos declarando que, o que quer que tenha feito, o fiz sem saber...

Ezra Jennings me tomou pelo braço com animação.

— Pare! — disse ele. — O senhor já me deu mais indicações do que supõe. Alguma vez teve o costume de usar ópio?

— Nunca provei ópio na vida.

— Nessa mesma época no ano passado, seus nervos estavam perturbados? O senhor estava excepcionalmente inquieto e irritadiço?

— Sim.

— Dormia mal?

— Pessimamente. Em muitas noites sequer dormia.

— A noite do aniversário foi uma exceção? Tente se lembrar. O senhor dormiu bem naquela ocasião?

— Eu me lembro! Dormi profundamente.

Ele largou meu braço tão subitamente quanto o havia agarrado — e me olhou com o ar de um homem de cuja mente as últimas dúvidas haviam se dissipado.

— Este é um dia especial na sua vida e na minha — disse ele com gravidade. — Sr. Blake, tenho certeza absoluta de uma coisa: em meio às anotações que fiz à cabeceira de meu paciente, tenho aquilo que o Sr. Candy queria lhe dizer esta manhã. Espere! Isso não é tudo. Tenho certeza absoluta de poder provar que o senhor estava inconsciente do que fazia quando entrou no quarto e pegou o Diamante. Dê-me tempo para pensar, e tempo para lhe fazer algumas perguntas. Acredito que a prova de sua inocência esteja em minhas mãos!

— Explique-se, pelo amor de Deus! O que quer dizer?

Na excitação de nossa conversa, havíamos dado alguns passos além do grupo de árvores anãs que até então nos havia protegido da vista dos outros. Antes que Ezra Jennings pudesse me responder, foi chamado da estrada por um homem muito agitado, que obviamente o estava procurando.

— Estou indo — gritou ele de volta. — Vou o mais rápido que puder! — Ele se virou para mim. — Há um caso urgente à

minha espera naquele vilarejo; eu deveria estar lá meia hora atrás; devo ir imediatamente. Dê-me duas horas a contar de agora, e volte à casa do Sr. Candy; garanto que estarei pronto para o senhor.

— Como vou esperar? — exclamei com impaciência. — Antes de nos separarmos, o senhor não pode acalmar meu espírito com uma palavra de explicação?

— Este é um assunto por demais sério para ser explicado com pressa, Sr. Blake. Não é de propósito que ponho à prova sua paciência: eu só faria aumentar sua expectativa se tentasse aliviá-la agora. Em Frizinghall, dentro de duas horas, senhor!

O homem na estrada gritou por ele novamente. Ele se apressou e me deixou.

CAPÍTULO 10

Não posso tentar descrever como outros homens em minha posição teriam sido afetados pelo intervalo de expectativa ao qual eu estava condenado. A influência daquela provação de duas horas sobre o meu temperamento foi simplesmente a seguinte: senti-me fisicamente incapaz de ficar quieto em um só lugar, e moralmente incapaz de falar com qualquer ser humano, antes de primeiro ouvir o que Ezra Jennings tinha a me dizer.

Nesse estado de espírito, não apenas abandonei a visita que pretendia fazer à Sra. Ablewhite — também evitei encontrar o próprio Gabriel Betteredge.

Ao voltar a Frizinghall, deixei um recado para Betteredge dizendo-lhe que havia sido repentinamente chamado para me ausentar por algumas horas, mas que ele podia ter certeza de que eu retomaria por volta das três horas da tarde. Enquanto isso, eu lhe pedia que mandasse servir seu jantar na hora habitual, e que se distraísse como desejasse. Eu sabia que ele tinha muitos amigos em Frizinghall, e não teria problemas para preencher seu tempo até que eu retomasse ao hotel.

Isso feito, saí novamente da cidade aos trancos e barrancos, e vaguei pela paisagem solitária das charnecas ao redor de Frizinghall até que meu relógio me avisasse que estava na hora de voltar à casa do Sr. Candy.

Encontrei Ezra Jennings pronto e à minha espera.

Estava sentado sozinho em um pequeno cômodo vazio que se comunicava, através de uma porta de vidro, com um consultório. Diagramas revoltantes dos estragos de doenças revoltantes decoravam as paredes rústicas e desbotadas. Uma estante cheia de livros médicos encardidos, e decorada com uma caveira no topo, substituía o busto habitual; uma grande mesa com numerosas manchas de tinta; cadeiras de madeira

do tipo que se vê em cozinhas e chalés; um tapete surrado no meio do chão; uma pia, com uma cuba e um cano de escoamento exposto na parede, sugerindo de maneira horrível sua conexão com operações médicas — constituíam todo o mobiliário do cômodo. Abelhas zuniam em torno de algumas flores em vasos do lado de fora da janela; os pássaros cantavam no jardim, e o som débil e intermitente de um piano desafinado em alguma casa vizinha se intrometia de quando em quando em nossos ouvidos. Em qualquer outro lugar, esses sons cotidianos teriam sido uma lembrança agradável do mundo normal lá fora. Ali, pareciam intrometer-se em um silêncio que nada além do sofrimento humano podia ter o privilégio de perturbar. Olhei para a caixa de instrumentos cirúrgicos de mogno e para o enorme rolo de gaze, que tinham seu próprio lugar na estante, e senti um arrepio ao pensar nos sons que seriam familiares e apropriados para o cotidiano de Ezra Jennings.

— Não vou pedir desculpas pelo lugar em que o recebo, Sr. Blake — disse ele. — É o único cômodo da casa onde posso ter certeza de não ser incomodado a essa hora do dia. Aqui estão meus papéis, prontos para o senhor; e aqui estão dois livros que teremos oportunidade de consultar antes de terminarmos. Traga sua cadeira até a mesa, e poderemos consultá-los juntos.

Aproximei-me da mesa, e Ezra Jennings me estendeu suas anotações. Consistiam em duas grandes folhas de papel dobradas em dois. Uma das páginas exibia uma caligrafia que só preenchia alguns espaços. O outro exibia uma caligrafia em tinta vermelha e preta que preenchia a página inteira de cima a baixo. No estado de curiosidade em que me encontrava, deixei de lado a segunda folha de papel, desesperado.

— Tenha piedade de mim! — disse eu. — Diga-me o que devo esperar antes que tente ler isso.

— De bom grado, Sr. Blake! O senhor se importa que eu lhe faça mais uma ou duas perguntas?

— Pergunte-me o que quiser!

Ele me olhou com aquele sorriso triste nos lábios, e aquela expressão de interesse gentil em seus suaves olhos castanhos.

— O senhor já me contou — disse ele — que nunca, até onde sabe, provou ópio em sua vida.

— Até onde sei — repeti.

— O senhor já vai entender por que falo com tanta reserva. Continuemos. O senhor não se lembra de alguma vez ter tomado ópio. Nesta mesma época no ano passado, sofria de irritação nervosa, e dormia pessimamente à noite. Na noite do aniversário, no entanto, houve uma exceção à regra: o senhor dormiu profundamente. Estou certo, até agora?

— Certíssimo.

— O senhor pode atribuir algum motivo para seu nervosismo e para sua falta de sono?

— Não vejo motivo. Lembro que o velho Betteredge deu um palpite quanto ao motivo. Mas nem vale a pena mencioná-lo.

— Perdoe-me. Vale a pena mencionar qualquer coisa num caso como esse. Betteredge atribuiu sua insônia a alguma coisa. A quê?

— A eu ter deixado de fumar.

— O senhor tinha o hábito de fumar?

— Sim.

— Deixou o hábito repentinamente?

— Sim.

— Betteredge tinha toda razão, Sr. Blake. Quando fumar é um hábito, nenhum homem normalmente constituído é capaz de deixá-lo subitamente sem estragos temporários em seu sistema nervoso. Suas noites insones estão explicadas, a meu ver. Minha pergunta seguinte refere-se ao Sr. Candy. O senhor

se lembra de ter tido alguma espécie de discussão com ele, durante ou depois do jantar de aniversário, sobre sua profissão?

A pergunta despertou instantaneamente minhas lembranças adormecidas relacionadas à festa de aniversário. A discussão boba que aconteceu, naquela ocasião, entre o Sr. Candy e eu poderá ser encontrada, descrita com muito mais detalhes do que merece, no décimo capítulo da narrativa de Betteredge. Eu não me lembrava em absoluto dos detalhes da discussão ali expostos — de tão pouco que pensei no assunto depois. Tudo o que podia me lembrar, e tudo o que podia contar a Ezra Jennings, era que eu havia atacado a arte da medicina à mesa do jantar com rispidez e pertinência suficientes para conseguir fazer até mesmo o Sr. Candy perder momentaneamente a paciência. Também lembrei que Lady Verinder havia interferido para pôr fim à discussão, e que, antes de nos desejarmos boa-noite, o médico e eu havíamos feito as pazes, como dizem as crianças, e voltado a ser bons amigos como sempre.

— Há mais uma coisa — disse Ezra Jennings — que é importante que eu saiba. O senhor tinha algum motivo para estar particularmente preocupado com o Diamante nesta mesma época no ano passado?

— Eu tinha as mais fortes razões para estar preocupado com o Diamante. Eu sabia que ele estava envolvido em uma conspiração; e fui avisado para tomar providências no sentido de proteger a Srta. Verinder, como proprietária da pedra.

— A segurança do Diamante chegou a ser o assunto de alguma conversa entre o senhor e outra pessoa, imediatamente depois de ter se recolhido para o seu quarto na noite do aniversário?

— Foi assunto de uma conversa entre Lady Verinder e sua filha...

— Que aconteceu de modo que o senhor pudesse ouvir?

— Sim.

Ezra Jennings pegou suas anotações sobre a mesa, e colocou-as em minhas mãos.

— Sr. Blake — disse ele —, se o senhor ler estas anotações agora, à luz de minhas perguntas e de suas respostas, fará duas descobertas extraordinárias a seu respeito. Descobrirá, em primeiro lugar, que entrou na sala de estar da Srta. Verinder e pegou o Diamante em um estado de transe produzido pelo ópio. Em segundo lugar, que o ópio lhe foi dado pelo Sr. Candy, sem que o senhor soubesse, como uma prova prática contrária à opinião que o senhor havia manifestado a ele durante o jantar de aniversário.

Fiquei sentado, com os papéis nas mãos, completamente estupefato.

— Tente perdoar o pobre Sr. Candy — disse o assistente com gentileza. — Ele causou um mal tremendo, admito; mas o fez inocentemente. Se ler estas anotações, o senhor verá que, não fosse por sua doença, ele teria voltado à casa de Lady Verinder na manhã seguinte à festa, e teria confessado a peça que lhe pregou. A Srta. Verinder teria ficado sabendo, e o teria interrogado; e a verdade, que permaneceu escondida durante um ano, teria sido descoberta em um dia.

Comecei a recuperar o controle sobre mim mesmo.

— O Sr. Candy está além do alcance de meu ressentimento — disse eu com raiva. — Mas nem por isso a peça que ele me pregou deixa de ser um ato de traição. Posso perdoar, mas não vou me esquecer disso.

— Todo médico comete esse ato de traição, Sr. Blake, no decorrer do exercício da medicina. A desconfiança ignorante com relação ao ópio (na Inglaterra) não é de jeito algum um privilégio das classes mais baixas e menos instruídas. Todo médico com um consultório grande vê-se obrigado a enganar seus pacientes de quando em quando, como o Sr. Candy o enganou. Não defendo a loucura de lhe pregar uma peça

naquelas circunstâncias. Apenas lhe peço que considere os motivos com mais precisão e mais clemência.

— Como ele procedeu? — perguntei. — Quem me deu o láudano sem que eu soubesse?

— Não sou capaz de lhe dizer. Nada a respeito dessa parte saiu da boca do Sr. Candy durante todo o tempo que durou sua doença. Talvez sua própria memória possa lhe dizer de quem suspeitar? — Não.

— Nesse caso, é inútil insistir. O láudano lhe foi dado em segredo de algum modo. Vamos nos ater a isso, e seguir em frente para assuntos de importância mais imediata. Leia minhas anotações, se puder. Familiarize-se com o que aconteceu no passado. Tenho algo muito ousado e muito surpreendente a lhe propor, relacionado ao futuro.

Essas últimas palavras despertaram minha atenção.

Olhei os papéis na ordem em que Ezra Jennings os havia colocado em minhas mãos. O papel que estava em cima era o que tinha menos coisas escritas. Nele, as palavras desconexas e os fragmentos de frases que haviam saído da boca do Sr. Candy durante seu delírio apareciam como se segue:

*...Sr. Franklin Blake ...e agradável ...uma lição
...medicina ... confessa ...dormir à noite ...lhe digo
...perturbados ...remédio ...ele me diz ... e tatear no
escuro querem dizer a mesma coisa ...todos os
convivas sentados à mesa ...eu digo ...buscando o sono
...nada a não ser um remédio ...ele diz ...guiando
cegos... sei o que significa ...espirituoso ...uma noite
de descanso apesar de sua língua ...quer dormir
...armário de remédios de Lady Verinder ...25 gotas
...sem que ele saiba ...amanhã de manhã ...Então, Sr.
Blake ...remédio hoje ...nunca ...sem isso ...fora, Sr.
Candy ...excelente... sem isso ...surpreendê-lo
...verdade ...algo além ...excelente ...dose de láudano,
senhor ...cama ...o que ...medicina agora.*

Ali terminava uma das duas folhas de papel. Devolvi-a a Ezra Jennings.

— Foi isso que o senhor ouviu à cabeceira do Sr. Candy? — disse eu.

— Literalmente e exatamente o que ouvi — respondeu ele. — Exceto que as repetições presentes em minhas anotações de taquigrafia não foram reproduzidas. Ele repetia algumas palavras e expressões uma dúzia de vezes, cinquenta vezes, conforme considerasse a ideia que representavam. mais ou menos importante. Nesse sentido, as repetições me ajudaram a juntar esses fragmentos. Não pense — acrescentou ele, apontando para a segunda folha de papel — que eu ache que reproduzi as expressões que o próprio Sr. Candy teria usado se fosse capaz de falar corretamente. Digo apenas que superei o obstáculo de sua expressão desconexa, e cheguei ao pensamento conexo que estava todo o tempo sob ela. Julgue por si mesmo.

Voltei-me para a segunda folha de papel, que eu sabia agora ser a chave para a primeira.

Mais uma vez, as divagações do Sr. Candy estavam escritas em tinta preta; os intervalos entre as expressões haviam sido preenchidos por Ezra Jennings em tinta vermelha. Reproduzo aqui o resultado, de maneira simples, uma vez que a linguagem original e a interpretação que dela deriva estão próximas o suficiente nestas páginas para uma comparação e verificação fáceis.

...O Sr. Franklin Blake é inteligente e agradável, mas merece uma lição quando fala sobre medicina. Ele confessa que vem tendo dificuldades para dormir à noite. Eu lhe digo que seus nervos estão perturbados, e que ele deveria tomar algum remédio. Ele me diz que tomar remédios e tatear no escuro querem dizer a mesma coisa. Isso diante de todos os convivas sentados à mesa. Eu digo a ele, o senhor está buscando o sono, e nada a não ser um remédio

pode ajudá-lo a encontrar o sono. Ele diz, já ouvi falar em cegos guiando cegos, e agora sei o que significa. Espirituoso, mas eu posso lhe dar uma noite de descanso apesar de sua língua. Ele realmente quer dormir, e o armário de remédios de Lady Verinder está à minha disposição. Vamos lhe dar 25 gotas de láudano esta noite, sem que ele saiba, e depois fazer uma visita amanhã de manhã. Então, Sr. Blake, quer tomar um remédio hoje? Nunca vai dormir sem isso. O senhor está por fora, Sr. Candy: tive uma excelente noite de sono sem isso. E então surpreendê-lo com a verdade!

O senhor teve algo além de uma excelente noite de descanso; tomou uma dose de láudano, senhor, antes de ir para a cama. O que diz da arte da medicina agora?

Naturalmente, a primeira impressão que tive foi admiração diante da engenhosidade que havia feito do novo emaranhado aquela textura lisa e bem acabada. Ele interrompeu com modéstia as primeiras palavras nas quais expressei minha surpresa, perguntando-me se a conclusão que havia tirado de suas anotações era também a conclusão à qual eu próprio havia chegado.

— O senhor acredita, como eu — disse ele que estava agindo sob a influência do láudano quando fez tudo o que fez na noite do aniversário da Srta. Verinder, na casa de Lady Verinder?

— Sou por demais ignorante da influência do láudano para ter uma opinião própria — respondi. — Posso apenas seguir sua opinião, e convencer-me de que está certo.

— Muito bem. A próxima pergunta é a seguinte. O senhor está convencido, e eu estou convencido; como levaremos nossa convicção às outras pessoas?

Apontei para os dois manuscritos sobre a mesa diante de nós. Ezra Jennings balançou a cabeça.

— Inútil, Sr. Blake! Totalmente inútil, da maneira que estão, por três motivos inquestionáveis. Em primeiro lugar,

essas anotações foram feitas em circunstâncias que escapam inteiramente da experiência da maioria da humanidade. Vão contra ela, para começar! Em segundo lugar, essas anotações constituem uma teoria médica e metafísica. Contra a maioria, mais uma vez! Em terceiro lugar, essas notas são de minha lavra; não há nada, a não ser a minha garantia do contrário, para provar que não são fabricadas. Lembre-se do que lhe contei na charneca, e pergunte-se o que vale minha garantia. Não! Minhas anotações só têm um valor diante do veredicto do mundo lá fora. Sua inocência deve ser provada, e elas mostram como isso pode ser feito. Devemos pôr sua condenação à prova, e é o senhor quem vai fazê-lo!

— Como? — perguntei.

Ele se inclinou na minha direção por cima da mesa que nos separava, com animação.

— O senhor está disposto a tentar uma experiência ousada?

— Farei qualquer coisa para me livrar da suspeita que paira sobre mim agora.

— O senhor se submeterá a certa inconveniência pessoal durante algum tempo?

— Qualquer inconveniência, não importa o que seja.

— Vai se deixar guiar cegamente por meu conselho? Isso pode expô-lo ao ridículo diante dos tolos; pode expô-lo a reprimendas da parte de amigos cuja opinião o senhor respeita...

— Diga-me o que fazer! — explodi, impaciente. — E, haja o que houver, eu o farei.

— O senhor fará o seguinte. Sr. Blake — ele respondeu. — Roubará o Diamante, inconscientemente, pela segunda vez, na presença de testemunhas de cuja palavra não se pode duvidar!

Pus-me de pé num rompante. Tentei falar. Só consegui olhar para ele.

— Acredito que isso pode ser feito — continuou ele. — E será feito, se o senhor me ajudar. Tente se recompor: sente-se, e ouça o que tenho a lhe dizer. O senhor retomou o hábito de fumar; pude constatá-lo com meus próprios olhos. Há quanto tempo o retomou?

— Há quase um ano.

— Fuma mais ou menos do que fumava?

— Mais.

— Deixaria o hábito novamente? De súbito, naturalmente! Como o deixou da outra vez.

Comecei a ver onde ele queria chegar.

— Vou deixá-lo, a partir de agora — respondi.

— Se isso acarretar as mesmas consequências de junho passado — disse Ezra Jennings — se o senhor sofrer de insônia como sofreu então, teremos dado nosso primeiro passo. Teremos de novo colocado o senhor em um estado parecido com o de seu nervosismo na noite do aniversário. Se em seguida pudermos recriar, ou quase recriar, as circunstâncias domésticas ao seu redor, e se pudermos novamente ocupar sua mente com as diversas questões relacionadas ao Diamante que a ocupavam então, teremos lhe recolocado tanto quanto possível na mesma posição, física e moral, na qual o ópio o encontrou no ano passado. Nesse caso, podemos razoavelmente esperar uma repetição dos resultados, em maior ou menor grau. Eis minha proposta, expressa em algumas palavras apressadas. O senhor agora verá as razões que tenho para justificá-la.

Ele se virou para um dos livros ao seu lado, e o abriu em um lugar marcado com um pequeno pedaço de papel.

— Não pense que vou entediá-lo com um sermão sobre fisiologia — disse ele. — Penso que sou capaz de provar, para o bem de nós dois, que não estou lhe pedindo para fazer essa experiência baseado em nenhuma teoria própria. Princípios aceitos e autoridades reconhecidas justificam minha opinião.

Dê-me cinco minutos de sua atenção, e me empenharei em lhe mostrar que a Ciência sanciona minha proposta, por mais fantasiosa que pareça. Em primeiro lugar, aqui está o princípio fisiológico de acordo com o qual estou agindo, afirmado por ninguém menos do que o Dr. Carpenter. Leia por si mesmo.

Ele me estendeu o pedaço de papel que marcava a página do livro. Este continha algumas linhas manuscritas, assim:

Parece haver fundamento para a crença de que toda impressão sensorial que tenha sido reconhecida pela consciência perceptiva fica registrada (por assim dizer) no cérebro, e pode ser reproduzida em algum momento subsequente, embora possa não existir consciência de sua existência na mente durante todo o período intermediário.

— Está claro, até agora?

— Perfeitamente claro.

Ele empurrou o livro aberto sobre a mesa em minha direção, e apontou para um trecho marcado a lápis.

— Agora — disse ele — leia este relato de um caso que, acredito, tem relação direta com sua própria situação e com a experiência que desejo que faça. Antes de começar, Sr. Blake, observe que estou me baseando em um dos maiores fisiologistas ingleses. O livro em suas mãos é a Fisiologia humana, do Doutor Elliotson, e o caso citado pelo doutor é relatado pelo renomado Sr. Combe.

O trecho que me foi mostrado dizia o seguinte:

O Dr. Abel me informou sobre um irlandês, porteiro de um armazém, que se esqueceu, quando sóbrio, do que havia feito enquanto estava bêbado; mas, quando bêbado, se lembrava novamente do que havia feito durante sua bebedeira anterior. Em certa ocasião, bêbado, havia perdido um embrulho de algum valor, e quando sóbrio não era capaz de explicar onde o havia deixado. Na vez seguinte em que ficou bêbado, lembrou-se de que havia

deixado o embrulho em certa casa, e, já que não havia endereço no pacote, este havia permanecido ali em segurança, e ele pôde recuperá-lo.

— Claro novamente?

— Tão claro quanto possível.

Ele colocou o pedaço de papel no lugar novamente e fechou o livro.

— Está convencido de que não falei sem um bom aval para me apoiar? — perguntou ele. — Se não ficou, só tenho que ir até aquelas estantes, e o senhor só tem que ler os trechos que lhe mostrarei.

— Estou bastante convencido, sem que precise ler nem mais uma palavra.

— Nesse caso, podemos retomar ao seu interesse pessoal neste assunto. Sou obrigado a lhe dizer que existe algo a ser dito contra a experiência. Se, este ano, conseguirmos reproduzir no seu caso exatamente as mesmas condições do ano passado, é fisiologicamente certo que chegaremos ao mesmo resultado. Mas isso é completamente impossível: não há como negar. Podemos apenas esperai nos aproximai das condições; e se não conseguirmos fazê-lo chegar o mais perto possível do que era há um ano, nossa tentativa será um fracasso. Se conseguirmos, e pessoalmente tenho esperanças de que conseguiremos, o senhor poderá repetir suas ações da noite do aniversário de modo a satisfazer qualquer pessoa sensata de que é inocente, moralmente falando, do roubo do Diamante. Acredito, Sr. Blake, ter exposto a questão de ambos os lados, da melhor maneira que fui capaz, dentro dos limites que impus a mim mesmo. Se há algo que não deixei claro para o senhor, diga-me o que é, e, se puder satisfazer sua dúvida, eu o farei.

— Entendo perfeitamente tudo o que o senhor me explicou — disse eu. — Mas confesso que estou intrigado com um ponto que o senhor ainda não esclareceu.

— Que ponto é esse?

— Não entendo o efeito do láudano sobre mim. Não entendo como descí escadas, atravessei corredores, abri e fechei as gavetas de um armário e voltei novamente para meu próprio quarto. Todos esses foram procedimentos ativos. Pensei que a influência do ópio fosse, primeiro estupificá-lo e depois fazê-lo dormir.

— Um erro comum a respeito do ópio, Sr. Blake! Neste momento, estou colocando minha inteligência (qualquer que seja) a seu serviço sob a influência de uma dose de láudano cerca de dez vezes maior do que a dose que o Sr. Candy lhe administrou. Mas não se fie em minha palavra, mesmo com relação a um assunto que faz parte de minha experiência pessoal. Eu já esperava que o senhor fizesse a objeção que acaba de fazer: e novamente me muni de um testemunho independente, que terá a devida influência na sua mente e na mente de seus amigos.

Ele me estendeu o segundo dos dois livros que tinha sobre a mesa perto de si.

— Aqui estão — disse ele — as famosas Confissões de um comedor de ópio inglês! Leve o livro com o senhor e leia. No trecho que marquei, descobrirá que, quando De Quincey fazia o que chama de uma orgia de ópio, ia para a galeria da Ópera para divertir-se com a música, ou então perambulava pelos mercados de Londres nas noites de sábado, e se dedicava a observar todos os pequenos truques e pechinchas dos pobres para conseguir o almoço de domingo. Eis a prova da capacidade de um homem se ocupar ativamente e ir de um lugar para outro sob a influência do ópio.

— Tive uma resposta — disse eu —, mas ainda não tive resposta quanto ao efeito do ópio sobre mim.

— Vou tentar lhe responder em algumas palavras — disse Ezra Jennings. — A ação do ópio compreende, na maioria dos casos, duas influências: primeiro uma influência estimulante, e depois uma influência sedativa. Sob a influência estimulante, as impressões mais recentes e vividas deixadas em sua mente, a saber, as impressões relacionadas ao Diamante, teriam propensão, no estado de nervosismo em que se encontrava, a se intensificar em seu cérebro e a ditar seu julgamento e sua vontade, exatamente como os sonhos comuns ditam seu julgamento e sua vontade. Aos poucos, sob essa influência, qualquer preocupação com a segurança do Diamante que o senhor pudesse ter sentido durante o dia teria propensão a passar do estado de dúvida para o estado de certeza, levando-o a ações práticas para preservar a joia. Com esse objetivo em vista, direcionaria seus passos para o quarto no qual entrou, e teria guiado sua mão para as gavetas do armário, até que tivesse encontrado a gaveta que continha a pedra. Na intoxicação espiritual causada pelo ópio, o senhor faria tudo isso. Mais tarde, quando a ação sedativa começasse a superar a ação estimulante, o senhor iria ficando lentamente inerte e estupidificado. Mais tarde ainda, cairia em um sono profundo. Quando o dia chegasse, e o efeito do ópio houvesse passado, o senhor acordaria tão ignorante do que havia feito durante a noite quanto se estivesse vivendo do outro lado do mundo. Até agora, deixei tudo bastante claro?

— O senhor deixou tudo tão claro — disse eu — que quero que prossiga. Mostrou-me como entrei no quarto e como peguei o Diamante. Mas a Srta. Verinder me viu sair do aposento com a joia nas mãos. O senhor é capaz de reconstituir minhas ações daí para frente? Pode adivinhar o que fiz em seguida?

— Era exatamente nesse ponto que eu queria chegar — prosseguiu ele. — Trata-se de saber se a experiência que estou propondo como uma maneira de provar a sua inocência não pode ser também um meio de recuperar o Diamante perdido.

Quando o senhor deixou a sala de estar da Srta. Verinder com a joia nas mãos, muito provavelmente voltou para o seu próprio quarto...

— Sim? E então?

— É possível, Sr. Blake (não ouse dizer mais) que sua ideia de proteger o Diamante tenha levado, numa sequência natural, à ideia de esconder o Diamante, e que o lugar onde o escondeu foi algum lugar do seu quarto. Se assim for, o caso do porteiro irlandês pode ser o seu caso. Sob a influência da segunda dose de ópio, o senhor pode se lembrar do lugar onde escondeu o Diamante sob o efeito da primeira.

Foi a minha vez de esclarecer algo para Ezra Jennings. Fiz com que parasse antes que pudesse dizer mais alguma coisa.

— O senhor está especulando — disse eu — um resultado que não poderá ocorrer nunca. O Diamante está em Londres neste momento.

Ele teve um sobressalto, e olhou para mim com grande surpresa.

— Em Londres? — repetiu. — Como foi da casa de Lady Verinder até Londres?

— Ninguém sabe.

— O senhor o tirou com suas próprias mãos da sala da Srta. Verinder. Como ele foi tirado de suas mãos?

— Não tenho ideia de como foi tirado de minhas mãos.

— O senhor o viu quando acordou de manhã?

— Não.

— A Srta. Verinder o recuperou?

— Não.

— Sr. Blake! Parece haver aí algo que precisa ser esclarecido. Posso lhe perguntar como sabe que o Diamante está em Londres neste momento?

Eu havia feito exatamente a mesma pergunta ao Sr. Bruff quando comecei minhas investigações sobre a Pedra da Lua.

Ao responder a Ezra Jennings, repeti o que eu mesmo havia escutado da própria boca do advogado — e que já é conhecido pelo leitor destas páginas.

Ele mostrou claramente que não estava satisfeito com a minha resposta.

— Com todo o respeito ao senhor — disse ele —, e com todo o respeito ao seu advogado, mantenho a opinião que acabo de expressar. Bem sei que ela repousa sobre uma mera suposição. Perdoe-me lembrar-lhe que a sua opinião também repousa sobre uma mera suposição.

A opinião dele sobre o assunto era para mim inteiramente nova. Esperei ansiosamente para ouvir como ia defendê-la.

— Eu presumo — prosseguiu Ezra Jennings — que a influência do ópio, depois de levá-lo a se apoderar do Diamante, com o intuito de garantir sua segurança, também possa tê-lo levado, agindo sob a mesma influência e com o mesmo motivo, a escondê-lo em algum lugar de seu próprio quarto. O senhor presume que os conspiradores hindus não poderiam de modo algum cometer um erro. Os indianos foram até a casa do Sr. Luker à procura do Diamante, e, portanto, o Diamante deve estar com o Sr. Luker! O senhor tem alguma prova de que a Pedra da Lua foi levada para Londres? Não pode sequer adivinhar como ou quem a tirou da casa de Lady Verinder! O senhor tem alguma prova de que a joia foi penhorada com o Sr. Luker? Ele declara nunca ter ouvido falar na Pedra da Lua; e o recibo de seus banqueiros não prova nada a não ser o depósito de um objeto de grande valor. Os indianos presumem que o Sr. Luker está mentindo, e o senhor presume novamente que os indianos estão certos. Tudo o que tenho a dizer, com o devido respeito, é que a minha suposição é possível. O que mais pode ser dito da sua, Sr. Blake, de um ponto de vista lógico ou legal?

Eram palavras fortes, mas não havia como negar que também eram verdadeiras.

— Confesso que o senhor me desconcerta — retruquei. — Tem alguma objeção a que eu escreva ao Sr. Bruff, e lhe conte o que disse?

— Pelo contrário. Ficarei agradecido se o senhor escrever ao Sr. Bruff. Se ele apelar para sua experiência, poderemos ver a questão sob um novo ângulo. Por enquanto, retomemos à nossa experiência com o ópio. Decidimos que o senhor abandonaria o hábito de fumar, a partir de agora?

— A partir de agora.

— Esse é o primeiro passo. O passo seguinte é reproduzir, o melhor que pudermos, as circunstâncias domésticas que o rodeavam no ano passado.

Como isso poderia ser feito? Lady Verinder estava morta. Rachel e eu, enquanto a suspeita do roubo pairasse sobre mim, estávamos irrecuperavelmente separados. Godfrey Ablewhite estava fora, viajando pelo Continente. Era simplesmente impossível reunir as pessoas que estavam morando na casa da última vez que eu havia dormido nela. A afirmação dessa impossibilidade não pareceu embaraçar Ezra Jennings. Ele ligava muito pouco, segundo disse, para o encontro das mesmas pessoas — vendo que seria vão esperar que reassumissem as respectivas posições que ocupavam no passado em relação a mim. Por outro lado, considerava essencial para o sucesso da experiência que eu visse ao meu redor os mesmos objetos que me rodeavam da última vez que eu havia estado na casa.

— Sobretudo — disse ele o senhor deve dormir no quarto no qual dormiu na noite do aniversário, e ele deve estar mobiliado do mesmo modo. As escadas, os corredores e a sala de estar da Srta. Verinder também devem ser arrumados da mesma maneira que estavam quando os viu pela última vez. É absolutamente necessário, Sr. Blake, recolocar qualquer peça de mobília daquela parte da casa que porventura tenha sido

retirada. O sacrifício de seus charutos será inútil, a não ser que tenhamos a permissão da Srta. Verinder para fazer isso.

— Quem lhe pedirá permissão? — perguntei.

— Não é possível que o senhor o faça?

— Absolutamente fora de cogitação. Depois do que aconteceu entre nós, com relação ao Diamante perdido, não posso vê-la nem escrever-lhe, por enquanto.

Ezra Jennings fez uma pausa, e pensou por um instante.

— Posso lhe fazer uma pergunta delicada?

Sinalizei para que continuasse.

—Sr. Blake, estou certo em imaginar (baseado em uma ou duas coisas que o senhor disse) que seu interesse pela Srta. Verinder no passado não era um interesse comum?

— Certíssimo.

— O sentimento era recíproco?

— Era.

— O senhor acha possível que a Srta. Verinder sinta grande interesse pela tentativa de provar sua inocência?

— Tenho certeza disso.

— Nesse caso, eu escreverei à Srta. Verinder, se o senhor permitir.

— Contando-lhe sobre a proposta que o senhor me fez?

— Contando-lhe tudo o que aconteceu entre nós hoje.

É inútil dizer que aceitei de bom grado o serviço que ele me oferecia.

— Terei tempo de escrever-lhe pelo correio de hoje — disse ele, olhando para o relógio. — Não se esqueça de trancar seus charutos quando voltar ao hotel! Irei vê-lo amanhã de manhã para saber como passou a noite.

Levantei-me para me despedir dele, e tentei comunicar-lhe a grande gratidão que realmente sentia por sua gentileza.

Ele apertou minha mão suavemente.

— Lembre-se do que eu lhe disse na charneca — respondeu. — Se eu puder lhe prestar esse pequeno serviço, Sr. Blake, será para mim como um último raio de sol no entardecer de um dia longo e sombrio.

Separamo-nos. Era dia 15 de junho. Os acontecimentos dos dez dias seguintes — cada um deles mais ou menos diretamente relacionado com a experiência da qual eu era o objeto passivo — estão todos registrados, exatamente como aconteceram, no Diário habitualmente mantido pelo assistente do Sr. Candy. Nas páginas de Ezra Jennings nada é omitido e nada é esquecido. Deixemos que Ezra Jennings conte como fizemos a experiência com o ópio, e como ela terminou.

QUARTA NARRATIVA

Extraída do Diário de Ezra Jennings

1849 — 15 de junho...

Com algumas interrupções causadas por pacientes e outras pela dor, terminei minha carta para a Srta. Verinder a tempo para o correio de hoje. Não consegui escrever uma carta tão breve quanto queria. Mas penso ter sido claro. Ela a deixa inteiramente livre para tomar sua decisão. Se consentir em ajudar na experiência, o fará de livre e espontânea vontade, e não como um favor ao Sr. Franklin Blake ou a mim.

16 de junho

Acordei tarde, depois de uma noite pavorosa; a vingança do ópio de ontem me perseguindo através de uma série de sonhos apavorantes. Em um deles, eu estava rodando em um espaço vazio com os fantasmas dos mortos, amigos e inimigos, todos juntos. Em outro, o único rosto amado que jamais verei novamente apareceu ao meu lado, assustadoramente fosforescente na escuridão negra, e olhou e sorriu para mim. Um leve retomo da antiga dor, na hora habitual de manhã cedo, foi uma mudança bem-vinda. Ela dispersou as visões — e foi suportável por ter feito isso.

Minha noite ruim fez com que eu só conseguisse encontrar o Sr. Franklin Blake bem tarde pela manhã. Encontrei-o estendido no sofá, tomando um café da manhã composto de brandy e soda, e um biscoito seco.

— Estou começando, tanto quanto o senhor poderia desejar — disse ele. — Uma noite miserável, insone, e absolutamente nenhum apetite esta manhã. Exatamente o que aconteceu no ano passado quando abandonei meus charutos. Quanto mais cedo eu estiver pronto para minha segunda dose de láudano, mais feliz ficarei.

— Faremos isso o mais cedo possível — respondi. — Enquanto isso, devemos ser o mais cuidadosos possível com sua saúde. Se o deixarmos ficar exausto, fracassaremos por

causa disso. O senhor deve ter apetite para o jantar. Em outras palavras, deve dar uma cavalgada ou uma caminhada esta manhã, ao ar livre.

— Vou montar a cavalo, se puderem achar um por aqui. Aliás, escrevi para o Sr. Bruff ontem. O senhor escreveu para a Srta. Verinder?

— Sim, pelo correio da noite.

— Muito bem. Teremos notícias que valerão a pena ser contadas amanhã. Não vá ainda! Tenho uma palavra a lhe dizer. Ontem, o senhor parecia pensar que nossa experiência com o ópio não seria muito bem vista por alguns dos meus amigos. Tinha toda a razão. Considero o velho Gabriel Betteredge um dos meus amigos; e o senhor achará divertido ouvir que ele protestou com vontade quando o vi ontem. O senhor fez um número prodigioso de coisas tolas em sua vida, Sr. Franklin, mas essa supera todas as outras! Eis a opinião de Betteredge! O senhor não levará seus preconceitos ao pé da letra, tenho certeza, se por acaso se encontrarem?

Deixei o Sr. Blake para fazer a ronda de meus pacientes, sentindo-me ainda melhor e mais feliz depois do breve encontro que havia tido com ele.

Qual o segredo do que esse homem me inspira? Será apenas que eu sinto o contraste entre o modo franco e gentil com o qual ele me permitiu travar conhecimento consigo e a aversão e a desconfiança com que as outras pessoas me tratam? Ou há realmente algo nesse homem que responde ao desejo que sinto por alguma simpatia humana — um desejo que sobreviveu depois de muitos anos de solidão e perseguição, que parece tornar-se cada vez mais forte à medida que vem chegando o momento em que eu não mais poderei sofrer ou sentir? Como é inútil fazer essas perguntas! O Sr. Blake me proporcionou um novo interesse na vida. Que isso seja suficiente, sem que eu precise saber que novo interesse é esse.

17 de junho

Antes do café, esta manhã, o Sr. Candy informou-me que iria viajar por duas semanas, em visita a um amigo no sul da Inglaterra. Deu-me tantas instruções especiais a respeito de seus pacientes, pobre homem, quanto se ainda tivesse o grande consultório que tinha antes de ficar doente. O consultório agora vale pouco! Ele foi substituído por outros; e ninguém que puder evitar vai dar emprego a mim.

Talvez seja conveniente que ele esteja viajando justamente nesta época. Teria ficado arrasado se eu não o houvesse informado da experiência que vou tentar fazer com o Sr. Blake. E eu nem sei que consequências indesejáveis poderiam ter acontecido se eu o houvesse colocado a par das coisas. Melhor assim. Melhor assim, sem dúvida.

O correio me trouxe a resposta da Srta. Verinder, depois que o Sr. Candy deixou a casa. Uma carta encantadora! Deixa a melhor das impressões a seu respeito. Não há nenhuma tentativa de esconder o interesse que sente por nossos procedimentos. Ela me diz, da maneira mais charmosa, que minha carta a convenceu da inocência do Sr. Blake, sem a menor necessidade (no que lhe diz respeito) de provar minhas afirmações. Ela chega até a se censurar — sem de maneira nenhuma precisar fazê-lo, pobrezinha! — por não ter adivinhado a tempo qual poderia ser a verdadeira solução para o mistério. O motivo por trás disso tudo vêm evidentemente de algo mais do que uma vontade generosa de se redimir por haver inocentemente pensado mal de outra pessoa. É óbvio que ela o amava durante o período em que estiveram afastados. Em mais de um trecho, o enlevo de ter descoberto que ele merecia o seu amor aparece inocentemente por trás das formalidades mais estritas da pena e da tinta, desafiando até mesmo a dificuldade maior ainda de estar se dirigindo a um estranho. Será possível (me pergunto, ao ler

essa carta deliciosa) que eu, dentre todos os homens do mundo, tenha sido escolhido para tomar a reunir esses dois jovens? Minha própria felicidade foi pisoteada; meu próprio amor foi arrancado de mim. Será que viverei para ver a felicidade de outros, pela qual terei sido responsável — um amor renovado que eu terei trazido de volta? Ah, Morte misericordiosa, deixe que eu veja isso antes que seus braços me envolvam, antes que sua voz sussurre em meu ouvido: Descanse, enfim!

A carta contém dois pedidos. Um deles me proíbe de mostra-la ao Sr. Franklin Blake. Estou autorizado a dizer-lhe que a Srta. Verinder consente de livre e espontânea vontade em colocar sua casa à nossa disposição; isso feito, me pede que não diga mais nada.

Até aqui é fácil satisfazer seus desejos. Mas o segundo pedido me constrange seriamente.

Não contente em ter escrito ao Sr. Betteredge, pedindo-lhe que obedeça quaisquer instruções que eu tenha a lhe dar, a Srta. Verinder pede permissão para me ajudar, supervisionando pessoalmente a arrumação de sua sala de estar. Ela espera apenas uma palavra de resposta para fazer a viagem até Yorkshire e estar presente como uma das testemunhas na noite em que o ópio for testado pela segunda vez.

Aqui, novamente, há um motivo por trás do pedido; e, mais uma vez, penso ser capaz de adivinhá-lo.

Aquilo que ela me proibiu de contar ao Sr. Franklin Blake, ela está disposta (assim eu o entendo) a contar-lhe de sua própria boca, antes que ele tenha de passar pelo teste que redimirá seu caráter aos olhos das outras pessoas. Entendo e admiro essa ansiedade generosa para inocentá-lo, sem esperar que sua inocência seja, ou não, provada. Trata-se de uma reparação que ela deseja fazer, pobre garota, depois de ter pensado mal dele inocente e inevitavelmente. Não tenho a

menor dúvida de que a agitação que um encontro entre eles produziria de ambos os lados — ao reviver sentimentos adormecidos, ao despertar antigas lembranças, ao acender novas esperanças — teria tal efeito sobre o Sr. Blake que seria quase certamente fatal para nossa experiência. Já é difícil o bastante, no ponto em que as coisas estão, reproduzir as condições como se encontravam no ano passado, ou quase isso. Com novos interesses e novas emoções a agitar seu espírito, a tentativa seria simplesmente inútil.

Duas horas — Acabo de voltar da minha ronda de visitas médicas, tendo começado, naturalmente, por uma passagem pelo hotel.

O relato do Sr. Blake sobre a noite que passou é o mesmo de antes. Ele teve alguns momentos de sono interrompido, e nada mais. Mas sente que hoje foi melhor, já que dormiu depois do jantar de ontem. Esse sono depois do jantar é sem dúvida resultado da cavalgada que lhe aconselhei. Temo que deva restringir seus exercícios ao ar livre. Ele não deve passar muito bem; tampouco deve passar muito mal. Trata-se de um caso de ajuste delicado do timão (como diria um marinheiro).

Ele ainda não teve notícias do Sr. Bruff. Vejo que está ansioso para saber se tive alguma resposta da Srta. Verinder.

Contei-lhe exatamente o que me era permitido contar, e nada mais. Era totalmente inútil inventar desculpas para não lhe mostrar a carta. Ele me disse, com amargura suficiente, pobre rapaz, que entendia a delicadeza que me impedia de mostrá-la. Ela consente, é claro, devido a uma cortesia e a um sentido de justiça naturais, disse ele. Mas continua a manter a mesma opinião a meu respeito, e espera para ver o resultado. Fiquei muito tentado a lhe dizer que ele estava agora pensando mal dela como antes ela havia pensado dele. Pensando melhor, evitei revelar seu pensamento e sua dupla intenção de surpreendê-lo e perdoá-lo.

Minha visita foi muito breve. Depois da experiência da outra noite, fui mais uma vez obrigado a abrir mão da minha dose de ópio. Como resultado natural, a agonia da doença que está em mim tornou a me dominar. Senti a chegada da crise, e parti subitamente, de modo a não alarmá-lo nem incomodá-lo. Desta vez só durou um quarto de hora, e deixou-me com forças o bastante para continuar com meu trabalho.

Cinco horas — Escrevi minha resposta à Srta. Verinder.

A combinação que propus alia os interesses de ambos os lados, contanto que ela concorde. Depois de expor em primeiro lugar as objeções para um encontro entre o Sr. Blake e ela própria, antes de tentarmos a experiência, sugeri que ela deveria programar sua viagem de modo a chegar a casa discretamente, na noite em que faríamos a tentativa. Tomando o trem da noite de Londres, ela atrasaria sua chegada até as nove horas. Nessa hora, eu já teria acompanhado o Sr. Blake em segurança até seu quarto de dormir, e deixaria a Srta. Verinder à vontade para ocupar seus próprios aposentos até que chegasse a hora de administrar o láudano. Quando isso houvesse sido feito, não haveria objeção para que ela assistisse ao resultado, junto ao restante de nós. Na manhã seguinte, ela mostraria ao Sr. Blake (se assim o desejasse) sua correspondência comigo, satisfazendo-o assim de que ele estava perdoado por ela, antes que sua inocência fosse posta à prova.

Foi isso que lhe escrevi. Isso é tudo o que posso fazer por hoje. Amanhã devo encontrar o Sr. Betteredge, e dar-lhe as instruções necessárias para reabrir a casa.

18 de junho

Mais uma vez atrasado para minha visita ao Sr. Franklin Blake. Mais daquela dor terrível de manhã cedo, seguida, desta vez, por uma completa prostração durante algumas horas. Prevejo, a despeito das penalidades que isso me exige, que

deverei retornar ao ópio pela centésima vez. Se eu só tivesse a mim em quem pensar, preferiria as dores atrozes aos sonhos assustadores. Mas o sofrimento físico me exaure. Se eu me deixar afundar, poderei terminar me tomando inútil para o Sr. Blake no momento em que ele mais precisa de mim.

Era quase uma hora quando cheguei ao hotel hoje. A visita, mesmo na minha condição destroçada, se revelou muito divertida — o que se deve inteiramente à presença em cena de Gabriel Betteredge.

Encontrei-o no quarto quando entrei. Ele se retirou para a janela e olhou para fora enquanto eu fazia as perguntas habituais a meu paciente. O Sr. Blake havia dormido mal novamente, e esta manhã estava sentindo os efeitos da falta de sono mais do que havia sentido até então.

Em seguida, perguntei se ele havia tido notícias do Sr. Bruff.

Havia recebido uma carta pela manhã. O Sr. Bruff demonstrava a mais intensa desaprovação para com o rumo que seu amigo e cliente estava tomando sob meu conselho. Era daninho, pois despertava esperanças que poderiam nunca vir a se realizar. Era totalmente incompreensível para sua mente, exceto por parecer um truque, semelhante aos do mesmerismo, da clarividência e coisas assim. Perturbava a casa da Srta. Verinder, e terminaria por perturbar a própria Srta. Verinder. Ele havia exposto o caso (sem citar nomes) a um eminente médico, e este havia sorrido, balançado a cabeça e dito — nada. Diante disso, o Sr. Bruff registrou o seu protesto, e parou por ali.

Minha pergunta seguinte relacionava-se ao Diamante. O advogado havia descoberto algo que provasse que a joia estava em Londres? Não, o advogado havia simplesmente se recusado a discutir o assunto. Ele próprio estava convencido de que a Pedra da Lua havia sido penhorada com o Sr. Luker. Seu eminente amigo ausente, o Sr. Murthwaite (cujo

conhecimento consumado do caráter indiano não podia ser negado), também estava convencido. Nessas circunstâncias, e com os vários compromissos que já tinha, ele sentia-se obrigado a se recusar a contestar o assunto. O tempo diria, e o Sr. Bruff estava disposto a esperar.

Era muito claro — mesmo que o Sr. Blake não o tivesse tomado ainda mais simples, já que havia relatado o conteúdo da carta, em vez de ler o que estava realmente escrito — que uma desconfiança em relação a mim estava na origem de tudo aquilo. Havendo eu próprio previsto esse resultado, não fiquei ofendido nem surpreso. Perguntei ao Sr. Blake se os protestos do seu amigo o haviam abalado. Ele respondeu enfaticamente que não haviam produzido o menor efeito em sua mente. Depois disso, eu estava livre para tirar o Sr. Bruff da minha cabeça — e foi o que fiz.

Seguiu-se uma pausa em nossa conversa, e Gabriel Betteredge saiu de seu isolamento junto à janela.

— Posso pedir sua atenção, senhor? — perguntou ele, dirigindo-se a mim.

— Estou inteiramente a seu serviço — respondi.

Betteredge tomou uma cadeira e sentou-se à mesa. Sacou de uma enorme e antiquada caderneta de couro, com um lápis de dimensão semelhante. Tendo colocado os óculos, abriu a caderneta numa página em branco, e dirigiu-se mais uma vez a mim.

— Passei — disse Betteredge, olhando-me com seriedade —quase cinquenta anos a serviço de minha falecida senhora. Antes disso, fui pajem do velho lorde, seu pai. Tenho agora algo entre setenta e oitenta anos de idade, não importa quantos exatamente! Sou reconhecido por ter um conhecimento e uma experiência do mundo igual à da maioria dos homens. E como termina isso tudo? Termina, Sr. Ezra Jennings, com um truque mágico feito ao Sr. Franklin Blake por um assistente de médico com um frasco de láudano e,

pelos diabos, eu, na minha idade avançada, sou nomeado ajudante do mágico!

O Sr. Blake explodiu numa risada. Tentei falar. Betteredge levantou a mão indicando que ainda não havia terminado.

— Nem uma palavra, Sr. Jennings! — disse ele. — Não quero nem uma palavra do senhor. Tenho meus princípios, graças a Deus. Se me derem uma ordem da mesma importância de uma ordem vinda de Bedlam, não importa. Contanto que venha de meu mestre ou de minha senhora, como é o caso, eu a obedeço. Posso ter minha própria opinião, que é também, como o senhor poderá se lembrar, a opinião do Sr. Bruff, o grande Sr. Bruff! — disse Betteredge, levantando a voz e balançando a cabeça para mim solenemente. — Não importa; retiro minha opinião, mesmo assim. Minha jovem senhora diz: Faça isso. E eu digo: Senhorita, será feito. Aqui estou, com meu caderno e meu lápis, este último não tão bem apontado quanto eu gostaria, mas quando cristãos perdem o bom senso, como se pode esperar que os lápis mantenham-se apontados? Dê-me suas ordens, Sr. Jennings. Vou anotá-las. Estou determinado a não fazer nada de diferente delas, nem que seja por um fio de cabelo. Sou um agente cego: é isso que sou. Um agente cego! — repetiu Betteredge, com um deleite infinito ante sua própria descrição de si mesmo.

— Sinto muito — comecei — que o senhor e eu não concordemos...

— Não me coloque nisso! — interrompeu Betteredge. — Não se trata de concordar, mas sim de obedecer. Dê suas instruções, senhor, dê suas instruções!

O Sr. Blake me fez um sinal para fazer o que ele dizia. Dei minhas instruções da maneira mais clara e grave de que fui capaz.

— Quero que certas partes da casa sejam reabertas — disse eu — e mobiliadas exatamente como estavam nesta mesma época no ano passado.

Betteredge deu uma primeira lambida em seu lápis mal apontado.

— Diga que partes, Sr. Jennings! — disse, altivo.

— Em primeiro lugar, o vestíbulo que leva às escadas.

— Em primeiro lugar, o vestíbulo — escreveu Betteredge. — É impossível mobiliar esse aposento da mesma maneira que estava mobiliado no ano passado, para começar.

— Por quê?

— Porque no ano passado havia um falcão empalhado no vestíbulo, Sr. Jennings. Quando a família se foi, o falcão foi guardado junto com as outras coisas. Quando o falcão foi guardado, estourou.

— Abriremos uma exceção para o falcão, nesse caso.

Betteredge tomou nota da exceção.

— O vestíbulo deverá ser mobiliado como no ano passado. Com a única exceção de um falcão estourado. Queira prosseguir, Sr. Jennings.

— O carpete será colocado nas escadas como antes.

— O carpete será colocado nas escadas como antes. Desculpe desapontá-lo, senhor. Mas isso tampouco pode ser feito.

— Por que não?

— Porque o homem que costumava colocar aquele carpete morreu, Sr. Jennings, e encontrar alguém como ele para juntar um carpete em um canto é impossível na Inglaterra, onde quer que se procure.

— Muito bem. Devemos nos contentar com o segundo melhor da Inglaterra.

Betteredge fez outra anotação, e eu continuei a dar minhas instruções.

— A sala de estar da Srta. Verinder deve ser arrumada exatamente da mesma maneira do ano passado. Assim como o corredor que leva da sala de estar ao primeiro saguão. Assim

como o segundo corredor que leva do segundo saguão aos quartos de dormir. Assim como o quarto ocupado no mês de junho último pelo Sr. Franklin Blake.

O lápis mal apontado de Betteredge me acompanhava minuciosamente, palavra por palavra.

— Continue, senhor — disse ele, com uma gravidade sarcástica. — Este lápis ainda pode escrever muitas coisas.

Eu lhe disse que não tinha mais instruções a dar.

— Senhor — disse Betteredge nesse caso, tenho uma ou duas observações a fazer.

Ele abriu a caderneta em outra página, e deu outra lambida preliminar no infatigável lápis.

— Quero saber — começou ele — se posso ou não lavar as mãos...

— Sem dúvida nenhuma — disse o Sr. Blake. — Vou chamar o garçom. — ...de certas responsabilidades — prosseguiu Betteredge, recusando-se terminantemente a ver qualquer outra pessoa no aposento fora ele próprio e eu. — Quanto à sala de estar da Srta. Verinder, para começar. Quando tiramos o tapete no ano passado, Sr. Jennings, encontramos uma quantidade surpreendente de grampos. Sou responsável por recolocar os grampos?

— Certamente não.

Betteredge imediatamente tomou nota da exceção.

— Em seguida, quanto ao primeiro corredor — continuou ele.

— Quando tiramos os móveis de lá, movemos a estátua de uma criança gorda nua, descrita de forma profana no inventário da casa como Cupido, deus do Amor. No ano passado ele tinha duas asas na parte carnuda dos ombros. Por eu ter tirado os olhos dele, perdeu uma delas. Sou responsável pela asa do Cupido?

Fiz outra concessão, e Betteredge, outra anotação.

— Quanto ao segundo corredor — prosseguiu. — Não havendo nada nele no ano passado a não ser as portas dos quartos (posso garantir todas elas, se necessário), admito que minha mente está tranquila a respeito dessa parte da casa. Mas quanto ao quarto de dormir do Sr. Franklin (se é preciso que ele seja rearrumado como antes), quero saber quem é responsável por mantê-lo num estado de perpétua desordem, não importa quantas vezes seja arrumado: as calças aqui, toalhas ali, e seus romances franceses por toda parte. Eu pergunto, quem é responsável por desarrumar a arrumação do quarto do Sr. Franklin, ele ou eu?

O Sr. Blake declarou que assumiria com o maior prazer toda a responsabilidade. Betteredge recusou-se com obstinação a ouvir qualquer solução da dificuldade sem antes obter minha sanção e aprovação. Aceitei a proposta do Sr. Blake, e Betteredge fez uma última anotação em sua caderneta referente a esse detalhe.

— Venha quando quiser, Sr. Jennings, a partir de amanhã — disse ele, ficando de pé. — Há de encontrar-me trabalhando, com os ajudantes necessários. Agradeço-lhe respeitosamente, senhor, por deixar passar o caso do falcão empalhado e o caso da asa do Cupido, e também por permitir que eu lave as mãos da responsabilidade com relação aos grampos no carpete e à desordem no quarto do Sr. Franklin. Falando como um criado, tenho grande dívida para com o senhor. Falando como um homem, considero-o uma pessoa com a cabeça cheia de minhocas, e afirmo minha opinião de que sua experiência é uma farsa e uma cilada. Não tenha medo de que, por causa disso, meus sentimentos como homem passem à frente de meus deveres como criado! O senhor será obedecido. Apesar das minhocas, senhor, será obedecido. Se tudo terminar com a casa pegando fogo, não chamarei os bombeiros, a não ser que o senhor toque a sineta e me peça que o faça!

Com essa afirmação final, fez uma reverência para mim, e saiu do aposento.

— Acha que podemos confiar nele? — perguntei.

— Sem hesitação — respondeu o Sr. Blake. — Quando formos a casa, veremos que nada foi negligenciado, ou esquecido.

19 de junho

— Outro protesto contra nosso projeto! De uma dama desta vez.

O correio da manhã trouxe duas cartas. Uma da Srta. Verinder, concordando, de modo muito educado, como o que eu havia proposto. A outra da senhora sob cujos cuidados ela está morando — uma certa Sra. Merridew.

A Sra. Merridew apresenta seus cumprimentos, e não finge entender o lado científico do assunto sobre o qual venho me correspondendo com a Srta. Verinder. Sobre o lado social, no entanto, sente-se livre para expressar uma opinião. Eu provavelmente não estou ciente, pensa a Sra. Merridew, de que a Srta. Verinder tem apenas dezenove anos. Permitir que uma jovem de sua idade esteja presente (sem uma acompanhante) em uma casa cheia de homens, e na qual se está executando um experimento médico, é uma afronta aos bons costumes que a Sra. Merridew não pode de modo algum permitir. Se tudo correr conforme o combinado, ela sente que é seu dever — com um pesado sacrifício de sua própria conveniência — acompanhar a Srta. Verinder a Yorkshire. Nessas circunstâncias, ela se permite me pedir que considere o assunto com cuidado, uma vez tendo visto que a Srta. Verinder se recusa a seguir a opinião de quem quer que seja a não ser a minha. A sua presença não seria de modo algum necessária, e uma palavra minha a esse respeito tiraria dos ombros da Sra. Merridew, assim como dos meus, uma responsabilidade muito desagradável.

Traduzindo de lugares-comuns educados para bom inglês, o que isso significa, segundo entendi, é que a Sra. Merridew tem um medo mortal da opinião do mundo. Infelizmente, ela recorreu ao último homem sobre a terra que teria qualquer razão para respeitar essa opinião. Não desapontarei a Srta. Verinder; e não adiarei uma reconciliação entre dois jovens que se amam e que já ficaram separados por tempo demais. Traduzindo de bom inglês para lugares-comuns educados, isso significa que o Sr. Jennings apresenta seus cumprimentos à Sra. Merridew, e lamenta não sentir que exista razão para interferir nesse assunto mais do que já fez.

O relatório do Sr. Blake sobre si mesmo esta manhã foi o mesmo de antes. Resolvemos não incomodar Betteredge visitando a casa hoje. Amanhã haverá tempo suficiente para nossa primeira visita de inspeção.

20 de junho

O Sr. Blake está começando a sentir os efeitos de sua falta de sono constante. Agora, quanto antes os cômodos estiverem mobiliados, melhor.

A caminho da casa, esta manhã, ele me consultou, demonstrando alguma impaciência e irresolução sobre uma carta (que lhe havia sido encaminhada de Londres) do Sargento Cuff que havia chegado às suas mãos.

O Sargento escreve da Irlanda. Acusa o recebimento (através de seu zelador) de um cartão e de uma mensagem que o Sr. Blake deixou em sua residência perto de Dorking, e anuncia que seu retomo à Inglaterra acontecerá provavelmente dentro de uma semana ou menos. Enquanto isso não acontece, ele pede para saber as razões pelas quais o Sr. Blake deseja lhe falar (conforme constava do recado) sobre a Pedra da Lua. Se o Sr. Blake for capaz de convencê-lo de ter cometido algum erro sério durante sua investigação do ano passado a respeito do Diamante, ele considerará que é o seu dever (depois do

excelente tratamento que lhe foi dispensado pela falecida Lady Verinder) colocar-se à disposição desse cavalheiro. Se não, pede permissão para continuar em seu retiro, cercado pelas pacíficas atrações florais da vida no campo.

Depois de ler a carta, não hesitei em aconselhar o Sr. Blake a informar o Sargento, em resposta à sua carta, de tudo o que havia acontecido desde o término do inquérito no ano passado, e deixar-lhe tirar suas próprias conclusões a partir dos fatos.

Pensando melhor, também sugeri que convidássemos o Sargento a estar presente na hora do experimento, caso voltasse à Inglaterra a tempo de juntar-se a nós. De qualquer modo, ele seria uma testemunha valiosa; e, se eu viesse a estar errado em acreditar que o Diamante estava escondido no quarto do Sr. Blake, seu conselho poderia ser de grande importância para um estágio posterior de procedimentos sobre os quais eu não tinha controle. Essa última consideração pareceu convencer o Sr. Blake. Ele prometeu seguir meu conselho.

Quando entramos no caminho que levava à casa, o som do martelo informou-nos que o trabalho de renovação prosseguia a todo vapor.

Betteredge, vestindo um boné de pescador vermelho e um avental de baeta verde próprios para a ocasião, encontrou-nos no vestíbulo. No instante em que me viu, tirou do bolso a caderneta e o lápis, e insistiu com obstinação em tomar notas de tudo o que eu lhe dissesse. Para onde quer que olhássemos, víamos, como o Sr. Blake havia previsto, que o trabalho estava avançando com tanta rapidez e inteligência quanto se poderia desejar. Mas ainda havia muita coisa a ser feita no vestíbulo e no quarto da Srta. Verinder. Não parecia que a casa estaria pronta para nós antes do final da semana.

Depois de parabenizar Betteredge pelo progresso (ele continuava a tomar notas todas as vezes que eu abria a boca,

recusando-se, ao mesmo tempo, em prestar a menor atenção que fosse a qualquer coisa que o Sr. Blake dissesse), e prometendo voltar para uma segunda visita de inspeção dentro de um ou dois dias, preparamo-nos para deixar a casa, saindo pelos fundos. Antes que houvéssimos ultrapassado os saguões do andar de baixo, fui parado por Betteredge no exato momento em que passava diante da porta que levava ao seu quarto.

— Será que eu poderia lhe dizer duas palavras em particular? — perguntou ele, num sussurro misterioso.

É claro que concordei. O Sr. Blake continuou andando para me esperar no jardim, enquanto eu acompanhava Betteredge a seu quarto. Eu esperava um pedido de algumas novas concessões, em seguida àquelas já obtidas nos casos do falcão empalhado e da asa do Cupido. Para minha grande surpresa, Betteredge colocou a mão em meu braço de maneira confidencial, e me fez essa pergunta extraordinária:

— Sr. Jennings, por acaso conhece Robinson Crusóé?

Respondi que havia lido Robinson Crusóé quando criança.

— Nunca desde então? — perguntou Betteredge.

— Nunca desde então.

Ele recuou uns poucos passos e me olhou com uma expressão de curiosidade piedosa, mesclada de estupefação supersticiosa.

— Ele não leu Robinson Crusóé desde que era criança — disse Betteredge, falando para si mesmo, não para mim. — Vejamos o que acha de Robinson Crusóé agora!

Destrancou um armário num canto e tirou de lá um livro sujo e orelhudo, que exalava um forte cheiro de tabaco velho quando as páginas eram viradas. Tendo achado o trecho que aparentemente procurava, pediu-me que me juntasse a ele no canto, de maneira ainda misteriosamente confidencial, e ainda falando num sussurro.

— Com respeito a essa sua mágica com o láudano e o Sr. Franklin Blake, senhor — começou ele. — Enquanto os operários estiverem na casa, meu dever como criado supera meus sentimentos como homem. Uma vez que os operários vão embora, meus sentimentos como homem superam meu dever como criado. Muito bem. Na noite passada, Sr. Jennings, minha mente tinha certeza absoluta de que essa sua empreitada terminaria mal. Se eu houvesse cedido a esse ditame secreto, teria tornado a guardar toda a mobília com minhas próprias mãos, e mandado embora os operários quando chegassem na manhã seguinte.

— Fico feliz em observar, a partir do que vi no andar de cima — disse eu —, que o senhor resistiu ao ditame secreto.

— Resistir não é a palavra — respondeu Betteredge. — Lutar é a palavra. Lutei, senhor, entre as ordens silenciosas em meu peito, que me empurravam em uma direção, e as ordens escritas em minha caderneta, empurrando-me na outra, até (com todo o respeito) ficar suando frio. Nesse terrível estado de perturbação mental e lassidão física, a que remédio recorri? Ao remédio que nunca falhou nesses últimos trinta anos ou mais, senhor: a este livro!

Ele deu uma tapa sonora no livro com a mão aberta, tirando dele um cheiro de tabaco velho mais forte do que nunca.

— O que encontrei aqui — prosseguiu Betteredge —, na primeira página que abri? Esse trecho detestável, senhor, na página 178, que diz assim: Com estas, e muitas outras reflexões semelhantes, passei depois disso a obedecer a uma regra interior. Sempre que observasse esses palpites ou urgências de minha mente, com relação a fazer, ou deixar de fazer alguma coisa que se apresentasse; ou com relação a ir por este caminho, ou por aquele caminho, que nunca deixasse de obedecer ao ditame secreto. Pelo meu pão de cada dia, Sr. Jennings, foram estas as primeiras palavras que meus olhos

viram, exatamente quando eu próprio estava resistindo ao ditame secreto! O senhor nada vê fora do comum nisso, vê?

— Vejo uma coincidência: nada mais.

— Não se sente abalado, Sr. Jennings, com relação a essa sua empreitada médica?

— Nem um pouco.

Betteredge me olhou fixamente, em absoluto silêncio. Fechou o livro com grande estardalhaço, tornou a trancá-lo no armário com um cuidado extraordinário, virou-se e mais uma vez me olhou fixamente. Então falou:

— Senhor — disse com gravidade —, há grandes ressalvas a serem feitas no caso de um homem que não lê Robinson Crusoé desde criança. Desejo-lhe um bom dia.

Abriu a porta com uma reverência e deixou-me à vontade para encontrar o caminho até o jardim. Encontrei o Sr. Blake que voltava à casa.

— O senhor não precisa me contar o que aconteceu — disse ele.

— Betteredge deu sua última cartada: fez outra descoberta profética no Robinson Crusoé. O senhor se curvou ao seu delírio favorito? Não? Deixou-o perceber que o senhor não acredita em Robinson Crusoé? Sr. Jennings! O senhor caiu o mais baixo possível na estima de Betteredge. Diga o que disser, e faça o que fizer daqui em diante. Verá que ele não desperdiçará mais uma palavra sequer com o senhor.

21 de junho

Uma breve anotação será suficiente em meu diário hoje.

O Sr. Blake teve a pior noite que já passou até agora. Fui obrigado, muito contra minha vontade, a receitar-lhe um remédio. Homens com seu temperamento sensível, felizmente, sentem depressa os efeitos de remédios. De outro modo, eu estaria inclinado a pensar que ele seria completamente

inadequado para a experiência, quando chegasse o momento de tentá-la.

Quanto a mim, depois de uma pequena remissão de minhas dores durante os últimos dois dias, tive um ataque esta manhã, sobre o qual nada direi a não ser que ele me decidiu a retornar ao ópio. Fecharei este livro, e tomarei minha dose completa — quinhentas gotas.

22 de junho

Nossas perspectivas hoje parecem melhores. O sofrimento nervoso do Sr. Blake diminuiu sensivelmente. Ele dormiu um pouco na noite passada. Minha noite, graças ao ópio, foi a de um homem atordoado. Não posso dizer que acordei esta manhã; seria mais exato dizer que recobrei os sentidos.

Fomos até a casa ver se a reorganização estava pronta. Estará pronta amanhã — sábado. Como o Sr. Blake havia previsto, Betteredge não criou mais nenhum empecilho. Do início ao fim, foi imensamente educado e ameaçadoramente silencioso.

Minha empreitada médica (como Betteredge a chama) deve agora ser inevitavelmente adiada até a próxima segunda-feira. Amanha à noite, os operários deixarão a casa tarde. No dia seguinte, a habitual tirania do domingo, que é uma das instituições deste país livre, programa os trens de modo a tornar impossível que qualquer pessoa chegue até aqui vinda de Londres. Até que chegue a segunda, não há nada a se fazer a não ser observar cuidadosamente o Sr. Blake, mantendo-o, se possível, no mesmo estado em que o encontrei hoje.

Enquanto isso, convenci-o a deixar que eu escrevesse ao Sr. Bruff, pedindo-lhe que esteja presente como uma das testemunhas. Escolhi o advogado especialmente porque ele está fortemente contra nós. Se o convenceremos, nossa vitória estará a salvo de qualquer contenda.

O Sr. Blake também escreveu ao Sr. Bruff, e eu enviei um bilhete à Srta. Verinder. Com essas pessoas, e com o velho Betteredge (que é realmente uma pessoa importante na família), teremos testemunhas suficientes para o que precisamos — sem contar a Sra. Merridew, se esta insistir em se sacrificar em nome da opinião do mundo.

23 de junho

A vingança do ópio abateu-se novamente sobre mim na noite passada. Não importa; agora devo continuar com ele até que a segunda-feira tenha chegado e ido embora.

O Sr. Blake não está muito bem hoje de novo. Às duas horas da manhã de hoje, confessa ter aberto a gaveta na qual estão guardados seus charutos. Só conseguiu trancá-la novamente depois de muito esforço. Sua ação seguinte, em caso de tentação, foi jogar a chave pela janela. O copeiro, que a descobriu no fundo de uma cisterna vazia, a devolveu esta manhã — assim é o Destino! Fiquei com a chave, até a terça-feira que vem.

24 de junho

O Sr. Blake e eu demos uma longa volta num coche aberto. Ambos sentimos os efeitos benéficos e abençoados do ar fresco de verão. Almocei com ele no hotel. Para meu grande alívio — pois esta manhã o encontrei num estado de extremo cansaço e excitação —, ele dormiu profundamente no sofá durante duas horas depois do almoço. Se tiver outra noite ruim agora, já não tenho medo das consequências.

25 de junho, segunda-feira

O dia do experimento! São cinco horas da tarde. Acabamos de chegar à casa.

A primeira e mais importante questão é a saúde do Sr. Blake.

Até onde me é possível julgar, ele parece (fisicamente falando) estar tão suscetível à ação do ópio esta noite quanto na mesma época no ano passado. Esta tarde, está num estado de sensibilidade nervosa que chega quase à irritação. Muda de cor com rapidez; sua mão não está muito firme; e ele se sobressalta com barulhos repentinos e aparições inesperadas de pessoas e coisas.

Esses resultados foram todos produzidos pela falta de sono, que por sua vez é a consequência nervosa da interrupção súbita do hábito de fumar, depois desse hábito ter sido levado ao extremo. As mesmas causas que operaram no ano passado estão novamente operando; assim como, segundo as aparências, os mesmos efeitos. A comparação ainda funcionará quando fizermos a tentativa final? Os acontecimentos da noite decidirão.

Enquanto escrevo estas linhas, o Sr. Blake está se distraíndo na mesa de bilhar no vestíbulo, praticando diferentes tacadas desse jogo, como estava acostumado a fazer quando era hóspede desta casa em junho passado. Trouxe meu diário para cá em parte porque pretendia ocupar assim as horas livres que certamente terei à minha disposição entre agora e amanhã de manhã, e em parte na esperança de que venha a acontecer algo que valha a pena ser registrado.

Esqueci-me de alguma coisa, até agora? Uma olhada no registro de ontem mostra que me esqueci de anotar a chegada do correio da manhã. Deixe-me remediar isso, antes de fechar estas páginas por hora e juntar-me ao Sr. Blake.

Ontem, portanto, recebi algumas linhas da Srta. Verinder. Ela tomou providências para viajar pelo trem da noite, como recomendei. A Sra. Merridew insistiu em acompanhá-la. O bilhete sugere que o temperamento geralmente excelente da velha senhora está algo alterado, e pede a devida indulgência

para com ela, em consideração à sua idade e a seus hábitos. Farei esforços, em minhas relações com a Sra. Merridew, para exibir a moderação que Betteredge demonstra em suas relações comigo. Ele nos recebeu hoje, portentosamente vestido com seu melhor terno preto e sua gravata branca mais engomada. Quando olha em minha direção, ele se lembra de que não leio Robinson Crusóé desde criança, e respeitosa e sente pena de mim.

Também ontem o Sr. Blake teve a resposta do advogado. O Sr. Bruff aceita o convite — sob protestos. É claramente necessário, pensa ele, que um cavalheiro dotado de uma boa dose de bom senso acompanhe a Srta. Verinder à cena daquilo que ele se permite chamar de exibição proposta por nós. Na falta de companhia melhor, o próprio Sr. Bruff será esse cavalheiro. Portanto, eis a pobre Srta. Verinder com dois acompanhantes. É um alívio pensar que a opinião do mundo certamente estará satisfeita desse modo!

Não tivemos notícias do Sargento Cuff. Ele sem dúvida ainda está na Irlanda. Não devemos esperar vê-lo esta noite.

Betteredge acaba de entrar, dizendo que o Sr. Blake mandou me chamar. Devo por ora repousar minha pena.

Sete da noite — Todos nós percorremos novamente os cômodos e escadarias rearrumados, e demos um agradável passeio pelos arbustos, a caminhada preferida do Sr. Blake da última vez em que esteve aqui. Espero reavivar desta maneira em sua mente as antigas impressões dos lugares e das coisas de maneira tão vivida quanto possível.

Agora vamos jantar, na hora exata em que o jantar de aniversário aconteceu no ano passado. Meu objetivo neste caso, é claro, é puramente médico. O láudano deve encontrar o processo de digestão, tanto quanto possível, no mesmo ponto em que o encontrou no ano passado.

Depois do jantar, em um momento propício, proponho levar a conversa de volta — do modo menos artificial que

puder — ao assunto do Diamante e da conspiração indiana para roubá-lo. Quando houver enchido sua mente com esses tópicos, terei feito tudo o que está em meu poder antes que chegue o momento de lhe dar a segunda dose.

Oito e meia — Só agora tive a oportunidade de realizar a mais importante de todas as tarefas: de olhar a caixa de remédios da família, à procura do láudano que o Sn Candy usou no ano passado.

Há dez minutos, surpreendi Betteredge em um momento de descanso, e disse-lhe o que queria. Sem uma palavra de objeção, sem sequer fazer menção de brandir sua caderneta, ele me levou (certificando-se a cada passo que eu o estava seguindo) até a despensa onde fica guardada a caixa de remédios.

Descobri o frasco, cuidadosamente protegido por uma tampa de vidro amarrada com uma tira de couro. A preparação que continha, conforme eu havia previsto, era tintura de ópio comum. Uma vez que o frasco ainda estava bastante cheio, resolvi usá-lo, em vez de empregar uma das duas preparações que eu havia tido o cuidado de providenciar, em caso de emergência.

A questão da quantidade a ser administrada apresentou certas dificuldades. Pensei no assunto, e decidi aumentar a dose.

Minhas anotações me informam que o Sr. Candy administrou 25 gotas. É uma dose pequena para haver produzido os resultados que se seguiram — mesmo no caso de uma pessoa tão sensível quanto o Sr. Blake. Penso que é altamente provável que o Sr. Candy tenha administrado uma dose maior do que pensa ter feito — sabendo, como sei, que ele tem muito gosto pelos prazeres da mesa, e que mediu a dose de láudano na noite do aniversário, depois do jantar. De qualquer maneira, correrei o risco de aumentar a dose para quarenta gotas. Desta vez, o Sr. Blake sabe de antemão que vai

tomar o láudano — o que equivale, psicologicamente falando, a desenvolver (inconscientemente) uma certa capacidade de resistência a seus efeitos. Se eu estiver certo, então é imperativo que se administre uma quantidade maior, desta vez, para repetir os resultados que a quantidade menor produziu no ano passado.

Dez horas — As testemunhas, ou os convivas (como devo chama-los?), chegaram na casa há uma hora.

Pouco antes das nove horas, persuadi o Sr. Blake a acompanhar-me até o seu quarto de dormir, dando-lhe a razão de que eu queria que ele examinasse o quarto para ter certeza absoluta de que nada havia sido esquecido em sua reorganização. Eu havia anteriormente combinado com Betteredge que o quarto de dormir preparado para o Sr. Bruff seria contíguo ao do Sr. Blake, e que eu seria informado da chegada do advogado com uma batida na porta. Cinco minutos depois de o relógio do vestíbulo haver soado as nove horas, ouvi a batida; e, saindo imediatamente, encontrei o Sr. Bruff no corredor.

Minha aparência pessoal (como de hábito) depôs contra mim. A desconfiança do Sr. Bruff ficou bastante clara no olhar que ele me lançou. Estando acostumado a produzir tal efeito em estranhos, não hesitei um instante em dizer o que queria dizer, antes que o advogado tomasse o rumo do quarto do Sr. Blake.

— O senhor veio até aqui, acredito, na companhia da Sra. Merridew e da Srta. Verinder? — perguntei.

— Sim — respondeu o Sr. Bruff da maneira mais seca possível.

— A Srta. Verinder provavelmente lhe disse que quero que sua presença na casa (e a da Sra. Merridew é claro) seja mantida em segredo para o Sr. Blake, até que meu experimento com ele tenha sido tentado?

— Sei que devo segurar minha língua, senhor! — disse o Sr. Bruff, com impaciência. — Já que sou habitualmente silencioso diante da loucura humana, estou ainda mais preparado para manter a boca fechada nesta ocasião. Isso o satisfaz?

Aquiesci, e deixei que Betteredge lhe mostrasse seu quarto. Betteredge me lançou um olhar ao sair que dizia, como que em palavras: O senhor encontrou um rival, Sr. Jennings — e o nome dele é Bruff.

Em seguida, era necessário encontrar as duas senhoras. Desci as escadas — um pouco nervoso, confesso — a caminho da sala de estar da Srta. Verinder.

A esposa do jardineiro (encarregada de cuidar das acomodações das senhoras) encontrou-me no corredor do primeiro andar. Essa corajosa mulher me trata com uma civilidade tão excessiva que é obviamente a consequência de um terror absoluto. Ela me olha fixamente, treme e faz medidas sempre que eu lhe dirijo a palavra. Quando perguntei pela Srta. Verinder, ela me olhou fixamente, tremeu, e sem dúvida teria feito uma medida em seguida se a própria Srta. Verinder não houvesse interrompido a reverência, aparecendo de repente na porta de sua sala de estar.

— Sr. Jennings? — perguntou ela.

Antes que eu pudesse responder, saiu rapidamente para falar comigo no corredor. Encontramo-nos sob a luz de uma lâmpada no canto da parede. Ao me ver pela primeira vez, a Srta. Verinder parou e hesitou. Recompôs-se imediatamente, corou um instante e então, com uma franqueza encantadora, ofereceu-me sua mão.

— Não posso tratá-lo como um estranho, Sr. Jennings — disse ela. — Ah, se o senhor soubesse como suas cartas me alegraram!

Ela olhou para meu rosto feio e enrugado com um brilho de gratidão nos olhos tão novo para mim que eu não soube

como responder. Nada me havia preparado para sua bondade e sua beleza. Graças a Deus, o tormento de muitos anos não endureceu meu coração. Fiquei tão constrangido e inibido diante dela como se ainda fosse um adolescente.

— Onde ele está agora? — perguntou ela, revelando seu interesse dominante, o interesse pelo Sr. Blake. — O que está fazendo? Ele falou em mim? Está bem? Como está reagindo à casa depois do que aconteceu aqui no ano passado? Quando o senhor vai lhe dar o láudano? Posso vê-lo prepará-lo? Estou tão interessada, estou tão nervosa... Tenho dez mil coisas a dizer ao senhor, e todas se confundiram de modo que não sei o que dizer primeiro. O senhor se pergunta qual o meu interesse nisso?

— Não. — disse eu. — Ouso pensar que entendo perfeitamente.

Ela estava muito acima de uma desprezível afetação que pudesse embaraçá-la. Respondeu como teria respondido a um irmão ou a um pai.

— O senhor me livrou de uma angústia indescritível; deu-me uma nova vida. Como posso ser ingrata o bastante para ter segredos do senhor? Eu o amo — disse ela simplesmente. — Amei do início ao fim, mesmo quando estava intimamente pensando as piores coisas a seu respeito, mesmo quando estava lhe dizendo as palavras mais duras e cruéis. Haverá alguma desculpa para mim, por isso? Quando chegar amanhã, e ele souber que eu estou na casa, o senhor acha...

Ela parou novamente, e olhou para mim com grande expectativa.

— Quando chegar amanhã — disse eu acho que a senhorita deve apenas lhe contar o que acaba de me contar.

Seu rosto se iluminou; ela deu um passo para mais perto de mim. Seus dedos brincaram nervosamente com uma flor que eu havia colhido no jardim e colocado na lapela do meu casaco.

— O senhor o viu bastante ultimamente — disse ela. — Será que realmente, de verdade, viu isso?

— Realmente, de verdade — respondi. — Tenho certeza absoluta do que acontecerá amanhã. Gostaria de poder ter a mesma certeza do que acontecerá esta noite.

Nesse ponto da conversa, fomos interrompidos pela aparição de Betteredge com a bandeja do chá. Ele me lançou outro olhar significativo ao adentrar a sala de estar. Vá! Vá! Faça o que deve enquanto o sol brilha. Seu rival está lá em cima, Sr. Jennings — seu rival está lá em cima!

Nós o seguimos. Uma senhora pequena, num canto, muito bem vestida e muito absorvida com um belo bordado, deixou cair o trabalho em seu colo e emitiu um gritinho débil ao ver minha compleição cigana e meu cabelo malhado.

— Sra. Merridew — disse a Srta. Verinder —, este é o Sr. Jennings.

— Peço perdão ao Sr. Jennings — disse a velha senhora, olhando para a Srta. Verinder, e falando comigo. — Viagens de trem sempre me deixam nervosa. Estou tentando acalmar minha mente ocupando-me da maneira habitual. Não sei se meu bordado está fora de contexto nesta ocasião extraordinária. Se ele interferir com as opiniões médicas do Sr. Jennings, é claro que terei prazer em deixá-lo de lado.

Apressei-me em permitir a presença do bordado, exatamente como havia permitido a ausência do falcão empalhado e da asa do Cupido. A Sra. Merridew fez um esforço — um esforço agradecido — para olhar para o meu cabelo. Não! Ela não conseguia. A Sra. Merridew tornou a olhar para a Srta. Verinder.

— Se o Sr. Jennings permitir — prosseguiu a velha senhora eu gostaria de pedir um favor. O Sr. Jennings está prestes a tentar um experimento científico esta noite. Eu costumava assistir a experimentos científicos na escola quando era garota. Invariavelmente, eles terminavam em explosões. Se o

Sr. Jennings puder fazer essa gentileza, eu gostaria desta vez de ser avisada da explosão. Com o objetivo de esquecê-la, se possível, antes de ir para a cama.

Tentei garantir à Sra. Merridew que o programa desta ocasião não incluía uma explosão.

— Não —, disse a velha senhora. — Fico muito agradecida ao Sr. Jennings, tenho consciência de que ele está apenas me enganando para o meu próprio bem. Prefiro a sinceridade. Já estou conformada com a explosão, mas realmente quero poder esquecê-la antes de ir para a cama.

Neste ponto a porta se abriu, e a Sra. Merridew emitiu outro gritinho. Teria sido a explosão? Não: foi apenas a chegada de Betteredge.

— Peço-lhe perdão, Sr. Jennings — disse Betteredge ao seu modo mais elaboradamente confidencial. — O Sr. Franklin deseja saber onde o senhor está. Já que recebi ordens para enganá-lo, no que diz respeito à presença de minha jovem senhora na casa, disse que não sabia. Isso, como o senhor terá a bondade de observar, foi uma mentira. Já tendo um pé na cova, senhor, quanto menos mentiras pedir que eu conte, mais lhe ficarei agradecido quando minha consciência me afligir e minha hora chegar,

Não havia um instante a se perder com relação à pergunta puramente especulativa sobre a consciência de Betteredge. O Sr. Blake poderia aparecer à minha procura, a não ser que eu fosse imediatamente encontrá-lo em seu próprio quarto. A Srta. Verinder me seguiu até o corredor.

— Eles parecem fazer parte de uma conspiração para persegui-lo — disse ela. — O que significa isso?

— É apenas o protesto do mundo, Srta. Verinder, numa escala bem pequena, contra qualquer coisa que seja nova.

— O que faremos com a Sra. Merridew?

— Diremos a ela que a explosão acontecerá às nove horas, amanhã de manhã.

— Para mandá-la para a cama?

— Sim, para mandá-la para a cama.

A Srta. Verinder voltou à sala de estar, e eu subi as escadas ao encontro do Sr. Blake.

Para minha surpresa, encontrei-o a sós, andando de um lado para o outro do quarto, inquieto, e algo irritado por ter sido deixado sozinho.

— Onde está o Sr. Bruff? — perguntei.

Ele apontou para a porta de comunicação fechada entre os dois quartos. O Sr. Bruff havia estado com ele por algum tempo; havia tentado reafirmar seu protesto contra nosso procedimento, e mais uma vez havia falhado em produzir o menor efeito que fosse no Sr. Blake. Diante disso, o advogado havia se refugiado em uma sacola de couro preto, cheia até a boca de documentos profissionais.

— As coisas sérias da vida — ele havia admitido — estão tristemente fora de lugar numa ocasião como esta. Mas mesmo assim as coisas sérias da vida devem prosseguir. Talvez o Sr. Blake possa gentilmente fazer uma concessão aos hábitos antiquados de um homem prático. Tempo é dinheiro e, quanto ao Sr. Jennings, ele pode estar certo de que estarei disponível quando precisar de mim.

Com essa desculpa, o advogado havia retornado ao seu próprio quarto e mergulhado com obstinação em sua sacola preta.

Pensei na Sra. Merridew e em seu bordado, e em Betteredge e sua consciência. Há uma maravilhosa constância no lado sólido do caráter inglês — assim como há uma maravilhosa constância na expressão sólida do rosto inglês.

— Quando me dará o láudano? — perguntou o Sr. Blake, impaciente.

— Deve esperar mais um pouco — disse eu. — Vou ficar aqui e fazer-lhe companhia até que chegue a hora.

Não eram então nem dez horas. Segundo perguntas que havia feito em várias ocasiões ao Sr. Blake e a Betteredge, eu havia concluído que a dose de láudano dada pelo Sr. Candy não poderia de maneira nenhuma ter sido administrada antes das onze. Assim, eu havia decidido não tentar a segunda dose até aquele momento.

Conversamos um pouco; mas nossas mentes estavam preocupadas com a experiência. A conversa logo começou a se arrastar — e então cessou completamente. O Sr. Blake virava preguiçosamente os livros em cima de sua mesa. Eu havia tomado o cuidado de olhá-los, na primeira vez em que entramos no quarto. *The Guardian*; a *Tatler*, Pamela, de Richardson; *O homem sentimental*, de Mackenzie; *Lorenzo de Medici*, de Roscoe; e *Caríós Quinto*, de Robertson — todas obras clássicas; todas (é claro) imensamente superiores àquilo que havia sido produzido depois; e todas (segundo minha opinião atual) possuíam o grande mérito de não prender a atenção nem tampouco excitar a mente de ninguém. Deixei o Sr. Blake ocupado com a influência apaziguadora da literatura Padrão, e ocupei-me escrevendo essa parte de meu diário.

Meu relógio me informa que está perto das onze horas. Devo mais uma vez fechar estas páginas,

Dois horas da manhã — O experimento foi tentado. Com o resultado que descreverei a seguir.

Às onze horas, toquei a sineta chamando Betteredge, e disse ao Sr. Blake que ele podia finalmente preparar-se para dormir.

Olhei pela janela para a noite lá fora. O tempo estava chuvoso e não fazia frio, o que se assemelhava à noite do aniversário — 21 de junho do ano passado. Sem fingir acreditar em presságios, era ao menos reconfortante não encontrar influências nervosas diretas — nenhuma tempestade ou perturbação elétrica — na atmosfera. Betteredge juntou-se a mim na janela, e colocou

misteriosamente um pedaço de papel em minha mão. Continha as seguintes linhas:

A Sra. Merridew foi para a cama, havendo sido informada claramente de que a explosão acontecerá às nove horas, amanhã de manhã, e que eu não me moverei desta parte da casa até que ela venha me liberar. Ela não tem ideia de que o cenário principal do experimento é minha sala de estar — ou teria ficado ali a noite toda! Estou sozinha, e muito ansiosa.

Por favor, deixe-me vê-lo medir a dose de láudano; quero ter alguma participação nisso tudo, mesmo que seja na condição de simples espectadora. — R.V.

Segui Betteredge para fora do quarto, e disse-lhe que levasse a caixa de remédios até a sala de estar da Srta. Verinder.

A ordem pareceu pegá-lo completamente de surpresa. Olhou-me como se suspeitasse que eu tivesse alguma intenção médica secreta em relação à Srta. Verinder!

— Posso perguntar — disse ele — o que minha jovem senhora e a caixa de remédios têm a ver um com o outro?

— Fique na sala de estar e verá.

Betteredge pareceu duvidar de sua capacidade de poder me auxiliar eficazmente, sem mais alguém para ajudá-lo, em uma ocasião na qual uma caixa de remédios fizesse parte das operações.

— Senhor, haveria alguma objeção — perguntou ele — em trazer o Sr. Bruff para assistir a essa parte?

— Muito pelo contrário! Vou agora mesmo pedir ao Sr. Bruff para me acompanhar até o andar de baixo.

Betteredge retirou-se para ir buscar a caixa de remédios, sem mais uma palavra. Voltei para o quarto do Sr. Blake, e bati na porta de comunicação. O Sr. Bruff a abriu, com seus

documentos nas mãos; mergulhado no Direito, impenetrável para a Medicina.

— Sinto incomodá-lo — disse eu. — Mas vou preparar o láudano para o Sr. Blake e devo pedir que o senhor esteja presente e veja o que estou fazendo.

— Sim? — disse o Sr. Bruff, com nove décimos de sua atenção presos aos seus documentos, e um décimo involuntariamente dedicado a mim. — Algo mais?

— Devo incomodá-lo mais um pouco, fazendo-o voltar até aqui comigo e vendo-me administrar a dose.

— Algo mais?

— Mais uma coisa. Devo causar-lhe a inconveniência de permanecer no quarto do Sr. Blake e esperar para ver o que acontece.

— Ah, muito bem! — disse o Sr. Bruff. — Meu quarto, ou o quarto do Sr. Blake, não importa qual dos dois; posso levar meus documentos para qualquer lugar. A não ser, Sr. Jennings, que o senhor tenha alguma objeção quanto a acrescentar bom senso aos procedimentos?

Antes que eu pudesse responder, o Sr. Blake dirigiu-se ao advogado, falando de sua cama.

— O senhor realmente está querendo dizer que não tem nenhum interesse no que vamos tentar fazer? — perguntou ele. — Sr. Bruff, o senhor tem tanta imaginação quanto uma vaca!

— A vaca é um animal muito útil, Sr. Blake — disse o advogado. Com essa resposta, saiu do quarto atrás de mim, ainda com seus documentos nas mãos.

Encontramos a Srta. Verinder, pálida e agitada, andando impacientemente de um lado para o outro da sala. Numa mesa em um canto estava Betteredge, vigiando a caixa de remédios. O Sr. Bruff sentou-se na primeira cadeira que encontrou e

(imitando a utilidade da vaca) mergulhou novamente em seus documentos, de imediato.

A Srta. Verinder me chamou de lado e voltou imediatamente a seu único interesse — o Sr. Blake.

— Como ele está agora? — perguntou. — Está nervoso? Está irritado? O senhor acha que vai dar certo? Tem certeza de que não lhe fará mal?

— Certeza absoluta. Venha me ver medir a dose.

— Um momento! Já passa das onze horas. Quanto tempo até que aconteça alguma coisa?

— Não é fácil dizer. Talvez uma hora.

— Suponho que o cômodo deva estar às escuras, como no ano passado?

— Certamente.

— Esperarei em meu quarto de dormir — como fiz da outra vez. Deixarei a porta entreaberta. Estava entreaberta no ano passado. Ficarei olhando a porta da sala de estar; e, no instante em que ela se mover, apagarei minha luz. Aconteceu assim na noite do meu aniversário. E tudo deve acontecer de novo da mesma maneira, não deve?

— Tem certeza de que vai ser capaz de se controlar, Srta. Verinder?

— Por ele, posso fazer qualquer coisa! — respondeu ela com fervor.

Um olhar para seu rosto me assegurou que eu podia confiar nela. Dirigi-me outra vez ao Sr. Bruff.

— Devo incomodá-lo pedindo que deixe seus documentos de lado por um instante — disse eu.

— Ah, certamente! — ele se levantou num pulo, como se eu o houvesse incomodado num trecho particularmente interessante, e seguiu-me até a caixa de remédios. Ali, privado da extraordinária excitação inerente à prática da sua profissão, olhou para Betteredge e bocejou, enfastiado.

A Srta. Verinder juntou-se a mira com uma jarra de água fria, que havia pego em cima de uma mesa de apoio.

— Deixe-me despejar a água — sussurrou ela. — Tenho que ter alguma participação nisso!

Medi as quarenta gotas, e despejei o láudano em um copo próprio para remédios.

— Encha-o até um terço de sua capacidade — disse eu, e entreguei o copo à Srta. Verinder. Então instruí Betteredge a trancar a caixa de remédios, informando-o que por ora não precisava mais dela. Um olhar de indisfarçável alívio espalhou-se pelo semblante do criado. Ele obviamente havia suspeitado de que eu tivesse alguma intenção médica em relação à sua jovem senhora!

Depois de acrescentar a água conforme minhas instruções, a Srta. Verinder escolheu um momento—enquanto Betteredge trancava a caixa e o Sr. Bruff voltava mais uma vez a seus documentos — e beijou disfarçadamente a borda do copo.

— Quando o senhor lhe der o copo — disse a encantadora moça dê-lhe deste lado.

Tirei do bolso o pedaço de cristal que fazia às vezes de Diamante e o entreguei a ela.

— A senhorita precisa participar disto também — disse eu. — Precisa colocá-lo onde colocou a Pedra da Lua no ano passado.

Ela foi na frente até o armário indiano e colocou o diamante falso na gaveta que havia sido ocupada pelo verdadeiro Diamante na noite do aniversário. O Sr. Bruff testemunhou essa ação, sob protestos, assim como havia testemunhado todo o resto. Mas a forte dramaticidade que o experimento estava assumindo revelou-se (para meu grande divertimento) demais para a capacidade de autocontrole de Betteredge. Sua mão tremeu ao segurar a vela, e ele sussurrou ansiosamente:

— Tem certeza de que é a gaveta certa, senhorita?

Sal na frente mais uma vez, com o copo cheio de láudano e água nas mãos. Junto à porta, parei para dizer algumas últimas palavras à Srta. Verinder.

— Não demore em apagar as luzes — disse eu.

— Vou apagá-las agora mesmo — respondeu ela. — E esperarei em meu quarto, com apenas uma vela acesa.

Ela fechou a porta da sala de estar atrás de nós. Seguido pelo Sr. Bruff e por Betteredge, voltei ao quarto do Sr. Blake.

Encontramo-lo mexendo-se de um lado para outro da cama, agitado, perguntando-se com irritação se era naquela noite que tomaria o láudano. Na presença das duas testemunhas, dei-lhe a dose, afofei seus travesseiros e disse-lhe para tomar a se deitar calmamente e esperar.

A cama, coberta por cortinas leves de algodão, estava posicionada com a cabeceira contra a parede do quarto, de modo a lhe proporcionar um espaço grande de ambos os lados. De um dos lados, fechei completamente as cortinas — e, na parte do quarto, assim escondida de sua vista, acomodei Betteredge e o Sr. Bruff, para que esperassem pelo resultado. No pé da cama, fechei as cortinas pela metade — e coloquei minha própria cadeira a uma pequena distância, de modo que pudesse fazê-lo me ver ou não, falar comigo ou não, conforme as circunstâncias exigissem. Já tendo sido informado de que ele sempre dormia com uma luz no quarto, coloquei uma das duas velas acesas em uma pequena mesa junto à cabeceira da cama, onde a luz não ofuscasse seus olhos. Dei a outra vela ao Sr. Bruff; a luz, nesse caso, estaria filtrada pelo tecido da cortina. A janela estava aberta na parte de cima, de maneira a ventilar o quarto. A chuva caía mansamente, a casa estava silenciosa. Eram onze horas e vinte minutos, segundo meu relógio, quando terminamos os preparativos, e tomei meu lugar na cadeira separada ao pé da cama.

O Sr. Bruff voltou aos seus documentos, aparentando um interesse mais profundo do que nunca. Mas, ao olhar para ele,

vi certos sinais e provas que me diziam que o Direito estava começando enfim a perder terreno. O suspense da situação em que estávamos exercia lentamente sua influência até mesmo na sua mente sem imaginação. Quanto a Betteredge, princípios consistentes e conduta digna haviam se tomado, no seu caso, palavras vazias. Ele se esqueceu de que eu estava fazendo um truque mágico com o Sr. Franklin Blake; esqueceu-se de que eu havia virado a casa de pernas para o ar; esqueceu-se de que eu não lia Robinson Crusô desde criança.

— Pelo amor de Deus, senhor — murmurou ele —, digamos quando vai começar a funcionar.

— Não antes da meia-noite — murmurei de volta. — Não diga nada, e fique quieto.

Betteredge agiu comigo com a mais profunda familiaridade, sem nenhum esforço para se preservar. Respondeu com uma piscadela!

Ao olhar, em seguida, para o Sr. Blake, vi que ele estava agitado como nunca em sua cama; perguntei-me, impaciente, por que a influência do láudano ainda não havia se declarado. Dizer-lhe, no estado de espírito em que se encontrava, que quanto mais ele se remexesse e pensasse, mais atrasaria o resultado que estávamos esperando, teria sido simplesmente inútil. O mais sábio a fazer era dissipar de sua mente a ideia do ópio, levando-o, sem que tivesse consciência, a pensar em outra coisa.

Com esse intuito, encorajei-o a falar comigo, tentando, por minha vez, conduzir a conversa novamente para o assunto que nos havia ocupado mais cedo na mesma noite — o assunto do Diamante. Tomei cuidado para voltar aos pedaços da história da Pedra da Lua relacionados a seu transporte de Londres a Yorkshire; ao risco que o Sr. Blake havia corrido ao retirá-la do banco em Frizinghall; e à aparição inesperada dos indianos na casa, na noite do aniversário. E, ao fazer referência a esses eventos, fingi de propósito não havei

entendido a maior parte daquilo que o próprio Sr. Blake havia me contado algumas horas atrás. Desse modo, fiz com que começasse a falar no assunto que era vital que ocupasse sua mente — sem deixá-lo desconfiar que o estava fazendo falar com um propósito em vista. Pouco a pouco, ele ficou tão interessado em me explicar melhor as coisas que se esqueceu de se remexer na cama. Sua mente estava muito longe da questão do ópio naquele momento tão importante em que seus olhos me revelaram, pela primeira vez, que este estava começando a tomar conta de seu cérebro.

Olhei para meu relógio. Faltavam cinco minutos para a meia-noite quando os sintomas avisando que o láudano começava a agir ficaram evidentes para mim pela primeira vez.

Naquele momento, olhos amadores não teriam detectado nenhuma mudança nele. Mas, à medida que os minutos da nova manhã passavam, o progresso sutil e rápido da influência começou a ficar mais patente. A sublime intoxicação do ópio lampejava em seus olhos; uma fina camada de suor começou a brilhar em seu rosto. Em mais cinco minutos, a conversa que ele ainda mantinha comigo perdeu a coerência. Ele manteve-se fiel ao assunto do Diamante, mas parou de completar as frases. Um pouco depois, as frases viraram palavras soltas. Houve um intervalo de silêncio. Ele então se sentou na cama. Depois, ainda entretido com o assunto do Diamante, recomeçou a falar — não comigo, mas consigo mesmo. Essa mudança me confirmou que o primeiro estágio do experimento havia sido alcançado. Ele havia sido tomado pela influência estimulante do ópio.

Era então meia-noite e vinte e três. A próxima meia hora, no máximo, iria decidir se ele se levantaria ou não da cama, e deixaria o quarto.

No afã de observá-lo — no triunfo indescritível de ver os primeiros resultados do experimento tornarem-se visíveis da

maneira, e praticamente no momento, que eu havia previsto eu havia esquecido por completo os dois companheiros de minha vigília noturna. Olhando para eles, vi o Direito (representado pelos documentos do Sr. Bruff) jogado no chão, esquecido. O próprio Sr. Bruff espiava ansiosamente através de um buraco nas cortinas mal fechadas da cama. E Betteredge, alheio a qualquer respeito pelas posições sociais, espiava por sobre os ombros do Sr. Bruff.

Ambos recuaram, sobressaltados, ao perceber que eu os estava olhando, como dois garotos pegos pelo professor fazendo uma besteira. Fiz sinal para que tirassem os sapatos em silêncio, como eu estava tirando os meus. Se o Sr. Blake nos desse a oportunidade de segui-lo, era absolutamente necessário que o fizéssemos sem ruído.

Dez minutos se passaram — e nada aconteceu. Então, de súbito, ele atirou as cobertas para longe de si. Pôs uma perna para fora da cama. Esperou.

— Queria nunca tê-lo tirado do banco — disse para si mesmo.

— Estava seguro no banco.

Meu coração batia apressado; as veias em minhas têmporas pulsavam furiosamente. Mais uma vez, a dúvida a respeito da segurança do Diamante era a coisa mais importante em sua mente! Naquele instante, o sucesso da experiência se decidiu. Essa perspectiva, subitamente aberta para mim, foi demais para meus nervos abalados. Fui obrigado a desviar os olhos dele — ou teria perdido o autocontrole.

Houve outro intervalo de silêncio.

Quando pude finalmente olhar para ele de novo, estava fora da cama, de pé ao lado dela. As pupilas de seus olhos estavam agora contraídas; seus olhos brilhavam à luz da vela quando ele movia a cabeça suavemente para a frente e para trás. Estava pensando; estava duvidando. Falou novamente.

— Como posso saber? — disse ele. — Os indianos podem estar escondidos na casa.

Parou, e andou lentamente até a outra extremidade do quarto. Virou-se, esperou, voltou para perto da cama.

— Ele sequer está trancado — continuou ele. — Está na gaveta de seu armário. E a gaveta não tem chave.

Sentou-se na beirada da cama.

— Qualquer um pode pegá-lo — disse.

Tornou a se levantar, agitado, e repetiu suas primeiras palavras.

— Como posso saber? Os indianos podem estar escondidos na casa.

Ele esperou novamente. Escondi-me atrás da cortina da cama. Ele olhou em volta do quarto com um brilho débil nos olhos. Foi um momento tenso. Houve uma espécie de pausa. Um intervalo na ação do ópio? Um intervalo na ação de seu cérebro? Quem poderia saber? Tudo agora dependia do que ele fizesse em seguida.

Ele deitou-se novamente na cama!

Uma horrível dúvida atravessou minha mente. Seria possível que a ação sedativa do ópio já pudesse estar sendo sentida? Segundo minha experiência,, não deveria ser assim. Mas o que é a experiência quando se trata do ópio? Provavelmente não existem dois homens no mundo nos quais a droga aja do mesmo modo. Haveria em sua constituição alguma peculiaridade que fizesse com que sentisse a influência de alguma maneira nova? Será que falharíamos depois de termos chegado à beira do sucesso?

Não! Novamente ele se levantou de forma abrupta.

— Como diabos posso dormir — disse ele — com isso na cabeça?

Olhou para a vela, queimando sobre a mesa ao lado de sua cama. Um instante depois, tomou a vela nas mãos.

Soprei a segunda vela, que estava acesa atrás das cortinas fechadas. Afastei-me, com o Sr. Bruff e Betteredge, para o canto mais afastado da cama. Fiz sinal para que ficassem em silêncio, como se suas vidas dependessem disso.

Esperamos — sem ver nem ouvir nada. Esperamos, escondidos pelas cortinas.

De repente, a vela que ele estava segurando do outro lado do quarto se moveu. No instante seguinte, ele passou por nós, rápido e silencioso, com a vela na mão.

Abriu a porta do quarto e saiu.

Seguimo-lo pelo corredor. Seguimo-lo escadas abaixo. Seguimo-lo pelo segundo corredor. Ele jamais olhou para trás; jamais hesitou.

Abriu a porta da sala de estar e entrou, deixando-a aberta atrás de si.

A porta (como todas as outras portas da casa) era sustentada por dobradiças antigas. Quando aberta, formava-se uma fresta entre a porta e o alisar. Fiz sinal a meus dois companheiros para que olhassem por ali, de modo a não demonstrar sua presença. Eu me posicionei — também do lado de fora da porta — do lado oposto. Havia um recesso na parede à minha esquerda, no qual eu podia imediatamente me esconder, se ele desse algum sinal de querer olhar em direção ao corredor.

Ele avançou até o meio do quarto, ainda com a vela na mão; olhou em volta — mas nem uma vez olhou para trás.

Vi a porta do quarto da Srta. Verinder inteiramente aberta. Ela havia apagado sua luz. Estava se controlando com bravura. O contorno branco indistinto de seu vestido era tudo o que eu podia ver. Ninguém que não soubesse de antemão que havia alguma criatura viva naquele quarto teria desconfiado de tal coisa. Ela manteve-se afastada, no escuro: nem uma palavra, nem um movimento lhe escapou.

Era agora uma e dez da manhã. No silêncio completo, escutei o cair suave da chuva e o sopro trêmulo do vento noturno entre as árvores.

Depois de esperar no centro do quarto, indeciso, por um minuto ou mais, moveu-se até o canto perto da janela, onde ficava o armário indiano.

Pôs sua vela em cima do armário. Abriu e fechou uma gaveta depois da outra, até chegar à gaveta onde estava o diamante falso. Olhou para dentro da gaveta por um momento. Então tirou o diamante falso com a mão direita. Com a outra mão, tirou a vela de cima do armário.

Deu alguns passos para trás, em direção ao centro do quarto, e parou novamente.

Até ali, havia repetido exatamente suas ações da noite do aniversário. Será que sua próxima ação seria a mesma do ano passado? Ele deixaria o quarto? Voltaria agora, como eu acreditava que tinha voltado da outra vez, ao seu quarto de dormir? Mostrar-nos-ia o que havia feito com o Diamante uma vez de volta a seu próprio quarto?

Sua primeira ação, quando voltou a se mover, foi na verdade uma ação que ele não havia executado da primeira vez que estava sob influência do ópio. Colocou a vela em cima de uma mesa, e se afastou um pouco em direção aos fundos do quarto. Ali havia um sofá. Ele apoiou todo o seu peso contra as costas do sofá, sobre a mão esquerda — e então se empertigou e voltou ao centro do quarto. Eu agora podia ver seus olhos. Estavam ficando opacos e pesados; seu brilho estava se dissipando rapidamente.

O suspense daquele momento provou ser demais para a Srta. Verinder. Ela avançou alguns passos, depois parou novamente. O Sr. Bruff e Betteredge olharam para mim pela fresta da porta pela primeira vez. A expectativa de um desapontamento iminente estava se desenhando em suas mentes, assim como na minha.

Ainda assim, enquanto ele estivesse ali, havia esperança. Esperamos, numa expectativa indescritível, para ver o que aconteceria em seguida.

A ação seguinte foi decisiva. Ele deixou o diamante falso cair de sua mão.

A pedra caiu no chão, em frente à porta — perfeitamente visível. Ele não fez nenhum esforço para apanhá-la: olhou para ela com uma expressão vazia e, enquanto olhava, sua cabeça caiu sobre seu peito. Ele titubeou — empertigou-se por um instante — voltou trôpego para o sofá — e sentou-se. Fez um último esforço: tentou se levantar, e mais uma vez despencou. Sua cabeça caiu sobre as almofadas do sofá. Era então uma e vinte e cinco da manhã. Antes que eu tivesse recolocado meu relógio no bolso, ele estava dormindo.

Estava tudo terminado. A influência sedativa havia tomado conta dele; era o fim do experimento.

Entrei no quarto, dizendo ao Sr. Bruff e a Betteredge que eles podiam me seguir. Não havia perigo de incomodá-lo. Estávamos livres para nos mover e para falar.

— A primeira coisa a decidir — disse eu — é o que fazer com ele. Provavelmente dormirá pelas próximas seis ou sete horas, pelo menos. Fica um pouco longe carregá-lo até seu próprio quarto. Quando eu era mais jovem, poderia ter feito isso sozinho. Mas minha saúde e minha força não são mais o que eram; acredito que preciso de sua ajuda.

Antes que eles pudessem responder, a Srta. Verinder chamou suavemente meu nome. Encontrou-me na porta de seu quarto, com um xale leve e a colcha de sua cama nos ombros.

— O senhor pretende ficar olhando para ele enquanto dorme? — perguntou ela.

— Sim. Não tenho certeza o suficiente quanto à ação do ópio no caso dele para ser capaz de deixá-lo a sós.

Ela me estendeu o xale e a colcha.

— Por que incomodá-lo? — sussurrou ela. — Faça a cama dele no sofá. Posso fechar minha porta e ficar no meu quarto.

Era de longe a maneira mais simples e mais segura para que ele passasse a noite. Mencionei a sugestão para o Sr. Bruff e Betteredge — ambos a aprovaram. Em cinco minutos, eu o havia acomodado confortavelmente no sofá, coberto de leve com a colcha e o xale. A Srta. Verinder nos desejou boa-noite e fechou a porta. A meu pedido, nós três nos reunimos em volta da mesa no centro do aposento, na qual a vela ainda ardia e na qual havia material para escrever.

— Antes que nos separemos — comecei — tenho uma palavra a dizer sobre o experimento que foi tentado esta noite. Ele procurava atingir dois objetivos distintos. O primeiro objetivo era provar que, no ano passado, o Sr. Blake entrou neste aposento e levou o Diamante agindo inconsciente e irresponsavelmente sob a influência do ópio. Depois do que vimos, vocês dois estão convencidos disso?

Ambos me responderam afirmativamente, sem um instante de hesitação.

— O segundo objetivo — continuei — era descobrir o que ele fez com o Diamante depois que a Srta. Verinder o viu sair da sala de estar com a joia na mão, na noite do aniversário. É claro que, para atingirmos esse objetivo, dependíamos de que continuasse a repetir exatamente suas ações do ano passado. Ele não fez isso, e a finalidade do experimento, conseqüentemente, não foi alcançada. Não posso afirmar que não estou desapontado com o resultado, mas posso dizer honestamente que estou surpreso. Desde o início, eu disse ao Sr. Blake que nosso sucesso completo nesta tentativa dependia de reproduzirmos totalmente para ele as condições físicas e morais do ano passado, e o avisei que isso era praticamente impossível. Só reproduzimos as condições parcialmente, e em consequência disso o experimento foi apenas parcialmente bem-sucedido. Também é possível que eu tenha administrado

uma dose de láudano grande demais. Mas eu considero a primeira razão que expus a verdadeira razão pela qual devemos lamentar um fracasso, assim como festejar um sucesso.

Depois de dizer essas palavras, coloquei papel e pena diante do Sr. Bruff e lhe perguntei se ele tinha alguma objeção — antes de nos separarmos — em escrever e assinar um relatório daquilo que ele havia visto. Ele tomou a pena imediatamente e produziu o relatório com a facilidade fluente de uma mão calejada.

— Devo-lhe isso — disse ele, assinando o papel — como uma compensação pelo que se passou entre nós mais cedo. Peço-lhe perdão, Sr. Jennings, por ter duvidado do senhor. O senhor prestou um serviço inestimável a Franklin Blake. No jargão legal que utilizamos, o senhor provou seu caso.

As desculpas de Betteredge foram condizentes com sua pessoa.

— Sr. Jennings — disse ele — quando o senhor reler Robinson Crusó (coisa que lhe recomendo vivamente), descobrirá que ele nunca hesita em admitir quando descobre que estava errado. Queira considerar que estou fazendo como Robinson Crusó agora, senhor.

Com essas palavras, assinou o papel.

O Sr. Bruff chamou-me de lado quando estávamos nos levantando da mesa.

— Uma palavra sobre o Diamante — disse ele. — Sua teoria é que Franklin Blake escondeu-o em seu quarto. Minha teoria é que a Pedra da Lua está com os banqueiros do Sr. Luker, em Londres. Não vamos discutir qual de nós dois está certo. Perguntemo-nos apenas: qual de nós dois está em condições de testar sua teoria?

— O teste, no meu caso — respondi —, foi feito esta noite e falhou.

— O teste, no meu caso — retorquiu o Sr. Bruff — ainda está em julgamento. Durante os últimos dois dias, coloquei uma pessoa vigiando o banco, à espera do Sr. Luker; e ela ficará lá até o final do mês. Sei que ele era pessoa é quem deve retirar o Diamante das mãos de seus banqueiros, e estou apostando na possibilidade de que a pessoa que penhorou o Diamante o force a fazer isso, pagando sua dívida. Nesse caso, serei capaz de pôr as mãos nessa pessoa. Se eu for bem-sucedido, esclareço o mistério, exatamente no ponto em que ele nos escapa! O senhor concorda, até aqui?

Concordei prontamente.

— Vou voltar à cidade pelo trem da manhã — prosseguiu o advogado. — Quando voltar, posso ser informado de uma descoberta, e pode ser que seja fundamental que eu tenha Franklin Blake à minha disposição, se necessário. Assim que ele acordar, pretendo lhe dizer que ele deve retornar a Londres comigo. Depois de tudo o que aconteceu, posso confiar no senhor para me apoiar?

— Certamente! — disse eu.

O Sr. Bruff apertou minha mão e deixou o aposento. Betteredge o seguiu.

Fui até o sofá para olhar o Sr. Blake. Ele não havia se movido desde que eu o havia deitado e feito sua cama — permanecia imerso em um sono profundo e tranquilo.

Enquanto eu o olhava, ouvi a porta do quarto se abrir suavemente. Mais uma vez, a Srta. Verinder apareceu na soleira, em seu bonito vestido de verão.

— Faça-me um último favor — sussurrou ela. — Deixe-me olhá-lo com o senhor.

Hesitei — não por estar preocupado com as aparências, apenas por estar preocupado em que ela descansasse durante a noite. Ela chegou perto de mim e pegou minha mão.

— Não consigo dormir; não consigo sequer ficar sentada em meu próprio quarto — disse ela. — Ah, Sr. Jennings, se o

senhor fosse eu, pense como gostaria de se sentar aqui e ficar olhando para ele! Diga sim! Diga!

Seria necessário mencionar que *aquiesci*? Certamente não!

Ela levou uma cadeira até junto do sofá. Olhou para ele, num êxtase de felicidade silenciosa, até lágrimas brotarem de seus olhos. Secou os olhos, e disse que ia buscar seu trabalho. Foi buscar seu trabalho e não deu um ponto sequer. O bordado ficou em seu colo — ela não foi sequer capaz de desviar os olhos dele tempo o bastante para enfiar a linha na agulha. Pensei em minha própria juventude; pensei nos olhos bondosos que um dia haviam olhado para mim com amor. Com o coração pesado, voltei-me para meu diário em busca de alívio, e escrevi o que está escrito aqui.

Assim mantivemos nossa vigília em silêncio. Um de nós absorto em sua escrita; o outro absorto em seu amor.

Hora após hora, ele continuava a dormir seu sono profundo. A luz do novo dia aumentava, e ainda assim ele não se movia.

Por volta das seis horas, senti o aviso de que minhas dores estavam voltando. Fui obrigado a deixá-la a sós com ele por um instante. Disse que ia subir até o andar de cima pegar outro travesseiro para ele em seu quarto. Não foi uma crise longa dessa vez. Dentro de pouco tempo, fui capaz de voltar, e deixá-la me ver novamente.

Encontrei-a junto à cabeceira do sofá quando voltei. Ela estava tocando sua testa com os lábios. Balancei a cabeça da maneira mais severa de que fui capaz, e apontei para sua cadeira. Ela me olhou com um sorriso luminoso e as faces encantadoramente rosadas.

— O senhor teria feito isso — sussurrou ela se estivesse em meu lugar!

Oito horas. Ele está começando a se mover pela primeira vez.

A Srta. Verinder está ajoelhada ao lado do sofá. Posicionou— se de modo que, quando ele abrisse os olhos, os abrisse sobre ela. Devo deixá-los a sós? Sim!

Onze horas. A casa está vazia novamente. Eles combinaram tudo; foram todos para Londres no trem das dez horas. Meu breve sonho de felicidade está terminado. Despertei novamente para a realidade da minha vida solitária e sem amigos.

Não ousou escrever as palavras gentis que me foram ditas — principalmente pela Srta. Verinder e pelo Sr. Blake. Além disso, é inútil. Essas palavras não vão voltar à minha mente em meus momentos solitários e me ajudarão durante o que resta do final da minha vida. O Sr. Blake vai escrever, contando-me o que acontecer em Londres. A Srta. Verinder voltará a Yorkshire no outono (para seu casamento, sem dúvida), e eu virei de férias e serei um convidado na casa. Ah, como fiquei comovido ao ver a felicidade agradecida em seus olhos, e com o aperto da sua mão, quando disse: O senhor é o responsável por isso!

Meus pobres pacientes estão à minha espera. Esta manhã, volto novamente à velha rotina! Esta noite, volto novamente à escolha terrível entre o ópio e a dor!

Deus seja louvado por sua misericórdia! Vi um raio de sol — tive momentos felizes. `

QUINTA NARRATIVA

A História retomada por Franklin Blake

São necessárias poucas palavras, da minha parte, para completar a narrativa apresentada no diário de Ezra Jennings.

De minha pessoa, tenho a dizer apenas que despertei na manhã do dia 26, perfeitamente ignorante sobre o que havia dito e feito sob a influência do ópio desde o momento em que a droga começou a fazer efeito até o momento em que abri os olhos, na sala de estar de Rachel.

Do que aconteceu depois que despertei, não penso ter que fornecer um relatório detalhado. Atendo-me aos resultados, devo relatar que Rachel e eu nos entendemos perfeitamente, antes que uma palavra de explicação houvesse sido pronunciada por qualquer um de nós. Declino explicar, e Rachel idem, a extraordinária rapidez de nossa reconciliação. Senhor, senhora, olhem para trás, para o tempo em que eram apaixonadamente ligados um ao outro, e saberão o que aconteceu quando Ezra Jennings fechou a porta da sala de estar tão bem quanto eu próprio o sei.

Não tenho, no entanto, nenhuma objeção a acrescentar que teríamos certamente sido descobertos pela Sra. Merridew não fosse pela presença de espírito de Rachel. Ela ouviu o barulho do vestido da velha senhora no corredor, e correu imediatamente a seu encontro. Ouvi a Sra. Merridew dizer Qual é o problema?, e ouvi Rachel responder A explosão!. A Sra. Merridew aceitou na mesma hora ser tomada pelo braço e levada até o jardim, fora do alcance do choque iminente. Quando voltou para dentro da casa, encontrou-me no vestíbulo, e disse estar muito admirada com o grande progresso da Ciência desde o tempo em que era uma garota na escola.

— As explosões estão muito mais brandas do que eram, Sr. Blake. Garanto-lhe que mal ouvi a explosão do jardim. E nenhum cheiro depois, que eu possa sentir agora que voltei

para dentro de casa! Devo realmente pedir desculpas a seu amigo médico. Posso apenas dizer, como ele merece, que fez as coisas lindamente!

Assim, depois de conquistar Betteredge e o Sr. Bruff, Ezra Jennings havia conquistado a Sra. Merridew em pessoa. Há muitos que possuem valores liberais no mundo, afinal de contas!

No café da manhã, o Sr. Bruff não fez segredo quanto a suas razões de querer que eu o acompanhasse a Londres no trem da manhã. A vigilância no banco prosseguia, e o resultado que poderia vir dela atiçava tanto a curiosidade de Rachel que ela decidiu na mesma hora (se a Sra. Merridew não tivesse objeção) acompanhar-nos de volta à cidade — de modo a estar ao alcance das primeiras notícias de nossos procedimentos.

A Sra. Merridew mostrou-se toda flexibilidade e indulgência, depois da maneira tão atenciosa como a explosão havia ocorrido; e Betteredge foi devidamente informado de que nós quatro viajaríamos juntos no trem da manhã. Eu realmente esperava que ele pedisse permissão para nos acompanhar. Mas Rachel havia sabiamente proporcionado a seu velho criado uma ocupação que o interessava. Ele estava encarregado de completar a rearrumação da casa, e portanto ocupado demais com suas responsabilidades domésticas para ser arrebatado pela febre de detetive, como teria sido em outras circunstâncias.

Nosso único motivo de contrariedade ao ir para Londres foi a necessidade de nos separarmos, de maneira mais abrupta do que teríamos desejado, de Ezra Jennings. Era impossível convencê-lo a nos acompanhar. Pude apenas prometer que lhe escreveria, e Rachel pôde apenas insistir para que ele viesse visitá-la quando ela voltasse a Yorkshire. Havia muitas chances de que voltássemos a nos encontrar dentro de alguns meses, e ainda assim havia algo de muito triste em ver nosso

melhor e mais querido amigo sozinho na plataforma, enquanto o trem se movia para fora da estação.

Quando chegamos a Londres, o Sr. Bruff foi abordado na plataforma por um menino pequeno, vestido com uma jaqueta e calças de tecido preto surrado, e notável por causa de seus olhos extraordinariamente proeminentes. Eram tão saltados, e reviravam-se tanto, que era de se perguntar por que permaneciam nas órbitas. Depois de ouvir o menino, o Sr. Bruff pediu às senhoras se poderiam permitir que não as acompanhássemos de volta a Portland Place. Mal tive tempo de prometer a Rachel que voltaria e que lhe contaria tudo o que havia acontecido, antes que o Sr. Bruff me tomasse pelo braço e me empurrasse para dentro de um táxi. O menino dos olhos soltos se acomodou ao lado do motorista, e este foi instruído a tomar o rumo de Lombard Street.

— Novidades do banco? — perguntei, quando partíamos.

— Novidades do Sr. Luker — disse o Sr. Bruff. — Há uma hora, ele foi visto deixando sua casa em Lambeth, num táxi, acompanhado por dois homens, que foram reconhecidos por meus homens como oficiais de polícia à paisana. Se o medo que sente dos indianos está na origem das precauções do Sr. Luker, a conclusão é bastante óbvia. Ele está indo tirar o Diamante do banco.

— E estamos indo ao banco ver o que acontece?

— Sim; ou ouvir o que aconteceu, se tudo já houver terminado. O senhor reparou no meu menino, sentado ali?

— Reparei em seus olhos.

O Sr. Bruff riu.

— No escritório, chamam o pobre coitado de Groselha — disse ele. — Eu o uso como moço de recados, e gostaria que meus funcionários que inventaram esse apelido fossem tão confiáveis quanto ele. Groselha é um dos garotos mais espertos de Londres, Sr. Blake, apesar de seus olhos.

Faltavam cinco minutos para as cinco horas quando paramos diante do banco em Lombard Street. Groselha olhou desejosamente para seu mestre quando ele abriu a porta do táxi.

— Você quer entrar também? — perguntou o Sr. Bruff com gentileza. — Venha então, e fique perto de mim até segunda ordem. Ele é rápido como um raio — prosseguiu o Sr. Bruff, dirigindo-se a mim num sussurro. — Para Groselha bastam duas palavras, quando seriam necessárias vinte com outro garoto.

Entramos no banco. O escritório principal — com um grande balcão atrás do qual ficavam sentados os caixas — estava cheio de gente; todos esperavam sua vez de retirar dinheiro, ou de pagar, antes que o banco fechasse às cinco horas.

Dois homens se destacaram e se aproximaram do Sr. Bruff assim que ele entrou.

— Bem — perguntou o advogado. — Vocês o viram?

— Ele passou por nós há uma hora, senhor, e foi para o escritório dos fundos.

— Não saiu ainda?

— Não, senhor.

O Sr. Bruff virou-se para mim.

— Vamos esperar — disse ele.

Olhei em volta para as pessoas perto de mim, à procura dos três indianos. Não havia nenhum sinal deles em lugar algum. A única pessoa de pele escura presente era um homem alto com uma jaqueta de piloto e um chapéu redondo, que parecia um marinheiro. Poderia ser um deles disfarçado? Impossível! O homem era mais alto do que qualquer um dos indianos; e seu rosto, nos lugares em que não estava escondido por uma espessa barba preta, era pelo menos duas vezes mais largo do que os rostos dos indianos.

— O espião deve estar em algum lugar — disse o Sr. Bruff, olhando por sua vez para o marinheiro moreno. — E pode ser ele.

Antes que pudesse dizer mais, a aba de seu casaco foi puxada respeitosamente por seu ajudante, o duende de olhos de groselha. O Sr. Bruff olhou para onde o garoto estava olhando.

— Shh! — disse ele. — Ali está o Sr. Luker!

O agiota saiu das profundezas do banco, seguido por seus dois seguranças à paisana.

— Fique de olho nele — sussurrou o Sr. Bruff. — Se ele der o Diamante a alguém, vai fazê-lo aqui.

Sem perceber a presença de nenhum de nós, o Sr. Luker caminhou lentamente até a porta — ora misturado, ora afastado da multidão. Vi distintamente suas mãos se moverem quando ele passou por um homem baixo e atarracado, vestido num respeitável terno cinza sóbrio. O homem teve um ligeiro sobressalto, e olhou em sua direção. O Sr. Luker continuou lentamente através da multidão. Junto à porta, seus seguranças posicionaram-se em cada um dos dois lados. Os três foram seguidos por um dos homens do Sr. Bruff — e não mais os vi.

Olhei para o advogado atrás de mim, e depois olhei de maneira significativa para o homem de terno cinza.

— Sim! — sussurrou o Sr. Bruff. — Eu também vi!

Ele se virou, à procura de seu segundo homem. Seu segundo homem havia desaparecido. Ele olhou para trás à procura de seu duende ajudante. Groselha havia desaparecido.

— Que diabos isso quer dizer? — disse o Sr. Bruff, zangado. — Ambos nos deixaram no exato momento em que mais precisamos deles.

Chegou a vez do homem de terno cinza fazer sua transação no balcão. Ele pagou em cheque, recebeu um recibo de volta, e virou-se para sair.

— O que faremos? — perguntou o Sr. Bruff. — Não podemos nos rebaixar ao ponto de segui-lo.

— Eu posso! — disse eu. — Eu não perderia aquele homem de vista nem por dez mil libras!

— Nesse caso — respondeu o Sr. Bruff —, eu não perderia o senhor de vista por duas vezes essa quantia. Uma bela ocupação para um homem da minha posição — murmurou para si mesmo, enquanto seguíamos o estranho para fora do banco. — Pelo amor de Deus, não mencione isso a ninguém. Eu estaria arruinado.

O homem de terno cinza entrou em um ônibus indo em direção ao oeste da cidade. Entramos em seu encalço. Posso garantir com certeza de que havia no Sr. Bruff reservas latentes de juventude; quando ele tomou seu lugar no ônibus, suas faces coraram!

O homem de terno cinza fez o ônibus parar e desceu em Oxford Street. Tornamos a segui-lo. Ele entrou em uma farmácia.

O Sr. Bruff estacou.

— Meu farmacêutico! — exclamou. — Creio que erramos.

Entramos na loja. O Sr. Bruff e o proprietário trocaram algumas palavras em particular. O advogado juntou-se novamente a mim, com um semblante desolado.

— Pelo menos aprendemos a lição — disse ele, tomando meu braço e guiando-me para fora o que já é um consolo!

— Que lição? — perguntei.

— Sr. Blake! Somos os piores detetives amadores que jamais existiram. O homem de terno cinza trabalha para o farmacêutico há trinta anos. Foi mandado ao banco para

depositar dinheiro na conta de seu patrão, e sabe tanto sobre a Pedra da Lua quanto uma criança ainda por nascer.

Perguntei o que deveria ser feito em seguida.

— Voltemos ao meu escritório — disse o Sr. Bruff. — Groselha e o meu segundo homem obviamente seguiram outra pessoa. Esperemos que tenham tido mais sorte!

Quando chegamos a Gray's Inn Square, o segundo homem já havia chegado. Estava esperando há mais de um quarto de hora.

— Bem! — perguntou o Sr. Bruff. — Quais são suas novidades?

— Sinto dizer, senhor — respondeu o homem —, que cometi um erro. Eu poderia jurar que vi o Sr. Luker entregar alguma coisa a um cavalheiro mais velho de paletó claro. O cavalheiro mais velho, senhor, revelou-se um respeitável mestre ferreiro de Eastcheap.

— Onde está Groselha? — perguntou o Sr. Bruff com resignação.

O homem continuou a olhar para ele.

— Não sei, senhor. Não o vi desde que deixei o banco.

O Sr. Bruff lhe deu permissão para sair.

— Das duas uma — me disse ele. — Ou Groselha fugiu, ou está caçando por conta própria. O que o senhor diz de jantar aqui, caso o garoto volte dentro de uma ou duas horas? Tenho um bom vinho na adega, e podemos encomendar umas costeletas da casa de chá.

Jantamos nos aposentos do Sr. Bruff. Antes de ser tirada a mesa, o advogado foi avisado de que uma pessoa desejava lhe falar. Seria Groselha? Não: era apenas o homem que havia sido contratado para seguir o Sr. Luker quando este havia deixado o banco.

O relatório, nesse caso, não produziu nada digno do menor interesse. O Sr. Luker havia voltado para sua própria

casa, e ali havia dispensado os seguranças. Não havia tomado a sair. Por volta do entardecer, as venezianas haviam sido fechadas e as portas, trancadas. A rua em frente à casa e a ruela atrás da casa haviam sido cuidadosamente vigiadas. Ninguém havia sido visto espreitando no local. Depois de expor esses fatos, o homem esperou para saber se havia outras ordens. O Sr. Bruff o dispensou por aquela noite.

— O senhor acha que o Sr. Luker levou a Pedra da Lua consigo para casa? — perguntei.

— Ele não —, disse o Sr. Bruff. — Nunca teria dispensado os dois policiais se corresse o risco de guardar o Diamante em sua própria casa novamente.

Esperamos pelo garoto outra meia hora, em vão. Era chegada a hora em que o Sr. Bruff deveria ir para Hampstead, e eu deveria voltar a Rachel, em Portland Place. Deixei meu cartão aos cuidados do porteiro, com os dizeres de que eu estaria em meus aposentos às dez e meia naquela noite. O cartão deveria ser entregue ao garoto, se ele voltasse.

Alguns homens têm o dom de respeitar compromissos; outros têm o dom de perdê-los. Sou um destes últimos. Acrescente-se a isso que passei a noite em Portland Place, sentado ao lado de Rachel num cômodo de doze metros de comprimento, com a Sra. Merridew na outra extremidade. Alguém se espanta que eu tenha chegado em casa à meia-noite e meia, em vez das dez e meia? Essa pessoa não deve ter coração! Como espero jamais ter que conhecer essa pessoa!

Ao me deixar entrar, meu criado me entregou um pedaço de papel.

Li, numa caligrafia caprichada, estas palavras: Senhor, com sua permissão, estou ficando com sono. Voltarei amanhã de manhã, entre as nove e as dez. Alguma investigação revelou que um garoto, dono de olhos extraordinários, havia me procurado, apresentado meu cartão, esperado uma hora, não havia feito nada a não ser adormecer e acordar

novamente, havia me escrito duas linhas e partido — depois de informar ao criado com gravidade que não prestava para nada a não ser que descansasse.

Às nove horas da manhã seguinte, eu estava pronto para meu visitante. Às nove e meia, ouvi passos do lado de fora da minha porta.

— Entre, Groselha! — gritei.

— Obrigado, senhor — respondeu uma voz grave e melancólica. A porta se abriu. Fiquei de pé e vi o Sargento Cuff!

— Pensei em procurar aqui, Sr. Blake, caso estivesse na cidade, antes de escrever para Yorkshire — disse o Sargento.

Ele estava tristonho e magro como nunca. Seus olhos não haviam perdido a antiga capacidade (tão sensivelmente percebida na narrativa de Betteredge) de parecer esperar mais de você do que você próprio sabia. Mas, na medida em que as roupas podem mudar um homem, o grande Cuff estava irreconhecível. Usava um chapéu branco de aba larga, uma jaqueta de caça clara, calças brancas e polainas castanhas. Carregava um grosso bastão de carvalho. Seu único objetivo parecia ser o de dar a impressão de que havia vivido no campo toda sua vida. Quando o cumprimentei por sua metamorfose, ele se recusou a considerar isso uma brincadeira. Reclamou, com gravidade, dos barulhos e cheiros de Londres. Declaro estar longe de ter certeza de que não falou com um sotaque rústico! Ofereci-lhe café da manhã. O inocente homem do campo ficou chocado. A hora de seu café da manhã era seis e meia — e ele ia para a cama com os galos e galinhas!

— Só voltei da Irlanda na noite passada — disse o Sargento, chegando ao objetivo prático de sua visita, ao seu modo impenetrável. — Antes de ir para a cama, li sua carta, contando o que aconteceu desde que minha investigação sobre o Diamante foi interrompida no ano passado. Quanto a

mim, só tenho uma coisa a dizer sobre o assunto. Enganei-me completamente. Não sei como um homem numa situação como a minha na época poderia ter visto as coisas de modo correto. Mas isso não altera os fatos. Confesso que fiz confusão. Não há de ser a primeira, Sr. Blake, em minha carreira profissional! É só nos livros que os detetives estão acima da fraqueza de cometer erros.

— O senhor voltou no momento exato para recuperar sua reputação — disse eu.

— Peço-lhe perdão, Sr. Blake — retrucou o Sargento. — Agora que me aposentei, não ligo a mínima para minha reputação. Graças a Deus, isso acabou! Estou aqui, senhor, em nome da lembrança agradecida da liberalidade da falecida Lady Verinder em relação a mim. Voltarei a meu antigo trabalho (se o senhor me quiser, e se confiar em mim) por essa razão, e por nenhuma outra. Nem sombra de dinheiro passará do senhor para mim, por favor. Trata-se de honra. Agora me diga, Sr. Blake, em que pé está o caso desde a última vez que me escreveu.

Contei-lhe sobre o experimento com o ópio, e o que havia acontecido depois no banco, em Lombard Street. Ele ficou muito surpreso com o experimento — era algo totalmente novo para ele. E ficou particularmente interessado na teoria de Ezra Jennings relacionada ao que eu havia feito com o Diamante depois de deixar a sala de estar de Rachel na noite do aniversário.

— Não acho, como o Sr. Jennings, que o senhor tenha escondido a Pedra da Lua — disse o Sargento Cuff. — Mas concordo com ele que o senhor certamente deve tê-la levado de volta a seu próprio quarto.

— Bem? — perguntei. — E o que aconteceu então?

— O senhor não tem nenhuma suspeita do que aconteceu, senhor?

— Nenhuma.

— E o Sr. Bruff não tem nenhuma suspeita?

— Não mais do que eu.

O Sargento Cuff se levantou e foi até minha escrivaninha. Voltou com um envelope lacrado. Nele estava escrito Particular; estava endereçado a mim e tinha a assinatura do Sargento no canto.

— Suspeitei da pessoa errada no ano passado — disse ele —, e posso estar suspeitando da pessoa errada agora. Espere para abrir o envelope, Sr. Blake, até que saiba a verdade. E então compare o nome do culpado com o nome que escrevi na carta lacrada.

Coloquei a carta no bolso — e então pedi a opinião do Sargento sobre o que havíamos feito no banco.

— A intenção foi muito boa, senhor — respondeu ele —, e era a coisa certa a se fazer. Mas havia outra pessoa que deveria ter sido vigiada além do Sr. Luker.

— A pessoa cujo nome está escrito na carta que o senhor acaba de me dar?

— Sim, Sr. Blake, a pessoa cujo nome está na carta. Não há como fugir agora. Quando chegar a hora, terei algo a propor ao senhor e ao Sr. Bruff. Esperemos, primeiro, para ver se o garoto tem algo a nos dizer que valha a pena ouvir.

Já eram quase dez horas, e o garoto não havia aparecido. O Sargento Cuff falou de outras coisas. Perguntou por seu velho amigo, Betteredge, e por seu velho inimigo, o jardineiro. Dentro de mais um minuto, teria, sem dúvida, passado a seu assunto favorito, rosas, se meu criado não nos houvesse interrompido para anunciar que o garoto nos esperava no andar de baixo.

Ao ser trazido para dentro do aposento, Groselha parou na soleira da porta e olhou com desconfiança para o estranho que estava comigo. Disse ao garoto para vir até mim.

— Pode falar na frente deste cavalheiro — disse eu. — Ele está aqui para me ajudar, e sabe tudo o que aconteceu. Sargento Cuff acrescentei este é o ajudante do escritório do Sr. Bruff.

Em nosso sistema de civilização moderno, a celebridade (não importa de que tipo) é a alavanca que tudo move. A fama do grande Cuff havia chegado até mesmo aos ouvidos do pequeno Groselha. Os olhos saltados do garoto rodopiaram quando mencionei o nome ilustre, que pensei que iriam cair no tapete.

— Venha aqui, meu rapaz — disse o Sargento e vamos ouvir o que você tem a nos contar.

A presença do grande homem — herói de muitas histórias famosas em qualquer escritório de advocacia londrino — parecia fascinar o garoto. Ele se pôs na frente do Sargento Cuff, e colocou as mãos para trás, como um bom neófito prestes a ser arguido no catecismo.

— Qual é seu nome? — disse o Sargento, começando com a primeira pergunta do catecismo.

— Octavius Guy — respondeu o garoto. — Me chamam de Groselha no escritório por causa dos meus olhos.

— Octavius Guy, mais conhecido como Groselha — prosseguiu o Sargento, com muita gravidade você não foi mais visto no banco ontem. Onde estava?

— Com sua licença, senhor, eu estava seguindo um homem.

— Quem era?

— Um homem alto, senhor, com uma grande barba preta, vestido como um marinheiro.

— Eu me lembro do homem! — interrompi. — O Sr. Bruff e eu pensamos que se tratasse de um espião a serviço dos indianos.

O Sargento Cuff não pareceu muito impressionado pelo que o Sr. Bruff e eu havíamos pensado. Continuou a catequizar Groselha.

— Bem? — disse ele. — E por que você seguiu o marinheiro?

— Com sua licença, senhor, o Sr. Bruff queria saber se o Sr. Luker passou alguma coisa para alguém quando saía do banco. Vi o Sr. Luker passar alguma coisa para o marinheiro de barba preta.

— Por que não disse ao Sr. Bruff o que havia visto?

— Não tive tempo de dizer a ninguém, senhor, o marinheiro saiu com muita pressa.

— E você saiu correndo atrás dele, é isso?

— Sim, senhor.

— Groselha — disse o Sargento, dando tapinhas em sua cabeça —, você tem algo dentro desse seu pequeno crânio, e não é algodão. Até agora, estou muito satisfeito com você.

O garoto corou de prazer. O Sargento Cuff continuou.

— Bem? E o que o marinheiro fez quando chegou à rua?

— Chamou um táxi, senhor.

— E o que você fez?

— Segurei no táxi e fui atrás.

Antes que o Sargento pudesse fazer a pergunta seguinte, outro visitante foi anunciado — o gerente do escritório do Sr. Bruff.

Sentindo como era importante não interromper o interrogatório que o Sargento Cuff estava fazendo com o garoto, recebi o cavalheiro em outro cômodo. Ele trazia más notícias de seu patrão. A agitação e a excitação dos últimos dois dias haviam sido demais para o Sr. Bruff. Ele havia acordado naquela manhã com uma crise de gota; estava isolado em seu quarto em Hampstead e, em nossa atual situação crítica, estava aflito por ter de me deixar sem o

conselho e a ajuda de uma pessoa experiente. O gerente havia recebido ordens de manter-se à minha disposição, e estava disposto a fazer o melhor que pudesse para substituir O Sr. Bruff.

Escrevi na mesma hora para tranquilizar o velho cavalheiro, contando-lhe sobre a visita do Sargento Cuff, acrescentando que Groselha estava naquele momento sendo interrogado e prometendo informar o Sr. Bruff, quer pessoalmente quer por carta, de qualquer coisa que acontecesse no decorrer do dia. Tendo despachado o gerente para Hampstead com meu recado, voltei ao aposento que havia deixado, e encontrei o Sargento Cuff junto à lareira, prestes a tocar a sineta.

— Peço-lhe perdão, Sr. Blake — disse o Sargento. — Eu ia mesmo dizer ao seu criado que queria lhe falar, Não tenho nenhuma dúvida de que este garoto, este garoto muito merecedor — acrescentou o Sargento, afagando a cabeça de Groselha —, seguiu o homem certo. Perdeu-se um tempo precioso pelo fato de o senhor infelizmente não ter estado em casa às dez e meia, ontem à noite. A única coisa a se fazer agora é chamar um táxi imediatamente.

Em mais cinco minutos, o Sargento Cuff e eu (com Groselha junto ao motorista para guiá-lo) havíamos tomado a direção do leste, rumo à City.

—Alguns dias desses — disse o Sargento, apontando para a frente do táxi —, esse garoto fará maravilhas na minha antiga profissão. É o menino mais esperto que encontrei em muitos anos. O senhor vai ouvir agora o que ele me contou enquanto estava fora do aposento. Ainda estava presente, penso eu, quando ele mencionou que segurou num táxi e foi atrás dele?

— Sim.

— Bem, senhor, o táxi foi de Lombard Street para o Cais da Torre. O marinheiro de barba preta saiu e falou com o camareiro de bordo do barco a vapor de partida para Roterdã,

que sairia na manhã seguinte. Perguntou se poderiam deixar que ele subisse a bordo imediatamente e passasse a noite em seu beliche. O camareiro disse não. As cabinas, os beliches e as roupas de cama estavam sendo lavadas naquela noite, e nenhum passageiro podia subir à bordo até de manhã. O marinheiro deu meia-volta e deixou o cais. Quando saiu à rua novamente, o garoto notou pela primeira vez um homem vestido como um respeitável mecânico, andando do lado oposto da rua, aparentemente de olho no marinheiro. Este parou numa taverna nas redondezas e entrou. O garoto, incapaz de se decidir naquele momento, ficou ali por perto junto de outros garotos, olhando coisas gostosas pela vitrine da taverna. Notou que o mecânico estava esperando como ele, mas ainda do outro lado da rua. Depois de um minuto, um táxi chegou devagar, e parou onde estava o mecânico. O garoto só podia ver nitidamente uma das pessoas no táxi, que se inclinou pela janela para falar com o mecânico. Ele descreveu essa pessoa, Sr. Blake, sem nenhuma sugestão da minha parte, como um rosto escuro, como o rosto de um indiano.

Estava claro, àquela altura, que o Sr. Bruff e eu havíamos cometido outro erro. O marinheiro de barba preta, claramente, não era um espião a serviço da conspiração indiana. Seria ele, de alguma maneira, o homem que havia ficado com o Diamante?

— Depois de algum tempo — prosseguiu o Sargento —, o táxi desceu a rua lentamente. O mecânico atravessou a rua e entrou na taverna. O garoto esperou do lado de fora até ficar com fome e cansado, então, por sua vez, entrou na taverna. Tinha um xelim no bolso, e jantou suntuosamente, segundo me disse, toucinho, uma torta de enguia e uma garrafa de cerveja de gengibre. O que será que um garoto não é capaz de digerir? A substância em questão ainda não foi descoberta.

— O que ele viu na taverna? — perguntei.

— Bem, Sr. Blake, ele viu o marinheiro lendo o jornal em uma mesa, e o mecânico lendo o jornal em outra. Já anoitecia quando o marinheiro se levantou e deixou o local. Olhou em tomo de si desconfiadamente quando saiu à rua. O garoto, por ser um garoto, passou despercebido. O mecânico ainda não havia saído. O marinheiro se afastou, aparentemente sem muita certeza de para onde iria em seguida. O mecânico apareceu mais uma vez do outro lado da rua. O marinheiro continuou até chegar a Shore Lane, a rua que leva à Lower Thames Street. Ali, parou diante de uma pensão que tinha uma placa dizendo A Roda da Fortuna e, depois de examinar o lugar pelo lado de fora, entrou. Groselha entrou também. Havia muitas pessoas, a maioria decente, no bar. A Roda da Fortuna é uma casa respeitável, Sr. Blake; famosa por seu porteiro e por suas tortas de carne de porco.

As digressões do Sargento estavam me irritando. Ele percebeu e, quando prosseguiu, ateu-se mais estritamente às observações de Groselha.

— O marinheiro — continuou ele — perguntou se poderia dormir. O dono disse: Não! Estamos lotados. A garçonete o corrigiu, e disse O número dez está vazio. Mandaram chamar um garçom para mostrar o número dez ao marinheiro. Logo antes disso, Groselha havia visto o mecânico entre as pessoas no bar. Antes que o garçom chegasse, o mecânico havia desaparecido. O marinheiro foi levado a seu quarto. Sem saber o que fazer em seguida, Groselha teve o tino de esperar e ver se algo acontecia. Algo aconteceu. O dono da pensão foi chamado. Ouviram-se vozes raivosas no andar de cima. O mecânico reapareceu subitamente, carregado pelo colarinho pelo dono, e exibindo, para grande surpresa de Groselha, todos os sinais e gestos de quem está bêbado. O dono da pensão o lançou para fora e ameaçou chamar a polícia caso voltasse. Da discussão entre os dois, enquanto isso acontecia, ficou patente que o homem havia sido descoberto no número dez, e declarado com uma obstinação embriagada que havia

alugado o quarto. Groselha ficou tão surpreso diante dessa súbita intoxicação de alguém que antes estava sóbrio que não pôde resistir a seguir o mecânico pela rua. Enquanto podia ser visto da pensão, o homem cambaleou da maneira mais desgraciosa possível. No instante em que dobrou a esquina da rua, recuperou o equilíbrio instantaneamente, e tornou-se um membro da sociedade tão sóbrio quanto se poderia desejar. Groselha voltou ao A Roda da Fortuna com a mente num estado de grande confusão. Novamente esperou, caso algo tornasse a acontecer. Nada aconteceu, e nada mais foi ouvido, ou visto, do marinheiro. Groselha decidiu voltar ao escritório. Justamente quando havia tomado essa decisão, quem apareceu novamente, do outro lado da rua como de hábito, senão o mecânico! Olhou para cima, para uma janela em especial no alto da pensão, que era a única a ter uma luz acesa. A luz pareceu tranquilizá-lo. Ele deixou o local imediatamente. O garoto seguiu o caminho de volta a Gray's Inn, recebeu seu cartão e recado, veio procurá-lo e não o encontrou. Eis os fatos, Sr. Blake, até o momento presente.

— Qual é a sua opinião sobre o caso, Sargento?

— Penso que é sério, senhor. A julgar pelo que o garoto viu, os indianos estão envolvidos, para começar.

— Sim. E o marinheiro é obviamente a pessoa para quem o Sr. Luker entregou o Diamante. Parece estranho que o Sr. Bruff, eu e o homem contratado pelo Sr. Bruff tenhamos todos nos enganado a respeito dessa pessoa.

— De modo algum, Sr. Blake. Considerando o risco que essa pessoa corria, é muito provável que o Sr. Luker os tenha enganado de propósito, havendo combinado tudo de antemão.

— O senhor entende o que aconteceu na pensão? — perguntei.

— O homem vestido de mecânico estava agindo, é claro, a mando dos indianos. Mas sou tão incapaz de explicar o fato de ter fingido estar bêbado quanto o próprio Groselha.

— Acho que posso adivinhar o que isso significa, senhor — disse o Sargento. — Se pensar bem, verá que o homem deve ter recebido instruções bastante rigorosas dos indianos. Eles próprios tinham uma aparência por demais notável para arriscar serem vistos no banco, ou na pensão: foram obrigados a delegar tudo a seu representante. Muito bem. Seu representante escuta o número de um certo quarto na pensão como sendo o número do quarto no qual o marinheiro passará a noite, sendo este também o quarto (a não ser que estejamos enganados) onde o Diamante passará a noite. Nessas circunstâncias, pode apostar que os indianos insistiriam para obter uma descrição do quarto: de sua posição na casa, sua capacidade de ser alcançado pelo lado de fora, e assim por diante. O que faria o homem com ordens como essas? Exatamente o que fez! Correu para o andar de cima para olhar o quarto antes que o marinheiro fosse levado para lá. Foi encontrado fazendo suas observações, e fingiu estar bêbado, pois era o meio mais fácil de escapar da dificuldade. É assim que entendo a charada. Depois de ser expulso da pensão, ele provavelmente seguiu com suas informações para o lugar onde seus patrões o estavam esperando. E seus patrões, sem dúvida, o mandaram de volta para se certificarem de que o marinheiro estava realmente acomodado na pensão até a manhã seguinte. Quanto ao que aconteceu no A Roda da Fortuna depois que o garoto foi embora, deveríamos ter descoberto isso na noite passada. São agora onze horas da manhã. Devemos esperar o melhor, e descobrir o que pudermos.

Em mais um quarto de hora, o táxi parou em Shore Lane, e Groselha abriu a porta para sairmos.

— Tudo certo? — perguntou o Sargento.

— Tudo certo — respondeu o garoto.

No instante em que entramos no A Roda da Fortuna, ficou claro até mesmo para meus olhos inexperientes que havia algo errado na casa.

A única pessoa atrás do balcão no qual serviam-se as bebidas era uma criada aturdida, sem nenhuma intimidade com a função. Um ou dois clientes, à espera de seu drinque matutino, batiam impacientemente no balcão com seu dinheiro. A garçonete apareceu vinda da parte de trás da sala, agitada e preocupada. Respondeu à pergunta do Sargento Cuff sobre o paradeiro do dono da pensão dizendo secamente que seu patrão estava lá em cima, e não queria ser incomodado por ninguém.

— Venha comigo, senhor — disse o Sargento Cuff, passando na frente em direção ao andar de cima, e fazendo sinal para que eu o seguisse.

A garçonete gritou pelo patrão, avisando-o que havia estranhos entrando na casa. No primeiro andar, encontramos o dono da pensão, descendo as escadas, apressadamente, muito nervoso, para ver qual era o problema.

— Quem diabos são vocês? E o que querem aqui? — perguntou.

— Fique calmo — disse o Sargento baixinho. — Vou lhe dizer quem sou para começar. Sou o Sargento Cuff.

O nome ilustre teve efeito imediato. O patrão zangado abriu a porta de uma sala de estar, e pediu desculpas ao Sargento.

— Estou aborrecido e confuso, senhor, essa é a verdade — disse ele. — Aconteceu uma coisa desagradável na casa esta manhã. Um homem na minha profissão tem aborrecimentos, Sargento Cuff.

— Não tenho dúvidas — disse o Sargento. — Irei direto, se me permitir, ao que nos traz aqui. Este cavalheiro e eu queremos lhe fazer algumas perguntas sobre algo que interessa a nós dois.

— A que respeito, senhor? — perguntou o dono da pensão.

— A respeito de um homem moreno, vestido de marinheiro, que dormiu aqui na noite passada.

— Deus meu! É o homem que está perturbando a casa toda neste exato momento! — exclamou o dono. — O senhor, ou este cavalheiro, sabem algo sobre ele?

— Não podemos ter certeza até que o tenhamos visto — respondeu o Sargento.

— Visto? — repetiu o dono. — É exatamente o que ninguém foi capaz de fazer desde as sete horas da manhã. Era essa a hora em que ele pediu para ser chamado na noite passada. Foi chamado e não houve resposta, nem maneira de abrir sua porta para ver qual era o problema. Tentaram novamente às oito, e novamente às nove. Inútil! A porta continuava trancada, e nenhum som saía do quarto! Tive de sair esta manhã, e só voltei há um quarto de hora. Eu próprio esmurrei a porta, sem nenhum resultado. O garoto de recados foi chamar um carpinteiro. Se os senhores puderem esperar alguns minutos, a porta será aberta, e veremos o que isso significa.

— O homem estava bêbado ontem à noite? — perguntou o Sargento Cuff.

— Perfeitamente sóbrio, senhor, ou eu nunca o teria deixado dormir em minha casa.

— Ele pagou adiantado pelo quarto?

— Não.

— Poderia ter deixado o quarto de alguma maneira sem ser pela porta?

— O quarto fica debaixo do forro — disse o dono da pensão. — Mas há um alçapão no teto que leva ao telhado e, um pouco mais embaixo na rua, há uma casa vazia em reformas. Sargento, o senhor pensa que o malandro saiu assim, sem pagar?

— Um marinheiro — disse o Sargento Cuff — o teria feito, de manhã cedo, antes que a rua ficasse movimentada. Estaria acostumado a escalar, e não teria dificuldades nos telhados das casas.

Enquanto ele falava, a chegada do carpinteiro foi anunciada. Subimos todos imediatamente para o último andar. Percebi que o Sargento estava inabitualmente sério, mesmo para os seus padrões. Também achei estranho que ele tenha dito ao garoto (depois de tê-lo encorajado a nos acompanhar) que esperasse ali até descermos novamente.

O martelo e o cinzel do carpinteiro venceram a resistência da porta em poucos minutos. Mas algum móvel havia sido colocado contra a porta, pelo lado de dentro, como uma barricada. Ao empurrar a porta, movemos esse obstáculo para o lado, e conseguimos entrar no quarto. O dono da pensão entrou primeiro, o Sargento em segundo lugar e eu em terceiro. Os outros presentes nos seguiram.

Todos olhamos em direção à cama, e todos nos sobressaltamos.

O homem não havia deixado o quarto. Ali estava ele, vestido, em cima da cama, com um travesseiro branco sobre o rosto que o escondia totalmente.

— O que significa isso? — disse o dono da pensão, apontando para o travesseiro.

O Sargento Cuff foi na frente até a cama, sem responder, e removeu o travesseiro.

O rosto moreno do homem estava calmo e imóvel; seu cabelo e barba pretos estavam levemente, muito levemente, desarrumados. Seus olhos estavam abertos, opacos e vazios, e apontavam para o teto. Aquele olhar leitoso e a expressão fixa do rosto me horripilaram. Virei-me de costas, e fui até a janela aberta. O resto das pessoas ficou junto da cama, onde estava o Sargento Cuff.

— Ele está tendo um ataque! — ouvi dizer o dono da pensão.

— Ele está morto — respondeu o Sargento. — Mande chamar o médico mais próximo, e chame também a polícia.

O garçom foi incumbido de ambas as tarefas. Uma estranha fascinação parecia prender o Sargento Cuff à cama. Uma estranha curiosidade parecia manter o resto das pessoas esperando, para ver o que o Sargento faria em seguida.

Virei-me mais uma vez para a janela. No instante seguinte, senti um puxão leve em meu casaco, e uma voz sussurrou baixinho:

— Olhe, senhor, ali.

Groselha nos havia seguido até o quarto. Seus olhos soltos rodopiavam furiosamente — não de medo, mas de contentamento. Ele havia feito uma descoberta detetivesca por conta própria.

— Olhe para cá, senhor — repetiu ele, e me conduziu até uma mesa no canto do quarto.

Em cima da mesa havia uma caixa de madeira, aberta e vazia. De um dos lados da caixa havia um pouco de algodão de joalheiro. Do outro lado estava uma folha de papel branco rasgada, com um selo parcialmente destruído e uma inscrição, ainda perfeitamente legível. A inscrição dizia o seguinte:

Foi depositada com os Srs. Bushe, Lysaught e Bushe, pelo Sr. Septimus Luker, de Middlesex Place, Lambeth, uma pequena caixa de madeira, selada neste envelope, contendo um objeto de grande valor. A caixa, quando solicitada, só deve ser entregue pelos Srs. Bushe e Cia. ao Sr. Luker em pessoa.

Essas linhas eliminavam qualquer dúvida que pudesse restar ao menos quanto a uma coisa: o marinheiro estava de posse da Pedra da Lua quando havia deixado o banco no dia anterior.

Senti outro puxão em meu casaco. Groselha ainda não havia terminado.

— Roubo! — sussurrou o garoto, apontando, maravilhado, para a caixa vazia.

— Você devia estar esperando lá embaixo — disse eu. — Vá embora!

— E assassinato! — acrescentou Groselha, apontando, ainda mais maravilhado, para o homem na cama.

Havia algo tão grotesco no contentamento do garoto diante do horror da cena que eu o tomei pelos dois ombros e coloquei-o para fora do quarto.

No instante em que cruzei a soleira da porta, ouvi a voz do Sargento Cuff, perguntando onde eu estava. Quando voltei ao quarto, ele veio ao meu encontro e me forçou a voltar para junto da cama com ele.

— Sr. Blake! — disse ele. — Olhe para o rosto deste homem. Está disfarçado, e aqui está uma prova disso!

Com o dedo, traçou uma fina linha de branco lívido, na parte posterior da testa do homem morto, entre a compleição morena e os cabelos pretos ligeiramente desarrumados.

— Vejamos o que há debaixo disso — disse o Sargento, agarrando subitamente os cabelos pretos com uma mão firme.

Meus nervos não eram fortes o suficiente para suportar aquilo. Dei novamente as costas para a cama.

A primeira coisa que meus olhos viram, do outro lado do quarto, foi o irrepreensível Groselha, trepado em uma cadeira, observando com grande interesse os procedimentos do Sargento por sobre os ombros dos mais velhos.

— Ele está tirando sua peruca! — sussurrou Groselha, com pena de mim, que era a única pessoa no quarto que não conseguia ver nada.

Houve uma pausa, e então uma exclamação de surpresa das pessoas em torno da cama.

— Ele tirou sua barba! — gritou Groselha.

Houve outra pausa; o Sargento Cuff pediu alguma coisa. O dono da pensão foi até a pia e voltou para junto da cama com uma bacia d'água e uma toalha.

Groselha, em cima da cadeira, dançava de satisfação.

— Suba aqui comigo, senhor! Ele está tirando a pintura do seu rosto agora!

O Sargento subitamente abriu caminho por entre as pessoas à sua volta e, com o rosto cheio de horror, foi diretamente até o lugar onde eu estava.

— Volte para junto da cama, senhor! — começou ele. Olhou-me mais de perto, e se corrigiu. — Não! — retomou. — Abra primeiro a carta selada, a carta que lhe dei esta manhã.

Abri a carta.

— Leia o nome que escrevi dentro dela, Sr. Blake.

Li o nome que ele havia escrito. Era Godfrey Ablewhite.

— Agora — disse o Sargento venha comigo, e olhe para o homem na cama.

Fui com ele, e olhei para o homem na cama.

GODFREY ABLEWHITE!

SEXTA NARRATIVA

Fornecida por Sargento Cuff

CAPÍTULO 1

Dorking, Surrey, 30 de julho de 1849.

Para o Sr. Franklin Blake.

Senhor, queira desculpar-me pelo atraso incorrido na feitura do relatório que me comprometi a lhe fornecer. Esperei para poder fazer um relatório completo e encontrei, aqui e ali, alguns obstáculos cuja remoção só foi possível à custa de alguma paciência e tempo.

O objetivo que me propus foi agora, assim penso, atingido. O senhor encontrará, nestas páginas, respostas à maior parte — senão a todas — as perguntas a respeito do falecido Sr. Godfrey Ablewhite que lhe vieram à mente da última vez que tive a honra de encontrá-lo.

Proponho-me contar-lhe — em primeiro lugar — o que se sabe sobre a maneira com a qual seu primo encontrou a morte, acrescentando aos fatos algumas interpretações e conclusões passíveis (em minha opinião) de serem inferidas destes primeiros.

Tentarei então — em segundo lugar — colocá-lo a par das descobertas que fiz com relação aos procedimentos do Sr. Godfrey Ablewhite antes, durante e depois da ocasião em que o senhor e ele se encontraram como convidados na casa de campo da falecida Lady Verinder.

CAPÍTULO 2

Quanto à morte de seu primo, portanto, em primeiro lugar.

Parece-me bastante certo, além de qualquer dúvida razoável, que ele foi morto (enquanto estava dormindo, ou imediatamente depois de acordar) sufocado com um travesseiro de sua cama, que as pessoas culpadas por seu assassinato são os três indianos e que o objetivo contemplado (e atingido) com o crime foi a obtenção do diamante conhecido como a Pedra da Lua.

Os fatos de onde se tira essa conclusão derivam em parte da observação do quarto da pensão, e em parte das provas obtidas pela investigação da polícia.

Ao se arrombar a porta do quarto, o falecido cavalheiro foi encontrado morto, com um dos travesseiros da cama sobre seu rosto. O médico que o examinou, ao ser informado das circunstâncias, considerou a aparência *post-mortem* perfeitamente compatível com um assassinato por asfixia — ou seja, com um assassinato cometido por uma pessoa, ou mais de uma pessoa, que pressionou o travesseiro sobre o nariz e a boca do morto, até que sobreviesse a morte por congestão dos pulmões.

Em seguida, quanto ao motivo do crime.

Uma pequena caixa, da qual havia sido arrancado um papel selado (que continha uma inscrição) foi encontrada aberta e vazia, em uma mesa no quarto. O Sr. Luker identificou pessoalmente a caixa, o selo e a inscrição. Declarou que a caixa realmente continha o diamante conhecido como Pedra da Lua, e admitiu ter entregue a caixa (selada) ao Sr. Godfrey Ablewhite (escondido sob um disfarce), na tarde do dia 26 de junho último. A conclusão óbvia disso tudo é que o roubo da Pedra da Lua foi o motivo do crime.

Em seguida, quanto à maneira como o crime foi cometido.

Ao examinar o quarto (que tem apenas dois metros e quinze de altura), foi descoberto um alçapão no teto, que levava ao telhado da casa, aberto. A pequena escada usada para chegar ao alçapão (e guardada sob a cama) foi encontrada junto ao mesmo, de modo a permitir que qualquer pessoa ou pessoas que estivessem no quarto saíssem dele com facilidade. No próprio alçapão foi descoberta uma abertura quadrada na madeira, aparentemente feita com o auxílio de um instrumento muito afiado, bem atrás da tranca que fechava a porta pelo lado de dentro. Desse modo, qualquer pessoa do lado de fora poderia ter puxado a tranca, aberto a porta, e pulado (ou sido abaixada silenciosamente por um cúmplice) para dentro do quarto — que, como já foi dito, tinha apenas dois metros e quinze de altura. Que uma pessoa (ou pessoas) deve ter entrado deste modo parece evidente pelo fato de tal abertura existir. Quanto à maneira como ele (ou eles) teve acesso ao telhado da pensão, devemos observar que a terceira casa descendo a rua estava vazia e em obras — uma grande escada foi deixada pelos operários, ligando a calçada ao topo da casa — e que, ao voltar ao trabalho na manhã do dia 27, os homens encontraram a tábua que haviam amarrado à escada, para evitar que alguém a usasse em sua ausência, removida e jogada no chão. Quanto à possibilidade de subir por essa escada, passar pelos telhados das casas, passar de volta e descer novamente, sem ser visto, foi descoberto, após interrogar o policial da ronda noturna, que este só passa por Shore Lane duas vezes por hora durante sua ronda. O testemunho dos moradores também declara que, depois da meia-noite, Shore Lane é uma das ruas mais tranquilas e desertas de Londres. Aqui portanto, mais uma vez, parece justificado concluir que — com extraordinária cautela e presença de espírito — qualquer homem (ou homens) poderia ter subido pela escada, e descido novamente, sem ser visto. Uma vez no telhado da pensão, foi provado por experiência

que um homem pode ter aberto um buraco no alçapão, debruçando-se por cima dele, e que em tal posição o parapeito na frente da casa o teria ocultado dos olhos de qualquer um que passasse pela rua.

Por último, quanto à pessoa, ou pessoas, por quem o crime foi cometido.

É sabido (1) que os indianos tinham interesse em recuperar o Diamante. (2) É pelo menos provável que o homem que se parecia com um indiano, visto por Octavius Guy na janela do táxi, falando com o homem vestido de mecânico, fosse um dos conspiradores hindus. (3) É certo que esse mesmo homem vestido de mecânico foi visto vigiando o Sr. Godfrey Ablewhite durante toda a noite do dia 26, e foi encontrado no quarto (antes que o Sr. Ablewhite entrasse nele) em circunstâncias que levam à suspeita de que ele estava examinando-o. (4) Um pedaço de fio dourado foi encontrado no quarto, que especialistas declaram ser de origem indiana, e de uma espécie de fio de ouro desconhecida na Inglaterra. (5) Na manhã do dia 27, três homens, correspondendo à descrição dos três indianos, foram vistos em Lower Thames Street, seguidos até o Cais da Torre, e vistos deixando Londres no navio com destino a Roterdã.

Eis aqui provas morais, se não legais, de que o crime foi cometido pelos indianos.

Se o homem disfarçado de mecânico foi ou não um cúmplice do crime, é impossível dizer. Que ele possa ter cometido o crime sozinho parece estar além dos limites da probabilidade. Agindo só, ele dificilmente poderia ter sufocado o Sr. Godfrey Ablewhite — que era o mais alto e o mais forte dos dois — sem que uma luta se seguisse, ou sem que se ouvisse um grito. Uma criada que dormia no quarto ao lado não ouviu nada. Todas as provas levam à conclusão de que mais de um homem estava envolvido nesse crime — e,

repto, as circunstâncias justificam moralmente que se conclua que ele foi cometido pelos indianos.

Tenho apenas a acrescentar que o veredicto na investigação policial foi crime premeditado contra uma pessoa ou pessoas desconhecidas. A família do Sr. Ablewhite ofereceu uma recompensa, e não se pouparam esforços para descobrir os culpados. O homem vestido de mecânico burlou todas as investigações. Os indianos foram localizados. Quanto à probabilidade de se vir a capturar estes últimos, terei uma palavra a lhe dizer a esse respeito quando chegar ao fim deste relatório.

Enquanto isso, havendo escrito todo o necessário a respeito da morte do Sr. Godfrey Ablewhite, posso passar à narrativa de seus procedimentos antes, durante e depois da ocasião em que o senhor e ele se encontraram na casa da falecida Lady Verinder.

CAPÍTULO 3

No que concerne o assunto agora em pauta, posso afirmar, de início, que a vida do Sr. Godfrey Ablewhite tinha duas facetas.

A faceta virada para o público revelava o espetáculo de um cavalheiro dotado de uma considerável reputação como orador em eventos de caridade e possuidor de habilidades administrativas colocadas à disposição de diversas Sociedades Benéficas, formadas por senhoras em sua maioria. A faceta oculta mostrava esse mesmo cavalheiro sob o ângulo inteiramente diferente de um homem dado a prazeres, proprietário de uma *villa* no subúrbio que não estava em seu nome, com uma senhora na *villa* que tampouco tinha o mesmo nome que ele.

Minhas investigações na *villa* fizeram-me ver diversos belos quadros e estátuas; móveis finamente escolhidos, e admiravelmente fabricados; e uma estufa de flores raras e muito difíceis de serem encontradas em Londres. Minha investigação da senhora levou à descoberta de joias da mesma categoria das flores, e de carruagens e cavalos que causaram (merecidamente) sensação no Parque entre pessoas qualificadas para julgar a fabricação das primeiras e a raça dos segundos.

Tudo isso, até agora, é bastante comum. A *villa* e a senhora são objetos tão familiares na vida londrina que devo me desculpar por mencioná-los. Mas o que não é comum, nem familiar na minha experiência, é que todas essas coisas não apenas existiam, mas estavam pagas. Os quadros, as estátuas, as flores, as joias, as carruagens e os cavalos — a investigação provou, para minha indescritível surpresa, que não havia um tostão de débito em relação a nenhum deles. Quanto à *villa*,

havia sido comprada, inteiramente paga e posta em nome da senhora.

Eu poderia ter buscado a explicação para essa charada, e teria sido em vão — não fosse pela morte do Sr. Godfrey Ablewhite, que desencadeou uma investigação sobre o estado de suas finanças.

A investigação estabeleceu os seguintes fatos:

Que o Sr. Godfrey Ablewhite estava encarregado de cuidar da soma de vinte mil libras — na condição de um dos dois procuradores de um jovem cavalheiro, que ainda era menor de idade no ano de 1848. Que a procuração iria caducar, e que o jovem cavalheiro deveria receber as vinte mil libras no dia em que atingisse a maioridade, no mês de fevereiro de 1850. Que, antes da chegada dessa data, uma renda de seiscentas libras era-lhe paga por seus dois procuradores, duas vezes ao ano — no Natal e no meio do verão. Que essa renda era paga regularmente pelo procurador ativo, Sr. Godfrey Ablewhite. Que cada tostão das vinte mil libras (das quais a renda teoricamente provinha) havia sido hipotecado, em ocasiões diferentes, a última das quais no final do ano de 1847. Que a permissão legal autorizando os banqueiros a dispor do dinheiro, e as diversas ordens escritas dizendo-lhes a quantia a ser vendida haviam sido assinadas formalmente por ambos os procuradores. Que a assinatura do segundo Procurador (um oficial do exército aposentado, que vivia no campo) havia sido falsificada, em todos os casos, pelo procurador ativo — o Sr. Godfrey Ablewhite.

Nesses fatos reside a explicação da conduta honrada do Sr. Godfrey Ablewhite ao pagar as dívidas da senhora e da *villa* — e (como o senhor verá em seguida) de outras coisas mais.

Podemos agora avançar para a data do aniversário da Srta. Verinder (no ano de 1848) — o dia 21 de junho.

No dia anterior, o Sr. Godfrey Ablewhite chegou na casa de seu pai, e pediu (segundo me contou o próprio Sr. Ablewhite, pai) um empréstimo de trezentas libras. Observe a importância, e lembre-se de que o pagamento semestral ao jovem cavalheiro deveria ser feito no dia 24 daquele mês. Lembre-se também de que toda a fortuna do jovem cavalheiro havia sido gasta por seu procurador ao final do ano de 1847.

O Sr. Ablewhite, pai, recusou-se a emprestar um tostão sequer a seu filho.

No dia seguinte, o Sr. Godfrey Ablewhite foi com o senhor até a casa de Lady Verinder. Algumas horas depois, o Sr. Godfrey (como o senhor mesmo me contou) fez uma proposta de casamento à Srta. Verinder. Ele via ali, sem dúvida — se sua proposta fosse aceita — o fim de todas as suas preocupações financeiras, atuais e futuras. Mas o que acabou acontecendo? A Srta. Verinder o recusou.

Na noite do aniversário, portanto, a situação financeira do Sr. Godfrey Ablewhite era a seguinte: ele tinha de encontrar trezentas libras até o dia 24 daquele mês, e vinte mil libras em fevereiro de 1850. Se não obtivesse esse dinheiro, nas datas certas, era um homem arruinado.

Nessas circunstâncias, o que aconteceu em seguida?

O senhor irrita o médico, Sr. Candy, a respeito do delicado assunto de sua profissão, e ele em troca lhe prega uma peça com uma dose de láudano. Confia a administração da dose, preparada em um pequeno frasco, ao Sr. Godfrey Ablewhite — que confessou pessoalmente sua participação no assunto, em circunstâncias que agora lhe serão reveladas. O Sr. Godfrey está mais do que disposto a fazer parte da conspiração, tendo ele próprio sofrido os ataques de sua língua afiada durante a noite. Junta-se a Betteredge para convencê-lo a tomar um pouco de brandy com água antes de ir dormir. Despeja discretamente a dose de láudano em sua bebida fria. E o senhor toma o líquido.

Mudemos de cena, se o senhor permitir, para a casa do Sr. Luker, em Lambeth. E permita-me observar, à guisa de prefácio, que o Sr. Bruff e eu, juntos, encontramos uma maneira de forçar o agiota a dizer a verdade. Reproduzimos cuidadosamente a declaração que ele nos fez; e aqui está ela, a seu serviço.

CAPÍTULO 4

Tarde da noite, no dia 23 de junho (de 1848), o Sr. Luker foi surpreendido por uma visita do Sr. Godfrey Ablewhite. Ficou mais do que surpreso quando o Sr. Godfrey mostrou-lhe a Pedra da Lua. Nenhum Diamante como aquele (segundo a experiência do Sr. Luker) era possuído por qualquer indivíduo na Inglaterra.

O Sr. Godfrey Ablewhite tinha duas modestas propostas a fazer com relação à magnífica gema. Primeiro, o Sr. Luker teria a bondade de comprá-la? Segundo, o Sr. Luker aceitaria ficar com ela em consignação para vendê-la, e adiantar algum dinheiro antecipado?

O Sr. Luker testou o Diamante, pesou-o, e estimou seu valor antes de responder. A sua estimativa (levando em conta o defeito na pedra) era trinta mil libras.

Havendo chegado a esse resultado, o Sr. Luker abriu a boca e fez uma pergunta:

— Como foi que conseguiu isso? — Apenas cinco palavras! Mas quanto significado!

O Sr. Godfrey Ablewhite começou a contar uma história. O Sr. Luker abriu a boca novamente, e desta vez disse apenas três palavras:

— Não pode ser!

O Sr. Godfrey Ablewhite começou outra história. O Sr. Luker não desperdiçou mais palavras com ele. Levantou-se e chamou o criado para levar o cavalheiro até a porta.

Diante disso, o Sr. Godfrey fez um esforço e conseguiu produzir uma versão nova e corrigida dos acontecimentos, que tiveram o seguinte resultado.

Depois de colocar secretamente o láudano em seu brandy com água, ele lhe desejou boa-noite, e foi para seu quarto. Era

o quarto contíguo ao do senhor, e os dois tinham uma porta de comunicação entre eles. Ao entrar em seu quarto, o Sr. Godfrey (segundo se lembrava) fechou a porta. Seus problemas financeiros o mantiveram acordado. Ficou sentado, de roupão e chinelos, por quase uma hora, pensando na sua situação. No momento em que se preparava para ir para a cama, ouviu o senhor falando sozinho em seu quarto e, chegando perto da porta de comunicação, que ele não havia fechado conforme supunha, ele olhou para dentro do seu quarto para ver qual era o problema. Encontrou-o com a vela na mão, deixando o quarto. Ouviu-o dizer para si mesmo, com uma voz que não se parecia com a sua normal: Como posso saber? Os indianos podem estar escondidos na casa.

Até aquele momento, acreditava simplesmente estar ajudando (ao dar-lhe o láudano) a torná-lo vítima de uma brincadeira inofensiva. Naquele momento ocorreu-lhe que o láudano havia surtido no senhor algum efeito que não havia sido previsto pelo médico, nem por ele tampouco. Com medo de que algum acidente acontecesse, ele seguiu-o em silêncio para ver o que o senhor ia fazer.

Seguiu-o até a sala de estar da Srta. Verinder, e viu-o entrar. O senhor deixou a porta aberta. Ele olhou pela fresta que se formou entre a porta e o alisar, antes de se aventurar, por sua vez, para dentro do quarto.

Naquela posição, ele não apenas o viu tirar o Diamante da gaveta; viu também a Srta. Verinder olhando-o do quarto através da porta aberta. Seus próprios olhos o asseguraram de que ela também viu o senhor pegar o Diamante.

Antes de deixar a sala de estar, o senhor hesitou um pouco. O Sr. Godfrey se aproveitou dessa hesitação para voltar ao seu quarto antes que o senhor saísse e o descobrisse. Ele havia acabado de chegar quando o senhor também chegou. O senhor o viu (ele supõe) no exato instante em que ele

atravessava a porta de comunicação. De qualquer maneira, chamou-o com uma voz estranha, arrastada.

Ele voltou para junto do senhor. O senhor o olhou de um modo sonolento. Colocou o Diamante na sua mão. Disse-lhe: Leve-o de volta, Godfrey, para o banco de seu pai. Estará seguro lá — não está seguro aqui. O senhor se virou, sem muito equilíbrio, e pôs seu roupão. Sentou-se na grande poltrona de seu quarto. Não posso levá-lo de volta ao banco. Minha cabeça está como chumbo, e não posso sentir meus pés debaixo de mim. Sua cabeça apoiou-se contra as costas da poltrona, o senhor deu um suspiro profundo, e adormeceu.

O Sr. Godfrey Ablewhite voltou para o seu próprio quarto com o Diamante. Ele diz que não havia decidido nada até então — exceto que esperaria, e veria o que aconteceria pela manhã.

Quando a manhã chegou, suas palavras e sua conduta mostravam que o senhor não se lembrava de nada do que havia dito e feito durante a noite. Ao mesmo tempo, as palavras e a conduta da Srta. Verinder mostravam que ela, por sua vez, estava decidida a não dizer nada (por consideração ao senhor). Se o Sr. Godfrey Ablewhite decidisse ficar com o Diamante, poderia fazê-lo em total impunidade. A Pedra da Lua se erguia entre ele e a ruína. Ele colocou a Pedra da Lua no bolso.

CAPÍTULO 5

Foi essa a história contada por seu primo (sob a pressão da necessidade) ao Sr. Luker,

O Sr. Luker acreditou que a história era, em essência, verdadeira — baseado no fato de que o Sr. Godfrey Ablewhite era tolo demais para tê-la inventado. O Sr. Bruff e eu concordamos com o Sr. Luker, ao considerar esse relato quanto à veracidade da história como sendo perfeitamente confiável.

A questão seguinte era o que o Sr. Luker faria a respeito da Pedra da Lua. Ele propôs o seguinte, como a única maneira para que consentisse em se envolver no que era (mesmo em sua profissão) uma transação duvidosa e perigosa.

O Sr. Luker aceitaria emprestar ao Sr. Godfrey Ablewhite a soma de duas mil libras, com a condição de que a Pedra da Lua lhe fosse penhorada. Se, ao final de um ano a contar daquela data, o Sr. Godfrey Ablewhite pagasse três mil libras ao Sr. Luker, receberia o Diamante de volta, uma vez que o penhor estivesse pago. Caso não fosse capaz de produzir o dinheiro ao cabo de um ano, a garantia (em outras palavras, a Pedra da Lua) seria considerada de propriedade do Sr. Luker — que, nesse último caso, daria generosamente de presente ao Sr. Godfrey certas notas promissórias (relacionadas a negócios anteriores) que possuía.

É desnecessário dizer que o Sr. Godfrey, indignado, recusou— se a ouvir essa proposta monstruosa. O Sr. Luker, diante disso, devolveu-lhe o Diamante, e desejou-lhe boa-noite.

Seu primo foi até a porta, e voltou. Como poderia ter certeza de que a conversa daquela noite seria mantida em segredo absoluto entre seu amigo e ele próprio?

O Sr. Luker disse não saber como isso aconteceria. Se o Sr. Godfrey houvesse aceitado sua proposta, teria feito dele um cúmplice e poderia ter certeza de seu silêncio. Nas atuais circunstâncias, o Sr. Luker devia agir segundo seus próprios interesses. Se lhe fizessem perguntas estranhas, como poderia se comprometer por causa de um homem que havia se recusado a fazer negócio com ele?

Ao ouvir essa resposta, o Sr. Godfrey Ablewhite fez o que todos os animais (humanos ou não) fariam ao se verem numa armadilha. Olhou em tomo de si num desespero sem remédio. O dia do mês, assinalado em um cartão numa pequena caixa acima da lareira do agiota, pareceu atrair seu olhar. Era dia 23 de junho. No dia 24, ele deveria pagar trezentas libras ao jovem cavalheiro do qual era procurador, e não tinha possibilidade de conseguir o dinheiro, exceto a que o Sr. Luker lhe havia oferecido. Não fosse esse miserável obstáculo, ele teria levado o Diamante para Amsterdã, e transformando-o em objeto de mercado, cortando-o em diversas pedras separadas. Naquelas circunstâncias, ele não tinha escolha a não ser aceitar a proposta do Sr. Luker. Afinal de contas, tinha à sua disposição um ano para conseguir as três mil libras — e um ano é muito tempo.

O Sr. Luker redigiu os documentos necessários na mesma hora. Quando estavam assinados, deu dois cheques ao Sr. Godfrey Ablewhite. Um, com a data de 23 de junho, de trezentas libras. O outro, para a semana seguinte, do saldo remanescente — mil e setecentas libras.

Como a Pedra da Lua foi confiada aos banqueiros do Sr. Luker, e como os indianos trataram o Sr. Luker e o Sr. Godfrey (depois que isso havia sido feito), o senhor já sabe.

O acontecimento seguinte na vida de seu primo refere-se novamente à Srta. Verinder. Ele lhe propôs casamento pela segunda vez — e (depois de ter sido aceito) consentiu, a pedido dela, a considerar o casamento anulado. Uma de suas

razões para concordar com tal coisa foi a descoberta pelo Sr. Bruff. A Srta. Verinder dispõe dos bens de sua mãe apenas enquanto viver, e desse modo não havia como conseguir as vinte mil libras.

Mas, o senhor dirá, ele poderia ter economizado as três mil libras, para recuperar o Diamante penhorado, se houvesse se casado. Poderia certamente tê-lo feito — supondo que nem sua esposa, nem seus tutores ou procuradores, tivessem objeções quanto a ele dispor de mais da metade da renda à sua disposição, para fins desconhecidos, no primeiro ano de seu casamento. Mas, mesmo que superasse esse obstáculo, havia outro esperando por ele mais adiante.

A senhora da *villa* havia ouvido falar no casamento. Uma mulher soberba, Sr. Blake, do tipo com quem não se deve brincar — do tipo claro e de nariz romano. Ela sentiu o maior dos desprezos pelo Sr. Godfrey Ablewhite. Teria sido um desprezo silencioso, se ele houvesse sido generoso com ela. De outro modo, seria desprezo acrescido de uma língua. A renda da Srta. Verinder não lhe dava mais esperanças de conseguir ser generoso do que de conseguir as vinte mil libras. Ele não podia se casar — realmente não podia se casar — nessas circunstâncias.

Como ele tentou a sorte com outra senhora, e como esse casamento também se desfez por causa de dinheiro, o senhor já sabe. Também sabe sobre a herança de cinco mil libras que lhe foi deixada pouco tempo depois por uma de suas muitas admiradoras do sexo frágil em cujas graças esse homem fascinante havia conseguido cair. Essa herança (conforme confirmado pelos acontecimentos) levou-o à morte.

Conseguí descobrir que, quando ele viajou depois de receber suas cinco mil libras, foi para Amsterdã. Ali, tomou todas as providências necessárias para cortar o Diamante em pedras separadas. Voltou (disfarçado) e recuperou a Pedra da Lua, no dia combinado. Passaram-se alguns dias (uma

precaução com a qual ambas as partes haviam concordado) antes que a joia fosse realmente tirada do banco. Se ele houvesse chegado a Amsterdã com ela em segurança, haveria tempo suficiente, entre julho de 1849 e fevereiro de 1850 (quando o jovem cavalheiro atingiria a maioridade) para cortar o Diamante e transformá-lo em um objeto de mercado (polido ou não) sob a forma de pedras separadas. A partir disso, o senhor pode julgar os motivos que ele tinha para correr os riscos que correu. Era tudo ou nada em seu caso — como jamais foi tudo ou nada para nenhum homem.

Devo apenas lembrar-lhe, antes de encerrar este relatório, que ainda há uma chance de capturar os indianos, e de recuperar a Pedra da Lua. Eles agora estão (como tudo leva a crer) num navio indiano a caminho de Bombaim. O navio (exceto se houver acidentes) não vai parar em nenhum outro porto, e as autoridades em Bombaim (que já foram avisadas por carta, por via terrestre) estarão preparadas para entrar no navio no momento em que este entrar no porto.

Tenho a honra de permanecer, caro senhor, seu criado obediente, **RICHARD CUFF** (antigo Sargento do Corpo de Detetives, Scotland Yard, Londres).*

* NOTA: Quando o relatório se referir aos acontecimentos do aniversário, ou aos três dias que se seguiram, compare-o à narrativa de Betteredge, capítulos 8 a 13.

SÉTIMA NARRATIVA

De uma carta do Sr. Candy

Frizinghall, quarta-feira, 26 de setembro de 1849.

Caro Sr. Franklin Blake, o senhor decerto já sabe a triste notícia que tenho a lhe dar, ao receber de volta, fechada e no mesmo envelope, a carta que mandou a Ezra Jennings. Ele morreu em meus braços, ao nascer do dia, na última quarta-feira.

Não tenho culpa de não ter lhe avisado que seu fim estava próximo. Ele me proibiu expressamente de lhe escrever. “Tenho uma dívida para com o Sr. Franklin Blake, disse ele, por ter vivido dias felizes; não o incomode, Sr. Candy, não o incomode”.

Seu sofrimento, até suas seis últimas horas de vida, foi terrível de se ver. Nos intervalos, quando sua mente estava clara, pedi-lhe que me desse o nome de algum parente para quem eu pudesse escrever. Ele me pediu perdão por recusar algo a mim. E então disse — sem amargura — que morreria como tinha vivido, esquecido e anônimo. Ateve-se a essa decisão até o final. Agora já não há esperança de descobrir nada a seu respeito. Sua história é uma página em branco.

Um dia antes de morrer, ele me disse onde encontrar seus papéis. Eu os trouxe até ele na cama. Havia uma pequena pilha de cartas antigas que ele pôs de lado. Havia seu livro inacabado. Havia seu Diário — em muitos volumes trancados. Ele abriu o volume deste ano, e rasgou, uma por uma, as páginas relativas à época em que o senhor e ele estiveram juntos. Dê estas, disse ele, ao Sr. Franklin Blake. Nos anos por vir, ele pode ter algum interesse em olhar para trás e ler o que está escrito aqui. Então juntou as mãos e rezou com fervor para que Deus o protegesse, assim como a seus entes queridos. Disse que gostaria de vê-lo novamente. Mas no instante seguinte mudou de ideia. Não, respondeu, quando me

ofereci para escrever. “Não vou incomodá-lo! Não vou incomodá-lo!”

A seu pedido, reuni em seguida os outros papéis — ou seja, o monte de cartas, o livro inacabado e os volumes do Diário — e embrulhei-os juntos, selados com meu próprio selo. Jure, disse ele, que porá isso em meu caixão com suas próprias mãos; e que zelará para que nenhuma outra mão o toque depois disso.

Dei-lhe a minha palavra. E a promessa foi cumprida.

Ele me pediu que fizesse outra coisa para ele Frizinghall o que me custou muito fazer. Ele disse: Deixe que meu túmulo seja esquecido. Dê-me a sua palavra de honra que não permitirá que se construa nenhum monumento — nem mesmo a mais comum das lápides — para marcar o local em que eu for enterrado. Deixe-me dormir no anonimato. Deixe-me descansar desconhecido. Quando tentei fazer com que mudasse de ideia, ele ficou, pela primeira e única vez, violentamente agitado. Não pude suportar isso, e cedi. Nada além de um pequeno monte de grama marca o lugar de seu descanso. Com o tempo, as lápides se erguerão em torno dele. E as pessoas que vierem depois de nós olharão e se perguntarão de quem é o túmulo anônimo.

Como lhe disse, nas seis últimas horas antes de sua morte seu sofrimento cessou. Ele cochilou um pouco. Acho que sonhou. Uma ou duas vezes, sorriu. Um nome de mulher, suponho — o nome Ella —, escapou de seus lábios muitas vezes durante esse tempo. Alguns minutos antes do fim, ele me pediu que o levantasse nos travesseiros, para que visse o sol nascer pela janela. Estava muito fraco. Sua cabeça caiu em meu ombro. Ele sussurrou Está vindo! E então disse: Beije-me! Beije sua testa. Subitamente, ele levantou a cabeça. A luz do sol tocou seu rosto. Uma linda expressão, uma expressão angelical, tomou conta dele. Ele gritou três vezes: Paz! Paz!

Paz! Sua cabeça caiu novamente em meu ombro, e o longo sofrimento de sua vida terminou.

Foi assim que ele partiu. Era, penso eu, um grande homem, embora o mundo nunca o tenha conhecido. Suportou com bravura uma vida difícil. Tinha o temperamento mais doce que jamais conheci. Sua perda me faz me sentir muito só. Talvez eu nunca tenha voltado a ser o que era depois da minha doença. Algumas vezes penso em abandonar o consultório, e viajar para ver o que as águas e os banhos estrangeiros podem fazer por mim.

Soubemos aqui que o senhor e a Srta. Verinder vão se casar no mês que vem. Queira aceitar minhas mais sinceras felicitações.

As páginas do Diário de meu pobre amigo o estão esperando em minha casa — seladas, com seu nome no embrulho. Tive medo de confiá-las ao correio.

Meus melhores cumprimentos e felicidades para a Srta. Verinder. Permaneço, caro Sr. Franklin Blake, verdadeiramente seu **THOMAS CANDY**.

OITAVA NARRATIVA

Fornecida por Gabriel Betteredge

Fui a pessoa (como os senhores sem dúvida se lembram) que abriu o caminho destas páginas e começou a história. Sou também a pessoa que, última a sair, a encerrará.

Que ninguém pense que tenho alguma última palavra a dizer aqui com relação ao Diamante indiano. Tenho horror a essa joia infeliz — e os encaminho a outra autoridade, que não a minha, para qualquer notícia sobre a Pedra da Lua que possam querer obter agora. Meu objetivo aqui é relatar um fato na história da família que foi ignorado por todos, e que não posso permitir que seja desrespeitosamente abafado de tal maneira. O fato ao qual faço alusão é: o casamento da Srta. Rachel e do Sr. Franklin Blake. Esse evento interessante aconteceu em nossa casa de Yorkshire, na terça-feira, 9 de outubro de 1849. Na ocasião, eu estava vestindo um terno novo. E o jovem casal foi passar a lua-de-mel na Escócia.

Uma vez que as festas de família eram bastante raras em nossa casa desde a morte de minha pobre senhora, admito — nessa ocasião do casamento — que (na parte da tarde) bebi um pouco demais por causa da emoção.

Se os senhores já fizeram esse tipo de coisa, hão de entender e ter compaixão. Se nunca o fizeram, muito provavelmente dirão: "Velho nojento! Por que está nos contando isso?" A razão virá agora.

Havendo, portanto, bebido um tanto (vejam bem! os senhores também têm o seu vício favorito; só que o seu vício não é o meu vício, e o meu vício não é o seu), recorri em seguida ao remédio infalível — o remédio que, como sabem, é Robinson Crusoé. Não seria capaz de dizer onde abri aquele livro incomparável. No entanto, sei perfeitamente em que momento as linhas pararam de se embaralhar. Foi na página 318 — um trecho doméstico relativo ao casamento de Robinson Crusoé, que dizia o seguinte:

"Com esses Pensamentos, considere meu novo Compromisso, o fato de que tinha uma Esposa" - (Observem! O Sr. Franklin também!) — "uma criança nascida" — (Observem novamente! Pode ser o caso do Sr. Franklin também!) — "e minha esposa então"... O que a esposa de Robinson Crusoe fez, ou deixou de fazer, "então", não tive vontade de descobrir. Marquei com meu lápis o trecho da criança, e pus um pedaço de papel para marcar o lugar: "Fique aí", disse eu, "até que o casamento do Sr. Franklin e da Srta. Rachel avance alguns meses — então veremos!"

Os meses se passaram (mais do que eu havia pensado), e nenhuma ocasião para voltar ao lugar marcado no livro se apresentou. Não foi antes do presente mês de novembro de 1850 que o Sr. Franklin entrou em meu quarto, muito animado, e disse:

— Betteredge! Tenho novidades para você! Algo vai acontecer nesta casa logo em breve!

— Diz respeito à família, senhor?

— Decididamente diz respeito à família — disse o Sr. Franklin.

— Com sua licença, senhor, sua senhora tem algo a ver com o assunto?

— Tem muito a ver com ele — disse o Sr. Franklin, começando a aparentar certa surpresa.

— Não precisa dizer mais nenhuma palavra, senhor — respondi.

— Que Deus os abençoe! Fico muito feliz em saber.

O Sr. Franklin me olhou como alguém atingido por um raio.

— Posso perguntar onde você obteve a sua informação? — perguntou ele. — Eu só obtive a minha (no segredo mais absoluto) há cinco minutos.

Ali estava uma oportunidade de mostrar o Robinson Crusóé! Ali estava uma oportunidade de ler aquele trecho doméstico sobre a criança que eu havia assinalado no dia do casamento do Sr. Franklin! Li aquelas palavras milagrosas com uma ênfase que lhes fazia justiça, e então olhei para o seu rosto com severidade.

— Agora acredita em Robinson Crusóé, senhor? — perguntei, com uma solenidade condizente com a ocasião.

— Betteredge! — disse o Sr. Franklin com igual solenidade. — Finalmente estou convencido.

Apertamos as mãos um do outro — e senti que o havia convertido.

Com o relato desse acontecimento extraordinário, minha reaparição nestas páginas chega ao fim. Que ninguém ria da rara anedota que foi relatada aqui. Podem rir à vontade de tudo o mais que escrevi. Mas quando escrevo sobre Robinson Crusóé, por Deus, é sério — e exijo que ajam de acordo!

Dito isso, tudo já foi dito. Senhoras e senhores, faço uma reverência, e encerro a história.

EPÍLOGO

A Descoberta do Diamante

CAPÍTULO 1

O DEPOIMENTO DO HOMEM DO SARGENTO CUFF (1849)

No dia 27 de junho último, recebi instruções do Sargento Cuff para seguir três homens indianos suspeitos de assassinato. Haviam sido vistos no Cais da Torre naquela manhã, embarcando no navio com destino a Roterdã.

Deixei Londres em um navio pertencente a outra companhia, que zarpou na manhã da quinta-feira, dia 28. Ao chegar a Roterdã, consegui encontrar o comandante do navio de quarta-feira. Ele me informou que os três indianos haviam sido passageiros de seu navio — mas apenas até Gravesend. Quando o navio estava prestes a deixar aquele porto, um dos três homens havia perguntado a que horas chegariam a Calais. Ao ser informado de que o navio ia para Roterdã, o orador do grupo demonstrou grande surpresa e preocupação diante do erro que ele e seus dois amigos haviam cometido. Todos estavam dispostos (disse ele) a abrir mão do dinheiro da passagem, se o comandante do navio os deixasse aportar. Com pena de sua situação, já que se tratava de estrangeiros em terra desconhecida, e sem ter nenhuma razão para detê-los, o comandante mandou chamar um bote, e os três homens deixaram o navio.

Havendo descoberto de antemão essa manobra dos indianos para evitar que fossem seguidos, não perdi tempo para voltar à Inglaterra. Deixei o navio em Gravesend, e descobri que os três indianos haviam tomado a direção de Londres. Dali, novamente, descobri que haviam tomado a direção de Plymouth. Ao fazer algumas perguntas em Plymouth, descobri que haviam zarpado, 48 horas antes, no navio Bewley Castle, com destino a Bombaim, sem escalas.

Ao receber essa informação, o Sargento Cuff repassou-a às autoridades em Bombaim, por via terrestre, de modo que o navio pudesse ser abordado pela polícia imediatamente ao entrar no porto. Havendo tomado essa providência, minha conexão com esse assunto chegou ao fim. Nada mais ouvi a esse respeito desde então.

CAPÍTULO 2

O DEPOIMENTO DO CAPITÃO (1849)

O Sargento Cuff me pede que escreva sobre certos fatos relativos a três homens (que se acreditava serem hindus) que, no verão passado, foram passageiros do navio Bewley Castle, com destino a Bombaim, sob meu comando.

Os hindus juntaram-se a nós em Plymouth. Até sairmos, não ouvi reclamações quanto à sua conduta. Foram acomodados na parte da frente do navio. Pessoalmente, tive poucas oportunidades de encontrá-los.

Na última parte da viagem, tivemos o infortúnio de ficar à deriva por três dias e noites na costa da Índia. Não tenho diário de bordo para consultar, e não me lembro agora da latitude e da longitude. Portanto, quanto à nossa posição, sou capaz apenas de declarar de modo geral que as correntes nos levaram em direção à terra firme e que, quando os ventos nos encontraram novamente, chegamos ao nosso porto de destino 24 horas depois.

A disciplina de um navio (como o sabem todos os que conhecem o mar) toma-se relaxada durante uma longa calmaria. A disciplina de meu navio tomou-se relaxada. Alguns cavalheiros dentre os passageiros desceram alguns botes, e se divertiram remando e nadando, quando o sol da tarde estava fraco o suficiente para que pudessem se divertir dessa maneira. Os botes, uma vez usados, deveriam ser novamente amarrados em seus lugares. Em vez disso, eram simplesmente amarrados do lado do navio. Quer fosse por causa do calor, quer por causa da irritação, nem os oficiais nem os marinheiros pareciam muito preocupados com seus deveres, enquanto durou a calmaria.

Na terceira noite, nada de estranho foi ouvido ou visto pelo vigia no cais. Quando a manhã chegou, o menor dos botes havia desaparecido — e em seguida descobriu-se que os três hindus também haviam desaparecido.

Se esses homens roubaram o bote pouco depois do anoitecer (o que não tenho dúvidas de que fizeram), estávamos perto o suficiente da terra firme para que fosse inútil mandar persegui-los, ao descobrirmos seu desaparecimento pela manhã. Não tenho dúvidas de que, em meio àquela calma, eles aportaram (levando devidamente em conta o cansaço e a falta de prática no remo) antes do anoitecer.

Ao chegarmos ao nosso destino, descobri ali, pela primeira vez, a razão que aqueles passageiros haviam tido para aproveitar a oportunidade de escapar do navio. Só pude dizer às autoridades locais o que disse aqui. Eles me consideraram culpado por permitir que a disciplina do navio se relaxasse. Eu disse que lamentava muito quanto a isso junto a eles, e junto aos proprietários do navio. Desde aquela ocasião, segundo sei, nada mais foi ouvido ou visto dos três hindus. Não tenho mais nada a acrescentar além do que está escrito aqui.

CAPÍTULO 3

O DEPOIMENTO DO SR. MURTHWAITE (1850)
EM UMA CARTA AO SR. BRUFF

Caro senhor, por acaso tem alguma lembrança de uma pessoa semisselvagem que conheceu em um jantar em Londres, no outono de 1848? Permita-me lembrá-lo que o nome dessa pessoa era Murthwaite, e que o senhor e ele tiveram uma longa conversa depois do jantar. A conversa girava em torno de um Diamante indiano, chamado Pedra da Lua, e de uma conspiração que então existia para obter a gema.

Desde aquela época, estive viajando pela Ásia Central. Ali voltei ao palco de algumas de minhas aventuras passadas, no norte e no noroeste da Índia. Há cerca de duas semanas, encontrei-me em um certo distrito ou província (desconhecida dos europeus) chamado Kattiawar.

Ali vivi uma aventura, na qual (por incrível que possa parecer) o senhor tem um interesse pessoal.

Nas regiões selvagens de Kattiawar (e o quão selvagens essas regiões são o senhor vai compreender quando eu lhe disser que mesmo os agricultores cultivam a terra armados até os dentes), a população é fanaticamente devota à antiga religião hindu — ao antigo culto de Brahma e de Vishnu. As poucas famílias maometanas, espalhadas pelos vilarejos do interior, têm medo de comer carne de qualquer tipo. Nessas regiões, um maometano que for sequer suspeito de matar esse animal sagrado, a vaca, é sumariamente morto sem piedade pelos hindus devotos das redondezas. Para reforçar o entusiasmo religioso dessas pessoas, dois dos mais famosos santuários da peregrinação hindu encontram-se dentro das fronteiras de Kattiawar. Um deles é Dwarka, o local de

nascimento do deus Krishna. O outro é a cidade sagrada de Somnauth — saqueada e destruída, no século XI, pelo conquistador maometano Mahmoud de Ghizni.

Ao me encontrar, pela segunda vez, nessas regiões românticas, resolvi não deixar Kattiawar sem visitar mais uma vez a magnífica desolação de Somnauth. No lugar onde planejei fazer isso, eu estava (até onde era capaz de calcular) há cerca de três dias de distância, a pé, da cidade sagrada.

Eu não estava na estrada há muito tempo quando notei que outras pessoas — em grupos de dois ou três — pareciam estar viajando na mesma direção que eu.

Para aqueles que falavam comigo, apresentei-me como um hindo-budista vindo de uma província distante, em peregrinação. É desnecessário dizer que eu estava vestido de maneira a confirmar essa descrição. Acrescente-se a isso que conheço a língua tão bem quanto conheço a minha própria, e que sou magro e moreno o suficiente para que se torne difícil detectar minha origem europeia — e há de entender que rapidamente fiquei amigo das pessoas: não como uma delas, mas como um estrangeiro de um lugar distante de seu próprio país.

No segundo dia, o número de hindus viajando na minha direção havia aumentado para dezenas e centenas. No terceiro dia, o grupo havia aumentado para milhares; todos lentamente convergindo para um único ponto — a cidade de Somnauth.

Um pequeno serviço que fui capaz de prestar a um de meus companheiros de peregrinação, durante o terceiro dia de viagem, revelou-se a maneira de me apresentar a alguns hindus da casta mais alta. Desses homens eu soube que a multidão estava a caminho de uma grande cerimônia religiosa, que aconteceria no alto de uma colina a uma pequena distância de Somnauth. A cerimônia era em honra do deus da Lua e aconteceria à noite.

A multidão interrompeu nossa caminhada quando fomos chegando perto do lugar da celebração. Quando alcançamos a colina, a lua estava alta no céu. Meus amigos hindus tinham alguns privilégios especiais, o que lhes permitiu ter acesso ao altar. Gentilmente, eles me deixaram acompanhá-los. Quando chegamos ao local, encontramos o altar escondido de nossa vista por uma cortina estendida entre duas magníficas árvores. Sob as árvores estendia-se uma projeção rochosa plana, formando uma espécie de plataforma natural. Foi em frente a essa rocha que fiquei, em companhia de meus amigos hindus.

Olhando em direção à colina, a vista era o maior espetáculo de Natureza e Homem combinados que eu jamais vi. A parte mais baixa das pedras transformava-se imperceptivelmente em uma planície verdejante, onde os três rios se encontravam. De um lado, as graciosas curvas das águas prosseguiram ora visíveis, ora escondidas por árvores, até onde a vista alcançava. Do outro, o oceano sem ondas dormia na calma da noite. Povoou esse cenário maravilhoso com dezenas de milhares de seres humanos, todos vestidos de branco, espalhando-se pelos flancos da colina, transbordando para a planície, e chegando até as margens mais próximas dos rios coleantes. Ilumina essa formação de peregrinos com a selvagem luz vermelha de lamparinas e tochas, surgindo a cada momento de todos os lados da imensa multidão. Imagine o luar do Oriente, derramando-se em sua glória límpida por sobre tudo — e terá uma pálida ideia da vista que meus olhos encontraram do cume da colina.

Algumas notas de uma música queixosa, tocada em instrumentos de corda e flautas, chamaram minha atenção mais uma vez para o altar escondido.

Virei-me, e vi, na plataforma rochosa, as figuras de três homens. Na figura central reconheci o indiano com quem havia falado na Inglaterra, quando os indianos apareceram no

terraço da casa de Lady Verinder. Os outros dois, que haviam sido seus companheiros então, o eram sem dúvida também naquela ocasião.

Um dos espectadores, perto de quem eu estava, viu minha surpresa. Num sussurro, explicou-me a aparição das três figuras na plataforma rochosa.

Eram brâmanes (disse ele) que haviam abandonado sua casta para se dedicar ao serviço do deus. O deus havia ordenado que sua purificação fosse feita através da peregrinação. Naquela noite, os três homens se separariam. Partindo em três direções diferentes, seguiriam como peregrinos para os altares da Índia. Nunca mais veriam os rostos uns dos outros. Nunca mais descansariam de suas andanças, do dia que testemunhava sua separação, ao dia que testemunharia sua morte.

Enquanto essas palavras eram sussurradas ao meu ouvido, a música parou. Os três homens se prostraram na pedra, em frente à cortina que escondia o altar. Levantaram-se, olharam uns para os outros, abraçaram-se. Então desceram separadamente para o meio da multidão. As pessoas abriram-lhes caminho em silêncio absoluto. Vi a multidão se afastar em três direções diferentes, no mesmo instante. Lentamente, a imensa massa branca tomou a se fechar. O rastro dos homens condenados em meio aos mortais seus semelhantes foi apagado. Não os vimos mais.

Uma nova melodia, alta e alegre, elevou-se do altar escondido. A multidão à minha volta estremeceu e se aproximou.

A cortina entre as árvores foi aberta, e o altar exposto.

Ali, sentado num trono alto — sentado em seu típico antílope, com seus quatro braços apontando para os quatro cantos da terra ali, pairando acima de nós, negro e terrível sob a luz mística do céu, estava o deus da Lua. E ali, na testa da divindade, brilhava o Diamante amarelo, cujo esplendor havia

se revelado a meus olhos pela última vez na Inglaterra, preso ao vestido de uma mulher!

Sim! Depois de oito séculos, a Pedra da Lua mais uma vez resplandece sobre os muros da cidade sagrada na qual sua história começou. Como encontrou seu caminho de volta à sua selvagem terra natal — por que acidente, ou por que crime, os indianos recuperaram sua gema sagrada — pode ser do seu conhecimento, mas não é do meu. O senhor o perdeu de vista na Inglaterra, e (se sei alguma coisa sobre essa gente) o perdeu de vista para sempre.

Assim passam os anos, repetindo-se uns aos outros; assim os mesmos acontecimentos retornam com os ciclos do tempo. Quais serão as próximas aventuras da Pedra da Lua? Quem pode saber?!

Fim